Igor José de Renó Machado
Henrique Amorim
Celso Rocha de Barros

VOLUME ÚNICO

Ensino Médio
Área do conhecimento:
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

PNLD EM 2026 – 2029 – CATEGORIA 1 – MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
0113P260101204816

DO SEU JEITO

Sociologia

MANUAL DO PROFESSOR

MATERIAL EM PROCESSO DE AVALIAÇÃO

editora ática

Acesse a obra completa

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code abaixo, clique no link que aparecerá na tela e confira essa e outras obras na íntegra. Boa avaliação!

MANUAL DO PROFESSOR

Ensino Médio
Área do conhecimento:
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

DO SEU JEITO

Sociologia

Igor José de Renó Machado

Pós-doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB-DF) e pelo Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP).

Mestre em Antropologia Social pela Unicamp-SP.

Bacharel em Ciências Sociais pela Unicamp-SP.

Professor titular do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar-SP).

Coordenador do Laboratório de Estudos Migratórios (LEM) da Ufscar-SP.

Henrique Amorim

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP).

Mestre em Sociologia pela Unicamp-SP.

Bacharel em Ciências Sociais pela Unicamp-SP.

Pós-doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris (EHESS), França, e pelo Instituto de Economia da Unicamp-SP.

Professor de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e coordenador do Grupo de Pesquisa Classes Sociais e Trabalho da Unifesp.

Celso Rocha de Barros

Doutor em Filosofia pela Universidade de Oxford, com Termo de Revalidação equivalente ao de Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP).

Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP).

Bacharel em Ciências Sociais pela Unicamp-SP.

Colunista do jornal *Folha de S.Paulo*.

1ª edição, São Paulo, 2024.

editora ática

editora ática

Direção executiva de negócio e editorial: Flavia Alves Bravin

Direção de negócio: Volnei Korzenieski

Direção editorial: Lidiane Vivaldini Olo

Gerência de conteúdo: Alice Ribeiro Silvestre e Julio Cesar Augustus de Paula Santos

Edição: Daniela Nardi (ger.), Luciana Nicoleti (ger.), Ana Clara de Oliveira (assist.), Alice de Souza Araujo (assist.), Felipe Rodrigues Sanches, Lucas de Oliveira Merino, Patrícia Harumi Ribeiro, Rafaela T. Silva, Raquel Vicentini, Thamirys Gênova da Silva Lemos e Vanessa dos Ouros

Produção editorial: Renata Galdino e Priscilla de Freitas Cornelsen Rosa (superv.)

Revisão: Letícia Bento Pieroni (ger.), Carlos Eduardo Sigrist (coord.), Anderson Félix (líder de projeto), Aline Vieira, Ana Paula C. Malfa, Bruno Freitas, Daniela Lima, Danielle Modesto, Diego Carbone, Gabriela M. Andrade, Helena Settecerze, Heloísa Schiavo, Kátia Godoi, Luciana B. Azevedo, Luis Boa Nova, Luiz Gustavo Bazana, Luiza Thomaz, Malvina Tomaz, Marilia Lima, Paula de Jesus, Raquel Taveira, Ricardo Miyake e Vanessa P. Santos

Arte: Fernanda Costa da Silva (ger.), Erika Tiemi Yamauchi (coord.), Kleber de Messas (coord.), Carlos Roberto de Oliveira, Thainá Fidelis Antenucci Cezar (ed. arte) e R2 Editorial (diagramação)

Digital: Daniela Teves Nardi (ger.), Rafael Pereira de Paula Freitas (coord. produção multimídia), Daniella dos Santos Di Nubila (coord. produção digital) e Rogério Fábio Alves (coord. conteúdo digital e publicação)

Ilustrações: R2 Editorial

Cartografia: Fernanda Costa da Silva (ger.), Eric Fuzii (coord.) e Alexandre Bueno

Design: Fernanda Costa da Silva (ger.), Erik Taketa (coord.), Luis Vassallo (proj. gráfico) e Talita Guedes (capas)

Licenciamento e iconografia: Flávio Matuguma, Roberta Bento (ger.), Iron Mantovanello (coord.), Alessandra Pereira, Alice Matoso, Célia Rosa, Claudia Balista, Douglas Cometti, Mariana Valeiro, Paula Squaiella, Roberta Freire, Thaisi Albarracin Lima (pesquisa e licenciamento), Fernanda Crevin (tratamento de imagens), Beatriz Alves dos Santos, Daniel Scucuglia, Ligia Dona, Liliane Rodrigues, Raísa Maris Reina, Sabrina Regina de Marinho e Sueli Ferreira (analista de licenciamento)

Foto de capa: rafastockbr/Shutterstock, RudiErnst/Shutterstock e Maria Vitkovska/Adobe Stock

Pré-impressão: Michel Shimamoto (coord.), Alessandro de Oliveira Queiroz, Camilla Félix Cianelli Chaves, Debora Fernandes, Diego Rodrigues de Lima, Fernanda de Oliveira, Lucas Meireles dos Santos e Valmir da Silva Santos

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.

Alameda Santos, 960, 4º andar, setor 1
Cerqueira César – São Paulo – SP – CEP 01418-002
Tel.: 4003-3061
www.edocente.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Machado, Igor José de Renó
Do seu jeito : Sociologia : área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas : volume único : Ensino médio / Igor José de Renó Machado, Henrique José Domiciano Amorim, Celso Fernando Rocha de Barros. -- 1. ed. -- São Paulo : Ática, 2024.

ISBN 978-65-267-0280-2 - aluno
ISBN 978-65-267-0281-9 - professor

1. Sociologia (Ensino médio) I. Amorim, Henrique José Domiciano II. Barros, Celso Fernando Rocha de

24-4380 CDD 301

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057

2024
Código da obra CL 721791
CAE 876541 (AL) / 876542 (PR)
1ª edição
1ª impressão
De acordo com a BNCC.

Envidamos nossos melhores esforços para localizar e indicar adequadamente os créditos dos textos e imagens presentes nesta obra didática. Colocamo-nos à disposição para avaliação de eventuais irregularidades ou omissões de créditos e consequente correção nas próximas edições. As imagens e os textos constantes nesta obra que, eventualmente, reproduzam algum tipo de material de publicidade ou propaganda, ou a ele façam alusão, são aplicados para fins didáticos e não representam recomendação ou incentivo ao consumo.

Impressão e acabamento

Apresentação

Queridos estudantes,

O que é este livro? O que vocês encontrarão aqui? Por que ele foi feito assim? Que ideias estão por trás da sua organização? Qual é o objetivo desta obra?

Todas essas são perguntas absolutamente normais, e podemos pensar nelas todas as vezes que nos deparamos com um livro, especialmente um livro didático. Um livro didático não é qualquer livro, pois ele tem por obrigação a tarefa de ensinar algo, de guiar os estudantes num campo específico de conhecimento.

Assim, a primeira resposta é que este é um livro didático cujo tema é a Sociologia ou, para sermos mais precisos, as Ciências Sociais. O componente curricular Sociologia engloba um conjunto de três ciências que constituem as Ciências Sociais: Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Você aprenderá um pouco dessas ciências-irmãs aqui neste livro. E não se preocupe, a introdução vai tratar de explicar exatamente o que são essas ciências e por que elas são pensadas em conjunto.

A ideia de construir o livro com base nas três Ciências Sociais é tanto uma exigência de quem determina como devem ser esses livros didáticos (no caso, o Ministério da Educação – MEC) como uma vontade dos autores, que entendem que no Ensino Médio é importante um contato com o ponto de vista dessas ciências. Por isso, o conteúdo do livro é dividido em 6 unidades, 2 para cada uma das Ciências Sociais. As duas primeiras lidam com o conhecimento antropológico, as duas seguintes com o conhecimento sociológico e as duas últimas com o conhecimento da Ciência Política. De forma geral, essas unidades lidarão com temas fundamentais da vida contemporânea: cultura, sociedade e poder; Estado e cidadania.

Por trás da organização deste livro há uma vasta e longa reflexão sobre como transformar uma série de conceitos e conhecimentos um tanto abstratos das Ciências Sociais em um conteúdo acessível e direto. Acima de tudo, elaboramos estratégias que pretendem integrar esse conhecimento às suas experiências de vida, de forma a possibilitar uma reflexão crítica sobre o mundo. Assim, esse livro é como um instrumento para fortalecer sua capacidade crítica, criativa e reflexiva. Todos os boxes, atividades, sugestões de leitura, imagens, gráficos, etc. São pensados para sua apropriação crítica, de forma a serem suportes para o objetivo mais importante deste livro: fazer com que todo esse conhecimento das Ciências Sociais seja utilizado na reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos.

Os autores.

Conheça seu livro

A coleção abarca os componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em uma proposta gráfica dinâmica e antenada com o cotidiano dos estudantes da etapa do Ensino Médio.

Estrutura básica

Este volume está organizado em unidades e capítulos. Nele você encontrará textos, boxes e seções. Conheça a seguir a estrutura deste volume.

Unidade

As unidades contêm aberturas especiais, compostas de recursos visuais e atividades que evocam conhecimentos prévios e inauguram a jornada de aprendizagem.

Não escreva no livro

Sinaliza que a obra não é consumível. Anotações e respostas às atividades devem ser feitas em material à parte, sem rasuras no livro, que será usado por outros estudantes no futuro.

Capítulo introdutório

Cada volume apresenta um capítulo introdutório, reunindo os conceitos centrais da Sociologia que serão tratados ao longo deste livro.

Trabalhando com

Promove a análise de recursos visuais e textuais, aprofundando temas pertinentes à Sociologia.

Capítulo

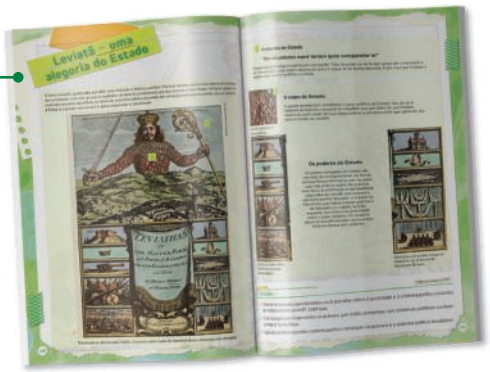
Os capítulos desenvolvem o conteúdo com o apoio de atividades reflexivas, boxes e seções.

Biografia

Apresenta dados relevantes da trajetória pessoal e acadêmica de pensadores citados ao longo do livro.

Infográfico

Promove a análise de informações em formato dinâmico, por meio de recursos visuais diversos.



Mundo digital

Promove a reflexão sobre o uso e o impacto das tecnologias no cotidiano, mobilizando ferramentas digitais para o desenvolvimento das atividades da seção.

Mundo do trabalho

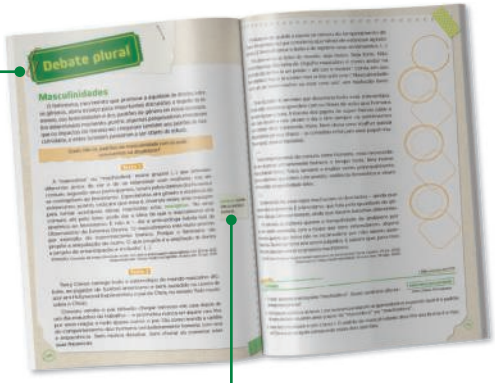
Apresenta atividades de reflexão e pesquisa sobre questões contemporâneas do mundo do trabalho.

Galeria de atividades

Seção que apresenta atividades de diferentes níveis de dificuldade, além de questões do Enem e dos principais vestibulares do país.

Debate plural

Apresenta textos sobre um mesmo tema e, a partir de uma pergunta mobilizadora, desenvolve competências, como leitura inferencial e argumentação.



Agir no mundo

A seção parte de uma questão mobilizadora e desenvolve projetos que promovem o protagonismo juvenil.

Glossário

Definição de termos para auxiliar o estudante na compreensão do conteúdo.

BOXES

Retome

Retoma conteúdos e conceitos aferindo a aprendizagem após um trecho do capítulo.

Explicando o conceito

Apresenta e amplia conceitos importantes do capítulo.

No detalhe

Propõe a análise de recursos visuais apresentados na página.

Assim falou

Apresenta trechos fundamentais das obras de autores e pesquisadores relevantes de cada componente.

Favoritos

Indica livros, filmes, *podcasts*, *sites*, vídeos, etc. cujas temáticas se relacionam ao conteúdo.

Sumário

Introdução

O que é a sociedade? ... 10
A vida em sociedade ... 12
Trabalhando com capa de revista ... 14
As Ciências Sociais ... 15
Antropologia ... 15
Sociologia ... 17
Ciência Política ... 17
Como funcionam as Ciências Sociais? ... 18
Ciências Sociais: informações e pensamento crítico ... 22
A importância do conhecimento produzido pelas Ciências Sociais ... 22
O pensamento crítico ... 23
Ideologia ... 24
Galeria de atividades ... 26

Unidade 1 – Antropologia ... 28

Capítulo 1 – O pensamento antropológico ... 30
A construção do pensamento antropológico ... 30
Evolucionismo social ... 33
Trabalhando com quadrinhos ... 35
Parentesco e propriedade: modos de organização social ... 36
Sistemas de parentesco ... 36
Sociedades indígenas e o mundo contemporâneo ... 39
Populações indígenas e a sociedade capitalista ... 40
Mitos, narrativas e o estruturalismo ... 41
Estruturalismo ... 41
Populações indígenas no Brasil ... 43
Uma história de resistência ... 43
Infográfico – Terras indígenas no Brasil ... 46
Galeria de atividades ... 48
Capítulo 2 – O conceito de cultura ... 51
Civilização × cultura ... 51
Cultura, etnocentrismo e relativismo ... 53
Padrões culturais ... 56
Mundo digital: Um roteiro para a vida ... 59
O conceito de cultura no século XX ... 60
Novas concepções de cultura ... 60
O conceito de cultura hoje em dia ... 63
A crítica pós-modernista ... 63
Trabalhando com texto literário ... 64
Galeria de atividades ... 67
Capítulo 3 – Da estrutura à identidade ... 70
A perspectiva inglesa ... 70
Função e estrutura social ... 71
As estruturas sociais ... 72
O olhar dos franceses ... 73
Os estudos de Marcel Mauss ... 73
Sistema de trocas ... 74
Estruturalismo ... 75
Os estudos de Claude Lévi-Strauss ... 76
Sociedades simples e sociedades complexas ... 77
Como conceituar a diversidade? ... 78
A escola de Manchester ... 79
O conceito de etnicidade ... 80
Minorias étnicas ... 81
Trabalhando com discurso ... 82
Aculturação e etnicidade ... 84
Mundo do trabalho: Desigualdades no trabalho doméstico ... 85
O conceito de identidade ... 86
Prática social e identidade ... 87
Galeria de atividades ... 89
Debate plural
Cotas étnico-raciais – uma ação afirmativa ... 92

Unidade 2 – Antropologia no espaço e no tempo ... 94

Capítulo 4 – Antropologia no Brasil ... 96
Os quatro períodos da Antropologia no Brasil ... 96
Os primeiros tempos: fim do século XIX a 1930 ... 96
Segundo período: 1930 a 1960 ... 97
Terceiro período: 1960 a 1980 ... 100
A consolidação da Antropologia brasileira ... 102
Novas abordagens ... 102
Quarto período: dos anos 1980 à atualidade ... 104
Antropologia e relações raciais ... 106
Diferentes perspectivas ... 107
Trabalhando com cartaz ... 109
Antropologia urbana ... 110
Estudos de gênero e sexualidade ... 111
Mundo digital: Afrofuturismo ... 113
Galeria de atividades ... 114
Capítulo 5 – Antropologia contemporânea ... 116
Questões contemporâneas ... 116
Pós-Modernismo ... 117
Pós-Colonialismo ... 118
Estudos de gênero ... 119
Gênero e parentesco ... 120
As grandes rupturas ... 121
Antropologia simétrica ... 123
Trabalhando com discurso ... 125
A Antropologia multiespécies ... 126
Relações interespecíficas ... 127
A Antropologia e o Antropoceno ... 131
Infográfico – Os deslocados climáticos ... 132
Perspectivas indígenas ... 134
Excepcionalismo humano ... 135

Galeria de atividades ... 137
Debate plural
Masculinidades ... 140

Unidade 3 – Sociologia ... 142

Capítulo 6 – Pensar a sociedade capitalista ... 144
O capitalismo e a formação do pensamento sociológico clássico ... 144
A origem da Sociologia ... 145
Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx ... 146
Émile Durkheim: coesão e fato social ... 147
A divisão do trabalho ... 147
Fato social ... 149
Max Weber: ação social ... 151
Os tipos ideais ... 152
Karl Marx: trabalho e classes sociais ... 154
A formação da classe trabalhadora ... 155
A exploração do trabalho ... 156
Trabalhando com pintura e fotografia ... 157
Sociologia: passado, presente e futuro ... 158
Mundo digital: Algoritmos em ação ... 160
Galeria de atividades ... 162

Capítulo 7 – Mundos do trabalho ... 165
O trabalho em Durkheim, Weber e Marx ... 165
Divisão funcional do trabalho ... 165
A ética protestante e o espírito do capitalismo ... 166
Exploração do trabalho ... 167
Trabalhando com entrevista ... 168
Força de trabalho, mais-valia e alienação ... 169
Força de trabalho ... 169
Mais-valia ... 170
Alienação ... 170
Mundo do trabalho: Uberização e plataformização do trabalho ... 171
Modos de organização da produção ... 172
Taylorismo ... 174
Fordismo ... 175
Toyotismo ... 177
Novas modalidades de trabalho ... 178
Trabalho imaterial ... 178
Trabalho e relações de gênero ... 180
Divisão sexual do trabalho ... 181
Trabalho doméstico e de cuidados ... 182
Galeria de atividades ... 184

Capítulo 8 – Classe e estratificação social ... 188
A estratificação da sociedade ... 188
A divisão da sociedade em Durkheim ... 189
Grupos funcionais ou profissionais ... 190
A estratificação social em Weber ... 191
Classe, estamento e partido ... 191
As classes sociais em Marx ... 194
Contradição e dialética ... 194
A luta de classes como instrumento de transformação ... 196
As classes e os estratos sociais hoje ... 197
O desenvolvimento tecnológico e as classes ... 198
Trabalhando com charge ... 200
A dinâmica das classes médias: ocupação profissional e renda ... 201
Classe média segundo Charles Wright Mills ... 202
Classe média segundo Nicos Poulantzas ... 203
A classe média no Brasil ... 204
Infográfico – Impactos da pandemia de covid-19 na estrutura social do Brasil ... 206
Galeria de atividades ... 208
Agir no mundo ... 210

Unidade 4 – Sociologia no espaço e no tempo ... 212

Capítulo 9 – Sociologia brasileira ... 214
Interpretações sobre a formação do Brasil ... 214
Trabalhando com ilustração ... 217
A geração de 1930 ... 218
A escravidão e a questão racial ... 221
Mundo do trabalho: Desigualdades de gênero e raça ... 223
Subdesenvolvimento e dependência econômica ... 224
Subdesenvolvimento ... 225
Teoria da dependência ... 226
Intersecções de classe, raça e gênero ... 229
Galeria de atividades ... 233

Capítulo 10 – Temas contemporâneos da Sociologia ... 236
A indústria cultural ... 236
A Revolução Informacional ... 238
Tecnologias da informação e comunicação (TICs) ... 239
Mundo digital: Na era da sociedade virtual ... 242
A financeirização da economia ... 243
A mundialização do capital ... 244
Modernidade e pós-modernidade ... 245
Perspectivas da pós-modernidade ... 246
Empreendedorismo e tecnologias no trabalho ... 248
O empreendedorismo como modo de vida ... 248
Inovação tecnológica e trabalho ... 251
A inteligência artificial ... 253
Trabalhando com charge ... 254
Galeria de atividades ... 255
Debate plural
Indústria cultural em questão ... 258

Unidade 5 – Ciência Política 260

Capítulo 11 – Política, poder e Estado 262
Política e poder 262
O Estado 264
Os contratualistas: o que o Estado pode fazer? 267
Infográfico – Leviatã – uma alegoria do Estado 268
Regimes políticos: a democracia 271
Partidos políticos 274
Os partidos políticos modernos 274
Trabalhando com lei 276
Galeria de atividades 277

Capítulo 12 – Globalização e política 280
O conceito de globalização 280
A governança global 283
A globalização e o Estado 286
Globalização e pandemia 290
O Brasil e a globalização 293
Economia internacional e política brasileira 295
Trabalhando com notícia 296
Mundo do trabalho: Fuga de cérebros 297
Galeria de atividades 298

Capítulo 13 – A sociedade diante do Estado 300
A luta pela cidadania 300
Trabalhando com panfleto 302
Os movimentos sociais 303
Problemas da ação coletiva 306
Capital social e participação cívica 309
Mundo digital: Participação política digital 312
A sociedade civil 313
Galeria de atividades 316
Debate plural
Protestos e manifestações populares 318

Unidade 6 – Ciência Política no espaço e no tempo 320

Capítulo 14 – A política no Brasil 322
Estado e cidadania no Brasil 322
A busca pela cidadania no Brasil 323
A origem da democracia brasileira moderna 325
Desafios da redemocratização 326
Trabalhando com fotografia 327
Crise econômica na transição 328
Os partidos políticos 329
Instabilidade política e disputas partidárias 330
Infográfico – Formação de partidos políticos desde 1945 332
Uma democracia "normal"? 334
O problema da corrupção 336
Galeria de atividades 340

Capítulo 15 – Temas contemporâneos da Ciência Política 342
Uma nova visão do poder 342
A democracia está em crise? 344
Recessão democrática 345
Mundo digital: *Fake News* – perigo para a democracia 347
Os valores pós-materialistas 348
Novos rumos na filosofia política 350
Instituições políticas e desenvolvimento econômico 354
Trabalhando com notícia 357
Galeria de atividades 359
Agir no mundo 362

Transcrição de áudios 364

Referências bibliográficas comentadas 366

Objetos Educacionais Digitais (OEDs)

Podcast
O que reivindicam as populações indígenas no Brasil? 45
Pandemia da covid-19 206

Transcrição de áudio
O que um presidente pode e não pode fazer? 334

Carrossel de imagens
Urbanização no Brasil 101
Ditadura e democracia: passado e presente 324

Infográfico clicável
O limite do progresso 131
O gênero da desigualdade 180
Instabilidade política e mudança na América Latina 344

Vídeo
Empreendedorismo 250
A globalização, segundo Milton Santos 281
Movimentos sociais no Brasil 304

Mapa clicável
Regimes e governos: uma volta ao mundo 271

O trabalho com a BNCC

A seguir, elencamos por capítulo as competências gerais (CG) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), seguidas das competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CECHSA) e de suas respectivas habilidades mobilizadas neste volume. Indicamos também os Temas Contemporâneos Transversais (TCT) trabalhados.

SOCIOLOGIA				
Capítulo	**CG**	**CECHSA**	**Habilidades**	**TCT**
Intro	1, 2, 7 e 9	1	EM13CHS101, EM13CHS103 e EM13CHS106	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social Multiculturalismo: Diversidade Cultural
1	1, 2, 7 e 9	1, 2, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS204, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504 e EM13CHS601	Multiculturalismo: Diversidade Cultural Multiculturalismo: Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras
2	1, 2, 7, 9 e 10	1, 2 e 5	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS202, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504 e EM13CHS601	Multiculturalismo: Diversidade Cultural
3	1, 2, 9 e 10	1 e 5	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS502, EM13CHS503 e EM13CHS504	Multiculturalismo: Diversidade Cultural
4	1, 2, 3, 7, 8 e 9	1, 2, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS201, EM13CHS204, EM13CHS205, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504 e EM13CHS601	Multiculturalismo: Diversidade Cultural Multiculturalismo: Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos
5	1, 2, 7 e 9	1, 2, 3, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS202, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS303, EM13CHS306, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504 e EM13CHS601	Meio Ambiente: Educação Ambiental Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos
6	1, 2, 6 e 7	1, 4 e 5	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS401, EM13CHS404 e EM13CHS504	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social Economia: Trabalho
7	1, 2, 3, 6 e 7	1, 4 e 5	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS504	Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social Saúde: Saúde Economia: Trabalho
8	1, 2, 6 e 7	1, 4, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS403, EM13CHS404, EM13CHS504 e EM13CHS606	Economia: Trabalho
9	1, 2, 6, 7, 9 e 10	1, 2, 4, 5 e 6	EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS204, EM13CHS206, EM13CHS401, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504, EM13CHS602, EM13CHS603 e EM13CHS606	Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos
10	1, 2, 5, 6, 7, 9 e 10	1, 2, 3, 4 e 5	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS202, EM13CHS303, EM13CHS401 e EM13CHS403	Ciência e Tecnologia: Ciência e Tecnologia Economia: Trabalho Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos Multiculturalismo: Diversidade Cultural
11	1, 6, 7 e 9	1, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS503, EM13CHS602 e EM13CHS603	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social
12	1, 2, 7 e 9	1, 2, 3 e 6	EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS304, EM13CHS601 e EM13CHS604	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social Meio Ambiente: Educação Ambiental
13	1, 7 e 9	1, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504, EM13CHS601, EM13CHS602 e EM13CHS605	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social
14	1 e 2	1, 5 e 6	EM13CHS106, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS602 e EM13CHS603	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social
15	1, 2, 7 e 9	1, 5 e 6	EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS503, EM13CHS504 e EM13CHS602	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social

Introdução

O que é a sociedade?

As pessoas vivem juntas, ou seja, em sociedade, e os cientistas sociais estão interessados em entender como acontece essa vida em sociedade. Quais são as formas de convivência entre as pessoas? Que relações são fundamentais em uma sociedade? Como funciona uma sociedade? Como as sociedades mudam? Quais fatores diferenciam grupos ou sociedades? Essas são apenas algumas questões entre milhares de outras que podem ser levantadas sobre a vida em sociedade.

Você vai descobrir que as Ciências Sociais se dedicam a fazer boas perguntas sobre a vida social, sobre o conjunto de relações que as pessoas estabelecem quando vivem juntas. Vai ver também que as respostas são muito variadas, pois as pessoas têm diferentes opiniões, olhares e perspectivas e, portanto, respostas diferentes para as mesmas perguntas. A primeira coisa que importa saber da Sociologia, da Antropologia e da Ciência Política é que os diferentes estudiosos que elaboram essas ciências com base em critérios diversos nem sempre concordam em suas ideias e opiniões. Esse é um indício da complexidade do mundo social.

Mas como as Ciências Sociais avançam, mesmo sem haver consenso entre seus cientistas? O fato é que elas progridem em diversas "linhagens": quando um conjunto de estudiosos desenvolve uma perspectiva, nasce uma escola de pensamento, que ganha adeptos e se constitui como uma nova teoria.

Entretanto, as teorias e suas linhagens não são estáticas. Elas mudam com o tempo, de acordo com novas críticas e novas perspectivas, decorrentes das pesquisas realizadas pelos profissionais que atuam nas Ciências Sociais, como sociólogos, antropólogos e cientistas políticos, por exemplo.

Kenji Lau/Moment/Getty Images

Pierre Laborde/Shutterstock

1. Menina comendo com *hashi* em Osaka, no Japão (2023). 2. Pessoas comendo com as mãos em Dakar, no Senegal (2023). Em alguns países asiáticos, como no Japão, o *hashi* é um utensílio muito utilizado na hora de se alimentar. Já em outros países, como no Senegal, é costume manusear os alimentos sem a ajuda de utensílios. Essas fotografias nos dão indícios da diversidade produzida pelo ser humano nas diferentes sociedades. As Ciências Sociais preocupam-se em refletir sobre esse tema.

Como você pode notar, as Ciências Sociais se estruturam de modo tão complexo quanto seu objeto de estudo, a sociedade. Mas esse emaranhado de perspectivas e teorias pode ser sistematizado. O propósito deste livro é justamente levar você para esse mundo, oferecendo um mapa das principais questões e formas de lidar com elas.

Mas, então, o que é mesmo sociedade? Sociedade é um conjunto de pessoas de tamanho variável, extremamente complexo (mesmo quando é um conjunto pequeno) e caracterizado por múltiplas normas, regras e conflitos. As regras e normas nem sempre são explícitas, ou seja, nem sempre são ditas ou admitidas de forma clara, de modo que muitas pessoas nem se dão conta de que estão seguindo certas regras.

Os cientistas sociais sabem que as regras e normas de uma sociedade não são neutras; elas tendem a favorecer determinados grupos. Um dos principais efeitos das regras e normas é a concentração de poder, que gera recursos e benefícios para determinados grupos de pessoas. A Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política têm se dedicado a entender esses processos.

Shutterstock / Andrei Antipov

Shutterstock / Amnat Phuthamrong

1. Praça São Pedro na Cidade do Vaticano, Vaticano, 2023.
2. Centro comercial em Varanasi, na Índia, 2023. Menor e menos populoso país do mundo, o Vaticano tem aproximadamente 800 habitantes. Já a Índia, país mais populoso do mundo, tem aproximadamente 1,5 bilhão de habitantes. Apesar da diferença de densidade populacional, os dois países são sociedades complexas, caracterizadas por redes de relações e interações sociais.

Atividades

Não escreva no livro

- Quais perguntas você faria sobre a vida em sociedade? Faça um exercício com os colegas no qual cada um imagina uma pergunta sobre a vida em sociedade. Em seguida, identifiquem qual das perguntas elaboradas é a mais interessante.

Leia as orientações no Manual do Professor.

A vida em sociedade

A sociedade vai muito além de normas, regras e concentração de poder. A convivência social dá sentido ao cotidiano das pessoas, criando desejos que muitas vezes tomamos como individuais, mas que na verdade são sociais. O desejo de consumir, por exemplo, é incentivado em uma sociedade organizada para a produção de bens em larga escala, como a sociedade capitalista, que depende de consumidores para seus bens. Ou seja: os membros dessa comunidade precisam aprender a consumir! Depois de aprender mais sobre as Ciências Sociais, passará a entender de outra forma as propagandas comerciais.

Um dos objetivos das Ciências Sociais é justamente desenvolver o pensamento crítico. Quando observamos a sociedade e fazemos determinados questionamentos, as respostas nos revelam aspectos que até então não eram evidentes. Podemos chamar essas descobertas de pensamento crítico, ou seja, a habilidade de desvendar mecanismos que, embora operem como se fossem naturais, não o são.

Esse processo de reflexão, característico das Ciências Sociais, resulta no que chamamos de "desnaturalização" do mundo. Nada é simplesmente natural no mundo social, tudo é construído social e historicamente e passível de ser explicado e entendido, desde que as perguntas adequadas sejam feitas. As Ciências Sociais, portanto, dedicam-se a desnaturalizar o mundo social e encontrar explicações do porquê de as coisas existirem como são.

Tomemos o exemplo do trabalho doméstico para entender melhor o que significa "desnaturalizar". Para muitas pessoas, o trabalho doméstico deve ser feito principalmente pelas mulheres, e essa atribuição lhes parece natural. Muitas mulheres, entretanto, insatisfeitas com essa atribuição, começaram a se perguntar por que as coisas eram assim. Esse questionamento levou à constatação de que a organização da sociedade favorece os homens (maiores salários, mais tempo livre, menos compromisso com a educação dos filhos, etc.). Assim, a pergunta levou à desnaturalização desses "papéis femininos" e provocou um olhar crítico sobre aquilo que parecia natural.

Bettmann Archive/Getty Images

Frida Kahlo em Nova York, Estados Unidos, 1939. A artista mexicana desafiou as ideias de feminilidade de sua época. Com a sua atuação nas artes, ela colocou em xeque o conceito admitido até então para definir o que era ser mulher, tornando-se, assim, um símbolo da luta feminista.

Sabemos que a sociedade produz desejos, vontades, aspirações. As Ciências Sociais buscam entender como se dá esse processo, como ele opera e como as diversas sociedades produzem diferentes conjuntos de necessidades entre seus membros.

© André Dahmer/Acervo do cartunista

Tirinha de André Dahmer, 2018. A vida social produz padrões que nem sequer percebemos. A tirinha chama a atenção para um desses padrões (o estético) que afetam principalmente as mulheres e reforçam estereótipos de beleza.

Muito mais do que um conjunto de normas e regras, a sociedade é também espaço de conflitos, tensões e desavenças, que muitas vezes refletem desigualdades sociais. Grupos em busca de manter seus privilégios, grupos que lutam contra a opressão, disputas ideológicas, tudo isso faz parte da vida em sociedade.

De um lado, massacres, discriminações sistemáticas, violações de direitos humanos, pobreza extrema, coerção excessiva do aparato estatal. De outro, o talento de um músico, a destreza de um esportista, a genialidade de um pintor, a sensibilidade de um poeta, a imaginação de um cientista, entre tantas outras manifestações humanas. Essa diversidade de experiências vivenciadas em sociedade é alvo da atenção dos cientistas sociais.

Com suas perguntas e seus métodos, o cientista social busca dar sentido a experiências distintas e dialogar com ideias e fatos dos quais muitas vezes discorda. O meio para alcançar essa suspensão temporária de julgamento é recorrer ao método e à teoria. Com essas ferramentas, o cientista social procura "olhar por cima" de seus valores pessoais e fazer a análise mais imparcial possível dos fenômenos sociais.

ALLISON SALES/AFP/Getty Images

Enfrentamento da Polícia Militar e manifestantes durante protesto pelos direitos indígenas em São Paulo (SP), 2023. Entre os temas de interesse dos cientistas sociais estão os movimentos sociais, suas pautas, suas estratégias de luta, etc.

Trabalhando com

capa de revista

Desnaturalizando o mundo social

Em dezembro de 2020, o cantor Harry Styles estampou a capa da revista *Vogue* usando um vestido, roupa considerada feminina. Você aprendeu que a desnaturalização é um processo fundamental para a construção do conhecimento em Ciências Sociais. Para entender melhor como isso funciona, analise a capa da revista e, em seguida, responda às questões.

Reprodução/Condé Nast

Harry Styles na capa da revista *Vogue* em 2020.

1. Espera-se que os estudantes respondam que não é comum ver homens vestidos como Harry Styles na capa da revista, especialmente pelo uso do vestido. Os estudantes podem apresentar diferentes justificativas, desde "porque vestido é roupa de mulher" até a constatação de que nossa sociedade ainda segue normas de gênero rígidas que definem o que é considerado "adequado" para homens e mulheres.

Atividades

Não escreva no livro

1. Em seu cotidiano, é comum ver homens usando roupas parecidas com as de Harry Styles na capa da revista? Por que você acha que isso acontece?
2. Com base no que você aprendeu sobre as Ciências Sociais, você diria que é natural que o uso de vestidos seja associado apenas às mulheres? Justifique sua resposta.

2. Espera-se que os estudantes mobilizem o pensamento crítico e a desnaturalização para responder a essa pergunta e que reconheçam que no mundo social nada é natural, ou seja, tudo é construído e passível de explicação. Assim, o uso de vestidos ser associado apenas às mulheres não é natural, já que há uma explicação social: as normas de gênero.

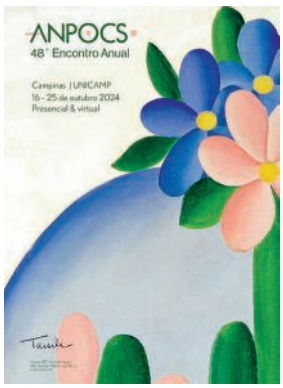
As Ciências Sociais

Embora este seja um livro de Sociologia, falaremos constantemente de Ciências Sociais. Por quê? Definir ciência não é tarefa fácil: há até um campo do conhecimento, a Epistemologia, que se dedica a estudar o próprio conhecimento científico. Para nosso objetivo, basta entender o conceito moderno de ciência como o conhecimento do mundo marcado por regras e métodos compartilhados e que resulta em um "desvendamento" de realidades desconhecidas.

O conhecimento científico é separado do senso comum e de outros saberes, como o religioso, por exemplo. A ciência exige objetividade e universalidade. Talvez seja difícil imaginar como as Ciências Sociais podem ser objetivas e universais, mas foi esse espírito, no final do século XIX, que conduziu a sua formação. As Ciências Sociais se manifestaram inicialmente como o lado científico da análise social: os primeiros cientistas sociais imaginavam poder entender a sociedade do mesmo modo que um físico entendia a gravidade, por exemplo. Hoje já não se imagina que as Ciências Sociais sejam tão semelhantes às Ciências Exatas ou Biológicas.

Nossas opiniões individuais não constituem ciência social, pois não são testáveis. Já o cientista social lida com hipóteses bem delimitadas, busca ou produz dados sobre essas hipóteses, organiza os resultados e os apresenta de forma sistemática, buscando avançar no conhecimento de algo.

Esse processo de produção do conhecimento científico sobre a sociedade começou a tomar forma no final do século XIX, com a sistematização das Ciências Sociais. Constituíram-se "linhagens" que resultaram em campos de especialização; as principais deram origem à Antropologia, à Ciência Política e à própria Sociologia.



Gabriela Koentopp/Studio Mees/ANPOCS/Unicamp

Cartaz de divulgação do 48º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), ocorrida em Campinas (SP), 2024. Os cientistas sociais se ocupam de investigar fenômenos da sociedade de modo a construir conhecimento sobre a realidade social.

Antropologia

A Antropologia é a ciência que busca entender como o ser humano pode levar vidas tão diferentes. Por exemplo, entre um inuíte que vive próximo ao Ártico e um indivíduo da etnia hadza da Tanzânia há enormes diferenças e uma coisa em comum: ambos são humanos. Essa ampla diversidade humana é o objeto principal da Antropologia. Podemos dizer que a Antropologia se dedica ao estudo da diferença, usando como exemplos as várias formas que as sociedades escolheram para viver e organizar sua coletividade.

Inicialmente, a Antropologia se dedicou a entender as sociedades à época chamadas "primitivas", sociedades não ocidentais, que hoje os cientistas denominam sociedades de pequena escala ou, ainda, sociedades simples (embora muitos questionem essas classificações).

Durante a segunda metade do século XIX, a expansão do sistema capitalista, na forma do **colonialismo** europeu, levou as sociedades ocidentais a entrar cada vez mais em contato com essas populações nos quatro cantos do mundo.

Desde o começo do século XX, a Antropologia tornou-se fonte de conhecimentos sobre a diferença cultural entre as sociedades, desempenhando papel importante na garantia e na defesa dos direitos de várias populações, geralmente marginalizadas.

A partir de meados do século XX, a Antropologia passou a estudar o que acontece no interior das sociedades ocidentais, desenvolvendo a Antropologia urbana. As diferenças internas presentes nas sociedades ocidentais passaram a ser investigadas, ampliando o diálogo da Antropologia com outras ciências sociais.

colonialismo: sistema ou orientação política pelo qual uma nação estende seu poder para outro território, por meio da ocupação direta e do controle econômico, administrativo, político e cultural.

1

Danita Delimont/Alamy/Fotoarena

2

Juergen Ritterbach/Alamy/Fotoarena

1. Homem da etnia Inuit após caçada em Nunavut, Canadá, 2019.
2. Homens da etnia Hadza preparando a caça nas proximidades do lago Eyasi, na Tanzânia, 2021. As fotografias ilustram aspectos da diversidade humana, demonstrando a enorme capacidade de adaptação de nossa espécie.

Favoritos

Reprodução/Labjor-Unicamp/Departamento de Antropologia-UnB

Mundaréu, 2024.

O *podcast* Mundaréu é um exercício de ensino de Antropologia produzido pelo Laboratório de Jornalismo Científico da Unicamp.

Sociologia

Já sabemos que as Ciências Sociais pretendem entender cientificamente os fenômenos da vida social. No caso da Sociologia, a tentativa de entender as transformações causadas pela mudança das formas de trabalho na sociedade ocidental, decorrentes do capitalismo, conduziu-a para uma reflexão sobre a sociedade capitalista.

A Sociologia dedica-se a entender os modos como a sociedade se estrutura: como produz bens, como os distribui, como essa distribuição implica concentração de poder, como o poder reforça ou combate as injustiças, como a forma de produção resulta em classes distintas (trabalhadores de um lado e donos de fábricas de outro, por exemplo). Essa estruturação social envolve também estudar as instituições que se combinam para formar uma sociedade: o sistema econômico, a Igreja e o Estado são exemplos dessas instituições.

Martin Pope/Getty Images

Mulher segura cartaz que diz "Liberte o Congo da máquina ocidental do capitalismo de consumo" durante manifestação contra a exploração mineral no Congo. O protesto ocorreu em Londres, Inglaterra, 2024. Os sistemas políticos e econômicos têm sido objeto das análises da Sociologia desde sua origem.

Ciência Política

A Ciência Política dedica-se ao estudo da política e das formas de poder. Seus métodos são variados, e a política é observada desde o ponto de vista das instituições, como o Estado, até o de pessoas comuns que interagem entre si buscando maximizar seus interesses.

A política é considerada um conjunto de imposições — sociais, morais ou culturais — com as quais um ator político deve lidar. A Ciência Política tem empenhado grande atenção a estratégias que os atores políticos empregam para conseguir alcançar seus objetivos. Descobrir como os objetivos são atingidos, como os constrangimentos operam, de onde eles vêm são algumas das preocupações da Ciência Política.

Bárbara Lopes/Agência O Globo

Parlamentares durante sessão na Assembleia Legislativa do Ceará (Alece) em Fortaleza (CE), 2023.

Leia a resposta no Manual do Professor.

Retome

- Explique a diferença entre uma opinião e uma teoria nas Ciências Sociais.

Não escreva no livro

Como funcionam as Ciências Sociais?

A esta altura, algumas perguntas podem estar surgindo, por exemplo: Como se faz Sociologia, Antropologia e Ciência Política? Afinal, para que servem essas ciências? As Ciências Sociais têm dois instrumentos principais para analisar, explicar o mundo e refletir sobre ele: os conceitos e os métodos. Os conceitos são a porta de entrada para uma explicação da realidade. O tempo todo nós utilizamos conceitos, mesmo sem perceber. Não se pensa sem conceitos.

Pense na palavra "mesa", por exemplo. Aparentemente ela indica um objeto, um móvel com pés sobre os quais há um tampo, mas, de fato, denota uma ideia. Porém há uma diferença entre os conceitos do senso comum e aqueles produzidos por cientistas sociais. Quando um cientista elabora um conceito, é preciso especificar exatamente o que quer dizer com ele. Em outras palavras, deve evitar ambiguidades.

Pixel-Shot/Shutterstock

Creative photo shop/Shutterstock

diplomedia/Shutterstock

Room27/Shutterstock

Nas fotografias, temos diferentes modelos de mesa, mas não precisamos de um nome para cada uma delas, pois todas podem ser descritas por uma ideia geral do que é uma mesa: um móvel que serve de apoio para comer, estudar, escrever, etc. Uma mesa pode ter vários formatos, mas desde que sirva a esses objetivos é sempre chamada de mesa.

Os conceitos das Ciências Sociais, ao contrário daqueles da vida cotidiana, estão sujeitos a controles, pois pretendem ser precisos. E por que essa precisão é necessária? Porque sem ela os argumentos e as explicações do cientista social estão sujeitos a interpretações errôneas. Na linguagem cotidiana, os conceitos são mais elásticos porque não são observados por uma comunidade científica. Usamos os conceitos livremente, inclusive dando significados novos. Mas é claro que há um limite para essa elasticidade dos conceitos do senso comum: esse limite são justamente as capacidades de comunicar e de ser entendido.

JUAN BARRETO/AFP/Getty Images

Visitantes interagem com os elementos de uma casa construída "de cabeça para baixo" pelo arquiteto austríaco Fritz Schall, na Colômbia, em 2022. A casa provoca estranhamento justamente por infringir nossos conceitos, pois uma mesa de cabeça para baixo não pode ser uma mesa! A brincadeira nos ajuda a perceber como os conceitos são o combustível do nosso pensamento.

Há um trânsito entre os conceitos produzidos pelos cientistas sociais e o senso comum. Por exemplo, o uso da palavra "cultura" como conceito surgiu no século XIX e teve um impacto tão grande que ultrapassou os limites da vida acadêmica, sendo utilizado no cotidiano em geral. O conceito foi apropriado pelas pessoas, e "cultura" passou a ser algo sobre o qual todos conhecem algum aspecto. Esse é um perigo para o cientista social: usar termos que no senso comum têm significados diferentes do utilizado na produção do conhecimento.

Os conceitos também definem o que o cientista pode ou não considerar em suas pesquisas. Suponha que você queira fazer um trabalho sobre as mesas do mundo e que tenha definido a mesa como um móvel de apoio com quatro pés. Seu conceito de mesa define apenas uma parte dos fenômenos que você quer estudar, e qualquer mesa que não tenha quatro pés não será considerada mesa.

Ou seja, essa definição pode mudar o resultado do seu trabalho, porque altera o conjunto de coisas que está sendo estudado. Se você considerar que mesa é qualquer objeto que sirva de apoio para refeições, estabelecerá outro conjunto de coisas. Assim, qualquer definição conceitual é um recorte do que vemos ou pensamos sobre o mundo.

É preciso considerar que os conceitos mudam. Eles têm uma história própria, seja na ciência, seja no senso comum. Mudam porque os contextos nos quais foram produzidos também mudam. Por exemplo, pense na palavra "mulher". No contexto ocidental do século XIX, a definição dos papéis femininos seria muito distinta da atual. No século XIX, as mulheres não tinham direito ao voto, eram responsáveis por todo o trabalho doméstico e familiar e, muitas vezes, permaneciam restritas à esfera do lar. No século XXI, depois de mais de um século de lutas feministas, grande parte das mulheres do mundo ocidental participa amplamente da sociedade, tanto no trabalho quanto na arte e na política. O conceito dos papéis femininos mudou com o tempo, porque mudaram também os contextos nos quais esse conceito foi produzido. Os conceitos, portanto, têm história, e muitos cientistas sociais entendem que essa história pode dizer algo importante sobre as mudanças sociais.

E os métodos? Os métodos são um conjunto de técnicas de coleta e tratamento de informações que permite ao cientista reunir dados e informações de maneira sistemática, a fim de usá-los para chegar a certas conclusões. Cada uma das Ciências Sociais lida com um conjunto de métodos que considera mais adequado a seus objetivos. Uma pesquisa sobre distribuição de renda no Brasil, por exemplo, pode ser feita com base em diferentes métodos.

Um cientista político tenderá a trabalhar com dados produzidos por instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com o auxílio de alguns modelos matemáticos, o cientista político compara os dados colhidos, verifica os impactos da política de distribuição de renda e, se possível, identifica onde e como esses impactos são mais significativos.

Um sociólogo que trabalhe com o mesmo tema, além de utilizar os dados existentes, tenderá a produzir dados novos sobre a distribuição de renda. Para isso, pode utilizar métodos como o *survey*, um questionário destinado a recolher informações. Imagine que o sociólogo escolha estudar determinado bairro de uma cidade. Ele dispõe de um conjunto de moradores para o qual estima o número de *surveys* necessário para tirar conclusões sobre os efeitos das políticas naquela população.

Já um antropólogo, ao trabalhar sobre o mesmo tema, tenderá a fazer um "trabalho de campo", isto é, aproximar-se das vivências, do dia a dia das pessoas do bairro. Assim, ele vai participar do cotidiano do lugar durante um bom tempo, tomando notas de tudo o que vê, do que ouve, das conversas que mantém. Ao fim do trabalho de campo, as notas se transformam em dados que o antropólogo sistematiza para produzir, por exemplo, uma reflexão sobre a vida de pessoas que recebem auxílio por meio de políticas de distribuição de renda.

Os métodos podem ser quantitativos ou qualitativos. As pesquisas quantitativas são mais objetivas e buscam responder a hipóteses levantadas pelo pesquisador por meio de instrumentos como os questionários. Nas pesquisas qualitativas, os objetivos são mais exploratórios, buscando aspectos subjetivos.

Munique Bassoli/Pulsar Imagens

Recenseadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) durante coleta de informações para o Censo Demográfico de 2022 em São Paulo (SP), 2022. As respostas às perguntas científicas só podem ser adequadamente respondidas com dados – no caso, os formulários respondidos.

Ambos têm vantagens e desvantagens: o método quantitativo permite algumas generalizações, mas fica muito distante da realidade vivida pelas pessoas; o método qualitativo produz dados justamente pela proximidade com a vida cotidiana, mas dificulta as generalizações. Evidentemente, são métodos complementares.

Em grandes projetos destinados a entender uma realidade específica, é comum que os dois métodos sejam utilizados. E, embora na Sociologia e na Ciência Política sejam mais frequentes os métodos quantitativos, isso não é uma regra: há estudos sociológicos e políticos feitos com métodos qualitativos e também estudos antropológicos feitos com métodos quantitativos. Ou, ainda, trabalhos que mesclam as duas opções.

Agora podemos entender que conceito e método são ferramentas básicas para o cientista social, porque permitem delimitar um problema de pesquisa, definir exatamente o que o pesquisador pretende mostrar e ainda produzir dados sobre o problema em questão. O passo seguinte, para o cientista social, é analisar os dados e buscar um sentido para aquele conjunto de informações.

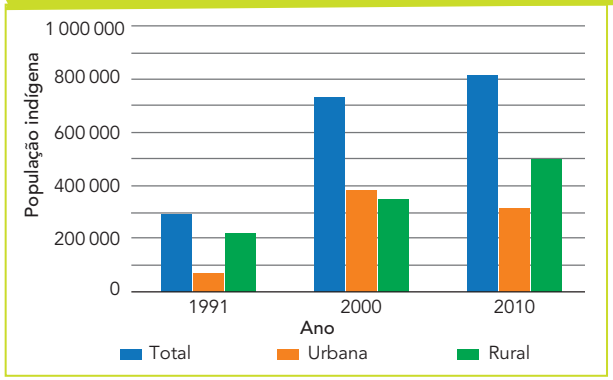
Survey para pesquisa 001278

Pesquisador: _____ Código: _____
Data: _____ Cidade (UF): _____ Código: _____
Nome (opcional): _____ Idade: _____ Sexo: M ( ) F ( )
Moradia: ( ) própria ( ) alugada Metragem aproximada: _____
Total de cômodos: _____ Nº de quartos: _____ Nº de banheiros: _____
Nº de moradores: ____ Relação de parentesco com os moradores: _____
Moradores não parentes (especificar relação): _____
_____
Valor médio da conta de luz: _____ Valor médio da conta de água: _____
Geladeira: ( ) Televisor: ( ) Computador(es): ( ) Carro(s): ( )
Telefone(s) fixo(s): ( ) Telefone(s) celular(es): ( )
Possui TV a cabo? Sim ( ) Não ( ) Se sim, valor médio do pagamento: _____
Possui internet? Sim ( ) Não ( ) Se sim, velocidade média: _____
Provedores de acesso: _____

Primeira página de um *survey*, que produz dados específicos para a pergunta do pesquisador.

Elaborado pelos autores para fins didáticos.

Brasil: população residente autodeclarada indígena, por situação de domicílio (1991-2010)



Banco de imagens/Arquivo da editora

Fonte: IBGE. Indígenas. *Censo Demográfico 1991/2010*. Disponível em: https://tedit.net/xwmte9. Acesso em 25 out. 2024.

Gráfico com dados estatísticos que, embora não tenham sido produzidos para responder a uma pergunta específica, podem ajudar a explicar muitas coisas.

1. O senso comum é um conjunto de ideias que circula livremente no mundo em que vivemos e se parecem mais com um conhecimento geral e não sistemático. Os conceitos científicos pretendem atingir precisão e exatidão. O conceito é elaborado por uma comunidade de pesquisadores que o mobilizará com clareza, enquanto o senso comum é um conjunto de ideias que não se submete a qualquer controle.
2. Métodos são um conjunto de técnicas de coleta e análise de informações que possibilita aos cientistas reunir dados de forma sistemática para estudá-los.

Retome

Não escreva no livro

1. Quais são as principais diferenças entre conceitos e o senso comum?
2. O que são métodos e para que eles servem?

Ciências Sociais: informações e pensamento crítico

Estudamos um pouco do que faz um cientista social. Mas por que o cientista social faz o que faz? Qual é o sentido de produzir pesquisas sobre temas tão variados?

A resposta a essas indagações segue duas linhas principais: a utilidade da informação produzida e a importância de aprender a pensar criticamente, inclusive identificando ideologias. A primeira linha diz respeito ao impacto social da pesquisa de um sociólogo, de um antropólogo ou de um cientista político. A segunda refere-se ao impacto individual que as Ciências Sociais podem provocar nas pessoas e no desenvolvimento de uma forma de pensar essencialmente crítica.

A importância do conhecimento produzido pelas Ciências Sociais

As pesquisas produzem dados sobre realidades que muitas vezes são pouco conhecidas ou conhecidas apenas por meio de estereótipos. Qualquer política pública necessita desse tipo de informação. Por exemplo, numa discussão sobre mudanças no sistema político do país, são fundamentais as pesquisas comparativas elaboradas por cientistas políticos que contrastam o sistema político brasileiro com o de outros países. Outro exemplo relevante é a defesa das comunidades indígenas no Brasil, já que estudos de cientistas sociais mostram que os povos originários do nosso país têm uma série de direitos negados em sua vida cotidiana. O conhecimento produzido pelas Ciências Sociais permite, por exemplo, que as reivindicações dos militantes sejam ainda mais legítimas, contribuindo para assegurar os direitos básicos da população.

O conhecimento produzido pelo cientista social pode também ser utilizado para melhorar a eficiência das políticas públicas, produzir informações inéditas, trazer à tona questões esquecidas e ainda ser mobilizado pela população para cobrar do Estado determinadas ações. Tudo isso pode ter impactos significativos na vida dos cidadãos.

Renato Araújo/Câmara dos Deputados

Audiência pública na Comissão da Amazônia e dos Povos Originários e Tradicionais, em Brasília (DF), 2023, que discutiu as violações dos direitos dos Povos Indígenas ocorridas durante a ditadura civil-militar. Os relatos de ativistas e os pareceres de pesquisadores são fundamentais nas discussões sobre a proteção aos povos indígenas.

O pensamento crítico

O cartum propõe uma reflexão acerca da necessidade de pensar sobre o mundo (sobre a sociedade, sobre si mesmo, sobre as pessoas), indicando que, embora importante, na prática as pessoas não têm mais dado a devida importância ao exercício de refletir criticamente por si mesmas.

As Ciências Sociais nos ensinam a pensar criticamente e a não aceitar qualquer argumentação. Os critérios exigidos para uma boa pesquisa também são úteis para analisar argumentos, ideias e debates variados. As Ciências Sociais nos ensinam a analisar em lugar de simplesmente acreditar, ou seja, nos ensinam a analisar dados reais e a refletir sobre eles.

Essa perspectiva crítica nos ajuda a avaliar o que é mais ou menos razoável, distinguir um argumento sólido de outro que não passa de enganação ou que encobre interesses de determinados grupos.

No detalhe

- Relacione o cartum de Chris Browne com o que chamamos de "pensamento crítico".

Não escreva no livro

Hagar, o Horrível, Dik Browne © 1994 Chris Browne-King Features/distr. Bulls

Cartum de Chris Browne, 1994. Um dos objetivos dos estudos realizados pelas Ciências Sociais é desenvolver a capacidade de pensar criticamente.

Imagine um debate sobre limitação das propagandas de bebidas alcoólicas. De um lado, um intelectual defende que o Estado não deve interferir na escolha individual, afirmando que, se alguém decide beber, essa é uma escolha pessoal, desde que não viole nenhuma lei do próprio Estado (como a proibição, no Brasil, do consumo por menores de 18 anos). Assim, limitar a propaganda seria interferir no direito de escolha das pessoas e uma afronta à liberdade de expressão.

Entretanto, seria possível levantar outros argumentos, como o grande número de mortes causadas pelo consumo de bebidas alcoólicas, desde as decorrentes de acidentes provocados por motoristas embriagados até as causadas por doenças crônicas associadas à ingestão excessiva de álcool. Nessa perspectiva, o consumo de bebidas alcoólicas torna-se um problema de saúde pública, legitimando a interferência do Estado, que deve zelar pelo bem-estar dos cidadãos.

Um debate como esse poderia prosseguir indefinidamente, com posições razoáveis de ambos os lados. Então, como saber em quem acreditar? As Ciências Sociais nos ensinam a analisar em lugar de simplesmente acreditar. Podemos levantar questões sobre o debate em si: Quais são os interesses em jogo? Quem fala por quem? Os argumentos realmente se sustentam? Há algum truque na argumentação? Qual é o resultado de uma ou de outra argumentação? Depois dessa análise cuidadosa, estaremos mais preparados para tomar decisões com base em uma perspectiva crítica, isto é, uma espécie de "filtro" por meio do qual observaremos o mundo. Essa perspectiva crítica nos ajuda a julgar o que é mais ou menos razoável, distinguir um argumento sólido de outro que não passa de enganação ou que encobre interesses de determinados grupos.

Para as Ciências Sociais, certo e errado são termos complexos que sempre dependem de uma reflexão crítica e cuidadosa. A única forma de distinguir bons e maus argumentos, ideias e práticas é pensar criticamente. Exercitar o pensamento crítico prepara você para não se deixar enganar facilmente, e, por isso, as Ciências Sociais são muito úteis. É importante decifrar o que muitas vezes está por trás dos discursos políticos, questionar as informações da mídia, contrapor argumentos e deduzir a melhor opção, identificar discursos que só pretendem ganhar você por motivos econômicos, políticos ou outros.

© Malcolm Evans/Acervo do cartunista

Cultura cruel redesenhada, charge de Malcolm Evans, 2022. A charge ilustra como a divergência de opiniões pode ser um problema social, podendo até gerar conflitos. As Ciências Sociais são uma forma de pensar essas diferentes interpretações e de oferecer dados que sustentem vários pontos de vista.

No detalhe

- Como a divergência explorada pela charge de Malcolm Evans pode se relacionar com a produção do conhecimento crítico em Ciências Sociais?

Não escreva no livro

Ideologia

A charge explora uma divergência cultural, contrastando opiniões de mulheres que vivem em realidades culturais distintas: as Ciências Sociais permitem que entendamos criticamente essas posições, colocando-as em contexto. Esse exercício crítico permite entender os termos da divergência e abordá-los sem preconceitos.

Muitos cientistas sociais utilizam o termo "ideologia" para identificar um conjunto de ideias e valores que são expressos por grupos ou classes sociais. Você consegue pensar em uma ideologia que influencia sua vida? Pense no "consumo". Muitos autores dizem que vivemos em uma era da "ideologia do consumo". Se você acredita que é preciso possuir certas coisas para ser mais feliz, está respondendo a um conjunto de valores ideológicos do mundo contemporâneo. Mas não se sinta culpado por isso! Cada momento histórico tem suas ideologias dominantes, e esse conjunto de ideias reflete os interesses de determinado grupo e tende a favorecê-lo na sociedade.

Muitos afirmam que o poder só se constitui com o auxílio da ideologia, isto é, criando nas pessoas desejos e valores que facilitam a vida daqueles que controlam o poder. As Ciências Sociais ajudam a identificar ideologias, descobrir quem as produz e por quê. Estimular a capacidade de pensar com autonomia e decifrar o mundo por meio do pensamento crítico são alguns dos objetivos do ensino das Ciências Sociais.

Além disso, também há muitos cientistas sociais que defendem "ideologias alternativas", um conjunto de ideias e crenças, questionam e desestabilizam as ideologias dominantes das quais discordam. Movimentos de transformação social frequentemente se baseiam em ideologias que lutam por justiça social, igualdade de direitos e contra as desigualdades estruturais na ordem social.

Cris Faga/Shutterstock

Faixas exibidas durante marcha em celebração ao Dia Internacional da Visibilidade Transgênero em São Paulo (SP), 2023.

Erica Canepa/Bloomberg/Getty Images

Marcha em celebração ao Dia internacional das Mulheres em Buenos Aires, Argentina, 2023.

Um exemplo de ideologia alternativa é o da resistência à ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985). Nesse período, a ideologia dominante defendia a "segurança nacional", ou seja, a ideia de que a nação estava em guerra contra ideologias que queriam mudar a ordem social vigente. Essa suposta ameaça à ordem foi utilizada como justificativa para a supressão dos direitos individuais, a repressão, a censura, o fim da liberdade de expressão, etc.

Vários grupos se manifestaram contra a ideologia de um Estado policial, contrapondo outras ideologias e, em geral, clamando pela volta de um Estado que reconhecesse os direitos negados pela ditadura. Esses grupos defenderam ideologias que consideravam melhores e mais justas, e muitos chegaram a defender a luta armada como única forma de resistência, enquanto outros defendiam mudanças sem recorrer ao uso excessivo da força.

Embora o parágrafo anterior seja uma enorme simplificação das características de um período histórico extremamente complexo, podemos perceber quão importante é desenvolver um pensamento crítico que permita questionar e avaliar opiniões, ideias ou argumentos. Até mesmo estes que você está lendo: nada deve escapar a um pensamento realmente crítico!

© André Dahmer/Acervo do cartunista

Tirinha de André Dahmer, 2007. A tirinha satiriza o poder da mídia de manipular a informação. O pensamento crítico desenvolvido com o auxílio das Ciências Sociais pode nos ajudar a perceber melhor as ideologias envolvidas nos discursos dos grupos sociais relacionados à questão.

Retome

Não escreva no livro

- Qual é o resultado do trabalho do cientista social?

O resultado do trabalho é um conjunto de informações com o qual produz conhecimento sobre a realidade social, o que permite novas formas de pensar sobre o cotidiano e sobre as nossas relações com o mundo. Outro resultado é o desenvolvimento da capacidade de pensar criticamente sobre essas mesmas realidades sociais (ou ir muito mais além e pensar criticamente sobre qualquer realidade social).

Galeria de atividades

Não escreva no livro

As atividades desta seção da obra podem ser utilizadas ao longo de todo o processo de aprendizagem. Sugerimos a consulta prévia visando a definição do formato desejado para melhor aproveitamento dos recursos (resolver a atividade em sala de aula, sob a orientação do professor; em casa, como tarefa; e até mesmo em caráter avaliativo), a depender da abordagem docente. Por se tratar de um capítulo introdutório, sugerimos que, independentemente da abordagem, todas as resoluções sejam comentadas em sala de aula com os estudantes.

1. Como estudamos neste capítulo, sociólogos, antropólogos e cientistas políticos estudam a sociedade. Em um pequeno texto argumentativo, explique por que a sociedade pode e deve ser objeto de estudos e qual é a importância de estudar as Ciências Sociais nos dias de hoje. Leia as respostas no Manual do Professor.

2. Explique a diferença entre as noções de conceito e de método com base na leitura do tópico *Como funcionam as Ciências Sociais*. Em seguida, cite e explique os diferentes tipos de métodos.

3. Debata com os colegas as diferenças entre o pensamento fundamentado no senso comum e o pensamento crítico. Registre as conclusões do debate em seu caderno.

4. Leia a tirinha e identifique seu tema central, a norma social implícita no diálogo e o grupo social favorecido por essa norma. Em seguida, leia a reportagem de Daniela Arcanjo, publicada em 23 de julho de 2021 no *site* do jornal *Folha de S.Paulo*, e relacione-a ao conteúdo da tirinha.

Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1990 Watterson/Dist. by Andrews McMeel Syndication

Tirinha de Bill Watterson, 1990.

Argentina reconhece cuidado materno como trabalho para aposentadoria; entenda

A Argentina vai reconhecer o cuidado materno como tempo de serviço computável para a aposentadoria.

Segundo decreto publicado [...] no último sábado (17), as argentinas poderão acrescentar de um a três anos de tempo de serviço por filho que tenha nascido com vida, de modo que elas atinjam o tempo mínimo exigido por lei para alcançar o direito à Previdência.

O benefício se dirige a mulheres que estão em idade de aposentadoria — na Argentina, 60 anos ou mais — e que não possuam os 30 anos mínimos exigidos de contribuição. A projeção é que a regra alcance 155 mil mulheres.

ARCANJO, Daniela. Argentina reconhece cuidado materno como trabalho para aposentadoria; entenda. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23 jul. 2021. Disponível em: https://tedit.net/jgzmmp. Acesso em: 2 set. 2024.

Leia as respostas no Manual do Professor.

5. Leia e analise a tirinha, comparando-a com as reflexões produzidas na atividade anterior sobre o diálogo de Calvin com o pai. Em seguida, produza um pequeno texto explicando as maneiras pelas quais as normas sociais são introduzidas na sociedade.

© André Dahmer/Acervo do cartunista

Tirinha de André Dahmer, 2016.

6. Leia o poema "Agosto 1964", de Ferreira Gullar. Nele, o autor fala de uma insatisfação relacionada à vida em sociedade. Tente descobrir de qual contexto se trata e escreva um comentário. Não é preciso responder a nenhuma pergunta, apenas escreva sobre o contraste entre o que você aprendeu e o teor do poema.

Interdisciplinaridade
com Língua Portuguesa

Entre lojas de flores e de sapatos, bares,
mercados, butiques,
viajo
num ônibus Estrada de Ferro – Leblon.
Volto do trabalho, a noite em meio,
fatigado de mentiras.

O ônibus sacoleja. Adeus, Rimbaud,
relógio de lilases, concretismo,
neoconcretismo, ficções da juventude, adeus,
que a vida
eu a compro à vista aos donos do mundo.
Ao peso dos impostos, o verso sufoca,
a poesia agora responde a inquérito policial-militar.

Digo adeus à ilusão
mas não ao mundo. Mas não à vida,
meu reduto e meu reino.
Do salário injusto,
da punição injusta,
da humilhação, da tortura,
do terror,
retiramos algo e com ele construímos um artefato

um poema
uma bandeira

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 164.

UNIDADE 1

Antropologia

Esta unidade trata de um assunto fundamental das Ciências Sociais: a maneira como as sociedades se percebem e como elas são percebidas. Ao longo dos últimos 150 anos, as Ciências Sociais desenvolveram várias maneiras de pensar as diferenças nas formas de vida das sociedades humanas.

Você estudará como a Antropologia tem se dedicado sistematicamente a formular – por meio de instrumentos de pesquisa, análise e observação – teorias e conceitos que possibilitam compreender a diversidade e a complexidade das sociedades. Com base em conceitos como os de cultura, identidade e etnicidade, os antropólogos buscam entender a enorme variedade da experiência humana no mundo.

Além de conhecer a origem dos conceitos mencionados, você verá como eles foram analisados e empregados em alguns contextos sociais e na reflexão sobre a sociedade brasileira em relação às diversas populações que a compõem, podendo-se falar em cultura brasileira e identidades brasileiras.

Etnias, de Eduardo Kobra, 2016 (mural, 2 500 m²). O mural fez parte das atrações do Boulevard Olímpico no Rio de Janeiro (RJ). Fotografia de 2017.

© KOBRA, Eduardo/ AUTVIS, Brasil, 2024
André Horta/Fotoarena

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Observe o mural *Etnias*, do artista Eduardo Kobra (1975-). O que o artista pretende retratar com os rostos que aparecem nele?

2. Você já pensou que, no mundo contemporâneo, grupos de pessoas de culturas diferentes convivem em um mesmo local ou possuem uma mesma região, como o que ocorre no Brasil? Você consegue notar pessoas de culturas diferentes onde você vive?

CAPÍTULO 1

O pensamento antropológico

A construção do pensamento antropológico

O avanço colonialista europeu sobre as Américas e grande parte da África, da Ásia e da Oceania, realizado a partir do século XVI, não gerou apenas dominação. Com interesse de colonizar e dominar povos e territórios, houve um grande investimento dos europeus em pesquisar e produzir informações sobre essas regiões.

Ao longo dos séculos seguintes, essas informações foram sistematizadas por cientistas que passaram a estudar populações nativas diversas. Com base nisso, produziu-se um conhecimento que hoje chamamos de antropológico e que possibilitou a obtenção um olhar apurado sobre aquelas populações.

No contexto histórico mencionado, pode-se dizer que, para os administradores coloniais, conhecer as populações nativas ajudava a dominá-las; para os missionários, ajudava a convertê-las; e para os comerciantes, ajudava a produzir riquezas em benefício próprio. Já para os cientistas, conhecer essas populações ajudava a entender a história da humanidade. Para eles, essas sociedades, entendidas como primitivas, eram como um laboratório: quando olhavam para o presente daquelas populações, acreditavam estar desvendando o passado da humanidade.

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes ressaltem que a pintura expõe frutas e animais de forma a retratar um tom de exotismo à realidade dos países dominados em relação aos dominadores.

No detalhe

- Analise essa pintura e explique como ela demonstra fascínio pela exuberância da natureza nos países colonizados.

Não escreva no livro

Reprodução/Museu Nacional da Holanda (Rijksmuseum), Amsterdã.

Banca de feira das Índias Orientais na Batávia, de Andries Beeckman, c. 1640-c. 1666 (óleo sobre tela, 106 cm × 175,5 cm). Desde o início das explorações europeias em outros continentes, houve interesse em registrar a população, as paisagens e os produtos das regiões exploradas.

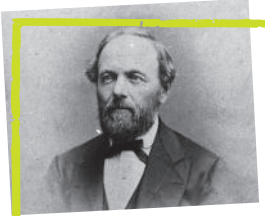
Estudiosos do século XIX sistematizaram o conhecimento das populações ditas selvagens em narrativas de evolução nas quais as sociedades são organizadas da "mais simples" para a "mais complexa" como se estivessem em uma escala evolutiva. A ilustração retrata uma dessas narrativas de evolução, criada pelo antropólogo estadunidense Lewis Henry Morgan, que divide a história da humanidade em três etapas: selvageria, barbárie e civilização.

Reprodução/Arquivo da editora

Representação da escala evolutiva da humanidade segundo Lewis Henry Morgan (século XIX).

Fonte: elaborado pelos autores para fins didáticos.

Reprodução/Coleção da Biblioteca Pública de Rochester, Divisão de História e Genealogia, Rochester, EUA.



Lewis Henry Morgan, c. 1870.

Lewis Henry Morgan (1818-1881)

Antropólogo e etnólogo estadunidense, foi um dos fundadores da Antropologia científica. Tornou-se mais conhecido por estabelecer o estudo de sistemas de parentesco e sua teoria da evolução social.

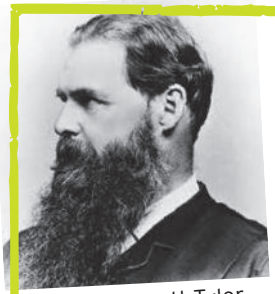
Assim falou **Lewis Henry Morgan**

Pode-se afirmar agora, com base em convincente evidência, que a selvageria precedeu a barbárie em todas as tribos da humanidade, assim como se sabe que a barbárie precedeu a civilização. A história da raça humana é uma só – na fonte, na experiência, no progresso.

É tão natural quanto apropriado desejar saber, se possível, como todas essas eras após eras de tempos passados foram utilizadas pela humanidade; como os selvagens, avançando através de passos lentos, quase imperceptíveis, alcançaram a condição mais elevada de bárbaros; como os bárbaros, por um avanço progressivo semelhante, finalmente alcançaram a civilização; e por que outras tribos e nações foram deixadas para trás na corrida para o progresso – algumas na civilização, algumas na barbárie e outras na selvageria. Não é demais esperar que, em algum momento, essas diversas questões sejam respondidas.

MORGAN, Lewis Henry. A sociedade antiga. *In*: CASTRO, Celso (org.). *Evolucionismo cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 21.

Morgan foi um dos principais teóricos dessa fase do conhecimento antropológico. Dentre outros intelectuais que se destacaram nessa época, podemos citar o inglês Edward Burnett Tylor e o escocês James George Frazer. Todos esses autores acreditavam na ideia de progresso, ou seja, pressupunham que as diferentes sociedades sempre avançavam em direção ao que chamavam de civilização.



History and Art Collection/Alamy/Fotoarena

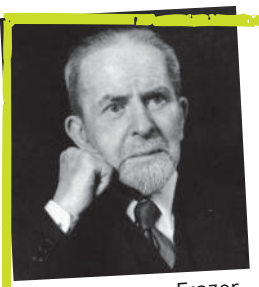
Edward Burnett Tylor. Fotografia não datada.

Edward Burnett Tylor (1832-1917)

Antropólogo inglês, representante do evolucionismo cultural. Em seu livro *Primitive Culture and Anthropology* (1871), definiu o contexto do estudo científico da Antropologia. Considerado um dos fundadores da Antropologia social, seus trabalhos contribuíram para consolidar essa área como ciência no século XIX.

Considerar um estudo das sociedades orientado pela noção de progresso implicaria diversas conclusões que hoje são repudiadas pelas Ciências Sociais:

- Se toda sociedade evolui da mesma forma, a diferença entre uma e outra poderia ser explicada pela "dedicação à evolução". Algumas sociedades teriam andado mais rápido, outras teriam preferido deixar a evolução seguir mais lentamente.
- Se todas as sociedades seguiram os mesmos passos, olhar para qualquer sociedade diferente da ocidental seria olhar para o passado da própria sociedade ocidental. As sociedades ditas selvagens apareceriam como autênticos "museus vivos".



© Look and Learn/Bridgeman Images/Fotoarena/Coleção particular

James George Frazer. Fotografia não datada.

James George Frazer (1854-1941)

Antropólogo escocês muito influente nos estágios iniciais dos estudos modernos sobre mitologia e religiões comparadas. Considerado um dos pais da Antropologia, sua obra mais famosa, *O ramo dourado* (1890), documenta e detalha as similaridades entre crenças mágicas e religiosas ao redor do mundo.

- Se todas as sociedades seguirão pelos mesmos caminhos, caberia às "mais avançadas" adiantar o processo das "mais atrasadas". Isso faz com que o colonialismo seja apresentado como uma ação de "solidariedade" aos povos "atrasados", que poderiam atingir estágios mais adiantados justamente por meio da dominação ocidental.

Toda produção de conhecimento remete a uma reflexão. Ao mesmo tempo que o conhecimento pode servir para dominar, pode dar base aos defensores dos direitos das populações em risco.

Retome

Não escreva no livro

- Qual era o interesse dos colonizadores em interagir com os povos nativos? De que maneira o conhecimento sobre esses povos beneficiaria econômica e politicamente os colonizadores?

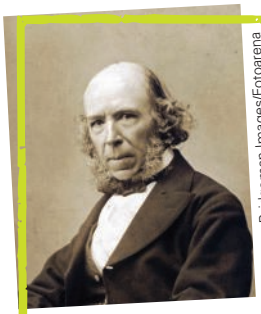
Leia as respostas no Manual do Professor.

Evolucionismo social

O evolucionismo social defendia a ideia de progresso, inspirado por Herbert Spencer, em teorias elaboradas na Inglaterra e nos Estados Unidos, pois era comumente associado ao evolucionismo biológico proposto por Charles Darwin (1809-1882), segundo o qual a adaptação das espécies ao ambiente definia sua sobrevivência.

A noção de raça surge com o naturalista francês Georges Cuvier (1769-1832), que dividiu a humanidade em brancos, negros e amarelos e reprovava a miscigenação. No topo da divisão estaria a dita "raça" branca, que justificaria a dominação colonial. O darwinismo social originou a eugenia, conjunto de ideias e práticas que categorizava grupos humanos de acordo com características hereditárias, eliminando as consideradas inferiores. Políticas eugênicas foram instauradas em vários países, proibindo casamentos inter-raciais e incitando todo tipo de exclusão racial.

O conceito de evolucionismo social funcionava ao mesmo tempo como explicação da evolução da humanidade e como justificativa para a dominação exercida pelos europeus. Há estudiosos que apontam nas teorias do evolucionismo social certa ironia, como se seus autores negassem o caráter dominador de suas ideias classificando-as como benefícios para a humanidade.



Bridgeman Images/Fotoarena

Herbert Spencer em 1890.

Herbert Spencer (1820-1903)

Filósofo, biólogo e sociólogo inglês, desenvolveu um amplo conceito da evolução, como o desenvolvimento progressivo do mundo físico, dos organismos biológicos, da mente humana, da cultura e das sociedades humanas. Acreditava que a evolução tinha uma direção sempre determinada: das estruturas mais simples para as mais complexas.

Os adeptos das teorias evolucionistas estavam convictos de que a escalada para o progresso só poderia se dar em um sentido: os europeus e seus descendentes brancos eram os civilizados e todos os demais eram atrasados. Essa teoria depende da ideia de progresso, mas de que tipo de progresso?

The Picture Art Collection/Alamy/Fotoarena

Imagem do Novo Mundo, de Johann Froschauer (gravura, data e dimensões não informadas). A obra representou os povos da América genericamente como canibais e selvagens, ocultando a enorme diversidade cultural presente no continente. A ilustração foi publicada na obra de *Mundus Novus*, do explorador italiano Américo Vespúcio, em 1505.

Do ponto de vista dos intelectuais europeus e estadunidenses do século XIX, um dos critérios seria o progresso tecnológico. Embora pareça justo, esse critério é tão arbitrário como qualquer outro. Foi adotado porque parecia evidente, mas as supostas evidências sempre podem ser questionadas.

A partir dessa perspectiva, o evolucionismo acabou propondo uma justificativa para a dominação europeia sobre outros povos, sustentada pela ideia de progresso que favorece as **sociedades ocidentais**, por colocar no ápice da evolução aquilo que elas próprias consideram mais evoluído.

sociedades ocidentais: denominação geralmente atribuída aos países hegemônicos da Europa desde o século XV, bem como aos Estados Unidos, ao Canadá, à Austrália e à Nova Zelândia.

Retome

Não escreva no livro

- Por que a noção de progresso tecnológico é central nas teorias evolucionistas?

A noção de progresso favorece justamente quem a construiu: os intelectuais europeus e estadunidenses. Com base em outros critérios, mudaríamos a escala de "evolução". Em uma escala organizada pela ideia de "sustentabilidade", por exemplo, a sociedade ocidental capitalista não ficaria no topo da escala.

Trabalhando com

quadrinhos

Evolucionismo social

Observe com atenção o quadro da história em quadrinhos *Tintim na África*, do cartunista belga Hergé (1907-1983). Ele retrata o final da narrativa, quando Tintim deixa o Congo depois de "ensinar" muito aos congoleses. Observe que há até um totem, ou altar, criado em homenagem a ele e a seu cão, Milu.

Hergé/Casterman/Moulinsart

Reprodução de um quadro do livro *Tintim na África*, de Hergé, 2008.

Atividades

Não escreva no livro

1. Relacione o quadro da história em quadrinhos e a teoria do evolucionismo social.

1. O quadro é representativo do evolucionismo social pois coloca no centro aquele que criou essa teoria: o europeu branco.

2. Um dos personagens da história diz o seguinte: "Se você não estudar bastante, jamais será como Tintim!...". Analise essa fala considerando a ideia de escala evolutiva da humanidade proposta por Henry Morgan.

2. Considerando a ideia de escala evolutiva da humanidade, em que existem civilizações atrasadas que, se buscarem o progresso, poderão alcançar o estágio de desenvolvimento das civilizações mais evoluídas, a fala do personagem sugere que, se a população negra retratada buscar o progresso, conseguirá ser como os europeus, simbolizados por Tintim.

Parentesco e propriedade: modos de organização social

Além do progresso tecnológico, outro critério que fundamentou a hierarquização proposta pelo evolucionismo social é relevante nas sociedades ocidentais: a existência da propriedade privada e de um Estado organizado. Ao olhar para grande parte das sociedades ditas "primitivas", os estudiosos europeus e estadunidenses do século XIX não identificaram algo parecido com o Estado, uma organização burocrática que centralizasse decisões.

Reprodução/Coleção Trinity Hall, Universidade de Cambridge, Inglaterra.

Henry Summer Maine. Pintura de 1888.

Henry Sumner Maine (1822-1888)

Jurista e historiador inglês, conhecido por defender a tese de que a lei e a sociedade se desenvolveram do "*status* ao contrato". Segundo essa tese, no mundo antigo, os indivíduos estavam estreitamente ligados por *status* a grupos tradicionais, enquanto no mundo moderno os indivíduos são vistos como agentes autônomos.

Sistemas de parentesco

Para Lewis Henry Morgan e Henry Sumner Maine, a sociedade "primitiva" se organizava por parentesco. As sociedades humanas estabelecem formas regulares de relações entre seus indivíduos, e essas relações são explicadas como categorias de parentesco. Em nossa sociedade, primos, tios, pais e avós são categorias de parentesco.

© Mark Fiennes Archive. All rights reserved 2024/Bridgeman Images/Fotoarena

Árvore genealógica da origem Tudor da rainha Maria da Escócia (1542-1587) e de seu filho Jaime VI da Escócia e I da Inglaterra (1566-1625), da English School, c. 1603 (óleo sobre tela, dimensões não informadas). Esse é um recurso utilizado em algumas sociedades para expor um conjunto de relações entre pessoas: pais e filhos, casamentos, irmãos, primos, etc. Uma árvore genealógica como esta é um documento das relações de parentesco e uma forma de pensar essas relações.

No detalhe

1. Analise como essa árvore genealógica é organizada. Você consegue identificar uma hierarquia ou relações de parentesco? Justifique.
2. Faça uma representação da árvore genealógica da sua família, pensando em, ao menos, três gerações.

Não escreva no livro

1. A organização dessa árvore genealógica apresenta apenas figuras importantes, mas não sabemos exatamente a relação entre elas. Em árvores genealógicas mais complexas, podemos identificar as relações de filiação entre as pessoas representadas.
2. Resposta pessoal. O desenho da própria família pode exemplificar isso, deixando claras as relações entre os indivíduos das gerações representadas.

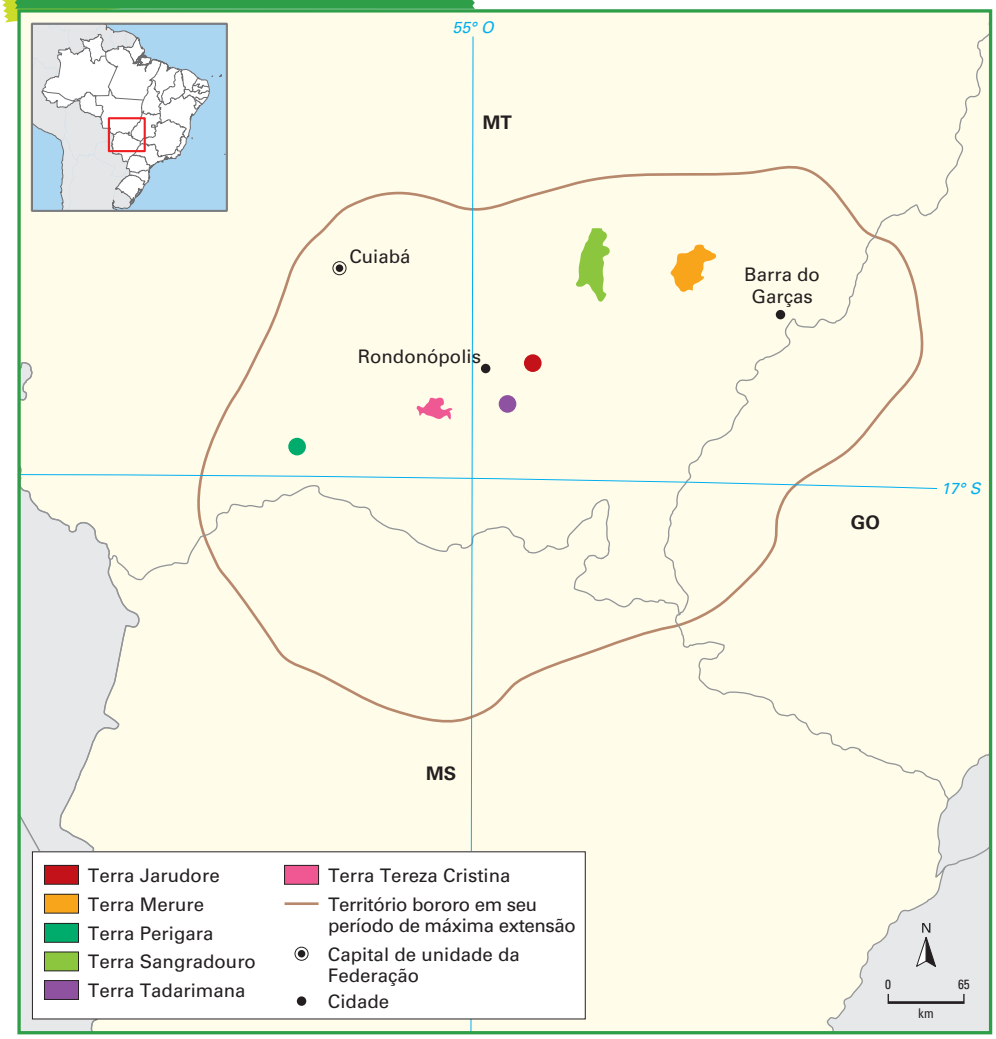
O que costumamos chamar de família é um nome para um sistema de parentesco. Qualquer sociedade no mundo produz algum tipo de parentesco. Porém, as sociedades constroem o parentesco de formas diferentes entre si. Há, por exemplo, sociedades **matrilineares**, como a bororo, localizada no Brasil central. Quando um Bororo nasce, ele recebe um nome que o identifica como pertencente ao clã de sua mãe. Quando um homem se casa em uma aldeia Bororo, ele se muda para morar na casa da esposa, sob influência de seu sogro. As relações cerimoniais mais importantes acontecem entre um homem e os filhos de suas irmãs, pois todos pertencem ao mesmo clã.

Por que é importante pensar em parentesco se todos nós sabemos como é nossa família? Quando pensamos em nossas relações familiares como apenas um entre vários tipos possíveis, podemos encarar com menos preconceito relações de parentesco que são muito diferentes. Se existem tantos tipos de parentesco, por que seria um problema um arranjo familiar composto de uma **união homoafetiva** e um filho, por exemplo?

matrilineares: diz-se das sociedades que consideram a descendência a partir da linha materna a mais importante para a transmissão de propriedades, títulos, nomes, etc.

união homoafetiva: união existente entre pessoas do mesmo gênero, configurando uma relação homoafetiva.

Brasil: Terras bororo* – 2024



Banco de imagens/Arquivo da editora

* Terras com área inferior a 10 mil hectares representadas na cor correspondente.

Fontes: elaborado com base em INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Terras Indígenas no Brasil*. Disponível em: https://tedit.net/1vgwzo. Acesso em: 7 out. 2024; ALBISETTI, Cesar; VENTURELLI, Angelo. *Enciclopédia bororo*. v. 1. Campo Grande: IPE, 1969. p. [0.21-1].

Em uma sociedade com Estado, diversas questões são resolvidas por um sistema jurídico criado para regular a vida social. O Estado determina leis, as executa e julga os que tentam burlá-las. Em sociedades sem Estado, não há sistemas jurídicos separados das pessoas; há conjuntos de regras relativas à ordem do parentesco, e são elas que permitem a vida em sociedade.

Para os intelectuais do século XIX, as sociedades organizadas pelo parentesco representavam um estágio anterior de desenvolvimento; seriam mais simples, primitivas. Nessas sociedades, não há propriedade privada. As terras são de uso coletivo, também regulado pelas regras de parentesco. Essa perspectiva revelava uma série de preconceitos e estereótipos: aquelas populações eram vistas como atrasadas, inferiores e intelectualmente incapazes.

Quando alguém cerca um terreno e afirma que aquele espaço lhe pertence, estabelece outro tipo de relação com a terra e necessita proteger essa propriedade. Segundo os autores do século XIX, a única forma de garantir a propriedade seria um poder central com força para mantê-la. Assim, as práticas colonialistas se basearam em um imaginário sobre as sociedades "primitivas" que legitimava o papel "civilizador" dos europeus.

© Laerte/Acervo da cartunista

Charge de Laerte, década de 1990. Nesta charge, a cartunista faz uma reflexão sobre a relação entre a chegada dos europeus às Américas e a expropriação das terras indígenas, que foi uma das consequências do processo iniciado naquele momento.

O neocolonialismo, estabelecido ao longo do século XIX e início do século XX, foi influenciado e legitimado por teorias evolucionistas. As potências capitalistas avançaram por quase toda a África e por grandes porções da Ásia. O discurso das nações imperialistas baseava-se no discurso de uma missão civilizatória do homem branco.

Retome

Não escreva no livro

- Com base no que foi estudado até aqui, explique os efeitos da colonização no Brasil do ponto de vista das populações indígenas.

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes indiquem que a colonização no Brasil teve grandes efeitos para as populações indígenas, especialmente em relação à expulsão de suas terras de uso tradicional ao longo dos séculos. O exercício aqui é tentar se colocar na posição daqueles que sofreram o processo de colonização.

Sociedades indígenas e o mundo contemporâneo

A partir do século XX, as teorias evolucionistas passaram a ser vistas pelos antropólogos como etnocêntricas, pois adotavam valores e critérios próprios de sua sociedade como parâmetros para avaliar todas as demais. Ou seja, quando analisamos outras sociedades por meio de critérios próprios daquela em que estamos inseridos, estamos sendo etnocêntricos. Para desfazer a ideia do suposto primitivismo das populações não ocidentais, é necessário um olhar não etnocêntrico, que reconheça o que há de complexo nessas sociedades.

Do final do século XIX até meados do século XX, antropólogos se dedicaram a documentar a vida indígena em vários locais do mundo com uma preocupação generalizada: a de que os povos indígenas estavam sendo extintos. Havia a convicção de que o avanço do sistema capitalista levaria à extinção dessas populações. Alguns acreditavam que isso aconteceria inevitavelmente, como um fator natural da evolução social; outros constatavam que o capitalismo impedia aquelas sociedades de manter seu modo de vida tradicional. De fato, o capitalismo provocou o assassinato de milhões de indígenas e a expulsão de inúmeras famílias de suas terras. Ainda assim, as populações indígenas resistem e lutam por seus direitos.

Cassandra Cury/Pulsar Imagens

Manifestantes da II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, em Brasília (DF), 2021. O movimento dos povos indígenas e seus apoiadores têm lutado contra projetos que promovem a exploração e a devastação de áreas preservadas e reivindicam o direito às terras tradicionalmente ocupadas, previsto na Constituição brasileira.

Favoritos

Reprodução/Globoplay

Papo de Parente. Globoplay, 2021. (8 episódios)
Podcast apresentado pela educadora e líder indígena Célia Xakriabá e pelo estudante de gastronomia Tukumã Pataxó. Esclarece como é ser indígena hoje no Brasil e convida o ouvinte a se conectar com a cultura indígena por meio da agricultura, da culinária, da política, da literatura, da medicina e dos esportes tradicionais.

Populações indígenas e a sociedade capitalista

O fim do século XX testemunhou uma revitalização das populações indígenas, embora em muitos lugares do mundo os processos de opressão permaneçam. Uma questão crucial para as populações indígenas da atualidade é sua relação com a sociedade capitalista. Essas populações não recusam o que chamamos de tecnologia e, em muitos casos, se valem dela para expressar seus pontos de vista e reproduzir seus modos de viver.

Há pessoas que buscam desqualificar as reivindicações dos indígenas sobre as terras que ocupam há muitos anos, afirmando que eles não são mais indígenas porque usam roupas, ferramentas, etc. Alguns antropólogos, como o estadunidense Marshall David Sahlins, afirmam justamente o contrário: que populações indígenas se utilizam de elementos da sociedade ocidental conforme suas próprias regras e de forma a fortalecer seus meios de ver o mundo.

Agence Opale/Alamy/Fotoarena

David Sahlins em 2006.

Marshall David Sahlins (1930-2021)

Nascido nos Estados Unidos, doutorou-se pela Universidade Columbia em 1954, sob a influência de Julian Steward (1902-1972). Lecionou em Michigan e Chicago, onde foi professor emérito. É considerado um dos antropólogos mais importantes da atualidade.

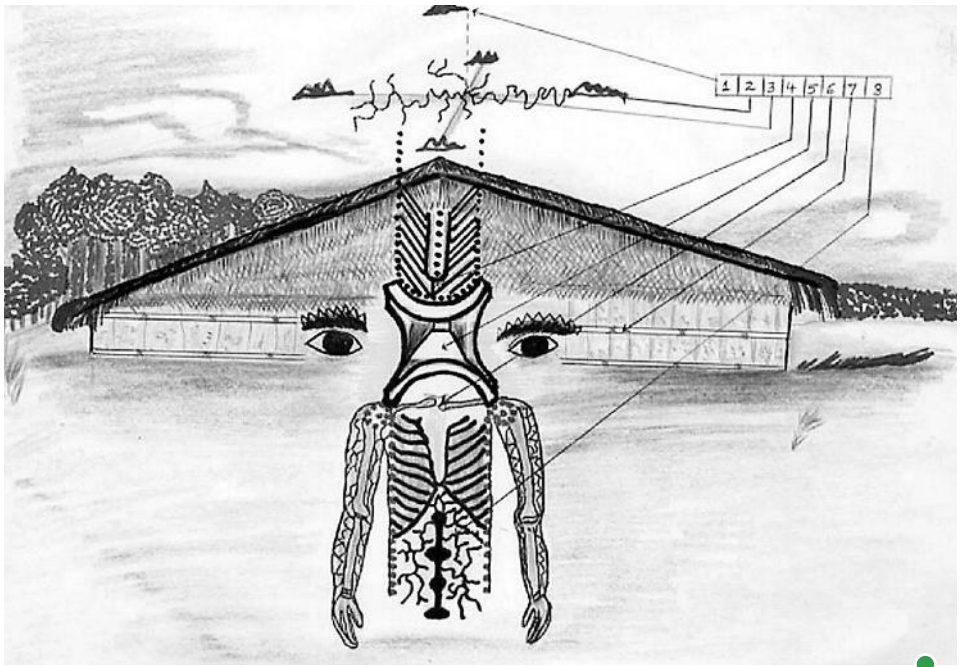
Lucíola Zvarick/Pulsar Imagens

Jovem kuikuro edita vídeo do ritual do Jawari em seu computador em Gaúcha do Norte (MT), 2023.

Mitos, narrativas e o estruturalismo

As sociedades indígenas são extremamente complexas e, muitas vezes, o preconceito impede que elas sejam vistas em sua sofisticação. Ajudar a enxergar essa complexidade é uma das tarefas da Antropologia, e um dos efeitos dessa ciência social é desestabilizar as certezas produzidas pelas ideias evolutivas do século XIX e até hoje presentes na vida de muitas pessoas.

Reprodução/Gabriel Gentil/Fapesp



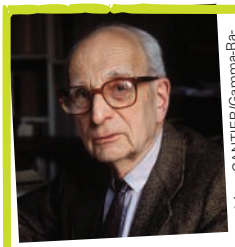
Estrutura da Maloca, desenho do pajé tukano Gabriel Gentil, não datado. No desenho, a maloca representa o corpo do criador, com sua boca, cabelos, costelas, etc. Nele o artista relaciona a estrutura da maloca com o conhecimento tradicional de seu povo, associando mitos, corpos e maloca.

No detalhe

- Identifique e descreva uma característica que faz desse desenho algo diferente daquilo que se entende como usual por uma sociedade não indígena.

Não escreva no livro

Pode-se interpretar que o desenho inter-relaciona uma construção de moradia (uma maloca) e uma narrativa mítica. Assim, o desenho procura demonstrar que a moradia é também o corpo do criador. Essa conexão entre coisas materiais e mitos produz efeitos diferentes daqueles com os quais estamos acostumados e que, em geral, separam o real do irreal.



Marc GANTIER/Gamma-Rapho/Getty Images

Claude Lévi-Strauss em 1990.

Claude Lévi-Strauss (1908-2009)

Nascido na Bélgica, estudou em Paris, graduando-se em Filosofia em 1931. Integrou a missão francesa na recém-criada Universidade de São Paulo (USP), onde lecionou Sociologia. Sua obra é considerada de enorme importância, tanto pela criação da chamada Antropologia estruturalista quanto pela riqueza e erudição de suas análises. Faleceu em Paris, em 2009.

Estruturalismo

Pode-se verificar essa tarefa no trabalho de Claude Lévi-Strauss, um dos mais célebres antropólogos do século XX, que desenvolveu um método de análise denominado estruturalismo e mergulhou na enorme complexidade dos mitos provenientes de diversas populações, do sul ao norte das Américas, revelando, por meio deles, o que chamou de pensamento ameríndio. Para esse autor, os mitos demonstram um pensamento sofisticado e complexo.

A essência de uma teoria complexa como o estruturalismo, que pretende demonstrar que o pensamento humano se organiza em torno de oposições (alto e baixo, fora e dentro, quente e frio, etc.), deve muito ao próprio pensamento ameríndio. Também a arte indígena foi objeto da reflexão sistemática de Lévi-Strauss. A sensibilidade artística das populações ameríndias foi fundamental para o antropólogo expressar seu pensamento de que essas sociedades não deveriam ser vistas como atrasadas.

Observe, nas fotografias, objetos de diferentes etnias ameríndias. Ainda que haja semelhanças entre eles, tais como o fato de serem incrementados com rico grafismo e simbologia, cada um desses objetos expressa diferentes mitologias e organizações sociais. A investigação antropológica acerca dos significados de itens como esses nos auxilia a compreender a organização social e o pensamento dessas populações.

Rômulo Fialdini/Tempo Composto/Museu Nacional da UFRJ, Rio de Janeiro, RJ.

Urna funerária de cerâmica do povo da Ilha de Marajó (PA), c. 400-1400.

Fabio Colombini/Acervo do fotógrafo

Artesanato de cerâmica feito por indígenas da etnia tukano em São Gabriel da Cachoeira (AM), 2023.

Little valleys/Alamy/Fotoarena/Museu Chileno de Arte Pré-colombiana, Santiago, Chile.

Esculturas de madeira do povo Mapuche, do Chile, datadas do século XIX.

Sepia Times/Universal Images Group/Getty Images

Caixa de madeira esculpida por indígenas do povo Tsimshian, do Alasca, datada de c. 1780-1820. As caixas dos Tsimshian, povo da costa oeste da América do Norte, eram usadas em festas cerimoniais e para estocar alimentos e objetos.

Populações indígenas no Brasil

Antes da chegada dos portugueses, o território brasileiro era uma área densamente povoada por uma enorme diversidade de populações indígenas. O contato com os europeus resultou no avanço da mortalidade, na desestruturação de sociedades e na sua dispersão. Os grandes deslocamentos produziram conflitos entre indígenas e ajuntamentos de populações **remanescentes** de diferentes **etnias**.

Estudos antropológicos, arqueológicos e linguísticos indicam intensos processos de transformação, adaptação e mudança entre as populações indígenas, processos históricos dos quais temos apenas alguns vislumbres, já que as fontes para o estudo são raras ou inexistentes.

Uma história de resistência

Segundo a antropóloga luso-brasileira Manuela Carneiro da Cunha, à época da invasão dos portugueses ao território que viria a ser o Brasil, havia aqui algo entre 1 milhão e 8,5 milhões de indígenas. Acredita-se que até 95% dessa população tenha sido dizimada em um período de 150 anos por diversos motivos, entre os quais doenças transmitidas pelos europeus, confronto direto, guerras decorrentes dos deslocamentos provocados pela colonização e rigores do trabalho forçado.

Bridgeman Images/Fotoarena/Serviço Histórico de Defesa da Marinha, Vincennes, França.

Batalha entre tribos indígenas, de Theodore de Bry, 1564 (gravura colorizada, dimensões não informadas). Em razão da disputa por territórios nas Américas, os colonizadores europeus se aliaram a algumas etnias indígenas nas batalhas contra seus rivais, intensificando o morticínio de indígenas.

remanescentes: neste contexto, indivíduos que viram suas sociedades quase dizimadas. O termo também é utilizado para designar, por exemplo, os quilombolas, descendentes de africanos escravizados que se refugiaram em quilombos.

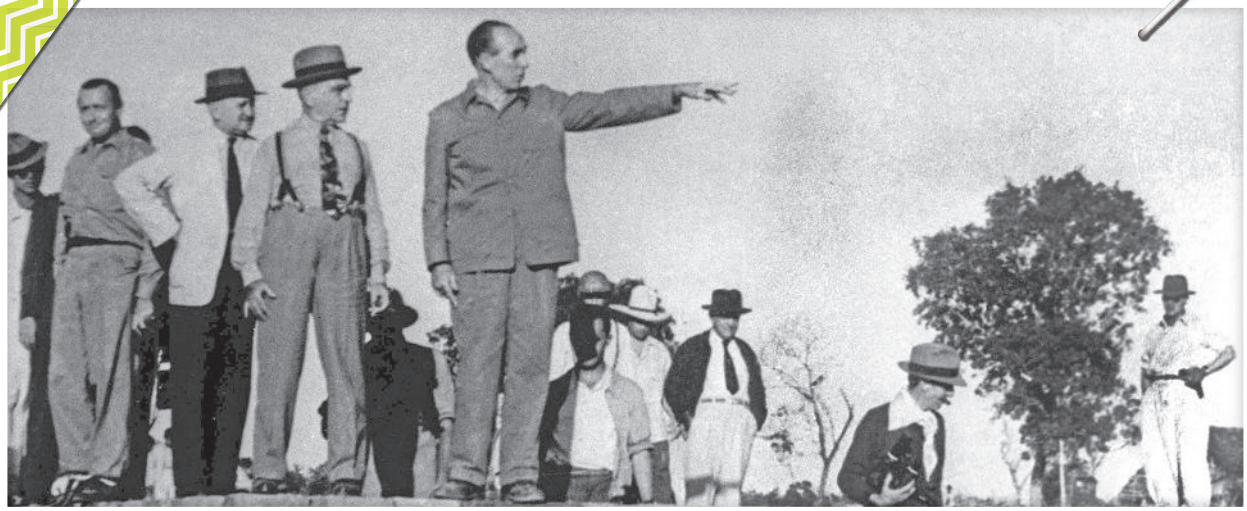
etnias: populações ou grupos sociais distintos de outros grupos por sua especificidade cultural e linguística e por compartilhar história e origem comuns.

Leticia Moreira/Folhapress

Manuela Carneiro da Cunha em 2009.

Manuela Carneiro da Cunha (1943-)

Antropóloga luso-brasileira, graduou-se em Matemática pura na *Faculté des Sciences* de Paris, em 1967. Lecionou na Unicamp e na USP, onde se aposentou.



Reprodução/Coleção particular

Ministro João Alberto Lins de Barros, presidente Getúlio Vargas e ministro Eurico Gaspar Dutra em Aragarças (GO), 1945. Lins de Barros aponta a direção oeste, para onde se expandia a ocupação do território brasileiro. Ao longo do século XX, as iniciativas de povoamento do interior do Brasil seguiram desconsiderando o modo de vida dos povos indígenas.

Gilberto Ribeiro dos Santos/Folhapress

Cláudio (à esquerda) e Orlando Villas Bôas no Parque Nacional do Xingu (MT), 1974. Nesta fotografia, os irmãos Villas Bôas estão no congresso de caciques por eles promovido, com a presença do general Ismarth de Araújo Oliveira, então presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Com o avanço da escravização de africanos, o foco mudou e interessavam mais as terras do que o trabalho dos indígenas. No século XX, após séculos de opressão, em 1910 foi criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). O Estado implantou uma política indigenista pela qual os indígenas eram vistos como empecilho ao progresso. Eles eram contatados para ser realocados e, no lugar de suas terras, eram construídas estradas e cidades. Ao mesmo tempo, grandes empreendimentos de **catequização**, como o dos religiosos salesianos no alto rio Negro, continuaram a se expandir, com base em **aldeamentos**, abandono de crenças tradicionais, estudo formal e catequese. Em 1967, o SPI foi substituído pela Fundação Nacional do Índio (Funai), que, em 2023, passou a se denominar Fundação Nacional dos Povos Indígenas.

catequização: instrução em uma doutrina religiosa, ensino de um conjunto de valores relativos a alguma religião.

aldeamentos: povoações de indígenas dirigidas por missionários ou por autoridades leigas. Em geral, indígenas de etnias diferentes eram agrupados nos aldeamentos.

Na segunda metade do século XX, consolidou-se um discurso militarista contra os indígenas, vistos como ameaça à segurança nacional. Entretanto, a Constituição de 1988 marcou uma virada na percepção do Estado a respeito dos indígenas: foram deixadas de lado as iniciativas de "civilizá-los" e formulados artigos que reconhecem o direito de suas populações à posse da terra e à conservação de seus costumes, de suas línguas, crenças e tradições. Hoje, segundo o **Instituto Socioambiental (ISA)**, há no Brasil cerca de 256 povos indígenas, falantes de mais de 150 línguas diferentes.

As organizações e reivindicações indígenas são pautadas no chamado direito originário, ou seja, derivado da sua presença ancestral no território que hoje chamamos de Brasil. No entanto, o cumprimento da legislação e a garantia de seus direitos e de melhores condições de vida ainda são desafios presentes em nosso tempo.

Instituto Socioambiental (ISA): organização sem fins lucrativos, fundada em 1994, dedicada a "defender bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos".

Podcast

Transcrição de áudio

Marcos Amend/Pulsar Imagens

Indígenas tukano e dessana da comunidade indígena Cipiá em Manaus (AM), 2019.

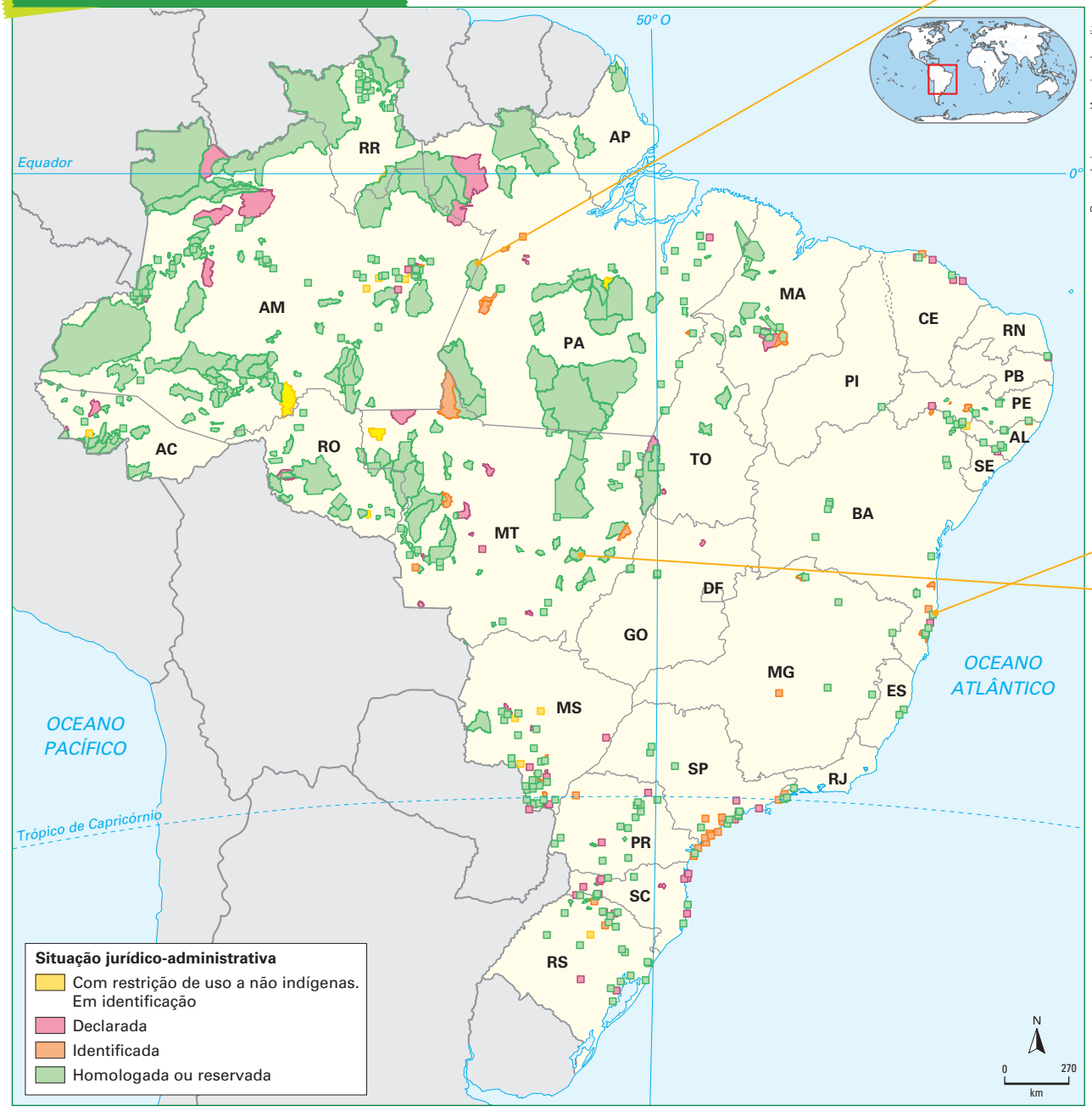
Andressa Anholete/Getty Images

Encontro de mulheres na III Marcha das Mulheres Indígenas promovida pela Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga), em Brasília (DF), 2023. No encontro, discutiram-se questões do meio ambiente, do garimpo ilegal, da violência de gênero e da acessibilidade indígena à saúde mental.

Terras indígenas no Brasil

Atualmente, no Brasil, existem mais de 266 etnias indígenas distribuídas em todo território nacional, com uma grande diversidade cultural. Observe no mapa a localização das terras indígenas no país e conheça mais sobre algumas etnias que as habitam.

Brasil: Terras indígenas – 2022



Banco de imagens/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Terras Indígenas*: Situação Jurídico Administrativa - junho 2022. Disponível em: https://tedit.net/boalef. Acesso em: 12 set. 2024.

Ricardo Oliveira/Pulsar Imagens

Crianças da etnia sateré-mawé da aldeia Nova Alegria, em Parintins (AM), 2024.

Amazonas e Pará

Terra Indígena Andirá-Marau

Municípios: AM: Barreirinha, Maués e Parintins; PA: Aveiro, Itaituba e Juruti.

Etnia: Sateré-Mawé.

Família linguística: Mawé.

Língua: Mawé.

População: 14 455 pessoas.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Indígenas da etnia pataxó após festa de casamento em Porto Seguro (BA), 2024.

Bahia

Terra indígena Barra Velha

Município: Porto Seguro.

Etnia: Pataxó.

Família linguística: Maxakali.

Língua: Patxohã.

População: 4 175 pessoas.

Fabio Colombini/Acervo do fotógrafo

Indígenas da etnia xavante durante a festa do Wapté, ritual do adolescente em Campinápolis (MT), 2021.

Mato Grosso

Terra Indígena Parabubure

Municípios: Campinápolis e Nova Xavantina.

Etnia: Xavante.

Família linguística: Jê.

Língua: Akwen.

População: 7 610 pessoas.

1. Qual é a situação jurídico-administrativa da maioria das terras indígenas no Brasil? O que isso indica?
2. Mesmo com alguns direitos garantidos pela Constituição brasileira, frequentemente os indígenas travam uma luta desigual pela demarcação e preservação de suas terras. Justifique o porquê de isso acontecer. Leia as respostas no Manual do Professor.

Galeria de atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Identifique qual é a relação entre o colonialismo e a teoria do evolucionismo social.
2. Justifique por que o conceito de progresso tecnológico foi tão importante para os cientistas sociais do século XIX.
3. Explique o que o evolucionismo social representou para a construção da história da humanidade.
4. Explique por que, segundo as teorias evolucionistas, seria importante a passagem de uma sociedade organizada pelo parentesco para uma sociedade baseada em propriedade privada e Estado.
5. Neste capítulo procuramos confrontar a noção evolucionista de que as sociedades indígenas seriam "primitivas", mostrando a complexidade de seus mitos e de sua arte. Com isso, podemos fazer críticas ao evolucionismo social. Cite ao menos uma crítica possível.
6. Observe a fotografia. Você já deve ter visto adesivos como esse em veículos. Consegue imaginar uma explicação para o sucesso deles? Pense no que eles dizem a respeito do que entendemos por família.
7. Você aprendeu que o preconceito étnico-racial é uma consequência do conceito de evolucionismo social. Com base na análise do cartum, estabeleça uma relação entre o conceito de evolucionismo social e o desenvolvimento de preconceitos étnico-raciais, relacionando a teoria e a realidade social.

AS photo family/Shutterstock

Adesivo em um automóvel. Fotografia não datada.

© Laerte/Acervo da cartunista

Cartum de Laerte, publicado no jornal *Folha de S.Paulo* em 2011.

8. Leia atentamente o artigo 231, parágrafo 1º, da Constituição federal de 1988 e realize as atividades propostas.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

[...]

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

[...]

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em:https://tedit.net/n0wr6x. Acesso em: 12 set. 2024.

a) Observe a fotografia e leia a tradução do canto sobre a origem dos gaviões, transmitido pelo xamã Armando Cherõpapa, do povo marubo. Em seguida, relacione a noção de tradição considerada pelo artigo 231 da Constituição federal a essa produção artístico-cultural.

Andre Dib/Pulsar Imagens

Gavião (*Harpia harpyja*) no Parque Nacional das Emas em Mineiros (GO), 2020.

koin rome owaki

menokovãini

naí koin shavaya

shavá avainita

ave noke pariki

yove mai matoke

koin mai matoke

shokoivoti

flor de tabaco-névoa

caindo e planando

à morada do céu-névoa

vai mesmo voando

assim sempre fomos

na colina terra-espírito

na colina da terra-névoa

há tempos moramos

CESARINO, Pedro. Poéticas indígenas. *Povos Indígenas no Brasil*. Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: https://tedit.net/rrsgp0. Acesso em: 12 set. 2024.

Leia as respostas no Manual do Professor.

b) Leia o texto jornalístico a seguir, que comenta o direito à posse e ao uso da terra pelos povos indígenas brasileiros.

[...]

A Constituição estabelece, no artigo 231, que os indígenas têm direito originário às terras que tradicionalmente ocupam, que são bens da União, com posse e usufruto exclusivo dos indígenas. Ainda, diz que as terras indígenas são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis. Este é o ponto central na questão jurídica em tela: a norma constitucional estabelece que nem o governo e nem os próprios indígenas podem alienar, ceder, transigir, renunciar ou fazer quaisquer outras disposições dessa

natureza com as terras indígenas. Ainda, a Convenção sobre os Povos Indígenas e Tribais de 1989 impõe aos governos a salvaguarda dos territórios integrais, observando as atividades tradicionais e de subsistência, considerando a utilização ampla, que deve incluir também os locais sagrados e não apenas a parte fisicamente visível da ocupação, a única considerada pelos preceitos ocidentais.

[...]

DALBERTO, Daniel Luis. As novas velhas ameaças sobre terras indígenas. *Nexo*. 2 jan. 2022. Disponível em: https://tedit.net/6rvcvt. Acesso em: 12 set. 2024.

Leia a resposta no Manual do Professor.

- Pesquise na internet os termos jurídicos utilizados no texto, como "bens da União", "usufruto", "inalienável" e "imprescritível". Em seguida, releia o texto e explique como ele relaciona as disposições da Constituição a pontos de vista propriamente indígenas sobre as terras.

Enem e vestibulares

1. (UFU-MG)

A humanidade cessa nas fronteiras da tribo, do grupo linguístico, às vezes mesmo da aldeia; a tal ponto, que um grande número de populações ditas primitivas se autodesigna com um nome que significa 'os homens' (ou às vezes – digamo-lo com mais discrição? – os 'bons', os 'excelentes', 'os completos'), implicando assim que as outras tribos, grupos ou aldeias não participam das virtudes ou mesmo da natureza humana, mas são, quando muito, compostos de 'maus', 'malvados', 'macacos da terra' ou de 'ovos de piolho'.

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História. *Antropologia Estrutural Dois*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1989: 334.

Nesse trecho, o antropólogo Claude Lévi-Strauss descreve a reação de estranhamento que é comum às sociedades humanas quando defrontadas com a diversidade cultural.

Tal reação pode ser definida como uma tendência: Resposta: a

a) Etnocêntrica

b) Iluminista

c) Relativista

d) Ideológica

2. (Uece)

O 'índio' é qualquer membro de uma comunidade indígena, reconhecido por esta como tal. E 'comunidade indígena' é toda comunidade fundada em relações de parentesco ou vizinhança entre seus membros, que mantém laços histórico-culturais com as organizações sociais indígenas pré-colombianas.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. "No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é". In: Povos Indígenas no Brasil, 20 de janeiro de 2016.

Seguindo esta definição do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, é correto concluir que, no Brasil, Resposta: b

a) as comunidades indígenas assim definidas foram praticamente dizimadas etnicamente e fisicamente no ferrenho processo colonial de formação do país.

b) as populações indígenas hoje diferem da sociedade não índia, por suas identificações culturais próprias e ligações com os povos originários do país.

c) os índios que ainda restam em nossa sociedade estão caminhando para extinção, uma vez que suas culturas são destruídas pela cultura moderna.

d) não podem ser caracterizados como indígenas aqueles que têm as mesmas necessidades da sociedade branca, como possuir trabalho remunerado e telefone celular.

CAPÍTULO 2

O conceito de cultura

Civilização × cultura

No final do século XIX, Franz Boas, antropólogo alemão radicado nos Estados Unidos, construiu uma crítica à ideia de civilização das teorias evolucionistas, que pensavam a humanidade em uma escala evolutiva.

Por trás da ideia de progresso havia uma ideia de civilização que estabelecia uma hierarquia. Essa ideia foi duramente criticada por Franz Boas, que foi o primeiro a empregar o termo "cultura" em seu sentido moderno, propriamente antropológico. Antes dele, cultura era sinônimo de "civilização" e um atributo dos povos considerados civilizados. Boas utilizou o conceito em uma perspectiva pluralista: fala em "culturas", e não em "cultura", ocasionando, portanto, uma grande transformação.

Pensando cultura no plural, sem escaloná-la em determinada ordem, é possível desconstruir as hierarquias presentes no pensamento colonial e racista em geral. Assim, cada cultura passa a brilhar com luz própria, em seus próprios termos. Esse brilho singular, a partir do trabalho de Franz Boas, é o que interessa à Antropologia desde o final do século XIX.

© Lux-in-Fine/Bridgeman Images/Fotoarena

Dançarinas javanesas na Exposição Universal de Paris, em Paris, França, 1889. Nessas exposições, as características das populações dominadas eram exibidas com exotismo ao público europeu.

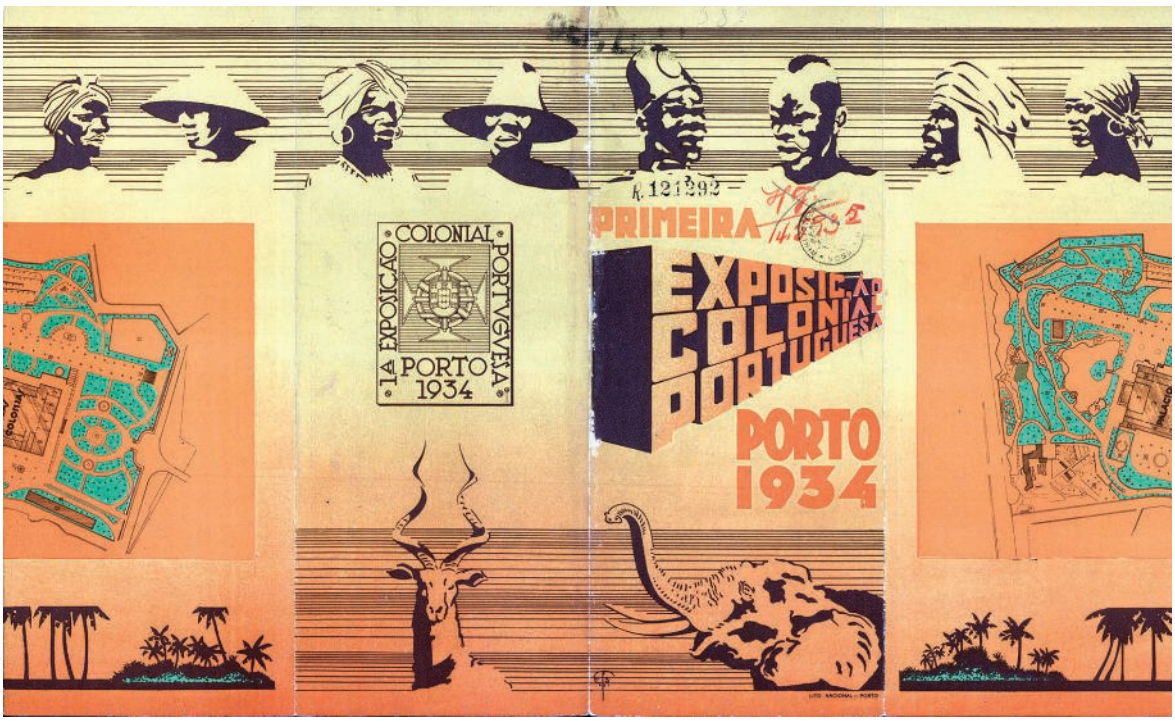
Para Boas, as diferentes populações têm diferentes culturas e é praticamente impossível estabelecer entre elas qualquer tipo de hierarquia. Ou seja, qualquer comparação para estabelecer uma hierarquia sempre adota algum critério, a partir de alguma população, o que torna qualquer comparação arbitrária e injusta.

Bettmann/Getty Images

Franz Boas em 1906.

Franz Boas (1858-1942)

Formado em Física e Geografia, participou, em 1883, de uma expedição ao Ártico, passando a se interessar pela população inuíte e pela Antropologia. Em 1899, começou a lcionar na Universidade de Columbia. Assumiu uma posição antirracista em um país profundamente marcado pela discriminação racial.



Reprodução/Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, Portugal.

Cartaz de divulgação da 1ª Exposição Colonial Portuguesa, realizada em Porto, Portugal, em 1934, em que pessoas eram expostas como exemplos da população dominada pelo Império Português.

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Pensar em hierarquizar as diferenças culturais é uma questão de poder. Os pressupostos da Antropologia contemporânea são a adoção de um conceito múltiplo de cultura e a oposição às hierarquizações entre povos. Com base nessa reflexão, descreva a diferença entre as ideias evolucionistas e a visão de Franz Boas sobre cultura.
2. Justifique por que a ótica evolucionista pode levar a uma avaliação discriminatória de alguns povos.

Cultura, etnocentrismo e relativismo

Franz Boas formou seu conceito de cultura com base em concepções filosóficas alemãs de *Kultur* (do alemão, cultura). Para ele, cultura era um todo integrado e formulado coletivamente, e não apenas um conjunto desagregado de práticas, hábitos, técnicas, relações e pensamentos.

Essa integração de múltiplos elementos a partir de um princípio compartilhado por todos os indivíduos criava a cultura. Boas desenvolveu o que mais tarde ficaria conhecido como relativismo cultural em Antropologia: uma posição segundo a qual cada cultura deve ser avaliada apenas em seus próprios termos.

Assim falou Franz Boas

> Não há a menor prova científica de que "raça" determine mentalidade, mas há provas contundentes de que a mentalidade é influenciada pela cultura tradicional. [...] A existência de qualquer raça pura com dotes especiais é um mito, como é a crença de que existem raças cujos membros são todos fadados a alguma inferioridade eterna.
>
> BOAS, Franz. *Race and Democratic Society.* New York: Biblo and Tannen, 1928. p. 15, 20. Tradução livre.

Relativismo cultural, portanto, é uma forma de encarar a diversidade sem impor normas e valores alheios. Podemos considerar o relativismo uma inversão do evolucionismo: se este escalona as diferenças com base em valores específicos das sociedades ocidentais, o relativismo cultural evita qualquer tipo de escala, analisando as diferenças de uma sociedade e tudo o que dela faz parte segundo seus termos e características próprios.

No detalhe

- A tirinha propõe uma reflexão sobre a maneira de pensar das populações indígenas em relação a uma sociedade que explora e destrói os recursos naturais em nome do desenvolvimento e progresso. Podemos afirmar que essa é uma perspectiva relativista? Justifique.

Não escreva no livro

Leia a resposta no Manual do Professor.

© Mauricio de Sousa/Mauricio de Sousa Editora Ltda.

Tirinha do personagem Papa-Capim, de Maurício de Sousa, 2010. Ela ironiza, do ponto de vista indígena, a noção ocidental de progresso: uma floresta derrubada é reflexo de ações voltadas para aquilo que os ocidentais chamam de progresso. Assim, a tirinha deixa evidente que essa noção de progresso não faz sentido para os indígenas e não parece adequada para julgar desenvolvimento humano e social.

Outra tendência inversa ao relativismo cultural é o etnocentrismo: julgar outras culturas segundo os próprios parâmetros culturais é etnocêntrico. O etnocentrismo é o mecanismo principal das classificações evolucionistas, enquanto o relativismo cultural é o motor de um pensamento não preconceituoso. O conceito antropológico de cultura deve considerar o relativismo cultural e a crítica ao etnocentrismo.

O relativismo foi uma revolução política no enfrentamento ao racismo e a outros tipos de preconceito, mas gerou um impasse político ao longo do século XX: se a premissa do relativismo é examinar qualquer cultura segundo seus próprios termos, é preciso aceitar tudo o que cada cultura produz ou provoca? O problema é que alguns costumes nos parecem inaceitáveis, como as mutilações genitais impostas às mulheres em alguns países islâmicos. Longos debates foram travados para superar esse impasse, levando a posicionamentos diversos e até mesmo à recusa do relativismo.

Saidu BAH/AFP

Marcha contra a mutilação genital feminina em Freetown, Serra Leoa, 2022. A marcha foi realizada no Dia Internacional da Mulher. Nos cartazes, está escrito, da esquerda para a direita, "acabar com a mutilação genital feminina"; "mutilação genital feminina, o choro de uma menina, manchas de sangue em uma lâmina enferrujada, uma história não contada"; e "estamos trabalhando dia e noite para acabar com a mutilação genital feminina".

Uma forma de tentar solucionar esse impasse é pensar em termos de poder dentro de cada cultura. Se determinado costume oprime parcelas de uma sociedade, e essas parcelas se sentem oprimidas, é justo criticar esse costume, desde que fundamentado nos próprios termos daquela cultura. O relativismo cultural não significa aceitar tudo o que uma cultura faz ou produz, e sim entender como e por que cada sociedade faz o que faz, quem é ou não favorecido por determinadas práticas e como diversos tipos de opressão podem surgir delas.

Stephane Mahe/Reuters/Fotoarena

Mulher muçulmana é contida pela polícia por usar o *niqab* em Nantes, França, 2011.

Um caso interessante é o das mulheres islâmicas na França. Algumas interpretações do islamismo exigem que as mulheres sempre usem uma espécie de véu, que deixa apenas os olhos à vista, chamado *niqab*. Entretanto, em 2010, o Estado francês aprovou leis que impedem mulheres de usar o *niqab* em público, com base na interpretação de que toda mulher que faz uso dessa vestimenta é submissa e, portanto, deveria se sentir livre de tal opressão. Essa é uma questão sensível e complexa, já que muitos imigrantes consideram que isso é um ato oficial de racismo do Estado.

Esse exemplo é importante para refletir sobre a problemática do relativismo: afinal, quais os limites para a utilização de símbolos religiosos para representar opressões ou situações sociais? O debate dessas questões expõe problemas essencialmente antropológicos, evidenciando que a percepção da diferença (religiosa, de gênero ou de outra natureza) é uma questão fundamental no mundo contemporâneo.

Na luta contra o etnocentrismo e o racismo, o conceito de cultura é um instrumento crucial, que ganhou importância desde que deixou de ser pensado como sinônimo de "civilização" e passou a ter significado em conjunto com o relativismo cultural. Mas o conceito de cultura vai muito além de uma simples defesa do relativismo cultural.

Márcia Foletto/Agência O Globo

15ª Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa no Rio de Janeiro (RJ), 2022.

Romy Arroyo Fernandez/NurPhoto/AFP

Manifestação contra o racismo em Amsterdã, Países Baixos, 2023. No cartaz está escrito "juntos contra o racismo e a discriminação".

Retome

Não escreva no livro

- Agora que você já compreendeu o que é o relativismo, pense em algum comportamento que lhe pareça estranho no seu cotidiano ou na comunidade em que você vive e compartilhe com os colegas. A Antropologia procura compreender esses comportamentos coletivos e dar sentido a eles, considerando o que significam para as pessoas que os praticam.

Leia a resposta no Manual do Professor.

Padrões culturais

Desde o século XIX, estudiosos começaram a perceber que diferentes culturas produziam realidades diferentes, que, por sua vez, originavam comportamentos e práticas que se repetiam no tempo e no espaço. Esses comportamentos e práticas regulares foram denominados padrões culturais.

No trabalho das antropólogas Margaret Mead e Ruth Benedict, o conceito de padrão cultural ganhou destaque. Elas observaram que, além de expressar comportamentos regulares identificados em um grupo social ou sociedade, os padrões culturais produziam indivíduos com inclinações semelhantes.

Assim, a relação entre as personalidades individuais e os padrões culturais era muito significativa, como se a cultura moldasse as personalidades individuais em tipos-padrão. Desse modo, cada cultura modelaria uma personalidade-padrão que, embora sujeita a variações, seria predominante sobre as demais. Ou seja, a força da cultura levaria à produção de um "modo de ser" característico de uma sociedade.

Bettmann/Getty Images

Ruth Benedict em 1900.

Ruth Benedict (1887-1948)

Nascida nos Estados Unidos, doutorou-se na Universidade de Columbia sob orientação de Franz Boas, em 1923. Seu trabalho teve grande influência na Antropologia estadunidense e mundial, e seu livro *O crisântemo e a espada* (1946) é considerado um dos clássicos da disciplina até hoje.

AP Photo/Imageplus

Margaret Mead em 1975.

Margaret Mead (1901-1978)

Nascida nos Estados Unidos, em 1929 doutorou-se na Universidade de Columbia, onde teve aulas com Franz Boas e Ruth Benedict. Desenvolveu trabalhos sobre as populações das ilhas Samoa, na Oceania, interessando-se especialmente por questões relacionadas às mulheres. Feminista, destacou-se na década de 1960. Lecionou na Universidade de Columbia, na New School e na Universidade Fordham, todas em Nova York, Estados Unidos.

Bettmann/Getty Images

Margaret Mead durante etnografia na ilha Manus, na atual Papua-Nova Guiné, em 1953.

De acordo com essas ideias, a vida de cada pessoa seria uma acomodação aos padrões culturais transmitidos de geração em geração. A questão é entender o papel do costume na vida do indivíduo, o que, segundo Mead e Benedict, vale tanto para as culturas ditas "primitivas" quanto para as culturas ocidentais. Ao afirmar que também as culturas consideradas "avançadas" são regidas por padrões culturais, as duas antropólogas desafiaram o pensamento comum da época. O que era considerado natural para a maior parte das pessoas, para as autoras, era fruto de costumes arbitrários. O fato de que a mulher, nos Estados Unidos, era em geral direcionada aos cuidados do lar seria, então, um costume cultural estadunidense de determinado período histórico, e não algo "natural".

Pictures from History/Universal Images Group/Getty Images

Pilotos camicazes japoneses em Chitose, Japão, 1944. Eles se dispunham a morrer em combate atirando seus aviões contra alvos inimigos. Antropólogos tentaram entender a disposição de sujeitos de uma mesma cultura a determinadas ações usando o conceito de padrão cultural. Ruth Benedict pesquisou a cultura japonesa durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na qual Estados Unidos e Japão estavam em lados opostos.

Assim falou Margaret Mead

O antropólogo [...] começava a compreender o enorme papel desempenhado na vida de um indivíduo pelo ambiente social em que cada um nasce e é criado. Um a um, aspectos do comportamento que havíamos nos acostumados a considerar complementos invariáveis da nossa humanidade revelaram-se meros resultados da civilização, presentes nos habitantes de um país, ausentes em outro, e isso sem mudança de raça. Ele aprendeu que nem raça nem humanidade comum podem ser consideradas responsáveis por muitas das formas que mesmo emoções humanas tão básicas quanto amor, medo e raiva assumem sob diferentes condições sociais.

MEAD, Margaret. Adolescência em Samoa. *In*: CASTRO, Celso (org.). *Cultura e personalidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p. 20. Texto original de 1928.

Esse movimento intelectual levou ao questionamento de noções que pareciam naturais aos estadunidenses. É o que chamamos hoje de desnaturalização: aquilo que parece natural e "normal" é apenas uma entre milhares de formas possíveis de viver em sociedade. O fato de determinadas práticas prevalecerem não é "natural" – nada mais é do que a força do costume. Essa ideia é muito importante para o pensamento antropológico, pois permitiu questionar muito do que parecia natural aos membros de culturas ocidentais.

Ruth Benedict e Margaret Mead tiveram grande influência no pensamento feminista, abrindo as portas para o questionamento daquilo que era interpretado como natural nas sociedades ocidentais: o papel da mulher exclusivamente como mãe e esposa devotada aos afazeres domésticos. Para elas, o papel de mãe era consequência do costume, não da natureza humana. E, sendo fruto do costume, as mulheres poderiam mudar, e a própria carreira acadêmica dessas antropólogas era um exemplo disso: mulheres que trabalhavam e tinham reconhecimento acadêmico em uma sociedade muito restritiva quanto aos papéis femininos.

NCJ - Topix/Mirrorpix/Getty Images

Mulheres do movimento feminista protestam em Londres, Inglaterra, 1971. O movimento reivindicava creches nos locais de trabalho, acesso a todos os tipos de trabalho, salário igual para funções iguais, liberação gratuita de métodos contraceptivos e direito ao aborto. No cartaz está escrito "mulheres se unem pela libertação das mulheres".

Retome Leia as respostas no Manual do Professor. Não escreva no livro

1. Descreva como você entendeu a ideia de padrões culturais.
2. Como você entendeu o conceito de desnaturalização? Pense em um exemplo para ilustrar sua resposta.

Mundo digital

Um roteiro para a vida

Interdisciplinaridade
com Língua Portuguesa

Você já deve ter ouvido falar que é o protagonista de sua vida, mas já sentiu que precisa seguir um "roteiro"? Será que os colegas já sentiram o mesmo? Se sim, os "roteiros" de vocês têm semelhanças?

Nos estudos deste capítulo, você aprendeu que nem tudo o que é considerado normal para a sociedade é natural a ela, mas é uma prática que prevalece em relação a outra. Com essa definição em mente, leia a tirinha.

Sucesores de Joaquín S. Lavado Tejón (QUINO), TODA MAFALDA/Fotoarena

Tirinha de Mafalda, do cartunista Quino, de 2014. Susanita (a garota com o boneco nas mãos) e Mafalda (a garota de laço no cabelo) conversam sobre o que querem fazer na vida.

Atividades

Não escreva no livro

1. Analise a interação entre Susanita e Mafalda. Por que Mafalda concluiu que a narrativa de Susanita é um fluxograma?
2. Pode-se confirmar que a reação de Mafalda se baseia em uma visão desnaturalizada da vida descrita por Susanita? Justifique.
3. Reúna-se com dois colegas e produzam um *podcast*, seguindo as instruções.
   - **a)** Elaborem um roteiro de perguntas sobre os padrões sociais e o que a sociedade atual espera dos "roteiros" de vida das pessoas da sua faixa etária.
   - **b)** Conversem com cinco colegas sobre esse tema. Com a autorização deles, gravem as conversas em áudio. Procurem manter o roteiro de perguntas elaborado previamente.
   - **c)** Editem os áudios mantendo a fidedignidade das falas.
   - **d)** Façam uma reflexão final sobre as pressões sociais e proponham alternativas a elas.

1. Porque Susanita narra todas as etapas do que espera para o futuro de sua vida como sequências de acontecimentos, uma após a outra e sem nenhuma intercorrência, seguindo a lógica empregada em um fluxograma.

2. Sim, pois, ao afirmar que a sequência de acontecimentos descrita por Susanita não se trata de uma vida, mas sim de um fluxograma, Mafalda questiona as noções "normais" sobre qual deve ser o fluxo da vida, alinhado à desnaturalização.

3. Leia as orientações no Manual do Professor.

O conceito de cultura no século XX

Ao longo do século XX, o conceito de cultura foi incorporado ao senso comum e ganhou espaço em discussões públicas, como as lutas por direitos. A ideia de cultura que prevalece hoje no senso comum deve muito ao pensamento de Franz Boas: um conjunto estável de hábitos, práticas, costumes, tecnologias, etc. No campo teórico da Antropologia, entretanto, esse conceito passou por inúmeras revisões. Um antropólogo, ao tratar de cultura, está considerando algo diferente daquilo que o senso comum imagina. Nas Ciências Sociais, os conceitos parecem ganhar vida própria e são empregados nas mais diversas situações, em perspectivas muito díspares.

O importante aqui é entender como a Antropologia prosseguiu na reflexão sobre a cultura iniciada pelos trabalhos de Boas e seus estudantes. Essa continuação ocorreu basicamente nos Estados Unidos, tendo havido algumas reviravoltas e até mesmo críticas severas ao conceito.

Novas concepções de cultura

Logo após a geração dos primeiros estudantes de Boas, no pós-Segunda Guerra Mundial, um movimento intelectual liderado por antropólogos como Marvin Harris e Julian Steward resgatou uma teoria da evolução que havia sido criticada por Boas. Essa teoria, entretanto, não seguia os termos dos evolucionistas do século XIX.

Shim Hamo/Alamy/Fotoarena

Julian Steward em c. 1940.

Julian Steward (1902-1972)

O antropólogo estadunidense desenvolveu uma perspectiva conhecida como "ecologia cultural", preocupada essencialmente com as formas de subsistência das culturas. Influenciou uma nova geração de antropólogos marxistas, entre eles, Marvin Harris. Foi editor da coleção *Handbook of South American Indians*, ainda hoje referência muito importante para a Antropologia sobre os indígenas da América do Sul.

Reprodução/Arquivo da Universidade Columbia, Nova York, EUA.

Marvin Harris em fotografia sem data.

Marvin Harris (1927-2001)

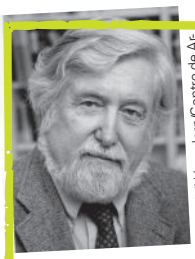
Antropólogo estadunidense e professor na Universidade de Columbia. Desenvolveu uma perspectiva que ficou conhecida como "materialismo cultural". Essa perspectiva consiste na aplicação do marxismo à Antropologia cultural para buscar explicações sobre a vida em sociedade, fundamentalmente comparativas.

Com base em uma **perspectiva marxista**, fundada na evolução dos sistemas econômicos (dos mais simples aos mais complexos), Harris e Steward repudiavam o conceito proposto por Boas. Para eles, o foco exagerado nas especificidades de cada cultura impedia uma reflexão mais abrangente sobre a humanidade.

Na década de 1960, uma nova geração de antropólogos introduziu outros significados ao conceito de cultura. Destacam-se nesse momento os trabalhos de David Schneider, Clifford Geertz e Marshall Sahlins, que criticaram o conceito de cultura como um todo integrado e estático. Em um contexto de mudanças profundas, as sociedades observadas pela Antropologia também passavam por transformações que um conceito estático de cultura não era capaz de explicar.

Para Schneider, Geertz e Sahlins, a cultura continuava a ser um todo integrado, mas era eminentemente dinâmica, sujeita a mudanças. Nessa interpretação, a cultura deixa de ser um conjunto de práticas observáveis e passa a configurar um conjunto de códigos simbólicos. A cultura não é o que as pessoas fazem, mas o que elas pensam: está presente em todos os indivíduos que vivem em comum, é compartilhada e transmitida como um código permeado pela linguagem e por vários conceitos que a linguagem traz consigo.

perspectiva marxista: a linha evolutiva traçada por essa perspectiva não estabelece superioridades culturais entre as sociedades, mas procura características evolutivas no desenvolvimento dos sistemas econômicos.

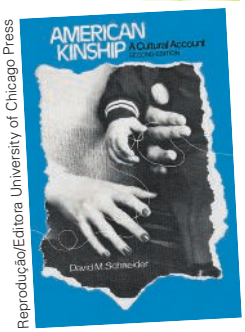


Randall Hagadorn/Centro de Arquivos Shelby White e Leon Levy/Instituto de Estudos Avançados de Princeton, Princeton, EUA.

Clifford Geertz em 1992.

Clifford Geertz (1926-2006)

É um dos antropólogos estadunidenses mais influentes do século XX, considerado um dos fundadores da Antropologia simbólica. Defendeu uma perspectiva cultural da Antropologia. Fez trabalhos de campo em Bali e no Marrocos.



Reprodução/Editora University of Chicago Press

Capa do livro *American Kinship: a cultural account*, de David M. Schneider.

David Murray Schneider (1918-1995)

O antropólogo estadunidense dedicou-se a pesquisas sobre parentesco de um ponto de vista culturalista. Suas pesquisas sobre o parentesco estadunidense produziram uma revolução nesse campo de estudos, exercendo grande influência no desenvolvimento da Antropologia das relações de gênero. Em 1968, lançou *American Kinship: a cultural account* (Parentesco americano: uma exposição cultural).

Assim falou David Schneider

Em termos gerais, portanto, o problema que me coloco é o de descrever e tratar a cultura como um sistema independente e de analisá-la em seus próprios termos, isto é, como um sistema coerente de símbolos e significados.

SCHNEIDER, David. *American Kinship:* a cultural account. Chicago: The University of Chicago Press, 1980. p. 8. Texto original de 1960. Tradução livre.

César Diniz/Pulsar Imagens

Indígenas xavantes fazendo registros audiovisuais com o auxílio de *smartphones* durante dança de escolhas de padrinhos por adolescentes na Terra Indígena Parabubure, em Campinápolis (MT), 2020.

Nesse contexto, quando os comportamentos mudavam, a impressão era a de que a cultura tinha se "perdido". Isso porque a expansão e o desenvolvimento do sistema econômico ocidental produziram grandes transformações entre sociedades antes isoladas. Tudo isso era considerado pelos antropólogos "perda" ou "aculturação" aos valores ocidentais, já que eles entendiam a cultura como a soma dos comportamentos observáveis. Quando a cultura passou a ser interpretada como um código mental, os comportamentos se tornaram consequência desse sistema, e podem mudar sem comprometê-lo. Resumindo, a cultura não se limita mais a uma série de comportamentos, mas constitui um sistema que organiza a experiência das pessoas na vida, ordenando até mesmo os processos de transformação.

Quando um costume muda ou uma prática nativa de outra cultura é adotada, isso acontece segundo uma lógica cultural. Pense em um conjunto de *rappers* brasileiros: embora produzam uma música que não é originalmente do Brasil, eles a utilizam para expressar suas ideias e uma crítica social que se refere ao seu cotidiano. Será que eles são menos brasileiros por se expressarem por meio do *rap*?

Van Campos/Fotoarena

Rapper paulistana Cris SNJ em São Paulo (SP), 2024. Na voz e nas letras de mulheres brasileiras, o *rap* – gênero musical de origem estadunidense e, a princípio, predominantemente masculino – ganha novas temáticas poéticas e influências musicais.

O conceito de cultura hoje em dia

Recentemente, o conceito de cultura tem recebido muitas críticas, algumas tão radicais que chegam a defender o fim de seu uso. Trata-se de um processo comum nas Ciências Sociais: os grandes conceitos passam por revisões, adaptações, críticas fulminantes e renascimentos repentinos.

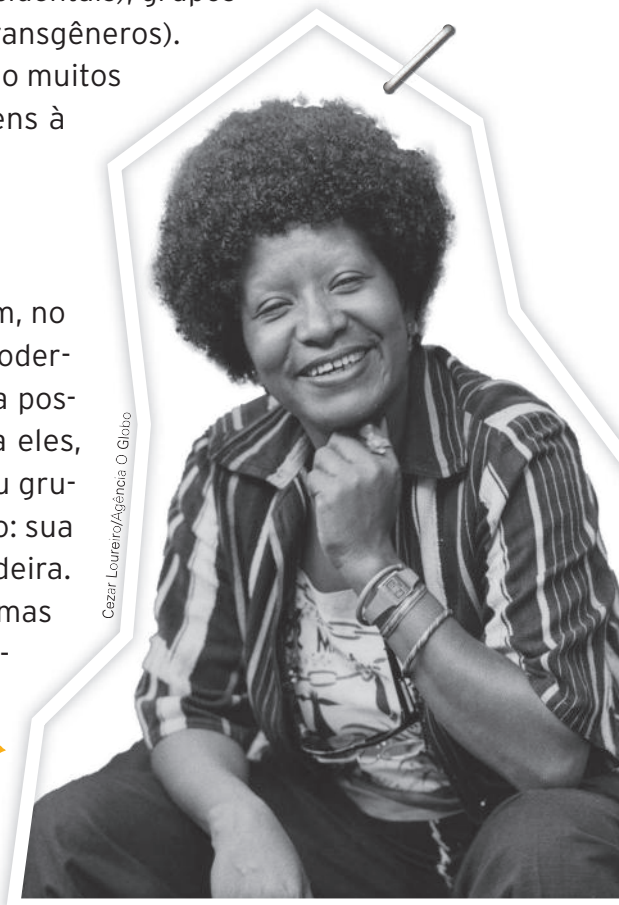
Embora no senso comum o conceito de cultura ainda esteja associado a ideias do começo do século XX, na Antropologia o conceito já viveu, morreu e renasceu. Estudaremos a seguir as principais críticas ao conceito e como ele permanece apesar dessas críticas.

É interessante notar que muitos intelectuais, ainda que prefiram não usar mais o termo "cultura", continuam precisando de um conceito para lidar com a diferença entre as sociedades e entre os grupos existentes dentro de uma mesma sociedade.

No entanto, na medida em que se evita o conceito de cultura, outros conceitos que descrevem mais ou menos a mesma coisa são cada vez mais usados. Exemplo disso é o conceito de "identidade", que guarda semelhanças significativas com o sentido mais contemporâneo de cultura. Trata-se de uma ferramenta teórica para pensar a diversidade, embora mais usada para se referir a grupos pertencentes a sociedades maiores, como grupos étnicos (imigrantes, por exemplo), grupos raciais (populações negras em países ocidentais), grupos de orientação sexual ou de gênero (homoafetivos ou transgêneros). O conceito de cultura tem a mesma função, mas, segundo muitos de seus críticos, tende a ser autoritário e impor imagens à revelia dos grupos que se propõe a descrever.

A crítica pós-modernista

As mais duras críticas ao conceito de cultura partiram, no final do século XX, de um movimento denominado Pós-Modernismo: um conjunto de autores que passou a duvidar da possibilidade de escrever sobre a cultura dos outros. Para eles, quando um antropólogo descrevia outras sociedades, ou grupos dentro de sociedades, ele exercia um poder absoluto: sua descrição passava a ser considerada totalmente verdadeira. Não se trata de um problema criado pelos antropólogos, mas eles acabam, segundo os pós-modernistas, dando continuidade a uma tradição do pensamento ocidental.



Cezar Loureiro/Agência O Globo

Antropóloga, filósofa e ativista brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994), no Rio de Janeiro (RJ), 1985. Ela pensou sobre a ideia de identidade entre as mulheres latino-americanas negras e descendentes de indígenas.

Trabalhando com

texto literário

Descrições do outro e seus impactos

Interdisciplinaridade
com Língua Portuguesa

O trecho a seguir faz parte do livro *Iracema*, romance de José de Alencar publicado pela primeira vez em 1865. Leia o texto prestando atenção na forma com que os personagens são descritos e, depois, responda às questões.

[...]

As tribos tabajaras, dalém Ibiapaba, falavam de uma nova raça de guerreiros, alvos como flores de borrasca, e vindos de remota plaga às margens do Mearim. O ancião pensou que fosse um guerreiro semelhante, aquele que pisava os campos nativos.

Tranquilo, esperou.

A virgem aponta para o estrangeiro e diz:

— Ele veio, pai.

— Veio bem. E Tupã que traz o hóspede à cabana de Araquém.

Assim dizendo, o Pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram ambos na cabana.

O mancebo sentou-se na rede principal, suspensa no centro da habitação.

Iracema acendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede: trouxe o resto da caça, a farinha-d'água, os frutos silvestres, os favos de mel, o vinho de caju e ananás.

Depois a virgem entrou com a igaçaba, que na fonte próxima enchera de água fresca para lavar o rosto e as mãos do estrangeiro.

Quando o guerreiro terminou a refeição, o velho Pajé apagou o cachimbo e falou:

— Vieste?

— Vim — respondeu o desconhecido.

— Bem-vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão.

— Pajé, eu te agradeço o agasalho que me deste. Logo que o sol nascer, deixarei tua cabana e teus campos aonde vim perdido; mas não devo deixá-los sem dizer-te quem é o guerreiro, que fizeste amigo.

— Foi a Tupã que o Pajé serviu: ele te trouxe, ele te levará. Araquém nada fez pelo seu hóspede; não pergunta donde vem e quando vai. Se queres dormir, desçam sobre ti os sonhos alegres; se queres falar, teu hóspede escuta.

[...]

ALENCAR, José de. *Iracema*. 37. ed. São Paulo: Ática, 2009. p. 25.

Atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Quais são os personagens envolvidos na narrativa desse texto e como eles são descritos?
2. Algumas das características do texto literário são a linguagem figurada, o foco nas emoções e a criatividade, com personagens e cenários fictícios ou baseados na realidade. Em sua opinião, essa narrativa está centrada na realidade?
3. Relacione o trecho do romance *Iracema* e a crítica pós-modernista em Antropologia.

Do ponto de vista dos críticos do conceito de cultura, o processo sempre se repete: a cada descrição, temos uma representação criada por quem descreve; aquele que é descrito, por sua vez, nunca tem sua própria voz ouvida. Por exemplo, é comum que nas escolas brasileiras a comemoração do Dia dos Povos Indígenas seja feita com base em ideias e imagens genéricas, que não se referem a uma etnia ou população específica; muitas vezes os indígenas brasileiros são ilustrados com vestimentas longas e um tipo de moradia que inexiste no território brasileiro, parecendo-se mais com representações de etnias encontradas na América do Norte.

Retomando a crítica dos antropólogos pós-modernistas do final do século XX, eles defendiam que as descrições feitas anteriormente pelos intelectuais eram autoritárias, pois não davam voz àqueles que eram descritos, sempre alguém falava por eles. E, para esses antropólogos, o conceito de cultura era o veículo dessa descrição autoritária.

Marcos Amend/Pulsar Imagens

Pinturas feitas por indígenas da etnia Yanomami da Aldeia Watoriki na parede de posto de saúde em Barcelos (AM). Fotografia de 2021.

Nesta atividade, os estudantes devem, além de analisar a fotografia e a linogravura, buscar fotografias de populações indígenas reais e contextualizadas, como forma de contrastar esse conhecimento com as representações tradicionalmente estereotipadas desses povos.

Denilson Baniwa/Acervo pessoal

Autorretrato, de Denilson Baniwa, 2019 (linogravura, 21 cm × 29,7 cm).

No detalhe

- Como são as representações das populações originárias do Brasil do ponto de vista delas? Para ajudá-lo a responder, procure informações e fotografias de povos indígenas brasileiros. Acesse o *site* do Instituto Socioambiental (ISA), disponível em: https://tedit.net/nzgztn. Acesso em: 8 ago. 2024.

Não escreva no livro

A charge evidencia a crítica que alguns intelectuais, desde o fim do século XX, fazem ao conceito de cultura: a de gerar descrições que, por sua vez, produzem estereótipos que passam a fazer parte do senso comum e prejudicam indivíduos ou grupos em situação vulnerável.

Embora as críticas citadas sejam pertinentes, muitos defensores do conceito de cultura alegam que elas se referem a imagens produzidas por um conceito de cultura estático (como o do começo do século XX) ou então indicam um mau uso do conceito, não levando em conta o dinamismo dos sistemas culturais. Para esses antropólogos, o conceito de cultura, quando bem compreendido e empregado, ainda é um poderoso instrumento de luta contra os estereótipos, pois procura justamente dar sentido a tudo aquilo que gera estranheza e preconceito.

© Octavio Novaes/ Acervo do cartunista

Charge de Novaes, 2012.

Assim falou Gayatri Chakravorty Spivak

O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de constituir o sujeito colonial como Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária Subjetividade.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010. p. 47. Texto original de 1988.

Sankhadeep Banerjee/NurPhoto/AFP

Gayatri Chakravorty Spivak em 2023.

Gayatri Chakravorty Spivak (1942-)

Intelectual indiana influente nos meios acadêmicos contemporâneos, especialmente por criticar a forma de representação estereotipada dos povos não ocidentais. Atualmente é professora na Universidade de Columbia, Estados Unidos.

Retome

Leia a resposta no Manual do Professor.

Não escreva no livro

Vivemos cercados por representações genéricas sobre os "outros". Um exemplo são as concepções estereotipadas que temos de outras pessoas apenas por morarem em lugares diferentes dos nossos. Algumas áreas da cidade, por exemplo, são automaticamente associadas à violência. Por outro lado, muitas vezes nós mesmos somos alvo dessas representações genéricas. A Antropologia busca entender e desnaturalizar essas representações.

- No seu cotidiano, você consegue identificar generalizações desse tipo e criticá-las?

Favoritos

Reprodução/New Line Cinema

A hora do show, EUA, 2000. Direção: Spike Lee (135 min). O filme trata da temática do racismo na representação das populações negras nos Estados Unidos. Propõe uma reflexão sobre as formas como as imagens estereotipadas têm um apelo comercial e acabam por reproduzir o preconceito.

Galeria de atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Justifique como a ideia de cultura a partir do trabalho de Franz Boas se contrapõe à de civilização.
2. Por que o relativismo cultural pode ser considerado o contrário do etnocentrismo?
3. Sintetize a concepção de cultura dos discípulos diretos de Franz Boas.
4. Qual foi a grande mudança ocorrida na percepção de cultura na segunda metade do século XX?
5. Por que o conceito de cultura tem sido criticado como produtor de estereótipos?
6. Leia trechos do poema "Mulata Exportação", de Elisa Lucinda.

"Mas que nega linda
E de olho verde ainda
Olho de veneno e açúcar!
Vem nega, vem ser minha desculpa
Vem que aqui dentro ainda te cabe
Vem ser meu álibi, minha bela conduta
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
[...]
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.
Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar."
Imaginem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.
Já preso esse ex-feitor, eu disse: "Seu delegado..."
E o delegado piscou.
Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena
com cela especial por ser esse branco intelectual...
[...]
Digo, repito e não minto:
Vamos passar essa verdade a limpo
porque não é dançando samba
que eu te redimo ou te acredito:
Vê se te afasta, não invista, não insista!
[...]

LUCINDA, Elisa. Mulata Exportação. *In:* LUCINDA, Elisa. *O semelhante*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 184-185.

Elisa Lucinda no Rio de Janeiro (RJ), em 2016. Nascida em 1958, é poeta, jornalista, escritora, cantora e atriz.

André Horta/Fotoarena

- Nos trechos do poema há dois discursos conflitantes. Identifique-os e relacione cada um deles a diferentes aspectos do debate sobre cultura e noções estereotipadas presente no capítulo.

Leia as respostas no Manual do Professor.

7. Faça uma reflexão sobre o conceito de cultura com base em algum desenho, jogo, música, fotografia ou filme que contenha representações do Brasil. O produto cultural escolhido contém estereótipos e preconceitos ou, ao contrário, busca trazer novos pontos de análise sobre algo? Que tipo de interpretação de mundo ele evidência? E você e o seu grupo social? Como vocês se reconhecem? Reflita sobre como o grupo social ao qual você pertence poderia ser enquadrado em descrições genéricas como estas: produtor de representações ou sujeito representado?

8. Leia a tirinha de Laerte, publicada em 2011.

Tirinha de Laerte, 2011.

- Analise essa tirinha contrapondo as concepções de uma cultura estática e uma cultura dinâmica. Quais são as consequências políticas dessa contraposição?

9. Leia o texto a seguir, sobre as mudanças recentes no modo como a sociedade brasileira percebe o *rap*.

> O grande sucesso e diversidade de público que este artista [Emicida] tem alcançado permite apreender uma tendência de legitimação do gênero [musical] e, especialmente, uma audiência que perpassa diferentes classes sociais. Se antes sinônimo de "mau gosto" e "violência", além de um importante sinalizador de classe social, o *rap* tem sido ouvido por uma parcela de jovens universitários de classe média e não se restringe a um nicho específico nas grades de programações da televisão aberta. Mas essa nova audiência, me parece, também se associa à inclusão nas universidades públicas brasileiras, nos últimos 17 anos, de negros, mulheres e filhos da classe trabalhadora. As lutas travadas no país para a implementação das cotas raciais nas universidades públicas permitem que as negras e os negros encontrem maiores possibilidades de intervenção em espaços onde foram historicamente impedidos de atuar. Somam-se a isso as implicações do desenvolvimento da tecnologia que contribuíram à criação de espaços alternativos de comunicação e difusão das suas ideias. Algumas das transformações observadas no cenário paulistano do *rap*, ainda que não apenas, se assentam neste contexto.
>
> SANTOS, Daniela Vieira dos. "Sonho brasileiro": Emicida e o novo lugar social do *rap*. *NAVA*, v. 7, n. 1-2, p. 266, ago. 2018/2019.

- Identifique qual é o contexto histórico que a autora aponta como possível responsável pela transformação no modo como a sociedade encara esse gênero musical.

Enem e vestibulares

1. (UFSC-SC)

Para o senso comum, o termo cultura muitas vezes assume o significado de educação. Nas ciências sociais, ao contrário, o conceito de cultura é utilizado para tratar de diferentes aspectos da inserção social do indivíduo em diferentes meios sociais. De acordo com esse conceito de cultura, é correto afirmar que: Resposta: 02, 08 e 16.

01) A sociologia e a antropologia estudam diferentes culturas a fim de estabelecer uma hierarquia entre elas.

02) O estudo de diferentes culturas foi impulsionado pelas grandes navegações do século XVI.

04) A antropologia é uma continuação do determinismo geográfico e do determinismo biológico.

08) O relativismo cultural é um modo de pensar que se contrapõe ao evolucionismo e ao etnocentrismo.

16) As práticas culturais não estão isentas de influências sociais e, portanto, alteram-se ao longo do tempo.

2. (UEM-PR)

Considerando as definições sociológicas para o conceito de cultura, assinale o que for correto. Resposta: 01, 02, 08 e 16.

01) A cultura está vinculada à vida humana, pois revela a capacidade do homem para simbolizar os objetos e conferir sentido a suas ações.

02) A cultura é definida por costumes, hábitos, valores e processos de transmissão de tradição, o que singulariza a existência humana.

04) Os comportamentos culturais socialmente aceitos são definidos a partir de escolhas individuais feitas em consonância com as normas e as regras estabelecidas por cada cultura.

08) As identidades culturais são dinâmicas e têm o poder de se autoinfluenciarem sem que exista total descaracterização dos patrimônios materiais e imateriais.

16) As diferenças culturais entre os povos só podem ser compreendidas a partir do momento em que aceitamos que os aspectos geográficos e biológicos não determinam exclusivamente os padrões de cultura.

3. (Unicentro-PR)

Leia o texto a seguir.

Como ser pensante, o resultado mais importante desta viagem, para mim, está no fortalecimento do meu ponto de vista de que a ideia de indivíduo "culturado" (culto) é simplesmente relativa: o valor de uma pessoa deve ser atribuído pela sua Herzenbildung (cultura do coração). Esta qualidade está presente ou ausente entre os esquimós tanto quanto entre nós.

(BOAS, Franz. Diário de viagem de Franz Boas. (23 dez. 1883). *In*: CASTRO, Celso (org.).*Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.)

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, o conceito expresso no texto. Alternativa **e**.

a) Cultura de Massa

b) Cultura Erudita

c) Cultura Popular

d) Etnocentrismo

e) Relativismo cultural

CAPÍTULO 3

Da estrutura à identidade

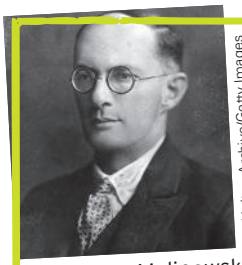
A perspectiva inglesa

Assim como o antropólogo alemão Franz Boas, cujas ideias estudamos no capítulo anterior, uma nova geração de pensadores passou a criticar as teorias evolucionistas. Os dois principais nomes foram Bronislaw Malinowski e Alfred Radcliffe-Brown. Em vez de recorrerem ao conceito de cultura como fez Boas, eles tomaram outro caminho: recorreram às noções de estrutura social e de função. Isso implicava a recusa da História como fator explicativo para as condições de cada sociedade. Segundo eles, para entender uma sociedade bastava analisar o presente e explicar seu funcionamento naquele momento. Assim, o que o antropólogo deveria entender seria aquilo que pode ser percebido no cotidiano daquela sociedade. A busca por compreender o modo de viver característico de cada sociedade revelaria suas estruturas sociais.

A estrutura de uma sociedade seria a relação entre as diversas partes que a compõem: a forma como as pessoas produzem e distribuem alimentos, as regras de parentesco, etc. Tudo isso poderia ser analisado pelo antropólogo para compreender aquela estrutura social.

Fototeca Gilardi/akg-images/Album/Fotoarena

Malinowski entre nativos das ilhas Trobriand, Nova Guiné, 1916.



Hulton Archive/Getty Images

Bronislaw Malinowski, c. 1940.

Bronislaw Malinowski (1884-1942)

Nascido na Polônia, estudou Ciências Exatas em seu país e na Alemanha e, depois, mudou-se para a Inglaterra, onde se naturalizou. Fez importantes contribuições com relação ao método etnográfico.

Malinowski foi pioneiro em desenvolver o método etnográfico, que se tornou fundamental para a Antropologia. A ideia era realizar um trabalho de campo, vivendo com e "como" os nativos por um período (geralmente, entre um e dois anos), para, a partir dessa experiência, produzir análises sobre as populações estudadas.

Função e estrutura social

Essa perspectiva pressupunha que as diversas partes de uma sociedade contribuíam para manter sua estrutura sempre funcionando, garantindo um equilíbrio constante. Para a sociedade existir, cada uma das partes desempenhava sua função na manutenção do equilíbrio. Para compreender essa ideia, podemos comparar a estrutura de uma sociedade com a do corpo humano, composto de inúmeras partes (os órgãos). Todas as partes precisam contribuir para a sobrevivência, tanto no caso da sociedade como no caso do corpo humano; se um órgão falha, o organismo todo pode morrer.

Os autores funcionalistas atribuíam uma função na sociedade a qualquer costume, prática, hábito ou ritual, por mais estranho que parecesse. Essa função estava atrelada à própria sobrevivência daquela população e se referia às necessidades básicas, como se alimentar e sobreviver às dificuldades impostas pelo ambiente. Malinowski acreditava que tudo o que uma sociedade produzia respondia às suas necessidades básicas, como, por exemplo, saciar a fome.

Bridgeman Images/Fotoarena/Museu Pitt Rivers, Oxford, Inglaterra.

Alfred Radcliff-Brown. Fotografia não datada.

Alfred Radcliffe-Brown (1881-1955)

Antropólogo inglês, estudou na Universidade de Cambridge (Inglaterra). Sua perspectiva sobre estrutura social, assim como sua teoria de parentesco baseada na ideia de descendência, prevaleceu na Antropologia inglesa por alguns anos.

Assim falou **Alfred Radcliffe-Brown**

Quando usamos o termo estrutura nos referimos a um tipo de arranjo ordenado de partes ou componentes. Uma composição musical tem uma estrutura, assim como uma frase. Um prédio tem uma estrutura, assim como uma molécula ou um animal. Os componentes ou unidades da estrutura social são pessoas, e uma pessoa é um ser humano considerado não como um organismo, mas como algo que ocupa uma posição numa estrutura social.

RADCLIFFE-BROWN, A. Structure and Function. *In: Primitive Society.* Glencoe: The Free Press, 1952. p. 9-10. Tradução livre.

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes compreendam que a noção de estrutura social se refere à organização de determinada sociedade. A escola, por exemplo, é uma instituição que tem uma estrutura composta de diretores, professores, cozinheiros, auxiliares de limpeza e outros profissionais que exercem funções essenciais para seu funcionamento.

Retome

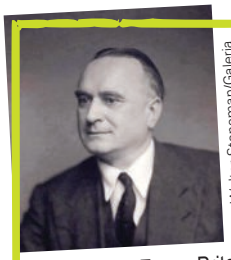
Não escreva no livro

- Descreva o que você entendeu sobre os conceitos de estrutura social e função.

As estruturas sociais

Outros autores deram menos atenção à ideia de função e mais destaque à de estrutura social. Edward Evan Evans-Pritchard, por exemplo, produziu um trabalho clássico sobre a população nuer, habitante de uma área que hoje se localiza no Sudão do Sul. Ele identificou como base da estrutura social dos nuer os processos de fissão e fusão, ou seja, de separação e união. Os nuer se dividiam em clãs que mantinham relações com outros clãs a partir de parentescos ancestrais. Esse parentesco ditava as regras de relação: uma guerra entre dois clãs próximos podia acontecer, mas, quando um desses clãs era ameaçado por outro distante, os dois clãs próximos se juntavam para guerrear contra o terceiro.

Os processos de fissão e fusão dos nuer pareciam ser uma estrutura móvel, pois às vezes esse povo se organizava de um jeito, às vezes de outro. Para explicar essas mudanças, Evans-Pritchard descreveu algo que chamou de princípio estrutural (justamente a fissão e a fusão) e, ao expor como esse princípio operava, ele descrevia a própria estrutura da sociedade nuer, que funcionava sem um poder central organizado.



Walter Stoneman/Galeria Nacional de Retratos, Londres, Inglaterra.

Edward Evan Evans-Pritchard em 1956.

Edward Evan Evans-Pritchard (1902-1973)

Antropólogo inglês, começou a carreira pesquisando os zande e depois os nuer. Lecionou no Cairo (Egito), em Cambridge e em Oxford (Inglaterra). Influenciado por Malinowski e Radcliffe-Brown, escreveu um dos maiores clássicos da Antropologia, a etnografia *Os nuer*, em 1940.

STEFANIE GLINSKI/AFP/Getty Images

Agencja Fotograficzna Caro/Alamy/Fotoarena

Na fotografia 1, mulher nuer em Bentiu, Sudão do Sul, em 2018. Ela traz no rosto as tradicionais escarificações. Na fotografia 2, mulher nuer em meio ao gado em Gambela, Etiópia, em 2019. O gado é um item de prestígio na região e motivo de conflitos.

O olhar dos franceses

Os principais representantes da antropologia francesa no século XX foram Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss. Marcel Mauss tinha uma preocupação semelhante à dos evolucionistas do século XIX: buscar explicações gerais para os fenômenos humanos, em perspectiva sempre comparativa. Essa também foi uma das preocupações centrais de Lévi-Strauss.

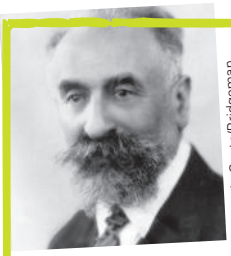
Apesar de buscarem explicações mais gerais e comparativas, eles não pressupunham uma escala evolutiva; construíram modelos de explicação que não consideravam a noção de progresso. Outra característica marcante do trabalho dos dois estudiosos foi a comparação sistemática.

Os estudos de Marcel Mauss

Em seu texto clássico *Ensaio sobre a dádiva* (1923), Mauss destaca que uma sociedade só pode existir a partir do momento em que grupos estabelecem alianças. Para ele, a necessidade de retribuir uma dádiva (algo que recebemos de alguém) leva a um sistema de trocas: matrimoniais, econômicas e simbólicas. Ou seja, a origem da sociedade estaria na troca como forma de estabelecer relações.

Hristo Vladev/NurPhoto/Getty Images

Celebração Koleduvane, parte das festividades da Koliada em Elin Pelin, Bulgária, 2021. Mauss reconhece em festejos como a Koliada, tradicional em países eslavos, a presença de elementos da dádiva: é uma obrigação social dar guloseimas e certos alimentos às crianças que vão de casa em casa.



Giancarlo Costa/Bridgeman Images/Fotoarena

Marcel Mauss. Fotografia não datada.

Marcel Mauss (1872-1950)

Nascido na França, formou-se em Filosofia. Estudou religiões comparadas. Seu trabalho sobre a reciprocidade, o intercâmbio e a origem antropológica da dádiva influenciou profundamente a Antropologia e a Sociologia.

Sistema de trocas

Essa reflexão deve muito às descrições de Franz Boas sobre as cerimônias do povo kwakiutl, no Canadá. Uma dessas cerimônias, o *potlatch*, era uma festa de homenagem a um anfitrião poderoso. Após um banquete, esse anfitrião renunciava aos bens que havia acumulado e os entregava a parentes, convidados e amigos. Esse esbanjamento de riquezas era uma demonstração de poder e criava em outros chefes a obrigação de retribuir à altura. Marcel Mauss também investigou os usos de categorias como as de pessoa, magia e sacrifício para chegar a conceitos adequados para compreender a sociedade.

Assim falou Marcel Mauss

Mas o motivo dessas dádivas e desses consumos exagerados, dessas perdas e destruições loucas de riquezas, não é de modo algum, sobretudo nas sociedades com *potlatch*, desinteressado. Entre chefes e vassalos, entre vassalos e servidores, é a hierarquia que se estabelece por essas dádivas. Dar é manifestar superioridade, é ser mais, mais elevado [...]; aceitar sem retribuir, ou sem retribuir mais, é subordinar-se, tornar-se cliente e servidor, ser pequeno, ficar mais abaixo.

MAUSS, Marcel. O ensaio sobre a dádiva. *In:* MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 305 (texto original de 1923).

Roy LANGSTAFF/Alamy/Fotoarena

Potlatch realizado por indígenas canadenses em Vancouver, Canadá, 2008.

Hulton Archive/Getty Images

Integrantes do povo haida com trajes tradicionais, durante cerimônia do *potlatch*, no Alasca, Estados Unidos, em 1901.

GAUTAM DEY/AFP/Getty Images

Jovens em casamento coletivo em Dhanbad, Índia, 2018. Para Lévi-Strauss, a ideia de aliança e manutenção do parentesco entre grupos é central nos matrimônios de alguns povos, como é o caso dos indianos. Na Índia, existe uma forte tradição de castas sociais, baseada em princípios religiosos. De modo geral, essa tradição divide a sociedade em quatro castas; há também pessoas sem casta, ou seja, párias sociais. Conforme essa tradição, pessoas de castas diferentes não podem se casar entre si ou com párias.

Estruturalismo

Claude Lévi-Strauss, por sua vez, formulou a teoria denominada estruturalismo. Ele propôs uma teoria da troca na constituição dos diversos sistemas de parentesco. Para definir essa teoria, imaginou um estado de natureza anterior à vida em sociedade, em que as pessoas não faziam trocas. Segundo ele, o que leva as pessoas a fazerem trocas é a proibição do **incesto**, considerando a premissa de que toda sociedade impõe alguma limitação aos casamentos.

incesto: união sexual entre parentes consanguíneos, afins ou adotivos, dentro dos graus em que a lei, a moral ou a religião proíbem ou condenam.

Em nossa sociedade, por exemplo, é proibido o casamento entre irmãos. E se uma parte das pessoas de um grupo não pode casar entre si, torna-se necessário buscar casamentos fora do grupo. Ou seja, torna-se necessário estabelecer algum tipo de troca entre grupos e até sociedades, para que as pessoas possam casar sem violar as leis de proibição do incesto.

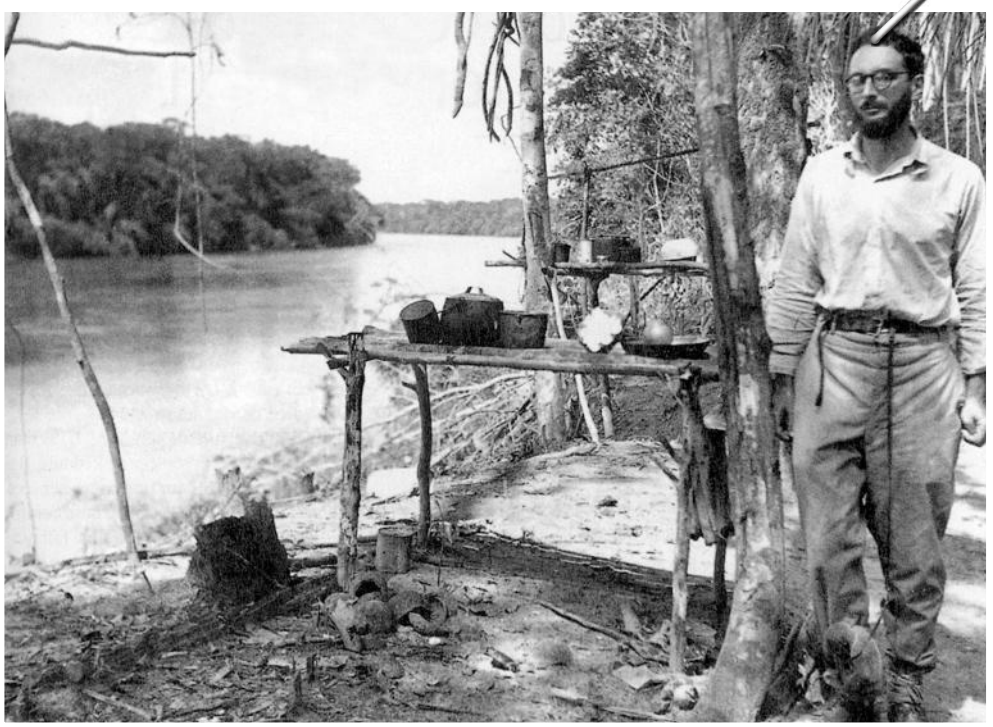
Lévi-Strauss também constatou que as sociedades tinham poucas variações de modelos de parentesco que se repetiam e que sociedades muito distantes geograficamente desenvolviam sistemas de parentesco semelhantes. Como não é possível estabelecer nenhuma conexão histórica entre essas sociedades, a única conclusão possível era que esses sistemas haviam sido criados autonomamente e, portanto, havia uma estrutura comum a toda a humanidade.

Os estudos de Claude Lévi-Strauss

A estrutura proposta por Lévi-Strauss não está relacionada à ideia de estrutura social dos ingleses; trata-se de uma estrutura evidente e universal, podendo ser deduzida de várias comparações entre sociedades. Para ele, existe algo comum no pensamento humano, que faz com que várias sociedades produzam coisas parecidas.

O antropólogo passou a vida tentando desvendar essa estrutura universal por meio de estudos sobre parentesco e mitologia indígena nas Américas. A estrutura lévi-straussiana opera em termos binários, constituindo oposições, como as que existem entre os termos alto e baixo, fora e dentro, cheio e vazio, etc. Para ele, essas oposições seriam o motor de qualquer pensamento humano.

Apic/Hulton Archive/Getty Images



Lévi-Strauss em uma de suas expedições de campo na Amazônia, provavelmente em 1936.

Assim falou Lévi-Strauss

O objetivo deste livro é mostrar de que modo categorias empíricas, como as de cru e de cozido, fresco e podre, molhado e queimado, etc., que a observação etnográfica basta para definir com precisão, sempre a partir do ponto de vista de uma cultura particular, podem servir como ferramentas conceituais para isolar noções abstratas e encadeá-las em proposições.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. São Paulo: Zahar, 2021. v. 1. *E-book* (texto original de 1964).

Retome

Não escreva no livro

- Estabeleça uma relação entre as antropologias de Mauss e Lévi-Strauss a partir da noção de troca.

Para os dois autores, a troca é fundamental para entender a sociedade: para Mauss, os processos de troca estabelecem sistemas de hierarquia e coordenam relações entre grupos e pessoas em uma sociedade; para Lévi-Strauss, é a própria troca que fundamenta a possibilidade da existência da vida social, já que os grupos humanos precisam trocar para se perpetuar no tempo.

Sociedades simples e sociedades complexas

Uma das principais características da Antropologia no século XX foi a crescente variação de objetos de interesse. Se a orientação inicial foi o estudo de sociedades pequenas e isoladas, aos poucos outras fontes de estudo foram encontradas, como as sociedades ditas "complexas".

A oposição entre "simples" e "complexas" foi aos poucos sendo empregada para distinguir as sociedades. Esses termos, porém, são problemáticos, pois todos os antropólogos correriam a afirmar que nenhuma sociedade é realmente simples e todas elas, a seu modo, são complexas. A oposição entre esses termos é mais evidente em outros aspectos: sociedades "complexas" seriam aquelas que combinam uma grande escala de tamanho, a presença do Estado, fortes diferenças culturais internas e ainda uma diferenciação social destacada entre as pessoas que as formam. Embora o termo "sociedade complexa" seja impreciso, por deixar subentendido que existem sociedades não complexas, a expressão ganhou espaço e marcou a história da Antropologia.

Ainda assim, os métodos e conceitos dedicados às sociedades "simples" levaram os antropólogos a buscar nas sociedades de grande escala fenômenos semelhantes aos observados nas sociedades menores. Essa escolha é ainda muito forte na Antropologia: estudar grupos marginais e discriminados no interior das sociedades complexas.

Daniel Cymbalista/Pulsar Imagens

Estátua da sambista negra Madrinha Eunice no bairro da Liberdade em São Paulo (SP), 2024. O bairro, hoje conhecido como um dos maiores redutos da colônia e cultura japonesa no Brasil, tem um passado de resistência negra simbolizado pela figura de Madrinha Eunice.

Como conceituar a diversidade?

O conceito de cultura, bem como os conceitos de estrutura social e de função, não explicava suficientemente bem novas realidades que surgiam diante das dinâmicas sociais. Isso porque esses conceitos pressupunham alguma estabilidade duradoura, o que não acontecia no interior das "sociedades complexas". As coisas mudavam!

Nas sociedades consideradas de grande escala, como a do Brasil, as diferenças internas são visíveis quando comparamos, por exemplo, as populações indígenas, quilombolas e campesinas com a população urbana. A princípio, para entender essa diversidade, os antropólogos só contavam com os instrumentos usados no estudo das sociedades pequenas. Assim, começaram a praticar Antropologia em sociedades complexas entre os grupos mais excluídos. Mas, mesmo nesses contextos, as ferramentas pensadas com base em uma noção de estabilidade não se mostraram muito eficazes. Então, novas ideias foram desenvolvidas. A partir da década de 1960, as noções de etnicidade e identidade passaram a ganhar importância.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Roda de jongo no Quilombo de Camorim, no Rio de Janeiro (RJ), em 2023. As comunidades quilombolas e suas expressões culturais despertam o interesse dos antropólogos brasileiros.

Retome

Não escreva no livro

- Observe as pessoas de seu convívio e identifique se há grupos que expressam essa diversidade. Descreva-os.

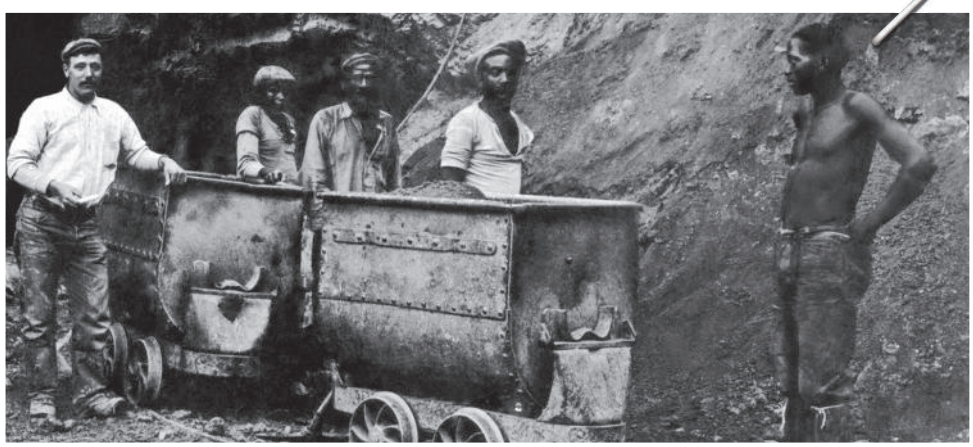
Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que o Brasil é um país que apresenta grande diversidade social. É possível reconhecê-la na escola, na cidade onde vive, nos meios de comunicação, em pesquisas. Caso seja necessário, auxilie os estudantes a perceber a diversidade que existe na comunidade onde está a escola: pode ser cultural, de classe, religiosa, de gênero, etc.

A escola de Manchester

O termo etnicidade passou a ser mais usado para pensar a diferença a partir da década de 1960. Nesse momento, as dinâmicas históricas desestabilizaram as percepções da Antropologia e desafiaram as noções de equilíbrio. Em um mundo em intensa transformação por conta do avanço do sistema capitalista era cada vez mais difícil pensar as sociedades em termos de estabilidade.

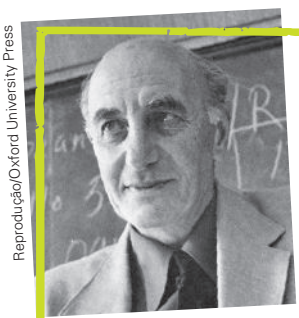
Na Inglaterra, uma nova geração de antropólogos comandada por Max Gluckman começava a analisar as relações entre as sociedades "simples" e os impérios coloniais. Conhecida como escola de Manchester, essa geração se dedicou a estudar as transformações relacionadas aos processos de descolonização e independência na África e na Ásia. Entre os estudiosos desse grupo, o conceito de etnicidade tornou-se central. Outro antropólogo que contribuiu para o desenvolvimento da noção de etnicidade foi o norueguês Fredrik Barth.

Underwood Archives/Getty Images



Trabalhadores em mina de diamantes em Kimberley, África do Sul, c. 1900. As transformações decorrentes do contato entre os povos africanos e as potências imperialistas europeias despertaram o interesse dos antropólogos da Escola de Manchester, como James Clyde Mitchell (1918-1995).

Reprodução/Oxford University Press



Max Gluckman. Fotografia não datada.

Max Gluckman (1911-1975)

Nascido na África do Sul, estudou no país de origem e depois na Universidade de Oxford (Inglaterra). Foi o primeiro professor de Antropologia da Universidade de Manchester (Inglaterra), onde formou um grupo com estudantes e futuros colegas que ficou conhecido como Escola de Manchester.

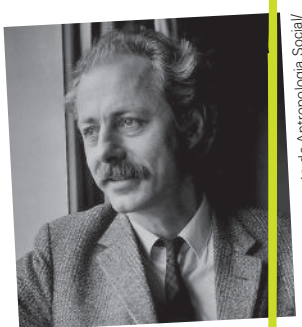
Ativista político e profundamente anticolonialista, praticou uma antropologia voltada a ideias como conflito e mudança.

Fredrik Barth (1928-2016)

Antropólogo norueguês formado nas universidades de Chicago (Estados Unidos) e Cambridge (Inglaterra), foi professor emérito na Universidade de Boston (Estados Unidos).

Em 1969, publicou *Ethnic Groups and Boundaries* (em português, Grupos étnicos e fronteiras), livro no qual formulou uma teoria de etnicidade que enfatiza as fronteiras entre grupos étnicos.

Departamento de Antropologia Social/ Universidade de Bergen, Noruega.



Fredrik Barth. Fotografia não datada.

O conceito de etnicidade

O conceito de etnicidade descreve um grupo que se autodefine e é definido por outros como diferente, que supõe algum tipo de identificação coletiva, como o compartilhamento de uma história comum. O grupo étnico não é definido por seu conteúdo cultural, mas sim em contraposição a outros grupos. Um grupo étnico só se define em relação a outro, e o conceito de etnicidade é sempre relacional. Não há etnicidade em um grupo isolado, pois o que constitui a etnicidade é justamente o contraste com outros grupos. Ao mesmo tempo, a etnicidade é um poderoso instrumento de mobilização política, utilizado para legitimar as lutas das minorias.

Em geral, quando falamos de minorias, estamos nos referindo a grupos de indivíduos que estão em situação de desvantagem e não têm os mesmos direitos e/ou as mesmas oportunidades em relação àqueles que consideramos maioria.

As lutas das minorias foram acompanhadas do uso dos termos etnicidade e identidade étnica. Esses grupos minorizados mostravam que o processo de aculturação, que alguns antropólogos haviam previsto, não ocorreu, enfatizando que a diferença continuava a existir nas sociedades.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reconheçam a importância de Martin Luther King para a luta pelos direitos sociais, civis e políticos da população negra dos Estados Unidos.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes pesquisem lideranças indígenas, negras, de seringueiros, etc., como o Cacique Raoni, Chico Mendes, Lélia Gonzales, entre outros.

No detalhe

1. Faça uma pesquisa sobre Martin Luther King e explique a importância dele para a luta da população negra nos Estados Unidos.
2. Pesquise um líder importante na luta pelos direitos das minorias no Brasil. Elabore um resumo de sua biografia e compartilhe com os colegas.

Não escreva no livro

AFP/Getty Images

Martin Luther King (1929-1968) discursando em Washington, Estados Unidos, 1963.

Retome

a) São grupos que estão em desvantagem e não têm os mesmos direitos e/ou as mesmas oportunidades que outros grupos por razões históricas, étnicas, políticas, econômicas, de gênero, de discriminação, etc.

Não escreva no livro

- No Brasil, por exemplo, podem ser chamados de minorias, entre vários grupos, as populações indígenas, os negros e os quilombolas, além dos imigrantes, entre eles, os bolivianos, os venezuelanos e os haitianos.

  a) Identifique o que caracteriza esses grupos como minorias.

  b) Você já presenciou alguma situação desses grupos na qual tenha ficado evidente a característica de minoria? Cite exemplos.

b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes citem questões como expulsão de indígenas de suas terras, violência, imigrantes em situação de pobreza e desemprego, dificuldade de adaptação, não aceitação de valores e crenças, menores salários para os negros, discriminação racial, etc.

Minorias étnicas

A ideia de minoria pode ser enganadora, pois nem sempre significa um número menor de pessoas: um grupo étnico pode ser mais numeroso em termos populacionais, mas estar em desvantagem em termos de poder e de participação na distribuição da riqueza.

Na África do Sul, até o fim do século XX, uma minoria branca dominava completamente os recursos do país, enquanto a maioria negra era excluída. Ou seja, o termo minoria, em números, também pode ser usado como referência aos grupos que concentram poder. Mas, nesses casos, aqueles que dominam constroem um sistema no qual se constituem como a normalidade. Dessa forma, os brancos são vistos como os "normais", e todos os excluídos são "étnicos". A ideia de etnia refere-se aos não dominantes, que não se pensam como distintos ou "fora" da cultura predominante.

Granger/Fotoarena

Manifestação em Atlanta, Estados Unidos, pelo fim da segregação étnico-racial em estabelecimentos comerciais, 1960. O segundo cartaz diz: "Uma casa dividida não para em pé".

Greg English/AP Photo/Imageplus

Placas indicando as entradas de banheiros na Cidade do Cabo, África do Sul, 1985.

a) Espera-se que os estudantes citem que a fotografia retrata a segregação racial por meio do exemplo de um banheiro destinado exclusivamente para pessoas brancas e outro exclusivamente para pessoas negras.

b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que grupos como as populações negras, indígenas, quilombolas, ciganos, LGBTQIAPN+ podem ser citados como resposta, pois todos vivenciam formas de preconceito, discriminação e segregação social no Brasil.

No detalhe

- Processos intensos de discriminação muitas vezes resultam em situações de intensa segregação social de grupos minoritários.

a) Identifique um exemplo de segregação social na fotografia.

b) Pensando a realidade social brasileira, discorra rapidamente sobre um grupo minoritário que tem uma história de segregação e discriminação.

Não escreva no livro

Trabalhando com

discurso

O sonho de Martin Luther King

Leia o trecho de um discurso feito pelo ativista estadunidense Martin Luther King Jr. e, em seguida, responda às questões.

Eu tenho um sonho

Estou feliz por me juntar a vocês no que vai entrar para a história como a maior manifestação pela liberdade na história da nossa nação.

Há cem anos, um grande americano, em cuja sombra simbólica nos encontramos hoje, assinou a Proclamação da Emancipação. Este importante decreto veio como um imenso farol luminoso de esperança para milhões de Negros escravizados que tinham sido queimados pelas chamas da injustiça fulminante. Veio como um feliz amanhecer que deu fim à longa noite de seu cativeiro. [...]

Cem anos depois, a vida do Negro ainda é terrivelmente prejudicada pelas algemas da segregação e pelas correntes da discriminação.

Cem anos depois, o Negro vive em uma ilha solitária de pobreza no centro de um vasto oceano de prosperidade material.

Cem anos depois, o Negro ainda sofre às margens da sociedade americana e se encontra num exílio em sua própria terra. E então nós viemos aqui hoje para expor uma condição vergonhosa. [...]

Nós nunca poderemos ficar satisfeitos enquanto o Negro for vítima dos horrores indescritíveis da violência policial.

Nós nunca poderemos ficar satisfeitos enquanto nossos corpos, pesados com o cansaço da viagem, não puderem receber hospitalidade nos hotéis de beira de estrada e nos hotéis das cidades. [...]

Eu não esqueci de que alguns de vocês vieram até aqui após passarem por grandes desafios e tribulações.

Alguns de vocês acabaram de sair de celas apertadas da prisão.

Alguns de vocês vieram de regiões onde sua busca pela liberdade os deixou feridos pelas tempestades da perseguição e abalados pelos ventos da violência policial. Vocês têm sido os veteranos do sofrimento criativo. [...]

KING JUNIOR, Martin Luther. *Eu tenho um sonho*. Tradução: Stephanie Borges. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2022. E-book p. 11-19;49-57.

Atividades Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Analise o discurso de Martin Luther King Jr. e compare a questão racial nos Estados Unidos com a do Brasil.
2. Ao ler o discurso, o que se nota sobre a questão étnico-racial e a violência policial? Você considera que isso ocorre ainda hoje? De que forma?
3. Pesquise e debata com a turma a importância dos movimentos contra a discriminação racial no Brasil.

É comum encontrar na mídia o termo "étnico" associado a conflitos de todo tipo. Em geral, a expressão "conflito étnico" descreve tensões entre populações no interior de Estados nacionais no mundo contemporâneo. Alguns intelectuais têm chamado esse fenômeno de "retribalização", mas, para o antropólogo norueguês Fredrik Barth, trata-se na realidade de processos políticos em que alguns líderes manipulam identidades étnicas com interesses específicos. Segundo Barth, a mobilização para o conflito não é uma expressão de sentimentos coletivos, mas sim resultado de ações políticas estratégicas de determinados indivíduos ou grupos políticos. Para esse autor, as tensões étnicas que têm potencial de gerar violência podem ser combatidas politicamente.

Isso significa que políticos movidos por interesses próprios podem se aproveitar das identidades étnicas para disseminar na população preconceitos e rancores, a fim de se legitimar. Podemos verificar essa dimensão da etnicidade no avanço dos partidos ultranacionalistas na Europa. Esses partidos incentivam o preconceito contra imigrantes (que pode ser considerado um preconceito étnico), responsabilizando-os pelas mazelas econômicas e sociais da Europa.

N-stock/Shutterstock

Memorial do Genocídio em Srebrenica, Bósnia, 2020. Local onde mais de 8 mil muçulmanos foram assassinados por soldados sérvio-bósnios e unidades paramilitares em julho de 1995. Milhares de pessoas foram mortas ou desapareceram na primeira metade dos anos 1990, com os conflitos entre o exército sérvio e as guerrilhas que defendiam a independência da Bósnia-Herzegovina, de população majoritariamente muçulmana. Estima-se que grande parte dos desaparecidos foi assassinada em ações de limpeza étnica e enterrada em valas comuns.

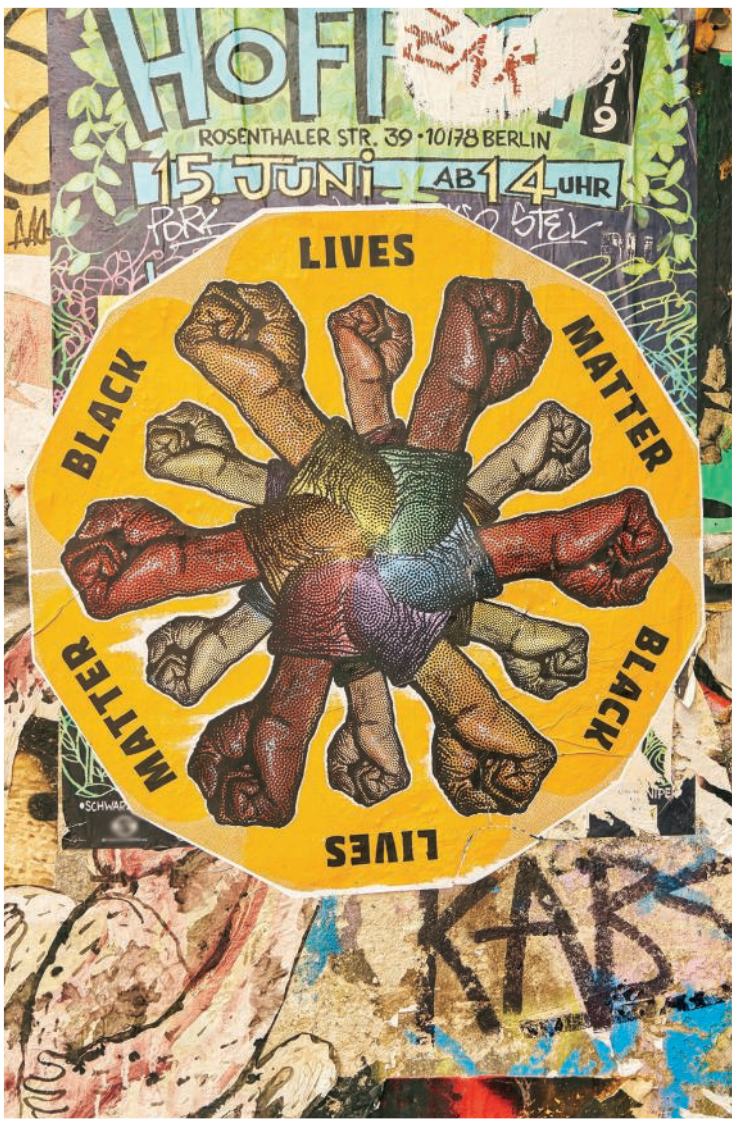
Aculturação e etnicidade

O conceito de etnicidade se contrapõe ao conceito de aculturação (ou assimilação), que foi um dos desenvolvimentos do conceito de cultura.

Os teóricos da aculturação previam que aquelas populações diferentes (como os imigrantes e os indígenas), lançadas no interior de uma sociedade nacional, lentamente deixariam de ser "diferentes" e passariam a fazer parte da sociedade nacional. Mas não foi isso o que aconteceu. Pelo contrário: ao se verem excluídos, os "diferentes" passaram a reivindicar o reconhecimento de seus direitos nas esferas políticas.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o crescimento do movimento negro levou a transformações sociais imensas. Essa ação política dos excluídos foi mais bem analisada da perspectiva de etnicidade que da de cultura. Como o conceito de cultura levava a imaginar uma única cultura nacional, as reivindicações de minorias não se encaixavam nas explicações. Foi preciso encontrar um conceito mais flexível, que desse conta de explicar a diferença dentro das sociedades nacionais de forma mais sensível. Esse conceito é "etnicidade".

Robert Kneschke/Alamy/Fotoarena



Mural em homenagem ao movimento Black Power em Berlim, Alemanha, 2020. Punhos fechados, gesto historicamente associado ao movimento Black Power desde os anos 1960, também são utilizados pelo movimento Black Lives Matter desde 2013. A ideia de etnicidade possibilita identificar a especificidade de grupos sociais discriminados por sua origem no interior de uma sociedade mais ampla.

Retome

Não escreva no livro

1. Explique a diferença entre os conceitos de cultura e etnicidade.
2. Relacione cada um desses conceitos à análise das transformações sociais.

1. Se o conceito de cultura é pensado para descrever uma sociedade, ele pressupõe (ao menos nas formas do conceito no começo do século passado) uma unidade daquilo que descreve. Já o conceito de etnicidade é um conceito que surge justamente a partir de contextos em que essa unidade não existe, e formas diferentes de organizar a vida convivem em um mesmo espaço social (um Estado-nação, por exemplo).

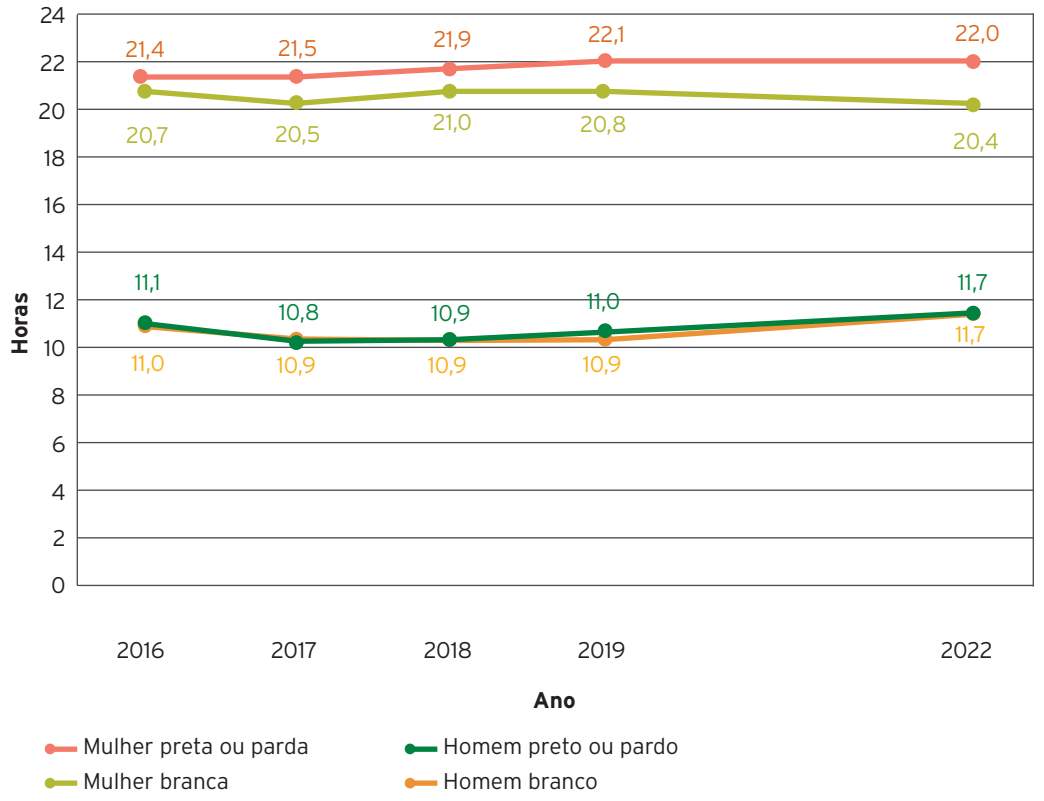
2. O conceito de cultura nessa perspectiva do início do século XX fundamentava-se em noções de equilíbrio e estabilidade e tinha dificuldades para pensar as transformações sociais. Já o conceito de etnicidade é pensado justamente para lidar com situações em que o encontro de formas diferentes de vida produz transformações sociais.

Interdisciplinaridade
com Matemática

Desigualdades no trabalho doméstico

As desigualdades que caracterizam a sociedade e o trabalho doméstico no Brasil são resultado de uma série de fatores históricos, econômicos e sociais. Ao analisarmos os dados a seguir, percebemos as nuances desse processo excludente da camada social determinada pela cor e pelo sexo.

Brasil: média de horas semanais dedicada aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos por sexo, cor ou raça – 2016-2019 e 2022



R2 editorial/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em CABRAL, U. Mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza. *Agência de Notícias. IBGE*, 8 mar. 2024. Disponível em: https://tedit.net/mno0k1. Acesso em: 16 set. 2024.

2. O trabalho da mulher negra é superior ao da mulher branca durante todo o período analisado. Nota-se que a diferença em número de horas de trabalho entre mulheres negras e brancas está lentamente aumentando no período destacado, indicando que as diferenças de raça continuam a aumentar a desigualdade no Brasil.

Atividades

Não escreva no livro

1. A percentagem de mulheres dedicadas aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos é superior à dos homens em todo o período analisado.

1. O que é possível notar sobre a relação de afazeres domésticos entre homens e mulheres?
2. Que relação há entre os dados apresentados no gráfico referentes às mulheres brancas e pretas?

O conceito de identidade

Outro conceito muito utilizado para pensar a diferença é o de identidade. A partir da década de 1970, o termo "identidade" ganhou uma conotação relacionada à intensa fragmentação social produzida pelo avanço do capitalismo e suas consequências. Como exemplo dessa fragmentação, podemos citar a emergência de diversos movimentos políticos ligados a questões étnico-raciais e étnicas; a presença de religiões transnacionais; os movimentos políticos baseados em orientação sexual e identidade de gênero; entre outros fenômenos.

Essa realidade fragmentada exigia um novo conceito para pensar a diferença além dos conceitos de cultura e etnicidade. Se etnicidade se referia a algum tipo de ancestralidade comum (imigrantes, populações negras, indígenas, etc.), era uma ideia que não dava conta de muitas outras diferenças: entre um ultrarreligioso negro e um ativista negro por direitos homoafetivos, a diferença pode ser tão grande quanto aquela entre um grupo indígena e uma sociedade nacional. Como pensar essa diferença não atrelada necessariamente a uma ancestralidade comum?

Cris Faga/NurPhoto/Getty Images

Manifestação por proteção aos direitos civis e políticos da população LGBTQIAPN+ em São Paulo (SP), 2023. A identidade de gênero tornou-se um fator de agregação de pessoas com pautas em comum também em movimentos sociais. A construção de identidades envolve também a criação de símbolos, como a bandeira azul, rosa e branca, que representa a população trans.

Prática social e identidade

A alternativa para pensar essa nova realidade complexa e fragmentada foi o conceito de identidade. Ao contrário de outras ideias usadas para pensar a diferença, identidade não pressupõe uma ancestralidade comum; a prática social (a experiência de vida) é suficiente para produzir identidades entre grupos de pessoas. A identidade deve ser sempre vista como transitória, nunca pronta ou acabada. É um processo em construção, modelado pela ação das pessoas com características em comum. Os sujeitos podem, inclusive, modelar sua identidade pessoal com base em várias identidades, combinando e compartilhando diferentes experiências identitárias.

Patricio Murphy/ZUMA Press/Alamy/Fotoarena

Judith Butler, em 2015.

Judith Butler (1956 -)

Nascida nos Estados Unidos, formou-se em Filosofia na Universidade de Yale e atualmente trabalha na Universidade da Califórnia. É uma das principais autoras que estudam o gênero como uma construção social. Recentemente, analisou como o questionamento às diferentes identidades passou a ser usado pelos discursos conservadores, para ampliar preconceitos em todo o mundo.

Rogério Reis/Pulsar Imagens

Manifestantes protestam em Barreirinhas (MA) por justiça no caso do assassinato do refugiado congolês Moise Kabagambe, 2022. Moise foi assassinado por espancamento no Rio de Janeiro (RJ) no ano da fotografia. O jovem tinha 24 anos de idade e vivia no Brasil com a família como refugiado político desde 2014. A morte do congolês gerou uma onda de manifestações antirracistas em todo o Brasil.

O conceito de identidade também levou a um tipo de análise que enfoca mais atentamente o sujeito e suas escolhas, como se a identidade fosse uma espécie de lugar que cada pessoa pode ocupar livremente.

Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1992 Watterson/Dist. by Andrews McMeel Syndication

Nessa tirinha de Calvin, publicada em 1992, Bill Watterson (o criador do personagem) relaciona, ironicamente, consumo e identidade.

Muitos grupos se definem pelo consumo de determinadas mercadorias, criando uma associação entre o conceito de identidade e o mercado de consumo. Se na esfera do senso comum cada vez mais a identidade assume a feição de personalidade individual moldada por estilos de consumo, nas Ciências Sociais a "vida em comum" continua a ser muito relevante. Para autores como Stuart Hall, a identidade contém tanto aquilo que escolhemos como aquilo que não escolhemos. Aquela parte da vida social que não controlamos é fundamental na formação da identidade: assim, a exclusão racial, a discriminação sexual, a intolerância religiosa, por exemplo, podem moldar a identidade das pessoas. As identidades comportam tanto nossas heranças culturais como novas formas de pensar o mundo, apresentadas pelas novas tecnologias de comunicação.

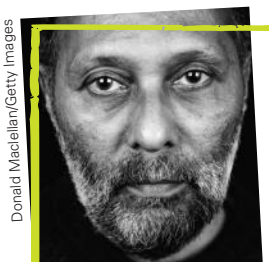
No detalhe

- Explique como essa tirinha faz uma crítica à relação entre identidade e consumo.

Não escreva no livro

Os personagens da tirinha deixam claro que os bens de consumo (como as roupas) se relacionam com o que as pessoas são, como estilos de vestimenta para diferentes grupos sociais. No entanto, no capitalismo, esses estilos são dominados pelas marcas e pela divulgação de suas representações. Assim, pagamos para divulgar marcas, que passam a ser elementos de identidades coletivas. Isso é a forma do capitalismo adentrar e lucrar com as formas de identificação coletiva.

Donald Maclellan/Getty Images



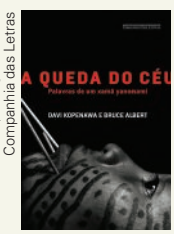
Stuart Hall em 1996.

Stuart Hall (1932-2014)

Sociólogo jamaicano, formou-se na Universidade de Cambridge e trabalhou na Universidade de Birmingham, ambas na Inglaterra. Escreveu sobre o preconceito na mídia e sobre identidades negras na Inglaterra, sendo um dos principais autores identificados com os estudos pós-coloniais.

Favoritos

Reprodução/Editora Companhia das Letras



A queda do céu. Davi Kopenawa e Bruce Albert. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Nesse livro, o xamã yanomami Davi Kopenawa apresenta uma visão sobre o mundo dos brancos e os resultados devastadores do capitalismo para a vida das populações indígenas.

Galeria de atividades

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Como os conceitos de estrutura social e de função, em Radcliffe-Brown e Malinowski, se relacionam com a noção de equilíbrio, estabilidade?
2. Há diferença entre o conceito de estrutura dos autores ingleses e o de Lévi-Strauss? Justifique sua resposta.
3. Descreva as mudanças ocorridas na Antropologia e em seus métodos a partir do pós-guerra.
4. Explique o que você entendeu por etnicidade.
5. Explique o que você entendeu por identidade.
6. Com base na fotografia, produza uma reflexão sobre etnicidade na sociedade brasileira.

Reprodução/Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Ama de leite segura bebê para a fotografia em Salvador (BA), em 1880.

7. O *haicai* ou *haiku* é uma forma de poesia surgida no século XVI, no Japão, e ainda hoje em voga. É composto de três versos, com cinco, sete e cinco sílabas poéticas, e em geral tem como tema a natureza ou as estações do ano.

Considere estes *haicais* de Kiyoko Harada, que nasceu no Japão e se estabeleceu em Tomé-Açu (PA), no Brasil.

Maracujá verde
A esperança que nos resta...
Ainda há amanhã.

O neto em português,
A avó em japonês;
A festa dos imigrantes.

Terra grandiosa:
Eis a herança aos filhos;
A festa dos imigrantes.

No Amazonas envelhecida;
Sem o mínimo remorso
Pelo dia da Imigração, agradecida.

Plantada, já enfim;
A terra infernal,
A festa da imigração, agora sim.

Não se acostuma
O velho imigrante
Com o verde da garapa.

HARADA, Kiyoko. *Bola de espinhos*: antologia de *haiku*. Tradução de Yozaburo Bando. Maringá: [*s.n.*], 1996.

Rogério Reis/Pulsar Imagens

Escola de língua japonesa da Associação Cultural de Tomé-Açu (ACTA), em Tomé-Açu (PA), 2009. A escola é uma herança da imigração japonesa da década de 1930.

- Os *haicais* estabelecem contrastes entre a experiência de imigrante e o meio ambiente, e entre o Brasil e o Japão. Como poderíamos analisá-los com base na ideia de etnicidade?

Enem e vestibulares

1. (UEM-PR)

Um conceito importante nos estudos sociológicos sobre preconceito, discriminação e exclusão social é o de minoria. Acerca desse conceito, assinale o que for correto.

(01) A definição de minoria em Sociologia vincula-se, sobretudo, a uma condição política, social e econômica de desvantagem.

(02) As práticas discriminatórias, por vezes, são aplicadas por uma minoria numérica de pessoas que detém o poder político e econômico diante de outros grupos privados desse poder.

(04) Essa definição atende a critérios estatísticos que se referem a uma amostragem válida e representativa numericamente.

(08) Um grupo etnicamente dominante em um território não pode ser considerado uma minoria política, uma vez que o poder político se origina do número absoluto de pessoas que habitam um determinado espaço.

(16) Uma minoria numérica de pessoas detentora de poder econômico e cultural pode estigmatizar e estereotipar uma maioria de pessoas desprovida de tal poder. Resposta: 01; 02; 16.

2. (Enem)

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas — desalojadas — de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente". Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Do ponto de vista conceitual, a transformação identitária descrita resulta na constituição de um sujeito Resposta: **d**

a) altruísta.

b) dependente.

c) nacionalista.

d) multifacetado.

e) territorializado.

Debate plural

Cotas étnico-raciais – uma ação afirmativa

As ações afirmativas são políticas sociais que têm o objetivo de combater discriminações étnicas, religiosas, de gênero, raciais, de classe ou de casta em favor de grupos vitimados por exclusão socioeconômica no passado e no presente para superar as desigualdades. Entre essas ações, que visam aumentar a participação desses grupos no processo político e social, está o sistema de cotas étnico-raciais para acesso às universidades públicas no Brasil.

As cotas étnico-raciais são eficazes para a redução da desigualdade entre brancos e negros nas universidades públicas?

Leia os trechos dos textos a seguir.

Texto 1

[...] No Brasil o debate sobre cotas raciais está pacificado desde a histórica decisão unânime do Supremo Tribunal Federal de abril de 2012, de rechaçar ação que contestava sua constitucionalidade. No entendimento dos ministros, tal política propiciava "um ambiente acadêmico plural e diversificado, e tinha por objetivo superar distorções sociais historicamente consolidadas".

No ano seguinte o Congresso Nacional, após 13 anos de debates, aprovou a lei das cotas sociais, possibilitando sua disseminação pelo sistema público do ensino superior. Dez anos depois da aprovação da lei, já há evidências científicas sobre os benefícios dessas ações afirmativas. Havia o temor, por parte de quem se opunha à sua adoção, de que a inclusão de pretos, pobres e pardos derrubaria o nível acadêmico.

A previsão catastrofista não se confirmou. Pesquisa pioneira da UNESP com todos os ingressantes entre 2014 e 2018 não viu diferença significativa de desempenho entre cotistas e não cotistas. As cotas raciais mudaram a cara das universidades públicas, deixando-a mais parecida com a dos brasileiros. Segundo dados do IBGE de 2020, 50,3% dos estudantes brasileiros se declararam pretos ou pardos. E as mulheres negras se tornaram o maior grupo nas universidades públicas.

A partir de dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), os pesquisadores Ana Luiza Matos de Oliveira, professora da Flacso, e Arthur Welle, doutorando da Unicamp, apontam que as mulheres negras representavam 27% dos estudantes do ensino superior público em 2019 (edição mais recente da pesquisa). Esse resultado é um avanço significativo se comparado ao início dos anos 2000, quando as mulheres negras somavam apenas 19% do total de universitários dessas instituições, ficando bem atrás das mulheres (38%) e dos homens brancos (30%), e ficando à frente somente dos homens negros (13%), que, ainda hoje, são a minoria (23%). [...]

HUBERT, Alquéres. Cotas raciais, retrocesso à vista. *Metrópoles*, 12 jul. 2023. Disponível em: https://tedit.net/m2nrbo. Acesso em: 20 ago. 2024.

Texto 2

[...] Ainda no campo das análises quantitativas, um dado interessante tem sido revelado pelo Índice Folha de Equilíbrio Racial (Ifer), uma ferramenta criada pelos economistas Michael França, Sergio Firpo e Alysson Portella, do Insper, para o jornal *Folha de S.Paulo*, com o objetivo de medir a exclusão que pretos e pardos sofrem em estratos privilegiados, como a fatia da população com diploma universitário. A metodologia do indicador se baseia em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (PNAD). O índice é um número que pode oscilar entre -1 e 1, em que zero equivale a um cenário no qual a presença de brancos e negros reflete exatamente seu peso em determinada população e resultados negativos indicam que os negros estão sub-representados.

Segundo o Ifer, o Brasil reduziu o desequilíbrio entre brancos e negros com ensino superior completo nas duas primeiras décadas deste século em 36%. A queda no Sudeste foi de 29%. Nesta região, a mais desigual e a que progrediu menos, os pretos e pardos de 30 anos ou mais com ensino superior completo somam 23 de cada 100 habitantes dessa faixa etária. O equilíbrio seria atingido com a proporção de 43 a cada 100.

Ou seja, ainda há muito a ser feito. Além de ignorar os séculos de escravização que constituem um marco e uma chaga da história brasileira, os apressados pelo fim da política de cotas também fecham os olhos para os dados das últimas décadas. Se a régua é a proporcionalidade, está evidente que a tarefa ainda não foi concluída.

MUNIZ, Ricardo. Estudos mostram efeitos benéficos de sistema de cotas raciais sobre a universidade pública brasileira. *Jornal da Unesp*, 26 jan. 2022. Disponível em: https://tedit.net/h51cq1. Acesso em: 20 ago. 2024.

Ton Molina/Fotoarena

Cerimônia de Sanção ao Projeto de Lei nº 5384/2020, que atualiza a Lei de Cotas, em evento de 2023 em Brasília (DF).

Atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. O autor do texto 1 diz que as cotas raciais "mudaram a cara das universidades públicas, deixando-a mais parecida com a dos brasileiros". Qual figura de linguagem foi utilizada pelo autor? O que ele quis dizer com essa frase?

Interdisciplinaridade com Língua Portuguesa

2. Compare os dados da PNAD apresentados no texto 1 com os dados do Ifer apresentados no texto 2. O que é possível concluir sobre a eficácia das cotas étnico-raciais a partir desses dados?

Interdisciplinaridade com Matemática

UNIDADE 2

Antropologia no espaço e no tempo

Apresentação do grupo folclórico Tambor de Crioula, em São Luís (MA), 2023.

Nesta unidade, você estudará como a Antropologia se desenvolveu no Brasil com base em alguns temas fundamentais – como a cultura popular, as relações raciais e a Antropologia urbana –; além disso, você conhecerá alguns temas contemporâneos do pensamento antropológico.

Com quais questões os antropólogos estão se deparando na atualidade? Discussões sobre gênero, a relação com os animais, os impactos socioambientais do capitalismo, por exemplo, são importantes para o pensamento antropológico nos dias de hoje. Historicamente, a Antropologia voltou-se para o estudo de populações marginalizadas, o que segue sendo relevante ao abordar as desigualdades e os impactos dessas questões na sociedade.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Quais são os grupos sociais mais estudados na pesquisa antropológica no Brasil?

2. Como as manifestações culturais, como o Tambor de Crioula, contribuem para a construção da identidade cultural brasileira e para o estudo das relações raciais e de gênero na Antropologia contemporânea?

3. Como é, atualmente, a relação entre os seres humanos e os outros animais do planeta? Que tipos de impacto essa relação pode gerar?

CAPÍTULO 4

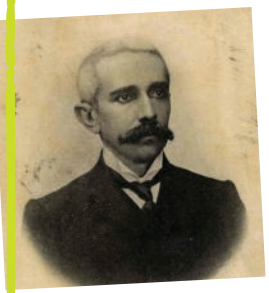
Antropologia no Brasil

Os quatro períodos da Antropologia no Brasil

O antropólogo Julio Cezar Melatti divide a história da Antropologia brasileira em três períodos: do fim do século XIX até os anos 1930; da década de 1930 à década de 1960; e, finalmente, da década de 1960 em diante. Porém, é possível acrescentar mais um período: da década de 1980 até o presente.

Os primeiros tempos: fim do século XIX a 1930

Até a década de 1930, predominaram no Brasil perspectivas evolucionistas, que atrelavam noções de superioridade a determinadas raças, além de críticas à mestiçagem. O conhecimento sobre cultura era produzido por intelectuais de diversas áreas e predominavam as ideias evolucionistas e o darwinismo social. Entre os intelectuais brasileiros do período, destacavam-se, entre outros, Nina Rodrigues e Oliveira Vianna.



Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Nina Rodrigues. Fotografia não datada.

Nina Rodrigues (1866-1906)

Médico maranhense, produziu vários livros com ideias **eugenistas** sobre a população negra. Acreditava que a mestiçagem era um sinal de degeneração social e que algumas raças eram naturalmente inferiores em relação a outras. Essas ideias, amplamente refutadas nos dias de hoje, são baseadas em teorias pseudocientíficas que violam os princípios de igualdade e direitos humanos.

Esses autores, com diferentes abordagens, pensavam a população brasileira pautados pelas ideias de hierarquia racial. Disso resultou uma visão pessimista do Brasil: entendiam que a composição racial brasileira era "inferior", em decorrência da miscigenação, e que essa característica populacional tornava impossível construir um país desenvolvido.

Reprodução/Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

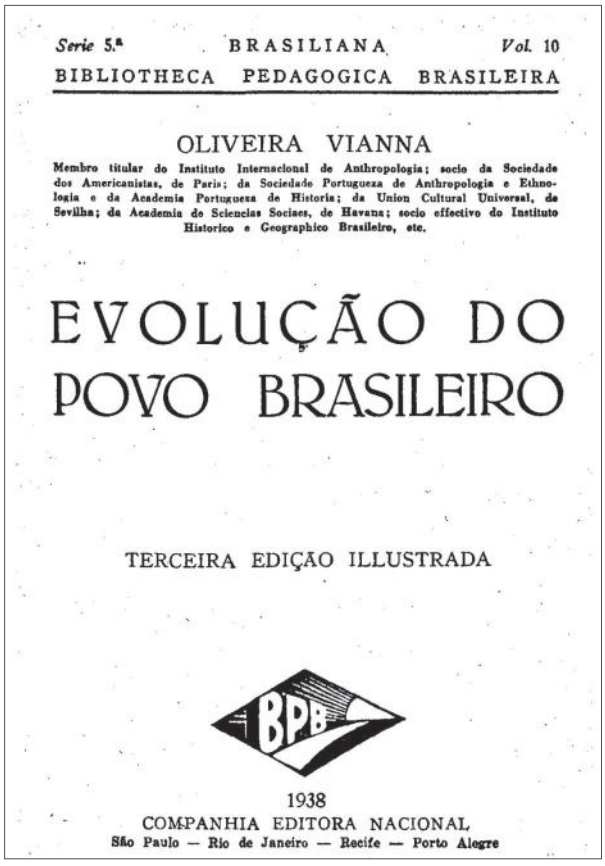
Oliveira Vianna. Fotografia não datada.

Oliveira Vianna (1883-1951)

Jurista nascido no Rio de Janeiro, cursou Direito na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Escreveu sobre a formação do povo brasileiro com base em ideias eugenistas e raciais.

eugenistas: pessoas ou ideias que defendem a seleção genética dos seres humanos, baseando-se em suas características hereditárias a fim de melhorar a raça humana, excluindo grupos "indesejáveis" com o objetivo de impedir sua reprodução.

Embora tais ideias pareçam deslocadas ou questionáveis hoje em dia, naquele momento histórico, entre o final do século XIX e o começo do século XX, esse tipo de pensamento teve grande relevância e enormes efeitos práticos, afetando a história da maioria dos brasileiros. A política de imigração adotada pelo Estado no período, influenciada por esse olhar pessimista e preconceituoso sobre a população do país, adotou medidas de incentivo à imigração europeia: imaginava-se, assim, "branquear" o Brasil.


Serie 5.ª BRASILIANA Vol. 10

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

OLIVEIRA VIANNA

Membro titular do Instituto Internacional de Anthropologia; socio da Sociedade dos Americanistas, de Paris; da Sociedade Portugueza de Anthropologia e Ethnologia e da Academia Portugueza de Historia; da Union Cultural Universal, de Sevilha; da Academia de Sciencias Sociaes, de Havana; socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, etc.

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO

TERCEIRA EDIÇÃO ILLUSTRADA

BPB

1938

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

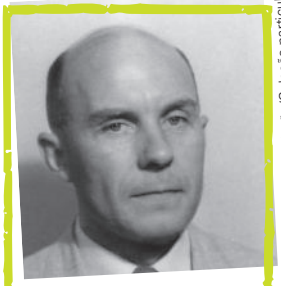
Reprodução/Biblioteca Digital de Obras Raras-UFRJ

Frontispício da terceira edição da obra *Evolução do povo brasileiro*, de Oliveira Vianna, 1938. Na passagem do século XIX para o XX, o debate intelectual sobre a formação do povo brasileiro se pautava amplamente na criminologia positiva e na ideia da desigualdade entre as "raças".

Essa tentativa de "branqueamento" foi uma resposta à ideia de que a população brasileira, majoritariamente composta de indígenas, negros e mestiços, não poderia construir um país desenvolvido. A persistência, nos dias atuais, da marginalização de populações negras, indígenas e mestiças tem relação com essas decisões históricas.

Segundo período: 1930 a 1960

A partir dos anos 1930, teve início uma gradual profissionalização das Ciências Sociais no Brasil, entre elas a Antropologia. São referências nesse processo a Universidade de São Paulo e a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, que contrataram professores estrangeiros, como o francês Claude Lévi-Strauss e os alemães Emilio Willems e Herbert Baldus, entre outros.


Reprodução/Coleção particular

Emilio Willems. Fotografia não datada.

Emilio Willems (1905-1997)

Antropólogo formado na Universidade de Berlim, emigrou para São Paulo em 1931, onde passou a lecionar na Escola de Sociologia e Política (ESP-SP) e, em seguida, na Universidade de São Paulo (USP). Pesquisou comunidades brasileiras e populações de imigrantes.

No Rio de Janeiro, o pernambucano Gilberto Freyre assumiu, em 1935, a primeira cátedra de Antropologia na Universidade do Distrito Federal. Em 1939, o alagoano Arthur Ramos ocupou a cátedra de Antropologia na mesma universidade, que depois se tornaria a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Durante a década de 1930, houve predomínio da influência estadunidense, com o início de um intercâmbio entre docentes vindos dos Estados Unidos e antropólogos brasileiros. Assim, prevaleceu, nesse momento, uma perspectiva cultural atrelada à ideia de **aculturação**, o que se explica pela importância dada à integração das populações imigrantes à vida nacional.

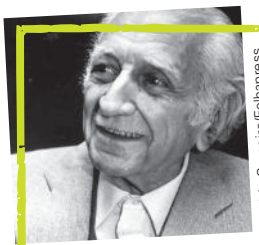
Esse foi também um período de grandes teorias sobre a formação do Brasil, como a de Gilberto Freyre. Sua inovação foi a inversão das hierarquias raciais que caracterizaram o período anterior. Para ele, a mestiçagem brasileira não poderia ser sinônimo de atraso ou um problema social; ao contrário, era justamente o trunfo de uma nova civilização luso-tropical. Muitos críticos contemporâneos argumentam que essa visão ajudou a mascarar as persistentes desigualdades raciais no Brasil.

Além da perspectiva de Freyre, estudos de Arthur Ramos e Roger Bastide, entre outros, romperam com a tradição racializada do século XIX, adotando um tom formalmente não racista.

© Fundação Pierre Verger/Fotoarena

Sociólogo Roger Bastide (segundo da esquerda para a direita) durante trabalho de campo em Cotonou, no Benin, na década de 1950.

aculturação: teoria segundo a qual o processo de integração de grupos diferentes dentro de uma sociedade nacional levaria naturalmente a uma identificação com a cultura dominante. Esse seria um processo lento de "aculturação". Esse conceito, entretanto, tem sido criticado por simplificar as complexas trocas culturais e relações de poder entre os grupos.



Rogério Carneiro/Folhapress

Gilberto Freyre em 1985.

Gilberto Freyre (1900-1987)

Sociólogo e antropólogo nascido em Pernambuco, estudou nos Estados Unidos, onde foi aluno de Franz Boas na Universidade Columbia. Seus livros foram base de uma ideologia da miscigenação brasileira, que acreditava no Brasil como nação racialmente mais justa. Sua principal obra foi *Casa-Grande & Senzala*, publicada em 1933.

Antropologia e cultura popular

Outra tendência marcante da Antropologia brasileira é exemplificada no conjunto de trabalhos conhecidos como "estudos de comunidade". Nas décadas de 1950 e 1960, muitos antropólogos se dedicaram a estudar pequenas cidades ou vilas caracterizadas por uma transição entre ruralidade e urbanidade.

Esses intelectuais buscavam descrever aquelas comunidades como totalidades integradas, ou seja, como entidades autônomas e funcionais, comparáveis a um organismo vivo que funciona graças à boa interação entre suas partes. Entretanto, eles tendiam a desconsiderar as conexões entre as comunidades e o restante da sociedade nacional. De acordo com a mesma tradição estadunidense que influenciava outras áreas da Antropologia brasileira, esses estudos demarcaram outra característica relevante ao pensamento social da época: uma preocupação com os efeitos do desenvolvimento econômico na sociedade e na cultura.

Cidades como Cunha (SP), Itapetininga (SP), Cruz das Almas (RJ) e Rio das Contas (BA), entre várias outras, foram objeto de estudos, alguns deles coordenados por antropólogos estadunidenses, como Charles Wagley, ex-aluno de Franz Boas. A mudança cultural era o interesse central desses estudos. Muitos deles faziam parte de projetos maiores, que objetivavam compor uma análise ampla da sociedade brasileira, uma espécie de mosaico ou panorama que revelasse as relações entre cultura popular e urbanização, campo e cidade, "atraso" e "desenvolvimento".

Estudos de comunidade e aculturação

Os estudos de comunidade podem ser relacionados aos estudos de aculturação, já que as duas perspectivas se preocupavam com os processos de transformação social associados às diferenças culturais. Esses intelectuais queriam entender a população brasileira no contexto em que o país passava por uma urbanização crescente, que culminou com o significativo desenvolvimento industrial vivenciado a partir da década de 1960.

Reprodução/Coleção Conrad Kottak

Charles Wagley. Fotografia não datada.

Charles Wagley (1913-1991)

Antropólogo formado pela Universidade Columbia, teve influência de Franz Boas. Como professor da mesma universidade, fez trabalho de campo em vários locais do Brasil, incluindo expedições do Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp).

Entre as décadas de 1930 e de 1960, também foram feitos no Brasil estudos de caráter funcionalista. Principalmente em relação às populações indígenas, o foco passou a ser o estudo do funcionamento das sociedades. O paulista Florestan Fernandes, por exemplo, buscou analisar as sociedades como totalidades integradas, a exemplo dos estudos de Malinowski e Radcliffe-Brown.

A influência funcionalista também apareceu nos estudos sobre o então chamado "folclore", ou seja, as manifestações culturais das camadas populares da sociedade. Se boa parte dos trabalhos anteriores sobre o assunto era meramente descritiva e preocupada em relacionar as práticas às antigas heranças culturais, os novos estudos tinham como foco a mudança social.

Eder Luiz Medeiros/Folhapress

Florestan Fernandes em 1995.

Florestan Fernandes (1920-1995)

Sociólogo paulistano, doutorou-se em 1951 e foi assistente catedrático, livre-docente e professor titular na cadeira de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). Teve seu cargo cassado depois do golpe militar de 1964, e em 1969 deixou o Brasil, para onde voltou em 1972 como professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Terceiro período: 1960 a 1980

Na década de 1960, Florestan Fernandes e Octavio Ianni produziram trabalhos em que a cultura popular deixava de ser entendida como um "vestígio" do passado e sinônimo de atraso. Para esses autores, as expressões culturais encontradas fora das elites, na zona rural, em pequenas cidades, em quilombos, nos bairros populares das grandes cidades eram manifestações legítimas da cultura de camadas populares em processo de atualização e modificação, consequência da urbanização e modernização do país.

José Sabino/Folhapress

Octavio Ianni em 1991.

Octavio Ianni (1926-2004)

Sociólogo paulista, formou-se pela Universidade de São Paulo (USP), em 1954. Intelectual de formação marxista, seus principais temas de pesquisa foram a questão racial no Brasil e as mudanças no capitalismo brasileiro na segunda metade do século XX.

Frota Junior/Acervo do fotógrafo

Cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha (CE), 2024. Nas pequenas cidades e naquelas afastadas de grandes centros urbanos é comum encontrarmos manifestações da cultura popular tradicional.

A partir da década de 1960, começou a crescer o número de cientistas sociais no Brasil, o que resultou em uma produção de conhecimento mais sistemática e mais fundamentada nos métodos e conceitos desenvolvidos na área. Em lugar das comunidades com pouco contato com o restante da sociedade brasileira, entraram em cena o campesinato, os assalariados rurais, os trabalhadores urbanos, as **frentes de expansão** da migração do campo para a cidade e a vida nas favelas.

As abordagens teóricas também se diversificaram segundo as diferentes linhas de formação dos antropólogos, ganhando destaque o estruturalismo francês e as teorias da etnicidade e do contato interétnico, de inspiração inglesa e estadunidense.

Arquivo/Folhapress

frentes de expansão: áreas de povoamento e exploração econômica (em geral agropecuária) recente.

Carrossel de imagens

Favela do Tatuapé, em São Paulo (SP), em 1966. A intensa urbanização nas décadas de 1950 a 1960 nas grandes capitais do país provocou um processo de favelização, fenômeno estudado pelos sociólogos e antropólogos a partir de então.

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Qual foi o contexto das discussões sobre raça nos primórdios da Antropologia brasileira?
2. Qual era o objetivo geral dos intelectuais ao fazer os estudos de comunidade?
3. A partir da década de 1960, ocorreu uma mudança na maneira como eram consideradas as culturas populares. Que mudança foi essa?

A consolidação da Antropologia brasileira

A partir dos anos 1960, novos antropólogos entram em cena, todos formados pela geração anterior. Seus objetos de estudo passaram a ser cada vez mais diversos: temas múltiplos na cidade, no campo e entre as populações indígenas. Duas preocupações ainda eram marcantes: os efeitos da urbanização e da industrialização e as populações em situações de vulnerabilidade.

A modernização do Brasil fez com que os povos do campo buscassem novas formas de trabalho assalariado no espaço urbano. O deslocamento para as cidades produziu coletivos desfavorecidos socialmente, como os migrantes e os moradores de favelas e periferias urbanas. As populações indígenas foram muito afetadas pelo avanço sobre seus territórios ancestrais. Também a questão do gênero e da opressão sobre as mulheres passou a ser objeto de reflexão antropológica.

REYNALDO CEPPO/Estadão Conteúdo

Migrantes nordestinos chegando a São Paulo (SP), em 1958.

Novas abordagens

Uma diferença marcante em relação ao período anterior, ligada ao uso mais sistemático da categoria "etnicidade", é que os antropólogos não mais imaginavam que populações, como as indígenas e as quilombolas, entre outras, seriam inevitavelmente "aculturadas" ou "incorporadas" à sociedade nacional.

O foco das preocupações se transformou gradualmente: se antes os estudiosos eram informados pelas expectativas e pontos de vista do Estado nacional a respeito dessas populações, agora passaram a considerar o ponto de vista das próprias sociedades estudadas. Entretanto, o objetivo ainda era o entendimento da sociedade nacional, para a qual, segundo afirmava Roberto Cardoso de Oliveira, o indígena, por exemplo, aparecia como "um incômodo".

Com base no interesse pelo contato entre as diferentes etnias, os estudos passaram a observar, por exemplo, a política interna das populações indígenas, profundamente afetadas pelo contato com a população branca. Os processos que levaram algumas populações indígenas a se urbanizar foram também examinados. A noção de etnia possibilitou aos antropólogos desse período uma reflexão sistemática sobre as diferentes populações em estudo: permitiu entender as relações raciais, as populações indígenas, os imigrantes e seus descendentes, entre outros.

Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

Indígena vendendo artesanato em banca no centro de Santa Maria (RS), 2022. Os processos de urbanização das populações indígenas e suas construções culturais e políticas nas cidades seguem sendo objeto de estudo da Antropologia.

Nesse contexto, a Antropologia brasileira passou a buscar uma dimensão mais abrangente, refletindo sobre o avanço do capitalismo no universo rural, entre outros temas. Também foram conduzidos estudos com foco mais restrito, que se concentravam em aspectos como religiosidade, estruturas familiares, hábitos alimentares, etc.

A dimensão que corresponderia a uma estrutura social clássica perdeu espaço quando a Antropologia focou as populações não indígenas: ficou cada vez mais difícil analisar comunidades como unidades isoladas ou fechadas. Entretanto, assim como nos períodos anteriores, a Antropologia continuou comprometida em entender e explicar a sociedade brasileira.

Diferenças de outros tipos, como as existentes entre pobres e ricos, mulheres e homens, homossexuais e heterossexuais, jovens e pessoas idosas, também demandavam novos conceitos e novas análises. A partir da década de 1970, o conceito de identidade passou a ser uma referência principalmente para compreender de que modo demarcações e diferenças como as citadas coexistiam em um mesmo contexto.

Chico Ferreira/Pulsar Imagens

Pessoas idosas se exercitando no Rio de Janeiro (RJ), em 2024. A dinâmica de pessoas como estas da fotografia passou a ser alvo de análises antropológicas.

Quarto período: dos anos 1980 à atualidade

Dos anos 1980 em diante, o número de antropólogos formados aumentou exponencialmente. Em um universo maior, os objetos de pesquisa ficaram mais variados: há agora estudos sobre relações sociais na *internet*, sobre implicações sociais de novas tecnologias reprodutivas, sobre novos campos da ciência, etc.

Reprodução/RBA

Reprodução de peça de divulgação da 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Belo Horizonte (MG), em 2024.

Outra característica da Antropologia mais recente foi o crescimento vertiginoso da Antropologia urbana tirando a primazia da tradicional Antropologia indígena. Em alguns momentos, a Antropologia urbana se confunde com uma Sociologia urbana, e é comum a circulação de pesquisadores nos dois campos.

Na área da Etnologia surgem novas perspectivas críticas à ideia do contato interétnico. Para os etnólogos, a compreensão das sociedades indígenas deve fundamentar-se nos termos dos próprios grupos indígenas, analisando suas cosmologias e modos de ver o mundo não pelo viés e pelos termos e modelos da "sociedade dos brancos".

Está em curso um avanço das relações entre as diversas antropologias nacionais: os antropólogos brasileiros têm circulado internacionalmente e se empenhado em conectar universos diferentes, por exemplo, com o estreitamento de conexões "sul-sul", ou seja, entre países não desenvolvidos ou em desenvolvimento. Assim, o século XXI é marcado pela internacionalização e pela circulação da Antropologia brasileira.

Reprodução/Cortesia de VII Congresso ALA

Sétima edição do Congresso da *Asociación Latinoamericana de Antropologia* (ALA), realizado em Rosário, na Argentina, em 2024.

Retome

Não escreva no livro

1. Quais eram as duas principais preocupações dos antropólogos da década de 1960?

1. Os efeitos da urbanização e da industrialização na estrutura social e as condições sociais e culturais das populações em situações de vulnerabilidade.

2. Cite ao menos dois contextos que passaram a ser estudados pelos antropólogos da década de 1960.

2. Os estudantes podem apontar como resposta: a política interna das populações indígenas, os processos que levaram essas comunidades a se urbanizar, o avanço do capitalismo no universo rural, entre outros.

Antropologia e relações raciais

O tema do "negro" no Brasil ganhou destaque no século XIX com o processo de abolição da escravatura. Nesse contexto, a população negra passou a representar um problema para as elites brancas, que passaram a se perguntar o que fazer com os negros livres, libertos e com os mestiços. Essa pergunta foi respondida, preconceituosamente, de duas formas: uma via os negros e mestiços como entraves ao desenvolvimento do país, e a outra considerava positiva a miscigenação, acreditando que, se fosse evitada a entrada de mais negros, o país lentamente "embranqueceria". Um dos principais pensadores desse período foi Nina Rodrigues.

No detalhe

- Essa obra aborda a ideologia do embranquecimento, importante no final do século XIX. Reflita sobre como essa obra expressa essa ideia.

Não escreva no livro

Modesto Brocos/Museu Nacional de Belas Artes – Iphan/Ministério da Cidadania, Rio de Janeiro, RJ.

Na obra, há uma reprodução literal do processo de embranquecimento: vê-se uma senhora negra, uma filha mestiça e, em seu colo, um filho branco.

A redenção de Cam, de Modesto Brocos, 1895 (óleo sobre tela, 199 cm × 166 cm).

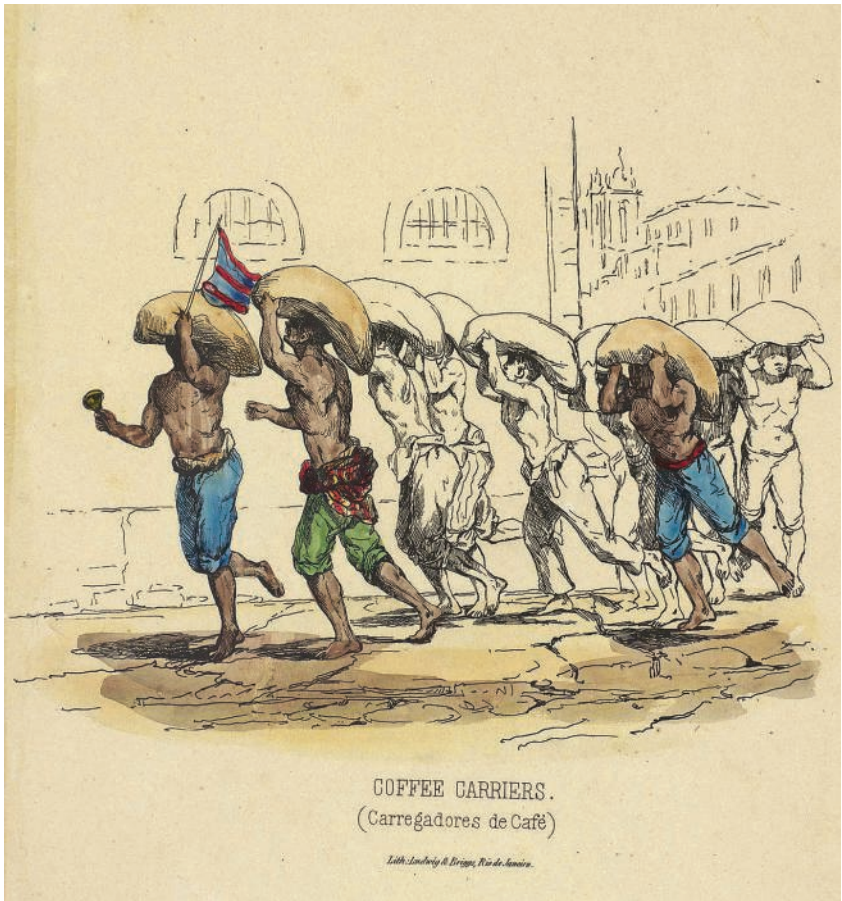
Diferentes perspectivas

Nesse momento, as pesquisas procuravam conectar as expressões da cultura negra com suas origens na África, em uma perspectiva evolucionista e racializada. Formaram-se algumas explicações gerais sobre o Brasil, dentre as quais se destacou, nos anos 1930, a de Gilberto Freyre. O autor afirmava que a especificidade da civilização brasileira eram as relações sociais harmônicas, sem os conflitos permanentes de motivação étnico-racial que existiam em outros lugares.

Arthur Ramos também se dedicou ao estudo das populações negras, na década de 1940. Ele afirmava que, até aquele momento, as reflexões sobre as relações raciais no Brasil eram ensaísticas, isto é, ideias sem comprovação científica que as legitimassem.

Em 1949, o intelectual encabeçou a criação do Programa Unesco, que marcou o pensamento sobre as relações raciais brasileiras entre as décadas de 1950 e 1970. Sob a influência do movimento negro brasileiro, e contando com uma série de estudos comparativos, o projeto deixou claro que a democracia racial era um mito, já que negros e mestiços continuavam a ser discriminados.

Dos anos 1980 até os dias atuais, a Antropologia tem estudado as relações raciais principalmente com base na noção de identidade. As políticas de reafricanização – valorização da herança cultural africana entre a juventude negra –, por exemplo, têm sido analisadas por antropólogos negros que fazem trabalho de campo sobre o tema; surgem novas perspectivas para o estudo das relações raciais.



Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Carregadores de café, de Frederico Guilherme Briggs, 1845 (gravura, dimensões não informadas). A obra retrata o cotidiano do trabalho escravo no Rio de Janeiro (RJ) do século XIX.

Retome

Não escreva no livro

- Qual impacto teve o projeto Unesco no debate sobre as relações raciais no Brasil?

O projeto Unesco produziu pesquisas que evidenciaram a intensa discriminação sofrida pelas populações negras brasileiras, questionando as ideologias de mestiçagem em vigência naquele momento. Essas críticas estimularam novas reflexões sobre as relações raciais brasileiras, nas quais intelectuais negros e negras tiveram grande impacto.

Dessa nova geração de antropólogos brasileiros que estudam as relações raciais, a ativista Lélia Gonzales pode ser considerada uma das principais intelectuais.

Assim falou Lélia Gonzales

Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação racial nesse país, vai ser muito difícil, no Brasil, chegar ao ponto de efetivamente ser uma democracia racial. No lastro do todo das questões que estão colocadas, o que se percebe é que estamos num país em que as classes dominantes, os donos do poder e os intelectuais a serviço dessas classes, efetivamente, não abrem mão. Eles não estão a fim de desenvolver um trabalho no sentido da construção de uma nacionalidade brasileira; nacionalidade esta que implicará efetivamente a incorporação da cultura negra.

GONZALEZ, Lélia. A democracia racial: uma militância. *Arte & Ensaios*, n. 38, p. 223, 2019 (texto original de 1985).

Cezar Loureiro/ Agência O Globo

Lélia Gonzalez em 1977.

Lélia Gonzalez (1935-1994)

Filósofa e antropóloga mineira, é referência na discussão sobre raça e racismo no Brasil e no mundo. Foi professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e cofundadora de importantes instituições de combate ao racismo, como o Movimento Negro Unificado (MNU) e o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN).

© Yuri Retoro da Conceição/Acervo do fotógrafo

Olubajé (banquete do **orixá** Omolu), em terreiro de Queimados (RJ), 2023. O interesse pelas religiões afro-brasileiras está presente desde os primeiros tempos da Antropologia no Brasil.

No detalhe

A fotografia representa uma manifestação religiosa.

1. Você consegue identificar nela os elementos diferentes em relação a outras manifestações religiosas que você conhece? Quais?
2. Em grupo, com auxílio do professor, faça uma pesquisa sobre a relação entre a intolerância religiosa às religiões afro-brasileiras e o racismo no Brasil.

Não escreva no livro

Leia as respostas Manual do Professor.

orixá: designação genérica das divindades cultuadas pelos iorubás trazidos para o Brasil em condição de escravizados.

Trabalhando com

cartaz

Debates permanentes

O Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (Copene) ocorre a cada dois anos, desde o ano 2000, e reúne pesquisadores das áreas de Educação, Saúde, História, Sociologia e Antropologia para discutir os principais temas relacionados à situação da população negra, especialmente no Brasil.

Reprodução/Copene

Reprodução do cartaz de divulgação do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (Copene), ocorrido em Recife (PE), 2022.

1. Espera-se que os estudantes percebam que a questão racial no Brasil é uma luta constante e complexa. A discussão é permanente e a democracia está longe de resolver problemas relacionados a essa questão, que se perpetua sobretudo no que se refere ao racismo estrutural entranhado na sociedade brasileira desde o período da escravidão. Portanto, a questão racial está diretamente relacionada às desigualdades a que a população negra está submetida em praticamente todas as instâncias do convívio social: saúde, educação, acesso a moradia, ao trabalho e exposição a agressão e violência diária e ainda longe de ser reparada historicamente, mesmo considerando direitos garantidos na Constituição de 1988 e nos decretos subsequentes que favorecem essa população.

Atividades

Não escreva no livro

Observe o cartaz e relacione-o com o que você estudou no capítulo até agora. Em seguida, faça o que se pede.

1. O que é possível notar sobre a importância do tema do evento para a condição da população negra no Brasil?

2. Reúnam-se em grupo de até cinco pessoas e escolham pelo menos quatro questões sociais relacionadas à população negra que vocês consideram importante que sejam discutidas em uma próxima edição do Copene. Apresentem esses temas para a turma em sala de aula e conversem sobre eles com os colegas.

2. Para auxiliar os estudantes no debate, peça que acessem os anais dos congressos já realizados pelo Copene, disponíveis em: https://tedit.net/rrd803. Acesso em: 9 out. 2024. Ao pesquisar sobre os temas já apresentados em congresso, será possível pensar na realidade atual da população negra e propor questões que aprofundem temas já conhecidos, como o racismo que continua premente na sociedade, a violência policial exacerbada contra essa população, originada pelo preconceito e pelas desigualdades sociais existentes nas relações de trabalho, na falta de acesso à educação, entre outros assuntos.

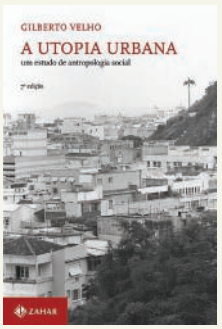
Antropologia urbana

As diferenças que interessavam à Antropologia estavam agora na cidade, próximas dos antropólogos. Isso ocasionou algumas questões importantes: se a experiência urbana de populações vindas do campo, ou mesmo de negros e mestiços, era de certa forma similar à dos próprios antropólogos, como fazer Antropologia? A Antropologia não era o estudo dos "diferentes"? Ao olhar para realidades tão próximas, a Antropologia procurou pensar naqueles que se assemelhavam aos antropólogos como se fossem "estranhos".

Esse deslocamento possibilitou o estudo das experiências urbanas de populações desfavorecidas e logo se mostrou útil para pensar também a experiência urbana das camadas médias e altas da sociedade brasileira. O movimento fundamental de "tornar exótico" aquilo que é próximo possibilitou uma Antropologia urbana também militante, que se aproximou dos movimentos sociais ao assumir uma feição prática.

Como precursores da Antropologia urbana brasileira, podemos destacar Gilberto Velho, no Rio de Janeiro, e Eunice Durham e Ruth Cardoso, em São Paulo.

Favoritos



Reprodução/Editora Zahar

A utopia urbana: um estudo de antropologia social. Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

Um dos primeiros estudos no Brasil de aplicação do método antropológico no meio urbano, apresenta uma análise de como viviam os moradores de um prédio em Copacabana.

Carlos Ivan/Agência O Globo

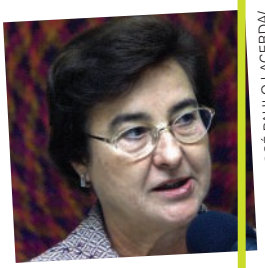
Gilberto Velho em 2005.

Gilberto Velho (1945-2012)

Cientista social nascido no Rio de Janeiro, graduado em Ciências Sociais e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutorou-se pela Universidade do Texas, em Austin (Estados Unidos). Conduziu pesquisas pioneiras sobre Antropologia urbana no Brasil.

Ruth Cardoso (1930-2008)

Cientista social e doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), desenvolveu pesquisas sobre imigração japonesa e movimentos sociais. Foi primeira-dama da República durante os mandatos de Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2002), com quem foi casada. Criou e presidiu o programa social Comunidade Solidária.



JOSÉ PAULO LACERDA/ Estadão Conteúdo

Ruth Cardoso em 2000.

Cleo Velleda/Folhapress

Eunice Durham em 1999.

Eunice Durham (1932-2022)

Cientista social e professora da Universidade de São Paulo (USP), pesquisou sobre imigração italiana, migração campo-cidade, movimentos sociais e a universidade brasileira. Ocupou o cargo de Secretária Nacional de Educação Superior do Ministério da Educação entre 1992 e 1995.

Estudos de gênero e sexualidade

Mais recentemente, a Antropologia urbana tem se dedicado a uma variedade enorme de temas. Entre eles, podemos destacar as discussões sobre sexualidade e relações de gênero, que ganharam dimensões políticas importantes, em um contexto marcado pela discriminação e pela violência contra mulheres e contra a população LGBTQIAPN+.

Luiz Fernando Nabuco/Acervo do fotógrafo

Estátua da vereadora e ativista política Marielle Franco acompanhada de bandeira pedindo por justiça na praça Mário Lago, Rio de Janeiro (RJ), 2022. O assassinato de Marielle é um dos exemplos de mulheres vítimas das opressões social e política em nossa sociedade. A Antropologia brasileira contribuiu para o debate e a crítica à essas opressões.

No detalhe

- Observe a fotografia e pesquise sobre a trajetória da socióloga, ativista e política brasileira Marielle Franco (1979-2018). Explique a relação entre a estátua e a bandeira amarela ao fundo.

Não escreva no livro

O debate sobre as relações de gênero, associado com o desenvolvimento de lutas feministas no Brasil, ganhou destaque a partir da década de 1970 e foi integrado à Antropologia por meio da criação de centros e linhas de pesquisa em programas de pós-graduação. Em termos gerais, a noção de gênero busca desnaturalizar a relação entre homens e mulheres, percebendo-a como relacional e flexível (ou seja, homem e mulher são categorias que variam, não descrições de uma realidade biológica). Passa-se a falar em "masculinidade" e "feminilidade", pois descrevem maneiras e processos diferentes conforme o contexto, isto é, existem diferentes "masculinidades" e diferentes "feminilidades".

A estátua pode ser considerada como o reconhecimento da figura e da importância da atuação de Marielle Franco na luta pelos direitos humanos. Quando interpretada junto ao sentido da bandeira pedindo justiça por sua vida, a estátua pode ser considerada também o símbolo de luta pela vida das mulheres, sobretudo as negras, que seguem sendo sistematicamente discriminadas e violentadas.

Uma derivação dos estudos de gênero são os que tratam de "identidades sexuais", marcando também uma luta política de antropólogos homossexuais, bissexuais e transexuais em busca de reconhecimento de direitos e no combate à discriminação.

Esses trabalhos questionam aquilo que denominam "heteronormatividade", ou seja, a visão de que o normal e o correto seriam as relações heteroafetivas (entre homens e mulheres **cissexuais**). Tais estudos produzem uma desnaturalização dessas relações, abrindo espaço para que outras relações (como as homoafetivas) sejam consideradas legítimas e outras identidades de gênero sejam reconhecidas.

cissexual: pessoa cuja identidade de gênero está em conformidade com o sexo atribuído no momento do nascimento.

Renato Soares/Pulsar Imagens

Indígenas da etnia Kuikuro com pintura corporal em apoio à causa LGBTQIAPN+ , no Parque Indígena do Xingu, em Gaúcha do Norte (MT), 2023.

Essa multiplicidade de temas mostra que a Antropologia brasileira contemporânea apresenta um leque extenso e variado de preocupações, assim como a Ciência Política e a Sociologia praticadas no Brasil contemporâneo. Quanto à especificidade da Antropologia urbana, a passagem das diferenças "distantes" para as diferenças "próximas" é uma característica importante.

Retome

Não escreva no livro

Você estudou que o movimento de tornar "estranho" aquilo que era familiar possibilitou o surgimento da Antropologia urbana.

- Escolha um hábito que é familiar para você e, no caderno, descreva-o com o máximo de detalhes que conseguir. Você consegue responder o motivo pelo qual segue cada etapa desse hábito? Onde você o aprendeu e por que se tornou um hábito para você?

Resposta pessoal. Oriente os estudantes a pensar em atividades cotidianas que fazem sem muita reflexão, como vestir determinadas roupas para ir a lugares específicos, comer determinadas comidas em refeições específicas, etc. Depois de feitas as descrições, questione-os sobre a origem e o motivo pelo qual reproduzem esses hábitos e se é possível proceder de modos diferentes.

Mundo digital

Interdisciplinaridade
com Arte

Afrofuturismo

Afrofuturismo resgata o protagonismo negro no Brasil racista

Trazer novas narrativas carregadas de ancestralidade fortalece o movimento negro e resguarda, inclusive, a sua existência. Para se perpetuar no tempo e no espaço, o afrofuturismo se coloca como um mecanismo de avanço contra o apagamento racista da memória, a favor do protagonismo e da representatividade nas mais diversas áreas de atuação: política, moda, artes [visuais], música, dança, cinema, literatura, ciência, tecnologia e pesquisas acadêmicas.

Complexo, o movimento trabalha para o resgate da história, ao mesmo tempo que adiciona camadas de inovação, centradas nas origens africanas. É também um exercício de imaginação carregado de simbologias estéticas, mas mais do que isso, extrapola a linha da fantasia e se consolida de modo palpável aos olhos do público.

[...]

Alan Costa, do coletivo de artes visuais Afrobapho, formado por jovens negros LGBTT [lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais] da Bahia, destaca como a arte é um instrumento de expressão e diálogo muito importante na atual conjuntura. "É um meio que conversa em todas as línguas e classes. Ocupamos as ruas para que [...] parem de nos marginalizar e de achar que devemos ficar em guetos. O que parece utópico na verdade retroalimenta o pensamento de continuidade do nosso povo". [...]

E por que é tão fundamental aprender sobre tudo isso? Para que a história pós-colonialismo não se repita nunca mais. As perspectivas de futuro ajudam a educar as crianças, especialmente as negras, que precisam ter orgulho do passado para projetar o amanhã sem interferências eurocentradas ou impostas por pessoas brancas de classe dominante.

[...]

NUNES, Brunella. Afrofuturismo resgata o protagonismo negro no Brasil racista. *Universa UOL*, 2 mar. 2019. Disponível em: https://tedit.net/hloiyx. Acesso em: 14 ago. 2024.

Atividades Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Leia o texto e converse com os colegas sobre como a arte pode resgatar o protagonismo negro no Brasil.
2. Em grupo, elaborem um texto que relacione o objetivo do coletivo Afrobapho com a questão do racismo e da contribuição da cultura africana no Brasil.
3. Compartilhem os textos prontos e revisados em um ***e-book*** para serem lidos por toda a comunidade escolar.

e-book: livro disponibilizado em suporte eletrônico para ser acessado via internet.

Galeria de atividades

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Por que a visão dos intelectuais do final do século XIX sobre o Brasil era pessimista?
2. Explique a relação entre os estudos de comunidade e os estudos de aculturação.
3. Entre 1930 e 1960, houve uma mudança de enfoque dos estudos antropológicos sobre as manifestações culturais populares brasileiras. Qual foi essa mudança?
4. De que modo intelectuais como Gilberto Freyre e Arthur Ramos se posicionaram perante a miscigenação étnico-racial no Brasil?
5. Como foi o processo de urbanização no Brasil e como ele influenciou a Antropologia produzida no país a partir do fim da década de 1960?
6. Considere a seguinte tirinha.

Tirinha da cartunista Laerte, 2020.

© Laerte/Acervo da cartunista

   - A tirinha, de 2020, chama a atenção para um problema recorrente no Brasil contemporâneo: o preconceito e a discriminação de gênero e de sexualidade. Como vimos neste capítulo, a Antropologia brasileira estuda e combate essas discriminações. Com base no que lemos, interprete essa tirinha.

7. Leia o trecho da introdução de uma entrevista publicada no jornal *Folha de S.Paulo* e discuta-o com os colegas, considerando o que foi visto no capítulo.

Racismo estrutural virou álibi para justificar práticas individuais e institucionais, diz professor

Apesar de considerar correta a análise de que o racismo estrutural é uma realidade, Samuel Vida, que é professor de direito da UFBA (Universidade Federal da Bahia), considera que o uso da expressão tem se banalizado.

O termo racismo estrutural tem, segundo ele, sido apropriado de uma maneira que esvazia seu sentido, apresentando o racismo como uma espécie de fatalidade.

"Então as pessoas alegam, 'olha, isso é resultado do racismo estrutural', ponto. E não se discute, não se apresenta a lista dos responsáveis por isso."

"É como se houvesse uma condicionalidade invisível, imperceptível diante da qual nós não teríamos como diagnosticar adequadamente e atacar no sentido de erradicar o que produz o racismo. Então a expressão racismo estrutural tem virado nos últimos anos um álibi para justificar tanto práticas individuais quanto práticas institucionais", diz. [...]

GALF, Renata. Racismo estrutural virou álibi para justificar práticas individuais e institucionais, diz professor. *Folha de S.Paulo*, 4 fev. 2021. Disponível em: https://tedit.net/p6h3vy. Acesso em: 14 ago. 2024.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

A temática discutida é muito presente na obra de Gilberto Freyre, e a explicação para essa recorrência está no empenho do autor em

a) defender os aspectos positivos da mistura racial.

b) buscar as causas históricas do atraso social.

c) destacar a violência étnica da exploração colonial.

d) valorizar a dinâmica inata da democracia política.

e) descrever as debilidades fundamentais da colonização portuguesa.

Alternativa **a**.

2. (Enem)

A luta contra o racismo, no Brasil, tomou um rumo contrário ao imaginário nacional e ao consenso científico, formado a partir dos anos 1930. Por um lado, o Movimento Negro Unificado, assim como as demais organizações negras, priorizaram em sua luta a desmistificação do credo da democracia racial, negando o caráter cordial das relações raciais e afirmando que, no Brasil, o racismo está entranhado nas relações sociais. O movimento aprofundou, por outro lado, sua política de construção de identidade racial, chamando de "negros" todos aqueles com alguma ascendência africana, e não apenas os "pretos".

GUIMARÃES, A. S. A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2012.

A estratégia utilizada por esse movimento tinha como objetivo

a) eliminar privilégios de classe.

b) alterar injustiças econômicas.

c) combater discriminações étnicas.

d) identificar preconceitos religiosos.

e) reduzir as desigualdades culturais.

Alternativa **c**.

CAPÍTULO 5

Antropologia contemporânea

Questões contemporâneas

Nos capítulos anteriores, foram levantadas questões relativas à Antropologia contemporânea. No capítulo 2, ao tratar do tema cultura, por exemplo, foi abordada a possibilidade de o antropólogo silenciar os integrantes dos grupos com os quais trabalha.

O conceito de cultura está na confluência entre a Antropologia interpretativa e a Antropologia simbólica. O primeiro termo se refere principalmente à Antropologia do estadunidense Clifford Geertz, para quem a cultura é algo que se pode ler e interpretar. Geertz vê a cultura como um conjunto de códigos simbólicos que organizam a experiência humana no mundo. Esses códigos funcionariam como programas de computador que dão instruções para a vida das pessoas.

Yomiuri Shimbun/AP Images/Imageplus

Cerimônia do chá em Kyoto, Japão, 2024. Para Geertz, a cerimônia do chá também pode ser analisada como um discurso dos japoneses sobre si mesmos, carregado de significados culturais.

Essa noção simbólica não se restringe ao trabalho de Geertz. Autores como David Schneider e Marshall Sahlins também elaboraram conceitos de cultura principalmente simbólicos e são considerados precursores da Antropologia simbólica ou Antropologia cognitiva.

Pós-Modernismo

A Antropologia interpretativa influenciou um movimento intelectual antropológico chamado de Pós-Modernismo. Ao considerar a produção antropológica como texto e, portanto, passível de análise e interpretação, os antropólogos começaram a pensar na possibilidade de fazer uma análise textual das sociedades. Tentava-se, assim, identificar nesses textos "verdades" escondidas, inconscientes, que formavam as sociedades.

As leituras pós-modernas passaram a criticar os pressupostos das **etnografias** clássicas, como a noção de autoridade. Segundo essa crítica, o fato de o antropólogo descrever outras populações sem dar voz aos nativos dessas sociedades evidencia uma posição autoritária. Essa atitude ficou conhecida como "autoridade etnográfica", caracterizada pela descrição de populações que não tinham como contestar as formulações antropológicas. Essa questão gerou muita controvérsia, e os antropólogos passaram a se perguntar como poderiam descrever o "outro" sem praticar a autoridade etnográfica.

etnografias: descrições dos antropólogos sobre outras sociedades.

Reprodução/Biblioteca Estadual de Nova Gales do Sul, Sydney, Austrália.

A morte de Cook, de John Webber, c. 1781-1783 (óleo sobre tela, 83,5 cm × 109,5 cm). O artista John Webber (1751-1793) acompanhou o navegador inglês capitão James Cook durante sua terceira expedição pelo Pacífico. Nessa obra, ele representou o conflito com havaianos que levou à morte do capitão. Cook e sua comitiva tiveram um primeiro contato amistoso com os havaianos, mas, segundo Marshall Sahlins, as diferentes interpretações a respeito dos contatos posteriores teriam levado ao conflito.

Pós-Colonialismo

Na história recente da Antropologia, o Pós-Modernismo possibilitou o desenvolvimento do Pós-Colonialismo, movimento empreendido por intelectuais de países que haviam sido colonizados até meados do século XX, como a Índia. Ambos os movimentos discutiram as mesmas questões, com algumas variações. No Pós-Colonialismo, entretanto, foi possível concluir que o posicionamento antropológico tido, a princípio, como autoritário é o resultado de um sistema de poder herdado do colonialismo.

Segundo os pós-colonialistas, as produções antropológicas estão permeadas de preconceitos "coloniais" que precisam ser superados. Essa crítica levou muitos antropólogos a considerar novos pontos de vista e estabeleceu um princípio que possibilitou a construção de uma Antropologia diferente.

Rosana Paulino/Coleção particular

Salvação das almas?, de Rosana Paulino, 2017 (impressão digital sobre tecido, recorte, acrílica e costura, 29 cm × 58 cm). O pensamento pós-colonial influenciou diversos pensadores e artistas nas últimas décadas, em especial os que se dedicam a pensar temas como raça e sexualidade.

Retome Leia as respostas no Manual do Professor. Não escreva no livro

1. O conceito de cultura continua sendo um tema fundamental na Antropologia contemporânea. Explique as novas leituras desse conceito empreendidas pelos antropólogos contemporâneos.
2. Pensando na importância da ideia de que a Antropologia clássica produzia descrições autoritárias sobre o "outro", procure refletir a respeito e descrever um processo semelhante ao seu redor (ou seja, situações de "descrições autoritárias" da diferença).

Estudos de gênero

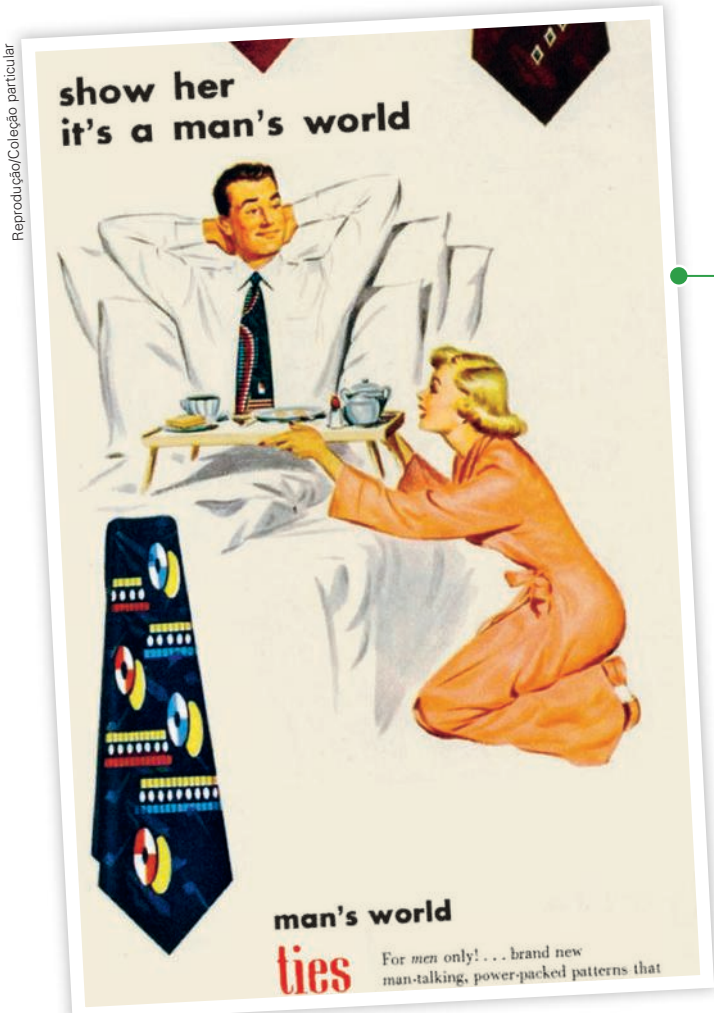
A discussão sobre o parentesco, fundamental para o pensamento antropológico, hoje é influenciada pelas contribuições do feminismo. Já na primeira metade do século XX, a antropóloga estadunidense Margaret Mead demonstrou que "homem" e "mulher" são categorias culturais, ou seja, que variam de uma cultura para outra. O gênero, portanto, é uma questão cultural, e não natural.

Principalmente nas sociedades ocidentais, existe uma tendência de relacionar as mulheres à natureza e os homens à cultura. Como, nessas sociedades, a cultura costuma ser mais valorizada do que a natureza, essa associação leva a uma discriminação das mulheres e a uma ideia de superioridade dos homens.

Os estudos de gênero passaram a pensar feminilidades e masculinidades como modos de construir diferenças sociais. É muito comum associar o prestígio, por exemplo, àquilo que é visto como característica masculina.

As intelectuais feministas se empenham em dissolver tais conexões com base na tese de que a categoria mulher não é natural, mas construída por um sistema de opressão, que beneficia os homens e lhes garante poder e dominação, denominado patriarcado.

Reprodução/Coleção particular



No detalhe

- Como essa propaganda evidencia a presença da dominação masculina na estrutura social?

Não escreva no livro

Na propaganda é possível notar uma reprodução do contraste entre mulher/natureza/privado e homem/cultura/público, uma vez que o uso de gravatas está associado ao espaço profissional. A propaganda apresenta a mulher em uma posição de subserviência em relação ao homem, dando a entender que seu papel está restrito ao espaço doméstico e a prestar serviços para o marido, que tem o poder de tomar as decisões, evidenciando um mundo no qual os papéis de gênero resultam na opressão da mulher.

Propaganda estadunidense de gravatas produzida na década de 1950. Na parte superior, em destaque, lê-se "Mostre a ela que o mundo é dos homens".

Gênero e parentesco

Estudiosos do gênero e da orientação sexual passaram a defender a ideia de que o parentesco e os papéis de gênero não dependem de fatores biológicos, o que fundamentou a noção de que o parentesco originado de uma união homoafetiva é tão legítimo quanto o parentesco "tradicional". Essas considerações deram margem tanto à luta contra a opressão da mulher – e contra a ideia de que cuidar dos filhos e viver exclusivamente no mundo doméstico é um destino natural das mulheres – como à luta pelo direito de casais homoafetivos formarem famílias reconhecidas pelo Estado.

Autoras contemporâneas como Marilyn Strathern utilizaram essa "desbiologização" do parentesco e avançaram em análises sobre as relações de gênero em vários contextos.

Renata Angerami/E+/Getty Images

Família composta de um casal de mulheres e um filho em São Paulo (SP), 2022.

Ian Andrews/Alamy/Fotoarena

Marilyn Strathern. Fotografia não datada.

Marilyn Strathern (1941-)

Nascida na Inglaterra, formou-se em Arqueologia e Antropologia pela Universidade de Cambridge, onde lecionou posteriormente. Abriu novos caminhos para a reflexão sobre as implicações das tecnologias contemporâneas de reprodução e os papéis sociais de gênero. Muito influente no Brasil, tem inspirado vários estudos sobre o tema.

Retome

Não escreva no livro

Leia a resposta no Manual do Professor.

- Explique a diferença entre considerar o gênero um fato natural e defini-lo como um fato cultural.

As grandes rupturas

Para além de questionar a atribuição de determinados papéis sociais a aspectos da natureza ou da cultura, a Antropologia contemporânea também passou a questionar a separação entre natureza e cultura. Segundo o francês Bruno Latour, o pensamento ocidental se apoia na certeza de que há uma distinção radical entre o mundo dos humanos e as "coisas lá fora": os objetos e os não humanos, em geral. Essas coisas que estão "lá fora", separadas do mundo dos humanos, formariam a natureza.

De acordo com Latour, a ciência seria um discurso sobre essa distinção, pois descreve a natureza, mas situa-se no campo da cultura. No entanto, segundo o autor, a ciência, na verdade, não trata do "mundo lá fora", e sim de um conjunto de acordos e disputas entre os cientistas. Por exemplo: no começo do século XIX, acreditava-se que o átomo era a menor partícula do Universo. Já no começo do século XX, à luz de novos conhecimentos obtidos por meio de experimentos científicos, passou-se a aceitar que existem partículas menores do que o átomo.

Latour conclui, portanto, que não existe uma separação universal entre natureza e cultura, e essa definição não se aplica a toda humanidade: é uma noção particular, específica do modo "ocidental" de pensar, que deriva de uma noção particular de ciência.

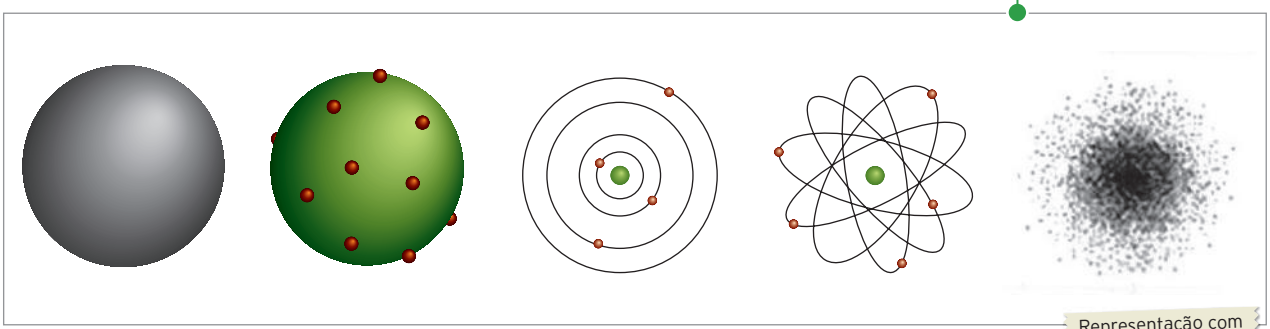
A sequência de ilustrações evidencia que aquilo que se entende como natureza (no caso, os átomos, que compõem todas as substâncias do Universo) é móvel e depende de acordos feitos entre os cientistas. De um modelo em que o átomo figurava como a menor unidade da matéria, passou-se a outros, em que há unidades menores, como os elétrons, e outras partículas menores ainda, como neutrinos, *quarks* e glúons.

No detalhe

- Como a sequência de ilustrações se relaciona com as afirmações de Bruno Latour?

Não escreva no livro

Reprodução/Arquivo da editora



Representação com diferentes escalas e com cores fantasia.

A sequência de ilustrações apresenta diferentes modelos propostos para o átomo ao longo do tempo: de uma esfera indivisível até o modelo mais atual, baseado na teoria quântica, que descreve o comportamento dos elétrons como partículas ondulatórias.

Benoit Tessier/REUTERS/Fotoarena

Bruno Latour em 2020.

Bruno Latour (1947-2022)

Sociólogo, antropólogo e filósofo francês, doutorou-se em Filosofia pela Universidade de Tours, França. Foi professor no Instituto de Estudos Políticos em Paris, desenvolveu pesquisas sobre a ciência moderna e escreveu o livro *Jamais fomos modernos* (1991).

Assim falou Bruno Latour

A dificuldade reside na própria expressão "relação com o mundo", que supõe dois tipos de domínio, o da natureza e o da cultura, que são ao mesmo tempo distintos e impossíveis de separar por completo. Não tente definir apenas a natureza, porque você terá que definir também o termo "cultura" [...]; não tente definir apenas "cultura", porque de imediato terá que definir também "natureza" [...]. O que significa que não estamos lidando com domínios, mas com um e o mesmo conceito separado em duas partes que se encontram ligadas, por assim dizer, por um forte elástico. Na tradição ocidental, jamais se fala de um sem falar do outro: não há outra natureza senão esta definição da cultura, e não há outra cultura senão esta definição da natureza. Elas nasceram juntas, tão inseparáveis quanto irmãos siameses que se abraçariam ou se golpeariam até sangrar sem deixar de pertencer ao mesmo tronco.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia*: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu, 2020. *E-book*.

A crítica à divisão entre natureza e cultura teve ainda outras consequências no pensamento antropológico. A ideia de que não existe um "lá fora", que corresponderia a um mundo natural universal preenchido de formas alternativas por diferentes culturas, abriu muitas possibilidades.

Se antes um antropólogo considerava que cada cultura pensava a natureza à sua maneira, necessariamente partia do pressuposto de que havia uma separação universal entre natureza e cultura. Mas e se pensarmos que essa separação não existe? E se, além disso, resolvermos dar aos conceitos nativos o mesmo valor que damos aos nossos?

Ao descrever formas de pensamento que não pressupõem a divisão natureza/cultura, os antropólogos começaram a criticar as próprias noções antropológicas fundadas nessa divisão.

Narritjin Maymuru Estate/Galeria de Arte de Nova Gales do Sul, Austrália.

Figuras, pássaros, peixe, de Narritjin Maymuru, c. 1966 (pintura sobre casca de árvore, 62,9 cm × 23,2 cm). A obra do artista aborígene Narritjin Maymuru (1916-1981) apresenta uma descrição da geografia, do corpo do totem e do criador original da Terra de Arnhem, região da Austrália onde vive o clã Maymuru. Nessa representação, não há separação entre natureza e cultura, mas sim uma conjunção de fatores históricos, mitológicos, culturais e geográficos.

Antropologia simétrica

De acordo com Latour, o antropólogo não descreve objetivamente algo (uma cultura) que está lá, mas, sim, entra em contato com uma diferença, o que produz outra diferença: a experiência do trabalho de campo, que permite ao antropólogo imaginar como é a vida do nativo. É essa imaginação que o estadunidense Roy Wagner (1938-2018) chama de cultura, o fruto de um encontro e de uma tentativa de se aproximar do conhecimento nativo, e não de descrevê-lo.

Quando o antropólogo dá aos conceitos nativos a mesma importância conferida aos conceitos antropológicos, segundo Wagner, a descrição da vida do nativo acaba por transformar as próprias noções do pesquisador. Outros antropólogos, por meio de caminhos teóricos diferentes, também questionaram as noções tradicionais dos pesquisadores.

Marcos Amend/Pulsar Imagens

O povo Tukano, no Amazonas, foi um dos visitados por Roy Wagner em 2011. Ele propôs que o encontro entre o antropólogo e o nativo fosse visto como a "invenção" de uma terceira realidade. Na fotografia, indígenas Tukano e Dessana da Comunidade indígena Cipiá, em Manaus (AM), 2019.

Reprodução/Rizoma Audiovisual

Roy Wagner em 2011.

Roy Wagner (1938-2018)

Nascido nos Estados Unidos, doutorou-se em Antropologia na Universidade de Chicago, Estados Unidos, em 1966. Foi professor na Universidade de Virgínia, Estados Unidos. Fez trabalhos entre os Daribi e os Barok, povos que vivem na Papua-Nova Guiné. Seu trabalho foi reconhecido como inovador por muitos antropólogos contemporâneos.

No Brasil, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro pesquisou as cosmologias dos povos indígenas que habitam a Amazônia. Contudo, para entender a vida dessas populações, foi necessário romper com o grande divisor natureza/cultura, pois a visão de mundo dos ameríndios difere bastante dos pressupostos das categorias ocidentais. Para esses povos, o que é universal não é a natureza, mas justamente o contrário: a cultura. Ou seja, em tudo e em todo lugar existe cultura, ao passo que o que realmente muda são as naturezas. A essa concepção, Viveiros de Castro deu o nome de perspectivismo.

O pensamento ameríndio vira de cabeça para baixo o pensamento científico, e Viveiros de Castro radicaliza a ideia a ponto de considerar o perspectivismo equivalente a uma teoria antropológica. Para ele, o perspectivismo pode ser um instrumento teórico para pensarmos também sobre nós mesmos. Assim como Strathern e Wagner, Viveiros de Castro confere à Antropologia contemporânea uma característica simétrica: o conhecimento nativo é tão valioso quanto o ocidental e pode ser uma maneira de os ocidentais se enxergarem com outros olhos.

Reprodução/Editora Bazar do Tempo

Para escrever a história *Onde a onça bebe água* (São Paulo: Bazar do tempo, 2023.), a escritora Veronica Stigger (1973-) baseou-se na teoria do perspectivismo, elaborada por Eduardo Viveiros de Castro.

Paulo Iannone/Frame/Folhapress

Eduardo Viveiros de Castro em 2014.

Eduardo Viveiros de Castro (1951-)

Nascido no Rio de Janeiro, é doutor em Antropologia pelo Museu Nacional (UFRJ), onde é professor desde 1978. Reconhecido como um dos principais estudiosos das populações indígenas amazônicas, uma de suas principais obras é o livro *A inconstância da alma selvagem* (2017), que reúne ensaios escritos entre 1976 e 2000.

Trabalhando com

discurso

Capitaloceno

Ailton Krenak (1953-) é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor, nascido na região do vale do rio Doce (MG), no território do povo Krenak. Em 2022, lançou *Futuro ancestral*, uma coleção de textos baseados em falas do escritor em diferentes eventos.

Cartografia para depois do fim

Os antigos diziam que quando a gente botava um mastro no chão para fazer nossos ritos, ele marcava o centro do mundo. É mágico que o centro possa estar em tantos lugares, mas de que mundo estamos falando? Pois quando dizemos mundo pensamos logo neste, em incessante disputa instaurada por uma gestão que deu metástase: o do capitalismo – que alguns já chamam de capitaloceno.

O desafio que proponho aqui é imaginar cartografias, camadas de mundo, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação. [...]

Nossos parentes Guarani da Mata Atlântica, dessa borda de mar que chamam de *nhé ere*, ou lugar que produz vida, pensam na região como uma paisagem e, ao mesmo tempo, uma fonte incessante de vida. A primeira vez que esses queridos parentes compartilharam comigo sua narrativa de criação do mundo, aprendi que dois gêmeos primordiais tiveram que dobrar a Serra do Mar e fazer esse contraforte para que a Água Grande, o mar, não avançasse sobre o continente. Achei linda essa história que explica a topografia. [...]

Os parentes Tikmu'um também conhecidos por Maxakali, que estão aqui no Vale do Mucuri, vizinhos do rio Doce, [...] passaram os séculos XVII, XVIII e XIX sem lugar para descansar a cabeça. Pois agora decidiram ocupar um antigo território de suas narrativas [...]. Em meio ao deserto de pasto em que a região foi transformada durante o século XX, conseguem ver a floresta e invocar o nome de todos os insetos, os répteis, os pássaros, os animais peçonhentos, as plantas e os fungos que existiam ali e apontar o lugar de cada um na passagem. [...] Em meio de uma mentalidade fazendeira, conseguem enxergar um território cheio de espíritos e falar com um mundo invisível. Um povo como esse, mesmo quando expropriado de tudo e sem ter nem chão para pisar, ainda consegue recriar um lugar para ser habitado. [...] No tal capitaloceno que estamos vivendo não restará nenhum lugar na Terra que não seja como o corpo desse rio, assolado de lama.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 31-36.

Atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. O pensamento antropológico contemporâneo critica a separação entre a cultura e a natureza. Considerando esse trecho de Ailton Krenak, que ponte é possível fazer com as culturas indígenas citadas?
2. Pesquise o significado de "capitaloceno", mencionado no texto, e debata com os colegas a respeito do sentido desse termo.

A Antropologia multiespécies

No conto "O grande silêncio", o autor estadunidense de ficção Ted Chiang (1967-) dá voz a um papagaio, que faz a seguinte reflexão:

> Muitos cientistas viam com ceticismo a ideia de que um pássaro fosse capaz de dominar conceitos abstratos. Os humanos gostam de pensar que são únicos. Mas depois de algum tempo [a cientista] Pepperberg conseguiu convencê-los de que Alex [outro papagaio, primo do narrador] não estava apenas repetindo palavras, e sim que ele entendia o que estava dizendo. [...]. Se os humanos estão procurando por inteligência não humana, o que mais podem pedir?

CHIANG, Ted. O grande silêncio. *Expiração*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. p. 275.

Rick Friedman/Corbis/Getty Images

A cientista Irene Pepperberg com o papagaio Alex, na Universidade Brandeis, em Waltham, Estados Unidos, 2016. Alex inspirou a escrita do conto de Ted Chiang.

O conto menciona dois seres não ficcionais: a **etologista** Irene Pepperberg (1949-) e o papagaio Alex, que era capaz de falar centenas de palavras e entender e executar conceitos abstratos. Em seus estudos, Irene provou que Alex era capaz de pensar. Esse e muitos outros estudos sobre a inteligência animal abriram as portas para uma reflexão crítica sobre a relação entre humanos e outras espécies de animais. A Antropologia inseriu-se nesse debate por meio da reflexão sobre como seria um mundo onde animais e humanos fossem considerados iguais.

etologista: cientista que estuda o comportamento animal.

Relações interespecíficas

Uma das características contemporâneas da Antropologia tem sido o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre a relação dos humanos com as demais espécies vivas, ou seja, com todas as formas de vida que existem no planeta.

Antropólogos têm tentado superar o que pode ser chamado de "humanocentrismo", que seria a tendência de imaginar o *Homo sapiens* como uma espécie privilegiada entre as demais. Nessa perspectiva, os humanos são utilizados como parâmetro para avaliar as demais espécies.

A fronteira entre a "natureza humana" e a "natureza em geral" é, portanto, mais um grande divisor a ser desconstruído pelo pensamento antropológico. É possível pensar que outros seres vivos na Terra também têm subjetividade e agência? Como entender a relação que estabelecemos com esses seres diversos? Como são formadas relações tão complexas entre as espécies? Essas e outras questões são objeto do trabalho de antropólogas e antropólogos que pretendem entender as relações interespecíficas, ou seja, entre as diferentes espécies.

Munique Bassoli/Pulsar Imagens

Corredor ecológico na Rodovia dos Tamoios (SP-99), no município de Paraibuna (SP), 2022. Os corredores ecológicos são passagens dedicadas ao trânsito de animais silvestres, com a função de reduzir acidentes com animais nas pistas e conservar a biodiversidade existente nas áreas próximas a elas.

Assim, seres que antes eram imaginados apenas como objetos à disposição dos humanos passam a ser vistos como seres com biografias e sensibilidades que não podem mais ser ignoradas. Um fundamento dessa perspectiva é a ideia de "devir com", ou seja, de que os humanos se desenvolvem e vivem com outras espécies — é uma forma de evitar o **excepcionalismo** humano e de conduzir nosso olhar para os espaços de vida que criamos com outras espécies.

excepcionalismo: ideia de que algo ou alguém é excepcional, ou seja, uma exceção à regra.

A demolição da barreira que separa natureza e cultura, bem como um de seus desdobramentos, que é a compreensão da vida cultural como uma vida multiespecífica, levam a uma reflexão crítica, moral e legal sobre a relação dos seres humanos com os animais.

A Antropologia contemporânea tem se concentrado em uma perspectiva "simbiótica" da relação entre os animais e outros seres vivos, que são parte integrante de nossa realidade e nosso ambiente, como as bactérias presentes em nosso intestino, sem as quais não podemos viver, e as "espécies de companhia", como cachorros e gatos, tratados por muitos como integrantes da família.

Adriano Kinhara/Pulsar Imagens

Produtor em câmara de maturação de queijos com controle de umidade e temperatura que simula ambiente de caverna na Serra da Canastra, em São Roque de Minas (MG), 2023. As bactérias são responsáveis por processos como a fermentação e a acidificação, empregados na fabricação de alimentos como iogurtes, queijos e outros.

A estadunidense Donna Haraway tem desenvolvido um trabalho muito influente na Antropologia contemporânea em que analisa, entre outros temas, os efeitos da relação de humanos com animais como porcos, vacas e outras espécies submetidas a verdadeiros regimes de tortura para a produção industrial de carne e leite, e animais de laboratório, que também são sistematicamente maltratados.

A reflexão sobre o sofrimento dos animais decorre da perspectiva "desumanocentrada". As ideias elaboradas por Donna Haraway geraram perspectivas contra o abate de animais e outras focadas em um tratamento "animalitário", uma paráfrase do termo "humanitário", que obrigaria as indústrias alimentícias a considerar o sofrimento dos animais em seus processos de produção.

Rusten Hogness/Coleção particular

Donna Haraway em 2013.

Donna Haraway (1944-)

Filósofa e zoóloga estadunidense, é referência nos campos da Antropologia, da tecnociência, do pensamento feminista, entre outros. Foi a primeira professora titular de teoria feminista dos Estados Unidos e escreveu *O manifesto das espécies companheiras* (2021), em que vislumbra um mundo no qual as ideias de coabitação e coevolução entre as espécies predominem e originem uma relação igualitária entre humanos e animais.

Giuseppe Arcimboldo/Museu de História da Arte, Viena, Áustria.

Água, de Giuseppe Arcimboldo, 1566 (óleo sobre painel, 50,5 cm × 66,5 cm).

No detalhe

Na obra de arte, há uma sobreposição de diferentes animais, resultando em uma figura humana de perfil.

- Relacione a obra com a noção de humanocentrismo.

Não escreva no livro

Interdisciplinaridade

com Arte

A figura pode ser compreendida como a representação da subjugação das demais espécies ao ser humano (ao usar as representações dos animais para configurar uma pessoa) ou como a representação da inter-relação entre humanos e não humanos, como se os animais possibilitassem a vida humana. Em ambos os casos, é possível questionar o humanocentrismo, que pressupõe a centralidade do humano em detrimento das demais espécies.

Outro exemplo é a pesquisa de Anna Tsing sobre uma espécie de cogumelo chamada *matsutake*.

Pouco valorizada em sua região de origem — partes da Ásia, Europa e América do Norte —, essa espécie de cogumelo passou a ser exportada para o Japão, onde é considerada uma iguaria cara. Esse processo, analisado por Anna Tsing, levou a intensas transformações nas relações sociais locais e na exploração do espaço, já que esses cogumelos são coletados por populações excluídas que vivem em várias localidades do mundo, em busca de renda em um cenário capitalista que produz exclusão e desemprego.

Para Tsing, a própria natureza humana é uma relação entre as espécies, e isso não se refere apenas às espécies domesticáveis. Seres não domesticáveis, como alguns tipos de cogumelo, também são espécies companheiras, e a relação humana com elas produz realidades que podem ser pesquisadas pela Antropologia.

Os trabalhos de Donna Haraway e de Anna Tsing mostram algumas facetas da Antropologia multiespécies e de sua busca por tornar outras espécies centrais na perspectiva da vida, e não apenas "objetos" a serviço da humanidade.

Damien Maloney

Anna Tsing em 2022.

Anna Tsing (1952-)

Antropóloga estadunidense, tem se dedicado a produzir uma Antropologia que explora os limites da relação entre humanos e não humanos. Em 2015, publicou o livro *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*.

Liu Xiao/Xinhua/AFP

Colheita de cogumelos *matsutake* em estufa na vila de Baiyun, província de Shaanxi, China, 2020.

Leia a resposta no Manual do Professor.

Retome

Não escreva no livro

- Para compreender questões da Antropologia multiespecífica, discuta a hierarquia que os seres humanos estabelecem entre si e outros animais. Que tipos de relações são essas? Mencione exemplos para justificar sua resposta.

A Antropologia e o Antropoceno

Infográfico clicável

O conceito de Antropoceno começou a ser desenvolvido a partir do início do século XXI. A ideia básica desse conceito é a de que a ação da humanidade na Terra originou uma nova era geológica caracterizada por uma série de problemas graves causados pela exploração humana do planeta, sobretudo a partir do estabelecimento do capitalista industrial.

São características do Antropoceno:

- as mudanças climáticas, tornando o clima do planeta mais quente;
- a destruição da biodiversidade do planeta;
- o grande desflorestamento;
- a redução da disponibilidade de água potável;
- a poluição das águas, que aumenta com o uso de produtos químicos na agricultura;
- a acidificação dos oceanos, causada pelo excesso de CO_2 lançado no ambiente;
- a quantidade de partículas no ar, que aumenta como decorrência da poluição atmosférica;
- a degradação da camada de ozônio como resultado da emissão de gases poluentes, tornando a superfície terrestre mais exposta aos raios ultravioleta;
- os efeitos da poluição do ambiente por substâncias químicas sintéticas.

Esses são os itens conhecidos como limites globais, e servem de critério para avaliar o efeito da ação humana no mundo. O maior problema é que estamos no limite de vários desses itens, isto é, estamos muito próximos de um ponto a partir do qual não haverá mais volta.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Vista das chaminés de uma refinaria da Petrobras, em Duque de Caxias (RJ), 2021. Ações humanas, como a emissão de gases e outros poluentes pelas indústrias, têm causado modificações no planeta em proporções inéditas.

Os deslocados climáticos

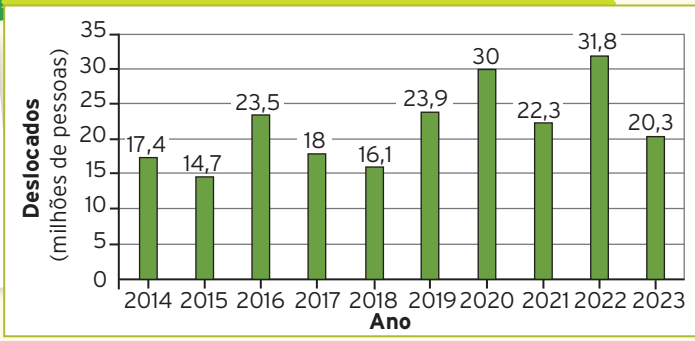
Todos os anos, milhões de pessoas são forçadas a se deslocar de suas casas, de forma temporária ou permanente, em função de desastres relacionados ao clima, passando a viver como deslocados internos em seus próprios países. Em 2023, esses deslocados climáticos representaram 43,2% de todas as pessoas deslocadas internamente (PDI) no mundo.

Deslocamentos climáticos

218 milhões de pessoas

Foram obrigadas a se deslocar, desde 2014, em função de desastres climáticos.

Mundo: deslocados climáticos – 2014-2023



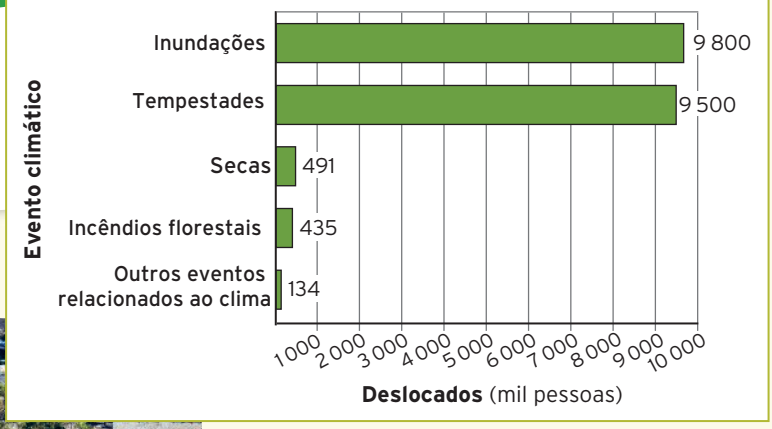
Banco de imagens/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em INTERNAL DISPLACEMENT MONITORING CENTRE (IDMC). *Global report on internal displacement* (2017-2024). Disponível em: https://tedit.net/slyjw5. Acesso em: 28 set. 2024.

Eventos climáticos extremos

Tempestades e inundações foram duas das principais causas desse tipo de deslocamento no mundo em 2023. Embora naturais, tais eventos têm sido intensificados pelas mudanças climáticas, tornando-se cada vez mais severos nos últimos anos.

Mundo: deslocados climáticos por tipo de evento – 2023



Banco de imagens/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em INTERNAL DISPLACEMENT MONITORING CENTRE (IDMC). *Global Report on Internal Displacement 2024*. Disponível em: https://tedit.net/jzobk4. Acesso em: 28 set. 2024.

Guillem Sartorio/Bloomberg/Getty Images

Moradias destruídas pelo ciclone Idai em Beira, Moçambique, 2019. Eventos climáticos extremos como ciclones, intensificados por mudanças climáticas, fizeram milhões de PDI no país nos últimos anos.

Impacto regional

África, Leste da Ásia, Sul da Ásia e Oceania

São as regiões do mundo que mais produzem deslocados climáticos. Além de aspectos naturais que favorecem eventos climáticos extremos nessas regiões, a maioria de seus países apresenta baixo nível de desenvolvimento socioeconômico e dispõe de menos condições para prevenir e enfrentar desastres naturais e mudanças climáticas.

2,9 milhões de pessoas

Foram obrigadas a se deslocar, em 2023, na região do Chifre da África, no leste do continente, devido a secas intensas seguidas de chuvas que provocaram inundações.

Luke Dray/Getty Images

Grupo de mulheres deixa região afetada por seca seguida de chuvas e inundações em Bentiu, Sudão do Sul, 2023.

8,1 milhões de pessoas

Foram obrigadas a se deslocar no Paquistão, em 2022, devido a inundações durante a temporada de monções no Sul da Ásia.

Shakeel Ahmed/Anadolu Agency/Getty Images

Acampamento provisório para deslocados em função de inundações em Tando Adam, Paquistão, 2022.

Brasil

620 mil pessoas

Foram obrigadas a se deslocar por conta de inundações após chuvas intensas na região Sul no início de 2024.

Plano Nacional de Adaptação à Mudança do Clima (PNA)

Criado em 2016, é uma política pública implementada pelo governo federal em colaboração com setores da sociedade civil objetivando a adaptação dos municípios e estados brasileiros às mudanças climáticas, por meio de uma gestão correta dos riscos e ações necessárias para torná-los menos vulneráveis a eventos climáticos extremos.

Evaristo Sá/AFP

Soldados da Força Aérea Brasileira, na Base Aérea de Brasília (DF), preparam doações para serem enviadas às vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul, em maio de 2024. As inundações evidenciaram a vulnerabilidade dos municípios brasileiros para lidar com os impactos das mudanças climáticas.

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Analise a relação entre os eventos climáticos extremos e as pessoas deslocadas internamente (PDI) no mundo e comente por que esses eventos têm aumentado.
2. Com base nos dados apresentados, responda: As regiões do mundo são igualmente afetadas por eventos que levam a deslocamentos climáticos? Por quê?
3. De acordo com o infográfico, qual foi a principal causa de deslocamentos climáticos no mundo? O que você acha que pode ser feito para combater esse problema?

A Antropologia tem acompanhado como diferentes populações têm sofrido as consequências das transformações ambientais provocadas, em grande medida, pelas sociedades ocidentais. Trata-se da contaminação de rios por garimpos ilegais, da devastação de florestas por indústrias criminosas, da transmissão de doenças provocada pela exploração brutal de ambientes naturais, dos efeitos do aumento do nível das águas causado pelo aquecimento global.

A Antropologia também tem estudado a experiência dos efeitos do Antropoceno em ambientes urbanos, como os deslocamentos populacionais causados por enchentes resultantes da mudança abrupta do clima, pelos deslizamentos de terra, pela falta de água potável, entre outras situações que evidenciam a emergência climática.

Carlos Macedo/Bloomberg/Getty Images

Bombeiros levando moradores para áreas seguras durante enchente em Canoas (RS), 2024.

Perspectivas indígenas

O **xamã** yanomami Davi Kopenawa escreveu uma narrativa yanomami sobre a criação do mundo e o lugar do homem branco (colonizador) nesse processo. A narrativa de Kopenawa demonstra o estranhamento dele e de seu povo diante de uma civilização que se recusa a se relacionar com a floresta e que estabeleceu uma separação tão grande em relação ao mundo.

xamã: indivíduo que exerce a função de sacerdote, líder religioso e que tem conhecimentos para curar as pessoas e fazer rituais.

ERIK SIMANDER/TT NEWS AGENCY/AFP/Getty Images

Davi Kopenawa em 2019.

Davi Kopenawa (1956-)

Escritor e líder político yanomami, é xamã e autor de livros sobre os impactos da destruição das florestas no mundo indígena. Ele também é presidente da Hutukara Associação Yanomami, que tem como função primordial defender a vida e os direitos do povo Yanomami.

Assim falou **Davi Kopenawa**

Nenhum de nós deseja suas mercadorias só para empilhá-las em casa e vê-las ficando velhas e empoeiradas! Ao contrário, não paramos de trocá-las entre nós, para que nunca se detenham em suas jornadas. São os brancos que são sovinas e fazem as pessoas sofrerem no trabalho para estender suas cidades e juntar mercadorias, não nós! [...]. Elas ocupam seu pensamento por muito tempo, até vir o sono. E depois sonham com seu carro, sua casa, seu dinheiro e todos os seus outros bens – os que já possuem e os que desejam ainda possuir. Assim é. As mercadorias deixam os brancos eufóricos e esfumaçam todo o resto em suas mentes. [...] Se os brancos pudessem, como nós, escutar outras palavras que não as da mercadoria, saberiam ser generosos e seriam menos hostis conosco. Também não teriam tanta gana de comer nossa floresta.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 413-414.

Excepcionalismo humano

Outra dimensão importante da discussão antropológica sobre o Antropoceno deriva da crítica da Antropologia multiespécies ao excepcionalismo humano, estudado anteriormente.

Como pensar um mundo no qual o humano é o principal responsável pela extinção de milhares de espécies? Por meio da ideia de "coabitação", a Antropologia e outras ciências defendem outra forma de relação com o planeta, chegando a entender nosso mundo como um ser. Até um novo nome para esse "planeta-ser" foi formulado: Gaia.

AMANDA PEROBELLI/REUTERS/Fotoarena

Vista aérea de garimpo ilegal em Terra Indígena Yanomami, em Roraima, 2023.
O garimpo é uma das atividades de maior impacto socioambiental, afetando a vida de milhares de espécies, incluindo populações humanas tradicionais que vivem na região.

Pesquisas de diversas áreas acadêmicas têm concluído que toda vida na Terra é interdependente. Desse modo, a vida no planeta é, por si mesma, responsável por criar um ambiente apropriado para que ela possa prevalecer. Gaia seria, portanto, um sistema autorregulador de manutenção de vida.

Favoritos

Reprodução/Amazônia Latitude Films

Pisar suavemente na Terra. Estados Unidos, 2022. Direção: Marcos Colón (73 min).

O documentário acompanha três lideranças indígenas da Amazônia que buscam manter vivas suas formas de estar no mundo enquanto resistem às ameaças aos seus territórios.

Essa perspectiva permite pensar que o "planeta-ser" responde aos desequilíbrios causados pela ação humana no ambiente. Essa "resposta" pode ser vista, entre outras formas, no aquecimento global e na alteração nos regimes climáticos, que passaram a registrar um aumento dos fenômenos extremos nos últimos anos. Outra resposta é o aumento da incidência de epidemias e pandemias entre nós, humanos. Trata-se de uma consequência de nossa ação de "comer florestas": ao limitar o espaço de vida de outras espécies, trazemos para mais perto de contingentes humanos formas de vida que antes se encontravam distantes. Essa proximidade pode facilitar a ocorrência de epidemias, pois vírus e bactérias que convivem em simbiose com outras espécies podem infectar humanos e causar doenças, como na pandemia de covid-19, ocorrida entre 2020 e 2022. Especula-se que a doença teve origem na proximidade entre espécies: um relatório publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) alega que o vírus provavelmente passou de um tipo de morcego para um mamífero intermediário, e dele para os humanos.

A Antropologia tem se dedicado a pensar como as populações humanas atingidas têm reagido a devastações como essa.

Sandro Pereira/Folhapress

Parentes de pacientes internados nos hospitais de Manaus (AM) fazem fila para recarregar cilindros de oxigênio na frente de empresa de envase de gases, em Manaus (AM), 2021. O sistema de saúde da capital amazonense entrou em colapso durante um pico de casos de covid-19, levando à escassez de itens fundamentais para o atendimento, como o oxigênio.

Retome

Não escreva no livro

- Explique o que você compreendeu sobre os limites globais que marcam os impactos da ação da humanidade no meio ambiente e como a Antropologia tem lidado com isso. Espera-se que os estudantes apontem que os limites globais são marcadores que indicam a devastação que a sociedade humana tem produzido no mundo. Em alguns desses marcadores, o limite já foi atingido, e os impactos têm sido sentidos em várias dinâmicas da vida. Diante desse cenário, a Antropologia tem se ocupado de compreender como as populações humanas são atingidas e como reagem a essas situações.

Galeria de atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. A etnografia é uma técnica de investigação antropológica. Qual é a crítica dos autores pós-modernos da Antropologia em relação a ela?
2. Como as antropólogas feministas definem a noção de gênero em uma sociedade?
3. Explique a crítica contemporânea ao dualismo natureza/cultura.
4. Qual é a relação entre a crítica ao dualismo natureza/cultura e a concepção de "humanocentrismo"?
5. De que maneira a noção de Antropoceno está presente nos estudos antropológicos?
6. Observe os cartazes a seguir.

Reprodução/Acção Animal/LPDA

Reprodução/Acção Animal/LPDA

Reprodução dos cartazes de ação de sensibilização sobre o direito animal proposta pela Acção Animal e pela Liga Portuguesa dos Direitos do Animal (LPDA), em 2008, com a mensagem: "Animais não são palhaços".

- Com base na discussão sobre o "humanocentrismo", discuta a mensagem dos cartazes.

Leia as respostas no Manual do Professor.

7. Observe este cartum criado pelo estadunidense Scott Hilburn.

Cartum de Scott Hilburn, 2007.

- O cartum pode ser relacionado às discussões contemporâneas antropológicas sobre perspectivismo. Explique essa relação.

8. Leia dois trechos do romance *Memórias de um urso-polar*, da escritora japonesa de língua alemã Yoko Tawada (1960-). O primeiro é uma reflexão do urso-polar Knut; e o segundo, o diálogo dele com um humano.

Trecho 1

Um *Homo sapiens* do sexo masculino havia me criado. Era raro que algo do tipo acontecesse, quase um milagre. Demorou um tempo até eu finalmente entender que aquele milagre era minha própria história. Matthias era um verdadeiro mamífero, mais do que muitos do seu tipo, porque me deixava mamar. Ele me alimentou não somente com leite, mas também com parte de sua própria vida. Era o orgulho de todos os mamíferos. [...] Matthias estava sempre ao meu lado, devotando seus dias para cuidar de mim mesmo tendo uma esposa encantadora e crianças queridas, para quem havia dado seus genes, esperando por ele. [...]

Trecho 2

"Os seres humanos odeiam tudo o que não é natural", declarou Michael. "Eles acham que os ursos devem continuar a ser ursos. É o mesmo que pensar que os pobres devem continuar sendo pobres. Todo o resto seria, para essas pessoas, não natural."

"Se é assim, então por que construíram zoológicos?"

"Ah, isso é mesmo uma contradição. Mas inconsistência é a verdadeira natureza dos seres humanos."

"Você está de brincadeira!"

"Não precisa se preocupar com o que é natural ou com o que é não natural. Só viva como bem entender."

TAWADA, Yoko. *Memórias de um urso-polar*. São Paulo: Todavia, 2019. p. 240-241, 259.

- Relacione os trechos lidos com os debates propostos pela Antropologia multiespécies e pelo perspectivismo. Reflita, também, sobre a relação do texto com as discussões sobre as desigualdades nas sociedades humanas.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

TEXTO I

Os segredos da natureza se revelam mais sob a tortura dos experimentos do que no seu curso natural.

BACON, F. Novum Organum, 1620. *In*: HADOT, P. **O véu de Ísis**: ensaio sobre a história da ideia de natureza. São Paulo: Loyola, 2006.

TEXTO II

O ser humano, totalmente desintegrado do todo, não percebe mais as relações de equilíbrio da natureza. Age de forma totalmente desarmônica sobre o ambiente, causando grandes desequilíbrios ambientais.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 1995.

Alternativa **a**.

Os textos indicam uma relação da sociedade diante da natureza caracterizada pela

a) objetificação do espaço físico.

b) retomada do modelo criacionista.

c) recuperação do legado ancestral.

d) infalibilidade do método científico.

e) formação da cosmovisão holística.

2. (Fuvest)

"As sociólogas, filósofas e ativistas feministas destacaram, com o conceito de 'reprodução social', algo que a teoria econômica ocultava: para que haja produção de bens e de serviços é necessário que as pessoas que os produzem sejam, por sua vez, produzidas. O trabalho da reprodução social, portanto, cria e repõe a condição primordial e necessária – a existência de pessoas que trabalham – para que a produção econômica possa continuar ocorrendo. Em grande medida, esse trabalho é relegado ao ambiente familiar e às mulheres: cuidado com os filhos, cuidado com doentes e idosos, preparação de alimentos, limpeza e arrumação da casa e outros. O trabalho de reprodução se opõe, socialmente, ao trabalho de produção; este está inserido numa economia organizada com base em empresas – nas fábricas, na agricultura, nos escritórios –, voltado para o mercado e é percebido como merecedor de contrapartida financeira: o salário. Assim, mesmo quando um trabalho da esfera da reprodução se realiza por meio de uma relação de emprego, se for realizado por mulheres, ele costuma ser mal pago e desfrutar de menor prestígio."

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%:* um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

"A chamada 'economia do cuidado' é o conjunto de atividades não remuneradas, geralmente exercidas por mulheres, como a limpeza da casa, preparação de alimentos e os cuidados com crianças, idosos e doentes da família. Um pacote que vale 11% do PIB atual (...). Em valores, foram cerca de 634,3 bilhões de reais em 2015 [por exemplo]. (...) Contabilizar o valor dos afazeres domésticos no PIB do Brasil só se tornou possível a partir de 2001, quando o IBGE introduziu na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) a pergunta referente ao número de horas despendido pela população para executar essas atividades."

Disponível em https://www.cartacapital.com.br/.

Nos textos apresentados, encontram-se dois conceitos, o de "reprodução social" e o de "economia do cuidado". De acordo com as definições desses conceitos e com os dados indicados, qual das afirmações a seguir está correta? Alternativa **d**.

a) Os conceitos de reprodução social e de economia do cuidado são contraditórios porque o primeiro se refere a todo trabalho doméstico e o segundo apenas ao trabalho doméstico pago e que é possível contabilizar.

b) Ambos os conceitos se referem a um tipo de trabalho cuja importância é socialmente reconhecida, fato que pode ser comprovado pela porcentagem expressiva que ele representava do PIB brasileiro no ano de 2015.

c) As definições de reprodução social e de economia do cuidado excluem, necessariamente, a possibilidade de que o Estado seja responsável por parte das tarefas envolvidas na reprodução das pessoas.

d) A contabilização no PIB dos valores dos afazeres domésticos no contexto da economia do cuidado abarca apenas uma parte da reprodução social, pois não inclui o trabalho doméstico remunerado e os trabalhos de reprodução executados fora do ambiente doméstico.

e) Os dados estimados sobre a participação das atividades domésticas não remuneradas no PIB do Brasil mostram que a reprodução social acontece apenas quando não há uma relação salarial entre quem executa e quem se beneficia desse tipo de trabalho.

Debate plural

Masculinidades

O feminismo, movimento que promove a equidade de direitos entre os gêneros, abriu espaço para importantes discussões a respeito do feminino, das feminilidades e dos padrões de gênero em nossa sociedade. Em determinado momento, porém, algumas pesquisadoras entenderam que os impactos do feminismo chegaram também aos padrões de masculinidade, e estes também passaram a ser objeto de estudo.

Quais são os padrões de masculinidade com os quais convivemos na atualidade?

Texto 1

A "manosfera" ou "machosfera" reúne grupos [...] que defendem diferentes jeitos de ver e de se relacionar com mulheres, mas em comum, segundo seus participantes, lutam pelos direitos dos homens e se contrapõem ao feminismo. Especialistas em gênero e estudiosos do extremismo, porém, indicam que essa é, diversas vezes, uma roupagem para tornar aceitáveis ideias machistas e/ou **misóginas**. "No senso comum, até pelo *ismo*, pode dar a ideia de que o masculinismo seria simétrico ao feminismo. E não é –, diz a antropóloga Isabela Kalil, do Observatório da Extrema Direita. "O masculinismo está muito próximo, por exemplo, do supremacismo branco. Porque o feminismo não propõe a aniquilação do outro. O que propõe é a ampliação de direitos e projeto de emancipação e inclusão". [...]

misóginas: que têm ódio ou aversão às mulheres.

ESTADÃO. *Coaches* de masculinidade estão em alta e preocupam especialistas. *Uol*, 13 mar. 2023. Disponível em: https://tedit.net/zp4r8e. Acesso em: 19 ago. 2024.

Texto 2

Terry Crews carrega todo o estereótipo do mundo masculino: alto, forte, ex-jogador de futebol americano e bem-sucedido na carreira de ator em Hollywood (representou o pai de Chris, no seriado *Todo mundo odeia o Chris*).

Cresceu vendo o pai bêbado chegar nervoso em casa depois de um dia exaustivo de trabalho – e prometeu nunca ser aquele cara. Mas por anos reagiu a tudo quase como o pai. Ou como manda a cartilha do comportamento dos homens verdadeiramente homens: com raiva e impaciência. Sem nunca desabar. Sem chorar ou conversar sobre suas fraquezas.

A máscara só caiu quando a esposa se cansou do temperamento de Crews. Foi a primeira vez que considerou que talvez ele estivesse agindo errado [...]. Deixou de bancar o durão e de reprimir seus sentimentos. [...]

"Nós absorvemos as lições do mundo: seja bravo. Seja forte. Não mostre fraquezas. Não tenha dó. Orgulho masculino é como andar na borda do lado de fora de um prédio – até cair e morrer", conta em seu livro *Manhood: how to be a better man or live with one* ("Masculinidade: como ser um homem melhor ou viver com um", em tradução livre). [...]

Crews faz parte de um meio que dissemina todo esse estereótipo. Desde cedo, os meninos aprendem com os filmes de ação que homens sempre seguram a barra. A maioria dos papéis de super-heróis cabe a eles, que bancam a casa, salvam o dia e têm sempre os sentimentos sob controle. Afinal, homem não chora. Nem deixa uma mulher passar despercebida por seus olhares – as comédias reforçam esse papel mulherengo do universo masculino.

[...]

Esses comportamentos tão comuns entre homens, essa necessidade em se provar suficientemente homem o tempo todo, têm nome: masculinidade tóxica. Tóxica, também e muitas vezes principalmente, para as mulheres, que sofrem com assédio, violência doméstica e viram vítimas fatais da agressividade deles.

[...]

No fim da história, essas regras machucam os dois lados – ainda que sejam eles os opressores. E o feminismo, que luta pela igualdade de gêneros, dialoga com esses homens, ainda que travem batalhas diferentes.

De um lado, as mulheres querem a tranquilidade de andarem por aí sem serem assediadas, com a roupa que bem entenderem, alguns homens querem que outros não os incomodem por não serem assediadores. Querem ser livres sem serem julgados. E sabem que, para isso, também precisam vencer os próprios machismos.

CASTRO, Carol. Por que os homens também precisam do feminismo? *Carta Capital*, 29 jul. 2018. Disponível em: https://tedit.net/xdfex8. Acesso em: 19 ago. 2024.

Atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

Interdisciplinaridade
com Língua Portuguesa

1. O texto 1 apresenta o neologismo "machosfera". Quais sentidos são expressos nessa palavra?
2. Com base em sua leitura do texto 1, escreva um parágrafo argumentativo expondo qual é o padrão de masculinidade requerido pelos grupos da "manosfera" ou "machosfera".
3. Leia o texto 2 e compare-o com o texto 1. O padrão de masculinidade descrito nos textos é o mesmo? Escreva um parágrafo comparando esses dois padrões.

UNIDADE 3

#Sociologia

Canteiro de obras da construção de corredor de ônibus em Salvador (BA), em 2024.

Todos nós vivemos em sociedade. A Sociologia nasceu da busca por entender e explicar a especificidade da vida em sociedade.

Desde sua origem no início do século XIX, um dos principais temas da Sociologia foi a questão do trabalho. De que maneira a organização do trabalho afeta a vida das pessoas e como os sistemas de trabalho resultam em certas distribuições de poder entre os grupos de uma sociedade?

Nos capítulos desta Unidade, você entenderá as relações entre indivíduo e sociedade; religião e sociedade; e classes sociais e desigualdade. Além disso, estudará como a Sociologia se desenvolveu dentro e fora do Brasil e como são tratados alguns de seus temas contemporâneos.

ThalesAntonio/Shutterstock

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Na sua opinião, a maneira como organizamos nosso cotidiano, trabalhamos e produzimos influencia nossa maneira de pensar, de conhecer e de compreender o mundo? E as nossas escolhas e os nossos gostos são influenciados por um padrão social que herdamos historicamente?

2. A dinâmica dos acontecimentos no mundo afeta a forma como as pessoas agem, fazem suas escolhas, buscam novas formas de viver, de trabalhar, e tudo isso impacta a vida em sociedade?

CAPÍTULO 6

Pensar a sociedade capitalista

O capitalismo e a formação do pensamento sociológico clássico

Desde o século XVI, diversas transformações sociais caracterizam o que hoje chamamos de capitalismo. Formas de produção, de conhecimento, de cultura, de política, de consumo e de ideias constituídas ao longo dos últimos cinco séculos conferiram uma feição particular à sociedade capitalista.

Entretanto, as bases do capitalismo surgiram nas sociedades feudais europeias, organizadas em torno do trabalho servil e da produção agrícola nos feudos. Com o passar do tempo, novos interesses ligados ao comércio e ao mercado formaram o eixo central da sociedade capitalista que se estruturava.

Para a Sociologia clássica, a vida em sociedade se desenvolveu com base em uma série de acontecimentos históricos. Os contextos sociais atuais resultam das transformações históricas geradas nos séculos anteriores, isto é, o acúmulo de experiências constitui o conjunto das condutas sociais, padrões culturais e formas de organização política e do conhecimento que reproduzimos hoje. A produção e a reprodução social são, portanto, uma síntese de acontecimentos históricos.

Reprodução/Biblioteca do Congresso, Washington, EUA.

Alegoria dedicada ao Terceiro Estado, de 1789 (gravura, dimensões não informadas). A gravura traz uma representação dos grupos que compunham as sociedades feudais europeias: os camponeses, a nobreza, o clero e a monarquia.

No detalhe

Leia a resposta no Manual do Professor.

- Analise a gravura. Como ela interpreta as relações entre o trabalhador e as outras classes sociais na época?

Não escreva no livro

A origem da Sociologia

Assim como qualquer acontecimento histórico, a origem da Sociologia tem relação direta com as necessidades sociais do momento de seu nascimento; ou seja, está relacionada à própria expansão do capitalismo nos séculos XIX e XX e à consolidação da sociedade capitalista.

A indústria teve grande desenvolvimento, transformando os modos de organização das cidades. Na Europa do século XVIII, um dos objetivos da ciência foi incrementar a produção industrial, a fim de torná-la mais eficiente, rápida e barata. Com a introdução das máquinas, a produtividade aumentou vertiginosamente, e o trabalho foi condicionado ao ritmo delas.

Leia a resposta no Manual do Professor.

No detalhe

- As pessoas representadas na gravura tiveram a vida diferente das que viveram no passado, antes do modo de produção capitalista? Pensando na sociedade atual, você acredita que a realidade das pessoas mudou? Em que medida?

Não escreva no livro

Bridgeman Images/Fotoarena/Coleção particular

Obra de James Tingle de c. 1830 (gravura, dimensões não informadas), representando o período inicial do processo de industrialização, no qual mulheres e crianças trabalhavam em fábricas de tecido, operando máquinas movidas a vapor.

Esse novo cenário social em formação precisava ser compreendido. Novas práticas científicas e novas formas de compreender a vida em sociedade seguiram o padrão do desenvolvimento fabril. Dessa maneira, as transformações produtivas tiveram grande influência sobre a origem da Sociologia e de outras Ciências Sociais.

Foi nesse contexto que viveram os três grandes pensadores da Sociologia: Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx.

Scherl/Süddeutsche Zeitung Photo/Fotoarena

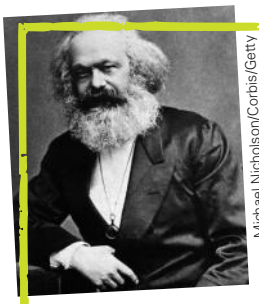
Homens entregam senhas para conseguir doações de café da manhã de entidade assistencial em Londres, Reino Unido, década de 1920. Com o crescimento industrial nos países capitalistas e a concentração de pessoas nas áreas urbanas em busca de trabalho, expandiu-se também o número de pobres e desempregados nas cidades.

Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx

Na Europa do século XIX, Marx argumentava que a humanidade seria responsável por realizar sua própria história. Não haveria, assim, um destino predeterminado nem espaço para explicações fundamentadas em crenças espirituais. A luta entre classes sociais com interesses antagônicos constituiria a base das transformações sociais.

Já Durkheim aproximou a Sociologia das Ciências Naturais. Para ele, a sociedade poderia ser comparada a um organismo vivo em que cada parte se relacionaria com o todo (o organismo social) integrado. Durkheim considerava que a sociedade exercia uma força (uma coerção) sobre os indivíduos, moldando-os à sua semelhança.

Max Weber seguiu um caminho diferente e centrou suas análises nas ações sociais. Para ele, as ações individuais seriam orientadas por outras ações de outros indivíduos. Dessa maneira, uma ação social teria como referência um conjunto de outras ações que influenciariam outras ações individuais. Para Weber, a ação social deveria ser o objeto central da análise sociológica.

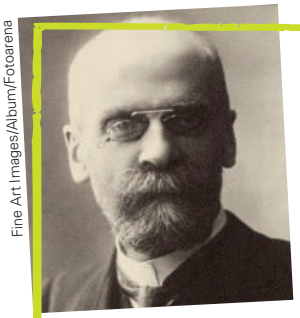


Michael Nicholson/Corbis/Getty Images

Karl Marx, c. 1875.

Karl Marx (1818-1883)

Nasceu no Reino da Prússia, atual Alemanha. Com Friedrich Engels, criou a Teoria Social de base histórica e foi um dos maiores pensadores críticos da sociedade capitalista. Em suas obras, a relação de exploração e dominação social do capital sobre o trabalho foi central. Destaca-se atualmente, sobretudo, no que se refere à análise da estrutura e da dinâmica das sociedades capitalistas.



Fine Art Images/Album/Fotoarena

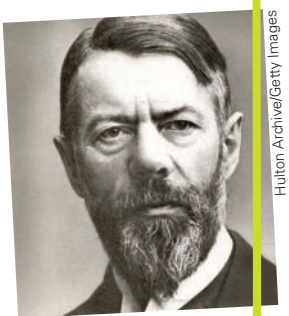
Émile Durkheim. Retrato não datado.

Émile Durkheim (1858-1917)

Nasceu na França. Formou-se em Filosofia na École Normale Supérieure, em Paris. Foi influenciado pela leitura de Herbert Spencer e de Auguste Comte, e consagrou-se como professor de Sociologia na Universidade Sorbonne. É considerado um dos pais da Sociologia, tendo participação decisiva também para o reconhecimento da Antropologia.

Max Weber (1864-1920)

Nascido na Alemanha, foi um dos mais importantes cientistas sociais. Via na sociedade moderna um processo crescente de racionalização: na economia, por exemplo, as formas tradicionais de trabalho foram substituídas pela gestão científica da produção; na política, a obediência à tradição foi substituída pelo respeito à lei e pela burocracia.



Hulton Archive/Getty Images

Max Weber, c. 1910.

Retome

Leia a resposta no Manual do Professor.

Não escreva no livro

- Você aprendeu que a origem da Sociologia tem relação direta com a história do capitalismo. Explique como isso ocorreu.

Émile Durkheim: coesão e fato social

Émile Durkheim foi influenciado pelo filósofo francês Auguste Comte, que sistematizou pela primeira vez a Sociologia, aproximando-a dos métodos das Ciências Naturais.

Johan Hendrick Hoffmeister/Museu Casa de Auguste Comte, Paris, França.

Auguste Comte em 1851.

Auguste Comte (1798-1857)

Nascido em Montpellier, França, foi o primeiro autor a sistematizar a Sociologia como ciência específica. Buscou ordenar o conhecimento humano por meio de uma abordagem fundamentalmente descritiva e baseada em elementos quantitativos, contrapondo-se às explicações metafísicas ou teológicas.

Durkheim procurou consolidar a Sociologia como uma ciência específica, com sua própria metodologia. Com esse objetivo, preocupou-se em desenvolver uma análise com conceitos específicos para o estudo da vida em sociedade. Os fundamentos da sociologia de Durkheim podem ser resumidos nos conceitos de coesão social, de divisão do trabalho e de fato social.

A divisão do trabalho

No fim do século XIX, Durkheim constatava o acelerado processo de transformação social e tentava explicar de que maneira a sociedade capitalista, que, para ele, se dividia e se especializava em funções cada vez mais heterogêneas, poderia garantir alguma coesão social. Ele se perguntava como indivíduos tão diferentes, dispostos em funções sociais tão distintas, poderiam se integrar socialmente. As funções sociais são fundamentais para análise desse autor e, por isso, sua Sociologia foi considerada "funcionalista".

Essa diferenciação social seria caracterizada, segundo ele, por algum tipo ou grau de divisão do trabalho. Com isso, ao longo do desenvolvimento das sociedades, os indivíduos tenderiam a se tornar cada vez mais diferentes uns dos outros. Durkheim observou que, em sociedades com divisão do trabalho muito desenvolvida, predominaria uma dinâmica dupla, na qual, ao mesmo tempo que ocorreria uma diferenciação profissional, seria criada uma interdependência funcional entre os indivíduos. Já em sociedades com a divisão do trabalho menos desenvolvida, as crenças teriam a função de garantir a unidade social, já que o processo de especialização das funções profissionais ainda seria rudimentar.

Na sociedade feudal, por exemplo, a divisão do trabalho se dava com base em atividades predominantemente agrícolas. As técnicas de trabalho eram rudimentares e as tarefas eram ligadas ao plantio, à colheita e ao cuidado com os animais. Para uma análise durkheimiana, haveria grande semelhança entre as técnicas produtivas empregadas nos diferentes feudos, não havendo, assim, muita diferenciação entre os indivíduos.

Bridgeman Images/Fotoarena/Biblioteca Britânica, Londres, Inglaterra.

Livre des profits ruraux, de Piero Crescenzi de Bologna, século XV (técnica e dimensões não informadas). As técnicas de plantio e colheita nos feudos eram semelhantes e a divisão do trabalho era menor se comparada às sociedades capitalistas.

Já na sociedade capitalista ocorre uma intensa divisão do trabalho: existem muitas profissões e, dentro delas, ainda há várias subdivisões — entre os professores, por exemplo, há um campo específico para cada disciplina. Para Durkheim, essas sociedades são mais especializadas, o que caracterizaria indivíduos muito diferenciados entre si. Entre eles, no entanto, haveria um maior grau de coesão social, pois a interdependência funcional entre os indivíduos seria maior. Assim, quanto mais diferenciados fossem os indivíduos, mais dependeriam uns dos outros.

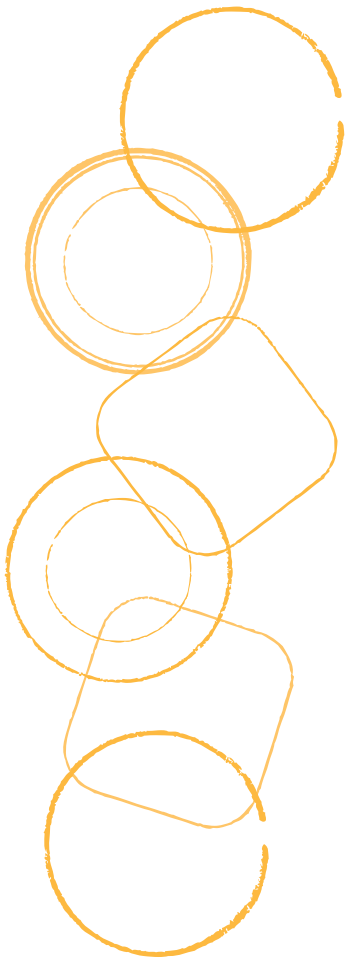
Ernesto Reghran/Pulsar Imagens

Trabalhadores em recapeamento asfáltico em Londrina (PR), 2024. Neste canteiro de obras é possível perceber a divisão do trabalho na área de construção civil. Há um trabalhador dirigindo o veículo enquanto outros dois orientam a saída do material asfáltico. Ao mesmo tempo, outros trabalhadores assentam o asfalto novo sobre o antigo.

Assim falou Émile Durkheim

Nada, à primeira vista, parece tão fácil como determinar o papel da divisão do trabalho. Acaso seus esforços não são conhecidos de todos? Por aumentar ao mesmo tempo a força produtiva e a habilidade do trabalhador, ela [a divisão do trabalho] é condição necessária do desenvolvimento intelectual e material das sociedades; é a fonte da civilização.

DURKHEIM, Émilie. *Da divisão do trabalho social*. 2. ed. Martins Fontes: São Paulo, 1999. p. 14.



Fato social

A divisão do trabalho é, para Durkheim, o elemento social que impulsiona o desenvolvimento das sociedades. Entretanto, para refletir sobre a divisão do trabalho, Durkheim desenvolveu outros conceitos importantes, com base em modelos científicos reconhecidos, como o de fato social. Durkheim entendia o fato social como um fenômeno tão apreensível quanto qualquer elemento físico ou biológico.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Fato social

Fato social é uma maneira de pensar, sentir e agir que exercem uma força externa (uma coerção) sobre os indivíduos.

Para Durkheim, a sociedade precederia os indivíduos e agiria sobre eles, determinando a maneira de ser deles. Assim, um fato social poderia ser reconhecível com base na coerção social imposta a um ou mais indivíduos. Seria considerado fato social o fenômeno que apresentasse:

1. uma generalidade (que estivesse presente e fosse reconhecível em toda uma sociedade ou grupo social);
2. uma externalidade (que fosse exterior às consciências sociais, isto é, que existisse independentemente da vontade e dos anseios do indivíduo); e
3. uma força coercitiva externa aos indivíduos (que moldasse as vontades individuais ao coletivo).

- Com base nessa definição, elenque ao menos dois elementos da nossa sociedade que podem ser considerados fatos sociais.

Nesse sentido, a sociologia de Durkheim, além de funcionalista, é também considerada estruturalista, porque interpreta a sociedade (a estrutura social) como fator determinante das condutas individuais.

Incentive os estudantes a refletirem sobre instituições e espaços que eles frequentem no dia a dia e a se perguntarem se esses locais têm características gerais externas aos indivíduos e que exercem sobre eles uma força coercitiva. Um bom exemplo de fato social são as leis: elas são reconhecidas e se aplicam à totalidade da sociedade (generalidade), existem, como instituição, independentemente da vontade e dos anseios do indivíduo (externalidade) e são impostas de forma a moldar o comportamento coletivo (coercitividade). Outros exemplos de fatos sociais são a religião, as relações de parentesco e os modelos de educação.

Exemplos de fatos sociais são as leis, a educação, a divisão do trabalho, as crenças religiosas e políticas, os esportes. O futebol, por exemplo, é um fato social porque:

- está presente em toda a sociedade brasileira;
- é externo aos indivíduos, pois sua existência não depende da vontade individual;
- é também coercitivo, pois impõe aos brasileiros um padrão de apreciação e prática esportiva.

Muitos meninos brasileiros desejam ser, em primeiro lugar, jogadores de futebol. Esse "desejo" pode ser visto como uma coerção externa, propriamente social.

As idealizações sobre os gêneros também podem ser vistas como um fato social. Por exemplo, os brinquedos fabricados para meninos e aqueles feitos para meninas podem ajudar a condicionar as brincadeiras das crianças ao comportamento esperado para seu gênero.

Daniel Cymbalista/Pulsar Imagens

Vitrine de loja de roupas em São Paulo (SP), 2023. A associação da cor rosa às mulheres e às meninas pode ser vista como um fato social.

Nos termos de Durkheim, a Sociologia é a ciência que estuda os fatos sociais. Aqueles fenômenos que não estiverem dentro de sua definição serão considerados do domínio de outras ciências.

Retome

Não escreva no livro

- A sociedade contemporânea cria funções cada vez mais especializadas e das quais dependemos cada vez mais. Com isso, forma-se uma rede de interdependência entre os indivíduos. Identifique e justifique por que isso acontece.

Espera-se que os estudantes respondam que o mundo do trabalho está em constante transformação, não só na interdependência entre profissões, mas também na existência das profissões em si mesmas, que passam por mudanças de acordo com novos métodos e tecnologias para exercê-las. Por exemplo, hoje é possível comprar praticamente todo tipo de produtos pela internet, o que configura uma mudança na relação entre o comprador e o comerciante, que antes dessa tecnologia só seria possível presencialmente.

Max Weber: ação social

As principais obras de Max Weber foram escritas entre a primeira e a segunda décadas do século XX e estabeleceram um novo estágio para as Ciências Sociais. Diferentemente de Durkheim, Weber não considerava a sociedade algo exterior e superior aos indivíduos. Para ele, a sociedade deveria ser analisada com base nas ações sociais.

Assim falou Max Weber

> [A Sociologia é a] ciência que tem como meta a compreensão interpretativa da ação social de maneira a obter uma explicação de suas causas, de seu curso e de seus efeitos. Por "ação" se designará toda a conduta humana, cujos sujeitos vinculem a esta ação um sentido subjetivo. Tal comportamento pode ser mental ou exterior; poderá consistir de ação ou omissão no agir. O termo "ação social" será reservado à ação cuja intenção fomentada pelos indivíduos envolvidos se refere à conduta de outros, orientando-se de acordo com ela.
>
> WEBER, Max. *Conceitos básicos de Sociologia*. São Paulo: Moraes, 1987. p. 9 (texto publicado originalmente em 1922).

Weber considerava que qualquer ação individual seria orientada por outras ações. Ou seja, com base na expectativa de como nossa ação será recebida, agimos de uma ou de outra maneira. Nossa ação individual é considerada social porque está inserida em um contexto social e histórico que qualifica todas as ações individuais. Não haveria, assim, oposição entre o indivíduo e a sociedade, pois só seria possível compreender a sociedade nas manifestações da ação individual.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Jovens usando redes sociais no Rio de Janeiro (RJ), 2023. Antes de postar uma opinião em uma rede social, uma pessoa pode considerar como seus seguidores vão reagir. Ela pode ajustar o tom ou até decidir não postar com base na expectativa de aprovação ou crítica.

Portanto, a Sociologia de Weber considera que um dos principais fundamentos da compreensão de fenômenos sociais estruturais – como o capitalismo – residiria na análise das ações individuais ou de um conjunto dessas ações.

Com base na análise de ações individuais subjetivas, Weber pretende compreender questões sociais mais gerais, que afetam e definem a sociedade como um todo. Mas o que é, na prática, uma ação social? Um exemplo são as eleições. O eleitor vota orientando-se pelos comentários, pela intenção e até mesmo pelo voto de outros eleitores. Sua ação é individual, mas só se torna compreensível sociologicamente na medida em que a escolha por determinado candidato tem como referência o conjunto dos demais eleitores.

Focus Pix/Shutterstock

Eleitor vota no Rio de Janeiro (RJ), em 2022.

Os tipos ideais

Então, todas as ações sociais devem ser estudadas juntas? Para Weber, a realidade é infinita e, por isso, deve ser recortada para ser compreendida sem que se comprometa a objetividade científica. O cientista faz uma seleção (subjetiva) dos fatos que vai estudar. No entanto, os resultados são considerados objetivos se os procedimentos de análise da ação social forem efetivamente aplicados.

Nesse método idealizado por Weber, os procedimentos de análise, que garantem a objetividade dos resultados, estão diretamente relacionados à construção de tipos ideais ou tipos puros.

O tipo ideal é uma "ferramenta" que o pesquisador usa para se aproximar da realidade. Note que a construção de um tipo ideal, apesar de amparada na realidade, é apenas uma elaboração teórica do pesquisador para ajudá-lo a compreender a realidade.

Weber construiu quatro tipos ideais de ação social:

AÇÃO SOCIAL RACIONAL COM RELAÇÃO A FINS

Tem como base a expectativa de alcançar fins racionalmente esperados. Por exemplo, investir dinheiro para ter um rendimento futuro.

AÇÃO SOCIAL RACIONAL COM RELAÇÃO A VALORES

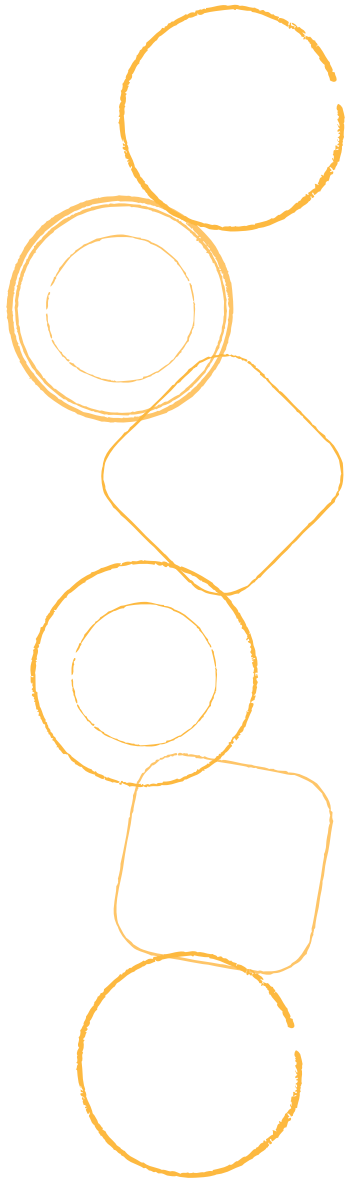
A motivação não tem relação direta com o resultado da ação, mas com o valor que dá sentido à ação. Por exemplo, a doação de dinheiro ou trabalho para determinada causa religiosa ou política, por princípios de fé e crença.

AÇÃO TRADICIONAL

O indivíduo orienta sua ação com base no modo tradicional de agir dos membros de seu grupo social. Por exemplo, todos costumam comprar determinado produto.

AÇÃO AFETIVA

Fundamenta-se em emoções e afetos, isto é, refere-se a sentimentos e emoções. Por exemplo, em uma briga de trânsito motivada pela raiva.



Por serem tipos ideais, essas ações não são observadas em sua forma pura na realidade. O importante aqui é entender que esse mecanismo favorece o entendimento da sociedade na medida em que aproxima o pesquisador da realidade estudada.

Retome

Não escreva no livro

- Quais escolhas você fez na última semana? Relembre-as e tente reconhecer quais os fatores que motivaram tais escolhas. Identifique como essas escolhas se relacionam com a Sociologia de Weber.

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que as ações e escolhas deles, bem como as de todos os indivíduos, orientam-se, de alguma maneira, pelas ações e escolhas de outros indivíduos, como familiares e colegas. Quando um indivíduo assiste a um filme, ou escolhe um livro para ler, por exemplo, suas ações certamente foram influenciadas por ações de outros indivíduos. A partir disso, espera-se que os estudantes compreendam a relação deles com as ações sociais descritas por Weber.

Karl Marx: trabalho e classes sociais

Marx foi um dos maiores pensadores de seu tempo. Sua análise foi marcada pela investigação das relações capitalistas e pela formação e relação das classes sociais. Para ele, a questão-chave para explicar as transformações sociais é a relação conflituosa entre forças sociais, isto é, entre classes sociais distintas com interesses antagônicos.

O argumento central de Marx é de que as sociedades se dividem em classes sociais. Essa divisão é fruto de um processo histórico em que um grupo social se torna dominante e subjuga os interesses dos demais grupos. No capitalismo, Marx observou que a burguesia, a classe capitalista, tornou-se dominante derrotando a nobreza e instaurando o capitalismo. Assim, ao longo de sua ascensão, a burguesia passou a determinar a vida social. Desde então, as leis, as regras, as normas, os gostos e os padrões de consumo, de organização da economia, da ciência e da política passaram a ser definidos com base nos interesses dessa classe.

Contudo, para reproduzir os interesses da burguesia, é necessário que haja uma classe produtora de mercadorias. Assim, ao mesmo tempo que a burguesia se constituiu historicamente, formou-se uma classe antagônica a ela: a classe trabalhadora ou proletariado. Portanto, para Marx, as classes sociais fundamentais da sociedade capitalista seriam a burguesia (a classe capitalista) e o proletariado (a classe trabalhadora).

Bridgeman Images/Fotoarena

Gravura do século XVIII (dimensões não informadas). A obra representa o cercamento de terras na Inglaterra. Ao longo de séculos, terras de uso comum dos camponeses passaram a ser cercadas para uso privado, em geral pela burguesia, prejudicando aqueles que dependiam da agricultura.

Assim falaram **Karl Marx e Friedrich Engels**

A história de toda a sociedade até aqui é a história de lutas de classes. [O ser humano], em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante oposição uns aos outros, travaram uma luta ininterrupta, ora oculta ora aberta, uma luta que de cada vez acabou por uma reconfiguração revolucionária de toda a sociedade ou pelo declínio comum das classes em luta. [...]

A moderna sociedade burguesa, saída do declínio da sociedade feudal, não aboliu as oposições de classes. Apenas pôs novas classes, novas condições de opressão, novas configurações de luta, no lugar das antigas. A nossa época, a época da burguesia, distingue-se, contudo, por ter simplificado as oposições de classes. A sociedade [capitalista] toda cinde-se, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes que diretamente se enfrentam: burguesia e proletariado.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 66-67 (texto original de 1848).

A formação da classe trabalhadora

Mas por que há diferenças e desigualdades entre esses grupos sociais? Segundo Marx, ao longo da História, a formação da classe trabalhadora advém da expropriação de seus meios de produção (terras, ferramentas e locais de trabalho), forçando antigos produtores livres, agora classe trabalhadora assalariada, a vender seu trabalho em troca de um salário. Com isso, a classe trabalhadora seria obrigada, para sobreviver, a vender seu trabalho a um capitalista, no comércio, na indústria, em uma escola particular, cortando cana-de-açúcar para uma usina produtora de álcool, programando para uma fábrica de *softwares* ou, por exemplo, produzindo visualizações ou curtidas para uma **fazenda de cliques**.

fazenda de cliques: locais que concentram uma ou mais pessoas operando computadores e celulares para gerar tráfego na internet, produzindo engajamento (curtidas, compartilhamentos, visualizações) em *sites* e redes sociais.

Giselleflissak/E+/Getty Images

Trabalhador registra sua chegada no sistema de controle de horário de uma empresa em Petrópolis (RJ), 2022. No capitalismo, o proletariado vende suas horas de trabalho em troca de um salário, em condições determinadas pelo empregador.

A exploração do trabalho

A classe capitalista teria como ponto central de sua dominação reproduzir a exploração do trabalho. Para isso, a produção industrial seria cada vez mais incrementada, tanto nas formas de controle, quanto em relação à introdução de novas tecnologias.

Mas por que é sempre necessário ampliar mais e mais a produção de mercadorias? Marx entende que, quanto mais o trabalhador for controlado, maior será sua produtividade e menor seu poder político. Assim, ao substituir o trabalhador por uma máquina, o capitalista aumenta sua produção e também seu controle, já que os trabalhadores passam a responder ao ritmo e ao tempo da máquina. Ou seja, o capitalista usa a máquina tanto produtiva quanto politicamente.

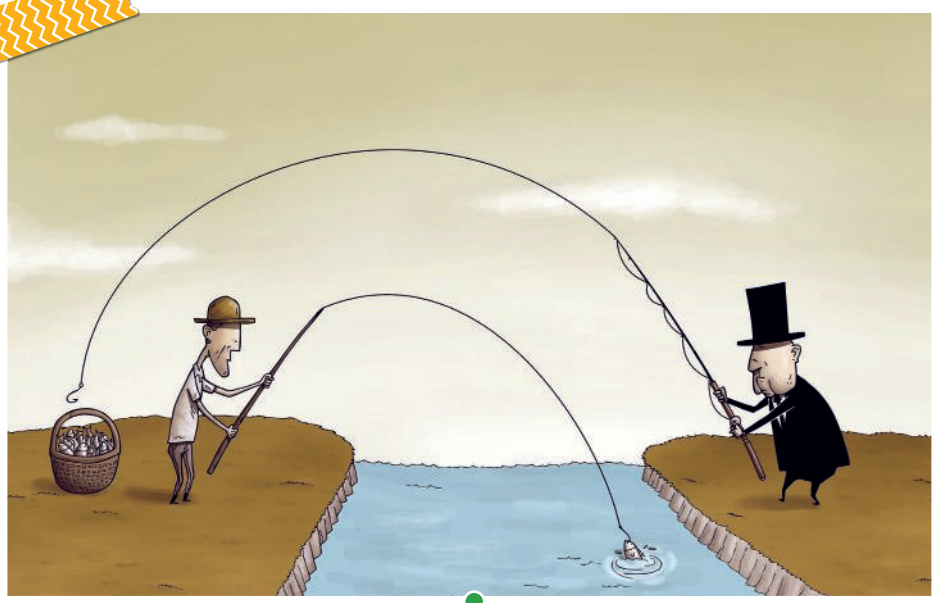
Pode-se se resumir essa questão com a seguinte frase: é preciso que tudo mude para que nada se transforme; ou seja, é necessário sempre desenvolver a produção com novas tecnologias e formas de organização e controle. Portanto, para Marx, o desenvolvimento do capitalismo se baseia na exploração e na dominação da classe trabalhadora pela classe capitalista. Existe, então, um embate entre forças sociais opostas. Toda a sociedade seria baseada em relações contraditórias, que inspiram confrontos políticos originários da divisão social em classes.

Favoritos

Reprodução/Dog Eat Dog Films/ The Weinstein Company

Capitalismo, uma história de amor. Estados Unidos, 2009. Direção: Michael Moore (127 min).

O documentário explora um tabu – qual preço os Estados Unidos pagam por seu amor ao capitalismo? Moore mostra o cotidiano de pessoas comuns cuja vida virou de cabeça para baixo e procura explicações em Washington.



© Rodrigo Minêu/Acervo do cartunista

Charge de Rodrigo Mineu, publicada no jornal *O Cometa Itabirano*, set./out. 2013. Nela, o homem da direita representa a classe capitalista, e o da esquerda, a classe trabalhadora.

No detalhe

Leia a resposta no Manual do Professor.

- Considerando a teoria de Marx, explique por que a charge pode ser interpretada como uma metáfora da sociedade capitalista.

Não escreva no livro

Trabalhando com

pintura e fotografia

Mudanças do trabalho

O trabalho é um fator estruturante da sociedade capitalista e passou por diversas transformações. Analise a pintura e a fotografia: cada uma delas mostra as relações de trabalho em situações e épocas distintas.

Christophel Fine Art/UIG/AGB Photo Library/Museu de Belas Artes, Lyon, França

Sevetier Interior, de Cornelis Schack, século XVII (óleo sobre tela, dimensões não informadas). A pintura mostra artesãos confeccionando calçados na Idade Média.

CFOTO/Future Publishing/Getty Images

Linha de produção de sapatos de couro em Huai'an, China, 2022.

Atividades Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Indique a diferença entre a relação de trabalho representada na pintura e na fotografia.
2. Analise a fotografia e reflita sobre os impactos da modernização dos processos de produção para os trabalhadores na atualidade.

Sociologia: passado, presente e futuro

Aprendemos, no decorrer deste capítulo, que a formação da Sociologia como ciência é fruto de transformações históricas. Isso significa que as características gerais dessa área do conhecimento têm relação com a maneira como a sociedade ocidental se organizou no fim do século XIX e no início do século XX.

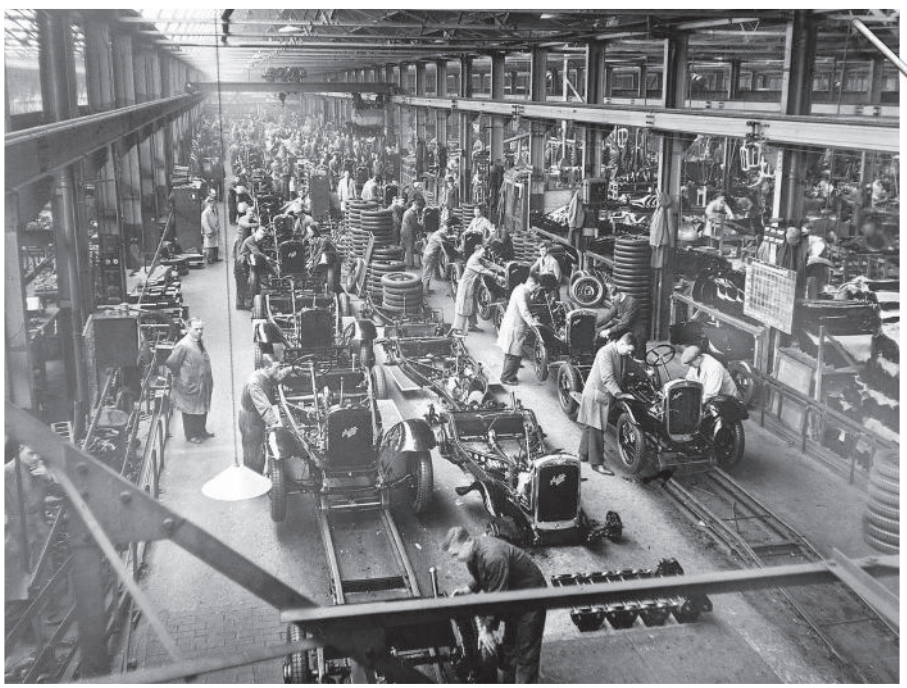
Cada um dos autores que estudamos analisa a sociedade capitalista de sua época e enfatiza elementos que considera centrais; cada um deles tem interpretações diferentes a respeito da estrutura social e dos elementos contextuais da sociedade.

Entretanto, é possível precisar, com base na Sociologia nascente, o que é estrutura social e o que é contexto social.

Todas as sociedades, sendo elas indígenas, escravistas, africanas, orientais, socialistas ou capitalistas, têm elementos gerais que se reproduzem ao longo do tempo: as estruturas sociais. A estrutura social é formada por características gerais que dão particularidade à sociedade e se reproduzem ao longo do tempo. Assim, podemos entender que, se uma sociedade tem seus elementos estruturais destruídos, ela perde sua particularidade, transformando-se em um outro tipo de sociedade.

Ainda que os autores citados neste capítulo pensem de maneiras diferentes, todos consideram que o trabalho é um dos elementos centrais da estrutura da sociedade capitalista. No entanto, comparando o trabalho em diferentes contextos históricos, notamos diferenças. Por exemplo, as ferramentas utilizadas na produção foram sendo alteradas (tesoura, martelo, computador ou aplicativo), assim como as formas de trabalhar. Basta observar as fotografias a seguir dos trabalhadores nos Estados Unidos em 1933 e na China em 2023. A sociedade, assim, passou de um contexto a outro reproduzindo o trabalho, mas esse trabalho se transformou.

Scherl/Süddeutsche Zeitung Photo/Fotoarena



Trabalhadores em linha de montagem de automóveis em Austin, Estados Unidos, 1933.

Sempre estamos imersos em contextos sociais. Entretanto, há elementos sociais que se reproduzem em todos os contextos. Podemos dizer, por exemplo, que na história do capitalismo sempre houve trabalho assalariado e trabalhadores. Isso, portanto, faz parte da estrutura social. Porém, o trabalho foi modificado muitas vezes, tanto na forma de exploração quanto na relação do trabalhador com seu trabalho. Dessa maneira, por um lado, o trabalho assalariado em geral permanece, e por isso ele se configura como elemento central da estrutura social. Por outro lado, em cada conjuntura histórica o trabalho ganha características específicas, sem perder suas características gerais.

VCG/Getty Images

Robôs substituindo trabalhadores em linha de produção automobilística em Qingdao, China, 2023.

No detalhe

Leia as respostas no Manual do Professor.

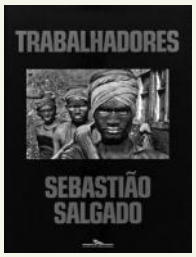
1. Como a automação afeta as oportunidades de emprego, especialmente para trabalhadores menos especializados?
2. Em sua opinião, quais são os desafios enfrentados pelo Brasil em relação à capacitação da força de trabalho?

Não escreva no livro

A sociedade se transforma a cada segundo. No entanto, essa sociedade parece manter características que perduram ao longo do tempo. Nossos hábitos parecem sempre novos, mas existem padrões que herdamos e que se fundamentam na história de nossa sociedade.

Conclui-se que o contexto histórico recria e reproduz os elementos estruturais da sociedade. Uma das tarefas da Sociologia é a observação e a interpretação das regularidades sociais no interior da relação entre o que é relativamente permanente e o que é contextual.

Favoritos



Reprodução/Editora Companhia das Letras

Trabalhadores: uma arqueologia da era industrial. Sebastião Salgado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

O livro reúne 350 fotografias de Sebastião Salgado, que, entre os anos de 1986 e 1992, documentou homens e mulheres em diversas situações de trabalho penoso em diferentes regiões do mundo. Textos com informações históricas e factuais completam o trabalho fotográfico.

Mundo digital

Interdisciplinaridade
com Matemática

Algoritmos em ação

Alguma vez você já falou em voz alta sobre o desejo de comprar um produto e depois, ao abrir sua rede social, deparou-se com um anúncio dele? Esse é um exemplo típico da ação dos algoritmos.

Leias os textos a seguir.

Texto 1 Algoritmo: decifra-o ou devora-te

Um algoritmo é uma combinação de passos. Como uma receita de bolo, sustenta o funcionamento da internet. De forma bastante simplificada, eles são conjuntos de etapas a serem executadas, um passo a passo computacional, um código de programação. A internet é uma combinação de códigos matemáticos e os algoritmos são responsáveis pela tradução do mundo em dados.

[...]

Tudo indica, portanto, que os algoritmos seriam apenas uma ajuda maquínica para a sobrecarga informativa em que vivemos. Mas não. Algoritmos não são apenas modelos ou representações de um processo. [...] Ou seja, apesar de uma aparente neutralidade que conferimos às máquinas, aos códigos e à tecnologia, não há tecnologia neutra. E cada programação não está livre de ideologias, visões de mundo. De interesses econômicos. Os algoritmos – como parte essencial e estrutural das plataformas – configuram uma nova forma de edição do mundo.

Edwin Tan/E+/Getty Images

Programadora trabalhando na construção de um algoritmo em Petaling Jaya, Malásia, 2024.

[...] Mas a edição do mundo por algoritmos de plataformas de redes sociais tem como premissa a opacidade. Em uma lógica de caixa-preta, não sabemos como se dão as estruturas das plataformas, tampouco como o algoritmo funciona.

Lidas apenas com o que sai ou entra nessa caixa-preta, sua lógica de funcionamento fica à sombra – ou é tratada como segredo de negócio. E ainda que as plataformas digitais sirvam de espaço para mantermos as nossas redes sociais "da vida real", as relações com nossos amigos, familiares e ídolos, elas não são exatamente um espaço propício para a construção de comunidades e coletivos, mas para transações comerciais. Não o são porque as

plataformas funcionam a partir de um modelo de negócio em que há gratuidade para os usuários, mas o pagamento da plataforma é feito a partir da venda de dados para anunciantes. É preciso tirar o véu dos algoritmos, desvelar seus objetivos.

KARHAWI, Issaaf. Algoritmo: decifra-o ou devora-te. *Revista E*, 31 ago. 2023. Disponível em: https://tedit.net/fjjfd4. Acesso em: 23 ago. 2024.

Texto 2 Algoritmos descobrindo pássaros

Imagine um gravador que passa o dia inteiro registrando os sons da floresta: animais andando, chuva caindo, galhos despencando. Agora imagine um algoritmo capaz de identificar e agrupar esses sons, ajudando pesquisadores a estudar animais de interesse, sons específicos e vocalizações que só certos bichos produzem. Pois não é preciso imaginar – este recurso não só existe como está sendo utilizado hoje dentro de uma das regiões mais ameaçadas da Amazônia brasileira pela expedição "A Amazônia Que Precisamos", promovida pelo Greenpeace. [...]

Os dados gerados neste trabalho vão compor o Plano de Gestão do Território de Uso Comum do Rio Manicoré, concedido para as comunidades daquela região por meio da Concessão de Direito Real de Uso (CDRU), de março de 2022. Além disso, as informações colhidas pelos cientistas também vão reforçar a proposta das comunidades extrativistas daquela área que tentam, há 16 anos, criar uma unidade de conservação: a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do rio Manicoré.

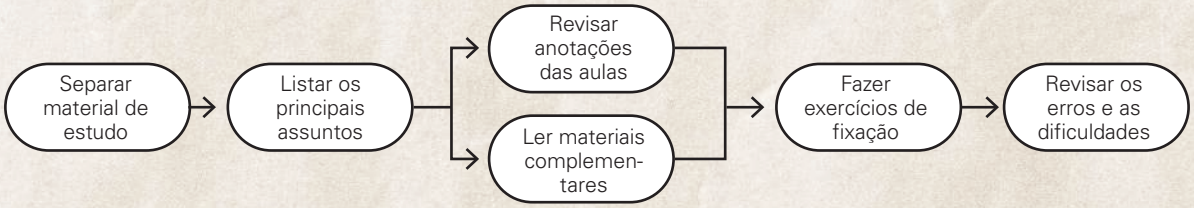
DANTAS, José E. Algoritmos descobrindo pássaros. *Greenpeace*, 5 jul. 2022. Disponível em: https://tedit.net/jei7u7. Acesso em: 3 ago. 2024.

Atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. O texto 1 apresenta a seguinte definição de algoritmo: "Um algoritmo é uma combinação de passos. [...]. De forma bastante simplificada, eles são conjuntos de etapas a serem executadas, um passo a passo computacional, um código de programação". Assim, podemos considerar que um fluxograma funciona como um algoritmo. Acompanhe um exemplo de fluxograma de organização de estudos para uma prova.



Com base no exemplo, monte, em seu caderno, um fluxograma com as informações descritas no texto 2. Considere desde a captação das gravações até a composição do Plano de Gestão do Território de Uso Comum do Rio Manicoré.

2. O texto 1 diz que a edição do mundo por algoritmos de plataformas de redes sociais segue uma "lógica de caixa-preta". O que significa essa lógica e quais são suas implicações?

3. O texto 2 destaca que, quando usados com transparência, os algoritmos podem ser aliados de pesquisa para causas importantes, como a preservação da biodiversidade e das populações tradicionais da Amazônia. Que outros usos positivos podem ser feitos dos algoritmos? Em grupo, produza um ***newsletter*** informativo sobre o que são os algoritmos e como eles podem ajudar no nosso cotidiano.

***newsletter*:** boletim informativo enviado por *e-mail*.

Galeria de atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Identifique qual é a relação entre a Sociologia e o desenvolvimento da indústria no século XIX.
2. Explique como Émile Durkheim relacionou a divisão do trabalho e a coesão social.
3. Explique o que é fato social para Émile Durkheim.
4. Sintetize o que é ação social para Max Weber.
5. Defina o que são os tipos ideais em Max Weber.
6. Identifique a relação entre o trabalho e as classes sociais para Karl Marx.
7. Explique a relação entre os elementos estruturais e os elementos conjunturais ou ocasionais para o estudo das sociedades.
8. Leia o trecho a seguir:

> Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial.
>
> MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 25(texto original de 1852).

   - Analise em que medida o texto expõe a relação entre estrutura e contexto histórico e social.
9. A gravura apresentada, de 1863, ilustra a chamada "fome do algodão". Trata-se de uma crise na indústria têxtil inglesa em decorrência da falta de matéria-prima vinda dos Estados Unidos, país que estava em guerra civil na época. As pessoas na gravura estão em busca de doações de mantimentos.
   - Relacione a gravura com o conteúdo do capítulo, levando em conta a perspectiva da Sociologia em relação à estrutura e à conjuntura sociais.

Look and Learn/Illustrated Papers Collection/Bridgeman Images/Fotoarena/Coleção particular

The Cotton Famine, 1863 (gravura, dimensões não informadas). Publicada no *The Illustrated London News*.

Enem e vestibulares

1. (UEM-PR)

Émile Durkheim (1858-1917) é considerado, conjuntamente com Auguste Comte (1798-1857), Karl Marx (1818-1883) e Max Weber (1864-1920), um dos fundadores da Sociologia. Em 1895, Durkheim publicou As regras do método sociológico, onde apresenta o conceito de fato social. Este conceito é central na sociologia durkheiminiana.

Sobre o fato social é correto afirmar:

Resposta: 01, 02, 04 e 16

(01) Émile Durkheim afirma em As regras do método sociológico que o fato social é exterior às pessoas.

(02) O fato social, segundo Émile Durkheim, possui uma existência própria, para além das manifestações individuais.

(04) Em As regras do método sociológico, Émile Durkheim propõe que o fato social é geral, ocorrendo no conjunto de uma sociedade.

(08) Para Émile Durkheim, o fato social é particular e individual.

(16) Uma das características definidoras do fato social, segundo Émile Durkheim é a sua capacidade de coerção sobre as pessoas.

2. (Uece)

As contribuições de Karl Marx e Max Weber formam a base da maioria das análises sociológicas sobre a estruturação e organização da sociedade em classes sociais.

Assinale a opção que corresponde ao conceito de classe social na perspectiva de Karl Marx. Alternativa **d.**

a) Existe entre as classes uma relação de dominação estabelecida a partir do lugar que os indivíduos ocupam nas religiões.

b) As classes sociais estruturam a sociedade e por meio delas são construídas as relações de interesses harmônicos entre os grupos sociais.

c) Classe social é uma invenção teórica e não tem correspondência com a dinâmica de estruturação das sociedades contemporâneas.

d) Uma classe social é um grupo de pessoas que se encontra em uma relação comum com os meios de produção por meio dos quais elas extraem seu sustento.

3. (UFPR)

Considere o texto a seguir.

Se fato social é considerado por Émile Durkheim o objeto sociológico por excelência, por trazer ao conhecimento uma realidade da natureza social e coletiva bem diversa da realidade dos fenômenos individuais, Max Weber elegeu a Sociologia como ciência da ação social.

(ARAÚJO, Silvia Maria de Araújo; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. Sociologia. São Paulo: Scipione, 2016. p. 29.)

O que Weber entende por ação social?

Alternativa **d.**

a) Um conjunto de ações coletivas que visam à implementação de um poder revolucionário e à ruptura estrutural de uma dada sociedade.

b) Uma ação isolada e fortalecida pela subjetividade do indivíduo, visto que, na modernidade descrita por Weber, o individualismo se torna instrumento fundamental das relações sociais.

c) Uma iniciativa privada das empresas com intenção de melhor conduzir o comportamento dos indivíduos na vida pública e nas estruturas burocráticas.

d) Uma ação orientada por expectativas em relação à(s) outra(s) pessoa(s), sejam elas conhecidas ou não, vivas, mortas (ancestrais) ou nem nascidas (visando as gerações futuras).

e) Um conceito utilizado para definir a interação dos cidadãos nas sociedades antigas, nas quais a ação social era necessária para sobrevivência dos coletores e caçadores.

4.(Uece)

Relacione corretamente os pensadores apresentados a seguir com seus respectivos pensamentos ou atributos, numerando a Coluna II de acordo com a Coluna I.

Coluna I

1. Max Weber
2. Karl Max
3. Émile Durkheim
4. Augusto Comte

Coluna II

( ) Considera fatos sociais como coisas.
( ) São conceitos-chave de sua teoria: ação social; tipo ideal; burocracia.
( ) Considerado o pai da Sociologia moderna, criou a disciplina acadêmica da Sociologia.
( ) Defende a ideia de que interesses entre o capital e o trabalho são irreconciliáveis.

A sequência correta, de cima para baixo, é: Alternativa **b.**

a) 1, 3, 2, 4. **b)** 3, 1, 4, 2. **c)** 2, 4, 1, 3. **d)** 4, 2, 3, 1.

5. (UFSC)

Quanto à questão que originou esse trabalho (Da divisão do trabalho social), é a das relações entre a personalidade individual e a solidariedade social. Como é que, ao mesmo passo que se torna mais autônomo, o indivíduo depende mais intimamente da sociedade? Como pode ser, ao mesmo tempo, mais pessoal e mais solidário? [...] esses dois movimentos, por mais contraditórios que pareçam, seguem-se paralelamente [...] Pareceu-nos que o que resolvia essa aparente antinomia é uma transformação da solidariedade social, devida ao desenvolvimento cada vez mais considerável da divisão do trabalho. Eis como fomos levados a fazer desta última o objeto de nosso estudo.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*, 1999 [1893], p. XLVI.

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza [...] põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.

MARX, Karl. *O capital*, livro I, 2001 [1867], p. 211.

Considerando a questão do trabalho de acordo com os autores clássicos da sociologia acima referidos, é correto afirmar que:
Resposta: 01, 02 e 08

(01) para Marx, o trabalho e a divisão do trabalho estão presentes em todas as sociedades.

(02) segundo o pensamento de Durkheim, haveria uma crescente divisão do trabalho, tornando a sociedade cada vez mais diferenciada a partir das funções e especializações dos indivíduos.

(04) na solidariedade orgânica as pessoas seriam cada vez mais semelhantes, ao passo que na solidariedade mecânica elas seriam cada vez mais diferentes, segundo Durkheim.

(08) na concepção de Marx, o lucro obtido pela burguesia no capitalismo seria oriundo da mais-valia.

(16) tanto Durkheim quanto Marx, por serem ambos sociólogos do século XIX, analisavam a questão das relações de trabalho exatamente da mesma forma.

CAPÍTULO 7

Mundos do trabalho

O trabalho em Durkheim, Weber e Marx

Neste capítulo, vamos conhecer a visão dos autores clássicos sobre o trabalho assalariado, isto é, o tipo de trabalho específico das sociedades capitalistas como a nossa. Também veremos como ele se desenvolveu, quais são suas características centrais no mundo atual, como se organizou e se organiza o trabalho na indústria, qual é o papel da gerência, como a tecnologia impulsiona a produção e como o trabalho afeta as pessoas de modos diferentes, conforme o gênero.

Na virada do século XIX para o XX, os autores clássicos da Sociologia, Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, mesmo com visões diferentes sobre o trabalho, o elegeram como um de seus objetos centrais de estudos.

Divisão funcional do trabalho

Durkheim concentra sua atenção na divisão do trabalho. Para ele, quanto mais especializado é o trabalho, mais laços de interdependência se formam. Um padeiro depende de um agricultor, que depende de um ferreiro, e assim por diante. Isso levará, por consequência, a uma maior integração ou coesão social.

Reprodução/Museu Munch, Oslo, Noruega.

Trabalhadores a caminho de casa, de Edvard Munch, 1913-1914 (óleo sobre tela, 227 cm × 201 cm).

A divisão do trabalho, na concepção de Durkheim, é um fato social presente na sociedade, sendo mais evidente em sociedades complexas, com o desenvolvimento da solidariedade orgânica, proporcionando maior coesão social.

Durkheim entende a divisão social, que consiste na distinção entre trabalhadores e empregadores, como uma distinção funcional, que consiste na divisão entre aqueles que devem cumprir uma atividade de organização da produção e de mando (os empregadores) e os que devem desenvolver uma atividade produtiva (os trabalhadores).

A ética protestante e o espírito do capitalismo

Weber, por sua vez, não defende que há algo geral e comum a todas as sociedades. Cada sociedade obedece a situações históricas exclusivas; e no capitalismo, por condições específicas, o trabalho teria se tornado uma atividade fundamental.

Em seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1905), Weber observa que a particularidade do capitalismo se originou do encontro entre o "espírito" capitalista, de obter sempre mais lucros, e uma ética religiosa fundamentada em uma ação **ascética**.

ascética: que ou quem pratica o ascetismo, um conjunto de práticas que leva à realização da virtude, à plenitude da vida moral por meio da disciplina e do autocontrole.

Weber observou que a formação do capitalismo teve como característica fundamental essa ação social orientada por um objetivo racional. No contexto do protestantismo, o sucesso no trabalho e na vida material era interpretado como um possível sinal de escolha divina, especialmente entre os calvinistas.

Reprodução/Museu do Louvre, Paris, França.

O banqueiro e sua mulher, de Quentin Matsys, 1514 (óleo sobre tela, 70 cm × 67 cm). Se antes predominavam temas religiosos, no século XVI pinturas de temas ligados à vida terrena cotidiana e ao trabalho tornaram-se comuns nas regiões de Flandres e da Holanda.

Exploração do trabalho

Já para Marx, o capitalismo originou-se quando a classe social nascente, a burguesia, entre os séculos XV e XVII, se apossou dos meios de produção (terras, ferramentas, animais, etc.) dos pequenos produtores livres. Com isso, formaram-se a burguesia (classe capitalista) e o proletariado (classe trabalhadora).

A reprodução dessa divisão social se dá com base na exploração do trabalho assalariado, ou seja, do trabalho vendido para o capitalista em troca de um salário. No entanto, como salientou Marx, devemos considerar a desigualdade histórica dessa relação de troca. Após ter seus meios de produção tomados historicamente pelos capitalistas, a classe trabalhadora se vê forçada a vender seu trabalho em troca de um salário, caso contrário não há como sobreviver.

A vida na sociedade capitalista depende, portanto, da exploração do trabalho assalariado, pois os capitalistas dependem do trabalho explorado para terem lucros e os trabalhadores para garantirem um salário e sua sobrevivência. Contudo, ao longo da história, trabalhadores e movimentos sociais têm lutado por melhores condições, conquistando direitos como a redução da jornada e melhorias salariais. Embora a exploração do trabalho seja característica do capitalismo, essas lutas trouxeram avanços importantes nas relações trabalhistas e continuam a impulsionar transformações sociais.

No detalhe

- Analise a charge: a temática representada vai em direção à importância do trabalho nas sociedades contemporâneas ou é contrária a ela? Justifique sua resposta.

Não escreva no livro

Leia a resposta no Manual do Professor.

©Angeli/Folha de S. Paulo 27.08.2006/Fotoarena

Charge de Angeli, publicada no jornal *Folha de S.Paulo* em 27 de agosto de 2006.

Trabalhando com

entrevista

Trabalho prescrito e trabalho real

Leia, a seguir, um trecho da entrevista concedida à revista francesa *La Vie des idées* por Danièle Linhart, socióloga francesa, em que ela discorre sobre as diferenças entre o trabalho prescrito e o trabalho real.

Danièle Linhart: Há uma grande diferença entre o trabalho prescrito, o que as pessoas supostamente devem fazer de acordo com os organogramas, com as prescrições do trabalho, com as descrições de cargos e de atividades, e o que elas realmente fazem. [...] Quando se trabalha, nunca é como imaginamos. [...] Muitos acidentes de trabalho foram evitados graças aos coletivos nos quais se compartilha, se oferecem conhecimentos, saberes que permutamos, que testamos. Há o sentimento de um destino comum, de valores comuns: o que é justo e injusto, moral e imoral. O trabalho real é, em relação ao trabalho prescrito, uma transgressão e toda uma vida coletiva é criada em torno dessa clandestinidade, dessa transgressão. Essa vida social, essa sociabilidade se impregna também de um sentido político. Há, em torno do trabalho real, tomadas de consciência coletivas, sindicais, políticas, morais, que fazem as pessoas sentirem que elas compreendem o que lhes está acontecendo e por quê. Elas podem vincular suas experiências às dimensões econômicas e políticas que vão além de seu local de trabalho. E lá, a ideologia da luta de classes, da exploração capitalista, faz sentido. Elas podem sair do confinamento do microcosmo de seu local de trabalho, tentando decifrar o que está acontecendo e, portanto, posicionar-se como ator coletivo. Hoje em dia, com a individualização e a atomização, as pessoas já não têm esse benefício: elas enfrentam tudo isso de forma solitária.

La Vie des idées: Isso é o que você mostra em *A comédia humana do trabalho*, entre o modelo taylorista, que valorizava a desumanização, mas que permitia justamente a expressão desses elementos...

Danièle Linhart: Que o permitia objetivamente, não intencionalmente. Mas que deixava espaço, que não podia se opor a isso.

La vie des idées: E a passagem ao modelo gerencial contemporâneo, que valoriza a super-humanização e que, ao contrário, é um ataque sistemático a essa possibilidade de se organizar coletivamente.

LINHART, Danièle. Entrevista com Danièle Linhart: a instituição da expropriação. [Entrevista cedida a] Laurent Ucher e Frédérique Barnier. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 19, n. 1, p. 135-141, 2016. Disponível em: https://tedit.net/18a03f. Acesso em: 26 ago. 2024.

Atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Com base na entrevista de Danièle Linhart, descreva com suas palavras as formas de controle do trabalho (políticas empresariais e sua execução) e suas consequências sobre os trabalhadores (em seus aspectos sociais e psicológicos).
2. Nos múltiplos universos do trabalho, os trabalhadores exercem atividades que geralmente não estão listadas nas funções destinadas a eles. Converse com as pessoas que você conhece que trabalham e pergunte se isso ocorreu com elas. Registre suas impressões e debata em sala de aula com os colegas.

Força de trabalho, mais-valia e alienação

A desigualdade econômica é estrutural em nossa sociedade: está presente desde o início do capitalismo, ganhando novos contornos e feições em cada contexto histórico. Essa estrutura se funda na separação entre aqueles que têm os meios de produção e aqueles que não os têm.

Força de trabalho

Quando o trabalhador recebe um salário, o que ele está recebendo? Segundo Marx, ele recebe o valor da força de trabalho. Caso o trabalhador recebesse tudo o que produziu, o capitalista não teria lucro.

Quando alguém recebe seu salário mensal, acredita estar recebendo o total do que produziu com seu trabalho, mas, na verdade, essa quantia representa apenas uma parcela do trabalho desenvolvido durante o mês. Portanto, o que o trabalhador vende é sua força de trabalho, o que corresponde a uma parcela do trabalho realizado.

Segundo Marx, existe nessa relação de compra e venda da força de trabalho uma dupla dimensão: a primeira dimensão é a mais-valia e a segunda é a alienação do trabalhador.

Ronaldo Almeida/Shutterstock

Manifestação contra a aprovação da reforma trabalhista em Juiz de Fora (MG), 2017. Projetos que retiram direitos trabalhistas ou abrem espaço para a redução da remuneração possibilitam aumentar o lucro do capitalista.

Mais-valia

Segundo Marx, mais-valia é a diferença entre o valor que o trabalhador produz e o salário que ele recebe. O salário equivale a apenas parte do valor (tempo de trabalho explorado) produzido pelo trabalhador. A mais-valia é a parte do valor produzido que excede o salário pago ao trabalhador, apropriada privadamente pelo capitalista.

Talvez, o conceito de mais-valia seja o mais importante entre os desenvolvidos por Marx. Com esse conceito, ele demonstrou que, para produzir mercadorias, o trabalhador se submete a uma relação na qual seu trabalho é explorado de forma cada vez mais intensa.

Alienação

A outra dimensão dessa relação de trabalho é a alienação: o trabalhador se aliena – se separa – do produto de seu próprio trabalho, pois tudo aquilo que produziu torna-se propriedade privada de outra pessoa. O resultado do trabalho não pertence mais ao trabalhador, pois esse produto pertence ao capitalista, na forma de propriedade privada. Ao se alienar do produto de seu trabalho, segundo Marx, o trabalhador se aliena do próprio trabalho, isto é, de sua atividade vital, alienando-se, com isso, do que o caracteriza como ser humano.

Leia a resposta no Manual do Professor.

No detalhe

- Relacione a charge ao conceito de alienação proposto por Marx.

Não escreva no livro

Frank & Ernest, Bob Thaves © 1996 Thaves/Dist. by Andrews McMeel Syndication

A charge de Bob Thaves, de 1996, ilustra uma das faces da alienação do trabalhador no processo produtivo da sociedade capitalista: ele muitas vezes não tem acesso ao produto de seu trabalho.

Favoritos

Reprodução/Charles Chaplin Film Corporation

Tempos modernos. Estados Unidos, 1936. Direção: Charles Chaplin (87 min).

O filme faz uma crítica ao capitalismo, ao modo de produção industrial e ao nazifascismo. Retrata a vida de um operário que não se adapta ao sistema produtivo e se rebela contra a modernidade capitalista.

Uberização e plataformização do trabalho

Leia o trecho sobre a uberização do trabalho e, em seguida, responda às questões.

A uberização traz um tipo de utilização da força de trabalho que conta com a disponibilidade do trabalhador, mas o utiliza apenas quando necessário, de forma automatizada e controlada. A empresa-aplicativo detém o controle e a possibilidade de mapear e gerenciar a oferta de trabalho e sua demanda, a qual também está mediada pelo aplicativo e subordinada a ele. Como dito, o trabalhador está disponível, mas não tem qualquer possibilidade de negociação ou influência na determinação da distribuição de seu próprio trabalho nem sobre o valor do mesmo. As próprias regras sobre a distribuição do trabalho, bonificações, determinação do valor do trabalho e suas variações não são claras ou predefinidas. [...] Esse tipo de utilização da força de trabalho pode ser compreendido como a consolidação do trabalhador como um "trabalhador *just-in-time*" [...]. Ser *just-in-time* significa que são transferidos ao trabalhador custos e riscos da atividade; que este está desprovido de direitos associados ao trabalho, enfrentando também a total ausência de garantias sobre sua carga de trabalho e sua remuneração. Nada está garantido. Ou seja, o trabalhador encontra-se à disposição da empresa, sem ter qualquer clareza ou controle sobre a forma como seu trabalho é disponibilizado e remunerado [...].

ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*, Campinas, v. 18, n. 3, p. 3, 2019. Disponível em: https://tedit.net/c15x74. Acesso em: 27 ago. 2024.

Atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

Interdisciplinaridade
com Biologia

1. As transformações tecnológicas no trabalho são capazes de prover uma boa vida para todos? Justifique utilizando argumentos do texto.
2. Desenvolva uma pesquisa com trabalhadores de aplicativos, fazendo as seguintes perguntas:
   - **a)** Durante o trabalho, quantas vezes ao dia você bebe água e quantas vezes vai ao banheiro?
   - **b)** Você se alimenta ao longo do expediente? Se sim, o que costuma comer?
   - **c)** Você tem algum problema de saúde? Foi desenvolvido antes ou depois de começar a trabalhar na sua atual função?

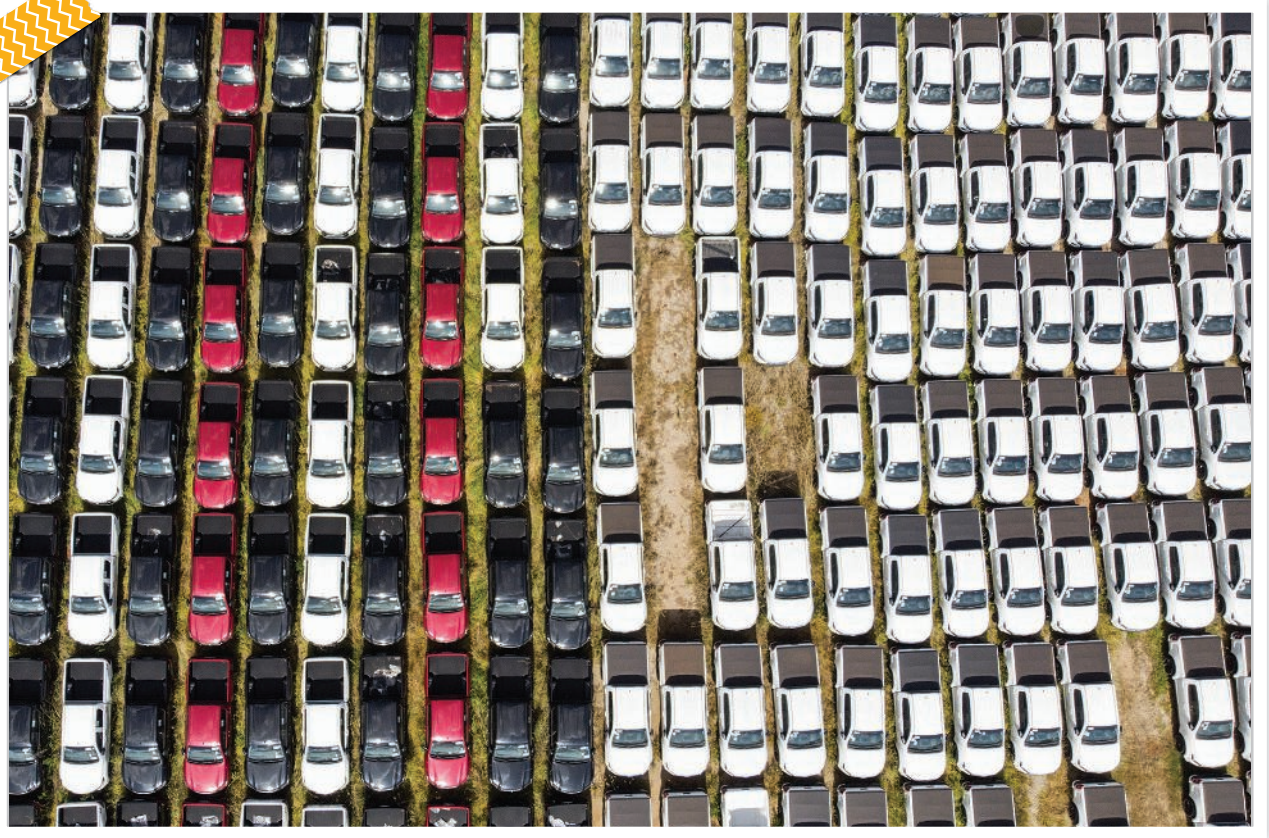
Modos de organização da produção

Para entender como se dá a produção no capitalismo, é necessário compreender as grandes transformações produtivas, as quais podemos chamar de reestruturações produtivas ou revoluções tecnológicas.

Para iniciar a discussão, vamos pensar nas seguintes questões: Por que é sempre necessário desenvolver a produção da indústria? Por que a produção sempre precisa ser incrementada em termos tecnológicos e gerenciais?

A transformação tecnológica industrial tem como objetivo central aumentar os lucros e, para isso, tem de, ao mesmo tempo, aumentar a produtividade e o controle sobre os trabalhadores. A introdução de tecnologias não é um processo neutro: atende aos interesses das empresas e das indústrias. A substituição de uma máquina ultrapassada por outra mais eficiente não só aumenta a produtividade (a quantidade de mercadorias produzidas) como também amplia o controle sobre os trabalhadores.

Ao longo do tempo, a produção industrial desenvolveu-se em fases. A produção manufatureira dos séculos XVI e XVII, realizada com poucos recursos tecnológicos, foi seguida, no século XVIII, pela introdução da maquinaria, que fez aumentar vertiginosamente a produtividade.



Edson Grandisoli/Pulsar Imagens

Vista de drone de carros novos em pátio de transportadora em Sorocaba (SP), 2022. Durante o século XX, a indústria automobilística foi o símbolo máximo da modernização. Não à toa, os nomes dos dois mais importantes modelos de produção industrial (fordismo e toyotismo) se originaram das fábricas automobilísticas onde foram experienciados e pioneiramente implantados.

Até a Revolução Industrial, era comum que os trabalhadores de determinadas áreas — os artesãos, por exemplo — se reunissem em corporações de ofício, que regulavam as profissões e organizavam o ensinamento das técnicas de produção aos aprendizes.

Com a introdução das máquinas, os trabalhadores perderam o controle sobre suas atividades e sobre seus tempos de trabalho, que passaram a ser ditados pelo tempo da máquina.

A máquina incorporou, assim, algumas técnicas de produção e conhecimentos (saber-fazer) que pertenciam aos trabalhadores, e os submeteu a um novo ritmo. Com isso, a capacidade política do trabalhador se enfraqueceu, pois seu trabalho passou a ser facilmente substituído. Se a sua importância é enfraquecida, o mesmo acontece com seu poder de resistência política.

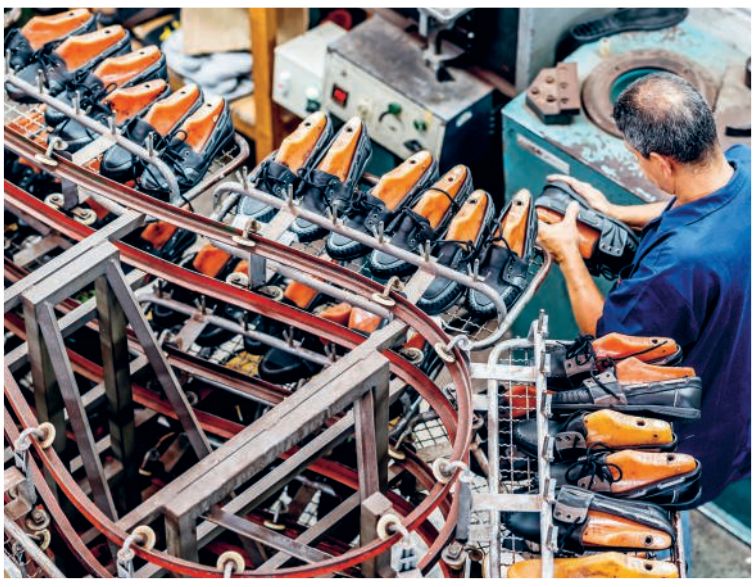
A primeira conclusão a que se chega é que, ao introduzir máquinas ou novas tecnologias, o capitalista consegue que o trabalhador produza mais e ainda tenha seu salário reduzido, já que seu poder de resistência diminui à medida que diminui também sua importância no processo de trabalho.

Ao longo do tempo, ocorreram alguns momentos de grande transformação produtiva no capitalismo. Cada vez que ocorre uma diminuição dos lucros, os capitalistas tomam medidas para restaurar a lucratividade perdida.

Nessas transformações, um modelo de organização da produção é substituído por outro. No fim do século XIX e no decorrer do século XX, identificamos dois grandes momentos de reestruturação da produção: a implementação do modelo taylor-fordista e a do modelo ohnoísta ou toyotista.

Lebrecht History/Bridgeman Images/Fotoarena/Coleção particular

Sapateiro, de Jost Amman, século XVI (gravura, dimensões não informadas). A gravura mostra uma sapataria artesanal, onde o trabalho ainda não foi submetido à lógica das máquinas.



andresr/Getty Images

Homem em fábrica de calçados no Brasil em 2016. No século XXI, a maior parte da produção de calçados é feita por máquinas.

Taylorismo

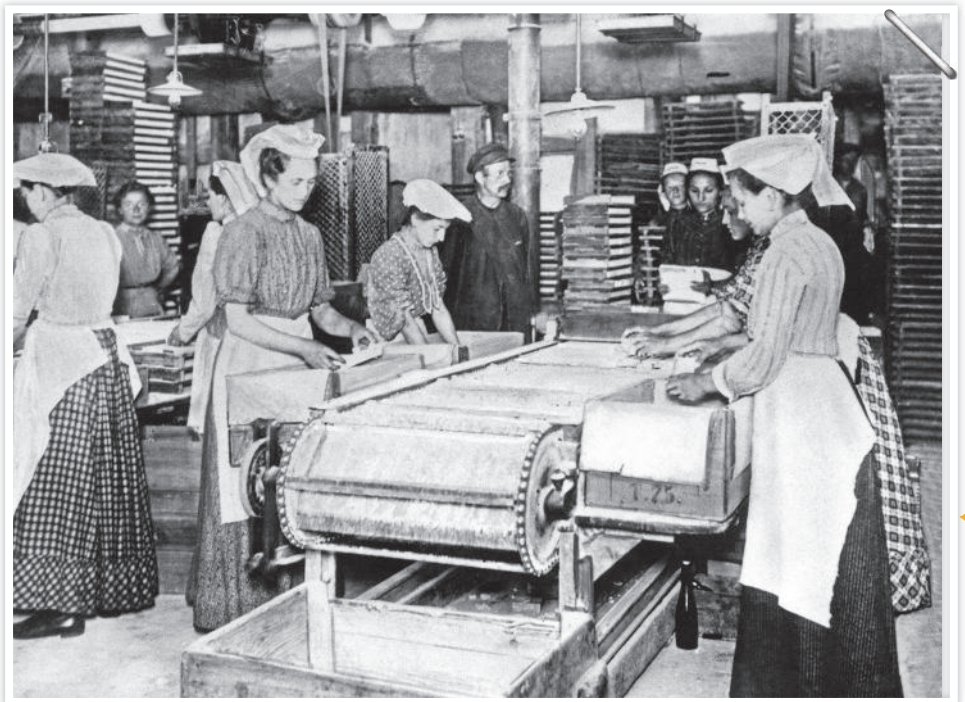
O taylorismo é um tipo de organização gerencial ou um método de administração do trabalho. Desenvolvido pelo engenheiro estadunidense Frederick Winslow Taylor (1856-1915), esse modo de organização da produção pode ser sintetizado como um método de tempos e movimentos cujo princípio geral era retirar o controle da produção das mãos dos operários para, com isso, aumentar a produtividade do trabalho.

Taylor notou que os trabalhadores levavam mais tempo que o desejado pela empresa para executar suas tarefas. Para acelerar a produção e, consequentemente, gerar mais lucro, Taylor desenvolveu um processo de classificação, sistematização e posterior parcialização em que o trabalho, antes realizado por um só artesão, passava a ser dividido em várias etapas simples, distribuídas entre operários recém-qualificados. Assim, ele aumentou a produtividade do trabalho e conseguiu controlar os trabalhadores, na medida em que os antigos operários, qualificados e com histórico de resistência política, foram demitidos ou submetidos pela nova forma de organização da produção.

O engenheiro também introduziu um controle rígido do tempo de trabalho, que era fiscalizado por capatazes. Os operários deveriam fazer seu trabalho em um tempo cronometrado, sob a vigilância de supervisores e com base em salários por peça. Sem introduzir uma só máquina, o sistema atingiu o objetivo central da produção capitalista: fazer crescer os lucros ao aumentar a produtividade com base no aumento do controle sobre os operários e na diminuição dos salários.

Bettmann Archive/Getty Images

Frederick Winslow Taylor. Fotografia não datada.



SZ Photo/Süddeutsche Zeitung Photo/Fotoarena

Mulheres trabalham em fábrica de embalagens em torno de 1912 (local não indicado).

Fordismo

Henry Ford se utilizou das técnicas gerenciais de Taylor e acrescentou a elas a esteira mecânica, poupando o tempo de transporte de peças. Estabeleceu também uma política de elevação dos salários em caso de superação de metas e regras de comportamento fora da fábrica, com o controle do consumo de bebidas alcoólicas, o incentivo à poupança e o estímulo ao estilo de vida americano (*American way of life*, em inglês), baseado no consumo da indústria fordista.

Photoquest/Getty Images

A primeira esteira mecânica do mundo entrou em operação em uma fábrica em Michigan, Estados Unidos, 1913.

Juntos, o taylorismo e o fordismo caracterizaram uma forma de reestruturação produtiva que teve como objetivo central restaurar os lucros capitalistas. Essa reestruturação não se restringiu ao chão de fábrica: a introdução de técnicas gerenciais de controle dos trabalhadores (taylorismo), somada à tecnologia (esteira mecânica) e ao condicionamento da elevação de salários ao cumprimento de metas produtivas, assim como a certas formas de conduta social fora das fábricas, constituiu um modo de vida intrinsecamente vinculado à produção em massa e, por consequência, ao consumo em massa.

Muitos estudiosos procuraram entender as consequências sociais das reestruturações produtivas, na medida em que as compreenderam não somente como um processo de transformação tecnológica e gerencial, mas também como um processo de reorganização social, político e ideológico das classes trabalhadoras.

Do Estado de bem-estar social ao Estado neoliberal

No período do taylor-fordismo (início do século XX até a década de 1970), estruturou-se um tipo de Estado que dava suporte à produção da maneira como estava organizada: era o Estado de bem-estar social, ou, em inglês, *Welfare State*.

Por conta das conquistas políticas e sociais da classe trabalhadora, estabeleceram-se, por um lado, leis trabalhistas de regulamentação da jornada de trabalho, com regras que asseguravam alguns direitos aos trabalhadores, mas, por outro, essa mesma classe deveria se sujeitar à intensidade da produção taylor-fordista, rígida e disciplinada.

Contudo, por volta do final dos anos 1960, as taxas de lucratividade começaram a cair e a classe capitalista impôs mudanças tanto no aparato tecnológico industrial quanto na forma de organização do Estado, para restaurar as taxas de lucro que haviam sido perdidas. Dessa forma, o *Welfare State* deu lugar, a partir do final dos anos 1970, a um Estado neoliberal, e a produção taylor-fordista foi redimensionada.

Nesse contexto, uma forma de organização da produção introduzida nos anos 1960 por Taiichi Ohno (1912-1990), engenheiro de produção da Toyota no Japão, começou a ser implantada nas fábricas de automóveis dos Estados Unidos e da Europa ocidental e, posteriormente, na maior parte do mundo.

Wally McNamee/Corbis/Getty Images

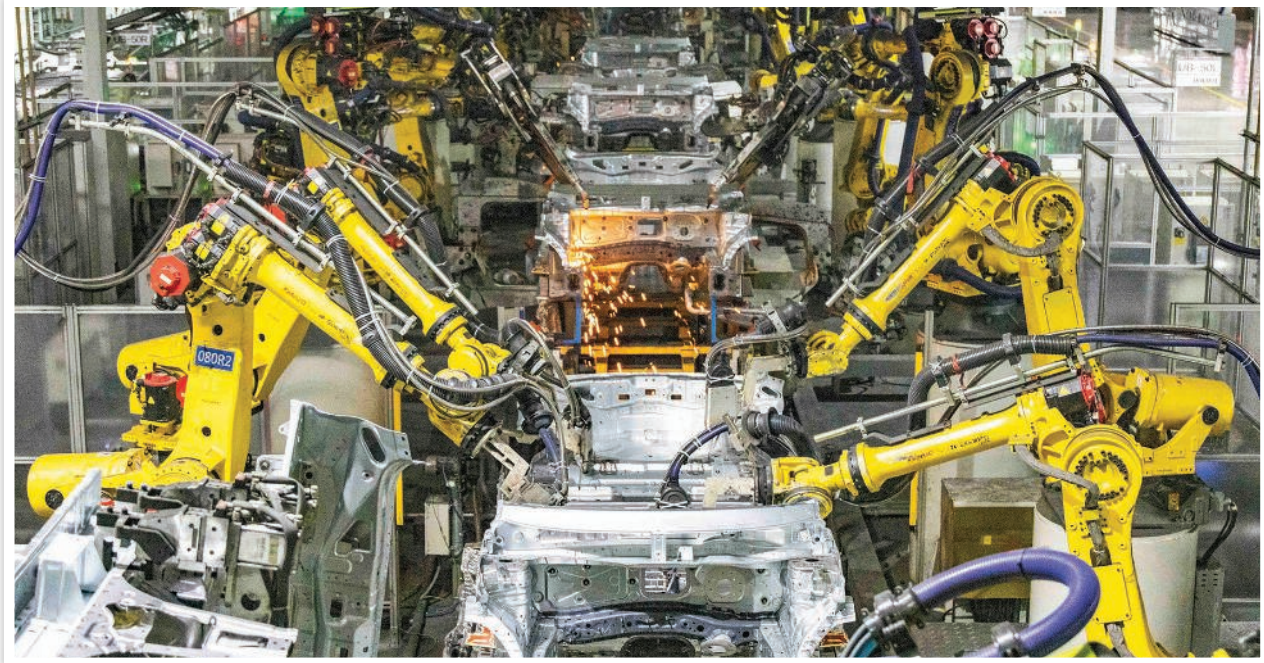
Protesto contra os cortes no programa de seguridade social estadunidense, propostos na década de 1980, no capitólio em Washington, D.C., Estados Unidos, 1981. Nos momentos de crise, é comum que a classe capitalista atue, junto ao Estado, para reduzir direitos e benefícios dos trabalhadores e da população em geral, realizando reformas trabalhistas e cortes em programas de assistência social.

Toyotismo

O toyotismo tem seis características básicas. São elas:

- produção por demanda, com estoques mínimos de produtos;
- flexibilização da produção, para torná-la variada;
- automação das máquinas, com várias funções e menor grau de intervenção do trabalhador;
- sistema *just-in-time* (no tempo certo): a peça chega ao local de produção apenas quando será utilizada, diminuindo o estoque;
- sistema *kanban*: sistema de reposição do produto no estoque, por meio de etiquetas;
- CCQs (Círculos de Controle de Qualidade): equipes de trabalho que supervisionam a qualidade das mercadorias.

Linha de produção em fábrica automotiva na cidade de Taizhou, China, 2023.



CFoto/NurPhoto/ZUMA Press/Imageplus

O toyotismo concebeu também um novo tipo de trabalhador: o operário especializado das indústrias taylor-fordistas foi substituído por um trabalhador **polivalente ou multi-tarefeiro**, que acumulou as funções dos operários dispensados e ainda se tornou responsável pela qualidade dos produtos, pois passa a gerenciar sua própria atividade.

polivalente ou multi-tarefeiro: neste contexto, é um trabalhador versátil, eficaz e que cumpre várias tarefas produtivas diferentes.

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Por que o desenvolvimento da produção industrial é sempre necessário no capitalismo?

2. Elabore um resumo dos modos de organização fordista, taylorista e toyotista.

Novas modalidades de trabalho

O desenvolvimento da produção toyotista foi acompanhado por um crescimento do setor de serviços. Grandes empresas de comida (como as de *fast-food*), de saúde (como convênios médicos), de comunicação (telefonia, internet e televisão), entre outras, ganharam espaço no mercado.

Tanto nas indústrias como nos serviços foram requisitadas novas qualificações profissionais: para operar uma máquina ultrassofisticada em uma montadora de automóveis, para desenvolver novos *softwares* (programas de computador) ou para operar computadores em centrais de *telemarketing*, por exemplo, foram demandados novos tipos de qualificação profissional.

Trabalho imaterial

Entre esses novos tipos de trabalho, um deles, que tem como fundamento as qualificações intelectuais, ficou conhecido como imaterial. Por que imaterial? Porque o trabalho feito tradicionalmente nas indústrias era considerado material,isto é, envolvia matérias-primas ou produzia objetos físicos, que conseguimos tocar ou pegar. Já o trabalho imaterial é todo aquele que tem como matéria-prima elementos intangíveis, ou seja, que não se podem tocar, que não são materializados.

Pablo De Luca/Fotoarena

Espetáculo de dança do ventre em Maceió (AL), 2024. Dançarinos e outros trabalhadores das artes desenvolvem trabalho imaterial.

Os trabalhos de uma costureira ou de um metalúrgico, por exemplo, podem ser considerados trabalhos materiais, pois o resultado de suas atividades são materiais, físicos, tangíveis, ou seja, que podem ser tocados. Em contrapartida, o trabalho de uma programadora de *software*, de um professor ou de uma atendente de *telemarketing* podem ser considerados imateriais, pois os resultados de suas atividades são imateriais, intangíveis.

Lisa Marie David/Bloomberg/Getty Images

Central de *telemarketing* em Taguig, Filipinas, 2024. Assim como nas indústrias de bens materiais, o *telemarketing*, como é um tipo de trabalho imaterial, pode mobilizar um grande contingente de trabalhadores e seguir os imperativos de produtividade e controle do tempo de trabalho.

No entanto, do ponto de vista da produção de lucros, nada muda. As empresas que utilizam trabalho imaterial o fazem com base no pagamento de um salário que está diretamente ligado à produtividade. Se o lucro for maior na produção de geladeiras, haverá uma migração de capitais para esse tipo de produção. Já se o lucro for maior na produção de programas de computador, haverá uma migração de investimentos para esse ramo.

Portanto, as formas imateriais de trabalho obedecem, de modo geral, aos mesmos princípios dos trabalhos materiais, mesmo que os resultados de suas atividades sejam distintos.

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Cite dois exemplos de trabalhos materiais e dois de trabalhos imateriais.
2. Do ponto de vista da exploração capitalista, as formas de trabalho imateriais obedecem aos mesmos princípios dos trabalhos materiais? Justifique sua resposta.

Trabalho e relações de gênero

Infográfico clicável

Em diversas regiões do mundo, entre os anos 1930 e 1970, surgiram grupos engajados nos chamados estudos feministas e estudos de mulheres. Contudo, o conceito de "gênero" foi incorporado aos estudos da sociedade a partir da década de 1970.

O conceito se refere ao modo como as noções de feminino e masculino, entre outras variações identitárias, são construídas no interior das sociedades. Para Joan Scott (1941-), o gênero constitui, nos diferentes processos históricos e sociais, relações sociais e de poder com base nas diferenças percebidas entre os sexos.

Entretanto, em alguns contextos, travou-se uma resistência à incorporação do conceito de gênero aos estudos sobre mulheres. No Brasil, por exemplo, entre os anos 1970 e 1990, havia uma tradição de estudos sobre a exploração-dominação do trabalho das mulheres, com enfoque na abordagem do **patriarcado**. A socióloga Heleieth Saffioti (1934-2010), por exemplo, entendia que o conceito de gênero poderia obscurecer a dimensão do conflito na relação entre os sexos.

patriarcado: sistema social e historicamente construído em que homens mantêm o domínio do poder social, político e econômico.

Pascal Deloche/Godong/Universal Images Group/Getty Images

Trabalhadora testando telefone celular em laboratório em Klouékanmè, Benin, 2021. A tendência de que as carreiras tecnológicas sejam seguidas principalmente por homens tem mudado rapidamente, cada vez mais mulheres têm ingressado para trabalhar nessa área.

Favoritos

Reprodução/digilabour.com.br/pt/home/

Digilabour. Disponível em: https://tedit.net/8cukxd. Acesso em: 26 set. 2024.

No *site* é possível encontrar entrevistas, artigos e livros que discutem o trabalho nas sociedades contemporâneas.

No contexto da França, durante muito tempo utilizou-se a noção de relações sociais de sexo em vez de gênero. Além disso, ao excluir ou relativizar a importância da noção de sexo, haveria a tendência em compreendê-lo como algo dado e incontornável, esquecendo-se de que o sexo também é social, ou seja, de que sua significação é dependente do ambiente social. É dessa tradição conceitual, que concebe o sexo como uma construção social, que emerge uma importante formulação sociológica dos estudos do trabalho: a divisão sexual do trabalho.

Divisão sexual do trabalho

A divisão sexual do trabalho é um aspecto da divisão social do trabalho. Segundo a formulação desenvolvida em conjunto por Danièle Kergoat e Helena Hirata, dois princípios estruturam essa divisão: o princípio de separação, que classifica e separa as atividades como masculinas ou femininas, e o princípio de hierarquia, que estabelece maiores remunerações e maior prestígio social aos trabalhos considerados masculinos em relação aos trabalhos considerados femininos.

Elaine Campos/SOF Sempreviva Organização Feminista

Danièle Kergoat em 2014.

Danièle Kergoat (1942-)

Socióloga francesa, diretora do Grupo de Estudos da Divisão Social e Sexual do Trabalho e diretora emérita do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS) na França. Sua obra é uma das mais importantes contribuições no campo de estudos sobre relações de gênero e a divisão sexual do trabalho.

Helena Hirata (1946-)

Socióloga nipo-brasileira, especializada em comparações internacionais do trabalho e das relações de gênero. É pesquisadora do Genre et Rapports Sociaux (GERS) e do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS) na França. Realizou importantes estudos sobre a divisão sexual do trabalho no capitalismo moderno.

Reprodução/Acervo pessoal

Helena Hirata em 2016.

Assim falou Danièle Kergoat

As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas, sobretudo, construções sociais. Homens e mulheres não são uma coleção – ou duas coleções – de indivíduos biologicamente diferentes. Eles formam dois grupos sociais envolvidos numa relação social específica: as relações sociais de sexo.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, Helena, *et al. Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 67 (texto original de 2001).

Essa desigualdade pode ser visualizada quando consideramos os trabalhadores da área da saúde: profissionais da medicina, trabalho considerado "mais masculino" por envolver tomadas de decisão, e os da enfermagem, trabalho considerado "mais feminino" por envolver processos de cuidado. Apesar de serem parceiros de trabalho, entre eles há grande diferença de *status*, de remuneração e de condições de trabalho.

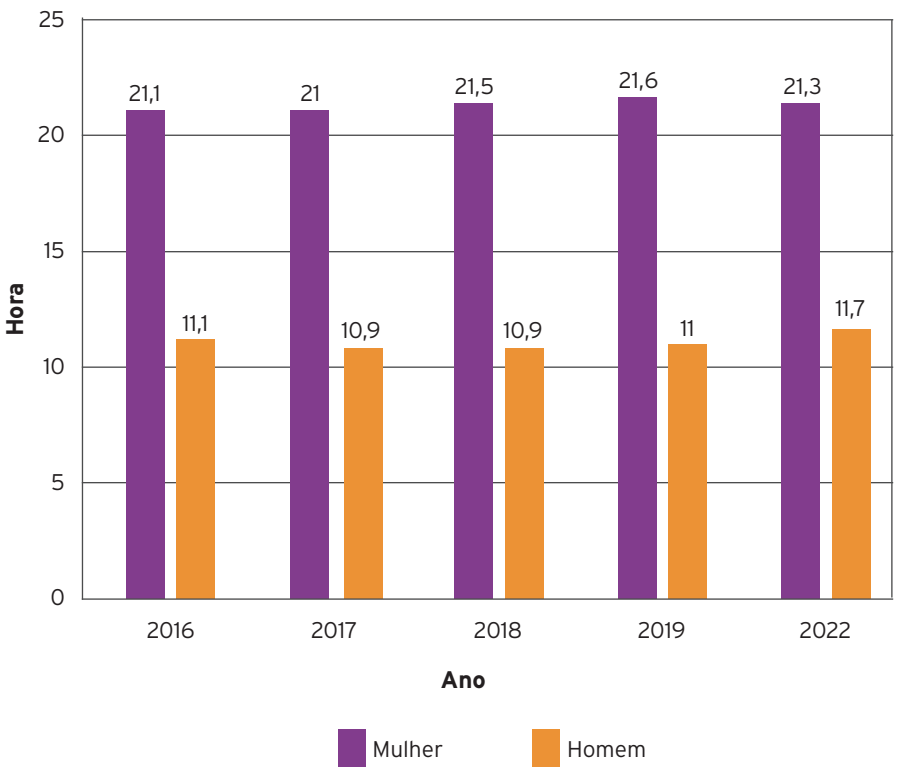
Em suma, geralmente os trabalhos considerados femininos, como o da enfermagem, têm menor prestígio social e menores remunerações do que os trabalhos considerados masculinos.

Trabalho doméstico e de cuidados

Uma das partes mais relevantes dessa caracterização da divisão sexual do trabalho é a constatação de que as mulheres são direcionadas compulsoriamente à realização dos trabalhos domésticos e de cuidados. Além desses trabalhos serem desvalorizados, parte da sociedade nem sequer os concebe como trabalhos.

Analise o gráfico a seguir.

Brasil: média de horas semanais dedicadas aos serviços domésticos, por sexo – 2016-2022



R2 editorial/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em IBGE. *Indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Tabela 1.1.4. 3. ed. IBGE: Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://tedit.net/d8l1ll. Acesso em: 27 ago. 2024.

Favoritos

Reprodução/África Filmes/Gullane Filmes

Que horas ela volta? Brasil, 2015. Direção: Anna Muylaert (112 min).

O filme aborda aspectos das contradições de classe no Brasil mostrando o cotidiano de uma empregada doméstica em uma mansão de um bairro nobre de São Paulo. Expõe o resquício do passado colonial que se reflete na casa e as mudanças de paradigma recentes vivenciadas pela classe trabalhadora, como o maior acesso aos estudos e à universidade.

O debate sobre o trabalho doméstico e de cuidados

Desde o fim do século XX, pesquisadoras vêm desenvolvendo críticas ao predomínio masculino na produção do conhecimento científico. Para Cristina Carrasco (1956-), esse predomínio masculino atrapalha o desenvolvimento de estudos sobre o trabalho e contribui para invisibilizar os trabalhos domésticos e de cuidados que são predominantemente realizados pelas mulheres. Assim, em vez de privilegiar as relações de mercado, a sociedade e as teorias sobre o trabalho deveriam colocar em evidência a importância social e econômica dos trabalhos domésticos e de cuidados. A valorização desses trabalhos tenderia a construir uma sociedade mais justa.

Reprodução/Planeta ELLA

Ilustração de Mariana Leal, 2021, publicada na rede social de um coletivo de mulheres.

No detalhe Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Relacione o tipo de trabalho desenvolvido pela mulher na ilustração com a frase que a acompanha.
2. Você já constatou a quantidade de trabalhos semelhantes a esse realizados dentro de sua casa? Quem costuma ser responsável pela realização deles?

Retome Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Defina, com suas palavras, o conceito de gênero.
2. O que é a divisão sexual do trabalho e quais princípios a estruturam?

Galeria de atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Como os clássicos da Sociologia entendem o trabalho?
2. Explique os conceitos de trabalho, força de trabalho e alienação, segundo Marx.
3. Indique as diferenças centrais entre o taylor-fordismo e o toyotismo.
4. As reestruturações produtivas são necessárias para o desenvolvimento do capitalismo. Explique essa afirmação com base no taylorismo e no fordismo.
5. Como é caracterizada a divisão sexual do trabalho?
6. Leia o trecho do romance *Os supridores* (2020), de José Falero, que simula um diálogo entre dois funcionários de um supermercado:

Se eu conseguisse fazer umas cinco camisa por dia, e tu, seis, beleza: isso tinha que causar uma diferença entre o meu padrão de vida e o teu, mas não tanta diferença assim. Talvez tu tivesse presunto pra botar no pão, no café da manhã, e eu só aquela mortadela chinelona. Mas aí eu te pergunto: quantas camisa uma pessoa precisa fazer por dia pra ter um padrão de vida igual ao padrão de vida do dono desta [...] rede de supermercado, por exemplo? Hem? [...] Pensa bem, cupincha. Tenta calcular. O dono da rede tem várias casa espalhada por aí, até fora do país: só mansão, claro. Vários carro. Várias fazenda. Várias roupa cara. Gasta fácil o teu salário mais o meu numa refeição só. [...]

Tu consegue ter noção do que eu tô falando? Na real, nem dá pra ter noção. Esse cara ganha, num só mês, mais do que todo o dinheiro que já passou na tua mão em toda a tua vida! [...] Tua acha o quê? Tu acha mesmo que a gente não trabalha mais do que o dono desta rede de supermercado? Esse cara nem sequer trabalha, Marques!

FALERO, José. *Os supridores*. São Paulo: Todavia, 2020. p. 47-48.

- Relacione o texto ao que foi estudado no capítulo.

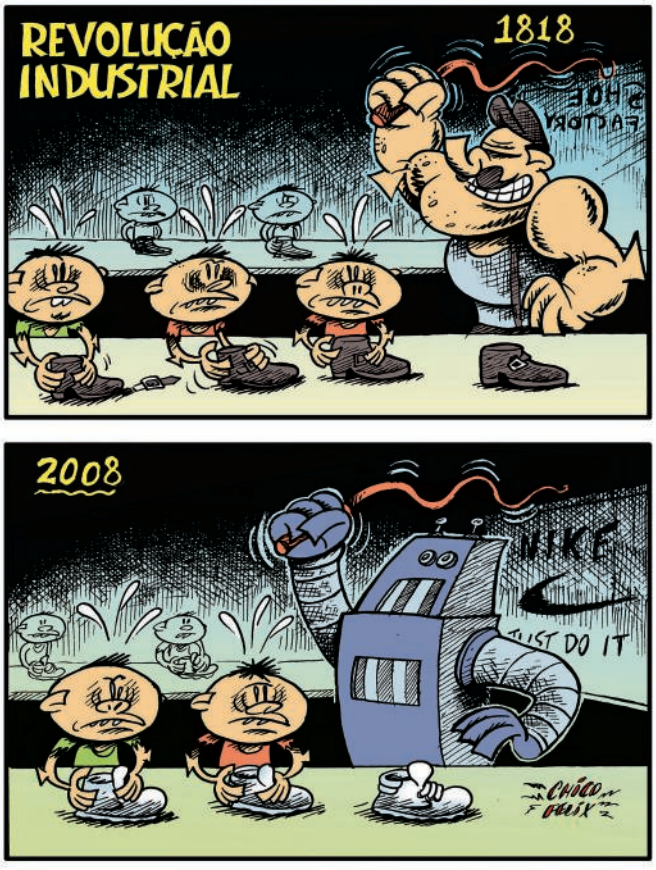
7. A forma de trabalho em nossas sociedades é uma construção histórica. Com base no que estudamos neste capítulo, responda à pergunta realizada no último quadro da tirinha.

Tirinha de Charles Schulz, 1991.

Leia as respostas no Manual do Professor.

Interdisciplinaridade
com História

8. Analise o cartum a seguir, de Chico Felix. Em seguida, responda às perguntas.



© Chico Felix/Acervo do cartunista

Cartum de Chico Felix, 2009.

a) Identifique os contextos históricos apresentados no cartum. Cite suas principais características.

b) Relacione o cartum com o conteúdo do capítulo, levando em conta o surgimento da Sociologia.

9. Comente a charge a seguir, da cartunista Stephanie McMillan, à luz do que foi tratado no capítulo.

© Stephanie McMillan/Cartoon Movement

Charge de Stephanie McMillan, 2010.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

A introdução da organização científica taylorista do trabalho e sua fusão com o fordismo acabaram por representar a forma mais avançada da racionalização capitalista do processo de trabalho ao longo de várias décadas do século XX.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009 (adaptado).

O objetivo desse modelo de organização do trabalho é o alcance da eficiência máxima no processo produtivo industrial que, para tanto, Alternativa **d**.

a) adota estruturas de produção horizontalizadas, privilegiando as terceirizações.

b) requer trabalhadores qualificados, polivalentes e aptos para as oscilações da demanda.

c) procede à produção em pequena escala, mantendo os estoques baixos e a demanda crescente.

d) decompõe a produção em tarefas fragmentadas e repetitivas, complementares na construção do produto.

e) outorga aos trabalhadores a extensão da jornada de trabalho para que eles definam o ritmo de execução de suas tarefas.

2. (Uece)

O conceito sociológico de "Trabalho" não significa apenas "emprego remunerado", pois inclui toda atividade humana que visa a algum objetivo ou bem útil, tal como lavar as louças, varrer a casa, cuidar das plantas, dentre outras. Assim, a noção de estar "sem trabalho" que é equivalente a estar desempregado, por vezes, não significa que a pessoa esteja "sem trabalhar", de fato. E como afirma Giddens (2012), o trabalho não remunerado, como o de fazer trabalhos domésticos ou consertar o próprio carro, é parte importante da vida de muitas pessoas e uma contribuição enorme para a economia das sociedades modernas.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Penso: Porto Alegre - RS, 2012.

Assim, partindo dessa compreensão sociológica, é correto afirmar que Alternativa **d**.

a) trabalho doméstico, com ou sem salários, traz certamente benefícios para a economia.

b) trabalho é toda tarefa que exige esforço mental e físico em troca de salários regulares.

c) o trabalho remunerado é comum na história mundial e em todas as culturas humanas.

d) o emprego, além de possuir valor social, é útil e diferente do trabalho não remunerado, por ser cansativo.

3. (Enem)

Nas últimas décadas, uma acentuada feminização no mundo do trabalho vem ocorrendo. Se a participação masculina pouco cresceu no período pós-1970, a intensificação da inserção das mulheres foi o traço marcante. Entretanto, essa presença feminina se dá mais no espaço dos empregos precários, onde a exploração, em grande medida, se encontra mais acentuada.

NOGUEIRA, C. M. As trabalhadoras do telemarketing: uma nova divisão sexual do trabalho? *In*: ANTUNES, R. *et al*. *Infoproletários*: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

A transformação descrita no texto tem sido insuficiente para o estabelecimento de uma condição de igualdade de oportunidade em virtude da(s) Alternativa **b**.

a) estagnação de direitos adquiridos e do anacronismo da legislação vigente.

b) manutenção do status quo gerencial e dos padrões de socialização familiar.

c) desestruturação da herança patriarcal e das mudanças do perfil ocupacional.

d) disputas na composição sindical e da presença na esfera político-partidária.

e) exigências de aperfeiçoamento profissional e de habilidades na competência diretiva.

4. (Enem)

Quanto mais complicada se tornou a produção industrial, mais numerosos passaram a ser os elementos da indústria que exigiam

garantia de fornecimento. Três deles eram de importância fundamental: o trabalho, a terra e o dinheiro. Numa sociedade comercial, esse fornecimento só poderia ser organizado de uma forma: tornando-os disponíveis à compra. Agora eles tinham que ser organizados para a venda no mercado. Isso estava de acordo com a exigência de um sistema de mercado. Sabemos que em um sistema como esse, os lucros só podem ser assegurados se se garante a autorregulação por meios de mercados competitivos interdependentes.

POLANYI, K. *A grande transformação*: As origens de nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 2000 (Adaptado).

Alternativa **a**.

A consequência do processo de transformação socioeconômica abordada no texto é a

a) expansão das terras comunais.

b) limitação do mercado como meio de especulações.

c) consolidação da força de trabalho como mercadoria.

d) diminuição do comércio como efeito da industrialização.

e) adequação do dinheiro como elemento padrão das transações.

5. (Enem)

Ao mesmo tempo que as novas tecnologias inseridas no universo do trabalho estão provocando profundas transformações nos modos de produção, tornam cada vez mais plausível a possibilidade de liberação do homem do trabalho mecânico e repetitivo.

JORGE, M. T. S. Será o ensino escolar supérfluo no mundo das novas tecnologias? *Educação e Sociedade*, v. 19, n. 65, dez. 1998 (adaptado).

Alternativa **a**.

O paradoxo da relação entre as novas tecnologias e o mundo do trabalho, demonstrado no texto, pode ser exemplificado pelo(a)

a) utilização das redes sociais como ferramenta de recrutamento e seleção.

b) transferência de fábricas para locais onde estas desfrutem de benefícios fiscais.

c) necessidade de trabalhadores flexíveis para se adequarem ao mercado de trabalho.

d) fenômeno do desemprego que aflige milhões de pessoas no mundo contemporâneo.

e) conflito entre trabalhadores e empresários por conta da exigência de qualificação profissional.

6. (Uece) Nas últimas décadas do século XVIII, a Inglaterra foi palco de um movimento econômico novo, conhecido como Revolução Industrial, que produziu uma profunda mudança não só no sistema econômico, mas em toda a sociedade da época.

Considerando esse movimento econômico, analise as seguintes afirmações:

I. O primeiro setor que aderiu à Revolução Industrial foi a indústria têxtil, principalmente a indústria do algodão.

II. A Revolução Industrial provocou o surgimento do trabalho livre porque libertou os trabalhadores dos laços de servidão.

III. A Lei dos cercamentos favoreceu o processo da Revolução Industrial ao fornecer mão de obra para as fábricas.

É correto o que se afirma em: Alternativa **c**.

a) I e III apenas.

b) I e II apenas.

c) II e III apenas.

d) I, II e III.

7. (UEM-PR)

Considerando os estudos sociológicos das relações entre trabalho e sociedade, assinale o que for correto: 02; 04; 08; 16.

(01) Na Sociologia, as relações de trabalho ocupam um papel constitutivo nas produções simbólica e material da vida social.

(02) Como a legislação não permite que os estudantes trabalhem, a Sociologia do trabalho não deveria ser ensinada na educação básica.

(04) De acordo com a Sociologia, trabalho e sociedade são coisas distintas, pois o sucesso profissional depende do mérito e do esforço pessoal.

(08) Os estudos sociológicos sobre o mundo do trabalho defendem que a atual reestruturação das forças produtivas sociais irá criar uma sociedade igualitária.

(16) Para a Sociologia, a posição diferente de homens e mulheres no espaço doméstico influencia decisivamente as chances de cada um no mercado de trabalho.

CAPÍTULO 8

Classe e estratificação social

A estratificação da sociedade

Antes de expor a teoria de Émile Durkheim, serão examinadas algumas referências utilizadas para definir as diferentes classes sociais na atualidade. Uma das mais empregadas pelos meios de comunicação é a análise estatística de divisão em estratos sociais com base na renda. Define-se a classe social levando em conta apenas a renda familiar, isto é, a soma dos rendimentos mensais das pessoas que vivem na mesma moradia. Como resultado, têm-se as definições de classe A, B, C, D e E. No entanto, nem sempre essa definição transmite a complexidade da realidade social.

© Ernani Diniz Lucas/Acervo do cartunista

Charge *Sinal amarelo*, de Nani, 2011.

No detalhe

- Considerando a leitura da charge, o que é possível perceber sobre a realidade de uma sociedade de classes que tem como base a renda?

Não escreva no livro

Espera-se que os estudantes notem que há uma mobilidade iminente das pessoas dentro da representação de classes definidas por renda e que os indivíduos têm pouco ou nenhum controle sobre sua inserção em um grupo específico.

Ao entender que a divisão social é uma das questões mais controversas das Ciências Sociais, é possível começar essa discussão pela seguinte pergunta: se as sociedades não podem ser consideradas apenas aglomerações de indivíduos, o que de fato caracteriza uma sociedade?

A divisão da sociedade em Durkheim

Segundo Durkheim a sociedade é um fato social ***sui generis*** e, como tal, é distinta e maior que o conjunto de indivíduos que a compõem. A sociedade age sobre esses indivíduos de forma coercitiva e é exterior e anterior a eles.

sui generis: do latim, "de seu próprio gênero", significa peculiar, único, particular, específico.

Durkheim considera que as normas e os padrões sociais determinam as condutas individuais, sendo a divisão do trabalho o elemento central que qualifica as formas de solidariedade (socialização), tanto nas sociedades capitalistas como em todas as sociedades anteriores.

As primeiras sociedades foram marcadas pela solidariedade mecânica com baixo nível de divisão do trabalho e por uma forte consciência coletiva compartilhada entre os indivíduos, que expressava valores e crenças rígidos, sendo os indivíduos muito semelhantes entre si. Já nas sociedades mais desenvolvidas, dado o crescimento da divisão do trabalho, predomina a solidariedade orgânica. O aumento da diferenciação social levaria ao adensamento social, no qual as partes sociais (os indivíduos, grupos e instituições) passariam a depender cada vez mais umas das outras. Nesse sentido, a solidariedade orgânica teria como base a interdependência funcional.

Bridgeman Images/Fotoarena/Serviço Histórico de Defesa da Marinha, Vincennes, França.

Cenas de Antropofagia no Brasil, de Théodore de Bry, 1596 (gravura colorizada, dimensões não informadas). No trabalho *A função social da guerra na sociedade tupinambá*, embora não use o termo "mecânica", Florestan Fernandes faz uma análise sobre a solidariedade social entre os Tupinambá do século XVI que é bastante inspirada nas ideias de Durkheim sobre divisão do trabalho social e consciência coletiva.

Grupos funcionais ou profissionais

Os grupos funcionais ou profissionais são para Durkheim parte central da divisão social. Esses grupos são pensados com base nessa fundamentação funcional. Capitalistas e trabalhadores se diferenciam na medida em que cumprem funções ou papéis sociais diferentes e contribuem para o desenvolvimento da divisão do trabalho.

Segundo Durkheim, o desenvolvimento da divisão do trabalho pode ser de tipo anômico, ou seja, em que conflitos e tensões entre as classes sociais ou mesmo crises econômicas seriam expressões de que a divisão do trabalho estaria fugindo de seu desenvolvimento normal e precisaria de regulamentações sociais que restituíssem a sua funcionalidade.

Durkheim acreditava que nas sociedades contemporâneas a ele esse caráter regulamentador poderia ser exercido pelas corporações profissionais (instituição que mediaria os conflitos sociais entre capitalistas e trabalhadores e também entre os próprios trabalhadores no seio da própria classe trabalhadora).

Lucas Lacaz Ruiz/Fotoarena

Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, em São José dos Campos (SP), 2023. Os sindicatos podem ser entendidos como corporações profissionais que representam os interesses de suas categorias profissionais.

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Escreva, com suas palavras, o que são solidariedade mecânica e orgânica de acordo com Durkheim.
2. No começo do capítulo você viu que a renda é o parâmetro mais comum utilizado para determinar a divisão social. Qual é o parâmetro usado por Durkheim para fundamentar a divisão social?

A estratificação social em Weber

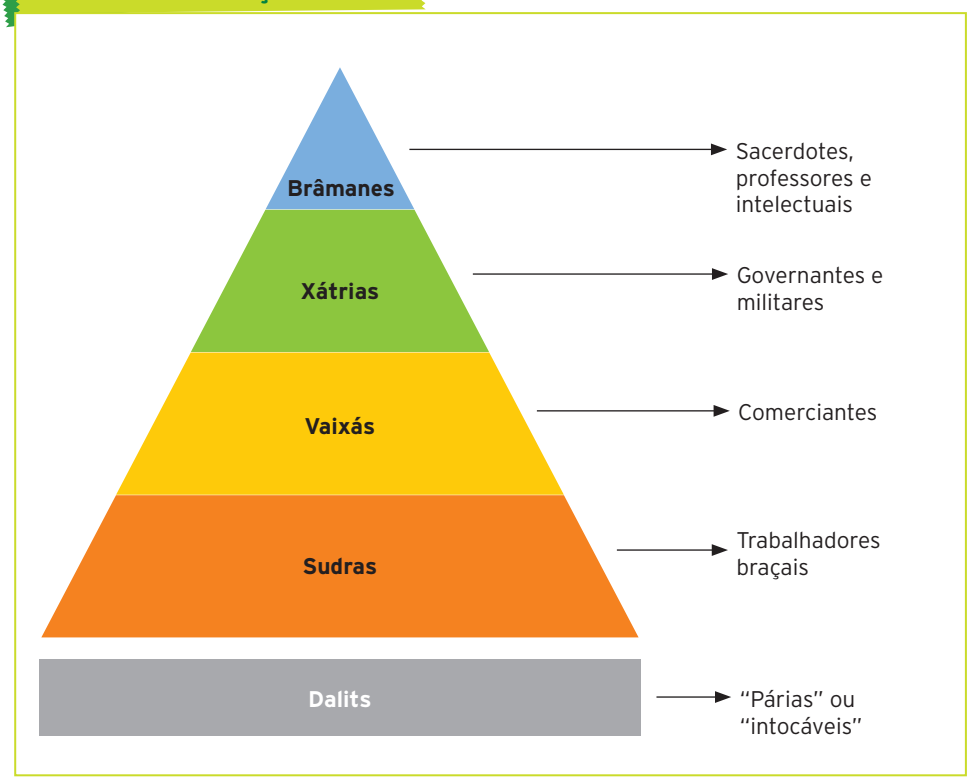
A teoria da estratificação social criada por Max Weber tem como fundamento três conceitos centrais: o de situação de classe, o de *status* e o de partido. Cada um deles determinaria o pertencimento (ou não) a estratos sociais diferentes, isto é, de classe, estamento e partido, respectivamente. Esses conceitos são tipos ideais de diferenciação social; portanto, eles não representam a própria realidade social, mas servem como ferramenta para compreendê-la.

Classe, estamento e partido

Segundo Weber, a posse de propriedade e as oportunidades de valorização seriam as características centrais para determinar uma situação de classe. O termo classe refere-se, portanto, a qualquer grupo de pessoas que se encontra em uma mesma situação econômica.

Já a estratificação por *status* tem relação com o prestígio, a posição social, o estilo de vida, a instrução formal. Ela se distingue da estratificação por classe, pois a posse de propriedade nem sempre seria suficiente para garantir uma posição social de prestígio – ou seja, não necessariamente influiria na estima social. Pessoas com a mesma condição de *status* formam um estamento.

Índia: estratificação social

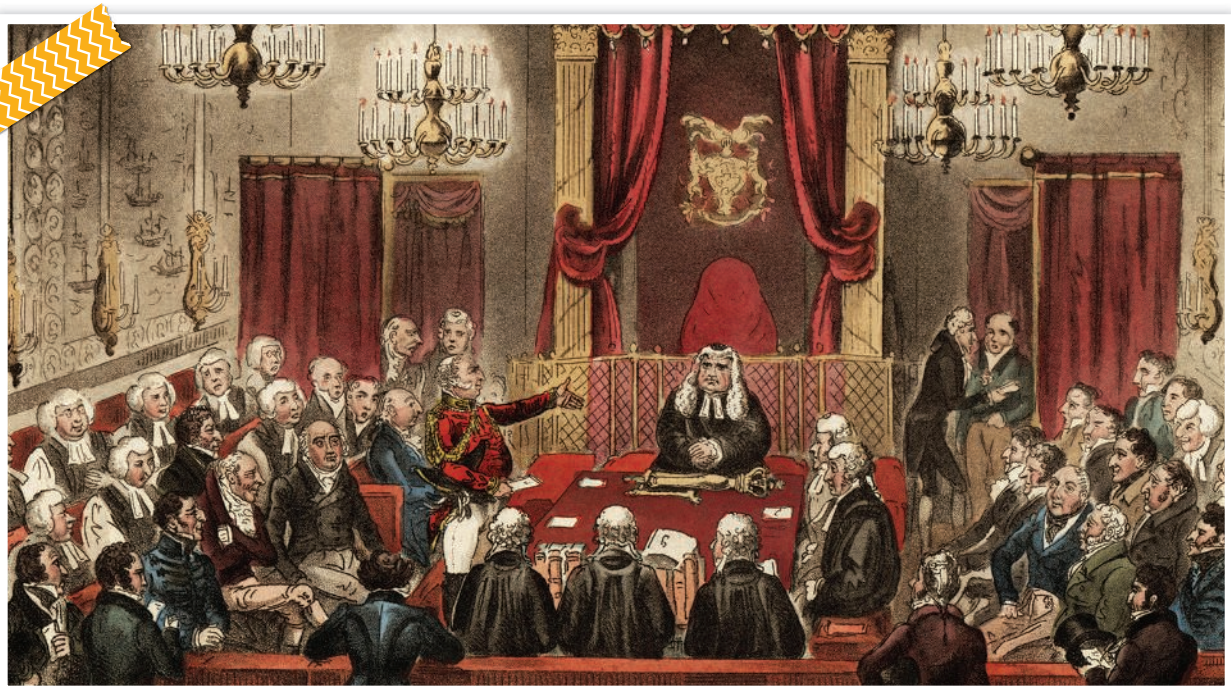


Banco de imagens/Arquivo da editora

A estrutura de castas indiana é um exemplo de estratificação social por estamentos.

Fonte: elaborado com base em ROSA, Victoria Nogueira. Conheça o país mais populoso do mundo. *Valor*, 11 maio 2024. Disponível em: https://tedit.net/db6x4v. Acesso: 29 ago. 2024.

Em contraste com as classes, os estamentos constituiriam comunidades por reunirem indivíduos com semelhanças em seu modo de viver, nos hábitos e valores e mesmo na visão de si em relação aos indivíduos dos demais estamentos ou grupos de *status*. Em muitas sociedades, isso significaria dizer que os estamentos mais privilegiados conseguiriam monopolizar oportunidades e obter vantagens exclusivas: basta pensar, por exemplo, na nobreza dos reinos europeus até os séculos XVIII e XIX.



Florilegius/Bridgeman Images/Fotoarena

The House of Lords, de Robert Cruikshank, 1825 (gravura em cobre, colorizada, dimensões não informadas). A obra representa o duque de York discursando na Câmara dos Lordes inglesa. Mesmo no século XIX, a nobreza inglesa mantinha alguns privilégios ligados a seu grupo de *status*, como a prerrogativa exclusiva de fazer parte desse órgão legislativo.

Weber notou que a propriedade econômica nem sempre está relacionada ao *status*. No entanto, no longo prazo, a situação de classe pode também ser um atributo da situação de *status*. Quase sempre o proprietário tem prestígio, mas algumas pessoas com e sem propriedades podem estar no mesmo grupo de *status*. Um comerciante bem-sucedido nos negócios pode não alcançar uma situação de *status* positivamente privilegiada, por exemplo, porque cresceu em uma família de baixa renda e tem hábitos que pessoas com posições privilegiadas de *status* desprezam. Ou seja, a situação de classe privilegiada desse comerciante não se converte automaticamente em uma posição de *status* privilegiada.

Por fim, o partido é uma forma de estratificação na qual a distribuição de poder se daria pela capacidade de controle de uma organização ou instituição. Se o lugar das classes sociais é a ordem econômica e o lugar dos grupos de *status* é a ordem social (no que diz respeito ao prestígio e à honra), o lugar do partido é a ordem política.

Da mesma forma que a ordem das classes e a dos grupos de *status* influenciam uma à outra, elas também acabam por influenciar e serem influenciadas pela ordem política. A característica central do partido é orientar sua ação social visando à aquisição de poder. Partido não é sinônimo de partido político, é, sim, uma instituição política: podem existir partidos em um clube, em um grêmio estudantil, bem como no governo e no Estado, e esses partidos se movimentam em torno de finalidades determinadas.

O partido, nos termos de Weber, poderia incorporar interesses de esferas sociais distintas. Um grêmio estudantil se organiza na esfera política e tem a busca pelo poder como centro de sua organização, mas dentro dele aspectos relacionados à ordem econômica ou ao prestígio social também podem influir.

É possível, assim, que esse grêmio represente situações de classe ou de grupos de *status* diferentes, recrute adeptos de um ou outro grupo e também não seja "puro", isto é, possa recrutar indivíduos de diferentes situações de classe ou *status*, levando em consideração outros critérios de renda e prestígio.

Os partidos podem ser estruturas efêmeras ou duradouras e utilizar mecanismos variados para alcançar o poder, tais como o voto, o dinheiro, a influência social e o poder da oratória.

Matheus Carvalho/Secretaria da Cidadania de Mato Grosso do Sul

Estudantes que compõem os grêmios estudantis da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul reunidos para atuar como porta-vozes de todos os estudantes do estado. Fotografia em Campo Grande (MS), 2024.

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

- A estratificação social de Weber cria critérios de delimitação dos indivíduos em classes, estamentos e partidos diferentes. Com base na afirmação, responda:
  - **a)** Quais são as categorias de estratificação social na teoria de Weber?
  - **b)** Segundo o autor, quais são os critérios de delimitação dos indivíduos em cada uma dessas categorias?

As classes sociais em Marx

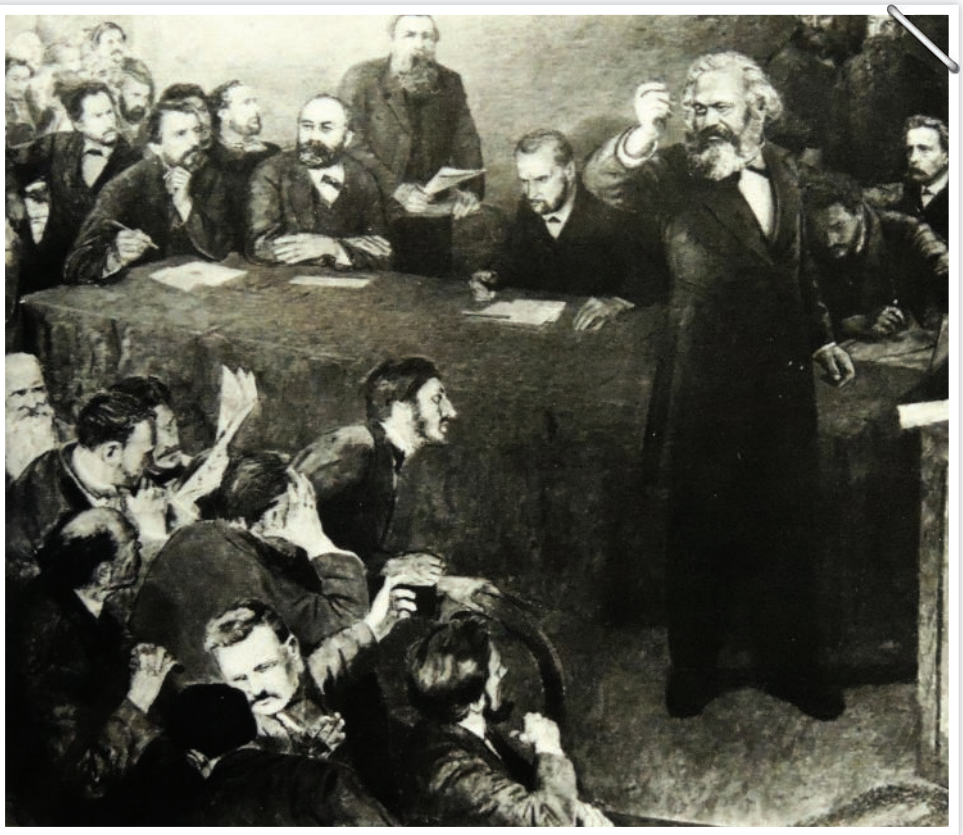
Segundo o pensamento de Marx, as classes sociais vão além de um estrato social determinado apenas pela economia, como define Weber. Não se trata, assim, apenas de agrupamentos de indivíduos que têm rendas, bens ou salários semelhantes. Para Marx, as classes sociais são definidas por suas lutas, mais particularmente pela luta de classes, que expressa a oposição estrutural entre o capital e o trabalho. Em outras palavras, a luta de classes constituiria o elemento dinâmico das sociedades capitalistas.

Contradição e dialética

Para Karl Marx, a divisão social entre proprietários e não proprietários dos meios de produção é a primeira forma de divisão do trabalho ou divisão social do trabalho. De um lado, estariam aqueles que precisam vender sua força de trabalho, pois não têm as condições materiais para produzir sua subsistência; de outro, aqueles que compram a força de trabalho por terem se apropriado dos meios de produção, convertendo-os juridicamente em propriedade privada.

Para estruturar esse raciocínio, Marx pressupôs que a divisão entre exploradores e explorados no capitalismo é contraditória e necessita, portanto, de uma explicação **dialética**.

dialética: método de análise e ao mesmo tempo, movimento da História, cujo princípio é a contraposição de opostos que se colocam em constante movimento.



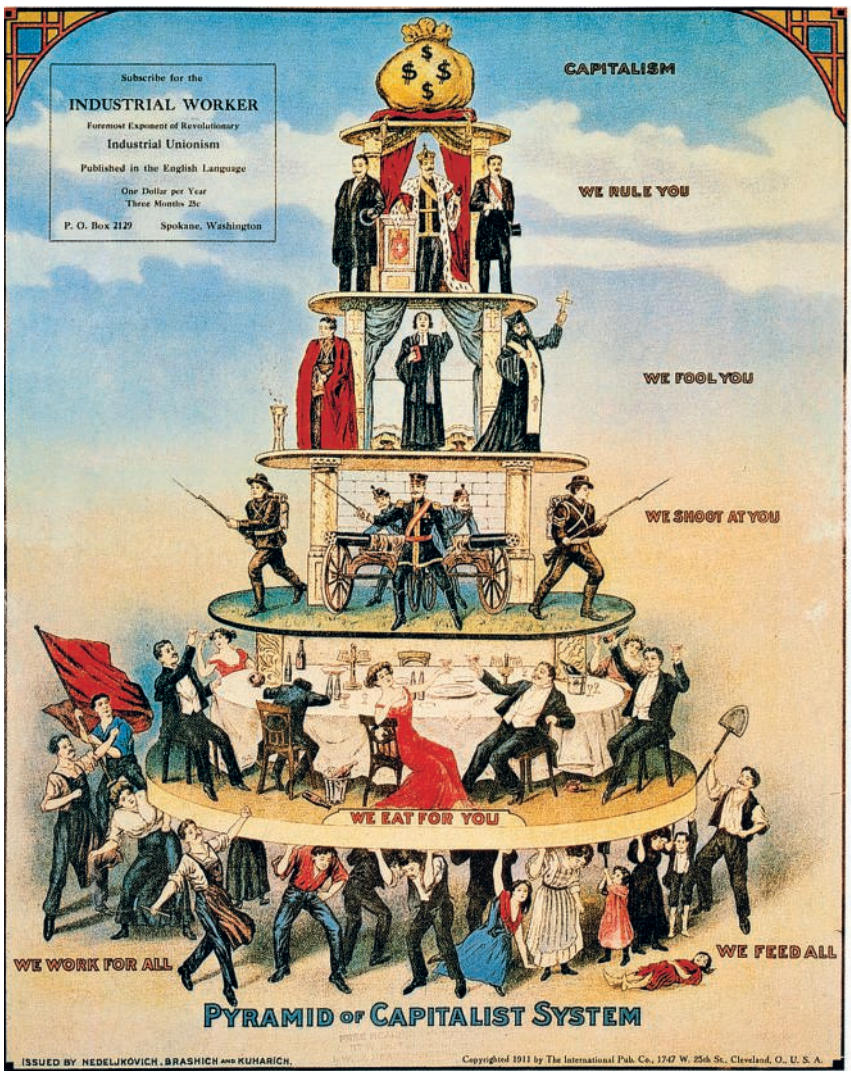
Universal History Archive/UIG/Bridgeman Images/Fotoarena

A Ilustração de 1883 (técnica e dimensões não informadas) mostra Karl Marx durante o Congresso de Haia da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1872.

Segundo o autor, a dialética é um instrumento analítico que permite desvelar as camadas sociais que não se mostram a olho nu, isto é, possibilitam ir além da aparência. Por meio da dialética seria possível entender como as contradições e os conflitos entre diferentes classes sociais impulsionam a mudança histórica e social, descobrindo as causas mais profundas e, portanto, não aparentes, da vida em sociedade.

Na aparência, capitalista e trabalhador se encontram no mercado como indivíduos iguais, ambos portadores de mercadorias: o capitalista tem o dinheiro e o trabalhador sua força de trabalho.

No entanto, para Marx, a sociedade se organiza com base nos interesses das classes dominantes, ou seja, dos capitalistas. Assim, a relação de igualdade jurídica é superficial, pois ela é apenas uma parte da realidade, que pressupõe que o indivíduo que compra e o indivíduo que vende a força de trabalho partem de condições absolutamente iguais, quando, na prática, eles seriam estrutural e economicamente diferentes.



Granger/Fotoarena

Pirâmide do sistema capitalista, 1911 (pôster, sem dimensões informadas).

Favoritos

Reprodução/Editora Rocco

A hora da estrela, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Relato da vida triste e sem perspectiva da alagoana Macabéa. O romance traz o confronto entre diferentes classes sociais: de um lado, os pobres (operários, subempregados e desempregados); do outro, os estratos mais privilegiados da sociedade.

A luta de classes como instrumento de transformação

Para Marx, os interesses sociais opostos são os elementos de transformação histórica e social. A relação social que se estabelece com base nesse confronto entre interesses antagônicos criaria novas formas de sociabilidade: por um lado, as classes capitalistas procurariam ampliar suas formas de lucratividade, seja na produção, seja influenciando as políticas estatais; por outro, as classes trabalhadoras tentariam resistir às investidas das classes capitalistas, objetivando ampliar seu salário e seus direitos sociais e melhorar, por exemplo, suas condições de trabalho e aposentadoria.

O central para Marx não está em definir de forma estática o que é ou não uma classe social. Seu objetivo é demonstrar que as classes sociais só existem por conta da relação que as determinam histórica e socialmente. Por isso, a luta aparece como um fator central para o autor, no sentido em que delimita as classes sociais e suas práticas sociais em seus contextos específicos. Podemos entender, portanto, a teoria das classes de Marx como uma teoria relacional.

Fabio Teixeira/Anadolu Agency/Getty Images

Greve de professores no Rio de Janeiro (RJ), 2023. A movimentação ocorreu pela regulamentação do nível de remuneração do ensino nacional em todos os níveis. A greve é um dos principais instrumentos políticos da classe trabalhadora, e seu direito é garantido por lei na Constituição federal brasileira.

Retome Leia as respostas no Manual do Professor. Não escreva no livro

1. Qual é o elemento delimitador das classes sociais para Marx?

2. Qual é a diferença mais importante dentre as classes em Marx e Weber?

As classes e os estratos sociais hoje

A Sociologia do século XX foi influenciada por duas grandes abordagens sociológicas das segmentações ou clivagens sociais: pela teoria das classes sociais de Marx e pelos desdobramentos da teoria da estratificação social de Weber.

Weber identificou o processo de divisão social com base em estratos sociais definidos pela ordem econômica, pela ordem social e pela ordem política – respectivamente, as classes, os estamentos ou grupos de *status* e os partidos. Podemos, por exemplo, pensar um estrato social com base em critérios de renda, qualificação profissional e ideologia política. Esse quadro de referências serve para analisar e compreender as ações dos indivíduos na sociedade e depois segmentá-los em diferentes estratos sociais.

Já Marx analisou a sociedade capitalista com base na divisão em classes sociais. Seu conceito de classes sociais está relacionado com a produção da vida material e com a luta que é travada no processo de produção e reprodução social. Assim, quando define as classes sociais, Marx não separa os critérios de ordem econômica dos políticos ou ideológicos.

© André Dahmer/Acervo do cartunista

Capital x trabalho, de André Dahmer, 2018.

Apesar de ser grande a influência de Karl Marx e Max Weber na análise das divisões sociais, outras questões se apresentaram no cenário nacional e internacional durante o século XX e na atualidade. A primeira delas se refere à influência do desenvolvimento científico e tecnológico na determinação das classes sociais. A segunda diz respeito à formação da chamada classe média.

Espera-se que os estudantes reconheçam que o homem em questão pertence à classe dos capitalistas. Além da sugestão indicada no título da charge, espera-se que compreendam que o fato de o homem pagar para sofrerem por ele é uma metáfora para o conflito de classes, em que os capitalistas, providos dos meios de produção, pagam para que os trabalhadores produzam para eles.

No detalhe

- Com base na charge e no que você aprendeu sobre a teoria de Marx, responda: A que classe social você acha que pertence o homem sentado do lado direito? Justifique sua resposta.

Não escreva no livro

O desenvolvimento tecnológico e as classes

Você estudou nos capítulos anteriores que a transformação científica e tecnológica é fundamental para as sociedades capitalistas, sobretudo por reduzir o tempo de produção de mercadorias e, com isso, aumentar a produtividade do trabalho e, consequentemente, o lucro. Essa redução do tempo de trabalho propiciada pela tecnologia acaba por desvalorizar a força de trabalho e aumentar os lucros dos capitalistas. Em determinados momentos, ocorrem transformações mais intensas, denominadas reestruturações produtivas.

CFOTO/Future Publishing/Getty Images

Trabalhador opera um braço robótico em empresa de equipamentos elétricos em Handan, China, 2024. A utilização de aparatos tecnológicos visa aumentar a produtividade das indústrias.

Essas reestruturações produtivas (tecnológicas e/ou gerenciais) são essenciais para a reprodução do capitalismo. Mas qual é a relação entre essas reestruturações e a organização político-coletiva, se tomamos como referência a classe trabalhadora?

Segundo Marx, com a implementação das máquinas pela Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX, o trabalhador coletivo perdeu seu saber-fazer, que foi incorporado às máquinas e desvalorizou sua força de trabalho. Com base nisso, a estratégia para formar uma força política capaz de lutar pelos interesses do trabalhador seria recuperar o saber-fazer, isto é, retomar o controle do processo de trabalho, o que daria maior poder político à classe trabalhadora, particularmente à classe operária.

Partindo, portanto, de uma perspectiva marxista, no início do século XX, o taylorismo e o fordismo e, depois, nos anos 1960 e 1970, as formas flexíveis de produção no toyotismo aprofundaram essa desvalorização.

No decorrer do século XX e início do XXI, com a implementação de novas tecnologias na produção com o intuito de aumentar a produtividade, as empresas capitalistas dispensaram parte dos trabalhadores, pois as novas máquinas passaram a fazer o trabalho deles. Com o toyotismo, ao mesmo tempo em que os trabalhadores polivalentes foram recrutados — pois toda reestruturação produtiva cria novos perfis de trabalhadores —, para ativar o novo tipo de produção robotizada, automatizada e de base microeletrônica, uma parte dos antigos trabalhadores perdeu seus postos de trabalho.

VCG/Getty Images

Homem recebe pacotes expressos de um robô de entrega autônomo em Huai'an, China, 2022.

Assim, aparentemente a introdução de ciência e tecnologia seria responsável pela criação de um grupo de indivíduos altamente qualificados e necessários à produção. Não seria essa uma forma de a classe operária recuperar o controle do processo de trabalho e aumentar seu poder político? Não poderiam esses trabalhadores, ao recuperar seu saber-fazer, organizar politicamente toda a classe trabalhadora?

Os autores que se valeram desse raciocínio consideraram positiva a introdução do desenvolvimento científico e tecnológico na produção. Para eles, o sujeito político se formaria pelo avanço das forças de produção. No entanto, essa análise deixou de considerar que o objetivo central das transformações produtivas no capitalismo é aperfeiçoar o controle sobre os trabalhadores. Em razão desse equívoco, os trabalhadores ultraqualificados foram idealizados como operários polivalentes que teriam, por causa dessa qualificação profissional, maiores chances de organizar politicamente a classe trabalhadora.

No caso descrito, a classe trabalhadora foi analisada como se o incremento científico e tecnológico fosse neutro. Entretanto, a máquina, a ciência e as tecnologias são resultados históricos, ou seja, sínteses das determinações sociais que, no capitalismo, operam principalmente para reproduzir as relações sociais dominantes.

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Por que novas tecnologias são inseridas na produção de mercadoria?
2. Quais foram as consequências das reestruturações tecnológicas e gerenciais para os trabalhadores desde o século XVIII até a atualidade?

Trabalhando com

charge

Tecnologia no trabalho

A relação entre trabalhadores e máquinas permanece como um debate complexo. A incorporação de tecnologias diversas no mundo do trabalho traz mudanças positivas, como a evolução da medicina nuclear em que a Inteligência Artificial tem tornado o tratamento do câncer mais assertivo, mas também pode provocar a extinção de muitos empregos. Historicamente, muitas profissões se tornaram obsoletas depois da popularização de algumas inovações tecnológicas.

Observe a charge a seguir, que retrata um trabalhador, possivelmente atuante da construção civil, em razão do uso de capacete, engraxando os sapatos de um robô.

© Eugênio Neves/Acervo do cartunista

Engraxate, charge de Eugênio Neves, 2009.

Atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. O que é possível entender sobre a crítica da charge em relação a situação do trabalhador e a introdução das tecnologias na produção?
2. Observando a charge, você consegue associá-la ao que ocorre na atualidade? Justifique.
3. Debata com os colegas de que forma a inserção de novas tecnologias no mundo do trabalho pode ser favorável também aos trabalhadores, e não só ao aumento da produção.

A dinâmica das classes médias: ocupação profissional e renda

O debate sobre a classe média também sofreu influência das teses de Marx e Weber.

Para Marx, em termos gerais, as camadas médias se situam entre as duas grandes classes sociais (capitalistas e trabalhadores). O autor denominava esse conjunto de indivíduos de pequena burguesia.

Secretaria de Comunicação Social/ Arquivo Público do DF

Outdoor anunciando o bairro de Águas Claras, em Brasília (DF), 1993.

Já os seguidores da teoria da estratificação social de Weber se preocupam com critérios de classificação específicos para indivíduos e suas ações sociais. Entre vários critérios, os mais utilizados são o de ocupação profissional (cargos, postos de trabalho e qualificação profissional) e o de renda. Com base neles é estabelecida uma análise de como alguns estratos sociais ganham ou perdem espaço social e econômico nas sociedades contemporâneas.

Com o desenvolvimento do setor de serviços durante o século XX, esse grupo cresce e com isso autores marxistas e weberianos formularam novos conceitos para definir esse contingente de indivíduos. Dois sociólogos que sintetizaram esse debate são o estadunidense Charles Wright Mills e o grego Nicos Poulantzas.

Sophie Bassouls/Sygma/Getty Images

Nicos Pulantzas. Fotografia não datada.

Nicos Poulantzas (1936-1979)

Sociólogo ateniense, exilou-se na França, onde foi professor de 1960 até 1979 no Centro Universitário Experimental Vincennes, hoje Universidade de Paris VIII Vincennes-Saint-Denis. Formulou importantes estudos sobre as características do Estado no sistema capitalista. Em *Fascismo e ditadura* (1970), aborda o potencial fascista dos estados capitalistas, uma das discussões acaloradas sobre estado do mundo contemporâneo. É considerado uma referência central para a análise das classes sociais e do Estado.

Charles Wright Mills (1916-1962)

Sociólogo estadunidense, lecionou na Universidade Columbia de 1946 até sua morte. Foi grande influência nos movimentos sociais da New Left (Nova Esquerda) dos anos 1960.

Archive Photos/Getty Images

Charles Wright Mills em 1960.

Classe média segundo Charles Wright Mills

Mills observou um aumento dentre os trabalhadores de "colarinho-branco", isto é, trabalhadores públicos e privados do setor administrativo e gerencial. Segundo Mills, os profissionais desse setor não podiam ser identificados como trabalhadores típicos da indústria, como os operários. Para ele, a classe média, mesmo existindo em função das outras classes (capitalistas e trabalhadores), deveria ser considerada um sintoma e um símbolo das sociedades contemporâneas.

Para Mills, ocupações e situações de renda estão ligadas a situações de classe e caracterizam, com base no prestígio, o *status* de seus ocupantes e seus graus de poder. Assim, a situação de classe estaria relacionada não apenas com o montante de renda como também com as diferenciações que ele proporciona.

Assim falou Charles Wright Mills

[...] como fontes de renda, as ocupações estão ligadas à situação de classe. [...] As ocupações, portanto, estão vinculadas à classe, *status* e poder, assim como à especialização e função. Para compreender as ocupações que integram a nova classe média, devemos analisá-las em cada uma dessas dimensões.

MILLS, Charles Wright. *A nova classe média*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 91. (Texto original de 1951.)

Everett Collection/Fotoarena

Trabalhadores de "colarinho-branco" (*white-collar*), em Washington, D.C., Estados Unidos, 1908. A partir do início do século XX, a transformação dos processos produtivos e da organização da sociedade demandou um número cada vez maior de funcionários em escritórios para gerenciar a produção.

Classe média segundo Nicos Poulantzas

Já do ponto de vista de Nicos Poulantzas, as classes sociais não seriam definidas com base nas ações individuais, tampouco em estratos sociais. Segundo ele, as classes sociais se definem por sua posição no conjunto da divisão social do trabalho. Tentando romper com uma tradição que definiu as classes sociais apenas pelas determinações econômicas, Poulantzas procurou pensá-las levando em conta também aspectos políticos e ideológicos.

Poulantzas resgatou a leitura de Marx para demonstrar que as classes sociais não podem ser circunscritas apenas às relações de produção. Ou seja: a classe social não poderia ser definida apenas com base na posição do sujeito no processo de trabalho e em sua renda. Poulantzas mostrou a necessidade de apreender a totalidade das estruturas de uma sociedade para definir as classes sociais, que para ele são fruto do efeito conjunto das estruturas políticas, econômicas e ideológicas, e não apenas da estrutura econômica.

Poulantzas incorporou à sua teoria a análise dos trabalhadores não produtivos como específicos da nova pequena burguesia. Esta seria a expressão de uma nova divisão do trabalho, marcada, sobretudo, pelas práticas de direção e supervisão no interior dos processos de trabalho. Durante o século XX, o capitalismo repassou aos gerentes, diretores e supervisores atribuições que, antes, se concentravam nas mãos do capitalista. Dessa forma, criaram-se figuras que passaram a controlar os trabalhadores para obter deles maior produtividade.

Lisa Marie David/Bloomberg/Getty Images

Supervisor orienta funcionários em empresa de atendimento em Taguig, Filipinas,2024. A divisão de cargos nos processos de trabalho cria figuras de autoridade que podem se sentir parte de uma classe diferenciada por configurarem como líderes nesse ambiente.

© Junião/Acervo do cartunista

Pobreza diminui, de Junião, 2008.

A classe média no Brasil

Nos primeiros anos do século XXI no Brasil, foi intenso o debate sobre a classe média. Depois de vários governos que desregulamentaram leis de proteção ao trabalhador e criaram espaço para a precariedade, a instabilidade e a informalidade do trabalho, foram desenvolvidas políticas estatais de inclusão com base na assistência social.

Alguns autores consideraram essas políticas de assistência social e de redistribuição de renda uma forma de inclusão estrutural. Eles afirmaram que os indivíduos beneficiados por elas eventualmente passaram a compor uma nova classe social, chamada por eles de classe C, ou nova classe média. Essa nova classe teria sido composta de indivíduos que tiveram seu poder de consumo aumentado e, nesse sentido, passaram a usufruir de mercadorias, bens de consumo e serviços que antes não lhes eram acessíveis.

Cesar Diniz/Pulsar Imagens

Rua comercial em Caçapava (SP), 2023. Um dos fatores de ascensão da nova classe média ou classe C foi o acesso a bens de consumo, potencializado pela ampliação do crédito e pela maior oferta de empregos.

Leia as respostas no Manual do Professor.

No detalhe

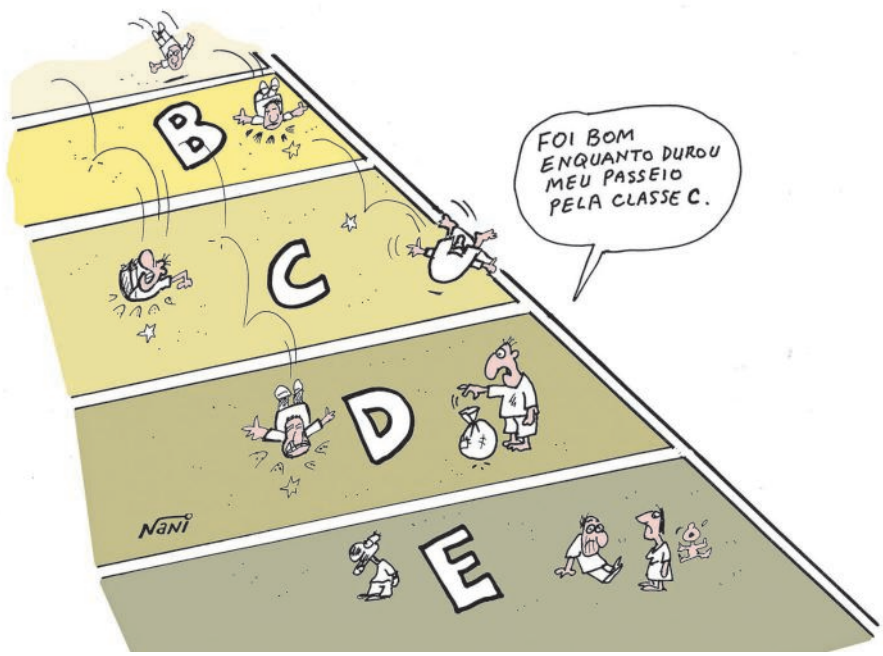
1. Quais os princípios sociológicos utilizados para o indivíduo da direita entender que é de classe média?
2. Por que uma roupa nova, mesmo a dos indivíduos em condição de vulnerabilidade social e econômica, é considerada um critério social de delimitação da classe média?

Não escreva no livro

Para os críticos dessa leitura, a chamada nova classe média seria, na verdade, um grupo flutuante que acreditava ter sido incluído, mas não tinha garantias de que essa política fosse de longa duração e, no caso de seu fim, não teria meios de se manter como uma classe social de fato. Esses estratos sociais apenas teriam condições de ascender à condição de classe (no sentido econômico) se fossem constituídas políticas de inclusão baseadas na educação, o que poderia garantir a permanência e a estabilidade desses indivíduos no mercado de trabalho.

Uma outra perspectiva considerava que a nova classe média, no Brasil do início do século XXI, era, na realidade, uma parte da classe trabalhadora, antes desempregada, que conseguiu entrar no mercado de trabalho. Segundo essa perspectiva, aqueles que defendem a constituição de uma nova classe média levariam em consideração apenas as aparências, sem tomar como referência o histórico de desigualdades sociais no Brasil. Ignoram que os membros dessa suposta nova classe média continuariam sujeitos ao desemprego, ao subemprego, ao emprego informal e outras tantas formas aviltantes de reprodução de suas vidas.

© Ernani Diniz Lucas/Acervo do cartunista



Classes, charge de Nani, 2015.

Retome

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Explique as principais teses de autores que discutem a questão das classes médias.
2. Você aprendeu que, no Brasil, os debates sobre a classe média têm perspectivas diferentes. Quais são elas?

Impactos da pandemia de covid-19 na estrutura social do Brasil

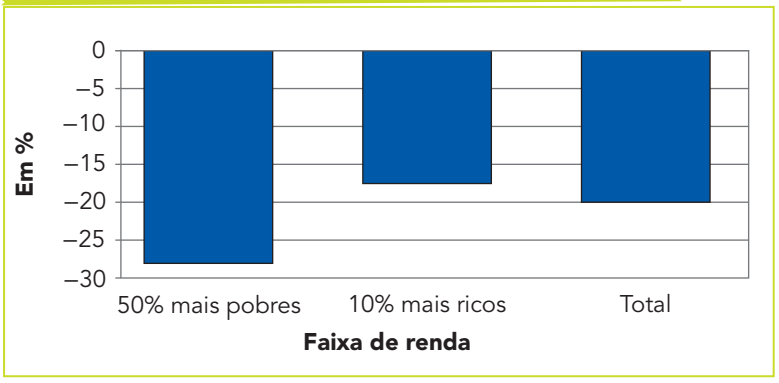
Podcast

Transcrição de áudio

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que a covid-19 era uma pandemia. Recepcionada no Brasil por uma economia já em crise, a pandemia gerou impactos significativos na condição de vida das pessoas, especialmente no que se refere à renda e à colocação no mercado de trabalho. Esse cenário só se alterou próximo do final de abril de 2022, com a declaração do fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pelo Ministério da Saúde.

Aproximadamente 63 540 000 pessoas tiveram que recorrer à etapa inicial do Auxílio Emergencial, oferecido pelo Governo Federal a partir de abril de 2020.

Brasil: variação na renda individual do trabalho – 1º e 2º trimestre de 2020



Banco de imagens/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em NERI, Marcelo C. *Efeitos da pandemia sobre o mercado de trabalho brasileiro*: desigualdades, ingredientes trabalhistas e o papel da jornada. Rio de Janeiro: FGV Social, 2020. p. 5. Disponível em: https://tedit.net/n68oys. Acesso em: 6 ago. 2024.

João Prudente/Pulsar Imagens

Casal utilizando máscaras ao se locomover pela cidade, em Piracicaba (SP), 2020. O uso de máscaras foi uma medida mundialmente adotada para conter a transmissão do novo coronavírus.

davooda.com/Shutterstock

A renda média da população brasileira caiu 20,1% no segundo trimestre de 2020.

davooda.com/Shutterstock

Estima-se que ao menos 4,9 milhões de brasileiros tenham migrado da classe média para a classe baixa entre os anos de 2020 e 2021.

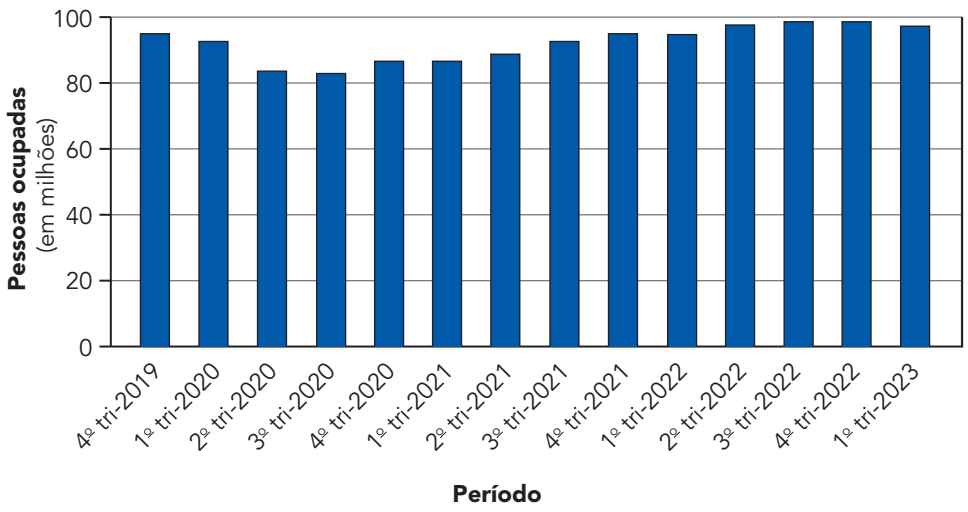
O distanciamento social necessário para conter a transmissão da doença pôde ser percebido não só nas ruas das grandes cidades do Brasil praticamente vazias, mas também nos números relacionados à economia do país.

Mauro Akin Nassor/Fotoarena

Rua comercial em Salvador (BA), 2020. Com as medidas de distanciamento social, as ruas comerciais ficaram praticamente vazias.

Brasil: evolução do número de pessoas ocupadas – 4º tri. 2019-1º tri. 2023

Banco de imagens/Arquivo da editora



Fonte: elaborado com base em FEIJÓ, Janaína; PERUCHETTI, Paulo. Recuperação do mercado de trabalho das regiões brasileiras perde fôlego no início de 2023. *Portal FGV*, São Paulo, 1º ago. 2023. Disponível em: https://tedit.net/esqxf1. Acesso em: 29 ago. 2024.

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

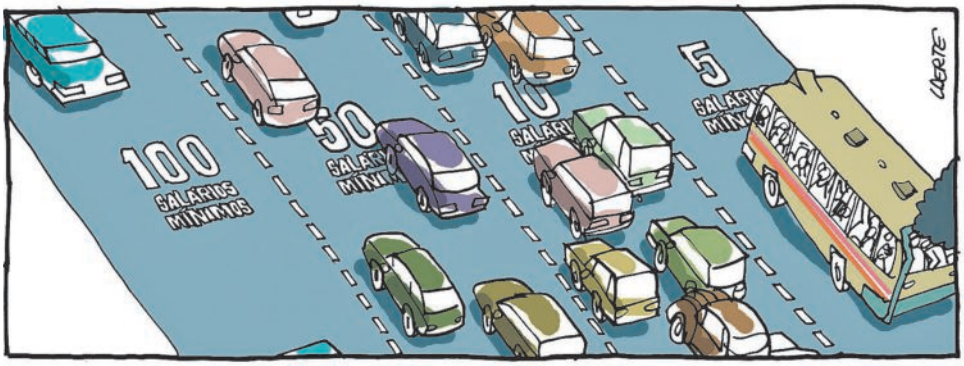
1. Os impactos econômicos da pandemia foram sentidos igualmente por todas as classes sociais? Justifique sua resposta com os dados do infográfico.
2. O infográfico apresenta a informação de que 4,9 milhões de brasileiros migraram da classe média para a classe baixa. Selecione ao menos dois dados do infográfico e escreva um parágrafo que explique os possíveis motivos dessa migração.

Galeria de atividades

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Indique o principal aspecto usado pelos autores clássicos da Sociologia para definir a divisão social.
2. Comente como as formas de solidariedade mecânica e orgânica se relacionam com a divisão social em grupos funcionais, segundo Durkheim.
3. Explique os três fundamentos da teoria da estratificação social de Weber.
4. Explique de que forma a definição de classe social para Marx não está restrita ao plano econômico.
5. Observe esta charge.



© Laerte/Acervo da cartunista

Charge de Laerte de 1998.

- A charge de Laerte trata de diferenças entre os trabalhadores que discutimos neste capítulo e no anterior. Escreva um pequeno texto sobre essas diferenças relacionando-as a autores discutidos.

6. Discuta a divisão social representada no trecho de notícia a seguir, levando em conta o que você estudou neste capítulo e no anterior.

"O quarto de empregada é um forte legado da escravidão, ainda que no modelo capitalista", diz Isabela Oliveira, antropóloga da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. "A lógica é ter alguém disponível para servir a família o tempo todo, mas isso tem mudado." [...]

Presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas, Luiza Pereira afirma que são comuns queixas de má iluminação, falta de ventilação e alergias causadas por tralhas e produtos de limpeza acumulados no cômodo.

Mas diz que, hoje, uma minoria das trabalhadoras dorme no serviço. "Os patrões têm que pagar adicional noturno e hora extra, então muitos abriram mão de ter o cafezinho pronto logo cedo." [...]

ZAREMBA, Júlia. Quarto de empregada torna-se raro em projetos, mas banheirinho resiste. *Folha de S.Paulo*, 9 jun. 2018. Disponível em: https://tedit.net/xgazwt. Acesso em: 17 ago. 2022.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Ao mesmo tempo, graças às amplas possibilidades que tive de observar a classe média, vossa adversária, rapidamente concluí que vós tendes razão, inteira razão, em não esperar dela qualquer ajuda. Seus interesses são diametralmente opostos aos vossos, mesmo que ela procure incessantemente afirmar o contrário e vos queira persuadir que sente a maior simpatia por vossa sorte. Mas seus atos desmentem suas palavras.

ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

No texto, o autor apresenta delineamentos éticos que correspondem ao(s) Alternativa a.

a) conceito de luta de classes.
b) alicerce da ideia de mais-valia.
c) fundamentos do método científico.
d) paradigmas do processo indagativo.
e) domínios do fetichismo da mercadoria.

2. (Unicamp-SP)

Quando desempenho minha tarefa de irmão, de marido ou de cidadão, quando executo os compromissos que assumi, eu cumpro deveres que estão definidos fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes. Ainda que eles estejam de acordo com os meus sentimentos próprios e que eu sinta interiormente a realidade deles, tal realidade não deixa de ser objetiva, pois não fui eu que os fiz, mas os recebi pela educação. Eis aí, portanto, maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam essa notável propriedade de existirem fora das consciências individuais.

(Adaptado de: DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.)

Émile Durkheim é um dos fundadores da Sociologia e analisa a relação entre indivíduo e sociedade. A partir do texto, podemos afirmar que os modos de agir, de pensar e de sentir, em uma sociedade, são definidos Alternativa d.

a) pelo livre-arbítrio dos indivíduos.
b) pelos sentimentos próprios dos indivíduos e independem do meio social.
c) pelo direito e pelos costumes, que são, por sua vez, definidos livremente pelos indivíduos.
d) pela própria sociedade, que constitui uma realidade objetiva que exerce coerção sobre o indivíduo.

3. (Uece)

A desigualdade social, numa definição sociológica geral, diz respeito ao fato de que grupos ou classes sociais dentro de uma mesma sociedade possuem recursos finitos distribuídos de modo desigual e uma estrutura de posições sociais de poder e prestígio que classificam, discriminam e traçam relações de poder de uns sobre os outros. Há tanto diferentes critérios de desigualdade social como há, na sociologia, modelos teóricos diferentes que procuram explicar as diversas desigualdades sociais existentes nas sociedades. E os chamados clássicos da sociologia desenvolveram modelos teóricos que abordam este tema, cada um de maneira específica e precisa. Considerando as perspectivas dos clássicos da sociologia acerca da desigualdade social, assinale com V o que for verdadeiro e com F o que for falso.

( ) Para Durkheim, a complexa divisão social do trabalho nas sociedades modernas diferencia os grupos sociais, mas cria uma solidariedade orgânica.

( ) Max Weber estabelece três tipos ideais de estratos sociais para tratar as desigualdades nas sociedades humanas: a classe, o estamento e a casta.

( ) Segundo Karl Marx, são os grupos profissionais que se diversificam e cada atividade produtiva cria distinção e constitui o sistema capitalista de produção.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) V, F, V.
b) F, V, F.
c) F, F, V. Alternativa d.
d) V, V, F.

Agir no mundo

Não escreva no livro

O trabalho no Brasil

Há temáticas complexas relacionadas ao trabalho no Brasil que trazem efeitos desfavoráveis para a vida do trabalhador. Como resolvê-las?

Você irá conhecer um pouco mais sobre a temática do trabalho pesquisando alguns fenômenos que impactam a vida do trabalhador do Brasil na atualidade. Em grupo, você e seus colegas irão pesquisar um dos seguintes temas:

- Trabalho informal
- Desigualdade racial e de gênero no ambiente de trabalho
- Automatização e datificação do trabalho
- Direitos trabalhistas
- Equilíbrio entre trabalho e vida pessoal

O objetivo final é a produção de um seminário que apresente a temática escolhida, a seleção de dados feita durante a pesquisa (textos, fotografias, gráficos, mapas, etc.) e os principais resultados obtidos.

Para iniciar a atividade e com o auxílio do professor, dividam-se em grupos, escolham os temas de cada um e, depois, sigam as etapas.

Etapa 1 – Selecionar as técnicas de pesquisa e os materiais a serem consultados

Para iniciar o projeto é fundamental estabelecer se a pesquisa será realizada com base apenas em artigos e livros ou se contará também com entrevistas. Essa definição é fundamental para o cálculo do tempo e dos contatos necessários à pesquisa.

Etapa 2 – Ler e discutir os materiais selecionados

Leiam os materiais selecionados e elaborem sínteses dos principais argumentos presentes nos textos. Em seguida, analisem de que maneira esses argumentos os ajudam a entender a temática que estão estudando.

Adriano Kirihara/Pulsar Imagens

Estudantes indígenas da etnia Kapinawá na sala de leitura de escola estadual em Buíque (PE), 2023.

Leia as orientações no Manual do Professor.

Etapa 3 – Elaborar o seminário

Com base na discussão dos materiais, produzam uma apresentação da pesquisa. Vocês podem usar *slides*, cartolinas, vídeos ou qualquer outro suporte que os ajude a apresentar os resultados obtidos.

Materiais necessários

- Acesso à internet e às bibliotecas físicas e virtuais;
- Computadores ou celulares;
- Material para a apresentação do seminário, como cartolina, papel *Kraft* (ou outro), canetas hidrográficas, projetor, sistema de som, etc.

Etapa 4 - Apresentar o seminário

Organizem os materiais necessários para o dia da apresentação.

Alinhem como cada membro do grupo vai participar da apresentação e repassem os textos.

Se possível, ao final de todas as apresentações, façam uma roda de conversa para perguntas dos colegas e do professor e registrem as principais conclusões sobre os trabalhos em um texto coletivo.

UNIDADE 4

Sociologia no espaço e no tempo

Esta unidade debate a relação dos problemas sociais brasileiros com os problemas sociais internacionais. A Sociologia brasileira, assim como a latino-americana, sofreu influência da Sociologia desenvolvida na Europa, sobretudo na França e na Alemanha, e também da Sociologia estadunidense. No entanto, é possível observar, mesmo sob a influência de autores e autoras estrangeiros, u m acúmulo de experiências que levou a Sociologia aqui produzida a um conhecimento com características particulares.

As especificidades da sociedade brasileira impuseram a necessidade de se criarem ferramentas que pudessem destacar nossas particularidades como sociedade e a relação delas com outras sociedades. As questões raciais e a intersecção de gênero e classe, a escravidão, o subdesenvolvimento e a dependência econômica, o debate contemporâneo sobre indústria cultural, tecnologias informacionais, financeirização da economia, modernidade, pós-modernidade ou ainda o empreendedorismo e os atuais dilemas do trabalho são temas e objetos de análise que foram e estão ainda presentes no debate social e sociológico.

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Apesar do desenvolvimento da ciência, ainda reproduzimos desigualdades e diferenças de vários tipos. Escreva um pequeno texto, procurando relacionar problemas sociais antigos que se reproduzem atualmente, observando quais seriam os porquês de não conseguirmos constituir uma sociedade mais igualitária e justa para todos.

2. Debata em grupo e procure encontrar a presença de elementos comuns nos textos produzidos individualmente.

Yuri Murakami/Fotoarena

Salve Lélia, mural de Aline Bispo em edifício na cidade de São Paulo (SP). Fotografia de 2021.

CAPÍTULO 9

Sociologia brasileira

Interpretações sobre a formação do Brasil

No final do século XIX e início do XX, estudiosos buscaram analisar as particularidades do Brasil, investigando como a nação se formou, quais as características centrais da identidade social brasileira e em que medida o passado colonial e escravista influenciou essa formação.

Entre as décadas de 1950 e 1960, o debate se ampliou: destacaram-se os trabalhos sobre o papel econômico e político do Brasil na divisão internacional do trabalho e a dependência em relação aos países de economia mais avançada. Influenciados por discussões sociológicas na Europa e nos Estados Unidos, intelectuais brasileiros acreditavam que havia uma contradição entre o que a sociedade brasileira era e o que poderia ser.

O passado colonial era o elemento central na maioria dos livros sobre a formação social do país. Em 1920, Oliveira Vianna publicou *Populações meridionais do Brasil*, que destaca diferenças entre o povo brasileiro e os demais, defendendo a tese de que o Brasil teria sido formado por brancos, apesar da presença de indígenas, mestiços e negros, e previu uma nação embranquecida pela imigração europeia e de uma suposta maior fecundidade dos brancos em relação às outras "raças".

Retrato de Domingos Jorge Velho, de Benedito Calixto, 1903 (óleo sobre tela, 140 cm × 99 cm). No início do século XX, os bandeirantes passaram a ser valorizados como pioneiros do desenvolvimento do estado de São Paulo. Artistas da época os representaram como homens brancos e bem-vestidos, visão idealizada compartilhada por Oliveira Vianna.

Benedito Calixto/Museu Paulista da USP, São Paulo, SP.

No detalhe Leia as respostas no Manual do Professor.

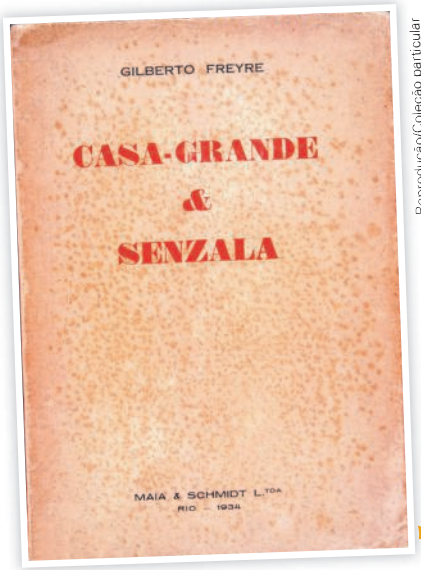
A obra retrata apenas homens brancos, os bandeirantes, considerados desbravadores do Brasil selvagem.

1. Que personagens estão ausentes nessa representação?
2. Como essa obra predominou no imaginário nacional?
3. Por que hoje essa ideia está sendo revista?

Não escreva no livro

Em 1933, Gilberto Freyre publicou *Casa-grande & senzala*. Freyre argumentou que a miscigenação seria o traço cultural central da sociedade brasileira, enfatizando a necessidade de substituir o conceito de "raça", difundido entre os intelectuais, pelo conceito de cultura.

Freyre defendeu a ideia de que a "raça" branca colonizadora teria estabelecido seu domínio sobre as demais "raças" por meio da família patriarcal. O patriarca latifundiário detém o poder sobre a esposa, parentes, agregados e escravizados, e reproduz esse tipo de poder familiar na esfera política. Para Freyre, a mestiçagem teria ocorrido principalmente no interior dessa forma social.



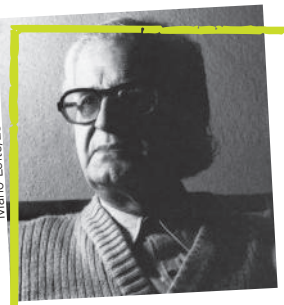
Reprodução/Coleção particular

Folha de rosto da primeira edição do livro *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, 1933.

Freyre observa o predomínio dos aspectos culturais em relação aos "raciais". Assim, a mestiçagem é entendida como uma vantagem, e o negro passa a ser retratado de modo menos estereotipado e mais humano. O povo brasileiro, portanto, foi considerado não a simples soma de três "raças", mas como resultado de um encontro mais complexo, que remete à formação da cultura brasileira. O Brasil, portanto, se constituiria em uma democracia racial, noção que tem sido amplamente criticado por mascarar as desigualdades raciais persistentes.

Por sua vez, o historiador e economista Caio Prado Jr. interpreta o passado colonial a partir da produção, da distribuição e do consumo de mercadorias. Para ele, a história do Brasil deve ser entendida em um âmbito mais amplo, em relação direta com as formas de expansão do comércio europeu na América do Sul. A formação do Brasil teria se dado de fora para dentro: o país se estruturou como fornecedor de produtos tropicais, como a cana-de-açúcar.

As massas de explorados e empobrecidos ganham importância na análise de Caio Prado. Segundo ele, já no período colonial a sociedade brasileira teria adquirido forma própria, diferente das sociedades indígenas, africanas e da portuguesa. Consequentemente, os brasileiros, teriam começado a desenvolver uma mentalidade coletiva singular.


Mario Leite/Estadão Conteúdo

Caio Prado Jr. em 1978.

Caio Prado Jr. (1907-1990)

Formou-se em Direito em 1928. Ligado ao marxismo, participou do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e publicou obras de fundamental importância, como *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) e *História econômica do Brasil* (1945).

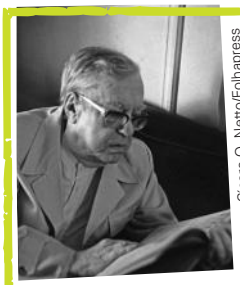
Outro autor relevante do período foi Sérgio Buarque de Holanda, que abordou como as características da formação histórica da sociedade brasileira dificultaram a implantação do **liberalismo tradicional** a partir da independência. Sérgio Buarque foi influenciado pela história social francesa, a sociologia da cultura alemã, sobretudo pela obra de Max Weber (1864-1920), e pela teoria sociológica e etnológica.

Em sua obra, Sérgio Buarque dialogou com autores como o historiador Manoel Bomfim (1868-1932) e com o pensador e político Alberto Torres (1865-1917), e foi um crítico da visão autoritária de Oliveira Vianna sobre a formação social do Brasil. Com *Raízes do Brasil* (1936), Sérgio Buarque buscou, de modo geral, traçar um panorama histórico do Brasil do período colonial até os anos 1930, propondo a existência de oposições entre o mundo rural e o mundo urbano e entre a esfera privada e a esfera pública. Em sua concepção, era preciso superar as raízes que caracterizaram a sociedade brasileira até ali para que se pudesse modificá-la.

liberalismo tradicional: como corrente política, defende a liberdade individual e um Estado regido por leis e não por vontades pessoais. Como corrente econômica, entende que demanda e oferta entram em equilíbrio sem que o Estado precise intervir.

Thiago Lemos/Fotoarena

Museu da Abolição, no Recife (PE), 2019. A herança colonial e a escravidão marcaram profundamente a formação da sociedade brasileira. Por isso, o museu tem trabalhado na promoção e na valorização da cultura e da arte de artistas negros e indígenas.



Cícero O. Netto/Folhapress

Sérgio Buarque de Holanda em 1982.

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982)

Formou-se em Direito em 1925 e, em 1929, viajou para a Europa como correspondente dos *Diários Associados*. Fixou-se em Berlim (Alemanha), onde conheceu a obra de Max Weber. Em 1936, voltou ao Brasil e ingressou na Universidade do Distrito Federal, onde lecionou História Moderna e Contemporânea e Literatura Comparada.

1. A necessidade de buscar características intrínsecas aos brasileiros, que remetam à ideia de povo,

Retome de nação e identidade nacional, marcou a interpretação do Brasil no final do século XIX e início do XX.

Não escreva no livro

1. Quais fatores marcaram as interpretações do Brasil no final do século XIX e início do XX?
2. Identifique o elemento central nos estudos do período sobre a formação do Brasil. 2. O passado colonial era elemento central na maioria das obras sobre a formação social do país.

Trabalhando com

ilustração

A sociedade brasileira

Como visto no capítulo até aqui, os primeiros sociólogos brasileiros trataram de interpretar a formação da sociedade brasileira sob diferentes óticas a partir da colonização.

A ilustração a seguir foi produzida pelo caricaturista, pintor, cartunista, cronista, escritor e ilustrador brasileiro Benedito Barreto (1886-1947), conhecido como Belmonte, por ter nascido na cidade paulista que tem esse nome.

Reprodução/Coleção particular

As três raças, grafite, nanquim e guache sobre papel, do ilustrador Belmonte, c. 1930 (42,3 cm × 33,3 cm).

Atividades Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. De que maneira podemos interpretar os elementos da ilustração de Belmonte?
2. Analisando a ilustração, ela remete à formação social da sociedade brasileira? De que forma?
3. Considerando a leitura feita da ilustração, discorra sobre o ponto de vista dos autores citados no capítulo a respeito da formação da sociedade brasileira.

A geração de 1930

Em sua obra, Sérgio Buarque denunciou a permanência dos fundamentos das oligarquias agrárias e do patriarcalismo na sociedade brasileira. Enquanto Gilberto Freyre via o passado rural como algo próprio de nossa cultura e que não deveria ser transformado, Sérgio Buarque enfatizava a necessidade da transformação social, da constituição de um conjunto de regras e normas destinadas a superar um passado de favorecimentos pessoais estabelecidos pelas oligarquias rurais.

O autor recorreu aos tipos ideais weberianos para constituir um etos nacional, isto é, um conjunto de características marcantes da sociedade brasileira da época. Esse etos nacional se fundamenta em uma relação dialética própria da sociedade. De um lado, Sérgio Buarque assinalou a modernização da sociedade brasileira; de outro, o conservadorismo, que tentava bloquear essa modernização.

Associação Cultural de Amigos do Museu Lasar Segall/Museu Lasar Segall, São Paulo, SP.

Mãe negra entre casas, de Lasar Segall, 1930 (aquarela sobre tela, 38 cm × 51 cm). Os artistas dos anos 1920 e 1930 também propunham novos olhares para a realidade social brasileira. O foco do mundo rural se debruça sobre o mundo urbano marcado pelas contradições e desigualdades.

Para Sérgio Buarque, o tipo ideal que explicita esse processo contraditório é o conceito do homem cordial, uma chave analítica para compreender como certos setores da sociedade brasileira resistem ao processo de modernização. Segundo o autor, a modernização constrói uma nova sociabilidade, que coloca em risco o universo das relações de favorecimento já estabelecidas. A cordialidade sintetizaria uma forma de conduta social, nem sempre consciente, que procura frear a modernização da sociedade brasileira e conservar as relações sociais de favorecimento pessoal. A sociedade brasileira, segundo Sérgio Buarque, deveria superar essas características e tornar-se uma sociedade civilizada, uma sociedade urbana e cosmopolita que abandonasse o mundo rural.

A Sociologia de Sérgio Buarque examina, com base na sociedade brasileira, a ligação estreita entre o que é público e o que é privado. A ausência de delimitações entre essas duas esferas da vida social pode ser observada ainda hoje, e a prática do favorecimento se disseminou em paralelo com a modernização da sociedade brasileira, sobretudo no que se refere à burocracia estatal.

Caio Prado Jr., por sua vez, procurou caracterizar em que medida a formação do Brasil estaria atrelada à expansão do mercado europeu. A análise que desenvolveu em *Formação do Brasil Contemporâneo* procura compreender o que estaria oculto no processo de colonização da sociedade brasileira. Para Caio Prado, a colonização e suas consequências históricas devem ser pensadas com base na ideia de que o Brasil se integrou a uma dinâmica maior, diretamente relacionada à expansão marítima e comercial europeia.

Para o autor, a grande propriedade (o latifúndio), a monocultura e o trabalho escravo seriam as três características centrais da formação social do Brasil dos séculos XVI ao XVIII. A produção agrária brasileira, que tinha como centro geopolítico o engenho e a fazenda, integrou-se aos objetivos comerciais europeus. Assim, a figura que predominou nesse período não foi a do pequeno produtor rural, e sim a do empresário explorador, o empresário de um grande negócio. Para Caio Prado, seria necessário entender a nação com base no que ela herdou da colônia, observando essa transformação como um processo histórico de longa duração.

Para Caio Prado Jr., a formação do Brasil estaria atrelada à expansão do mercado europeu e à produção agrária do Brasil colônia, cujo centro geopolítico eram o engenho e a fazenda.

No detalhe

- Como a gravura reproduzida se relaciona ao pensamento de Caio Prado Jr. trabalhado no capítulo?

Não escreva no livro

Reprodução/Museus Estatais, Berlim, Alemanha.

Paisagem com engenho de açúcar, de Zacharias Wagener, c. 1634-1639 (gravura, dimensões não informadas).

A obra de Caio Prado demonstra a importância de analisar os períodos colonial e imperial para compreender o Brasil, seja do ponto de vista do resgate da formação social, seja para observar a presença desse passado na sociedade brasileira atual. Ao observar as nuances arcaicas do Brasil moderno, Caio Prado considerou a formação do país como ainda incompleta.

Naquele contexto, essa incompletude se devia à permanência do Brasil em um papel de subordinação e dependência em relação a outras economias. O passado colonial ainda estaria presente na sociedade brasileira: o trabalho livre, por exemplo, não teria se organizado em todo o país, conservando traços do trabalho escravo. O mesmo raciocínio valeria para a produção extensiva destinada para atender os mercados no exterior, na época em que a obra foi escrita, e para a ausência de um mercado interno desenvolvido, que reproduziria, assim, a subordinação do Brasil em relação a economias de outros países.

Reprodução/Agência MPT de Notícias

Agentes do Ministério Público do Trabalho flagram trabalhadores em situação análoga à escravidão em Marechal Floriano (ES), 2023. Em operação conjunta com Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério Público Federal, Defensoria Pública da União, Polícia Federal e Polícia Rodoviária Federal, o Ministério Público do Trabalho retirou 523 pessoas de condições de trabalho análogo à escravidão. A persistência de condições de privação de direitos no Brasil é um resquício do passado colonial.

Retome

1. A conversão de traços do trabalho escravo e a produção extensiva (monocultura) para atender mercados no exterior.

Não escreva no livro

A estrutura da economia brasileira contemporânea é fruto de um processo histórico que teve início com a chegada dos portugueses ao Brasil. A maneira pela qual a produção de mercadorias se organizava do século XVI ao XIX é determinante para compreender o desenvolvimento econômico do Brasil nos séculos XX e XXI.

1. Quais seriam os traços sociais marcantes nos séculos passados que ainda persistem no século XXI?
2. Comente o conceito desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda para explicar como certos setores da sociedade brasileira resistem ao processo de modernização.

2. O conceito do homem cordial sintetiza uma forma de conduta social, que busca conservar as relações sociais de favorecimento pessoal. Segundo o autor, a sociedade brasileira precisa superar essas características para se tornar uma sociedade civilizada, urbana e cosmopolita que abandone o mundo rural.

A escravidão e a questão racial

A herança escravista e a questão racial permanecem extremamente relevantes no século XXI. Intelectuais como Emilia Viotti da Costa, Antonio Sérgio Guimarães e Kabengele Munanga, entre outros, procuram entender o peso e a importância desses temas para a sociedade brasileira.

A referência clássica desses autores, apresentando críticas e avanços, é Florestan Fernandes. Para ele, a escravidão no Brasil se conecta direta e indiretamente com os ciclos econômicos do período colonial. Em semelhança com a abordagem de Caio Prado Jr., Florestan Fernandes entendia que Portugal impôs à sua colônia na América uma estrutura econômica baseada na exportação de produtos tropicais. A economia colonial brasileira foi marcada pela especialização em determinados ramos produtivos, que se manteve após a emancipação da colônia iniciada com a vinda da família real em 1808.

Florestan Fernandes observou que as estruturas de dominação social do período colonial teriam sido preservadas no processo de modernização capitalista no Brasil. Já no século XX, a dependência em relação à metrópole teria sido transferida para o mercado capitalista europeu. A escravidão tem, portanto, ressonância na organização social da sociedade brasileira até nossos dias.

Assim falou **Florestan Fernandes**

> A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre.
>
> FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Rio de Janeiro: Globo, 2008. p. 29 (texto original de 1965).

Segundo Fernandes, a desigualdade social tem relação direta com a escravidão e com o modo como os negros foram incorporados a uma sociedade de classes, depois da abolição, em 1888.

Para entender esse processo, seria preciso analisar o mito da democracia racial. Florestan Fernandes observou que a democracia racial difundiu a ideia de que não existem distinções sociais entre negros e brancos e afirmou uma suposta convivência harmônica entre brancos e não brancos no Brasil. Essas ideias levariam a supor que as oportunidades econômicas, sociais e políticas seriam iguais para todos.

Adriana Zehbrauskas/Folhapress

Emilia Viotti da Costa em 1998.

Emilia Viotti da Costa (1928-2017)

Formou-se na Universidade de São Paulo (USP), onde se tornou professora emérita. Após ser presa pelo regime militar em 1969, foi compulsoriamente aposentada do cargo de professora pelo AI-5 e exilou-se nos Estados Unidos, onde lecionou em diversas universidades.

Karime Xavier/Folhapress

Kabengele Munanga em 2023.

Kabengele Munanga (1940-)

Nascido na República Democrática do Congo, graduou-se em Antropologia Cultural pela Université de Lubumbashi. É doutor em Ciências Sociais (Antropologia Social) pela USP, onde é professor titular.

Seguindo o raciocínio desse autor, essa ideologia propaga até hoje no Brasil racismo, preconceitos e discriminações. Exemplos disso seriam afirmações do senso comum que sugerem que o negro não tem problema de integração social, que a "índole brasileira" não reconhece distinções raciais, que as oportunidades sociais estão abertas a todos os brasileiros de forma igualitária, que o negro está satisfeito com sua condição social e seu estilo de vida.

Para Florestan Fernandes, de um lado, o mito da democracia racial teria consolidado a crença de que a situação dos negros se deve a sua própria incapacidade de superar dificuldades sociais como o desemprego e a pobreza. Por outro, o mito isenta os brancos (sobretudo os brancos da classe dominante) dos efeitos da abolição feita sem reparação, contribuindo para a piora da situação da comunidade negra no Brasil.

© Bira Dantas/Acervo do cartunista

Charge de Bira Dantas, 2015.

Recentemente essa questão vem sendo trabalhada por outro ângulo. Além de acobertar desigualdades e discriminações, o mito da democracia racial reproduziria a ideologia da identidade nacional que dificulta a produção de políticas sociais mais igualitárias.

1. O passado escravista promove na sociedade brasileira contemporânea desigualdades econômicas, sociais, culturais e de prestígio social que impedem a realização do princípio de igualdade entre os indivíduos como estabelecido pela Constituição de 1988.

Retome

Não escreva no livro

1. O passado escravista promove que tipo de desigualdades no Brasil atual?

2. Discuta com os colegas como isso acontece.

2. Busque examinar essa questão observando como diferenças de cor podem representar também diferenças econômicas e salariais e entender como essas diferenças têm relação com a história pretérita do Brasil.

Mundo do trabalho

Desigualdades de gênero e raça

Leia o texto a seguir e realize as atividades propostas.

Desigualdades no mercado de trabalho

[...] Desde o fim da década de 1970, diferentes estudos vêm mostrando que pessoas pretas e pardas tendem a ter metade das chances de melhorar de vida do que pessoas brancas. Isto é, mesmo se compararmos dois indivíduos de uma mesma classe de origem, os pretos e pardos têm, em média, 50% das chances de ascender dos brancos. Pesquisas mais recentes, porém, sugerem que essas diferenças aumentam quanto mais subimos na pirâmide social. [...]: uma pessoa negra de classe média enfrenta muito mais dificuldade de migrar para a classe alta do que um branco de classe média.

Todas essas disparidades são atravessadas por desigualdades de gênero. É curioso notar que mulheres possuem hoje em dia um nível educacional médio superior ao dos homens. No entanto, elas costumam receber piores salários para desempenhar funções similares. Isso não quer dizer apenas que empresas discriminam as mulheres deliberadamente, mas também que elas estão alocadas em atividades subalternas dentro de uma mesma profissão. [...]

Mulheres negras, por exemplo, não apenas sofrem com a soma das desigualdades de raça e gênero: os dados indicam que elas são submetidas a desigualdades e discriminações particulares. Embora o acesso a espaços de poder político tenha aumentado para negros e mulheres nas últimas décadas, as mulheres negras permanecem mais sub-representadas que esses dois grupos.

CAMPOS, Luiz A. Desigualdades no mercado de trabalho. O lugar das ações afirmativas. *Revista E*, 1º jul. 2023. Disponível em: https://tedit.net/5x6674. Acesso em: 31 jul. 2024.

Atividades Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. O trecho do artigo apresentado traz o tema da desigualdade no mercado de trabalho por questões de raça e gênero. Escreva um resumo sobre o tema indicando outras fontes de pesquisa.
2. Em grupos, pesquisem mulheres brasileiras negras em destaque nos séculos XX e XXI e façam um seminário sobre suas atuações e ramos de atividades.

Subdesenvolvimento e dependência econômica

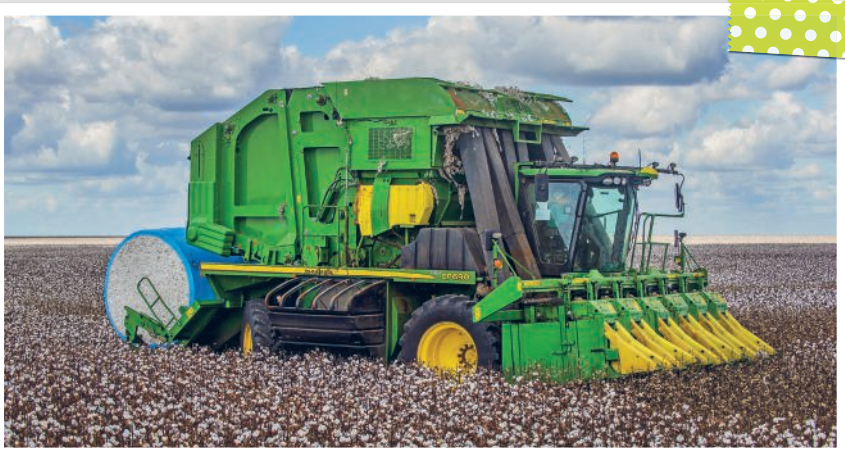
No Brasil dos anos 1930, o Estado moderno substituiu o Estado oligárquico e a indústria nacional começou a se desenvolver. Essas transformações possibilitaram que a questão do subdesenvolvimento e da dependência econômica começasse a ser discutida nos anos 1950 e 1960. Assim, o posicionamento do Brasil diante de outras economias do mundo foi pensado com base na divisão internacional do trabalho, debatendo a construção da economia nacional.

Esse debate, além de ser atual, tem relação direta com o posicionamento do Brasil diante de outras economias do mundo. O lugar do Brasil pode ser pensado com base na divisão internacional do trabalho, isto é, em como foi e ainda é construída a economia nacional: que produtos e ramos da indústria foram desenvolvidos na produção nacional, se esses produtos são estratégicos ou matérias-primas e como essa produção insere o país na economia mundial.

Como abordado, mesmo após a Independência, o Brasil continuou sendo um país produtor de mercadorias de baixo **valor agregado**, que abastecia as demandas de outros países. Desse processo resulta a dependência econômica do Brasil, que se perpetua até os dias atuais por meio de políticas que mantêm o país como exportador de matérias-primas e, de modo geral, dependente de tecnologia estrangeira. A partir de meados do século XX, a economia brasileira se desenvolveu como uma economia periférica e complementar a outras que se estruturavam de maneira mais sólida e tinham como base bens manufaturados pela indústria, como a automotiva.

valor agregado: valor que é agregado a um produto por meio do trabalho realizado em sucessivos ciclos de produção. Mercadorias que passam por poucos processos de transformação, como as matérias-primas, têm baixo valor agregado.

Chico Ferreira/Pulsar Imagens



Colheitadeira em plantação de algodão, em Formosa do Rio Preto (BA), 2022. A economia brasileira é ainda hoje fundamentalmente baseada na exportação de matérias-primas derivadas de produtos agrícolas. O país é o segundo maior exportador de algodão do mundo. Atualmente, a região Centro-Oeste é a maior produtora, concentrando 74% do total nacional.

Subdesenvolvimento

Um dos principais teóricos que discutiu esse tema, sobretudo no que se refere ao debate sobre subdesenvolvimento, foi o economista Celso Furtado, autor de *Formação econômica do Brasil* (1959). Assim como Caio Prado Jr., Furtado analisou a economia colonial e destacou a ligação, presente desde a colônia, entre a economia brasileira e a economia mundial.

Segundo Furtado, o subdesenvolvimento seria uma forma de organização social no interior do sistema capitalista e não uma etapa que antecederia a entrada no capitalismo. Para ele, os países subdesenvolvidos tiveram um processo de desenvolvimento indireto, sujeito aos países industrializados. Assim, o Brasil se tornou dependente de países desenvolvidos, condição quase impossível de ser superada, a não ser por meio de uma forte intervenção do Estado no setor industrial.

A análise de Furtado destacava a grande concentração da renda em nível mundial ocorrida no século XX até a década de 1950, que ampliou a separação entre países ricos e pobres, desenvolvidos e subdesenvolvidos. A definição de subdesenvolvimento, portanto, se insere em um quadro de relações de dominação e dependência entre os países.

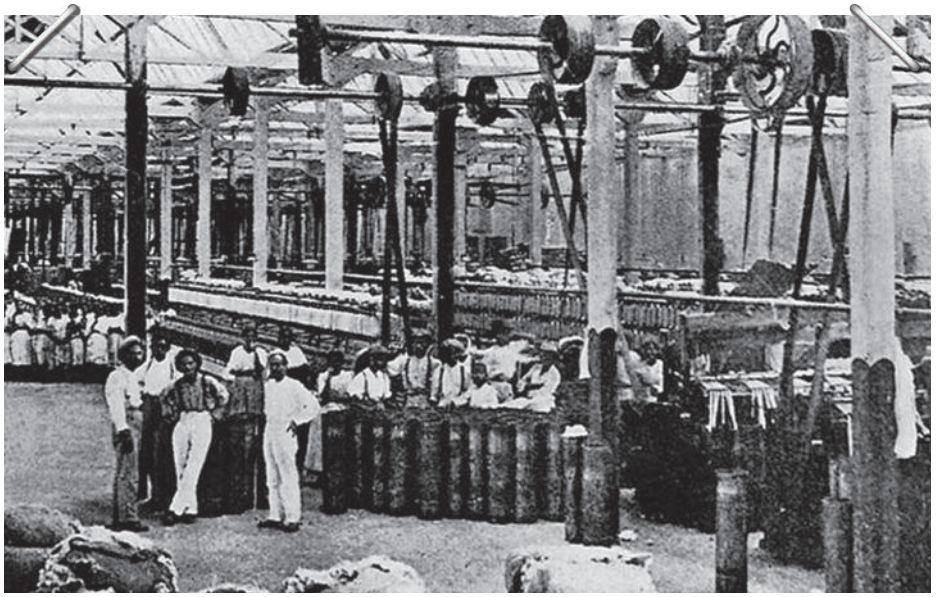
Para Furtado, o subdesenvolvimento deveria ser neutralizado com uma ação política estatal que, em lugar de reproduzir os padrões de consumo de minorias abastadas, privilegiasse a satisfação de necessidades fundamentais da população, tais como o investimento em educação pública. Entretanto, essa ação política sugerida por Celso Furtado não foi implementada pelo Estado brasileiro. Ainda hoje o país se encontra em situação de dependência em relação a países de economia mais forte, e as desigualdades sociais permanecem.

Raimundo Valentim/Estadão Conteúdo

Celso Furtado em 1998.

Celso Furtado (1920-2004)

Nascido em Pombal (PB), formou-se em Direito no Rio de Janeiro e doutorou-se em Economia pela Universidade de Paris-Sorbonne, com um estudo sobre a economia colonial brasileira. Nos anos 1950, vinculou-se à Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), ligada à ONU.



Reprodução/Coleção particular

Interior da Companhia de Fiação e Tecidos Norte-Alagoas, fábrica de tecidos no estado de Alagoas, início do século XX. Nesse período, o estado teve grande importância na indústria têxtil do país, pois a região combinava a instalação de fábricas do setor com a produção agrícola de algodão. O setor perdeu força a partir da década de 1950, conforme o estado de São Paulo passou a oferecer melhores condições de produção, incluindo suas relações com o mercado externo. Tal conjuntura, segundo os especialistas, só poderia ser superada com uma intervenção política estatal.

Na década de 1950, teve início o processo de implantação de multinacionais no Brasil, com indústrias de bens de consumo e de veículos que buscaram estruturar o país como produtor de bens típicos das sociedades de consumo. Segundo Fernando Henrique Cardoso, esse processo não foi específico do Brasil e pode ser observado em outros países latino-americanos e estabeleceu uma reformulação entre as economias mais ricas e mais pobres.

Durante as décadas de 1960 e 1970, o processo teria se aprofundado, colocando os países pobres em uma nova fase de dependência. Aqui, essa fase foi marcada pelo interesse dos países centrais em desenvolver no Brasil a indústria e o mercado interno. Fernando Henrique Cardoso afirma também que essa fase da divisão internacional do trabalho reproduziu a dependência industrial e econômica, somada à dependência tecnológica. Ou seja: as empresas dos países centrais detinham não só os recursos como também a tecnologia que impulsionava a industrialização no Brasil.

Arquivo/Folhapress

Juscelino Kubitschek, então presidente do Brasil, durante a inauguração da Usina Hidrelétrica de Três Marias (MG), 1961. A partir dos anos 1950, o Estado brasileiro incentivou a instalação de multinacionais no país como forma de industrializá-lo. Para isso, foi necessário investir em obras de infraestrutura.

Sérgio Lima/Folhapress

Fernando Henrique Cardoso em 1999.

Fernando Henrique Cardoso (1931-)

Nascido no Rio de Janeiro (RJ), mudou-se jovem para São Paulo, onde se formou em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), completando seus estudos de pós-graduação na Universidade de Paris. Após o golpe civil-militar de 1964, exilou-se no Chile e, a seguir, na França. Voltou ao Brasil em 1968 e tornou-se professor de Ciências Políticas na USP. Foi presidente do Brasil por dois mandatos, entre 1995 e 2003.

Teoria da dependência

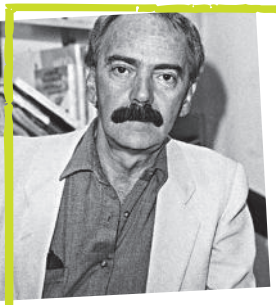
A discussão sobre a dependência acabou por constituir uma nova teoria, a teoria da dependência, que tem como principais expoentes, além de Fernando Henrique Cardoso, o economista e sociólogo Ruy Mauro Marini (1932-1997), a cientista política Vânia Bambirra e os economistas Theotonio dos Santos (1936-2018) e André Gunder Frank (1929-2005).

Essa nova forma diferiria da velha dependência que prevaleceu no Brasil do século XIX até a década de 1930. A nova dependência, configurada entre 1950 e 1970 no Brasil, teria como eixo central a transferência de capital estrangeiro para o processo de industrialização no Brasil. Essa transferência se deu por meio do financiamento de novos segmentos industriais e da instalação de filiais de multinacionais no país.

A política de substituição de importações implementada pelo Estado no período, cujo elemento central foi a industrialização e a urbanização da sociedade brasileira, não fazia restrições à entrada de capital estrangeiro. Ao contrário: o Estado via a chegada desse capital, financiador da industrialização automotiva, como a única maneira de garantir a industrialização. Como desdobramento desses investimentos externos, o mercado nacional se dinamizou. Esse processo, porém, fortaleceu a concentração de renda e aprofundou a desigualdade econômica no Brasil.

Rosane Marinho/Folhapress

Manifestação contra a privatização da companhia Vale do Rio Doce na Cinelândia (RJ), 1997. A compra de empresas estatais como a Companhia Vale do Rio Doce foi um dos meios pelos quais o capital estrangeiro entrou no mercado nacional.



Reprodução/Memorial-Arquivo Vânia Bambirra/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ.

Ruy Mauro Marini. Fotografia não datada.

Ruy Mauro Marini (1932-1997)

Reconhecido internacionalmente como um dos elaboradores da teoria da dependência. Em 1962, iniciou carreira acadêmica na recém-implantada Universidade de Brasília (UnB), onde participou de estudos dedicados a analisar as sociedades latino-americanas à luz da teoria marxista.

Vânia Bambirra (1940-2015)

Formada em Sociologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi uma das mais importantes teóricas marxistas da dependência. Em 1990, tornou-se professora titular do departamento de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB).

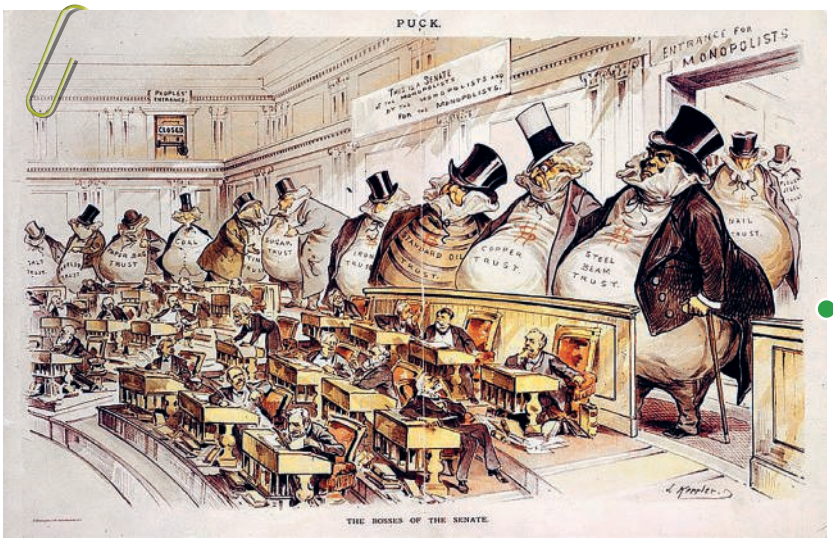
Camilla Maia/Agência O Globo

Vânia Bambirra em 2013.

Em *O capitalismo dependente latino-americano*, publicado originalmente em 1972, no Chile, Vânia Bambirra aponta o pós-Segunda Guerra Mundial como o marco de uma nova fase do imperialismo. Naquele contexto, a expansão do capital se orientaria pelo domínio das fontes de matérias-primas e pelos investimentos nos setores manufatureiros dos países dependentes. É por essa razão, segundo a autora, que naquele período a América Latina, incluindo o Brasil, se constituiu como um dos principais destinos desses investimentos.

Ainda nessa obra, Bambirra elaborou uma tipologia para analisar e explicar a centralidade latino-americana nesse processo de desenvolvimento dependente. Para ela, a integração regional poderia ser dividida em dois conjuntos de países. No primeiro deles, dos países latino-americanos de tipo A, como a Argentina, o Brasil e o Chile, já havia um mercado interno relativamente desenvolvido; por consequência, a industrialização do período pós-guerra ocorreu por meio da substituição de importações e de alianças entre a burguesia industrial e os setores agrários-exportadores. Nesses países, teria ocorrido um abandono do projeto de desenvolvimento autônomo, submetendo-se ao capital externo. Já nos países de tipo B, como o Peru, a Venezuela e o Equador, o setor industrial não havia sido desenvolvido até aquele período, havendo tampouco uma burguesia industrial local consolidada. Bambirra compreendeu, assim, que a industrialização desse grupo de países, promovida por investidores externos, teria sido uma consequência da integração da região como um todo.

J. Ottmann/Biblioteca do Congresso, Washington, EUA.



Os chefes do Senado, litografia de J. Ottmann após desenho de J. Keppler, 1889 (dimensões não informadas). A charge publicada em um jornal estadunidense em 1889 retrata um grupo de capitalistas influenciando as decisões políticas legislativas. Na camisa de cada um, há a inscrição da indústria monopolista que representa (aço, cobre, açúcar, petróleo, etc.).

No detalhe

Leia as respostas no Manual do Professor.

- Analise a charge reproduzida e, com base no que você aprendeu até aqui, procure:

a) Estabelecer possíveis relações entre a política brasileira (Legislativo e Executivo) e a presença de interesses estrangeiros no Brasil.

b) Listar e justificar ganhos e perdas para a população brasileira em geral com empresas estrangeiras no Brasil.

Não escreva no livro

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Aponte causas que poderiam explicar a condição de dependência do Brasil em relação aos Estados Unidos e aos países da Europa ocidental.

2. Com base nos autores trabalhados no capítulo, indique momentos históricos distintos nos quais o capital estrangeiro foi apontado como uma saída para o desenvolvimento do Brasil.

Intersecções de classe, raça e gênero

Vânia Bambirra foi além de seus colegas nas discussões teóricas sobre o capitalismo dependente, refletindo a respeito das relações de gênero.

Em *A liberação da mulher e a luta de classes*, de 1972, Bambirra analisou os desafios à implementação do socialismo latino-americano e o papel das mulheres no processo revolucionário. A autora problematizou a divisão sexual do trabalho que designa todo o serviço doméstico às mulheres. Formando um exército laboral não remunerado, as mulheres tinham pouca adesão à luta socialista, o que seria um obstáculo ao processo revolucionário. Para Bambirra, o debate socialista dos países dependentes, como os latino-americanos, reproduziria essa exploração do trabalho das mulheres, em vez de construir um espaço no qual elas pudessem atuar ativamente na transformação radical da sociedade.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Socialismo

O socialismo é uma doutrina política e econômica surgida entre os séculos XVIII e XIX, que teve por princípio a igualdade social. Defende-se a coletivização dos meios de produção, mediante a supressão da propriedade privada e das classes sociais.

- A igualdade social, nos anos recentes, também tem sido expandida para outras zonas de debate, como nas questões de gênero, raça e sexualidade. Nessa perspectiva, qual a importância de trazer os debates recentes para este referencial teórico?

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que o debate sobre a igualdade não se dá apenas nos campos políticos e econômicos, mas que transcende para as discussões sociais, tais como nas discussões recentes da sociedade civil acerca de raça, gênero e sexualidade. Neste sentido, as discussões acerca da igualdade são importantes em todos os campos.

Matuiti Mayezo/Folhapress

Esposas de metalúrgicos em greve reivindicando a reabertura das negociações durante passeata escoltada pela Polícia Feminina em São Bernardo do Campo (SP), 1980. A divisão do trabalho que confina muitas mulheres ao espaço doméstico dificulta sua participação nas lutas sociais, segundo Bambirra.

Na teoria social brasileira da segunda metade do século XX, a participação das mulheres na sociedade de classes foi um tema importante. Entre os anos 1970 e 1990, desenvolveu-se uma tradição de estudos sobre a exploração-dominação do trabalho das mulheres, com enfoque na abordagem do patriarcado. Orientada inicialmente por Florestan Fernandes, a socióloga Heleieth Saffioti (1934-2010) deu um enfoque pioneiro em suas pesquisas sobre o Brasil ao se voltar às questões das mulheres.

Em seus estudos sobre violência, trabalho doméstico e participação no mercado das mulheres na sociedade brasileira, Saffioti identificou as trabalhadoras como um exército industrial de reserva. Nessa concepção, as mulheres seriam a força de trabalho inserida no desemprego estrutural das economias capitalistas, ou seja, parte dos trabalhadores que excede as necessidades da produção, que está desempregada, mas permanece à disposição do capital caso haja necessidade. Por ser um grupo disponível, mas não empregado, essa parcela da população seria forçada a se submeter a baixos salários e precárias condições de trabalho.

akg-images/Album/Fotoarena/Biblioteca do Estado Russo, Moscou, Rússia.

Sem título, cartaz com desenho de Nikolai Wiktorowitsch Denissow e Nina Nikolaevna Vatolina, 1941. O cartaz é uma propaganda soviética produzida para incentivar a resistência ao ataque da Alemanha nazista. A ilustração reforça a participação das mulheres na construção da sociedade socialista, enquanto o texto do cartaz afirma: "Fascismo – o inimigo mais cruel das mulheres".

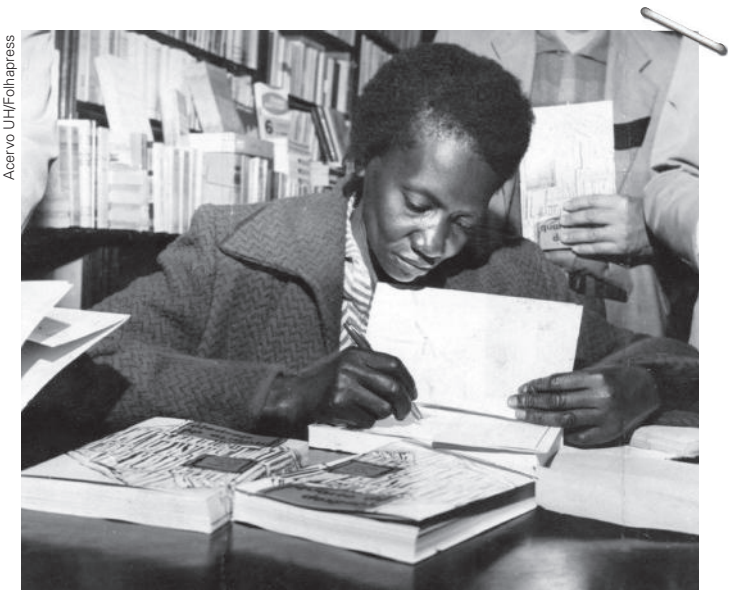
Margaret Bourke-White/The LIFE Picture Collection/Shutterstock

Mulheres chanfrando placas de blindagem para tanques em siderúrgicas de Gary, nos Estados Unidos, c. 1943. Historicamente, em momentos de guerra, as mulheres são massivamente recrutadas para realizar o trabalho fabril, suprindo as demandas ocasionais da indústria bélica.

Saffioti caracterizou a articulação das relações sociais de gênero, classe e raça como um "nó" que une essas três condições sociais básicas — classe, gênero e raça — em um tipo de simbiose. Nessa simbiose, o patriarcado corresponderia ao domínio do poder pelos homens, o preconceito racial seria verificado no conjunto da sociedade brasileira e, simultaneamente, a sociedade estaria dividida em classes sociais de interesses antagônicos (dominantes e subalternos). Em certo sentido, essa caracterização corresponde ao debate sociológico mais amplo da interseccionalidade das opressões nas relações sociais.

O conceito de interseccionalidade foi cunhado pela advogada estadunidense Kimberlé Crenshaw (1959-) com base nos debates feministas negros das décadas de 1970 e 1980 nos Estados Unidos. Para explicar a combinação de fatores relativos ao gênero, à raça e à classe nos processos de opressão, a autora utilizou a metáfora do encontro de avenidas, onde essas relações de poder se entrecruzariam.

Outra importante autora brasileira a considerar as opressões sob um prisma interseccional foi Lélia Gonzalez, que propôs estudar como o racismo e o sexismo se articulariam na cultura brasileira. Gonzalez analisou o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), a consolidação de alguns grupos de mulheres feministas do período e a construção do movimento negro brasileiro. A autora ampliou o debate sobre as articulações entre opressões de gênero, raça e classe, acrescentando à análise a dimensão da região do planeta, pois considerava que o lugar onde as pessoas estão situadas também determina sua visão de mundo.



Acervo UH/Folhapress

Escritora Carolina Maria de Jesus durante noite de autógrafos do lançamento de seu livro *Quarto de Despejo* em São Paulo (SP), 1960. Traduzido para 14 idiomas, o livro autobiográfico trata das interconexões entre classe, raça e gênero.

Em relação ao mito da democracia racial, Gonzalez afirmou que, no Brasil, existiria o "racismo por denegação", ou seja, disfarçado. Emprestando conceitos da psicanálise, como o de **neurose**, ela propõe que esse tipo de racismo velado explicaria a invisibilização das práticas estruturais e cotidianas de discriminação racial.

neurose: sintomas que expressam os conflitos entre aspectos do consciente e do inconsciente de um sujeito, gerando sofrimento.

Assim falou Lélia Gonzalez

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Trabalho apresentado no 4º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1980. p. 224.

Favoritos

Arquivo Clarice Lispector/Acervo Instituto Moreira Salles

As escritoras Clarice Lispector (à esquerda) e Carolina Maria de Jesus no evento Semana Paulista, em São Paulo (SP), 1960.

Acervo Carolina Maria de Jesus. Disponível em: https://tedit.net/t63du1. Acesso em: 9 out. 2024.

O *site* do Acervo Carolina Maria de Jesus, disponibilizado pelo Instituto Moreira Salles, traz uma apresentação sobre a escritora, fotografias, vídeos com a montagem de uma exposição e matérias sobre sua vida, obra e influência.

Retome

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Considerando os temas trabalhados no capítulo, em que medida as dimensões de gênero, classe e raça se entrecruzam e influenciam esse problema social?
2. Forme dupla com um colega e pesquisem, em fontes confiáveis e científicas, dados que demonstrem a sobreposição das dimensões de gênero, classe e raça sobre a população negra e, em especial, sobre as mulheres negras.

Galeria de atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Quais são os temas centrais que antecederam e influenciaram a formação da Sociologia brasileira no final do século XIX e início do século XX?
2. Descreva o período em que a Sociologia brasileira se consolida e cite os principais representantes e seus argumentos.
3. A escravidão no Brasil influenciou o desenvolvimento do preconceito racial do século XX? Explique.
4. Explique como o Brasil se formou como um país subdesenvolvido e economicamente dependente.
5. Qual a relevância para a Sociologia brasileira das análises produzidas por Vânia Bambirra, Heleieth Saffioti e Lélia Gonzalez?
6. O artista afro-borun Paulo Nazareth (homem velho) produz obras que tematizam a condição do homem negro no Brasil e do brasileiro no mundo. Analise estas obras do artista e as relacione com o conteúdo do capítulo.

Interdisciplinaridade
com Arte

Reprodução/Cortesia do artista e de Mendes Wood DM, São Paulo, Bruxelas, Paris, Nova York.

What is the color of my skin? / Qual é a cor da minha pele?, impressão fotográfica sobre papel-algodão de Paulo Nazareth (à esquerda) com Moisés Patrício, 2013.

Reprodução/Cortesia do artista e de Mendes Wood DM, São Paulo, Bruxelas, Paris, Nova York.

Negros na piscina, impressão fotográfica sobre papel-algodão de Paulo Nazareth, 2014.

7. A seguir, leia um trecho do discurso da estadunidense Sojourner Truth (c. 1797-1883), na Convenção Nacional pelos Direitos da Mulher, em 1851, nos Estados Unidos. Truth foi escravizada e se tornou uma abolicionista e ativista dos direitos das mulheres afro-americanas. Em 1828, foi ao tribunal para resgatar a guarda de seu filho, tornando-se a primeira mulher negra a ganhar um caso desse tipo.

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim!

TRUTH, Sojourner. *In*: RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017. p. 20. (Coleção Feminismos plurais).

Granger/Fotoarena/Galeria Nacional de Arte, Washington, DC, EUA.

Sojourner Truth, 1864.

- Com base no trecho destacado, discuta a ideia de que distintas opressões se articulam.

8. Leia a seguir o trecho de autoria da economista Maria da Conceição Tavares (1930-2024) e discuta, sob o enfoque histórico e sociológico, como o texto se relaciona com o que você estudou sobre a teoria da dependência.

Leia a resposta no Manual do Professor.

No Brasil, a ânsia de fazer coincidir os ideais liberais político-econômicos da potência dominante inglesa como uma versão periférica e tardia do iluminismo das revoluções francesa e americana levou-nos a uma República proclamada sem revolução política nem burguesa. A hoje denominada Velha República nasceu "pelo alto" e pelas mãos dos militares, em meio às intrigas das novas e velhas oligarquias (com dificuldade de estabelecer um pacto de compromisso), ante a apatia e o estranhamento do povo brasileiro, que assistiu, como espectador, à proclamação da sua nova (velha) República imperial.

A república brasileira nasceu, assim, "pacificamente" sobre os escombros do capital mercantil-escravista e a falência de inúmeras casas de comércio e bancárias mergulhadas no "Encilhamento", resultante, ontem como hoje, da política econômica de endividamento interno e externo dos senhores locais do nosso império. Uma das primeiras medidas de grande relevância econômica da República recém-proclamada foi uma grande moratória seguida de uma negociação do reescalonamento da dívida externa (um *funding loan*) com os banqueiros ingleses. Para obter esta colaboração, as autoridades monetárias e financeiras levaram o país ao primeiro grande ajuste recessivo de corte liberal e à adesão mais firme ao padrão ouro-libra, derrotando os "papelistas", que preferiam estabelecer um padrão monetário interno, sem conversibilidade, mas que permitisse expandir o crédito interno.

TAVARES, Maria da Conceição. Império, território e dinheiro. *In*: MELO, Hildete Pereira de (org.). *Maria da Conceição Tavares*. Vida, ideias, teoria e política. São Paulo: Expressão Popular, 2019 [1999]. p. 263-264.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Para Caio Prado Jr., a formação brasileira se completaria no momento em que fosse superada a nossa herança de inorganicidade social — o oposto da interligação com objetivos internos — trazida da colônia. Este momento alto estaria, ou esteve, no futuro. Se passarmos a Sérgio Buarque de Holanda, encontraremos algo análogo. O país será moderno e estará formado quando superar a sua herança portuguesa, rural e autoritária, quando então teríamos um país democrático. Também aqui o ponto de chegada está mais adiante, na dependência das decisões do presente. Celso Furtado, por seu turno, dirá que a nação não se completa enquanto as alavancas do comando, principalmente do econômico, não passarem para dentro do país. Como para os outros dois, a conclusão do processo encontra-se no futuro, que agora parece remoto.

SCHWARZ, R. Os sete fôlegos de um livro. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Cia. das Letras,1999 (adaptado).

Acerca das expectativas quanto à formação do Brasil, a sentença que sintetiza os pontos de vista apresentados no texto é: Alternativa **b**.

a) Brasil, um país que vai pra frente.

b) Brasil, a eterna esperança.

c) Brasil, glória no passado, grandeza no presente.

d) Brasil, terra bela, pátria grande.

e) Brasil, gigante pela própria natureza.

2. (Fuvest-SP)

Interdisciplinaridade com Geografia

"Entre os anos de 2012 e 2022, o número de pessoas autodeclaradas pretas e pardas aumentou em uma taxa superior à do crescimento do total da população do país, segundo o resultado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do IBGE. No caso dos negros, essa porcentagem variou de 7,4% em 2012 para 10,6% em 2022. '(...) uma das hipóteses para o crescimento da proporção é que a percepção racial tenha mudado dentro da população, nos últimos anos'."

O Globo, 22/07/2022; CNN Brasil, 16/06/2023.

"Pois bem, é justamente a partir daí que aparece a necessidade de teorizar as 'raças' como o que elas são, ou seja, construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz, socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios. Se as raças não existem num sentido estritamente realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, são, contudo, plenamente existentes no mundo social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações dos seres humanos."

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Raças e estudos de relações raciais no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, n.54, 1999. p. 153.

Relacionando os dados trazidos pela PNAD/IBGE e o conceito de raça do sociólogo Antônio Sergio Alfredo Guimarães, é correto afirmar: Alternativa **b**.

a) A hipótese de que a autopercepção racial de parte dos brasileiros mudou está em conflito com a tese de que raça é um construto social. Isso porque, como os traços fenotípicos da população brasileira mantiveram-se os mesmos de 2012 a 2022, não haveria motivos para o aumento dos autodeclarados pretos e pardos.

b) A tese de que raças são construtos sociais ganha força diante das mudanças na autopercepção de parte dos brasileiros sobre sua condição racial. Alterações culturais e ideológicas da inserção social de negros e pardos teriam permitido o crescimento dos assim autodeclarados.

c) As alterações na autopercepção racial captadas pelas pesquisas do IBGE não guardam relação com a ideia de que raça é um construto social. Na verdade, reafirmam que as raças são realidades biológicas e que mais indivíduos estariam se dando conta do seu verdadeiro pertencimento racial.

d) Os dados colhidos pelo IBGE sobre o aumento da autodeclaração racial dos respondentes como pretos e pardos indicam que houve um aumento dessa população no Brasil, o que contraria a tese de que raça é um construto social, e não uma realidade biológica.

e) A existência do racismo no Brasil indica que a tese de raça como construto social está errada. Se raça fosse um construto social, e não uma realidade biológica, os indivíduos prefeririam se declarar como brancos para evitar serem vítimas de racismo.

CAPÍTULO 10

Temas contemporâneos da Sociologia

A indústria cultural

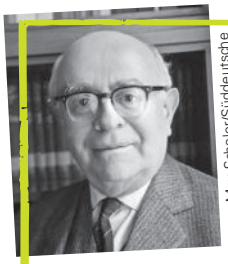
Na década de 1940, Theodor Adorno e Max Horkheimer publicaram *Dialética do esclarecimento* (1944). Ao longo do texto, eles demonstraram como o processo de mercantilização atinge a arte e a cultura em geral.

O momento em que Adorno e Horkheimer escreveram foi marcado por grandes transformações na Europa e nos Estados Unidos, como amplos avanços científicos e tecnológicos. Além disso, vigorava nas indústrias a produção em série e altos índices de produtividade. Num mundo em que a produção de mercadorias capitalista só se expandia, Adorno e Horkheimer chamaram de indústria cultural o avanço da produção mercantil sobre as expressões culturais e artísticas.

Embora tenha surgido a partir da industrialização capitalista, a indústria cultural só ganhou proporção a partir do século XX, quando se tornou um processo em larga escala. Os modos de vida não escaparam: a produção em massa levou a população a uma escala de consumo muito maior.

Los Angeles Chamber of Commerce/United States Information Agency/PhotoQuest/Getty Images

Vista aérea de estúdios cinematográficos em Burbank, Califórnia, Estados Unidos, c. 1930. Poucas décadas após a invenção do cinema, a indústria já estava consolidada. A possibilidade de distribuir cópias do mesmo filme ao redor do mundo gerou lucros inéditos.

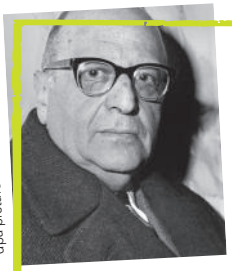


Max Scheler/Süddeutsche Zeitung Photo/Fotoarena

Adorno em 1969.

Theodor Adorno (1903-1969)

Estudou Sociologia e outros cursos na Universidade de Frankfurt a partir de 1920. Fez parte da Escola de Frankfurt ao lado de Horkheimer e outros pensadores.



dpa picture alliance/Alamy/Fotoarena

Horkheimer em 1960.

Max Horkheimer (1895-1973)

Concluiu doutorado em Filosofia em 1922 na Universidade de Frankfurt e em 1926 tornou-se docente dessa instituição. Ao lado de Adorno e outros pensadores alemães atuantes no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, a partir da década de 1920, fez parte do que se convencionou chamar de Escola de Frankfurt.

A mercantilização atingiu, com isso, setores da sociedade que pareciam resistir a esse processo. O teatro, a dança e as artes visuais sucumbiram ao desenvolvimento da racionalidade econômica, submetendo seu processo criativo à finalidade de gerar lucro. Adorno percebeu também que os produtos artísticos do período, a exemplo do cinema, já nasciam impregnados dos signos da produção e do consumo em massa. A produção cultural, ligada aos interesses econômicos do capital, sujeitaria as próprias intencionalidades à troca mercantil. Qualquer expressão crítica da arte e da cultura estaria praticamente descartada por conta desse vínculo.

A cultura produzida também em série, em massa, seria percebida como manifestação que não desenvolve nenhuma expressão intelectual livre nem critica as instituições ou injustiças sociais, tornando os produtos culturais de massa mercadorias consumíveis e descartáveis. O formato desses produtos muitas vezes privaria a população de reflexões necessárias sobre a própria realidade.

Leia a resposta no Manual do Professor.

No detalhe

- Por que grandes quantidades de comida estragam nos supermercados?

Não escreva no livro

© André Dahmer/Acervo do cartunista

Nesta tirinha de 2008, o cartunista André Dahmer trata com ironia a finalidade da produção capitalista: o lucro.

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

Filmes, séries e minisséries são produtos culturais criados considerando muitos fatores, sobretudo, os mercantis. Uma série pode ou não ser renovada em função de sua audiência, isto é, independentemente de suas qualidades artísticas. Converse com um colega sobre as questões a seguir.

1. Estabeleçam possíveis relações entre a produção de uma mercadoria qualquer e a de um produto cultural.
2. É possível pensar formas alternativas de produção cultural alheias ao processo de produção de lucro?
3. Em que medida expressões culturais regionais, populares ou tradicionais do seu entorno são influenciadas pela indústria cultural?
4. Vocês conhecem expressões culturais regionais que têm se transformado para atender às demandas do mercado?

A Revolução Informacional

A indústria cultural também está relacionada à produção e à apropriação da informação. O processo de racionalização das sociedades, que contribui para o aprofundamento do mercado e da economia, traz o debate sobre como as inovações científicas e tecnológicas deveriam ou não ser usadas para incrementar a produção de mercadorias.

Existem no capitalismo forças produtivas (ciência e tecnologia) capazes de gerar suprimentos que atendam toda a população do planeta. No entanto, seu desenvolvimento permanece limitado a interesses específicos, restringindo o acesso aos produtos, sejam eles essenciais ou não. Vejamos um exemplo: desde a década de 1970, dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) apontam que a fome no mundo não é resultado da baixa produção de alimentos, mas de sua má distribuição. Por um lado, existem problemas relacionados à área da produção, como o uso indiscriminado de agrotóxicos e transgênicos, sem controle das consequências para o ambiente e a saúde humana. Por outro, as relações de produção capitalistas impedem que os benefícios trazidos pelo avanço das forças produtivas (ciência e tecnologia) estejam disponíveis a todos.

© Frits Ahlefeldt/Acervo do cartunista

Frits Ahlefeldt

Pessoa em situação de rua encontra um comprador, ilustração de Frits Ahlefeldt, 2011.

Com a automação da produção nos 1960 e 1970, a capacidade de produzir alimentos para toda a população do planeta voltou a ser discutida. As novas tecnologias da informação mudaram o jeito de viver nas sociedades atuais. Novas formas de produção diminuíram tanto a necessidade de força de trabalho quanto de tempo de trabalho, que isso supostamente possibilitaria aos indivíduos aumentarem sua participação na construção da cidadania e na ampliação de direitos sociais. Seria uma Revolução Informacional, que, ao transformar a base produtiva do capitalismo, alçaria o conhecimento e a informação como elementos centrais do trabalho.

Enquanto a Revolução Industrial se caracterizou pelo foco no trabalho realizado por meio de máquinas, a Revolução Informacional teria como base não a matéria física, mas a informação e o conhecimento. A primeira caracterizou-se pela transformação de um produto com base no trabalho manual; a segunda, pelo predomínio do trabalho intelectual não só no setor industrial, mas em quase todos os setores da economia.

Ben Brewer/Bloomberg/Getty Images

Cientistas de alimentos atuam em laboratório de uma empresa gigante de alimentos embalados, em Golden Valley, nos Estados Unidos, que usa ferramentas de inteligência artificial para aumentar a produtividade em muitas áreas de seus negócios. Fotografia de 2024.

Tecnologias da informação e comunicação (TICs)

Para o sociólogo francês Jean Lojkine, a Revolução Informacional não se limitava a uma transformação tecnológica, não se tratava da simples utilização da informática em atividades de formação, comunicação e gestão, mas sintetizava uma mudança na forma como os trabalhadores utilizavam a informação.

Laurent Etre/Fundação Gabriel Péri, Pantin, França.

Jean Lojkine em 2016.

Jean Lojkine (1939-2022)

Formou-se filósofo em 1964. Em 1975 obteve o doutorado em Sociologia. Com o livro *A Revolução Informacional* (1992), passou a ter como centro de suas análises o impacto da produção da informação no trabalho.

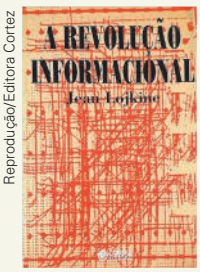
O trabalho informacional na produção ou nos serviços teria, segundo o autor, relação com as formas de libertação do trabalhador. Para Lojkine, houve várias tentativas de controlar esse tipo de atividade retirando os saberes dos trabalhadores e os transferindo para a gerência. As atividades criadas pela Revolução Informacional, porém, demandariam uma interatividade do trabalhador com as tecnologias informacionais e comunicativas.

Segundo alguns autores, ocorreu uma diferença significativa na utilização das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) em relação a tecnologias anteriores, pois não substituem trabalhadores por máquinas. Lojkine ressalta que essas tecnologias são diferentes na medida em que demandam uma interatividade do trabalhador com a máquina, tendo a invenção humana papel central nesse processo.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Agricultor utiliza computador para controlar colheitadeira em Formosa do Rio Preto (BA), 2022. A maior aplicação de tecnologias ampliou as possibilidades de uso de informação e maquinário também no agronegócio.

Favoritos



Reprodução/Editora Cortez

A Revolução Informacional, de Jean Lojkine. São Paulo: Cortez, 2012.

Este livro aborda automação e organização do trabalho, sociedade pós-industrial e informática, novos processos produtivos e critérios tradicionais de avaliação do trabalho, implicações sociopolíticas das novas tecnologias, além de outras questões relacionadas à revolução informacional.

Assim, a utilização das tecnologias da informação teria relação com a libertação do indivíduo de certas amarras do trabalho. Embora a exploração continuasse, ela poderia se manifestar de outra forma. Nesses termos, o trabalho seria mais qualificado, exigindo mais responsabilidade do trabalhador, e mais intelectualizado, se comparado ao das fábricas fordistas e tayloristas.

No entanto, as novas ocupações profissionais mediadas pelas TICs, diferentemente do que Lojkine pensava, aprofundaram as estruturas produtivas e gerenciais na medida em que o trabalhador passou a ter menor interferência no processo produtivo. Desse modo, a Revolução Informacional não libertou o trabalhador de atividades penosas, desgastantes e enfadonhas, mas reforçou, sob novos moldes, a relação de subordinação entre o trabalhador e as tecnologias informacionais.

As transformações tecnológicas e informacionais não deixam, dessa forma, de obedecer aos mesmos interesses das antigas formas de produção, estando, portanto, longe de liberar os trabalhadores para atividades, por exemplo, de lazer e de construção da cidadania.

Ernesto Reghran/Pulsar Imagens

Smartphone com aplicativo de serviços de transporte em Londrina (PR), 2024. É cada vez mais comum que o trabalho seja mediado por plataformas digitais. Há aplicativos que fazem a mediação entre os trabalhadores de serviços como o de transporte e os passageiros.

1. Tecnologias informacionais podem ser definidas como ferramentas utilizadas para organizar e potencializar processos de informação e comunicação, por exemplo: o desenvolvimento de *softwares* e *hardwares*, além de telecomunicações, redes sociais e recursos para coletar e analisar dados.

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes investiguem as profissões de seus familiares (por meio de entrevistas ou pesquisa) e reflitam sobre como o uso das tecnologias informacionais é essencial (ou não) ao trabalho deles.

Retome

Não escreva no livro

As tecnologias da informação tornaram-se meios para a realização de trabalhos e tarefas com graus variados de controle e gestão do trabalhador. No entanto, elas parecem ser percebidas como um ganho de autonomia para quem as utiliza.

Junte-se a um colega e faça uma pesquisa para responder às questões a seguir.

1. Defina o que são tecnologias informacionais.

2. Pense no trabalho de seus pais e familiares e reflita sobre o grau de dependência deles em relação às tecnologias informacionais.

Mundo digital

Na era da sociedade virtual

Desde as últimas décadas, estamos vivendo a Quarta Revolução Industrial, marcada pelo desenvolvimento e pela inserção de tecnologias da informação, como a internet das coisas, Big Data, Inteligência Artificial, etc. Entre as alterações destaca-se a automatização do processo industrial, especialmente a ligada à internet e aos sistemas ciberfísicos. As mudanças possibilitam o aumento da eficiência e da produtividade e, consequentemente, o crescimento econômico. Apesar dos avanços positivos, a Quarta Revolução Industrial apresenta impactos negativos. Sobre o tema, leia o texto a seguir.

[...] a quarta revolução industrial oferece a oportunidade de integrar à economia global as necessidades não satisfeitas [...] de pessoas, criando demandas adicionais para serviços e produtos existentes ao capacitar e conectar, umas com as outras, as pessoas e comunidades de todo o mundo.

Apesar do potencial impacto positivo da tecnologia no crescimento econômico, é essencial, contudo, abordar o seu possível impacto negativo, pelo menos a curto prazo, no mercado de trabalho. [...]

Há um efeito destrutivo que ocorre quando as rupturas alimentadas pela tecnologia e a automação substituem o trabalho por capital, forçando os trabalhadores a ficaram desempregados ou realocar suas habilidades em outros lugares. [...] o efeito destrutivo vem acompanhado por um efeito capitalizador, em que a demanda por novos bens e serviços aumenta e leva à criação de novas profissões, empresas e até mesmo indústrias. [...] Há [...] campos opostos quando se trata do impacto de tecnologias [...] no mercado de trabalho: aqueles que acreditam em um final feliz – os [...] deslocados pela tecnologia – vão encontrar novos empregos e a tecnologia irá desencadear uma nova era de prosperidade; e aqueles que acreditam que o fato levará a um progressivo Armagedom [...], criando [...] desempregos tecnológicos. A história nos mostra que o resultado provável está em algum lugar médio entre os dois campos. [...]

SCHUWAB, Klaus. *A Quarta Revolução Industrial*. São Paulo: Edipro, 2016.

Atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Quais são os principais efeitos da Quarta Revolução Industrial, considerando tanto os pontos positivos quanto os negativos mencionados no texto? Como essas mudanças podem impactar o mercado de trabalho e a vida das pessoas?
2. Em sua opinião, o que pode ocorrer com trabalhadores que não dominam recursos digitais no contexto da Quarta Revolução Industrial?
3. Considerando essas reflexões, elaborem um conteúdo que apresente estratégias de inclusão digital em sua comunidade e compartilhem-no em uma plataforma digital. Para isso, definam o público-alvo e em qual plataforma esse conteúdo será publicado. Escolham também quais estratégias serão apresentadas e as imagens adequadas para ilustrá-las, criando textos claros.

A financeirização da economia

Nas últimas décadas, as sociedades capitalistas se estruturaram com base na financeirização da economia. A valorização do capital baseada na exploração do trabalho foi intensificada pelo acúmulo de riquezas por meio de mecanismos e canais financeiros, e não apenas das atividades produtivas (na indústria, no comércio e na agricultura).

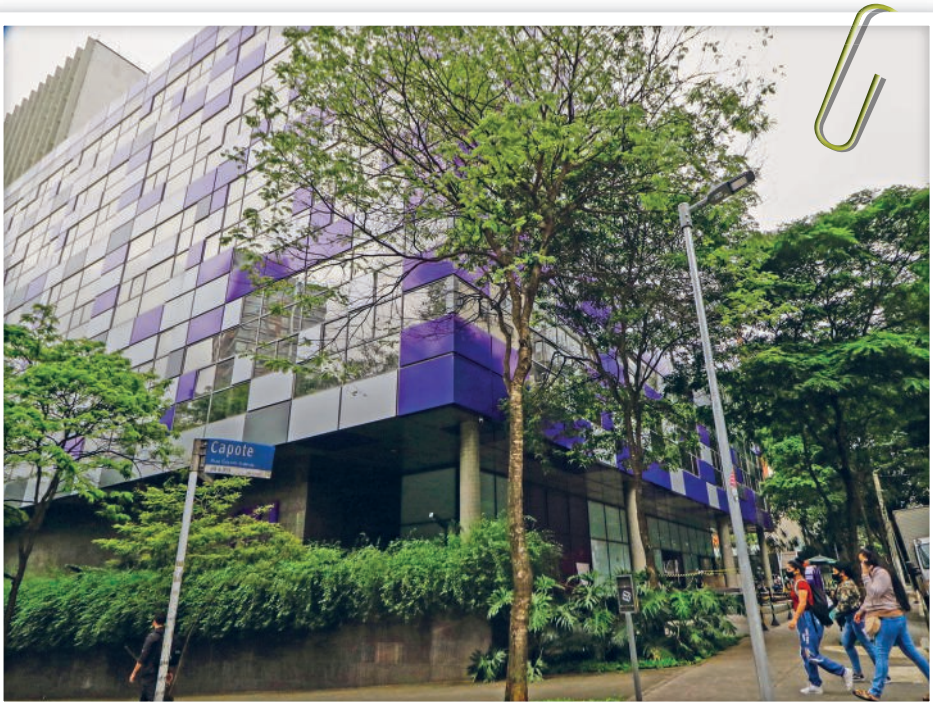
No século XIX, ganharam espaço os bancos e a figura do capitalista financeiro. Emprestar dinheiro de um banco é uma forma estrutural de valorizar o capital. O capitalista industrial faz isso a fim de investir na produção e lucrar. Com esse lucro, ele paga os juros bancários, mas tanto o lucro da indústria quanto os juros do banco provêm da mesma fonte: da exploração do trabalho.

Na prática, o capitalista financeiro potencializa o lucro do capitalista industrial quando dá a ele um crédito. O problema é que, além de potencializar a acumulação capitalista, esse crédito que o banco concede dá origem ao capital fictício.

De um lado, o empréstimo é aplicado no processo de produção para gerar mais-valia, isto é, o dinheiro emprestado produz juros. Mas nem todo empréstimo é aplicado à produção. Essa forma de dinheiro emprestado que não gera mais-valia é considerada por Marx como uma forma fictícia de capital, pois produz valor de modo relativamente independente da produção efetiva de mercadorias, apenas com base em previsões e expectativas, o que seria, portanto, o fundamento da **finança**.

finança: gerenciamento do dinheiro ou de títulos que o representam.

Eliane Neves/Fotoarena



Fachada de banco digital, que opera e atende seus clientes exclusivamente em formato *on-line*, em São Paulo (SP), 2021.

A mundialização do capital

O desenvolvimento da financeirização nas últimas décadas fez com que a finança prevaleça em relação à produção de mercadorias. Isto é, os valores negociados no mercado de ações são superiores àqueles gerados pelas atividades produtivas.

A valorização das ações de uma empresa não está relacionada diretamente a seus lucros ou suas perdas em um período específico, mas, sim, à avaliação desses lucros ou dessas perdas na Bolsa de Valores.

O valor de determinadas ações aumenta sem que haja o incremento proporcional da produção real. O economista francês François Chesnais convencionou chamar esse período de avanço da finança de mundialização do capital. Esse processo define-se pela liberalização de capitais mundialmente, ou seja, pela possibilidade de captar recursos financeiros em diferentes mercados.

Rick Rycroft/AP Photo/Imageplus

STOCK	BID	OFFER	LAST	VOL	STOCK	BID	OFFER	LAST	VOL
LOGICAMMS	0.170	0.195	0.200	65T	MAGGIEBEER	0.320	0.325	0.000	0
LOND CITY	0.430	0.000	0.000	0	MAGHIGHCVT JNI	1.560	1.570	1.570	13T
LOS CERROS	0.175	0.180	0.180	8HT	MAGMATIC RESOL	0.220	0.225	0.225	10T
LOTUSRES	0.085	0.087	0.085	14T	MAGNETIC RESOL	1.140	1.155	0.000	0
LOVE GROUP GLO	0.055	0.079	0.000	0	MAGNETITE	0.008	0.009	0.009	2M
LOVISA HOLDINGS	7.940	7.990	7.940	5T	MAGNING	0.045	0.048	0.000	0
LOWELL RES	1.255	1.270	0.000	0	MAGNIS	0.185	0.190	0.190	40T
LPEHOLDING	0.240	0.250	0.250	19T	MAGONTEC	0.016	0.017	0.000	0
LUCAPA DIAMONI	0.058	0.060	0.058	1HT	MAINSTREAM GRI	1.000	1.005	1.005	28T
LUSTRUM	0.000	0.000	0.000	0	MAKO	0.110	0.115	0.11	
LYCOPODIUM	4.020	4.100	0.000	0	MALACHITE RSC	0.060	0.064	0.0	
LYNAS CORPORAT	3.140	3.150	3.140	1M	MANALTO	0.000	0.000	0.	
M PHARMA	0.310	0.315	0.310	2HT	MANAS RESOURC	0.006	0.007	0	
M8SUSTAIN	0.055	0.058	0.000	0	MANDRK RES	0.066	0.068	(	
MACALTD	0.845	0.855	0.845	2T	MANHATTAN COR	0.027	0.028	(	
MACH7 TECHNOL	0.955	0.970	0.960	9T	MANUKARES	0.435	0.450	(	
MACMAHON HOL	0.240	0.245	0.000	0	MARENICA ENERG	0.094	0.095	0.0	
MACQUARIE GROI	136.1	136.3	136.2	78T	MARINER CORPOI	0.029	0.110	0.0	
MACQUARIE TELE	47.14	47.55	47.10	539	MARKET HERALD	0.285	0.335	0.0	
MADERGROUP	0.880	0.900	0.880	7T	MARLEY SPOON /	2.610	2.630	2.6	
MAG FINC	61.05	61.07	61.07	35T	MARMOTA	0.046	0.047	0.0	
MAGELLAN GLOB	1.920	1.930	1.920	1HT	MARQUEE RESOU	0.083	0.084	0.0	

Painel de indicadores da Bolsa de Valores da Austrália, em Sydney, 2020. Nesse ano, com a emergência da pandemia de covid-19, as Bolsas de Valores de todo o mundo sofreram perdas significativas. No entanto, nos anos seguintes, as ações voltaram a valorizar com a normalização das atividades econômicas.

Juca Varella/Folhapress

François Chesnais em 2004.

François Chesnais (1934-2022)

Foi professor emérito da Universidade Paris XIII, membro do conselho da Attac, entidade que propõe a taxação de grandes operações financeiras para investir na igualdade social, e técnico da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). É autor do livro *A mundialização do capital* (1994).

Retome

1. Tal relação de dependência se dá por conta da mundialização do capital, isto é, da livre circulação de capital nos países do globo.

Não escreva no livro

Diariamente, os jornais informam os dados das Bolsas de Valores. Essas informações são valiosas porque a economia mundial criou uma relação de dependência na qual oscilações econômicas ou políticas na China, na Rússia ou nos Estados Unidos, por exemplo, podem afetar muitos outros países.

1. Ao que se deve essa relação de dependência?

2. Em que medida o Brasil depende dessas flutuações?

2. Espera-se que, primeiro, os estudantes reflitam sobre alguns dos fatores políticos e econômicos que resultam dessas flutuações econômicas. Eles devem relacionar a produção real de mercadorias (soja, feijão, computadores ou *softwares*) ao processo de financeirização do capital.

Modernidade e pós-modernidade

O termo modernidade designa o período inaugurado pelo Iluminismo no século XVIII. O objetivo iluminista foi estabelecer formas de conhecimento científico que ajudassem a humanidade a se emancipar, ultrapassando as limitações da natureza. Além de superar as necessidades naturais, o projeto iluminista pretendia questionar as crenças religiosas, os mitos e as superstições, estabelecendo a ciência e a razão como princípios norteadores do conhecimento humano.

Assim, a modernidade pode ser entendida como expressão de uma época marcada por um discurso que privilegia as formas de conhecimento científico universais e totalizantes. Ou seja, a modernidade produziria interpretações teóricas abrangentes e **homogeneizantes** que procuram dar conta da história como um todo.

homogeneizantes: que torna uniforme, padronizado, igual.

© Archives Charmet/Bridgeman Images/Fotoarena/Biblioteca de Artes Decorativas, Paris, França.

A arte de escrever, de Robert Bénard, 1763 (gravura, dimensões não informadas). Essa gravura está presente na *Enciclopédia*, obra organizada pelos pensadores iluministas franceses Denis Diderot e Jean D'Alembert na segunda metade do século XVIII. A *Enciclopédia* tinha o objetivo de organizar de forma racional todo o conhecimento produzido pela humanidade.

Já o pós-modernismo privilegia a diferença, a diversidade, a fragmentação, a indeterminação, e nesse sentido se insurge contra os discursos universalizantes e totalizantes da modernidade. A pós-modernidade pretende reconhecer as diferentes subjetividades, dando maior visibilidade a questões como gênero, etnia, ambiente e territorialidade, isto é, procura compreender a **heterogeneidade** social. Ao levar em conta as identidades sociais internas de cada grupo ou movimento social, procura explicar o caráter fragmentário de nossos dias em oposição ao discurso da modernidade, que vê nesses grupos e movimentos sociais heterogêneos um fio condutor, isto é, um elemento histórico ou social que os unifica.

heterogeneidade: qualidade do que apresenta natureza desigual.

Perspectivas da pós-modernidade

O sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017) ilustrou os efeitos da pós-modernidade sobre os indivíduos. Esta seria uma época de fluidez de informações, volatilidade de relações e incertezas políticas, marcada por um sentimento geral de insegurança. Esse cenário levaria as pessoas a viverem de forma imediatista, em que todas as experiências seriam descartáveis: seria o tempo da modernidade líquida.

Nele Azevedo/Maya Hitij/AP Photo/Imageplus

Monumento Mínimo, instalação de Néle Azevedo, 2009. Na obra, foram apresentadas esculturas de gelo em uma escadaria em Berlim, na Alemanha. A artista originalmente concebeu o projeto como uma crítica ao papel dos monumentos nas cidades contemporâneas.

No detalhe

- Como essa obra pode ser relacionada à ideia de Bauman sobre a pós-modernidade?

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

Outros autores dedicados ao debate sobre a pós-modernidade são o sociólogo Anthony Giddens (1938-) e o geógrafo David Harvey. Para Giddens, o projeto iluminista de domínio da natureza e da sociedade pela ciência não se concretizou. Já para Harvey, o pós-moderno une a flexibilidade proposta pela produção toyotista a uma nova noção da relação espaço-tempo no capitalismo. Segundo ele, as teorias pós-modernas, que celebram a fragmentação e as identidades locais, acabam por não analisar as sociedades de forma estruturada.

Assim, David Harvey entende que o discurso pós-moderno silencia diante de questões relativas à economia política e às estruturas de poder global. Para ele, ao contrário das teses sobre a pós-modernidade, haveria hoje uma radicalização da modernidade, que pode ser observada na intensificação do trabalho para a geração de lucros. Harvey argumenta que o lado fragmentário, efêmero e caótico das sociedades se estruturou ao lado do progresso técnico e científico, o que caracterizaria muito mais uma crise da modernidade do que a constituição de sociedades pós-modernas.

Ahmet Fevzi Arican/Anadolu/Getty Images

"Refugiados são bem-vindos, pare a extrema direita"; "Não ao fascismo, não ao racismo, uni-vos contra a extrema direita", dizem os cartazes dos manifestantes em Glasgow, Escócia, 2024. O combate à desigualdade social e à opressão contra minorias é um desafio da modernidade em crise.

David Mercado/REUTERS/Fotoarena

David Harvey em 2014.

David Harvey (1935-)

Geógrafo britânico, é professor na City University de Nova York. Teórico social renomado, graduou-se doutor pela Universidade de Cambridge em 1961. Uma de suas obras mais importantes é *Condição pós-moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural (1992).

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

Nas últimas décadas, alguns grupos sociais organizaram reivindicações que, de forma geral, não podem ser integradas a um discurso político amplo, por serem consideradas específicas ao próprio grupo. Em dupla, faça uma pesquisa para responder às questões a seguir.

1. Destaque e compare alguns desses movimentos sociais, buscando pensar quais relações os particularizam e quais os ligam a questões estruturais de nossa sociedade.
2. Considerando essa discussão, quais são as principais diferenças entre modernidade e pós-modernidade?

Empreendedorismo e tecnologias no trabalho

Nas últimas décadas, o empreendedorismo mostrou-se um fenômeno social aparentemente incontornável. É como se estivéssemos fadados a constituir uma sociedade inteira de empreendedores em um futuro muito próximo.

O empreendedorismo como modo de vida

A ideia central do empreendedorismo é que os indivíduos podem ser donos do próprio negócio, como empresários de si mesmos. Essa ideia sugere que apenas o esforço individual levaria necessariamente ao sucesso nos negócios. Mas aqui cabem questionamentos: é possível que todos os empreendedores e empreendedoras tenham sucesso? O sucesso depende apenas de uma tomada de decisão individual?

© Toni D'Agostinho/Acervo do cartunista

Quadrinho de Toni D'Agostinho, 2020, que faz parte da série *Os empreendedores*.

No detalhe

1. Qual crítica à realidade do trabalho contemporâneo essa charge propõe?
2. A crença de que "o sucesso depende apenas do esforço individual" explica a realidade de muitos trabalhadores? Justifique sua resposta.

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

Nos anos 1940, o economista político Joseph Schumpeter elaborou uma definição de empreendedor. Segundo ele, tudo aquilo que muda, altera e transforma o estado das coisas para dinamizar o lucro capitalista pode ser considerado uma ação empreendedora. Assim, o que qualificaria e diferenciaria o capitalismo seria justamente a atividade empreendedora.

O capitalista ou empresário empreendedor se diferencia de um simples capitalista no sentido em que tem como objetivo inovar, substituindo antigos hábitos e produtos por novos e atingindo – com o que Schumpeter chamou de "destruição criativa" – lucros acima dos praticados no mercado em determinado momento histórico.

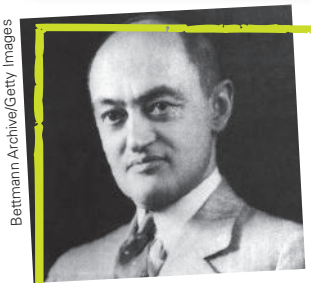
No entanto, essa concepção de empreendedorismo não é a mesma que opera nas sociedades contemporâneas. Atualmente, o discurso empreendedor está generalizado. De médicos, engenheiros, arquitetos e advogados a teleoperadores, entregadores por aplicativo, vendedores ambulantes e **trabalhadores informais**, todos podem ser considerados empreendedores, na medida em que bastaria ter uma atitude "de autonomia" no trabalho e na vida profissional ou familiar.

trabalhadores informais: aqueles que estão inseridos de forma precária no mercado de trabalho, sem registro trabalhista e, portanto, sem direitos assegurados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Roberto Casimiro/Fotoarena

Feira do empreendedor em São Paulo (SP), 2019. De acordo com uma pesquisa do Monitor Global de Empreendedorismo, no ano de 2022, 60% dos brasileiros tinham o desejo de ter o próprio negócio.

Bettmann Archive/Getty Images



Schumpeter. Fotografia não datada.

Joseph Schumpeter (1883-1950)

Lecionou na Universidade de Bonn, na Alemanha, entre 1925 e 1932. Com a ascensão do nazismo, imigrou para os Estados Unidos e lecionou na universidade de Harvard. Seu ensaio *Capitalismo, Socialismo e Democracia* (1942) é um dos clássicos das Ciências Sociais no século XX.

Nesse sentido, diferentemente da concepção de Schumpeter, hoje o sucesso do empreendedorismo não está relacionado obrigatoriamente à obtenção de mais lucros ou capitais, mas à postura em relação ao trabalho e à vida como um todo. Ser empreendedor é ser, por exemplo, proativo e resiliente, mesmo diante da precariedade da maioria dos empregos no mercado de trabalho, como a falta de segurança em algumas atividades.

Esse tipo de discurso é contraditório, sobretudo, em uma sociedade como a brasileira, com altas taxas de trabalho informal e com grandes desigualdades econômicas. De acordo com o IBGE, no início de 2024 o Brasil registrou 38,8 milhões de trabalhadores em situação de informalidade, contra 37,9 milhões de trabalhadores com carteira assinada. Os dados de 2023 revelam que as Unidades da Federação que registram os maiores percentuais de trabalho informal estão situadas nas regiões Norte e Nordeste do país.

O empreendedorismo promete autonomia, liberdade e autocontrole, mas, na prática, geralmente entrega precariedade, ausência de direitos trabalhistas e longas jornadas de trabalho.

Erich Sacco/Shutterstock

Vídeo

Entregador de aplicativo em São Paulo (SP), 2022. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgada em 2023 apontou que 2,1 milhões de brasileiros são trabalhadores por aplicativo. Os dados revelam a precarização ao evidenciarem uma jornada de trabalho mais longa e um ganho que pode ser até 37% inferior à renda das pessoas que exercem função similar fora dos aplicativos.

Retome Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

O microempreendedor individual (MEI) é uma forma contemporânea do empreendedor. O indivíduo é ao mesmo tempo patrão e empregado de sua empresa.

1. Em que medida a autonomia do discurso empreendedor está presente nessa modalidade de empresa? Faça uma pesquisa na internet e procure demonstrar os prós e contras dessa forma de inserção no mercado de trabalho.
2. Por que a maioria das plataformas digitais de transporte e entrega não contrata motoristas e entregadores com carteira assinada (regime CLT)? Faça uma busca em textos que discutem esse tema e os confronte para responder a essa questão.

Assim falou Joseph Schumpeter

Acabamos de ver que, como realidade inegável ou simples ameaça, o impacto das inovações — novas técnicas, por exemplo — sobre a estrutura de uma indústria reduz consideravelmente o efeito a longo prazo e a importância de práticas que visam, através da restrição da produção, à conservação de posições tradicionais e à exploração ao máximo dos lucros que nelas se baseiam. Devemos admitir ainda que práticas restritivas desse tipo, enquanto conservarem a eficácia, adquirem uma nova significação na tempestade eterna da destruição criadora, uma significação que não teriam num estado estacionário ou numa fase de crescimento lento e equilibrado.

SCHUMPETER, Joseph A. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. p. 114.

Inovação tecnológica e trabalho

A inovação tecnológica cria ou destrói empregos?

A resposta para essa pergunta não é simples. Ao mesmo tempo que o avanço tecnológico abre novos postos de trabalho pode também eliminar outros; em outras palavras, robôs construídos para exercer determinadas funções substituem muitos trabalhadores, ao mesmo tempo, ainda que em número reduzido, outros profissionais serão sempre necessários para desenvolver e operar esses robôs. Tal contradição faz parte do desenvolvimento da produção e do trabalho das sociedades capitalistas e se tornou ainda mais dinâmica nas últimas décadas.

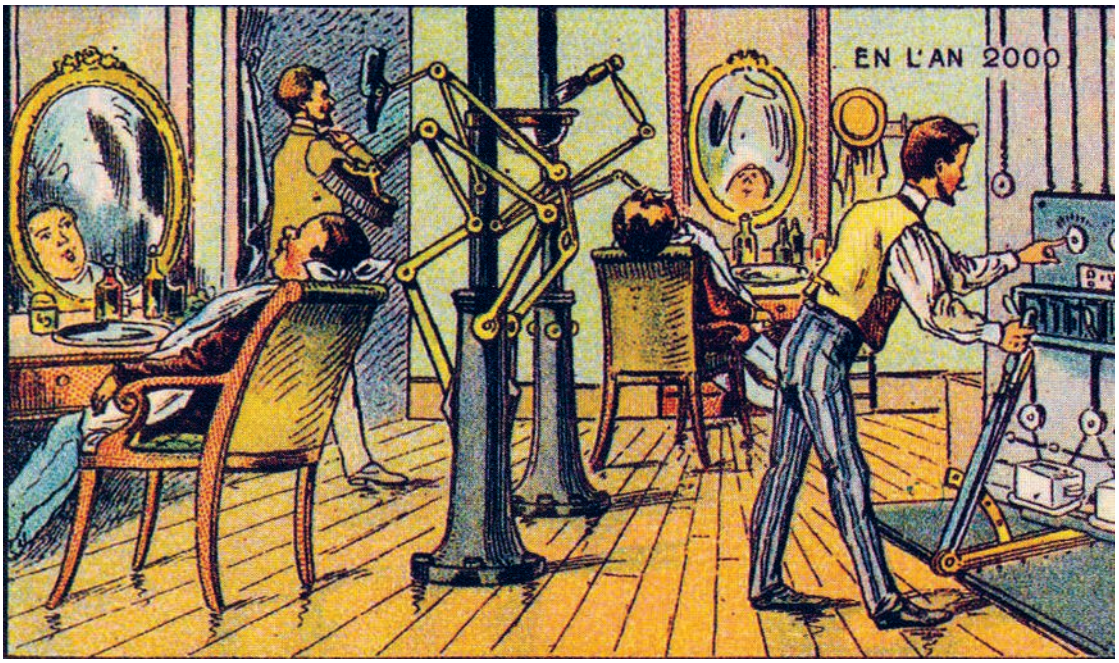
Costfoto/NurPhoto/Getty Images

Trabalhador atua em uma linha de produção automotiva robotizada, em Fuzhou, na China, 2024.

A internet e as TICs permitiram a criação de empregos como os de teleatendentes de *call centers*, programadores, designers, arquitetos e testadores de *software*, entregadores de produtos e serviços via aplicativo, criadores de jogos, *sites* e redes sociais, entre outros.

Além disso, a produção pode ser feita em escala global, com funcionários exercendo suas atividades em lugares espacialmente distantes, em teletrabalho, ao permanecerem conectados por *softwares* e redes que lhes permitem interagir em tempo real.

A partir dessas mudanças, construiu-se um mito sobre a substituição do trabalho humano por máquinas, intensamente explorado pela ficção científica na literatura e no audiovisual: o de que o capitalismo poderia se converter em uma sociedade de autômatos, ou seja, de robôs e máquinas, que liberariam os seres humanos do trabalho.



The Picture Art Collection/Alamy/Fotoarena/Biblioteca Nacional, Paris, França.

O barbeiro inovador, ilustração de c. 1900. Na ocasião da Exposição Universal de 1900 em Paris, um grupo de artistas franceses foi convidado a imaginar o ano 2000. Eles criaram ilustrações feitas inicialmente em caixas de charuto e, mais tarde, em cartões-postais dos equipamentos e *designs* que seriam inventados em 100 anos. O resultado foi uma série de ilustrações que ficaram conhecidas como *En L'An 2000* ("No ano 2000"), por vezes traduzido como "A vida no século XXI". Uma das ilustrações foi adquirida pelo escritor russo naturalizado estadunidense Isaac Asimov (c. 1920-1992) e apresentada em suas obras de ficção.

A concretização desse mito, no entanto, não parece possível. Para além das questões econômicas e sociais — por exemplo, pensar como seria a distribuição de renda onde o trabalho humano é praticamente inexistente ou ainda nos impactos culturais e econômicos de uma sociedade sem trabalho —, é preciso considerar que o uso das tecnologias tende a transformar, em vez de eliminar, a força de trabalho humano. Afinal, as tecnologias não se criam sozinhas, e a força de trabalho humano segue sendo necessária para a idealização, produção, gestão e manutenção de máquinas e *softwares* que passam a compor o processo produtivo capitalista.

A inteligência artificial

No fim de 2022, as tecnologias ganharam um componente inédito e polêmico: a inteligência artificial (IA). Esse recurso é uma *deep learning machine*, ou seja, um sistema digital que aprende com comandos humanos e é generativo, isto é, pode gerar conteúdo, como texto, imagem, música, com base em instruções e buscas *on-line*.

As polêmicas são inúmeras e incluem desde os direitos autorais dos conteúdos apropriados pela IA em sua geração de conteúdo até o esvaziamento de empregos, como os de revisores de textos, tradutores e ilustradores, só para citar alguns.

Apesar das polêmicas, a IA já é uma realidade e pode ser identificada em uma infinidade de vídeos, imagens, textos e muitos outros conteúdos publicados nas redes. A cada comando, esse recurso se torna ainda mais complexo e poderoso, mas, ainda assim, necessita que uma pessoa defina o que e como ele deve produzir.

Nos próximos anos, a tendência é que a IA seja uma ferramenta digital bastante popular, mas é cedo para avaliar seu impacto efetivo no mercado de trabalho. É certo que as definições jurídicas sobre direitos autorais, créditos e custo da produção das IAs ainda vão render muitos debates.

FABRICE COFFRINI/AFP/Getty Images

Sam Altman (à direita no telão), fundador de uma organização de pesquisa que desenvolve tecnologias de inteligência artificial, em palestra com o jornalista de tecnologia Nicholas Thompson (no centro da foto e à esquerda no telão), durante evento da União Internacional das Telecomunicações em Genebra, na Suíça, 2024. Nesse evento, discutiu-se, entre outros assuntos, como se pode aproveitar a inteligência artificial para o bem de todos.

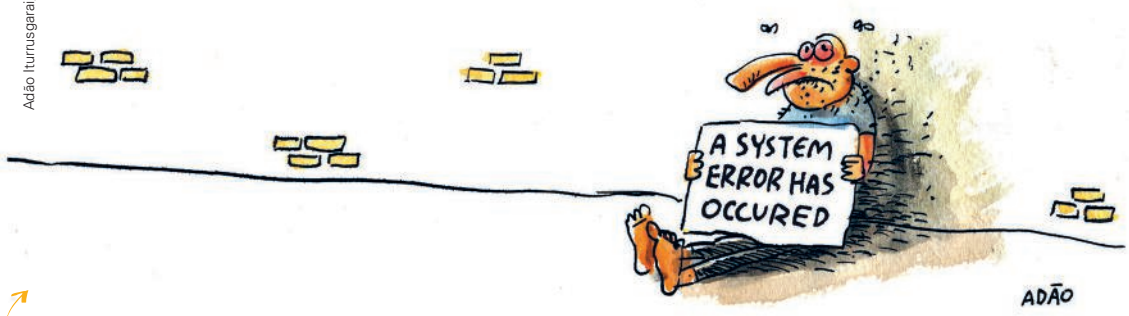
Trabalhando com

charge

Tecnologia e problemas sociais

A charge a seguir foi feita pelo artista Adão Iturrusgarai e retrata uma pessoa em situação de rua segurando uma placa onde se lê: "Ocorreu um problema no sistema". Essa frase, já bem conhecida por indicar falhas em computadores, quando interpretada no contexto da charge cria uma analogia entre as falhas da tecnologia e os problemas sociais, políticos e econômicos vividos com a intensificação do uso de tecnologias no trabalho. Dessa forma, a charge ironiza a mensagem sempre vista nas telas dos computadores quando ocorre um problema no sistema operacional e a relaciona com as disparidades econômicas e sociais existentes no sistema capitalista, evidenciadas pela situação dos moradores em situação de rua, geralmente marginalizados.

Adão Iturrusgarai/Fotoarena



Charge de Adão Iturrusgarai, publicada no jornal *Folha de S.Paulo* em 2015.

Atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Analise a charge de Adão Iturrusgarai: qual conexão ela propõe entre os avanços tecnológicos recentes e os problemas na sociedade? Discuta com os colegas sua interpretação e justifique sua resposta.
2. Considerando que a tecnologia poderia resolver parte dos problemas da humanidade, como a fome, por que isso não ocorre? Justifique.
3. Em duplas, reflitam sobre de que forma uma tecnologia digital poderia solucionar algum problema social. Escrevam um pequeno texto e compartilhem-no com a turma para debater o tema.

Galeria de atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

1. Explique em que medida a Revolução Informacional trouxe novidades em relação às outras revoluções tecnológicas.
2. Nas sociedades capitalistas, o setor financeiro e o industrial funcionam sob lógicas diferentes? Explique a relação deles com a valorização do capital.
3. A pós-modernidade rompe com os paradigmas estabelecidos pela modernização das sociedades até o século XX? Por quê?
4. Leia a tirinha a seguir e analise-a de acordo com o que foi discutido no capítulo.

© Marco Oliveira/Acervo do cartunista

Tirinha de Marco Oliveira, 2017.

5. Analise o cartum e reflita sobre a relação entre redes sociais e financeirização.

© Rico/Acervo do cartunista

Cartum de Rico publicado no jornal *OVale*, de São José dos Campos (SP), em 2012.

6. Considerando a fotografia a seguir e o que foi discutido ao longo do capítulo, procure qualificar de que forma as tecnologias da informação e comunicação influenciam nossas práticas sociais.

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

Professor ministra aula via computadores em Santa Maria (RS), 2021. A pandemia de covid-19 impôs a necessidade de adotar medidas de isolamento e distanciamento social. Isso exigiu dos docentes a adaptação abrupta ao ensino remoto, mediado pelas TICs, o que acabou aumentando e intensificando a carga de trabalho e diversificando as atividades exigidas desses profissionais.

7. Considere a fotografia a seguir.

João Carlos Mazella/Fotoarena

Manifestantes em ato no centro do Recife (PE) no Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, pela valorização, condições de trabalho e igualdade social. Fotografia de 2024.

- Reflita sobre os aspectos trazidos por pautas como a apresentada na fotografia. Em que medida essas demandas são características das sociedades contemporâneas?

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Ao mesmo tempo que as novas tecnologias inseridas no universo do trabalho estão provocando profundas transformações nos modos de produção, tornam cada vez mais plausível a possibilidade de liberação do homem do trabalho mecânico e repetitivo.

JORGE, M. T. S. Será o ensino escolar supérfluo no mundo das novas tecnologias? **Educação e Sociedade**, v. 19, n. 65, dez. 1998 (adaptado).

O paradoxo da relação entre as novas tecnologias e o mundo do trabalho, demonstrado no texto, pode ser exemplificado pelo(a) Alternativa **d**.

a) utilização das redes sociais como ferramenta de recrutamento e seleção.

b) transferência de fábricas para locais onde estas desfrutem de benefícios fiscais.

c) necessidade de trabalhadores flexíveis para se adequarem ao mercado de trabalho.

d) fenômeno do desemprego que aflige milhões de pessoas no mundo contemporâneo.

e) conflito entre trabalhadores e empresários por conta da exigência de qualificação profissional.

2. (UFPA)

"Originalmente concebida e acionada para emancipar os homens, a moderna ciência está hoje a serviço do capital, contribuindo para a manutenção das relações de classe. A ciência e a técnica nas mãos dos poderosos [...] controlam a vida dos homens, subjugam-no ao interesse do capital. A produção de bens segue uma lógica técnica, e não à lógica das necessidades reais dos homens."

FREITAG, B. *A teoria Crítica ontem e hoje*, São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 94.

A autora nos apresenta a visão da Escola de Frankfurt acerca do papel desempenhado pela ciência e pela tecnologia na moderna economia capitalista. Sobre esse papel, considere as afirmativas a seguir:

I. A ciência e a técnica, além de serem forças produtivas, funcionam como ideologias para legitimar o sistema capitalista.

II. Nas mãos do poder econômico e político, a tecnologia e a ciência são empregadas para impedir que as pessoas tomem consciência de suas condições de desigualdade.

III. A dimensão emancipadora e crítica da racionalidade moderna foi valorizada na economia capitalista, pois muitas das reivindicações dos trabalhadores foram atendidas a partir do advento da tecnologia.

IV. Na economia capitalista, produz-se com eficácia o que dá lucro, e não aquilo que os homens necessitam e gostariam de ter ou usar.

Estão corretas as afirmativas: Alternativa **d**.

a) I e III

b) II e III

c) III e IV

d) I, II e IV

e) II, III e IV

3. (Enem)

A dublagem é o novo campo a ser explorado pela inteligência artificial, e há empresas dedicadas a fazer com que as vozes originais de atores sejam transpostas para outros idiomas. A novidade reforça a tendência da automação de postos de trabalho nas mais diversas áreas. Tem potencial para facilitar a vida de estúdios e produtoras e, ao mesmo tempo, tornar mais escassas as oportunidades para dubladores e atores que trabalham com isso.

GAGLIONI, C. Disponível em: www.nexojornal.com.br. Acesso em: 25 out. 2021.

A consequência da mudança tecnológica apresentada no texto é a Alternativa **e**.

a) proteção da economia nacional.

b) valorização da cultura tradicional.

c) diminuição da formação acadêmica.

d) estagnação da manifestação artística.

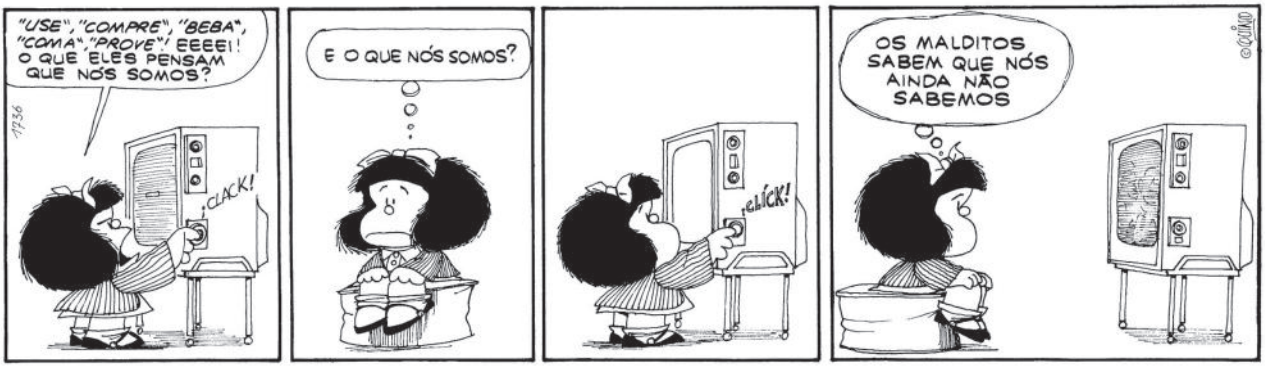
e) ampliação do desemprego estrutural

Debate plural

Indústria cultural em questão

Como estudado ao longo do capítulo, indústria cultural é a expressão usada por Horkheimer e Adorno para caracterizar o modo de produzir cultura a partir do processo de industrialização no século XIX e em larga escala a partir do século XX. Esses pensadores deram especial atenção aos impactos dos meios de reprodução técnica sobre a arte e a cultura.

No senso comum há o entendimento de que a indústria cultural democratiza os produtos culturais ao disseminar a produção em larga escala. Porém, há questões intrínsecas a esse processo que desmistificam essa premissa. Quais são essas questões?



© Sucesores de Joaquín S. Lavado Tejón (QUINO). TODA MAFALDA/Fotoarena

QUINO. Joaquin Salvador Lavado. *Toda Mafalda*: da primeira à última tira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

O texto a seguir traz um pequeno trecho do cientista social Gabriel Cohn, que utilizou a interpretação de Adorno e Horkheimer sobre indústria cultural para analisar o contexto brasileiro.

[...] Os produtos da indústria cultural não representam, portanto, uma forma "amesquinhada" de cultura, mas simplesmente não têm como cumprir a sua promessa: precisamente a de serem cultura. E isto não porque lhes falte "espírito", mas porque são produzidos e difundidos como se fossem mercadorias [...]. [...] também seria precipitado dizer que, nas condições da industrial cultural, os produtos culturais se reduzam sem mais a mercadorias, anulando-se a especificidade cultural em proveito da especificidade industrial. [...] há uma tensão entre os dois polos que não tem como realizar-se plenamente: o da pura comensurabilidade mercantil, enredado na própria ideologia que difunde, do caráter inefável da cultura; e o da plena individualização do produto cultural como resultado de um trabalho que respeita a lógica da forma particularizada, mais do que a da equivalência dos "bens" produzidos.

COHN, Gabriel. As duas faces da indústria cultural. *A Terra é redonda*, 30 jun. 2020. Disponível em: https://tedit.net/na1g33. Acesso em: 8 set. 2024.

No trecho a seguir, o geógrafo Milton Santos analisa a indústria cultural.

Hoje, a indústria cultural aciona estímulos e holofotes deliberadamente vesgos e é preciso uma pesquisa acurada para descobrir que o mundo cultural não é apenas formado por produtores e atores que vendem bem no mercado. Ora, este se autossustenta cada vez mais artificialmente mantido, engendrando gênios onde há medíocres (embora também haja gênios) e direcionando o trabalho criativo para direções que não são sempre as mais desejáveis. Por estar umbilicalmente ligada ao mercado, a indústria cultural tende, em nossos dias, a ser cada vez menos local, regional, nacional. Nessas condições, é frequente que as manifestações genuínas da cultura, aquelas que têm obrigatoriamente relação com as coisas profundas da terra, sejam deixadas de lado como rebotalho ou devam se adaptar a um gosto duvidoso, dito cosmopolita, de forma a atender aos propósitos de lucro dos empresários culturais. Mas cosmopolitismo não é forçosamente universalismo e pode ser apenas servilidade a modelos e modas importados e rentáveis.

SANTOS, Milton. Da cultura à indústria cultural. *Folha de S.Paulo*, 19 mar. 2000. Disponível em: https://tedit.net/bf3h9y. Acesso em: 17 set. 2024.

O fragmento do artigo a seguir, dos doutores de educação Anilde Tavares da Silva e Sinésio Bueno, reflete sobre o saber e a indústria cultural.

[...] A Indústria Cultural reflete a falsa democratização da cultura realizada pela massificação e irracionalidade objetiva da sociedade capitalista como racionalidade da manipulação. Os saberes se fragmentam e se adaptam à permanente instrumentalização dos homens e das coisas e à sua subsunção inflexível ao valor de troca, administrando seu comportamento social como parte integrante das suas necessidades simbólicas no contexto mais amplo do desenvolvimento da sociedade industrial. [...] O processo de desintegração do ser humano provocado pela contemporaneidade e pela Indústria Cultural reprime e manipula nossos sentidos, interfere na percepção que temos do mundo. É neste sentido que a visualidade desempenha importante papel, vislumbrando possibilidades de resistência à padronização imposta pela sociedade contemporânea. [...]

SILVA, Anilde T. T. da; BUENO, Sinésio F. Indústria cultural e mercantilização da cultura como projeto de semiformação na educação da infância moderna. *Perspectiva*, v. 35, n. 4, p. 1164-1181. out./dez. 2017. Disponível em: https://tedit.net/yazjpw. Acesso em: 30 set. 2024.

Atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Analise a tirinha da Mafalda. O que a personagem reflete sobre o poder das mensagens passadas pelo veículo televisivo e os produtos divulgados nas propagandas?
2. O que os textos lidos apontam sobre o conceito de indústria cultural visto no capítulo?
3. Debata com os colegas como seriam as manifestações culturais se não houvesse a indústria cultural. Em seguida, produzam *slam*s (ou *Poetry Slams*, poesias autorais, decoradas ou lidas na hora da "batalha", de até três minutos) que retratem a indústria cultural de forma crítica. Combinem uma data para apresentar suas produções e, se tiverem a oportunidade, compartilhem-nas em um vídeo ou *podcast* nas plataformas digitais.

UNIDADE 5

Ciência Política

A política é a arte de decidir como vamos viver juntos, conciliar nossos interesses e estabelecer regras de convivência. Poucas atividades humanas lidam com questões tão essenciais, tão dramáticas, que produzem tantas consequências. Um governo ditatorial, por exemplo, pode tirar mais vidas que a pior das epidemias. Já um bom programa de saúde pública, implementado por um governo preocupado com os princípios básicos de cidadania e bem-estar social, pode garantir qualidade de vida a muitos cidadãos.

É por meio da política que se decidem quais serão os seus direitos, quanto de liberdade você terá, e quais serão suas chances de ter acesso a bens e oportunidades que possibilitem mais escolhas na vida de cada um. Em um jogo em que as apostas são tão altas, participam muitos aventureiros e desonestos em busca de vantagens e poder. A única alternativa ao governo dos aventureiros e desonestos é que você, cidadão, aprenda como o jogo da política é jogado e, ao lado de seus concidadãos, faça com que ele funcione a favor de todos.

Audiência pública na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa para debater as propostas de políticas públicas para a juventude no contexto do G20. Brasília (DF), 2024.

Marcos Oliveira/Agência Senado

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro.

1. Em quais situações do cotidiano você consegue perceber a política sendo feita?

2. Você já fez política em seu cotidiano? Cite ao menos uma situação.

CAPÍTULO 11

Política, poder e Estado

Política e poder

O conceito fundamental da Ciência Política é o conceito de poder. Segundo a definição do sociólogo alemão Max Weber, a política é a luta por participar do poder ou influenciar sua repartição.

Segundo Weber, para que a dominação se consolide, ela não pode se basear apenas na força. Para sobreviver, a dominação precisa ser legítima, isto é, deve convencer as pessoas de que é certo obedecer.

Luis ROBAYO/AFP

Membros de organizações sociais entram em confronto com a polícia durante uma manifestação contra medidas econômicas introduzidas pelo governo federal em Buenos Aires, na Argentina, em 2024.

No detalhe

1. Quais grupos sociais estão representados na fotografia? Que forças sociais eles representam?
2. Baseado no conceito de dominação proposto por Weber, você acha que a dominação de um Estado se legitima em situações como a representada na fotografia? Justifique sua resposta.

Não escreva no livro

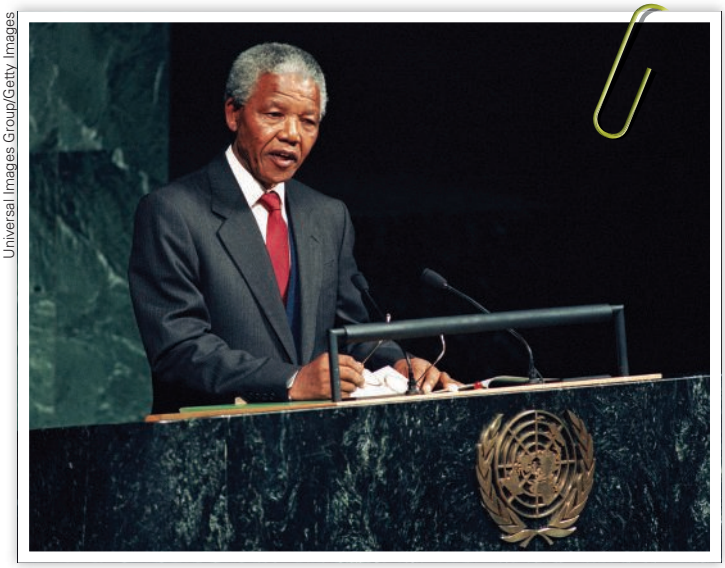
Leia as respostas no Manual do Professor.

Weber identificou três tipos principais de dominação legítima. O primeiro tipo é a dominação tradicional, que se baseia no costume – quando se obedece porque "sempre foi assim". Muitas monarquias, por exemplo, foram e são legitimadas pela tradição.

O segundo tipo é a dominação racional-legal, que se baseia na crença de que é correto obedecer à lei. O melhor exemplo do ideal da dominação legal é a administração pública moderna. O funcionário público deve ter conseguido seu emprego por competência técnica demonstrada em concurso, deve sempre seguir o que diz a lei e deve aplicá-la igualmente a todos os cidadãos.

Por fim, a dominação carismática é aquela que se baseia na crença de que o líder político possui qualidades excepcionais ou dons extraordinários. Esse tipo de dominação pode influenciar multidões em favor de causas muito diversas.

Por meio de sua autoridade carismática, Adolf Hitler governou a Alemanha, instaurando um regime ditatorial responsável por milhões de mortes. Em contraposição, Nelson Mandela (1918-2013), também uma autoridade carismática, inspirou a luta que derrotou o regime racista do apartheid e deu origem à democracia sul-africana.



Universal Images Group/Getty Images

Nelson Mandela foi presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Na fotografia, discursa durante Assembleia Geral da ONU, em 1990, em Nova York (Estados Unidos).

Cada tipo de dominação é composto de motivos diferentes pelos quais as pessoas obedecem. Para Weber, esses motivos são muito mais complexos do que o medo da violência: a dominação, para ser bem-sucedida, precisa respeitar as tradições dos dominados, ou precisa oferecer-lhes a inspiração e o entusiasmo que uma grande liderança é capaz de produzir, ou precisa garantir a ordem segundo os princípios da lei.

Retome

Não escreva no livro

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que obedeçam a pessoas como seus pais ou tutores mais próximos, professores, líderes religiosos, etc.

Você aprendeu que o poder é a possibilidade de impor sua vontade sobre os outros por meio da dominação, e que esta não se impõe só pela força: os que obedecem precisam de motivos para obedecer, têm valores e exigências próprias. Com base nisso, reflita:

1. Quem são as pessoas a quem você obedece?

2. Quais são os motivos que fazem você obedecer a essas pessoas?

2. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a responderem a essa pergunta mobilizando os tipos de dominação propostos por Weber.

O Estado

Boa parte dos trabalhos de Ciência Política estuda o Estado. Segundo Weber, o Estado é o detentor do monopólio da violência legítima em um determinado território.

Em outras palavras: o Estado tenta ser a única instituição à qual a população reconhece o direito de, em determinadas ocasiões, praticar a violência. Mas o que seria a violência "legítima"? É a violência aplicada dentro das normas (legais, morais, etc.) aceitas em uma determinada sociedade.

Assim falou Max Weber

A violência não é, evidentemente, o único instrumento de que se vale o Estado [...] mas é seu instrumento específico. [...] Em todos os tempos, os agrupamentos políticos mais diversos — a começar pela família — recorreram à violência física, tendo-a como instrumento normal de poder. Em nossa época, entretanto, devemos conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território [...], reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física.

WEBER, Max. *Ciência e política*: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2011. p. 56 (texto original de 1919).

Arthur Souza/Acervo do fotógrafo

Julgamento em Recife (PE), 2022. Nas sociedades modernas, a coerção estatal (que inclui o poder de manter preso um condenado) só é legítima se ocorre nos termos da lei.

Por que costumamos achar que a violência da polícia contra os criminosos é legítima? Porque ela é praticada para fazer cumprir a lei. Nas sociedades modernas (como a nossa), predomina a forma de dominação racional-legal, que se baseia no cumprimento das leis e na aplicação justificada da força. No entanto, as ações do Estado, incluindo a atuação policial, devem respeitar os direitos humanos e ser sempre baseadas em princípios legais e éticos, garantindo a aplicação justa e proporcional da lei. Quando vemos policiais cometerem violência sem base na lei (por exemplo, matando um inocente), não consideramos isso legítimo.

Porém é preciso ter em mente uma questão muito importante: os Estados modernos não se formaram porque seus fundadores desejavam proporcionar bem-estar à população. Esse processo está relacionado à nossa discussão sobre o monopólio da violência e à necessidade de que os dominadores sejam aceitos pelos dominados.

Em seus estudos sobre a formação dos Estados modernos, Charles Tilly destacou que, na época de sua fundação, os Estados exerciam poder de maneira semelhante à do assaltante armado diante de sua vítima; ou seja, a população pagava impostos para que o rei não a agredisse.

Entretanto, para se tornarem estáveis, os Estados modernos tiveram que fazer cada vez mais concessões a seus governados. O desenvolvimento capitalista trouxe mais riqueza para os cofres do Estado e a burguesia foi conquistando cada vez mais direitos, obrigando os governos a respeitar as leis que defendiam suas liberdades e sua propriedade.

Por sua vez, as classes populares foram motivadas por essas conquistas de direitos, e passaram a se organizar para exigir o direito de votar, de formar sindicatos, de defender as próprias ideias, etc. O resultado desse processo em que o Estado foi "domesticado" pela sociedade foi a formação das democracias modernas.

Jeff Widener/AP Photo/Imageplus

Homem oferecendo resistência à investida militar na China, 1989. Em 4 junho de 1989, o governo chinês reprimiu duramente um protesto pacífico que ocorria na Praça Tiananmen, também conhecida como Praça da Paz Celestial, em Pequim, na China, resultando em milhares de mortos e feridos. A cena da fotografia foi registrada no dia seguinte ao massacre: um homem posicionou-se na frente dos tanques, tentando impedir que adentrassem a praça.

Arquivo da Biblioteca Universitária de Livros Raros e Manuscritos/Universidade de Columbia. Nova York, EUA.

Charles Tilly em 1996.

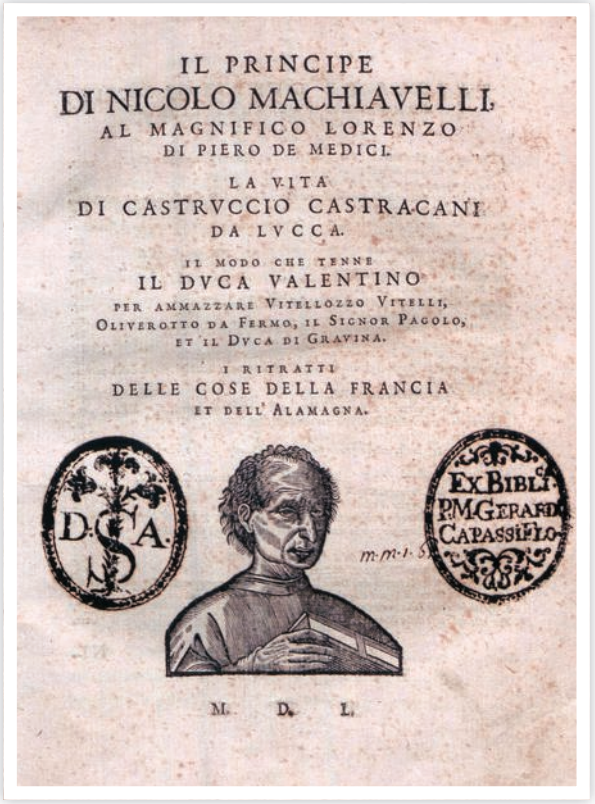
Charles Tilly (1929-2008)

Cientista político, sociólogo e historiador estadunidense, doutorou-se pela Universidade de Harvard. Foi professor em diversas universidades dos Estados Unidos. Seu trabalho privilegiou o estudo de movimentos sociais, história do trabalho, formação do Estado, revoluções, democratização, desigualdade e Sociologia urbana.

As reflexões de muitos pensadores foram fundamentais para a consolidação do Estado moderno tal qual o conhecemos atualmente. Um dos autores mais importantes a respeito desse tema é Nicolau Maquiavel, cuja obra – em especial o livro *O príncipe* – é fundamental para a compreensão das relações políticas modernas.

Maquiavel é considerado o fundador da Ciência Política e um dos principais teóricos do Estado moderno. Sua importância se concretizou por um motivo que, apesar de parecer simples, foi uma mudança importante para o pensamento político: em vez de pensar apenas em como a política deveria ser, analisou-a com base no que ela era, considerando os exemplos históricos que tinha à disposição.

Em *O príncipe*, Maquiavel propôs que um líder forte unificasse a Itália, então dividida em vários reinos, recomendando uma política realista, em que, se necessário, o príncipe deveria ser violento, traiçoeiro e até cruel.


IL PRINCIPE
DI NICOLO MACHIAVELLI
AL MAGNIFICO LORENZO
DI PIERO DE MEDICI.
LA VITA
DI CASTRVCCIO CASTRACANI
DA LVCCA.
IL MODO CHE TENNE
IL DVCA VALENTINO
PER AMMAZZARE VITELLOZZO VITELLI,
OLIVEROTTO DA FERMO, IL SIGNOR PAGOLO,
ET IL DVCA DI GRAVINA.
I RITRATTI
DELLE COSE DELLA FRANCIA
ET DELL' ALAMAGNA.
EX BIBLI
P.M.GERARD
CAPASSILIO
M. D. L.

Jimlop collection/Alamy/Fotoarena/Coleção particular

Capa da edição italiana de 1550 de *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel.

Maquiavel foi o grande pensador da fundação dos Estados, cuja origem está na guerra e na dominação. Mas o Estado é uma forma de dominação, e, como vimos, a dominação precisa ser legítima, precisa convencer quem obedece de que é certo obedecer. Por isso, quando o Estado moderno foi formado, vários pensadores tentaram resolver o seguinte problema: quando o Estado é legítimo?

Durante esses debates, muitos dos conceitos atuais sobre liberdade, igualdade e democracia foram formados. Vamos explorar agora três autores que fundamentaram a existência e as atribuições do Estado e embasaram boa parte das ideias políticas que vigoram atualmente. Eles são conhecidos como contratualistas.

Erich Lessing/Album/Fotoarena/Museu do Palácio Velho, Florença, Itália.

Nicolau Maquiavel. Óleo sobre tela, século XVI.

Nicolau Maquiavel (1469-1527)

Diplomata da cidade de Florença, no atual Estado italiano, Maquiavel logo notou que cidades independentes como a sua não sobreviveriam na disputa com os grandes Estados modernos. Por isso, defendeu que um líder unificasse o território que hoje é a Itália, se necessário com uso da violência e de outras condutas que, na vida de um cidadão comum, seriam reprováveis.

Os contratualistas: o que o Estado pode fazer?

Os contratualistas são um grupo de pensadores que fundamentaram a existência e as atribuições do Estado e embasaram boa parte das ideias políticas que vigoram atualmente. Eles são conhecidos como contratualistas, pois viam o Estado como resultado de um contrato entre o Estado e os cidadãos, que concordavam em obedecer a uma estrutura de poder com regras próprias.

Ainda que o Estado tenha se formado por meio da conquista e da guerra, os contratualistas se perguntavam: Se todos nos reuníssemos e fundássemos um Estado por nossa própria vontade, como ele seria? Esse Estado seria, sem dúvida, legítimo.

Contratualistas como Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau imaginaram como seria a vida sem o Estado, no que chamavam de estado de natureza, e se perguntaram por que as pessoas que viviam nessa condição decidiriam criar o Estado.

No estado de natureza, disse Hobbes, o constante medo de violência e insegurança levaria as pessoas a fundar o Estado. Nesse momento, elas renunciariam a sua liberdade individual e concordariam em obedecer ao Estado. Em contrapartida, este deveria garantir a paz e a lei, para que as pessoas pudessem viver sem medo.

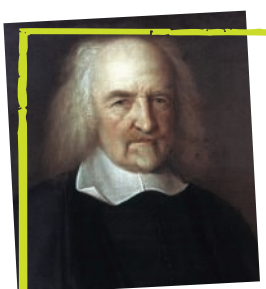
No detalhe

- Interprete o pensamento de Calvin a partir do conceito de estado de natureza de Hobbes.

Não escreva no livro

WATTERSON, B. *Calvin e Haroldo*: o progresso científico deu "tilt". São Paulo: Best News, 1991.

Na tirinha, ao concluir que a força deve ser o certo na situação do roubo de seu caminhão, Calvin faz uma alusão ao estado de natureza hobbesiano. Nessa situação, governadas apenas por si mesmas, as pessoas viveriam em uma guerra de todos contra todos, em que os mais fortes se imporiam pelo terror.



Granger/Fotoarena/Galeria Nacional do Retrato, Londres, Inglaterra.

Thomas Hobbes. Óleo sobre tela, c. 1669.

Thomas Hobbes (1588-1679)

Filósofo e teórico político inglês, foi um dos fundadores do pensamento político moderno. Em sua obra mais importante, *Leviatã* (1651), propôs um argumento clássico em defesa da existência do Estado para estabelecer a ordem social e o convívio tranquilo.

Leviatã – uma alegoria do Estado

O livro *Leviatã,* publicado em 1651 pelo filósofo e teórico político Thomas Hobbes, retrata como deveria ser a estrutura da sociedade com um governo legítimo. A obra é considerada um dos exemplos mais antigos e influentes da teoria do contrato social e seu título se deve ao monstro bíblico Leviatã, em analogia a um governo central, capaz de concentrar a força e o poder necessários para organizar a sociedade.

Reprodução/Coleção particular

Frontispício de *Leviatã* (1651). Gravura colorizada de Abraham Bosse (dimensões não informadas).

1 A natureza do Estado

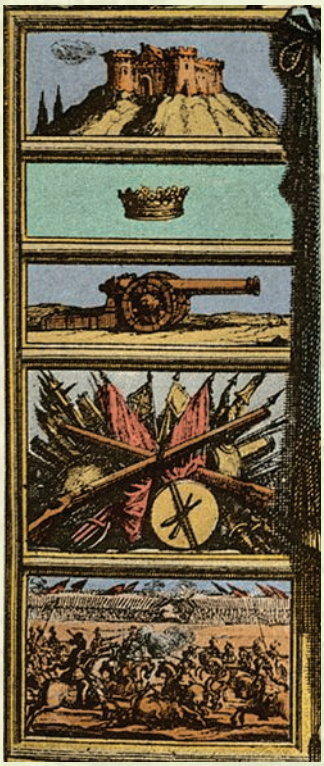
"Non est potestas super terram quae comparetur ei"

A frase no topo do frontispício significa em português: "Não há poder na terra que possa ser comparado a ele". Por definição, o poder político deveria ser único e impor-se de forma absoluta. É por isso que Hobbes o identifica com o monstro da Bíblia, o Leviatã.

Detalhe da gravura de Abraham Bosse.

2 O corpo do Estado

O gigante representado metaforiza o corpo político do Estado. Seu dorso é composto da multidão compacta de cidadãos que, por meio do que Hobbes chamou de pacto social, delegou seus poderes a um único líder que agirá em seu nome (o Estado, ou Leviatã).



Símbolos do poder político (detalhe da gravura de Abraham Bosse).

Os poderes do Estado

Os poderes delegados ao Estado são exercidos de cima para baixo, na forma de força física e ideológica, sem as quais a paz não poderia existir. Na gravura, essa lógica de dominação é representada pelas mãos do Leviatã, que empunha dois instrumentos de poder: a espada na mão direita, que indica o poder político a ele delegado; e o cajado na mão esquerda, que indica sua autoridade sobre o poder religioso. Os quadros abaixo do Leviatã também representam símbolos desses dois poderes.

Símbolos do poder religioso (detalhe da gravura de Abraham Bosse).

Atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Observando a gravura, que elementos você percebe sobre a sociedade e o sistema político descrito por Hobbes no livro *Leviatã*? Justifique.
2. Você considera que há elementos na gravura que estão presentes nos sistemas políticos contemporâneos? Exemplifique.
3. Quais são as diferenças entre o sistema político retratado na gravura e o sistema político brasileiro?

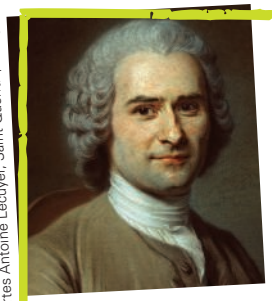
John Locke tinha uma visão bem mais otimista sobre o estado de natureza. Nele, as pessoas seriam livres e já teriam direito à propriedade do que produzissem. Nesse contexto, o Estado seria criado para cumprir a função de juiz caso houvesse conflitos entre os cidadãos.

Finalmente, as pessoas no estado de natureza de Rousseau seriam livres e felizes com o pouco que possuíam, até que o convívio as fizesse tentar ser melhores umas em relação às outras, iniciando a desigualdade. Esta, por sua vez, foi agravada com a invenção da propriedade, que exigiria a criação do Estado para protegê-la. Para Rousseau, daí em diante, a única maneira de preservar a liberdade seria a contínua participação dos cidadãos na vida política do país.

Algumas ideias dos contratualistas

	Como seria a vida sem o Estado?	Por que se formaria o Estado?	O que as pessoas poderiam esperar do Estado?
Hobbes	Violenta e pobre (a guerra de todos contra todos).	O medo de morrer faria as pessoas aceitarem uma autoridade que garantisse a ordem.	Que a paz e a ordem fossem garantidas.
Locke	As pessoas já teriam direitos naturais.	Ninguém é bom juiz de si mesmo, e o Estado seria necessário para decidir conflitos entre as pessoas.	Que os direitos e as liberdades individuais fossem preservados.
Rousseau	As pessoas seriam livres e se contentariam com pouco.	Para defender a propriedade, que daria início à desigualdade entre as pessoas.	Que os cidadãos pudessem participar ativamente das decisões, em nome do interesse de todos.

Elaborado pelos autores.



akg-images/Album/Fotoarena/Museu de Belas Artes Antoine Lécuyer, Saint-Quentin, França.

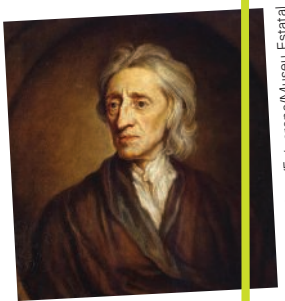
Rousseau. Pastel sobre papel, 1753.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)

Escritor, filósofo e compositor suíço de origem francesa. Sua filosofia política, expressa sobretudo na obra *Discurso sobre as origens da desigualdade*, influenciou a Revolução Francesa e o desenvolvimento do pensamento moderno nos campos político e social.

John Locke (1632-1704)

Filósofo inglês considerado o pai do liberalismo clássico e um dos mais influentes pensadores do Iluminismo. Suas ideias foram influentes entre os fundadores dos Estados Unidos da América.



Album/Fotoarena/Museu Estatal Hermitage, Moscou, Rússia.

John Locke. Óleo sobre tela, 1697.

Regimes políticos: a democracia

Mapa clicável

Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino definem regime político como um conjunto de instituições, leis e valores que regulam a luta pelo poder em determinada sociedade. O regime político que mais nos interessa neste livro é a democracia, que é o adotado no Brasil.

Adriano Kirihara/Pulsar Imagens

Praça dos Três Poderes, em Brasília (DF), onde foram construídas as sedes dos órgãos máximos de cada poder: o Judiciário (Supremo Tribunal Federal), à direita, o Legislativo (Congresso Nacional), no centro, e o Executivo (Palácio do Planalto, onde trabalha o presidente), à esquerda. Fotografia de 2021.

Segundo os cientistas políticos Mike Alvarez, José Antonio Cheibub, Fernando Limongi e Adam Przeworski, o regime político em um país é democrático quando tem três características principais:

- O chefe de governo do Poder Executivo é eleito pelo voto: os eleitores votam diretamente para presidente da República (como no Brasil) ou votam nos parlamentares, que, por sua vez, elegem o primeiro-ministro (como na Inglaterra).
- Os membros do Poder Legislativo são eleitos pelo povo: os eleitores escolhem os parlamentares (deputados, senadores) que vão elaborar as leis do país.
- Há mais de um partido: é preciso haver competitividade e opções de escolha com chance de vitória real.

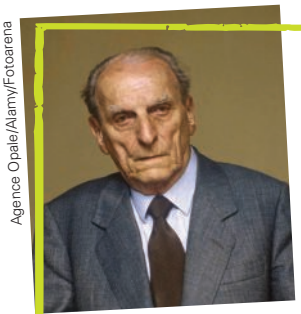
Erhan Elaldi/Anadolu Agency/Getty Images

Adam Przeworski em 2018.

Adam Przeworski (1940-)

Nascido na Polônia, foi professor das universidades de Chicago e Nova York. É autor de importantes estudos sobre a social-democracia, a relação entre regime político e desenvolvimento econômico, a transição política no Leste Europeu após o fim dos regimes socialistas e, mais recentemente, as novas ameaças à democracia moderna.

Agence Opale/Alamy/Fotoarena



Norberto Bobbio em 2002.

Norberto Bobbio (1909-2004)

Nascido na Itália, Bobbio produziu importantes trabalhos tanto na teoria jurídica como na Filosofia Política, incluindo estudos sobre pensadores políticos clássicos, como Locke e Hobbes. Sua vasta obra tem como um dos eixos a tentativa de conciliar as reivindicações de igualdade e justiça social com a defesa da liberdade e da democracia.

Este último ponto é importante. Quando dizemos que em uma democracia há eleições, estamos falando de eleições "limpas", ou seja, que transcorrem conforme as regras eleitorais. No Brasil do começo do século XX, por exemplo, havia eleições, mas o voto não era secreto. Portanto, os detentores do poder coagiam os eleitores a votar em quem eles mandassem, e até mesmo, vingavam-se dos que tivessem votado em outro candidato. Ainda hoje, em vários países, há fraudes na contagem dos votos: o partido do governo sempre ganha, não importa quantos votos tenha tido. É claro que, nesses casos, não há democracia. Como disse o cientista político polonês Adam Przeworski, para existir democracia, é preciso que haja a possibilidade de o governo perder a eleição.

Mesmo em países democráticos, há diferenças importantes na configuração dos regimes políticos. A principal diferença é entre os sistemas de governo, que podem ser parlamentarista ou presidencialista.

Kyodo/AP Photo/Imageplus

Sessão do parlamento japonês na capital do país, Tóquio, em 2023. O Japão é uma monarquia parlamentar, ou seja, adota o parlamentarismo como sistema de governo.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Parlamentarismo e presidencialismo

Parlamentarismo é um sistema de governo em que os cidadãos votam nos deputados (o Poder Legislativo), que, por sua vez, elegem o chefe de governo do Poder Executivo (o primeiro-ministro). Dois exemplos de países que adotam o parlamentarismo são Inglaterra e Alemanha.

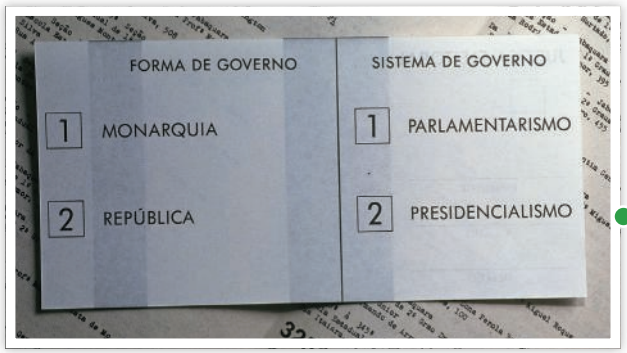
Presidencialismo, por sua vez, é um sistema de governo em que o Poder Legislativo também é eleito pelos cidadãos, com a diferença de que o chefe de governo do Poder Executivo (o presidente) é escolhido diretamente pelo povo, e não pelos deputados. Brasil e Estados Unidos adotam o presidencialismo.

- Quais são as diferenças entre parlamentarismo e presidencialismo?

No parlamentarismo, os cidadãos elegem os ocupantes do Poder Legislativo (os deputados), e estes elegem o ocupante do Poder Executivo (o primeiro-ministro). Nos regimes presidencialistas, por sua vez, os cidadãos elegem tanto os ocupantes do Poder Legislativo quanto do Executivo.

No Brasil, em 1993, houve um plebiscito para escolher a configuração do regime político. Os cidadãos foram às urnas para decidir se o sistema de governo seria presidencialista ou parlamentarista, e a forma de governo, monarquia ou república. Venceram o presidencialismo e a república, vigentes no país até hoje. Assim, os brasileiros votam de quatro em quatro anos para presidente da República, para deputado e para senador, e é possível votar em partidos diferentes para cada um dos cargos. Isso pode levar a impasses, porque o presidente, muitas vezes, não tem apoio da maioria no Poder Legislativo para aprovar as leis que defende.

Delfim Martins/Pulsar Imagens



Cédula utilizada para votação do plebiscito em 1993.

No detalhe

Leia as respostas no Manual do Professor.

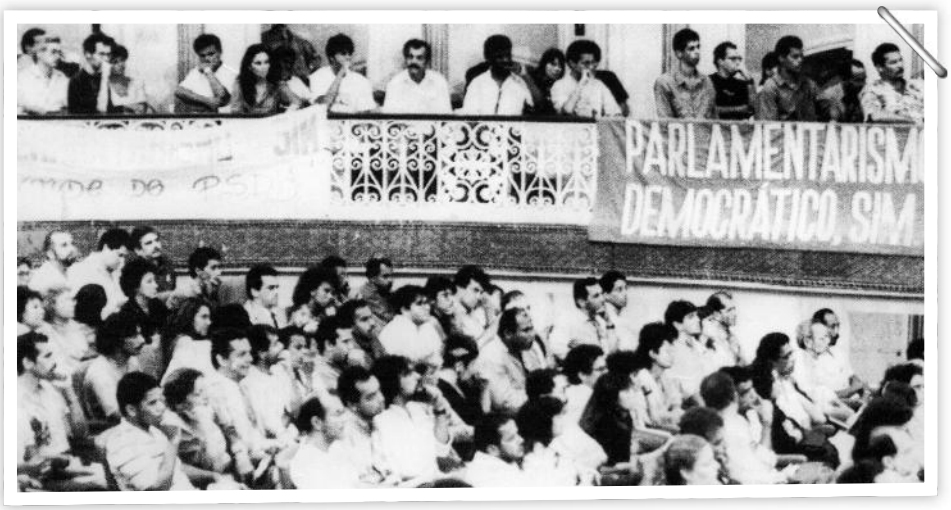
A cédula apresenta quatro configurações de regimes políticos que foram votados no plebiscito de 1993.

1. Quais configurações são essas?
2. Cite ao menos uma característica de cada uma das configurações possíveis.

Não escreva no livro

Vale lembrar, a propósito, que nem todos os regimes políticos são democráticos. Nos regimes autoritários, a população não tem o direito de escolher seus governantes: quem controla o Poder Executivo (isto é, a força) em geral faz as leis que bem entende e as aplica como quer. Além disso, as pessoas raramente têm liberdade para manifestar suas opiniões sobre política e não podem se defender se o Estado atacar seus direitos. No mundo atual, a China e a Arábia Saudita são exemplos de regimes autoritários.

Pedro Luiz/Agência O Globo



Reunião pró-parlamentarismo em Recife (PE), 1993.

Retome

Leia a resposta no Manual do Professor.

Não escreva no livro

- Faça um mapa conceitual relacionando os seguintes conceitos: Democracia; Regime político; Sistemas de governo; Presidencialismo; Parlamentarismo.

Partidos políticos

Em uma democracia, deve haver liberdade para que todos apresentem propostas a serem discutidas com os demais cidadãos. Digamos que você tenha uma boa ideia sobre uma nova lei ou sobre um novo projeto. Como agir para que todos os outros brasileiros ouçam sua opinião e possam avaliar se você tem razão? Uma solução é juntar-se a outros cidadãos que pensam mais ou menos como você para ampliar sua influência. Essa é a ideia por trás dos partidos políticos.

Os partidos políticos são associações que têm o objetivo de disputar o poder político. Quando você resolve filiar-se a um partido político, sabe que as ideias do partido não vão ser exatamente iguais às suas; mas, se fizer uma boa escolha, você vai optar pelo partido com ideias mais próximas das suas.

Mike Segar-Pool/Getty Images

Convenção do Partido Democrata, em Chicago, nos Estados Unidos, 2024. Nas convenções, os membros do partido escolhem quais entre seus membros disputarão as eleições.

Louis MONIER/Gamma-Rapho/Getty Images

Maurice Duverger, c. 1980.

Maurice Duverger (1917-2014)

Jurista, cientista político e professor francês, especialista em direito constitucional. Publicou obras importantes sobre a teoria dos partidos, as constituições e os regimes políticos e como diferentes regras eleitorais produzem diferentes sistemas partidários.

Os partidos políticos modernos

Sempre que há Estado, há grupos que lutam entre si para controlá-lo. Porém esses grupos não são semelhantes aos partidos modernos, que se formaram quando o direito ao voto foi se tornando mais abrangente, passando a incluir os homens brancos de classe média e, depois, os mais pobres, os negros, as mulheres, etc. A partir desse momento, foi preciso correr atrás do apoio dos eleitores.

Como notou o cientista político francês Maurice Duverger, em muitos países modernos a disputa costumava ocorrer entre dois grandes partidos (ou blocos de partidos):

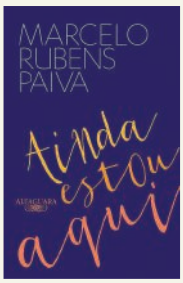
- um partido de esquerda, que defende a cobrança de impostos dos mais ricos para oferecer benefícios aos mais pobres. São os partidos socialistas e semelhantes;
- um partido de direita, que defende que o Estado não interfira muito na economia, para que ela cresça mais. São os partidos liberais ou conservadores.

JESSICA TAYLOR/UK PARLIAMENT/AFP

Sessão do parlamento britânico, em 2024. No Reino Unido, há dois partidos principais, o Trabalhista (de esquerda) e o Conservador (de direita). Nas sessões do parlamento, eles se sentam em lados opostos.

Nas disputas entre os partidos modernos, para conquistar a maioria e vencer a eleição, os partidos principais precisam disputar a simpatia (o voto) do centro: pessoas que não são nem muito de esquerda, nem muito de direita. Para isso, terão de tornar-se menos inflexíveis. A esquerda, por exemplo, vai ter de aceitar cobrar menos impostos do que gostaria. A direita, por sua vez, vai ter de concordar em oferecer alguns serviços sociais à população mais pobre.

Favoritos



Reprodução/Editora Alfaguara

Ainda estou aqui, de Marcelo Rubens Paiva. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

Neste livro, o escritor, cujo pai foi assassinado pela ditadura civil-militar no Brasil, conta a história de sua família e mostra, de maneira tocante, o que acontece com pessoas comuns quando os direitos individuais mais elementares deixam de ser respeitados pelo Estado.

Retome

Não escreva no livro

Aprendemos que os partidos políticos são importantes meios de assegurar a participação política. No Brasil, entretanto, há quem diga que "vota em pessoas, não em partidos".

- Discuta a validade dessa afirmação considerando o que você aprendeu sobre os partidos políticos.

Embora seja importante prestar atenção nas qualidades individuais dos candidatos, o partido a que ele pertence indica quais são suas ideias e com quem ele vai se aliar quando for eleito. Além disso, partidos fortes são uma parte importante da democracia moderna.

Trabalhando com

lei

Funcionamento de um partido político no Brasil

A Lei n. 9 096, de 19 de setembro de 1995, conhecida como Lei dos Partidos Políticos, dispõe sobre as regras e garantias a serem atendidas para a formação de um partido político no Brasil. A seguir estão reproduzidos alguns de seus artigos.

LEI N. 9 096, DE 19 DE SETEMBRO DE 1995

Art. 2º É livre a criação, fusão, incorporação e extinção de partidos políticos cujos programas respeitem a soberania nacional, o regime democrático, o pluripartidarismo e os direitos fundamentais da pessoa humana.

[...]

Art. 12. O partido político funciona, nas Casas Legislativas, por intermédio de uma bancada, que deve constituir suas lideranças de acordo com o estatuto do partido, as disposições regimentais das respectivas Casas e as normas desta Lei.

Art. 13. Tem direito a funcionamento parlamentar, em todas as Casas Legislativas para as quais tenha elegido representante, o partido que, em cada eleição para a Câmara dos Deputados obtenha o apoio de, no mínimo, cinco por cento dos votos apurados, não computados os brancos e os nulos, distribuídos em, pelo menos, um terço dos Estados, com um mínimo de dois por cento do total de cada um deles.

Art. 14. Observadas as disposições constitucionais e as desta Lei, o partido é livre para fixar, em seu programa, seus objetivos políticos e para estabelecer, em seu estatuto, a sua estrutura interna, organização e funcionamento.

BRASIL. Lei n. 9 096, de 19 de setembro de 1995. Dispõe sobre partidos políticos, regulamenta os arts. 17 e 14, § 3º, inciso V, da Constituição Federal. Brasília: Congresso Nacional, 1995. Disponível em: https://tedit.net/pztppz. Acesso em: 9 ago. 2024.

Atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Leia os artigos da lei e faça uma lista das principais disposições para o funcionamento de um partido político no Brasil.
2. No que se baseiam os pressupostos "respeito à soberania nacional, ao pluripartidarismo e aos direitos fundamentais da pessoa humana" exigidos nos programas dos partidos políticos no Brasil?

Galeria de atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

1. O que o detentor de poder precisa fazer para manter sua dominação?
2. Para Weber, qual é o conceito de Estado?
3. Como se deu a passagem do estado de natureza para o Estado, segundo Hobbes e Locke?
4. Qual é a principal diferença entre parlamentarismo e presidencialismo?
5. Em 1983, Maria da Penha Maia Fernandes foi vítima de uma tentativa de assassinato que a deixou paraplégica. O agressor foi o próprio marido. Maria da Penha lutou por dezenove anos até que ele fosse condenado. Em 2001, conseguiu que a Corte Interamericana de Direitos Humanos condenasse o Brasil por negligência e omissão no combate à violência contra a mulher. Em 2006, uma lei de combate à violência contra a mulher foi aprovada no país, e recebeu, em sua homenagem, o nome de Lei Maria da Penha.

   Interdisciplinaridade
   com Filosofia

   Com base na história de Maria da Penha, responda:

   a) A Corte Interamericana de Direitos Humanos disse que o Estado brasileiro não cumpriu sua obrigação de proteger a vida de Maria da Penha. Se Hobbes analisasse esse caso, o que ele provavelmente diria sobre o Estado brasileiro?

   b) A corte que condenou o Brasil tem "Direitos Humanos" em seu nome. Como a ideia de "direitos humanos" pode ser relacionada ao pensamento de Locke?

6. Nesta charge do cartunista Angeli, há um gigante formado por pessoas menores, como na folha de rosto do livro *Leviatã*, de Hobbes, indicada na página 268. Porém, o gigante não é majestoso como o de Hobbes: é um político corrupto formado por outros corruptos, carregando duas malas de dinheiro.

   a) Na sua opinião, que pensamento sobre o Estado brasileiro Angeli expressou na charge?

   b) E quem seriam as pessoas que formam o gigante? Seriam, como no caso de Hobbes, todos os cidadãos?

Corrupção: a cara de besta, charge de Angeli publicada no jornal *Folha de S.Paulo* em 2007.

© Angeli/Folha de S.Paulo 23.05.2007/Fotoarena

7. Leia o trecho de notícia a seguir e discuta com os colegas e com o professor sobre as causas e as consequências do fenômeno indicado. Leia a resposta no Manual do Professor.

Datafolha: 49% deixaram de falar sobre política para evitar discussões

Metade do eleitorado brasileiro (49%) diz ter deixado de conversar sobre política com amigos e familiares nos últimos meses para evitar discussões, diante do acirramento eleitoral, mostra pesquisa Datafolha realizada na semana passada.

[...]

A dois meses do primeiro turno, o Datafolha apresentou três situações de constrangimento ou coação e pediu aos entrevistados que respondessem se já passaram ou não por casos do tipo.

Além de deixarem de falar do assunto com pessoas próximas, que são 49%, 15% disseram já ter recebido ameaça verbal e 7%, física.

Dos entrevistados, 54% afirmaram ter vivido alguma situação de constrangimento, ameaça física ou verbal em razão de suas posições políticas nos últimos meses.

[...]

SOPRANA, Paula. Datafolha: 49% deixaram de falar sobre política para evitar discussões. *Folha de S.Paulo*, 31 jul. 2022. Disponível em: https://tedit.net/17sarg. Acesso em: 9 ago. 2024.

Enem e vestibulares

1. (UEM-PR) Max Weber é um dos autores centrais para a constituição da Sociologia. Um de seus principais temas de investigação foi o da dominação. Para ele, os sistemas de dominação se vinculariam a processos de legitimação. No intuito de compreender tal situação, o autor desenvolveu um modelo de análise com base naquilo que denominou de três tipos ideais de dominação: o racional, o tradicional e o carismático. 01; 02; 04.

Assinale o que for correto a respeito desses três tipos weberianos de dominação.

01) Os tipos de dominação propostos por Max Weber não são encontrados de forma pura na realidade.

02) Para que exista dominação, é necessário que os dominados obedeçam à autoridade dos que detêm o poder.

04) Para Max Weber, a dominação carismática é baseada na veneração do poder heroico, na santidade e no caráter exemplar de uma pessoa.

08) A dominação tradicional, segundo Max Weber, consiste no desenvolvimento do aparato burocrático.

16) Max Weber define a dominação racional como aquela que não necessita dos aparatos legislativo e burocrático.

2. (Unioeste-PR) No capítulo XV de *O Príncipe*, Nicolau Maquiavel (1469-1527) destaca um dos principais fundamentos de sua reflexão política. Visando distinguir-se tanto de seus predecessores quanto de seus contemporâneos, ele indica claramente sua perspectiva realista: "Mas, sendo a minha intenção escrever coisa útil a quem a escute, pareceu-me mais convincente ir direto à verdade efetiva da coisa do que à imaginação dessa" (MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. São Paulo: Hedra, 2011. p. 151).

A partir da leitura do trecho citado, pode se afirmar CORRETAMENTE que Alternativa **b**.

a) o realismo político de Maquiavel baseia-se na idealização da vida política.

b) o realismo político de Maquiavel baseia-se na análise da vida política na sua realidade ou verdade efetiva.

c) o realismo político de Maquiavel baseia-se na busca de leis imutáveis que regem a vida religiosa dos homens.

d) o realismo político de Maquiavel baseia-se na crença da bondade natural do homem.

e) o realismo político de Maquiavel baseia-se na busca das leis que regem as repúblicas e principados perfeitos propostos pelos pensadores utópicos.

3. (Enem) **Interdisciplinaridade** com Filosofia

TEXTO I

Até aqui expus a natureza do homem (cujo orgulho e outras paixões o obrigaram a submeter-se ao governo), juntamente com o grande poder do seu governante, o qual comparei com o Leviatã, tirando essa comparação dos dois últimos versículos do capítulo 41 de Jó, onde Deus, após ter estabelecido o grande poder do Leviatã, lhe chamou Rei dos Soberbos. Não há nada na Terra, disse ele, que se lhe possa comparar.

HOBBES, T. *O Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TEXTO II

Eu asseguro, tranquilamente, que o governo civil é a solução adequada para as inconveniências do estado de natureza, que devem certamente ser grandes quando os homens podem ser juízes em causa própria, pois é fácil imaginar que um homem tão injusto a ponto de lesar o irmão dificilmente será justo para condenar a si mesmo pela mesma ofensa.

LOCKE, J. *Segundo tratado sobre o governo civil*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Thomas Hobbes e John Locke, importantes teóricos contratualistas, discutiram aspectos ligados à natureza humana e ao Estado. Thomas Hobbes, diferentemente de John Locke, entende o estado de natureza como um(a) Alternativa **a**.

a) condição de guerra de todos contra todos, miséria universal, insegurança e medo da morte violenta.

b) organização pré-social e pré-política em que o homem nasce com os direitos naturais: vida, liberdade, igualdade e propriedade.

c) capricho típico da menoridade, que deve ser eliminado pela exigência moral, para que o homem possa constituir o Estado civil.

d) situação em que os homens nascem como detentores de livre-arbítrio, mas são feridos em sua livre decisão pelo pecado original.

e) estado de felicidade, saúde e liberdade que é destruído pela civilização, que perturba as relações Sociais e violenta a humanidade.

4. (UEM-PR) A democracia pode ser pensada a partir de várias perspectivas. O desenvolvimento e a manutenção dessa forma de governo, contudo, dependem de algumas garantias institucionais. Sobre esse tema, assinale a(s) alternativa(s) que corresponde(m) a garantias democráticas. 01; 08; 16.

(01) Garantia do direito ao *habeas corpus*.

(02) Estabelecimento de partido único.

(04) Restrição do direito ao voto.

(08) Proteção e garantia dos direitos civis e políticos.

(16) Eleições competitivas, livres e limpas para os poderes executivo e legislativo.

CAPÍTULO 12

Globalização e política

O conceito de globalização

O sociólogo inglês Anthony Giddens definiu a globalização como

"a intensificação de relações sociais mundiais que ligam localidades distantes de modo que acontecimentos locais são influenciados por eventos ocorridos a muitas milhas de distância".

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1991. p. 69.

Não dá para contar a história do Brasil sem falar em globalização: a expansão comercial trouxe para o continente americano os povos europeus, que, com suas doenças (e armas), mataram grande parte da população indígena. A economia da colônia (e, depois, a do Império) foi em grande parte baseada na exploração de pessoas escravizadas trazidas à força do continente africano e estruturada para servir ao mercado internacional.

Nas últimas décadas do século XX, a globalização se acelerou e o comércio mundial se desenvolveu imensamente.

Se, por um lado, a globalização econômica facilita a aquisição de produtos do mundo todo, por outro, ela pode reforçar a desigualdade entre países mais e menos capazes de competir no mercado global.

ZHONG MIN/Feature China/Future Publishing/Getty Images

Trabalhadora inspeciona placa de circuito em fábrica de componentes eletrônicos, em Sichuan, na China, 2024. A fábrica produz componentes para produtos de diversas marcas globais.

Agence Opale/Alamy/Fotoarena

Anthony Giddens em 2012.

Anthony Giddens (1938-)

Importante sociólogo contemporâneo. Tem como temas centrais de pesquisa as questões relacionadas à globalização e à modernidade. Segundo Giddens, ao mesmo tempo que a modernidade cria uma estrutura de possibilidades e de oportunidades, promove também consequências degradantes, como a exploração do trabalho e o autoritarismo moderno.

Outra consequência da globalização é o fato de que, como cada vez mais os países dependem uns dos outros para comprar e para vender, uma crise localizada pode se espalhar e afetar dramaticamente países muito distantes. Em 2008, uma crise profunda nos Estados Unidos, o país mais rico do mundo, afetou praticamente todos os países, inclusive o Brasil, devido à interdependência econômica global. Crises em países menos ricos, como o México ou a Rússia nos anos 1990, também geraram incertezas que impactaram a economia brasileira. Por outro lado, a crise brasileira de 1998 gerou efeitos negativos na vizinha Argentina, que é um de nossos principais parceiros comerciais. No Brasil, a globalização impacta diretamente o agronegócio, como a exportação de soja para a China e a demanda por carne bovina no mercado europeu. Essa dependência econômica externa pode tanto trazer benefícios para o setor como gerar desafios, como os embargos comerciais relacionados a questões ambientais.

A globalização não é apenas econômica. Na esfera cultural, artistas e estilos originados em um país influenciam cada vez mais os de outros países. No esporte, nota-se que grandes equipes europeias de futebol têm jogadores de várias nacionalidades.

Brian Zak/Sipa Press/AP Photo/Imageplus

Sede de um banco de investimentos em Nova York, nos Estados Unidos, em 2008, ano em que seu processo de falência deu início à maior crise econômica mundial desde 1929. O mapa-múndi desenhado na fachada é apropriado: a quebra do banco (provocada pela especulação financeira em vários países desenvolvidos) deu origem a uma crise que afetou o mundo todo.

Vídeo

Explicando o conceito

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

Globalização

A globalização é a intensificação de relações sociais mundiais que ligam localidades distantes de modo que acontecimentos locais são influenciados por eventos ocorridos a milhares de quilômetros de distância. Em outras palavras, no mundo moderno, nossa vida é cada vez mais concatenada: os aparelhos celulares têm componentes eletrônicos criados em países diferentes, utilizando matérias-primas de diferentes origens.

O nível de desemprego no Brasil pode ser influenciado por uma crise econômica na Europa, ou por uma aceleração do crescimento na China. Assistimos na TV a campeonatos de futebol europeus em que os principais times têm poucos jogadores nascidos no próprio país. Mesmo a criminalidade tem uma dimensão global: drogas produzidas em outros países são vendidas no Brasil, ou passam pelo Brasil a caminho de outros países.

1. Cite um exemplo de impacto positivo e outro negativo da globalização.
2. Escolha um produto do seu dia a dia (celular, camiseta ou alimento). Pesquise em que países esse produto é fabricado ou quais partes dele vêm de outros países. Discuta com seus colegas como esse produto exemplifica a globalização.

Nas últimas décadas, a comunidade internacional tem se deparado com outra questão: os problemas globais, que não podem ser resolvidos por um só país e afetam grande parte do mundo. O caso mais óbvio são as ameaças ao meio ambiente. Se os automóveis dos Estados Unidos ou as fábricas da China emitem gases poluentes na atmosfera, essa poluição não afeta o clima apenas nos Estados Unidos e na China, mas no mundo todo. A crescente importância dos problemas globais coloca uma questão relevante: quem é responsável por resolvê-los? Não há um governo do mundo, não há um Estado global. Podemos contar que cada país vai fazer a própria parte resolvê-los? E se cada país preferir deixar que os outros resolvam? Essas questões estão entre os mais importantes desafios políticos modernos.

© Angeli/Folha de S. Paulo 09.10.2003/Fotoarena

Charge de Angeli, publicada no jornal *Folha de S.Paulo* em 2003. A charge critica a expansão global da pobreza, sugerindo que, sem cooperação internacional, a desigualdade continuará a crescer. Assim como as mudanças climáticas, a pobreza é um problema global que exige soluções coletivas.

Favoritos

Reprodução/Columbia Pictures

Capitão Phillips. Estados Unidos, 2013. Direção: Paulo Greengrass (134 min).

Baseado em uma história real, ocorrida em 2009, o filme trata do sequestro de um navio de carga estadunidense por piratas da Somália, um dos países mais pobres da África. O episódio mostra de maneira gritante o contraste entre a quantidade de riqueza circulando pela economia global e as regiões do mundo que ficaram para trás no processo de globalização.

Retome

1. A globalização não é apenas econômica, mas envolve também aspectos políticos, culturais, ambientais, e se relaciona com esferas tão diferentes quanto esporte, religião e criminalidade.

Não escreva no livro

1. A globalização é um fenômeno exclusivamente econômico? Explique.

2. O que são problemas globais? Dê um exemplo.

2. São problemas que que não podem ser resolvidos por um só país e afetam grande parte do mundo. Os exemplos podem ser os problemas ambientais, as quadrilhas criminosas internacionais, as pandemias, etc.

A governança global

Uma das características principais dos Estados modernos é que eles são vários: não há um Estado global, um governo mundial. A governança global é o processo em que Estados diferentes, além de movimentos e instituições internacionais, negociam e criam instituições e regras globais para regulamentar as relações entre eles.

Ao mesmo tempo que os Estados não desejam abdicar de sua soberania em favor de um governo mundial, também não têm interesse em uma "guerra de todos contra todos". Por isso, embora não haja um governo mundial, os Estados desenvolveram algumas regras e instituições para garantir um mínimo de convivência pacífica.

Com a criação dos Estados Nacionais Modernos, surgiu o sistema de Westfália, reconhecido e assinado pelo Tratado de Münster em 1648. Entre as características do sistema de Westfália, descrito pelo cientista político inglês David Held (1951-2019), destacamos as seguintes:

- O mundo consiste em Estados soberanos que não reconhecem uma autoridade maior do que eles.
- A cada Estado cabem as funções de fazer leis, aplicá-las e julgar disputas dentro de seu território.
- O direito internacional tem como objetivo garantir algumas regras mínimas de coexistência entre os Estados.
- As divergências entre os Estados serão resolvidas, na grande maioria das vezes, pela força.
- A prioridade do sistema é colocar apenas um mínimo de restrições aos Estados, a fim de privilegiar a autonomia deles.

Reprodução/Galeria Nacional, Londres, Inglaterra.

A ratificação do Tratado de Münster, do holandês Gerard ter Borch, 1648 (óleo sobre cobre, 45,4 cm × 58,5 cm).

Desde 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, uma nova maneira de pensar a governança global tem se formado. O símbolo máximo dessa nova concepção foi a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), cujo objetivo é mediar os conflitos entre os Estados de forma pacífica. As instâncias mais importantes da ONU são a Assembleia Geral, em que cada um dos seus mais de 190 países-membros tem direito a um voto, e o Conselho de Segurança, formado por cinco membros permanentes (Estados Unidos, França, Rússia, Reino Unido e China) e por um grupo de dez membros que se alternam. Nada pode ser aprovado sem a concordância dos membros permanentes.

Bettmann Archive/Getty Images

Sessão do julgamento de Nuremberg, na Alemanha, em 1946, no qual autoridades nazistas foram julgadas por crimes cometidos durante a Segunda Guerra Mundial, em especial contra judeus. O julgamento de Nuremberg foi conduzido por um tribunal internacional, prática pouco comum até então.

Entre as características do sistema das Nações Unidas descritas por David Held, destacamos as seguintes:

- O mundo consiste em Estados soberanos que, entretanto, mantêm entre si relações próximas.
- Povos oprimidos por **impérios coloniais** têm o direito de determinar o próprio destino.
- Há alguns valores que devem limitar a ação dos Estados.
- Há um esforço para que os Estados tratem seus cidadãos de acordo com alguns padrões mínimos.
- O objetivo do sistema é garantir a paz e o progresso dos valores e direitos fundamentais reconhecidos como válidos.

impérios coloniais: à época da criação da ONU, boa parte dos povos da África e da Ásia se encontrava sob o domínio político e econômico de países europeus, que exploravam suas colônias por motivos econômicos e geopolíticos.

Além da ONU, há outras organizações internacionais com importante atuação, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), que tenta incentivar o livre-comércio entre os países, e o Banco Mundial, que fornece empréstimos e consultoria para projetos de desenvolvimento. Há organizações internacionais que regulam desde os padrões de segurança nas viagens aéreas até o funcionamento da internet.

Seria equivocado dizer que o sistema das Nações Unidas substituiu o sistema de Westfália. As Nações Unidas não têm o monopólio da violência legítima no mundo; aliás, nem sequer têm um exército.A maior parte da política internacional ainda é feita por acordos ou guerras entre Estados.

Entretanto, também seria errado dizer que nada mudou. As Nações Unidas permanecem como um fórum de debate dos problemas mundiais. Além disso, a organização desempenha funções importantes, como na formação, no envio e na manutenção de forças de paz para atuar em áreas onde tenham ocorrido guerras civis.

Se é verdade que a política internacional ainda é feita fundamentalmente pelos Estados, também é verdade que parte importante dela consiste em tentar influenciar as organizações internacionais, ou utilizá-las para os objetivos de cada país. Assim, parte significativa da luta econômica entre os Estados (relacionada, por exemplo, ao **protecionismo econômico**) se dá nas negociações da OMC. Se a globalização continuar a se desenvolver, é provável que esse tipo de negociação se torne cada vez mais decisivo.

protecionismo econômico: todo tipo de política que busca favorecer produtos fabricados no próprio país em detrimento dos concorrentes estrangeiros. Entre as medidas protecionistas mais comuns, podemos citar as barreiras tarifárias (impostos elevados sobre produtos importados) e os subsídios (apoio financeiro do Estado aos produtores, com o objetivo de reduzir o preço final).

United Nations/Getty Images

Diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello (1948-2003), à esquerda, ao lado do diplomata ganense Kofi Annan (1938-2018), então secretário-geral da ONU. Sérgio Vieira de Mello ocupou diversos postos na ONU, incluindo o de alto-comissário para Direitos Humanos, em 2002. Em nome da ONU, administrou o Timor Leste entre 1999 e 2002, enquanto esse país organizava suas primeiras eleições. Vieira de Mello morreu em um atentado terrorista quando era representante da ONU no Iraque, que acabara de ser invadido pelos Estados Unidos.

Retome

1. Quais são as principais características do sistema de Westfália?

2. Quais são as principais características do sistema das Nações Unidas?

Não escreva no livro

1. As principais características do sistema de Westfália são as seguintes: o mundo consiste em Estados soberanos que não reconhecem uma autoridade maior do que eles; a cada Estado cabem as funções de fazer leis, aplicá-las e julgar disputas dentro de seu território; o direito internacional tem como objetivo garantir algumas regras mínimas de coexistência entre os Estados; as divergências entre os Estados serão resolvidas, na grande maioria das vezes, pela força; a prioridade do sistema é colocar apenas um mínimo de restrições aos Estados, a fim de privilegiar a autonomia deles.

2. As principais características do sistema das Nações Unidas são: o mundo consiste em Estados soberanos que, entretanto, mantêm entre si relações próximas; povos oprimidos por impérios coloniais têm o direito de determinar o próprio destino; há alguns valores que devem limitar a ação dos Estados; há um esforço para que os Estados tratem seus cidadãos de acordo com alguns padrões mínimos; o objetivo do sistema é garantir a paz e o progresso dos valores e direitos fundamentais reconhecidos como válidos.

A globalização e o Estado

Para alguns autores, como Jessica T. Mathews e Zygmunt Bauman, a globalização diminuiria consideravelmente o poder dos diferentes Estados. Há duas maneiras principais pelas quais isso pode ocorrer.

A primeira, como estudamos, é que nenhum Estado pode resolver sozinho os problemas globais. Nem mesmo os Estados Unidos podem, por exemplo, invadir a China e obrigar todos os chineses a parar de usar automóveis para resolver os problemas ambientais do mundo. Menos provável ainda é que algum outro país consiga invadir os Estados Unidos para fazer a mesma coisa.

Assim, os Estados precisam se organizar entre si para lidar com problemas globais. Em algum grau, a constituição das organizações internacionais leva a uma perda de soberania dos diferentes Estados. Como seria de esperar, os Estados preferem ceder o mínimo possível de sua soberania às organizações internacionais, até porque não têm garantias de que os demais vão fazer o mesmo. Essa é a principal razão para a fraqueza de diversas organizações internacionais. Porém, mesmo que essas organizações sejam substituídas por acordos isolados entre os países, esses acordos se tornarão cada vez mais comuns, o que, novamente, levará cada Estado a ceder um pouco (ou muito, dependendo de sua força) em cada negociação.

Há, entretanto, uma segunda maneira pela qual a globalização afeta os Estados: ela diminui a liberdade do Estado para regular a economia em seu território. Agora, empresas **multinacionais** têm muito mais liberdade para escolher em que países querem investir, buscando aqueles em que os salários dos trabalhadores ou os impostos sejam mais baixos.

multinacionais: empresas que atuam em diversos países além daquele em que foram fundadas.

Assim, se o governo do Brasil, por exemplo, quiser aumentar muito os salários, precisa saber que corre o risco de que algumas empresas se mudem para países onde os salários são mais baixos. Em última

Reprodução/Fundo Carnegie para a Paz Internacional, Washington, D.C., EUA.

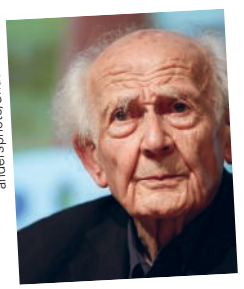
Jessica T. Mathews em foto não datada.

Jessica T. Mathews (1946-)

Membro emérito do Carnegie Endowment for International Peace, um instituto de estudos de relações internacionais, em Washington, D.C. (Estados Unidos), do qual foi presidente entre 1997 e 2015. Exerceu cargos em órgãos governamentais do Executivo e do Legislativo, em organizações sem fins lucrativos e na imprensa.

Zygmunt Bauman (1925-2017)

Sociólogo polonês, professor emérito da Universidade de Leeds (Reino Unido). Tornou-se conhecido principalmente por suas análises da relação entre a modernidade e o Holocausto, bem como seus estudos sobre o consumismo pós-moderno.



andersphoto/Shutterstock

Zygmunt Bauman, em 2015.

análise, os eleitores brasileiros ficam menos livres para eleger um governo que proponha aumentar muito os salários. Eles ainda podem fazê-lo, mas deveriam saber que sua escolha traz o risco de que o investimento estrangeiro no Brasil diminua e, portanto, de que o desemprego cresça.

O que dissemos sobre salários também se aplica a impostos. Para fornecer aos cidadãos boas escolas públicas, hospitais públicos, uma polícia eficiente, entre outros serviços, o Estado precisa de dinheiro. Esse dinheiro vem dos impostos cobrados dos cidadãos e das empresas que atuam em seu território. Mas, como você deve imaginar, as empresas preferem investir onde pagam menos impostos (isto é, onde podem lucrar mais). Se o governo da Argentina, por exemplo, quiser oferecer políticas sociais mais generosas e tiver de aumentar muito os impostos, algumas empresas podem preferir investir em outro país. Em última análise, os eleitores argentinos ficam menos livres para escolher um governo que queira oferecer políticas sociais mais generosas. Ainda podem fazê-lo, mas precisam saber que sua escolha terá riscos.

1

Jose Luis Gonzalez/Reuters/Fotoarena

2

Simone Boccaccio/SOPA Images/LightRocket/Getty Images

1. Migrantes que buscam asilo nos Estados Unidos se reúnem perto do muro da fronteira, em Ciudad Juarez, no México, 2024.
2. Resgate de migrantes, que almejavam chegar à Europa, na costa da Líbia, no mar Mediterrâneo, em 2024. Assim como os investidores buscam países com condições econômicas mais favoráveis, as pessoas também buscam os países com melhores condições de trabalho. Entretanto, os limites à mobilidade do trabalho continuam muito mais rígidos do que os limites à mobilidade de capital, destacando as desigualdades nas oportunidades de migração e as barreiras enfrentadas pelos trabalhadores em busca de melhores condições de vida, muitas vezes com violação dos direitos humanos.

Assim, surge o risco real de que, com a globalização, diminua a possibilidade de escolha democrática. Como disse o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, o Estado passa a ter dois papéis econômicos: evitar medidas que modifiquem demais a economia e garantir a proteção social às pessoas que venham a sofrer as piores consequências da globalização (como o desemprego causado pela concorrência de produtos importados).

O economista turco Dani Rodrik criou uma fórmula para explicar o desafio da globalização. Embora simplificada, essa fórmula pode ser útil para nos fazer pensar e diz o seguinte:

- Se quisermos ter perfeita globalização e perfeita democracia, precisaremos sacrificar a soberania nacional. Isto é, os Estados teriam de abdicar de seu poder em benefício de um Estado mundial democrático. Não há nenhuma possibilidade realista de que isso aconteça nos próximos anos, mas, mesmo que houvesse, muita gente preferiria preservar a soberania nacional.

Sion Touhig/Sygma/Getty Images

Manifestação contra a OMC realizada em Seattle, nos Estados Unidos, em 1999. A faixa apresenta duas setas com dizeres em inglês: a que diz "democracia" aponta em um sentido, enquanto a que diz "WTO" (a sigla em inglês para Organização Mundial do Comércio) aponta no sentido oposto.

No detalhe

- Analise a manifestação sobre a atuação da OMC. Que opinião os manifestantes buscaram expressar sobre essa organização?

Não escreva no livro.

Para os manifestantes, a atuação da OMC iria no sentido oposto da democracia.

Wojciech Strózyk/Alamy/Fotoarena

Dani Rodrik, em 2018.

Dani Rodrik (1957-)

Economista turco, professor de Economia Política Internacional na Universidade Harvard. Publicou importantes trabalhos na área de desenvolvimento internacional, principalmente sobre políticas econômicas que levam alguns países a crescer mais que outros. Seus trabalhos recentes discutem as possibilidades e os limites que a globalização proporciona para o desenvolvimento econômico.

- Se quisermos ter perfeita globalização e perfeita soberania nacional, teremos de sacrificar a democracia. O Estado teria de atuar principalmente para manter as empresas multinacionais satisfeitas, garantindo impostos baixos, poucos direitos trabalhistas, poucas regulamentações ambientais, etc. É extremamente improvável que os cidadãos concordem com isso, o que, cedo ou tarde, acabaria levando ao fim da democracia.
- Por fim, se quisermos ter perfeita democracia e perfeita soberania nacional, precisaremos sacrificar a globalização. Isto é, cada país cuidaria de sua economia, e os eleitores escolheriam o governo que bem entendessem, mas estaríamos dispensando o grande potencial da globalização para promover crescimento econômico, maior intercâmbio entre os povos, entre outros benefícios.

Rodrik chamou esse problema de "trilema", isto é, uma escolha de no máximo duas entre três coisas. Em outras palavras, para Rodrik, nunca vai ser possível obter o máximo dos três elementos: sempre precisaríamos sacrificar um pouco de um deles se quisermos ter um pouco mais dos outros dois.

Assim falaram **Karl Marx e Friedrich Engels**

Através da exploração do mercado mundial, a burguesia configurou de maneira cosmopolita a produção e o consumo de todos os países. Para grande pesar dos reacionários, ela subtraiu à indústria o solo nacional em que tinha os pés. As antiquíssimas indústrias nacionais foram aniquiladas e ainda continuam sendo aniquiladas diariamente. São sufocadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, por indústrias que não mais processam matérias-primas nativas, mas sim matérias-primas próprias das zonas mais afastadas, e cujos produtos são consumidos não apenas no próprio país, mas simultaneamente em todas as partes do mundo. E o que se dá com a produção material, dá-se também com a produção intelectual. Os produtos intelectuais das nações isoladas tornam-se patrimônio comum. A unilateralidade e estreiteza nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das muitas literaturas nacionais e locais vai se formando uma literatura universal.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. Estudos Avançados. São Paulo: IEA/USP, 1998. p. 11 (texto original de 1848).

Retome 2. Os valores são democracia, globalização e soberania.

Não escreva no livro

1. Cite duas formas pelas quais a globalização pode diminuir o poder dos Estados.

2. O economista Dani Rodrik argumenta que, no mundo globalizado, os países frequentemente têm que escolher no máximo dois entre três valores. Quais são esses valores? 1. Como os Estados não podem resolver sozinhos os problemas globais, precisam fazer acordos com outros Estados ou criar organismos internacionais para resolvê-los. Nessa negociação, certamente cada Estado terá que ceder alguma coisa. Além disso, a globalização econômica limita a possibilidade de cada Estado intervir em sua própria economia: por exemplo, se um país resolver aumentar muitos seus salários, pode afastar os investidores internacionais.

Globalização e pandemia

Ao longo da História, doenças contagiosas circularam pelo mundo ao mesmo tempo que aumentava o contato entre as regiões do planeta, fosse em razão do comércio, fosse em razão da guerra, do turismo ou das migrações. Muitas vezes, a chegada de uma nova doença a determinada população – que, por não ter sido a ela exposta anteriormente, não tem as defesas imunológicas necessárias – tem consequências catastróficas. Foi o que aconteceu durante a "Grande Peste", como ficou conhecida a epidemia que dizimou grande parte da população da Europa medieval, ou quando os europeus chegaram ao continente americano e transmitiram novas doenças aos indígenas. Pouco depois da Primeira Guerra Mundial, uma trágica pandemia de gripe, que ficou conhecida como "gripe espanhola", causou cerca de 30 milhões de mortes ao redor do mundo.

A **pandemia** de covid-19, iniciada no final de 2019, afetou nossa vida de maneira muito intensa. Sérias limitações à mobilidade, à produção econômica e aos contatos sociais foram impostas no Brasil e no mundo para combater a disseminação do vírus causador da doença, o SARS-CoV-2.

pandemia: epidemia global ou com o potencial de tornar-se global.

Essa pandemia foi um exemplo do funcionamento de um mundo globalizado, tanto em seus melhores quanto em seus piores aspectos. Vírus e bactérias não "respeitam fronteiras": "globalizam-se" sempre que possível.

Assim falou Bill Gates

> Se alguma coisa matar mais de dez milhões de pessoas nas próximas décadas, é mais provável que seja um vírus altamente contagioso do que uma guerra. Não mísseis, mas micróbios.
>
> GATES, Bill. O Próximo Surto? Não Estamos Prontos. *Ted Talks*, 2015. Disponível em: https://tedit.net/lmb79g. Acesso em: 27 set. 2024.

Dessa forma, era previsível que, com o progresso da globalização, que facilitou o contato entre pessoas do mundo todo, novas doenças viajassem ao redor do globo.

Há muito tempo os governos dos diversos países sabem que várias doenças são combatidas de maneira mais eficaz quando há um esforço global. A principal organização internacional encarregada de monitorar pandemias é a Organização Mundial da Saúde (OMS), sediada em Genebra, na Suíça. A OMS monitora e organiza esforços globais para a erradicação de doenças.

O SARS-CoV-2 se originou, pelo que indicam os estudos disponíveis, na Ásia, tendo sido identificado primeiro na China, um dos países centrais do processo de globalização atual. A inserção da China na economia global faz com que o movimento de pessoas indo e voltando do país seja gigantesco. Isso oferece grandes possibilidades para a disseminação de um vírus.

Em poucos meses, esse vírus já havia chegado ao mundo inteiro, inclusive ao Brasil, um dos países mais afetados. Milhões de pessoas morreram ao redor do mundo, e a economia mundial foi desorganizada. Com as restrições a viagens e ao transporte marítimo e aéreo, a cadeia internacional de produção teve problemas.

Uma vez que as instituições de governança global ainda dependem dos países-membros para realizar qualquer grande iniciativa, restou a elas contar com o governo de cada país para implementar suas orientações, o que nem sempre ocorreu. Pode-se dizer que a pandemia de covid-19 atingiu a humanidade em um momento em que ela já estava exposta a problemas globais, mas ainda começando a aperfeiçoar os mecanismos para lidar com eles.

O prolongamento da pandemia pelo rápido surgimento de novas variantes do vírus mostra claramente a necessidade de resolução do problema em escala global. Mesmo que os países ricos consigam vacinar suas populações inteiras, se o vírus continuar circulando por países com pouca cobertura vacinal, pode surgir uma nova variante que seja resistente às vacinas. Durante a pandemia, houve iniciativas para disponibilizar vacinas para os países pobres, mas sem o alcance necessário para resolver o problema.

Ronaldo Almeida/Pulsar Imagens

Menino é vacinado contra o coronavírus em posto de saúde de Guarani (MG), em 2022. A pesquisa e produção da vacina contra o coronavírus foi realizada com a colaboração de organizações de diversos países que trabalharam juntos para alcançar o melhor e o mais rápido resultado.

Leia a resposta no Manual do Professor.

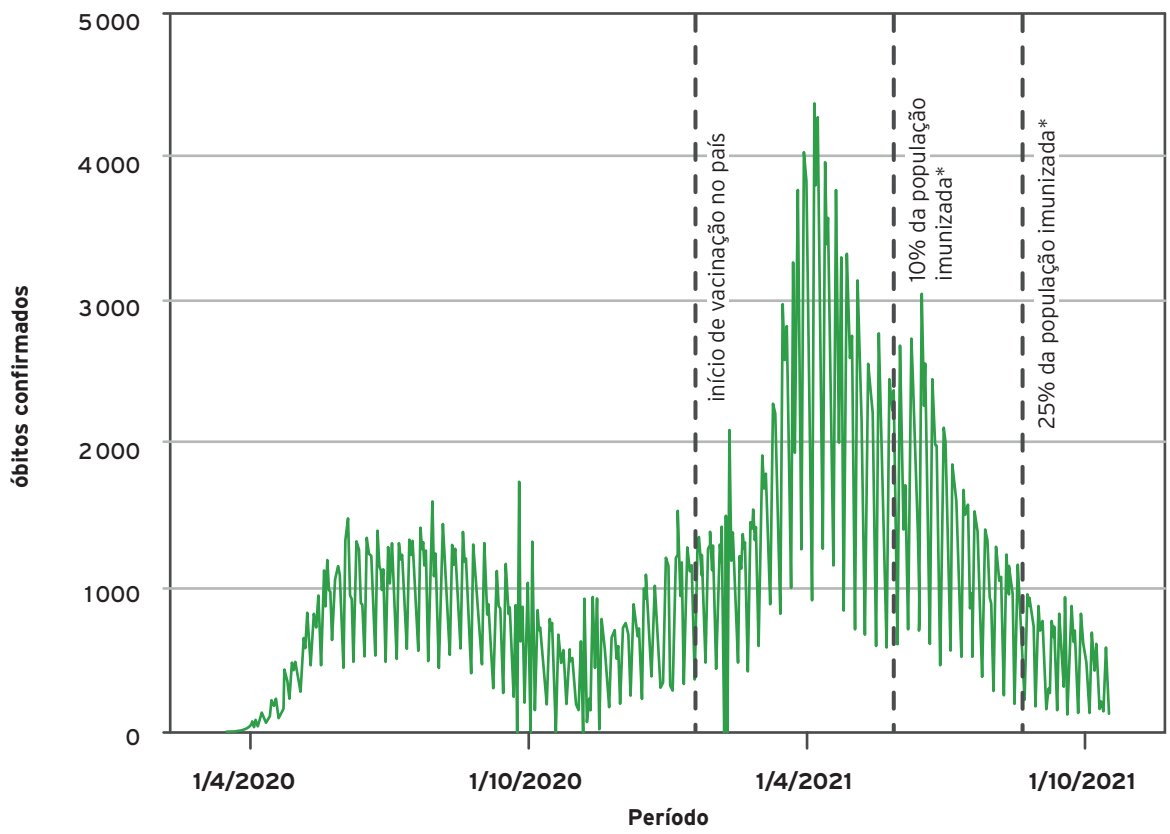
Por outro lado, a pandemia mostrou as potencialidades de uma humanidade unida pelo mesmo propósito. Quando ficou claro o tamanho da ameaça, os países com maior capacidade científico-tecnológica lançaram-se na pesquisa de tratamentos, e as vacinas produzidas ao redor do mundo mostraram-se eficazes na redução drástica do número de casos e de óbitos. A ciência já é globalizada há muito tempo, com comunidades internacionais de cientistas que publicam seus estudos em revistas que circulam por universidades do mundo todo.

No detalhe

- O que você pode concluir a partir dos dados apresentados no gráfico? Como a vacinação influenciou na redução dos óbitos?

Não escreva no livro.

Brasil: mortes diárias por covid-19 entre abril de 2020 e outubro de 2021



Banco de imagens/Arquivo da editora

* Imunização com duas doses ou dose única.

Fonte: elaborado com base em MENEZES, Luiz Fernando. É falso que vacinação fez número de mortes por Covid-19 neste ano superar o de 2020. *Aos Fatos*, 18 out. 2021. Disponível em: https://tedit.net/be1jw9. Acesso em: 11 out. 2024.

Evolução do número de mortes por covid-19 no Brasil em 2021, após o início da vacinação.

Retome

1. Porque a globalização aumentou muito o contato entre diferentes regiões do mundo, ampliando, assim, as possibilidades de transmissão da doença.

Não escreva no livro

1. Por que a pandemia de covid-19 é um exemplo de problema global?

2. Qual é a principal organização internacional encarregada de monitorar pandemias?

2. A Organização Mundial da Saúde (OMS), sediada em Genebra, na Suíça. A OMS monitora e organiza esforços globais para a erradicação de doenças.

O Brasil e a globalização

A globalização apresenta para o Brasil desafios bastante difíceis. Com base na discussão dos itens anteriores, podemos destacar três desafios principais:

- O Brasil, como os outros países democráticos, precisa lidar com a realidade de que seu governo tem menos controle sobre a economia do que antes. Isso aumenta a pressão para que o país tenha as qualificações educacionais, tecnológicas e institucionais necessárias para competir com os países desenvolvidos.
- O Brasil luta para participar da governança global: um dos objetivos da política externa brasileira nos últimos anos é tornar o país um membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. Países como Alemanha, Japão e Índia também têm pleiteado que o conselho seja reformado. Além disso, entre 2004 e 2017, o Brasil liderou as forças de paz da ONU que atuaram no Haiti, país que passou por diversas crises políticas nas últimas décadas.

VANDERLEI ALMEIDA/AFP

Soldados brasileiros em cerimônia de substituição de tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), na base militar de Porto Príncipe, em fevereiro de 2013. Os capacetes azuis são o símbolo dos soldados que estão sob orientação da ONU. Ao assumir responsabilidades como essa, o Brasil espera aumentar sua credibilidade para atuar na governança global.

O governo brasileiro também procurou reforçar as instituições internacionais que envolvem países vizinhos, em especial com a criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul). O Brasil também assumiu uma posição importante na negociação dos tratados comerciais na OMC, associando-se a outros países em desenvolvimento para pressionar os países desenvolvidos a reduzir as medidas protecionistas.

- Em razão da abundância de recursos naturais em seu território, o Brasil é palco de lutas globais pela preservação do meio ambiente: de um lado, estão os grupos defensores da preservação ambiental, constituídos principalmente por organizações não governamentais (ONG), nacionais e internacionais, grupos indígenas e movimentos sociais e outros setores da população brasileira; de outro lado, estão agentes interessados em continuar explorando os recursos naturais em larga escala (latifundiários, empresas mineradoras, etc). A grande importância global da agropecuária brasileira também põe o país em evidência, por exemplo, na discussão sobre a produção de **alimentos transgênicos**. Isso constantemente cria tensões. Boa parte dos debates políticos brasileiros importantes são sobre como conciliar crescimento econômico e sustentabilidade ambiental.

alimentos transgênicos: alimentos geneticamente modificados.

Cris Faga/Folhapress

Manifestantes em mobilização a favor da preservação da Amazônia e contra a crise climática em São Paulo (SP), 2022.

Boa parte dos debates políticos brasileiros (nem sempre os que recebem maior destaque) se refere a medidas para desenvolver a indústria e reduzir obstáculos ao crescimento econômico e, ao mesmo tempo, enfrentar a pobreza e a desigualdade. A questão é difícil porque nem sempre é possível atingir todos os objetivos simultaneamente: às vezes, grupos defendem sacrificar o crescimento em nome do combate à pobreza; às vezes, é o contrário. Cabe à população, por meio do voto, decidir qual é a melhor opção em cada momento.

Retome

1. Esse desafio se deve ao menor controle que os governos têm sobre sua economia no contexto de globalização e à necessidade de competir com países desenvolvidos.

Não escreva no livro.

1. Por que a globalização representa um desafio países como o Brasil em relação ao investimento em educação e tecnologia?

2. Quais são os principais grupos que atuam de maneira sistemática pela preservação ambiental no Brasil?

2. É possível citar as organizações não governamentais (ONGs); as comunidades tradicionais, como as indígenas e as ribeirinhas; e movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Economia internacional e política brasileira

América do Sul: índice de bons tempos econômicos – 1960-2018

R2 Editorial/Arquivo da editora

* Calculado a partir da combinação dos preços de *commodities* e das taxas de juros internacionais.

Fonte: elaborado com base em CAMPELLO, Daniela; ZUCCO, Cesar. Frustração com economia alimenta revoltas na América do Sul. *Folha de S.Paulo*, 17 nov. 2019.

Leia as respostas no Manual do Professor.

O gráfico mostra a evolução de um índice de "bons tempos econômicos", que mede o quanto a situação econômica internacional favorece a economia dos países da América do Sul. Os três períodos destacados com círculos vermelhos tracejados foram momentos em que a situação internacional não favoreceu a economia latino-americana. Observe como os períodos de queda no índice correspondem a momentos de crise política no Brasil.

No meio da década de 1960, quando a situação piora, vários países da América do Sul, como o Brasil, têm crises políticas que terminam com golpes civis-militares e a morte da democracia. As ditaduras do continente começam a cair no começo dos anos 1980, quando há uma redução acentuada do índice de bons tempos econômicos. A recém-implantada democracia brasileira herda essa situação econômica terrível e tem sérias dificuldades em seus primeiros anos.

A situação melhora nos anos 1990 e dá um salto nos anos 2000, ajudando a democracia brasileira a se consolidar nesses vinte anos. Entretanto, no começo dos anos 2010, a situação piora, e várias democracias na América Latina começam a apresentar problemas. Em 2013, o Brasil é sacudido por imensos protestos. Em 2016, a presidente Dilma Rousseff sofre *impeachment*.

No detalhe

1. Com base no gráfico, você acha que podemos dizer que a economia global influenciou a vida política brasileira nas últimas décadas? Por quê?
2. Você acha que seria correto identificar as variações da economia internacional como única explicação para esses eventos políticos?

Não escreva no livro.

Trabalhando com

notícia

Meio ambiente e sustentabilidade

Interdisciplinaridade
com Ciências da Natureza

O Brasil chega ao final de 2023 com redução do desmatamento em 22%

Um fato é consenso entre os especialistas em meio ambiente: não existe discussão sobre mudanças climáticas que não envolva o Brasil, até porque o País pode sofrer grandes impactos ou oferecer grandes soluções para o clima em função da geografia, da disponibilidade de água e da Amazônia.

O Brasil chega ao final de 2023 com a moral renovada, com a redução do desmatamento em 22% e a previsão de nova queda de emissão de gases no próximo ano. O professor Paulo Artaxo, do Instituto de Física, coordenador do Centro de Estudos Amazônia Sustentável, especialista em meio ambiente e mudanças climáticas, explica alguns desses avanços em 2023.

Entre as emissões de gases do efeito estufa no Brasil, o desmatamento da Amazônia corresponde a 51%, um tema que, no Congresso Nacional, encontra como entrave a bancada do agronegócio. Recursos do Fundo Amazônia vão ser usados para combater o crime organizado na região. O garimpo ilegal, que polui e contamina rios e peixes, é outro ponto negativo que está sendo combatido. Uma das grandes conquistas do ano de 2023 em relação ao meio ambiente, segundo Artaxo, foi a proteção dos povos originários, com a criação de um Ministério próprio.

O Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa (SEEG) mostra que a destruição dos biomas brasileiros [...] é a maior responsável pela liberação dos gases que aceleram as mudanças climáticas, tendo sido responsável, em 2022, por 48% do total, ou seja, pela emissão de mais de 1 bilhão de toneladas brutas de gás carbônico equivalente (CO_2e).

[...] A expectativa para 2024 é manter o que está sendo feito e melhorar o que foi esquecido, como, por exemplo, a eletrificação da frota de transportes nas grandes cidades. A medida deve melhorar sobremaneira a condição de vida nas metrópoles. [...]

[...] A mudança climática, em função do aquecimento global, exige novas estruturas políticas para a redução de emissões de gases. No *ranking* global, o Brasil aparece em 6º lugar como poluidor do clima, com cerca de 3% das emissões totais. As primeiras posições são ocupadas por China, Estados Unidos, Índia, Rússia e Indonésia, segundo dados mais recentes compilados pela iniciativa Climate Watch do World Resources Institute (WRI).

CAPOMACCIO, Sandra. O Brasil chega ao final de 2023 com redução do desmatamento em 22%. *Jornal da USP*, 5 jan. 2024. Disponível em: https://tedit.net/t0p06q. Acesso em: 23 jul. 2024.

Atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. De acordo com o texto, por que os especialistas em meio ambiente se preocupam com as mudanças climáticas no Brasil?
2. Parte dos debates políticos brasileiros baseiam-se em conciliar crescimento econômico e sustentabilidade ambiental. Ao ler a notícia você considera promissoras essas discussões? Por quê?

Mundo do trabalho

Fuga de cérebros

A fuga de cérebros se caracteriza pela saída de profissionais qualificados de seus países para trabalhar em outros, seja em busca de oportunidades de trabalho ou para conseguir maior qualificação.

Brasil precisa voltar a atrair profissionais

Sonho de muitos brasileiros, conquistar um diploma universitário costumava significar a entrada em posições privilegiadas no mercado de trabalho. No entanto, nos últimos anos, a valiosa graduação deixou de ser sinônimo de emprego garantido no país.

Considerando isso, em dezembro de 2022, a Fragomen, uma das maiores empresas de imigração do mundo, divulgou que o total de pedidos de vistos de emprego e residência em outro país superou o registrado em 2020, antes da pandemia do novo coronavírus.

A busca por oportunidades em países da Europa ou nos Estados Unidos levou jovens formados a aderirem ao fenômeno que especialistas classificam como "fuga de cérebros" ou *brain drain*, termo em inglês. Em linhas gerais, o fenômeno é mundial e consiste na saída de profissionais qualificados de países menos desenvolvidos em busca de melhores condições de emprego e renda. Os motivos por trás do movimento de migração variam de tempos em tempos.

PACHECO. Denis. Após recorde de fuga de cérebros, Brasil precisa voltar a atrair profissionais. *Jornal da USP*, 26 jan. 2023. Disponível em: https://tedit.net/ed0pe7. Acesso em: 24 jul. 2024.

Atividades Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Quais são os motivos para a ocorrência da "fuga de cérebros" do Brasil? O que seria preciso para reverter esse êxodo?
2. Em grupos, pesquisem instituições estrangeiras que desenvolvem pesquisas para o desenvolvimento sustentável e o meio ambiente. Em seguida, comparem-nas com instituições brasileiras que realizam pesquisas semelhantes, especialmente quanto à qualificação dos profissionais que nelas atuam.

Interdisciplinaridade
com Biologia

3. Pesquise como outros países lidaram com o fenômeno da "fuga de cérebros" e proponha soluções que poderiam ser aplicadas no Brasil para reter ou atrair talentos.

Galeria de atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Qual é o conceito de globalização para Anthony Giddens?
2. Por que, após a Segunda Guerra Mundial, houve críticas ao sistema de Westfália?
3. Por que há quem diga que a globalização levará à perda de importância dos Estados?
4. Por que os problemas ambientais enfrentados por diferentes países, inclusive o Brasil, têm sido discutidos como problemas globais?
5. Qual relação pode ser estabelecida entre a pandemia de covid-19 e a globalização?
6. Com base no texto a seguir, discuta com os colegas a noção de globalização, conforme estudado no capítulo.

Graças à televisão global, esse esporte [futebol] universalmente popular transformou-se em um complexo industrial capitalista de categoria mundial [...].

Praticamente desde que adquiriu um público de massa, esse esporte tem sido o catalisador de duas formas de identificação grupal: a focal (com o clube) e a nacional (com a seleção nacional, composta com os jogadores dos clubes). No passado, elas eram complementares, mas a transformação do futebol em um negócio mundial e sobretudo o surgimento extraordinariamente rápido de um mercado global de jogadores nas décadas de 1980 e 1990 [...] criaram uma crescente incompatibilidade entre os interesses empresariais, políticos e econômicos, nacionais e globalizados, e o sentimento popular. Essencialmente, o negócio global do futebol é dominado pelo imperialismo de umas poucas empresas capitalistas com nomes de marcas também globais [...]

[...] A lógica transnacional da empresa de negócios entrou em conflito com o futebol como expressão de identidade nacional, tanto pela tendência a favorecer torneios internacionais entre superclubes, em detrimento dos torneios tradicionais das copas e dos campeonatos nacionais, quanto porque os interesses dos superclubes competem com os das seleções nacionais, que são as portadoras de toda a carga política e emocional da identidade nacional e que têm de ser formadas por jogadores que tenham o passaporte do país [...].

HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 93-94.

7. Em seu livro *Por uma outra globalização*, o geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001) apresenta a faceta perversa da globalização, que provocou a concentração de renda, o aumento do desemprego e o crescimento das desigualdades sociais. No entanto, Santos também indica a possibilidade de estabelecer "uma outra globalização". Leia o texto a seguir e discuta suas conclusões com os colegas.

A reconstrução vertical do mundo, tal como a atual globalização perversa está realizando, pretende impor a todos os países normas comuns de existência e, se possível, ao mesmo tempo e rapidamente. Mas isto não é definitivo. A evolução que estamos entrevendo terá sua aceleração em momentos diferentes e em países diferentes, e será permitida pelo amadurecimento da crise.

Esse mundo novo anunciado não será uma construção de cima para baixo, como a que estamos hoje assistindo e deplorando, mas uma edificação cuja trajetória vai se dar de baixo para cima.

[...] a implantação de um novo modelo econômico, social e político que, a partir de uma nova distribuição dos bens e serviços, conduza à realização de uma vida coletiva solidária e, passando da escala do lugar à escala do planeta, assegure uma reforma do mundo, por intermédio de outra maneira de realizar a globalização.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 169-170.

Enem e vestibulares

1. (Enem) Saudado por centenas de militantes de movimentos sociais de 40 países, o Papa Francisco encerrou no dia 09/07/2018 o 2º Encontro Mundial dos Movimentos Populares, em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. Segundo ele, "a globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença".

Disponível em: http://cartamaior.com.br. Acesso em: 15 jul. 2015 (adaptado).

No texto há uma crítica ao seguinte aspecto do mundo globalizado: Alternativa **d**.

a) Liberdade política.
b) Mobilidade humana.
c) Conectividade cultural.
d) Disparidade econômica.
e) Complementaridade comercial.

2. (Enem)

TEXTO I

As fronteiras, ao mesmo tempo que se separam, unem e articulam, por elas passando discursos de legitimação da ordem social tanto quanto do conflito.

CUNHA, L. Terras lusitanas e gentes dos brasis: a nação e o seu retrato literário. *Revista Ciências Sociais*, n. 2, 2009.

TEXTO II

As últimas barreiras ao livre movimento do dinheiro e das mercadorias e informação que rendem dinheiro andam de mãos dadas com a pressão para cavar novos fossos e erigir novas muralhas que barrem o movimento daqueles que em consequência perdem, física ou espiritualmente, suas raízes.

BAUMAN, Z. *Globalização*: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

A ressignificação contemporânea da ideia de fronteira compreende a Alternativa **e**.

a) liberação da circulação de pessoas.
b) preponderância dos limites naturais.
c) supressão dos obstáculos aduaneiros
d) desvalorização da noção de nacionalismo.
e) seletividade dos mecanismos segregadores.

CAPÍTULO 13

A sociedade diante do Estado

A luta pela cidadania

Cidadania é a condição de ser reconhecido como membro de um grupo político e de ter os direitos e deveres associados a essa condição. Na definição da filósofa alemã Hannah Arendt, cidadania é "o direito de ter direitos".

O sociólogo inglês T. H. Marshall identificou três tipos de direitos que formaram a cidadania moderna:

- Direitos civis: aqueles que permitem ao cidadão exercer sua liberdade individual. São exemplos: o direito de acreditar na religião que quiser (ou não acreditar em nenhuma) e o direito à propriedade.
- Direitos políticos: aqueles que permitem ao cidadão participar da vida política. São exemplos: o direito ao voto, o direito de se organizar com outros cidadãos para defender propostas e o direito de ser eleito para cargos políticos.
- Direitos sociais: aqueles que garantem ao cidadão um mínimo de bem-estar econômico e uma vida digna, de acordo com o padrão do país e da época. São exemplos: o direito à educação, à saúde e à aposentadoria na velhice ou em caso de invalidez.

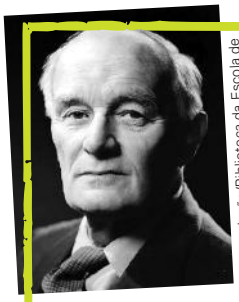
Majdi Fathi/NurPhoto/Getty Images

Refugiados palestinos alocados em Deir Al-Balha, na Faixa de Gaza, 2024. Mesmo quando são aceitos em outros países, os refugiados nem sempre têm seus direitos mais básicos garantidos.

Assim falou Thomas H. Marshall

A cidadania é um *status* concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o *status* são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao *status*. Não há nenhum princípio universal que determine o que estes direitos e obrigações serão, mas as sociedades nas quais a cidadania é uma instituição em desenvolvimento criam uma imagem de uma cidadania ideal em relação à qual a aspiração pode ser dirigida. A insistência em seguir o caminho assim determinado equivale a uma insistência por uma medida efetiva de igualdade, um enriquecimento da matéria-prima do *status* e um aumento no número daqueles a quem é conferido o *status*.

MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 76 (texto original de 1949).



Reprodução/Biblioteca da Escola de Economia e Ciências Políticas de Londres, Londres, Inglaterra.

Thomas Humphrey Marshall c. 1950.

Thomas H. Marshall (1893-1981)

O sociólogo britânico tornou-se conhecido por sua obra *Cidadania e classe social* (1950), em que contou a história da cidadania moderna, como a conquista de direitos civis, políticos e sociais nos séculos XVIII, XIX e XX, respectivamente.

A cidadania é uma condição que nos permite participar como iguais da discussão política e uma reivindicação de que todos participem do que Marshall chamou de "herança comum" da sociedade, da riqueza que ela produz e da discussão sobre os valores que a sustentam.

Assim falou André P. Rebouças

[...] ensinar o Negro Africano a agricultar: isso é o principal. [...]. É preciso que fique claro que só se pede para o Africano a mais elementar Justiça; equidade nos pagamentos de salários; e um pedaço de terra para permitir-lhe evoluir para a propriedade e para a família. Negar isso é maldade [...]

REBOUÇAS, A. Registro de Correspondência, V. IV, 28 de maio de 1892. Acervo Fundação Joaquim Nabuco. In: SOARES, A. M. P. O Negro André: a questão racial na vida e no pensamento do abolicionista André Rebouças. Plural, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 1, p. 242–269, 2017. Disponível em: https://tedit.net/f6nxb5. Acesso em: 8 set. 2024.

Reprodução/Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Retrato de André Pinto Rebouças, de Rodolfo Bernardelli, 1857 (óleo sobre tela, 48 cm × 40 cm). André Rebouças (1838-1898) participou do processo que culminou na abolição da escravatura em 1888, mas sempre lamentou a falta de medidas para dar aos negros brasileiros e africanos terras e outras condições para o exercício efetivo da cidadania.

Retome

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

Aprendemos que a cidadania é a condição de ser reconhecido por um grupo político, com os direitos e os deveres correspondentes; e que a cidadania moderna inclui direitos civis, políticos e sociais.

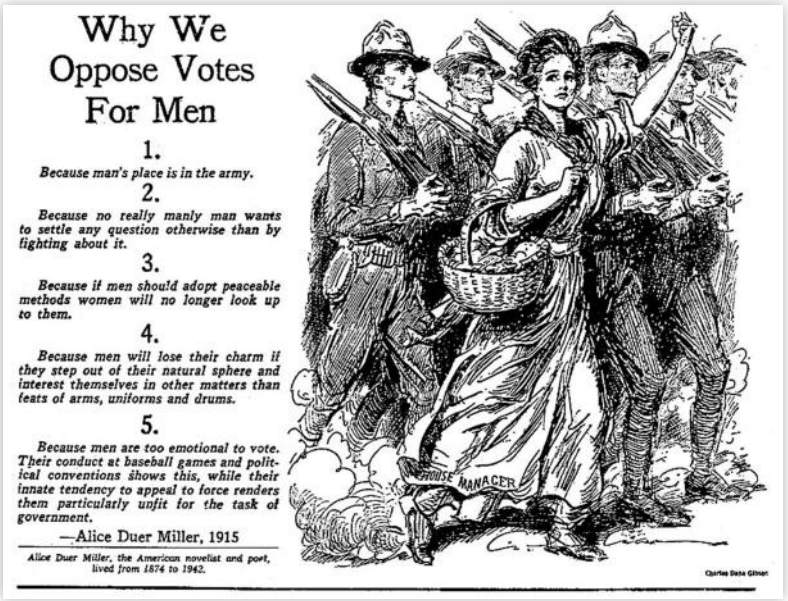
1. Você já pensou sobre algum direito que não temos hoje, mas que pode ser considerado natural em um futuro distante?
2. Quais direitos você considera ainda serem ausentes ou não respeitados o suficiente? Justifique.

Trabalhando com

panfleto

O direito ao voto feminino

Em 1915, um panfleto irônico foi distribuído nos Estados Unidos com o título: *Why We Oppose Votes For Men* (Por que nos opomos ao voto masculino). Logo abaixo, os seguintes dizeres: "1. Lugar de homem é no Exército; 2. Nenhum homem [...] desejará resolver algo se não for pela força; 3. Se os homens adotarem métodos pacíficos, as mulheres não vão mais se interessar por eles; 4. Os homens perderão seu charme se saírem de seu lugar natural e se interessarem por coisas que não envolvam fardas, tambores e armas; e 5. Os homens são emotivos demais, como se pode perceber pelo seu comportamento em eventos esportivos [...]". A ideia do panfleto não era acabar com o direito ao voto dos homens, mas demonstrar que não fazia sentido aplicar esse mesmo raciocínio sexista às mulheres, quando os homens diziam, por exemplo, que elas não deveriam participar da política porque "lugar de mulher é na cozinha".


Why We Oppose Votes For Men

1. Because man's place is in the army.
2. Because no really manly man wants to settle any question otherwise than by fighting about it.
3. Because if men should adopt peaceable methods women will no longer look up to them.
4. Because men will lose their charm if they step out of their natural sphere and interest themselves in other matters than feats of arms, uniforms and drums.
5. Because men are too emotional to vote. Their conduct at baseball games and political conventions shows this, while their innate tendency to appeal to force renders them particularly unfit for the task of government.

—Alice Duer Miller, 1915

Alice Duer Miller, the American novelist and poet, lived from 1874 to 1942.

NAWSA/Biblioteca do Congresso, Washington DC, EUA

Planfleto Why We Oppose Votes For Men (Por que nos opomos ao voto masculino) de 1915.

Essa ação faz parte de um movimento iniciado no século XIX, para organizar a luta das mulheres pelo direito ao sufrágio (direito ao voto) que lhes era negado no início das eras democráticas. Esse movimento sufragista foi grande no mundo todo e representou a primeira onda do feminismo. O primeiro país a conquistar o voto feminino foi a Nova Zelândia em 1893, depois a Inglaterra em 1918 e os Estados Unidos em 1920. No Brasil, o estado pioneiro foi o Rio Grande do Norte, que aprovou uma lei estadual garantindo o direito de voto às mulheres em 1927. No entanto, o direito ao voto feminino só passou a vigorar nacionalmente em 1932.

Atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Estabeleça uma relação entre o texto, o panfleto e a ideia dos diretos de Marshall citados no capítulo.
2. Correlacione o conceito de cidadania de Marshall visto no capítulo com o texto e o panfleto desta seção.
3. Procure saber como o movimento de direito ao voto feminino se deu no Brasil e debata com os colegas de turma sobre a participação da mulher na política brasileira hoje.

Os movimentos sociais

Chamamos de movimento social um grupo de pessoas que atuam conjuntamente para transformar algum aspecto da sociedade. Os movimentos sociais são diferentes dos partidos políticos porque não procuram, necessariamente, conquistar o controle do Estado.

Segundo o sociólogo estadunidense Charles Tilly, os movimentos sociais têm "repertórios", um conjunto de práticas utilizadas para reivindicar. No mundo contemporâneo, esse repertório inclui, entre outros recursos, campanhas na internet, protestos, passeatas e outras formas de atuação política não relacionadas à disputa pelo Estado.

Acervo Iconographia/Reminiscências

Greve dos 400 mil em São Paulo (SP), 1957. Ao redor do mundo, o movimento operário foi importante não apenas na conquista dos direitos sociais, mas também na luta pelo direito ao voto, que em muitos países era privilégio de indivíduos acima de determinados níveis de renda.

Embora não tenham, obrigatoriamente, o Estado como foco principal, os movimentos sociais exercem influência sobre ele, porque muitas de suas campanhas e protestos afetam a opinião dos eleitores. Por isso, os políticos podem levá-los em consideração.

Há vários tipos de movimentos sociais. Uma maneira de entender a diferença entre eles, proposta pela filósofa estadunidense Nancy Fraser, seria fazer a distinção entre dois tipos de luta que eles empreendem: a luta por redistribuição e a luta por reconhecimento.

Moritz Vennemann/picture-alliance/dpa/Imageplus

Nancy Fraser em 2012.

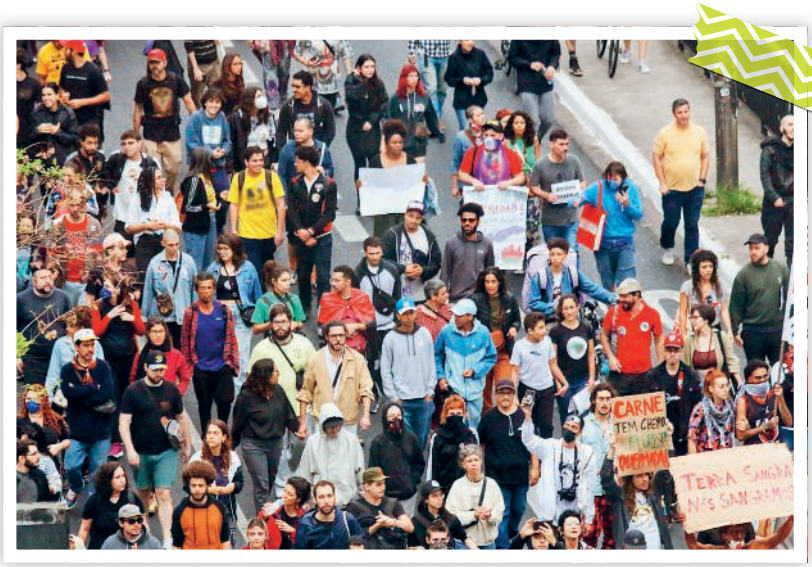
Nancy Fraser (1947-)

Filósofa filiada à escola de pensamento conhecida como Teoria Crítica. Seu trabalho tem como destaque a teoria social e a teoria feminista, com ênfase no estudo das várias dimensões da justiça. Em seus trabalhos mais recentes, dedicou-se às perspectivas da luta pela justiça na globalização.

A luta por redistribuição buscaria corrigir ou eliminar o que os membros do movimento consideram injustiças econômicas e sociais. O exemplo mais claro é a luta dos sindicatos, que buscam a redistribuição de renda por meio de salários mais altos e outros direitos sociais. No Brasil, exemplos de luta por redistribuição seriam os movimentos que reivindicam a redistribuição de terras.

Vídeo

Wagner Origenes/Ato Press/Folhapress



Manifestação pela reforma agrária em São Paulo (SP), 2024. O papel de destaque da agricultura na história e na economia brasileiras explica a importância dos movimentos pela reforma agrária.

A luta por reconhecimento, por sua vez, buscaria corrigir ou eliminar injustiças culturais, como a humilhação, o desrespeito e a negação de direitos a pessoas de determinados grupos. Um exemplo disso seria o movimento pelos direitos dos LGBTQIAPN+.

A Parada do Orgulho LGBT+ utiliza essa sigla como parte de seu nome próprio, refletindo o movimento histórico de luta pelos direitos da comunidade lésbica, *gay*, bissexual e trans. No entanto, é importante destacar que, fora desse contexto específico, a sigla mais inclusiva e amplamente utilizada hoje é LGBTQIAPN+, que também contempla pessoas *queer*, intersexuais, assexuais , pansexuais, não binárias e outras identidades de gênero e orientações sexuais. Ao manter a sigla LGBT+, a parada preserva uma tradição histórica, mas o uso mais amplo da sigla LGBTQIAPN+ é fundamental para abranger todas as vozes e vivências.

Edu Lyra/Pulsar Imagens

Parada do Orgulho LGBT+ em São Paulo (SP), 2024. Manifestações como essa reúnem diferentes entidades e pessoas que lutam por reconhecimento.

Além dos casos mais evidentes de movimentos por redistribuição e de movimentos por reconhecimento, alguns deles lutam nas duas frentes: são o que Nancy Fraser chamou de bivalentes. O movimento feminista, por exemplo, luta tanto pela igualdade salarial entre homens e mulheres (redistribuição) quanto para que as mulheres não sejam julgadas por seus corpos ou vistas como menos capazes (reconhecimento).

O caso do movimento negro é semelhante. Parte importante de sua luta é pelo fim da diferença salarial entre negros e brancos e pelo desenvolvimento de ações voltadas à redução da desigualdade social, como as cotas em universidades e concursos públicos. Outra parte envolve combater o racismo em todas as suas formas, buscando erradicar ideias preconceituosas enraizadas na sociedade. Além disso, o movimento negro luta para que a história da resistência negra seja contada nas escolas e para que a herança cultural afro-brasileira seja amplamente reconhecida, contribuindo para a superação do racismo estrutural.

A fotografia a seguir mostra um exemplo da luta do movimento negro. Rosa Parks, a mulher representada na fotografia, rebelou-se contra a legislação racista nos estados do sul dos Estados Unidos, segundo a qual passageiros negros deveriam ceder o lugar a um branco quando a seção reservada a eles estivesse lotada. No dia 1º de dezembro de 1955, Rosa Parks se recusou a fazer isso e foi presa. Isso desencadeou uma onda de protestos por todo o país. Um pouco mais de um ano depois, a Suprema Corte do país suspendeu a lei.

Underwood Archives/Getty Images

Rosa Parks em um ônibus em Montgomery, Estados Unidos, no dia 21 de dezembro de 1956, um dia depois da revogação da lei racista no país.

No detalhe

Leia a resposta no Manual do Professor.

- Analise a fotografia e reflita sobre a importância da luta pelos direitos civis e as consequências hoje em dia.

Não escreva no livro

Outro exemplo de movimento bivalente é o indígena. Parte importante da luta é pelo direito dos indígenas serem reconhecidos como tais, pelo direito de terem sua cultura aceita e de não serem forçados a se adaptar aos padrões da sociedade ocidental, pela demarcação das terras indígenas e contra o **marco temporal**.

marco temporal: critério jurídico que define a data da promulgação da Constituição de 1988 como referência para a demarcação das terras indígenas.

Evaristo Sa/AFP

Movimento indígena protesta contra o marco temporal em Brasília (DF), 2023.

Problemas da ação coletiva

Pode parecer fácil organizar um movimento social. Por exemplo, é bastante claro que as mulheres sofrem com a desigualdade de gênero em diversas situações e têm, portanto, interesses comuns. Logo, poderíamos concluir: é natural que elas se organizem para lutar por seus direitos. O mesmo poderia ser dito sobre os trabalhadores pobres, os negros, os indígenas e tantos outros grupos discriminados.

Entretanto, a ação coletiva está longe de ser simples. Diversos estudos mostram que organizar pessoas em torno de um objetivo comum pode ser difícil, mesmo quando o grupo a ser organizado constitui a maioria da população. O economista estadunidense Mancur Olson estudou vários problemas de ação coletiva, relativos a tentativas das pessoas de agirem juntas para fazer coisas que são do interesse de todos.

Por exemplo, imagine que no seu bairro é do interesse de todos fazer um protesto exigindo a instalação de água encanada pela prefeitura. Você pode pensar o seguinte: "O melhor para mim é deixar que os outros façam o protesto: prefiro fazer outra coisa nessa hora, e, quando instalarem água encanada, eu também vou me beneficiar". Mas, assim como você, muita gente pode preferir "pegar carona" no esforço político dos outros. Se todos pensarem assim, o protesto não acontecerá e ninguém conquistará água encanada para o bairro.

O problema do carona

	As outras pessoas resolvem participar	As outras pessoas resolvem não participar
Você resolve participar	O protesto acontece, e o bairro ganha água encanada.	Você perde tempo indo até onde seria o protesto, que não acontece. O bairro não ganha água encanada.
Você resolve não participar	O bairro ganha água encanada, e você não precisa perder tempo no protesto.	O protesto não acontece, o bairro não ganha água encanada, mas você não perde tempo.

Fonte: elaborado pelos autores para fins didáticos.

O quadro resume as quatro situações possíveis para o exemplo do protesto que exige que a prefeitura providencie água encanada no bairro.

Coleções Especiais da Biblioteca da Universidade de Maryland/ © Universidade de Maryland

Mancur Olson em 1984.

Mancur Olson (1932-1998)

Economista e cientista social estadunidense, apropriou-se de forma pioneira de modelos econômicos para o estudo de fenômenos sociais e políticos. Suas obras tratam de temas diversificados, como as dificuldades da ação coletiva, os bens públicos e como interesses particulares organizados podem afetar o desenvolvimento econômico. *A lógica da ação coletiva* (1965) é o primeiro e mais aclamado de seus livros.

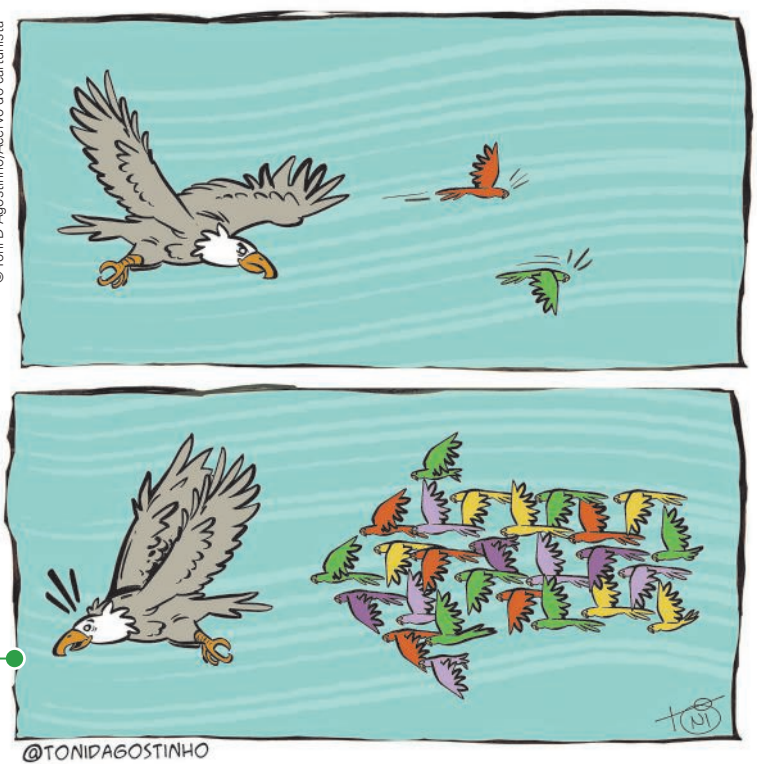
Os problemas da ação coletiva não são insuperáveis: se fossem, não existiria nenhum partido, movimento social, nem mesmo sociedade, pois todos contamos com o fato de que os outros cidadãos vão cooperar em certas coisas, como cumprir as leis ou respeitar os sinais de trânsito (a grande maioria dos cidadãos, aliás, faz essas duas coisas na maior parte do tempo).

Entretanto, cada grupo social precisa encontrar formas de resolver o problema do carona. Cada forma de resolver esse problema tem suas vantagens e riscos e é mais ou menos eficiente em cada situação.

Mancur Olson estudou também outro fenômeno importante: se é verdade que pode ser muito difícil organizar a maioria, pode ser muito fácil organizar a minoria. Ou seja, existe a possibilidade de um governo ser controlado por grupos que defendem seus próprios interesses, mesmo quando esses interesses vão contra os da população como um todo.

A charge a seguir representa um problema de ação coletiva. Analise-a.

© Toni D'Agostinho/Acervo do cartunista



Charge de Toni D'Agostinho, 2024. Se os pássaros pequenos se organizarem (como acontece na charge), vencerão o pássaro grande, mas, se permanecerem desorganizados, serão vencidos por ele.

No detalhe

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Com base na reflexão que a charge sugere, que importância você atribui à organização coletiva?
2. Você já precisou se organizar coletivamente para alguma atividade? Em caso afirmativo, qual?

Não escreva no livro

É bem mais fácil organizar um grupo quando o número de pessoas é pequeno e quando seus membros só recebem benefícios se participarem da ação coletiva, isto é, se for impossível utilizar a estratégia do carona. No exemplo apresentado no quadro "O problema do carona", isso ocorreria se fosse possível conseguir água encanada apenas para as pessoas que participassem do protesto.

É por isso que, mesmo em uma democracia, muitas vezes os interesses de grupos particulares vencem o interesse da maioria.

Organizar a maioria pelo interesse geral é difícil; organizar um grupo particular para obter privilégios é mais fácil.

É fácil para um pequeno grupo de empresas se organizar para lutar pelo direito de lucrar poluindo o meio ambiente. É bem mais difícil organizar os milhões de cidadãos que vão respirar um ar mais poluído por causa disso.

Quando grupos particulares adquirem controle do governo e atuam contrariamente ao interesse da população, dizemos que houve captura do Estado. Só uma sociedade civil ativa e vigilante pode combater a captura do Estado por grupos particulares.

Anderson Barbosa/Fotoarena

Manifestantes em apoio a Lei de Cotas em São Paulo (SP), 2012. A mobilização reflete a luta contínua por igualdade de oportunidades e justiça social no Brasil.

Retome

Não escreva no livro

É difícil organizar pessoas para lutar por interesses comuns. Por isso, pequenos grupos organizados são mais poderosos que maiorias desorganizadas.

1. Procure e indique exemplos que justificam as afirmações anteriores.
2. Que situações acontecem no lugar em que você vive e que lhe causam incômodo? Você se mobiliza para alterá-las?
3. Com base nas respostas anteriores, reflita sobre suas ações. Você deixa acontecer problemas pelo fato de outras pessoas não se organizarem?

1. Oriente os estudantes a procurarem notícias sobre movimentos sociais e políticos e os agentes envolvidos. Entre os exemplos, podem-se citar os indígenas, que lutam pela demarcação de terras e contra a a autorização de garimpos em seu território.

2. Resposta pessoal. Convide os estudantes a refletir sobre suas experiências pessoais. Os exemplos não precisam se referir necessariamente a manifestações de cunho político ou religioso, podendo incluir atividades sociais variadas.

3. Resposta pessoal. Oriente os estudantes a refletir sobre ações que devem tomar para reverter a situação.

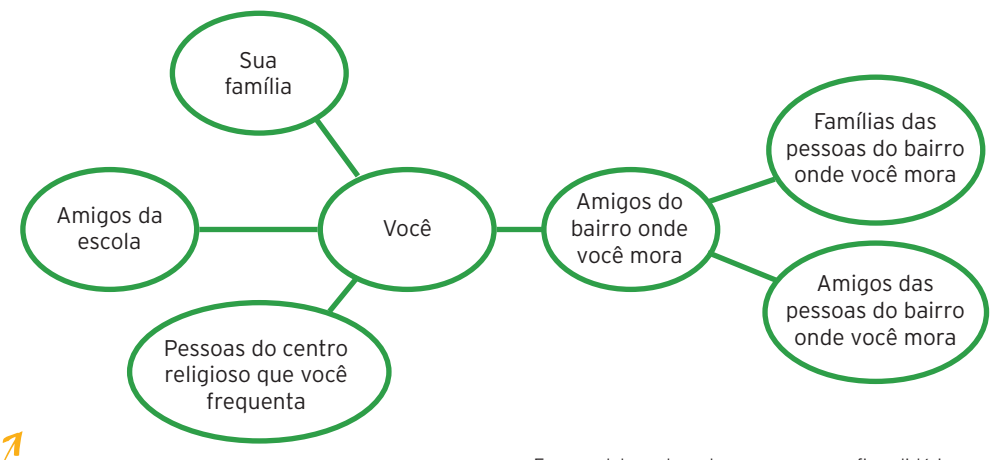
Capital social e participação cívica

Se é verdade que as minorias organizadas podem dominar as maiorias, de que adiantaria buscar organizar-se coletivamente? Não seria melhor que cada cidadão cuidasse apenas dos próprios problemas?

Tudo indica que não. Se isso fosse verdade, os países onde a população participa menos da vida social, onde cada um cuida apenas dos seus próprios problemas, seriam os mais prósperos e bem organizados, mas as pesquisas indicam exatamente o contrário.

Segundo o cientista político estadunidense Robert Putnam, regiões com altos níveis de participação social teriam mais prosperidade econômica, maior respeito à lei e menos corrupção. A participação **cívica** descrita por Putnam não inclui apenas participar de movimentos sociais: inclui também frequentar igrejas, clubes de futebol, grupos de coral, associações de bairro, associações de pais e qualquer atividade que leve a pessoa a se organizar em conjunto com outros cidadãos.

Por que ocorreriam as situações descritas por Putnam? Embora não se tenha chegado a uma conclusão, há sinais de que a participação cívica é parte importante do que sociólogos, cientistas políticos e economistas chamam de capital social. Capital social é o conjunto de regras, redes de contatos pessoais (amigos, família, grupos de convivência) e relações de confiança que ajuda os cidadãos a superar os problemas de ação coletiva. Analise o esquema a seguir.



Fonte: elaborado pelos autores para fins didáticos

O esquema apresenta um exemplo de uma rede de relacionamentos ou rede social. Você talvez conheça o termo "rede social" relacionado à internet. As redes sociais têm uma estrutura como a da figura: você tem seus amigos, seus amigos têm os amigos deles, etc. As redes de relacionamentos da internet costumam sugerir que você se torne amigo dos amigos dos seus amigos, por exemplo, copiando o que acontece na vida cotidiana. Os cientistas sociais cada vez mais estudam as redes sociais (da vida real e da internet) para descobrir de que modo elas afetam a vida das pessoas.

cívica: relativa ao cidadão como integrante de um Estado.

Cristian Mihaila/Alamy/Fotoarena

Robert Putnam em 2012.

Robert Putnam (1941-)

Cientista político e um dos grandes disseminadores do conceito de capital social, especialmente a partir de seu clássico trabalho *Making Democracy Work* (1993). Posteriormente, identificou um preocupante declínio na frequência com que os estadunidenses participam de associações e atividades comunitárias.

De que modo a confiança, por exemplo, favoreceria a ação em grupo? Lembre-se do problema do carona: se cada um achar que o outro é um carona, nunca nos organizaremos para fazer nada. Mas, se tivermos confiança uns nos outros, é provável que nos organizemos para lutar por nossos direitos, para que nossos filhos tenham boas escolas ou para que nosso bairro receba mais atenção das autoridades. Por outro lado, a confiança seria reforçada pela participação em atividades sociais. Analisemos um exemplo.

Imagine dois comerciantes que nunca se viram na vida e nunca mais se verão depois de fechar um negócio. Imagine que um deles não conhece ninguém que o outro conhece. Se um deles quiser ser desonesto (por exemplo, entregando mercadoria de baixa qualidade), ao outro só restará entrar na justiça contra ele. Vale ressaltar que processos judiciais levam tempo e custam dinheiro.

Por outro lado, se os dois comerciantes frequentarem a mesma igreja, o mesmo terreiro, a mesma associação de moradores, o mesmo grupo que joga futebol todo sábado ou o mesmo sindicato, o preço da desonestidade passa a ser maior. O desonesto pode ter de enfrentar a reprovação das outras pessoas nesses grupos. Sua fama de desonesto pode fazer com que muitas delas desistam de fechar negócio com ele. Ou seja, a participação na vida social diminui o incentivo para determinadas práticas.

No entanto, o capital social tem dois lados. Por exemplo: é bom que os estudantes de uma turma sejam amigos próximos, mas é ruim quando alguém, por algum motivo, acaba sendo excluído da turma. Políticos e empresários que frequentam os mesmos clubes, as mesmas festas, as mesmas associações comerciais podem ter mais facilidade de fechar negócios ilegais entre si.

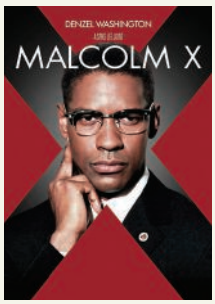
Chico Ferreira/Pulsar Imagens

Crianças jogando futebol no campo da comunidade Morro do Salgueiro no Rio de Janeiro (RJ), 2023. Os espaços de práticas esportivas são pontos de encontro dos moradores de um mesmo bairro ou de bairros próximos, constituindo importantes centros de produção de capital social.

Se essa suposição for válida, a situação atual é preocupante. Os estudos de Putnam mostraram que estados estadunidenses com mais participação cívica têm menos criminalidade e menos sonegação de impostos. Entretanto, Putnam descobriu que, tanto nos Estados Unidos como em outros países, as pessoas cada vez menos participam de movimentos sociais, reúnem-se com amigos para praticar esportes, frequentam igrejas, etc.

No entanto, mesmo que a participação cívica esteja diminuindo, ela ainda é fundamental e, em muitos casos, efetiva para a mudança social. Um exemplo disso é o movimento Black Lives Matter (BLM), criado em 2013 nos Estados Unidos após a absolvição de George Zimmerman, acusado de matar o adolescente negro Trayvon Martin. O movimento ganhou destaque internacional em 2020 após a morte de George Floyd, um homem negro assassinado por um policial, o que desencadeou uma onda de manifestações em várias partes do mundo, reforçando a importância da luta pela igualdade racial e justiça social. Por meio de protestos, campanhas nas redes sociais e ações comunitárias, o BLM demonstra a importância da participação cívica na promoção de mudanças sociais.

Favoritos



Reprodução/Spike Lee/Fox Film do Brasil

Malcolm X. Estados Unidos, 1992. Direção: Spike Lee (192 min).

O filme conta a história de Malcolm X, importante representante na luta pela igualdade racial nos Estados Unidos. O ativista também foi um grande articulador da participação cívica da população negra no país.

Samuel Corum/Getty Images/AFP

Omar Haj Kadour/AFP

Na fotografia 1, manifestação de ativistas do movimento Black Lives Matter em Washington (DC), nos Estados Unidos, 2020. Na fotografia 2, grafite em homenagem a George Floyd feito por Aziz Asmar e Anis Hamdoun em Binnish, na Síria, 2020. O engajamento ativo dos indivíduos em diversas formas de participação cívica, como demonstrado pelo BLM, tem potencial de alcançar diferentes partes do mundo e é crucial para pressionar governos e instituições a adotarem políticas mais justas e inclusivas.

Mundo digital

Interdisciplinaridade
com Língua Portuguesa

Participação política digital

O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) possibilitaram o surgimento da participação política digital, que usa recursos tecnológicos, como Inteligência Artificial e as redes sociais, para fomentar o engajamento da população na política.

Leia o texto e, em seguida, responda às perguntas.

Inovações tecnológicas permitem maior participação política?

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) [...] permitiram mudanças sociais profundas [...]. Porém, essas tecnologias não são neutras.

[...] as TICs permitiram uma difusão acelerada e deliberada de informações falsas (*fake news*) em dimensões assustadoras, por meio de redes sociais e também de contas autônomas programadas (conhecidas por *bots*) para espalhar mensagens, manipulando a opinião pública.

[...] No entanto, olhando para os aspectos positivos, Archon Fung, da Universidade de Harvard, propõe que as TICs interferem na dinâmica democrática de diversas maneiras, por exemplo, ao:

- acelerar o fluxo das comunicações, possibilitando a comunicação de muitos para muitos e diminuindo o custo de aquisição de informações [...] (empoderamento da esfera pública);
- reduzir os custos de organização [...] (transformação da governança democrática);
- criar conexões diretas entre cidadãos, por um lado, e políticos e formuladores de políticas, por outro (democracia digital direta e participativa);
- reunir grande quantidade de dados e informações sobre assuntos de interesse público [...] (*truth-based advocacy*); [...]

A e-democracia – também conhecida por *internet democracy* ou democracia digital – pressupõe a utilização das TICs para aprimorar a participação política, principalmente ao possibilitar um envolvimento crescente da população em conjunto com uma ampla "declaração de vontades".

CHIARINI, Tulio; SILVA, Victo. Inovações tecnológicas permitem maior participação política? *IPEA*, 23 jun. 2021. Disponível em: https://tedit.net/8c3izh. Acesso em: 7 set. 2024.

Atividades Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. O texto afirma que as TICs não são neutras. Justifique essa afirmativa com informações do texto.
2. Que resposta você daria à pergunta proposta no título do texto? Justifique sua resposta.
3. Agora, você e os colegas produzirão um guia digital que apresente à população o conceito de e-democracia e como as TICs podem ser utilizadas para promover e aprimorar a participação política digital. Façam uma pesquisa em *sites*, plataformas, aplicativos e redes sociais que podem ser usadas como meio de participação política e apresentem formas de como essa participação pode ser desenvolvida. Com base na pesquisa, elaborem o guia para ser publicado em um *blog* da turma.

A sociedade civil

Neste capítulo discutimos vários aspectos da política moderna que não se confundem com o Estado. Não falamos de partidos, que buscam conquistar o poder de Estado, ou das relações entre Estados, que caracterizam a diplomacia internacional.

Nosso foco foi outro: a sociedade civil, que compreende o conjunto de associações, movimentos, universidades, entidades de classe, instituições religiosas e científicas que não fazem parte do Estado no sentido weberiano (o Estado como coerção, como violência), mas que influenciam decisivamente a vida política.

Diversos autores, de diferentes tradições políticas e teóricas, perceberam a importância da sociedade civil (embora nem sempre usassem essa expressão).

Por exemplo, no século XIX, o liberal Alexis de Tocqueville (1805-1859) notou a grande importância que as associações de cidadãos tinham no funcionamento da sociedade. O trabalho de Tocqueville é uma das inspirações da reflexão de Robert Putnam sobre capital social. O conceito ganhou nova importância no século XX, quando o marxista Antonio Gramsci mostrou que as lutas dentro da sociedade civil podem ser tão ou mais decisivas quanto o que acontece nas eleições, no Congresso Nacional, na Presidência da República, no Exército, na administração pública, enfim, no que normalmente consideramos o Estado.

Afinal, a política não é apenas uma luta para saber quem serão os governantes. É também uma luta para definir em que direção a sociedade seguirá, e cada grupo social tem uma posição sobre isso: quais leis devem ser alteradas, quais grupos devem ser favorecidos, quais ideias devem prevalecer, etc. Em outras palavras: cada grupo tem uma ideia de como a sociedade deve ser, e é por isso que busca conquistar o poder político.

Carmen Abd Ali/AFP

Manifestação contra a violência cometida contra as mulheres em Dacar, Senegal, 2021.

O Estado, no sentido weberiano de monopólio da violência legítima, é apenas um dos pontos em disputa na luta política. É perfeitamente possível, na sociedade moderna, que alguém conquiste o Estado, mas tenha, de fato, muito pouco poder, se não tiver aliados na sociedade civil, no empresariado, nos sindicatos, nas igrejas, etc. Por exemplo, se quem ganhou as eleições não for capaz de fazer alianças com classes sociais, partidos e movimentos sociais poderosos, poderá encontrar dificuldades para governar.

Da mesma forma que um grupo pode conquistar o Estado sem, por isso, tornar-se muito poderoso, outros grupos podem ser muito poderosos sem nunca conquistar, por exemplo, a Presidência da República. Basta que sejam capazes de influenciar o debate de ideias ou liderar classes sociais e outros grupos importantes. Se conseguirem fazê-lo, acabarão forçando o governante a levar seu ponto de vista em consideração.

Arquivo/Estadão conteúdo

Ato religioso realizado em São Paulo (SP) em 1975, após o assassinato do jornalista Vladimir Herzog pela ditadura civil-militar brasileira. Esse protesto reuniu líderes de várias religiões, bem como membros de entidades da sociedade civil. Com atos como esse, a sociedade civil brasileira minou a legitimidade do regime civil-militar e contribuiu para a volta da democracia.

Bettmann Archive/Getty Images

Na Revolução Russa de 1917, um partido político relativamente pequeno, o bolchevique, conquistou o comando do Estado. O regime czarista, derrubado pela revolução, reprimia intensamente a sociedade civil, impedindo que ela se desenvolvesse. Dessa forma, os bolcheviques encontraram pouca resistência para implementar seu programa socialista. Se a sociedade civil fosse mais organizada na Rússia, o processo de transformação teria sido muito mais complexo, tanto na luta pelo Estado quanto na luta de ideias. Na fotografia, o líder bolchevique Lenin discursa em Moscou, na Rússia, em 1919.

Para Gramsci, as disputas entre valores e os debates de ideias seriam fundamentais para determinar quem vai liderar o projeto que será seguido em uma sociedade – isto é, para determinar quem terá hegemonia.

Por esse motivo, as instituições em que os valores são discutidos e as ideias debatidas são muito importantes para o estudo da política moderna. As universidades, as igrejas, os meios de comunicação, a arte não são feitos apenas para fazer política. Mas as ideias que produzem podem ter profundos efeitos políticos, pois influenciam os valores e as preferências das pessoas. Dessa forma, influenciam o que os governados exigirão dos governantes.

O mérito de Gramsci foi enfatizar como o que acontece na sociedade civil é decisivo para a vida social e para o que acontece no Estado, no sentido weberiano do termo. Autores mais recentes, como Jürgen Habermas, Andrew Arato e Jean Cohen, enfatizam uma questão importante: a sociedade civil deve ser um lugar onde os cidadãos podem discutir seus problemas comuns com alguma liberdade diante do dinheiro e do poder.

Domicio Pinheiro/Estadão conteúdo

Marcha da Família com Deus pela Liberdade, na região central de São Paulo (SP), 1964. As marchas foram realizadas em oposição às reformas de base anunciadas pelo então presidente João Goulart. Essa série de manifestações teve um forte apelo conservador, com o apoio de setores da sociedade civil, militares e religiosos.

Janine Schmitz/Photothek/Getty Images

Jürgen Habermas em 2018.

Jürgen Habermas (1929-)

Filósofo e sociólogo alemão, Habermas é um dos filósofos de maior influência internacional na atualidade. Sua teoria da ação comunicativa, é uma das principais contribuições contemporâneas à Filosofia. Suas obras mais importantes são: *Técnica e ciência como ideologia* (1987), *Teoria do agir comunicativo* (1981) e *Discurso filosófico da modernidade* (2000).

Essa liberdade nunca será total, longe disso: os ricos e os poderosos sempre podem ter mais recursos para influenciar a discussão pública. Mas quanto melhor funcionar a democracia, quanto mais os cidadãos permanecerem participativos, maior será o espaço para uma discussão verdadeiramente pública.

Galeria de atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Quais são os tipos de direito descritos por T. H. Marshall? Dê exemplos.

2. Explique a diferença entre luta por redistribuição e por reconhecimento.

3. O que é o capital social?

4. Leia um trecho do conto "Maria", de Conceição Evaristo.

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. [...]

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014, p. 39.

- Se Maria decidisse lutar para combater os problemas descritos no texto, seria uma luta por redistribuição, reconhecimento, ou ambos?

5. O sociólogo Wolfgang Streeck (1946-) preocupa-se com a maneira como as pessoas discutem a política como se estivessem falando de produtos. Ele expôs o seguinte raciocínio:

[...] o papel de cidadão exige uma disposição disciplinada de aceitar decisões às quais inicialmente nos opusemos, ou que são contrárias aos nossos próprios interesses. [...] falta de encaixe perfeito com as preferências individuais deve ser compensada pela satisfação cívica com o fato de que os resultados foram alcançados por meio de um processo democrático legítimo. [...]

[...] ao contrário do consumo, a cidadania exige que cada um apoie a comunidade como um todo, em especial pagando impostos, que podem ser usados por um governo legalmente constituído [...]. Isso contrasta com a compra de bens ou serviços específicos, pelos quais a pessoa paga, um de cada vez, preços de mercado. [...]

Isso implica que, na medida em que os mercados modernos de bens de consumo se tornam um modelo geral para a satisfação das necessidades sociais, e os cidadãos começam a esperar das autoridades públicas o mesmo tipo de resposta individualizada que se acostumaram a receber das empresas privadas, eles vão se decepcionar [...].

STREECK, Wolfgang. O cidadão como consumidor: *Piauí*, Rio de Janeiro, ed. 79, abr. 2013. Disponível em: https://tedit.net/1hfqbe. Acesso em: 8 set. 2024.

- Com base nessa reflexão, responda: É correto pensar em nossas escolhas políticas da mesma maneira como pensamos nos produtos que desejamos comprar? Por quê?

Reprodução/Pallas Editora

Reprodução da capa do livro *Olhos d'água* (2014) de Conceição Evaristo. A obra conta com 15 contos, entre eles, "Maria".

Enem e vestibulares

1. (UEM-PR)

Sobre os movimentos sociais, assinale o que for correto. Resposta: 04, 08, 16.

(01) Eles se organizam por princípios racionais e legais, portanto não incorporam demandas de ordem religiosa ou afetiva.

(02) A organização de movimentos sociais indica uma ruptura da ordem social.

(04) Os movimentos sociais revolucionários têm por objetivo promover uma reorganização radical da sociedade.

(08) Eles podem ser organizados como forma de reação a ideais progressistas.

(16) A luta pela terra é um movimento social tradicional da sociedade brasileira e se mantém por conta da concentração das propriedades rurais na mão de poucos proprietários.

2. (Enem)

A comunidade de Mumbuca, em Minas Gerais, tem uma organização coletiva de tal forma expressiva que coopera para o abastecimento de mantimentos da cidade do Jequitinhonha, o que pode ser atestado pela feira aos sábados. Em Campinho da Independência, no Rio de Janeiro, o artesanato local encanta os frequentadores do litoral sul do estado, além do restaurante quilombola que atende aos turistas.

ALMEIDA, A. W. B. (org.). *Cadernos de debates nova cartografia social*: Territórios quilombolas e conflitos. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; UEA Edições, 2010 (adaptado).

No texto, as estratégias territoriais dos grupos de remanescentes de quilombo visam garantir: Alternativa **c**.

a) Perdão de dívidas fiscais.

b) Reserva de mercado local.

c) Inserção econômica regional.

d) Protecionismo comercial tarifário.

e) Benefícios assistenciais públicos.

3. (UEM-PR)

"Ao estudar essa nova configuração da cidadania, o sociólogo Thomas Humphrey Marshall (1893-1981) afirma que a cidadania não nasce acabada: trata-se de uma construção pela adição gradativa de novos direitos, conquistados por diferentes atores sociais, ao longo da formação da sociedade capitalista."

(ARAÚJO, S. M.; BRIDI, M. A.; MOTIM, B. L. Sociologia. São Paulo: Scipione, 2013, p. 174).

Resposta: 01, 02, 04.

Considerando o trecho acima e as relações entre cidadania e democracia, assinale o que for correto.

(01) Nas sociedades democráticas, o voto é o meio legítimo de alcançar o poder, e o processo eleitoral é a forma racional legal de disputa por representação.

(02) A redução da miséria, a ampliação do acesso à educação, a garantia no fornecimento de infraestrutura básica, como moradia, eletricidade e água tratada, são ações políticas que ampliam os direitos de cidadania.

(04) O reconhecimento dos direitos humanos, atribuídos aos indivíduos independentemente de sua etnia, de seu gênero ou de sua idade, é um dos princípios das atuais democracias.

(08) A cidadania se refere a um ideal normativo de organização política, e não a práticas e a formas específicas de ação na vida pública.

(16) Os movimentos sociais, os protestos nas ruas e outras formas de organização ou de manifestação da sociedade civil indicam a falência da vida democrática.

Debate plural

Protestos e manifestações populares

No ano de 2013, ocorreram no Brasil grandes manifestações populares que tomaram as principais cidades do país. O movimento começou em São Paulo, com as mobilizações contra o aumento do valor das tarifas de ônibus, e em seguida foi incorporando demandas de diversos outros grupos e lugares do país. Por seu tamanho e capacidade de mobilização, essas ondas de protestos geraram diversas análises e reflexões.

Como surgem os protestos e o que leva a população de um país a se manifestar?

Leia os trechos dos textos a seguir e depois faça o que se pede.

Texto 1 A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais

Em junho de 2013, ocorreu, em 12 capitais brasileiras e em várias outras cidades de médio porte, uma onda de manifestações populares que reuniu mais de um milhão de pessoas [...] Os protestos rapidamente se espalharam e se transformaram em revolta popular de massa. Os movimentos foram denominados pela mídia e outros como "manifestações". De fato, eles foram, na maioria das vezes, manifestações que expressam estados de indignação face à conjuntura política nacional. As mobilizações adquiriram, nesses eventos, um caráter de movimento de massa, de protesto, de revolta coletiva, aglutinando a indignação de diferentes classes e camadas sociais, predominando a classe média propriamente dita, e diferentes faixas etárias, destacando-se os jovens. [...]

[...] Por que uma grande massa da população aderiu aos protestos em Junho de 2013? Existem múltiplas respostas que podem ser resumidas num grande foco: aderiram porque se identificaram com os manifestantes da primeira hora. Aderiram porque estavam atentos ao cenário nacional e se sentiam não representados ("não nos representam" foi o dizer de um dos cartazes bastante comum), sem canais de expressão e, nesses momentos, o protesto explode. Sentiam-se detentores de direitos no papel, na lei, mas não na prática (tais como: ser bem atendido, na hora que necessita do sistema público de saúde como um cidadão, segundo preconiza a lei; ter uma escola com ensino de qualidade etc.). Com as manifestações, esses cidadãos-consumidores constituíram-se em sujeitos de direitos no espaço público, como forma de expressar suas exigências e sua existência. [...]

GOHN, Maria da G. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. *Cad. CRH* 27 (71). Ago. 2014. Disponível em: https://tedit.net/sqsjq8. Acesso em: 8 set. 2024.

O trecho do texto a seguir trata de uma análise de Joana Salém Vasconcelos, doutora em História Econômica.

Texto 2 Jornadas de junho

Nenhuma explicação sobre junho de 2013 é simples. A situação era cheia de contradições e tensões difíceis de decifrar.

Serviço de Comunicação Social: Quais eram as reivindicações dessas manifestações?

Joana Salém Vasconcelos: O lugar do transporte público na vida social urbana é fundamental para explicar a reivindicação primordial de junho de 2013. A questão da mobilidade urbana foi o gatilho para uma despressurização geral, uma explosão de mal-estar com muitas camadas. Os estudiosos das cidades explicam que o tempo do "ir e vir", considerado às vezes como um "entre lugar" na vida cotidiana, na verdade é absolutamente central para viabilizar os fundamentos da vida dos trabalhadores. Em 2013, o transporte era gerador de mal-estar nas grandes cidades (ônibus cada vez mais lotados, 2 a 5 horas de deslocamento diário), e além de tudo ia ficar mais caro. [...] A vitalidade estudantil dos primeiros dias de junho e a subsequente repressão policial catalisou um sentimento generalizado de injustiça que estava enraizado no cotidiano popular. O transporte foi o ponto sensível e universal que deu origem à explosão. Mas ele só explica o começo.

Numa primeira etapa, a reivindicação era efetivamente os 20 centavos – até no máximo o passe livre. Só que a tarifa foi como a ponta do iceberg. Depois que a revolta popular foi vitoriosa e barrou o aumento do transporte em todo Brasil, as manifestações cresceram em vez de refluir – o que foi contraintuitivo, porque depois de vitórias tão importantes como essa, estávamos habituados ao refluxo. "Não é só por 20 centavos", passaram a dizer os cartazes.

TOQUETTI, Gabriela F. Jornadas de junho. *Hoje na História*, 30 jun. 2023. Disponível em: https://tedit.net/eodkq3 . Acesso em: 9 set. 2024.

Miguel Schincariol/AFP

Manifestação das jornadas de junho na Praça da Sé, em São Paulo (SP), 2013.

Atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Considerando o que você leu, escreva como surgiram os protestos das Jornadas de Junho de 2013 e o que levou a população a se manifestar.
2. Em duplas, pesquisem movimentos da sociedade civil que ocorreram no Brasil na última década e que tenham surtido algum resultado para a vida política. Em seguida, escrevam um texto dissertativo a respeito, levando em consideração o que foi tratado sobre o assunto no capítulo. Debatam os resultados com a turma.

UNIDADE 6

Ciência Política no espaço e no tempo

Indígenas em assembleia que discute a representatividade dos povos originários no Senado. Brasília (DF), 2024.

Nesta unidade, aprofundaremos as discussões da unidade anterior com um olhar mais aproximado, em dois sentidos: no espaço e no tempo. Vamos conhecer um pouco do que a Ciência Política nos diz sobre a política brasileira. Não se trata de indicar qual opinião política você deve ter, mas sim de explicar alguns resultados de pesquisas feitas por cientistas políticos brasileiros, que podem te ajudar a chegar às suas próprias conclusões.

WILTON JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. O que você sugeriria como assuntos para os cientistas políticos brasileiros estudarem? Cite um assunto inspirado no que estudamos na unidade anterior, isto é, na aplicação do que já aprendemos à realidade brasileira, e um assunto que ainda não tratamos neste livro.

2. Cite duas palavras que lhe vêm à cabeça quando você pensa em política brasileira, e justifique suas escolhas.

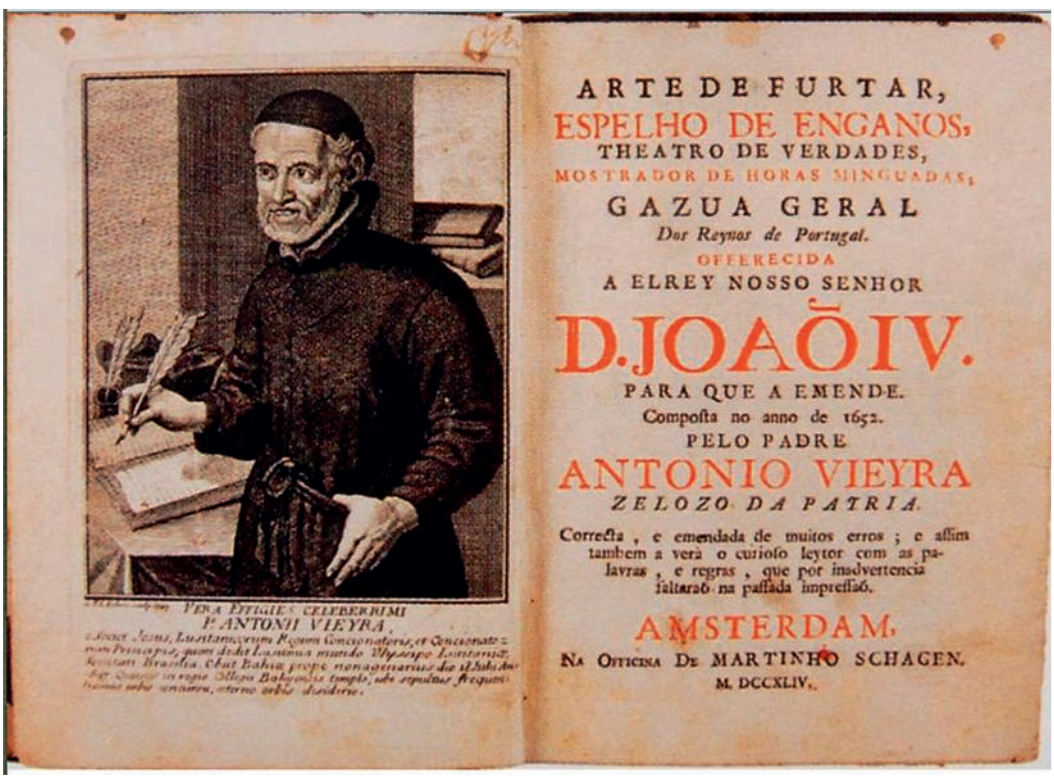
CAPÍTULO 14

A política no Brasil

Estado e cidadania no Brasil

O período colonial deixou diversas heranças que prejudicaram a construção da cidadania após a Independência do Brasil, como a escravidão, que manteve grande parte da população privada de direitos, e o Estado patrimonialista, que herdamos dos portugueses.

Em um Estado patrimonialista, em vez de exigir direitos para todos, os grupos, as classes e os indivíduos apoiam o governo em troca de favores pessoais; a relação entre governo e sociedade é marcada pela confusão entre o público e o privado. Esse modelo cria um cenário de desconfiança da população nas instituições governamentais, fator que também explica a dificuldade no desenvolvimento de uma cidadania ativa. Porém, ao longo da história, houve movimentos significativos em que a população lutou por direitos e na defesa da cidadania.


VERA EFFIGIES CELEBERRIMI P. ANTONII VIEYRA,

ARTE DE FURTAR,
ESPELHO DE ENGANOS,
THEATRO DE VERDADES,
MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS,
GAZUA GERAL
Dos Reynos de Portugal.
OFFERECIDA
A ELREY NOSSO SENHOR
D. JOAÕ IV.
PARA QUE A EMENDE.
Composta no anno de 1652.
PELO PADRE
ANTONIO VIEYRA
ZELOZO DA PATRIA.
Correcta, e emendada de muitos erros; e assim tambem a verà o curioso leytor com as palavras, e regras, que por inadvertencia faltarão na passada impressão.
AMSTERDAM,
Na Officina De MARTINHO SCHAGEN.
M. DCCXLIV.

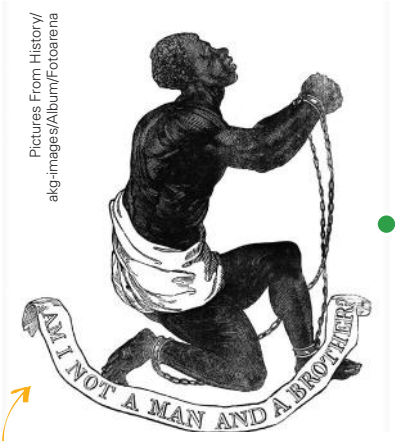
Reprodução/Coleção particular

Frontispício de edição de 1744 da obra *A arte de furtar*, de autoria atribuída por alguns ao padre Antônio Vieira (1608-1697) e, por outros, ao padre Manuel da Costa (1601-1667), ambos jesuítas portugueses que viveram no Brasil colonial.
O livro trata, com muito humor, das práticas corruptas da administração colonial.

A busca pela cidadania no Brasil

O abolicionismo foi o primeiro grande movimento social brasileiro. Com a abolição da escravidão, em 1888, os ex-escravizados passaram a ter, ao menos, o mínimo de direitos civis. Entretanto, não receberam educação nem terra, o que dificultou sua inserção na economia nacional.

Com a República, em 1889, parte do poder passou do governo central para os estados, e as mesmas oligarquias continuaram mandando. As eleições, que já existiam no Império, continuaram fraudadas, de modo que não é possível falar de progresso dos direitos políticos. Os direitos sociais mal apareciam no discurso oficial.



Pictures From History/akg-images/Album/Fotoarena

Gravura (29,9 cm × 50,5 cm) que reproduz um medalhão elaborado em 1787 pelo abolicionista inglês Josiah Wedgwood (1730-1795), avô de Charles Darwin, criador da teoria da evolução das espécies. A inscrição diz: "Não sou eu um homem e um irmão?". O abolicionismo foi um movimento social mundial.

No detalhe

- Considerando a gravura e as informações da legenda, o que se pode dizer sobre o ano em que o Brasil aboliu a escravidão?

Não escreva no livro

Leia a resposta no Manual do Professor.

A Revolução de 1930 foi um divisor de águas na história da conquista de direitos no Brasil. Houve avanços políticos importantes, como o direito do voto feminino, conquistado em 1932. Porém, em 1937, teve início a ditadura do Estado Novo, que reverteu as conquistas democráticas.

Reprodução/Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Primeiras eleitoras do Brasil em Natal (RN), 1928. As mulheres potiguares foram as primeiras a conquistar o direito ao voto no Brasil: participaram das eleições municipais de 1928, com destaque para Celina Guimarães Viana, a primeira mulher a votar no país. Contudo, seus votos foram anulados, pois o Senado Federal não reconheceu o direito de voto das mulheres.

Favoritos

Reprodução/Editora Vermelho Marinho

Os Bruzundangas. Lima Barreto. São Paulo: Ática, 2019.

Ao descrever, com fina ironia, o país dos Bruzundangas, Lima Barreto faz críticas pesadas à situação política e social do Brasil no início do século XX. No capítulo sobre as eleições, é possível entender como elas eram constantemente fraudadas nesse período. Essa é uma obra clássica de um dos grandes escritores brasileiros.

O grande progresso da cidadania entre 1930 e 1945 aconteceu no âmbito dos direitos sociais: o Brasil passou a ter uma legislação trabalhista, salário mínimo e regulamentação das horas de trabalho, do trabalho feminino, do trabalho infantil e da previdência social. No entanto, esses direitos não se estenderam aos trabalhadores rurais, mostrando o poder que os grandes fazendeiros ainda tinham.

Para José Murilo de Carvalho, a conquista dos direitos sociais antes dos direitos políticos e dos civis teria consequências importantes, como o reforço da ideia de que a população poderia, no máximo, esperar que o Poder Executivo (o presidente da República) lhe "desse" direitos. Essa impressão teria sido ressaltada pelo fato de que, no primeiro período democrático brasileiro (1945 a 1964), apesar de os brasileiros terem conquistado significativos direitos políticos, houve pouco progresso nos direitos sociais. Também é importante notar que, entre 1945 e 1964, o direito ao voto não se estendia aos analfabetos, que eram a maioria da população brasileira.

Assim falou **José Murilo de Carvalho**

> [...] a frágil democracia brasileira precisa de tempo. Quanto mais tempo ela sobreviver, maior será a probabilidade de fazer as correções necessárias nos mecanismos políticos e de se consolidar. Sua consolidação nos países que são hoje considerados democráticos, incluindo a Inglaterra, exigiu um aprendizado de séculos. É possível que, apesar da desvantagem da inversão da ordem dos direitos, o exercício continuado da democracia política, embora imperfeita, permita aos poucos ampliar o gozo dos direitos civis, o que, por sua vez, poderia reforçar os direitos políticos, criando um círculo virtuoso no qual a cultura política também se modificaria.
>
> CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil*: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 224.

Eduardo Anizelli/Folhapress

José Murilo de Carvalho em 2019.

José Murilo de Carvalho (1939-)

Cientista político e historiador brasileiro, membro, desde 2005, da Academia Brasileira de Letras. Escreveu estudos clássicos sobre a política brasileira no período imperial, sobre as dificuldades de construir a cidadania no Brasil e sobre a relação entre os militares e a política.

Em 1964 a cidadania brasileira sofreu outro revés: um golpe civil-militar instaurou uma ditadura que durou 21 anos. Só em 1985 os brasileiros recuperaram seus direitos políticos.

A Constituição de 1988 consagrou o retorno da democracia brasileira e é um marco na política do país. Os direitos políticos foram garantidos à toda a população adulta, e uma série de direitos sociais foram garantidos em lei. Desde então, sucessivos governos democráticos vêm tentando alcançar, com progressos e retrocessos, o exercício desses direitos.

Retome

Não escreva no livro

Leia a resposta no Manual do Professor.

Aprendemos que a colonização criou dificuldades para a construção da cidadania brasileira, como a escravidão e um Estado patrimonialista, em que se confundem público e privado, favor e direito.

- Explique como esses fatores históricos impactam a cidadania brasileira até hoje.

Carrossel de imagens

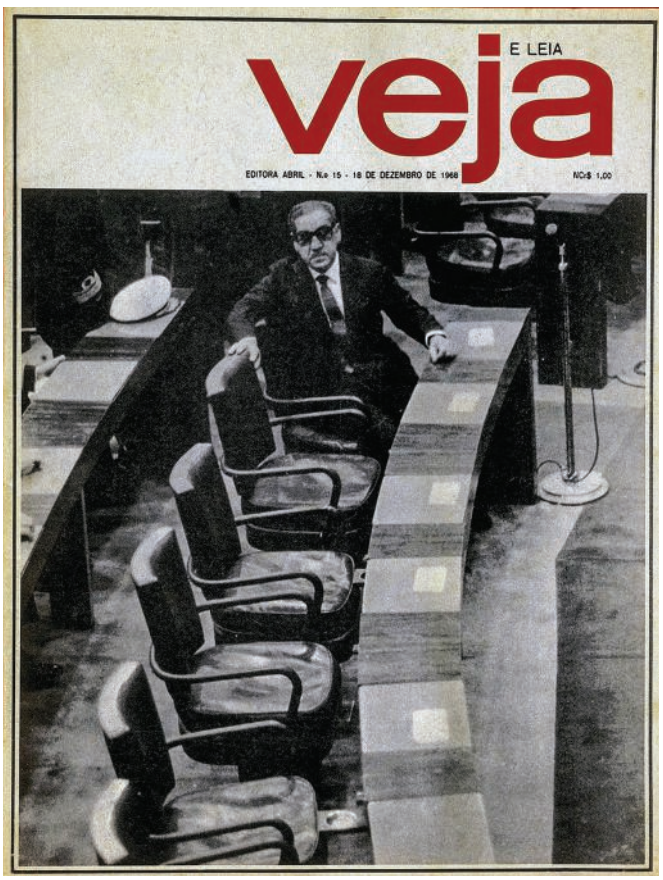
Lula Marques/Folhapress

O deputado Ulysses Guimarães, em Brasília (DF), um dos líderes da luta contra a ditadura civil-militar, levanta o texto aprovado da Constituição de 1988. Fotografia de 1988.

A origem da democracia brasileira moderna

A democracia brasileira moderna nasceu dos escombros do regime civil-militar, que se estabeleceu em 1964, após a crise da primeira experiência democrática (1945-1964) do país.

O regime civil-militar foi uma ditadura: os ocupantes dos principais cargos do Poder Executivo (presidente da República, governadores e prefeitos de capitais) não eram eleitos pelo voto popular, e o governo violava direitos civis (prendia, torturava e matava opositores do regime, censurava os meios de comunicação, etc.) e políticos (cassava deputados da oposição, suspendia o direito de opositores concorrerem em eleições, etc.). Embora o governo mudasse as regras do jogo quando temia perder as eleições, estas continuaram acontecendo para alguns cargos importantes, como deputados e senadores, e a partir de certo momento a oposição passou a conquistar vitórias significativas.



Reprodução/Editora Abril

Capa da edição de 18 de dezembro de 1968 da revista *Veja*. O general Costa e Silva, então presidente, aparece no Congresso fechado por ele. Apesar de ter mantido as eleições, o governo civil-militar manipulou as regras eleitorais e o funcionamento das instituições conforme seu interesse.

É importante lembrar que o regime civil-militar terminou em meio a uma grave crise econômica, que deixou de herança para a democracia brasileira uma enorme dívida externa, uma dramática recessão no início dos anos 1980 e uma inflação altíssima.

Favoritos

Reprodução/Editora Nova Fronteira

Agosto. Rubem Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

Por meio de uma história policial, a obra faz um retrato do Brasil na época do suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, evidenciando aspectos que marcaram o nascimento da democracia brasileira: a violência política contra adversários e a corrupção.

Desafios da redemocratização

Quando o Brasil voltou a ser uma democracia, a população começou a reivindicar seus direitos, mas o governo enfrentava grandes dificuldades financeiras para atender a essas demandas.

Salomon Cytrynowicz/Pulsar Imagens

Grupos populares exibem faixas com suas diversas reivindicações para a Constituição federal de 1988. Brasília (DF), 1987.

Segundo a cientista política Maria D'Alva Kinzo, seria possível dividir a transição para a democracia em três fases:

- Primeira Fase (1974-1982): no início, a transição esteve sob o inteiro controle dos militares. Em 1979, foi decretada a anistia aos exilados políticos e foi permitida a criação de novos partidos políticos.
- Segunda Fase (1982-1985): apesar de o governo ainda estar sob o comando militar, novas forças passaram a influenciar a transição. Nas eleições diretas para governador de 1982, a oposição venceu em dez estados. Em 1985, uma eleição indireta escolheu o oposicionista Tancredo Neves como novo presidente.
- Terceira Fase (1985-1990): período do governo de transição de José Sarney, que assumiu a Presidência porque Tancredo Neves morreu antes de tomar posse. A Constituição de 1988 consolidou a democracia e estabeleceu direitos civis e sociais importantes. Em 1989, pela primeira vez desde 1960, o Brasil teve eleições livres para presidente da República.

Reprodução/Jornal da USP, ed. 606, 2002.

Maria D'Alva Kinzo em 2002.

Maria D'Alva Kinzo (1951--2008)

Cientista política brasileira, foi professora da Unicamp e da USP. Publicou importantes estudos sobre os partidos e a transição democrática no Brasil, com destaque para *Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB* (1966-1979).

Trabalhando com

fotografia

Diretas Já!

Os comícios de Diretas Já marcaram a consolidação da frente de partidos de oposição, sindicatos e movimentos populares pela aprovação da emenda Dante de Oliveira, que instituía eleições diretas para presidente da República. Mas no dia da votação, em 25 de abril de 1984, a emenda obteve 298 votos a favor, 22 a menos do que os 320 necessários para atingir o quórum de dois terços e ser encaminhada ao Senado. Votaram contra a proposta 65 deputados governistas. A derrota foi selada principalmente por 113 deputados que se ausentaram. Com a derrota, a oposição articulou a candidatura de Tancredo Neves contra Paulo Maluf, em eleição indireta pelo Colégio Eleitoral, estipulado na Constituição de 1967. Tancredo Neves foi eleito, mas faleceu antes da posse, e a presidência ficou com o vice-presidente, José Sarney.

JOÃO PIRES/Estadão Conteúdo

O palanque do comício pelas Diretas Já, que foi realizado em São Paulo (SP) em 25 de janeiro de 1984, reuniu personalidades que seriam centrais na Nova República, incluindo duas que seriam eleitas para a Presidência: Fernando Henrique Cardoso (no canto inferior esquerdo na fotografia) e Luiz Inácio Lula da Silva (o segundo da direita para a esquerda). Ambos ocuparam o cargo por dois mandatos consecutivos: Fernando Henrique de 1995 a 2002 e Lula de 2003 a 2010.

Atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Analise a fotografia e responda: Se as eleições diretas para presidente eram a vontade popular, por que, em sua opinião, elas foram rejeitadas?
2. Os comícios de Diretas Já em São Paulo (SP) reuniram mais de 300 mil pessoas. Você considera importante a mobilização popular para reivindicar direitos? Justifique.

Crise econômica na transição

O governo Sarney não conseguiu combater a crise econômica herdada do regime civil-militar. Nos últimos meses do mandato de Sarney, os preços chegaram a subir até 80% ao mês.

Rogério Carneiro/Folhapress

Fiscais interditam estabelecimento por desrespeitar o congelamento de preços do Plano Cruzado, no Rio de Janeiro (RJ), 1986. Os "fiscais do Sarney" se mobilizaram para garantir o sucesso do Plano Cruzado, o principal plano contra a inflação do governo de transição. Essas pessoas percorriam os supermercados checando se os preços haviam subido. O Plano Cruzado fracassou, mas o fenômeno dos fiscais evidencia que após vinte anos de ditadura, a população estava ansiosa para participar da construção de um novo país.

A crise econômica teve duas consequências importantes para o desenvolvimento da democracia brasileira:

- Como estudamos, justamente quando sindicatos e outros movimentos sociais podiam reivindicar seus direitos com mais liberdade, o governo precisava economizar dinheiro.
- Os dois partidos que apoiaram o governo Sarney (PMDB e PFL) se enfraqueceram muito com seu insucesso. Nas eleições presidenciais, seus candidatos tiveram votações muito baixas.

A partir desse começo difícil, como se desenvolveu a democracia brasileira? Para responder a essa questão, precisamos entender o complexo jogo das alianças partidárias.

1. Um dos principais desafios foi a imensa crise econômica herdada do regime civil-militar, que dificultou a estabilização política e econômica, e o desenvolvimento de políticas públicas eficazes.

Retome

Não escreva no livro

A democracia brasileira nasceu em um processo lento, em meio a imensas crises e lutas por direitos.

1. Qual foi um dos principais desafios enfrentados pelo Brasil no processo de construção da democracia após o fim do regime civil-militar?
2. Como as políticas sociais mudaram no Brasil desde o fim da ditadura civil-militar?

2. As políticas sociais tornaram-se mais amplas, abrangendo uma gama maior de programas e benefícios destinados a melhorar as condições de vida da população e reduzir desigualdades.

Os partidos políticos

A primeira experiência de democracia no Brasil foi o período que vai do fim do Estado Novo (1945) até o começo da ditadura civil-militar (1964). Nessa época, formaram-se os primeiros partidos políticos modernos brasileiros.

O Partido Social Democrático (PSD) era um partido de centro, formado principalmente pelos interventores do Estado Novo (os governadores estaduais indicados por Vargas). Foi o maior partido do país entre 1945 e 1964.

A União Democrática Nacional (UDN) era um partido de direita e não tinha ligação com o esquema de poder de Vargas. Passou a maior parte do período democrático na oposição.

O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), de centro-esquerda, foi formado pelos sindicatos ligados ao Estado Novo.

Reprodução/Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Cartaz de convocação para filiação à Ação Integralista Brasileira, de **orientação fascista**, produzido em 1937. Os integralistas apoiaram o golpe de Estado que encerrou o curto período de liberdade política entre 1930 e 1937, acreditando que ocupariam posições de destaque no governo Vargas. Desprezados pelo ditador, tentaram dar seu próprio golpe, que fracassou.

No detalhe

- Observando o cartaz, aponte elementos que guardem similaridade estética com ideologias e práticas de orientação fascista.

Não escreva no livro

Espera-se que os estudantes apontem elementos estéticos como a caracterização militar, a feição que remete a uma convocação, a bandeira e a menção ao termo "nacionalismo".

orientação fascista: ideologias e práticas políticas que promovem um regime autoritário, nacionalista e antidemocrático, com ênfase na centralização do poder, no militarismo, no controle estatal e na repressão de dissidências.

C. Bosco/Acervo UH/Folhapress

Multidão reunida na Praça da República, no Rio de Janeiro (RJ), durante o Comício da Central do Brasil, 1964. No comício, o presidente João Goulart comunicou a decisão de implementar reformas de base e a de defender as liberdades democráticas e sindicais. O discurso presidencial repercutiu mal entre as elites brasileiras e é considerado um dos estopins para o golpe civil-militar de 1964.

Instabilidade política e disputas partidárias

Um dos indícios da fragilidade dessa primeira experiência democrática pode ser encontrado no fato de que somente dois presidentes eleitos concluíram seus mandatos – os dois do PSD (Eurico Gaspar Dutra e Juscelino Kubitschek). O presidente Jânio Quadros, que havia sido eleito com o apoio da UDN, renunciou; Getúlio Vargas, que fora eleito pelo PTB, se suicidou ainda no cargo; e João Goulart, do PTB, que havia sido eleito vice de Jânio Quadros, foi derrubado pelos militares, com apoio de setores da sociedade civil, em 1964.

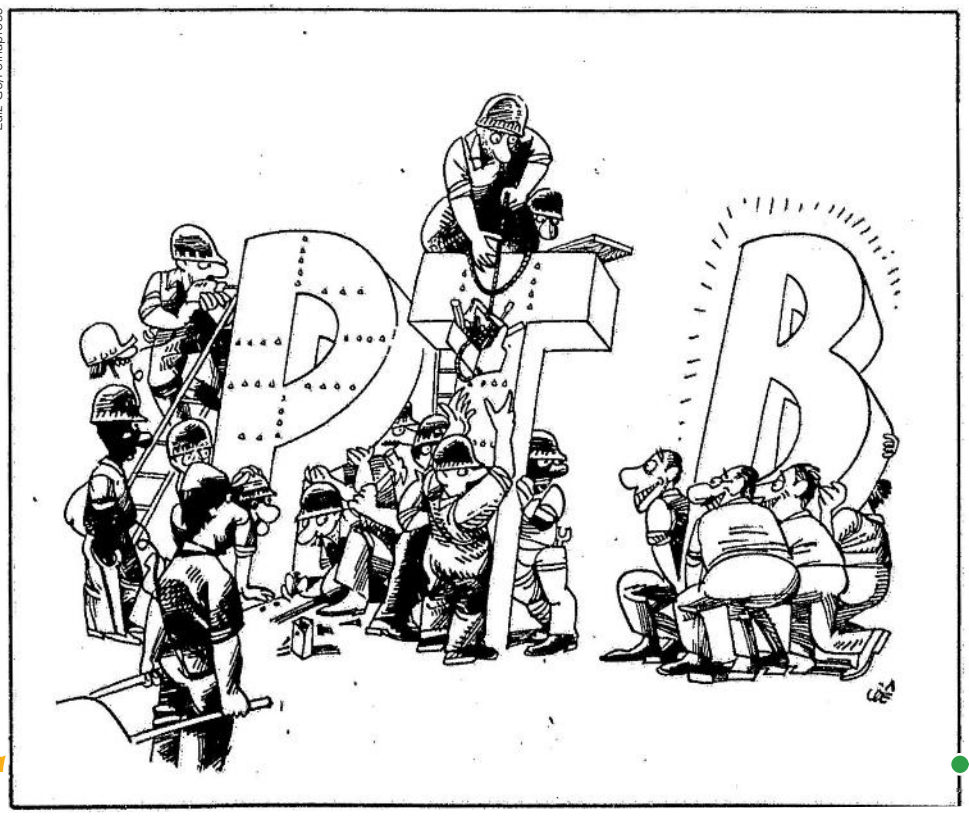
Em 1966, o regime civil-militar dissolveu os partidos políticos e novas regras foram estabelecidas para a criação de partidos. Somente dois partidos conseguiram atender a elas: a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que apoiava o governo civil-militar, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de oposição controlada. Esse período foi marcado por severa repressão aos direitos humanos, incluindo tortura, censura e perseguição a opositores políticos.

A partir de 1979, com o início da transição democrática, novos partidos foram autorizados. Mesmo com esse cenário, por algum tempo, os dois principais partidos continuaram sendo o Partido Democrático Social (PDS, ex-Arena) e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB, ex-MDB).

Arquivo do jornal O Estado de São Paulo/Estadão Conteúdo

Reunião de líderes do MDB, partido criado para fazer oposição à ditadura, em São Paulo (SP), 1966. Embora autorizado a funcionar, o MDB nunca pôde, de fato, disputar o poder, que esteve nas mãos dos militares durante toda a ditadura de 1964-1985.

Na esquerda, surgiram dois novos partidos: o PDT (Partido Democrático Trabalhista), herdeiro do antigo PTB, e o PT (Partido dos Trabalhadores), criado a partir do novo sindicalismo e de outros movimentos sociais do final dos anos 1970.



Luiz Gê/Folhapress

Charge de Luiz Gê publicada na época da criação do PT (1980). A charge mostra a intenção dos fundadores do partido de se desvencilhar da herança do antigo PTB e do sindicalismo que o sustentava.

No detalhe

- O que explica a ideia de rejeição à inclusão da letra "B", representada na charge?

Não escreva no livro

Os operários que constroem o "P" e o "T" não parecem muito dispostos a aceitar o "B", que representa a opção de entrar no PTB. Durante a formação do PT, as lideranças enfatizavam a intenção de este ser um partido dos trabalhadores, sem a interferência do Estado que havia caracterizado os sindicatos da Era Vargas.

No final do governo Sarney, um grupo importante de parlamentares do PMDB, entre os quais o então senador Fernando Henrique Cardoso, saiu do partido e formou o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Entre 1994 e 2014, PT e PSDB foram grandes rivais nas eleições presidenciais.

Recentemente, houve novas alterações no quadro partidário brasileiro. Em 2017, o Congresso aprovou uma reforma política para reduzir o número de partidos no Brasil. Por isso, muitos cientistas políticos esperam que nos próximos anos muitos partidos se juntem para formar partidos maiores.

Favoritos

Reprodução/F451/JOTA

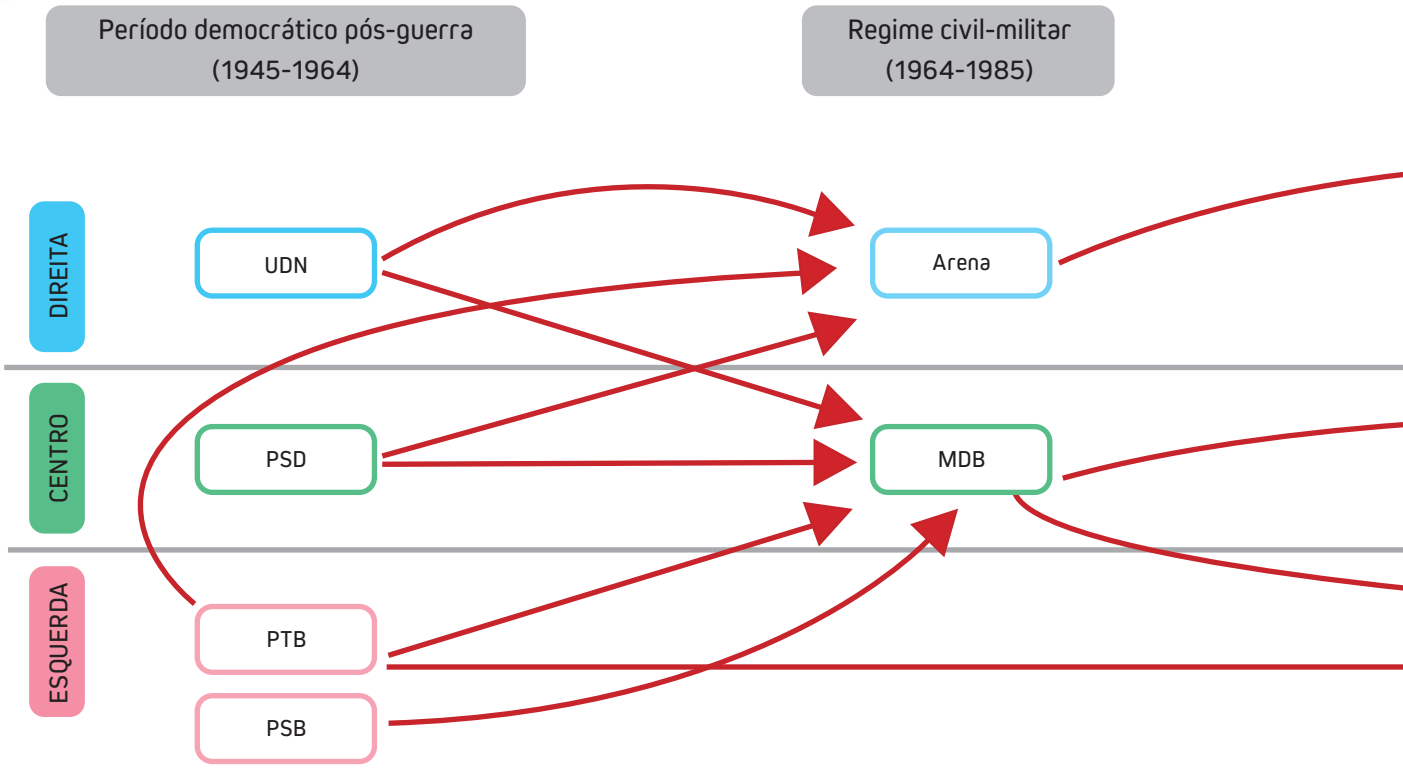
Petecanos. *Podcast* produzido pelo *site* *Jota.info*. Disponível em: https://tedit.net/vdiszk. Acesso em: 9 set. 2024.

Esse *podcast* conta a história e os debates entre PT e PSDB durante os vinte anos em que os dois partidos disputaram a presidência do Brasil.

Formação de partidos políticos desde 1945

O espaço entre as datas não é proporcional ao intervalo de tempo.

Acompanhe a trajetória de alguns partidos políticos em três períodos: democrático pós-guerra (1945-1964), regime civil-militar (1964-1985) e democrático (desde 1985). Os partidos selecionados de alguma forma se entrelaçam por tendências ou dissidências e migrações, conforme as informações contidas no infográfico.



União Democrática Nacional (UDN) – Fundada em 1945, tinha orientação conservadora e se opunha à política de Getúlio Vargas. Caracterizada pelo liberalismo, a UDN foi extinta pelo Ato Institucional nº 2 do governo civil-militar em 1965, e seus integrantes migraram para a Arena.

Partido Social Democrático (PSD) – Fundado em 1945 por ex-interventores do Estado Novo, como um partido de centro, elegeu dois presidentes, Eurico Gaspar Dutra e Juscelino Kubitschek. Foi extinto pelo Ato Institucional nº 2. Alguns integrantes migraram para o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), e outros, para a Arena.

Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) – Fundado em 1945 e extinto pelo Ato Institucional nº 2. Seus integrantes foram para o MDB e, após o retorno da democracia, para o PDT.

Aliança Renovadora Nacional (Arena) – Fundada em 1965, como um partido conservador, tinha por finalidade sustentar politicamente a ditadura civil-militar. Foi criada após os Atos Institucionais nº 2 e nº 4 que tornaram extintos todos os partidos políticos anteriores, implantando o bipartidarismo.

Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – Fundado em 1966, uniu 149 parlamentares com egressos do PSD, do PTB, do PSB, da UDN e de outros partidos extintos.

Democracia brasileira

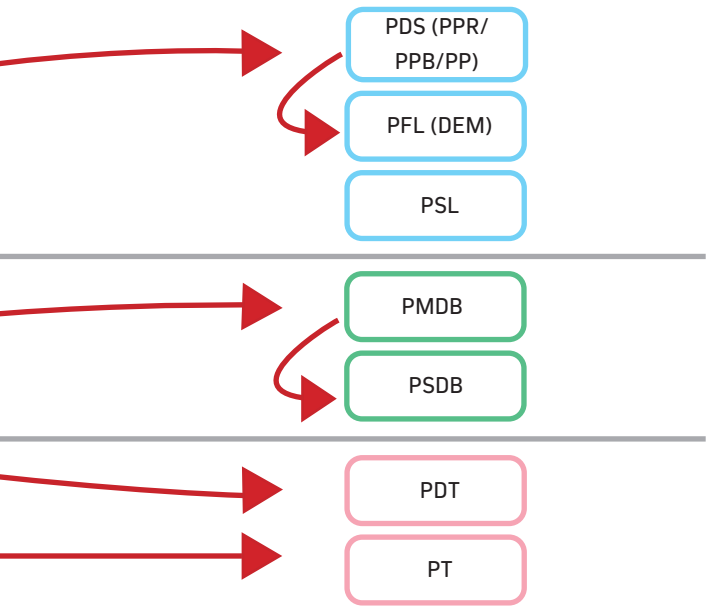
- Instituições políticas
- Partidos políticos
- Competição eleitoral

Congresso Nacional

- Aprova leis, fiscaliza o Poder Executivo
- Senado (81 senadores)
- Câmara dos deputados (513 parlamentares)

Lembre-se: o conceito de partido político pode ser entendido em uma agremiação de uma parcela da sociedade que se propõe a organizar, coordenar e materializar a vontade popular, para a realização de um programa de governo.

Período democrático pós-ditadura civil-militar (desde 1985)



Partido Democrático Social (PDS) – Fundado em janeiro de 1980, em substituição à Arena, extinta com o fim do bipartidarismo, em 1979. Principal sustentáculo do presidente João Figueiredo (1979-1985). Fundiu-se em 1993 com o Partido Democrata Cristão (PDC), formando o Partido Progressista Reformador (PPR). Em 1995, fundiu-se com o Partido Progressista (PP) e adotou o nome de Partido Progressista Brasileiro (PPB). Em 2003, passou a se chamar apenas Partido Progressista (PP) e, desde 2017, tem o nome de Progressistas.

Partido da Frente Liberal (PFL) – Fundado em janeiro de 1985 por dissidentes do então Partido Democrático Social (PDS). Passou a se chamar Democratas em março de 2007.

Partido Social Liberal (PSL) – Fundado em 1994, seguia a ideologia original do social-liberalismo. Defendia menor participação do Estado na economia, mas o uso total dos recursos arrecadados pelo Estado na saúde, na educação e na segurança. Fundiu-se com o Democratas para formar o União Brasil (UNIÃO) em 2021.

União Brasil (UNIÃO) – Majoritariamente de centro-direita, surgiu da fusão entre o Democratas (DEM) e o Partido Social Liberal (PSL). Segue uma linha conservadora e liberal. À época da fusão, contava com o maior número de membros na Câmara dos Deputados.

Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB/MDB) – Fundado em 1981, há controvérsias se de fato o PMDB seria uma continuação do MDB ou se seria um novo partido. Na época, foi criado um novo partido, o PP, que esvaziou o PMDB. Em torno dele, orbitariam dois outros partidos criados para abrigar os trabalhistas do PTB, depois repartido em PDT e os sindicalistas das regiões Sul e Sudeste liderados pelo PT. Como se esperava, outros partidos que tinham uma história antes da ditadura civil-militar, como PSD, UDN e PDC, preferiram ficar sob o guarda-chuva do PMDB ou do PDS.

Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) – Fundado em 1988, é um partido político brasileiro de centro, às vezes associado à centro-esquerda ou à centro-direita. Surgiu a partir de uma cisão do MDB, que mesclava a social-democracia, a democracia cristã e o liberalismo econômico e social. Elegeu Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República (1995-2003).

Partido Democrático Trabalhista (PDT) – Fundado em 1979, é um partido político brasileiro de centro-esquerda e esquerda, alinhado às ideologias trabalhista, socialista-democrática e social-democrata.

Partido Socialista Brasileiro (PSB) – Fundado em 1947, é um partido de centro-esquerda que tinha como objetivo promover uma via socialista-democrática. Teve sua atuação interrompida em 1964 e foi constituído em 1985, durante a redemocratização.

Partido dos Trabalhadores (PT) – Fundado em 1980, representa um dos maiores e mais importantes movimentos de esquerda da América Latina. Junto ao PSDB, seu histórico adversário, surgiu como força importante durante o processo de redemocratização do Brasil. Elegeu os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e Dilma Rousseff (jan. 2011-ago. 2016).

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Ao analisar a situação dos partidos no infográfico, é possível perceber como funcionava o governo brasileiro em cada um dos três períodos destacados? Explique.
2. Com base nas informações do infográfico, que destacam as movimentações políticas dos partidos, responda: Seria correto dizer que não há diferenças ideológicas entre os partidos políticos brasileiros?
3. Debata com os colegas os prós e contras do presidencialismo de coalizão.

Uma democracia “normal”?

Podcast

Transcrição de áudio

No início da redemocratização, nos anos 1980, muitos estudiosos temiam que o sistema brasileiro não funcionasse porque os partidos políticos brasileiros eram numerosos e desorganizados. Além disso, achavam que o presidente da República, sem poder contar com um partido forte que o ajudasse a aprovar leis e medidas no Congresso, não conseguiria executar seu programa, mas não foi o que ocorreu. Para entender isso, vamos primeiro analisar a relação entre as instituições políticas.

No Brasil atual, o regime de governo é o presidencialismo e, no nível federal, o poder público está dividido em Judiciário, Legislativo e Executivo.

O Poder Judiciário tem a função de garantir o cumprimento das leis, ficando responsável pela administração da justiça do país e por julgar os conflitos que aparecem na sociedade. São membros do Poder Judiciário os juízes, os desembargadores e os ministros dos tribunais superiores (como o Tribunal Superior Eleitoral e o Tribunal Superior do Trabalho), além dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). O STF é a maior instância do Poder Judiciário e atua para garantir o respeito à Constituição Federal. Como o STF é o órgão máximo do Poder Judiciário, suas decisões são definitivas. O Poder Legislativo é exercido pelo Congresso Nacional, que tem duas funções principais: aprovar as leis que regem o país e fiscalizar os gastos do governo. O Congresso Nacional é formado por duas casas: o Senado Federal, composto de 81 senadores, e a Câmara dos Deputados, composta de 513 deputados federais. Por fim, o chefe do Poder Executivo é o presidente da República, eleito de quatro em quatro anos pelo voto direto de todos os eleitores brasileiros.

Mário Agra/Câmara dos Deputados

Senadores e deputados em sessão deliberativa em Brasília (DF), 2024. Se o partido do presidente da República não compõe a maioria dos congressistas na câmara, faz-se ainda mais importante a negociação de apoios e alianças para a aprovação dos projetos do governo.

Favoritos

Reprodução/Folha de São Paulo

Presidente da semana. *Podcast* produzido pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Disponível em: https://tedit.net/p84i5f. Acesso em: 9 set. 2024.

Apresentado pelo jornalista Rodrigo Vizeu, cada episódio apresenta como foram os governos de cada um dos presidentes do Brasil.

Como mostrou a reflexão de Argelina Figueiredo e Fernando Limongi, no Brasil, o presidente da República tem bastante poder, especialmente se compararmos o nosso sistema com o de outros países presidencialistas (como os Estados Unidos) ou com o sistema brasileiro entre 1945 e 1964. Por exemplo, no Brasil, só o presidente pode propor leis que alterem os impostos. Isso mostra que a Presidência da República tem um papel relevante na criação de políticas públicas. Além disso, boa parte das leis propostas pelo presidente é aprovada pelo Congresso, o que demonstra a capacidade de influência do Executivo sobre o processo legislativo.

Muitos pesquisadores descrevem o sistema político brasileiro como um presidencialismo de coalizão, um tipo de sistema político que existe em vários outros países.

Explicando o conceito

Presidencialismo de coalizão

Conceito criado pelo cientista político Sérgio Abranches para países em que, para governar, o presidente precisa formar, depois de ser eleito, uma coalizão de partidos que o apoie no Congresso.

É um sistema caracterizado pela instabilidade, de alto risco e cuja sustentação baseia-se, quase exclusivamente, no desempenho corrente do governo e na sua disposição de respeitar estritamente os pontos ideológicos ou programáticos considerados inegociáveis, os quais nem sempre são explícita e coerentemente fixados na fase de formação da coalizão.

ABRANCHES, Sérgio H. H. de. Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 1988. p. 27.

WILTON JUNIOR/Estadão Conteúdo

Sérgio Abranches em 2003.

Sérgio Abranches (1949-)

Sociólogo brasileiro, formou-se na Universidade de Brasília (1971) e obteve o doutorado em Ciência Política na Universidade Cornell (Nova York, Estados Unidos), em 1978. Autor de vários livros, entre eles *Crise e mudança*: *a nova cara do Brasil* (1994) e *Copenhague*: *antes e depois* (2010).

Retome

Não escreva no livro

1. Por que o sistema político brasileiro é conhecido como presidencialismo de coalizão?
2. Qual é a diferença entre as negociações de aliança de partidos e a corrupção no contexto do presidencialismo de coalizão?

1. Porque o presidente precisa formar alianças com diversos partidos no Congresso Nacional para obter apoio e governar efetivamente.

2. As negociações de aliança são legítimas e necessárias para uma boa governabilidade, enquanto a corrupção envolve práticas ilegais e antiéticas que podem ocorrer nas relações entre o presidente e o Congresso.

O problema da corrupção

A corrupção, isto é, o uso de recursos públicos para fins particulares, é frequente no Brasil. Uma sucessão de escândalos envolveu diversos governos, fazendo a política brasileira ser malvista.

Apesar de cientistas políticos não terem o papel de investigar denúncias de corrupção ou avaliar a culpa dos acusados, a Ciência Política pode dar algumas pistas que ajudam a entender as causas desse fenômeno e a identificar possíveis tendências de longo prazo no que se refere à corrupção no Brasil.

É muito difícil mensurar a corrupção. Nenhum corrupto vai responder sinceramente a um questionário com a pergunta "Você deveria estar na cadeia por ter roubado dinheiro do povo?". Também é difícil medir a corrupção pelos escândalos divulgados na mídia: é bem possível que só venham a público aqueles que envolvem corruptos que se deixaram flagrar. Ao verificar que em certos períodos os escândalos diminuíram, não é possível saber se a corrupção diminuiu de fato ou se a polícia, o Ministério Público e a imprensa não conseguiram ou não se esforçaram para identificar os corruptos.

Perguntar a opinião das pessoas sobre o nível de corrupção não é um método muito consistente por vários motivos. Em países sem democracia, a imprensa não é livre, assim a maior parte das pessoas nunca fica sabendo das práticas corruptas que acontecem. De todo modo, é importante ressaltar que as pesquisas de opinião servem, pelo menos, para dar uma ideia da dimensão do problema.

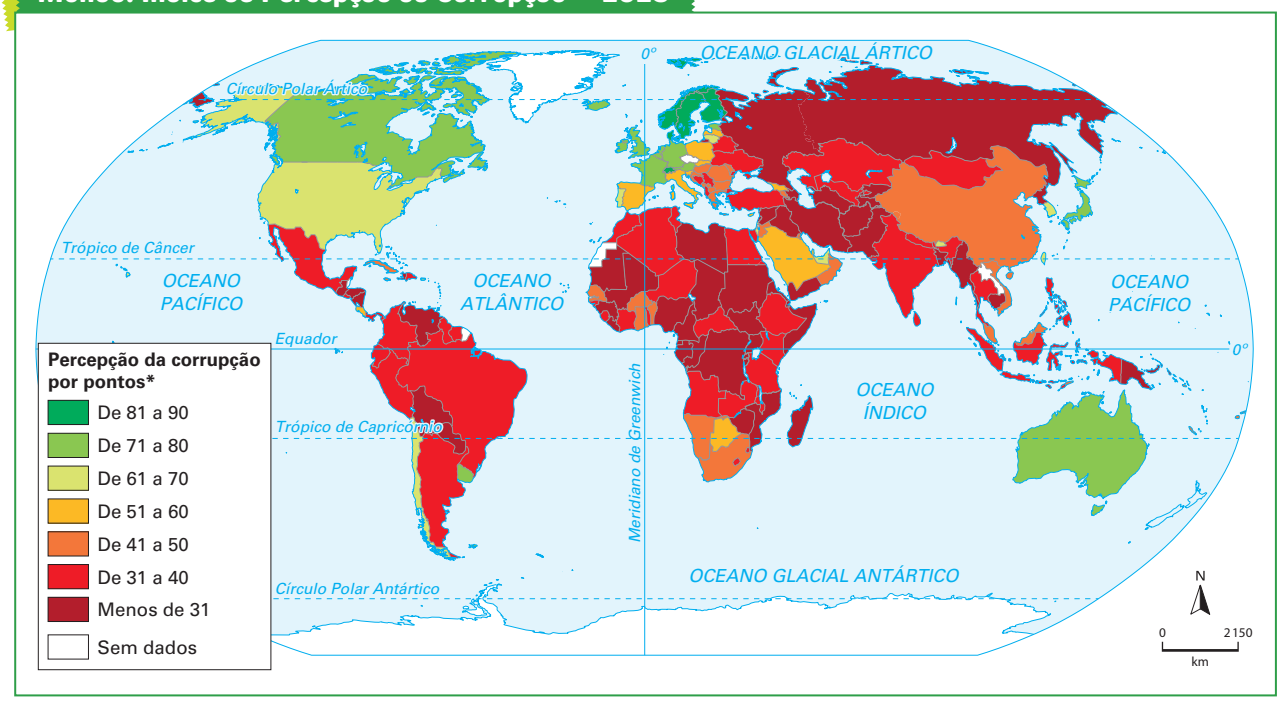
Caio Acquesta/Alamy/Fotoarena

Sede do Ministério Público em Brasília (DF), 2024. O Ministério Público é um órgão do Poder Judiciário que tem papel muito importante no combate à corrupção. Seus poderes foram muito ampliados na Constituição de 1988.

Com base em uma pesquisa desse tipo (que, além de perguntar à população, leva em conta a opinião de especialistas), a ONG Transparência Internacional produz anualmente um relatório que analisa os índices de percepção de corrupção dos países do mundo.

Segundo essa classificação (que, repetimos, é muito imperfeita), o Brasil tem níveis mais altos de corrupção que os países desenvolvidos, mas está mais ou menos no mesmo nível que os países com grau de desenvolvimento socioeconômico semelhante ao brasileiro. Entretanto, na América do Sul, os uruguaios e os chilenos têm uma percepção da corrupção menos acentuada do que os brasileiros.

Mundo: Índice de Percepção da Corrupção – 2023



Banco de imagens/Arquivo da editora

* Quanto maior a pontuação, mais íntegro é o país. Quanto menor a pontuação, mais corrupto é o país.

Fonte: elaborado com base em TRANSPARÊNCIA INTERNACIONAL. Índice de Percepção da Corrupção 2023. Transparência Internacional. Disponível em: https://tedit.net/pmygdd. Acesso em: 2 ago. 2024.

Mas será que hoje a corrupção no país é maior do que já foi no passado? Como você pode imaginar, isso é ainda mais difícil de medir. O que sabemos é que alguns aspectos de nossa história criaram um ambiente favorável à corrupção.

No século XX, o Estado brasileiro teve um importante papel na promoção do desenvolvimento econômico. Para isso, passou a controlar uma parte maior da riqueza nacional.

Entretanto, boa parte do crescimento do Estado ocorreu em períodos em que a imprensa era controlada e a oposição, proibida ou seriamente limitada em sua ação. Como resultado, havia pouca fiscalização sobre como o governo administrava os recursos cada vez maiores.

Mesmo com esse cenário, há razões para otimismo. A Constituição de 1988, além de garantir a liberdade de imprensa, fortaleceu os órgãos de controle. Se hoje sabemos quando os escândalos acontecem, não é porque nos tornamos mais corruptos, mas porque nos tornamos mais capazes de investigar a corrupção, conforme observou Fernando Filgueiras.

rafastockbr/Shutterstock

Prédio da Controladoria-Geral da União (CGU), em Brasília (DF), 2022. O órgão foi criado em 2003 para fiscalizar o uso de recursos públicos pelos agentes do governo e para criar mecanismos de transparência da gestão.

Reprodução/Instituto de Estudos Avançados da USP

Fernando Filgueiras em 2016.

Fernando Filgueiras (1977-)

Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Atualmente é professor da UFMG e pesquisa políticas públicas, comportamento político e organizações políticas.

Assim falou Fernando Filgueiras

No caso do Brasil Democrático, a corrupção tem sido constantemente desvelada para a opinião pública. E isso se deve, sobretudo, ao sucesso da democracia no Brasil. Uma imprensa livre é fundamental para que a corrupção seja desvelada e investigada. Além disso, cria uma conjuntura que favorece mecanismos de controle público da corrupção. E, de fato, desde o processo de redemocratização isso tem ocorrido no Brasil. A Lei de Improbidade Administrativa, a criação das agências anticorrupção, as mudanças na Polícia Federal, o fortalecimento do Ministério Público e a própria atuação de governos têm contribuído para que a corrupção seja de fato desvelada e investigada.

FILGUEIRAS, Fernando. Corrupção e democracia. *Estadão Noite*, São Paulo, 30 out. 2014. Disponível em: https://tedit.net/jeoaha. Acesso em: 9 set. 2024.

Além dessas medidas, a competição entre os partidos traria um elemento novo: cada um tentaria descobrir escândalos do outro, como forma de desgastá-lo na eleição seguinte. Em longo prazo, essa prática teria efeito positivo, pois os partidos saberiam que estão sendo vigiados.

Você tem todo o direito de se indignar com a corrupção no Brasil. E o fato de você ter os direitos de se manifestar contra os corruptos e de votar em políticos que considera honestos (o que não seria possível durante o Estado Novo ou durante a ditadura civil-militar), enfim, de poder exercer sua cidadania, deverá favorecer, com o tempo, a diminuição da corrupção no Brasil.

Alexandre Silva/Fotoarena

As manifestações de rua pacíficas são um dos modos de exercer a cidadania e combater a corrupção no país. Na fotografia, protesto contra os cortes na educação, no centro do Rio de Janeiro (RJ), em outubro de 2022. Em março do mesmo ano, o ministro da Educação havia pedido exoneração após denúncias de envolvimento dele em um esquema de corrupção.

Retome Leia as respostas no Manual do Professor.

Não escreva no livro

Aprendemos que, segundo as pesquisas disponíveis, a corrupção no Brasil é semelhante à de países com o mesmo nível de desenvolvimento econômico. Considerando que vivemos em uma sociedade em que práticas corruptas podem ser toleradas em certos contextos, é importante refletirmos sobre como essas atitudes influenciam a nossa percepção da política.

- Será que a maneira como as pessoas lidam com regras e normas no dia a dia pode impactar a forma como encaram os comportamentos dos políticos? De que maneiras podemos trabalhar coletivamente para diminuir a tolerância e a normalização de práticas corruptas em nossa sociedade?

Galeria de atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Qual foi o primeiro grande movimento social brasileiro?
2. Quais foram as três fases da transição democrática brasileira?
3. Que obstáculos a herança colonial deixou para a construção da cidadania no Brasil?
4. Por que a crise econômica dos anos 1980 afetou a transição do Brasil para a democracia?
5. Que traços de nossa história favoreceram o desenvolvimento da corrupção no Brasil?
6. O trecho seguinte foi retirado da obra *A organização*. O livro conta a história da empreiteira Odebrecht, envolvida em diversos escândalos de corrupção.

   Negócios nucleares: prejuízos bilionários no Brasil?, dizia o título da reportagem da revista *Der Spiegel* que chegou às bancas da Alemanha no dia 18 de setembro de 1978, um ano após o início das obras em Angra 2. O acordo nuclear com os americanos havia sido rompido em 1975, e o Brasil havia fechado um novo com os alemães. Pelos termos da parceria, seriam construídas oito usinas nucleares em território brasileiro, por 10 bilhões de dólares, tudo com equipamento alemão. [...] a publicação fez ainda uma revelação que espantou até mesmo os apoiadores do regime: o contrato para Angra 2 e 3 havia sido dado à Odebrecht sem concorrência [...].

   GASPAR, Malu. *A organização*: a Odebrecht e o esquema de corrupção que chocou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 57.

   Com base no texto, responda às questões.

   a) As usinas nucleares de Angra 1, 2 e 3 estão entre os maiores projetos de desenvolvimento já realizados pelo Estado brasileiro e foram construídas durante a ditadura civil-militar. Por que uma obra dessas ofereceria oportunidades de corrupção como a denunciada pela revista alemã *Der Spiegel*?

   b) Por que o escândalo foi revelado por uma revista alemã, e não pela imprensa brasileira?

7. Explique por que na democracia o combate à corrupção é mais fácil do que nas ditaduras.

Enem e vestibulares

1. (Uece)

   A história do capitalismo no Brasil esteve estreitamente ligada às raízes de nossa cultura política autoritária, afirma o sociólogo Octavio Ianni. E esta relação entre a implementação do modo de produção capitalista e o autoritarismo esteve presente nitidamente nos regimes civil-militares que estiveram à frente do controle estatal em pelo menos dois períodos históricos precisos: o Estado Novo (1937) e a Ditadura Militar (1964). Conforme indica Ianni, os modelos de governo autoritários foram e ainda são muito representativos do predomínio de forças sociais e econômicas que tendem a chegar no controle do poder do Estado. Alternativa **a**.

   Assim, partindo dessa compreensão, é correto afirmar que

a) o Estado, nos moldes autoritários, é agente do processo econômico capitalista.

b) Os modelos de governança autoritária são próprios de regimes socialistas.

c) o Estado oligárquico estabeleceu o capitalismo através de diálogos com a sociedade.

d) os governos populistas separaram o autoritarismo e o capitalismo no Brasil.

2. (UFU-MG)

No Brasil, há quase 30 anos têm-se direitos civis, políticos e sociais assegurados. No entanto, para muitos brasileiros, isto se deu penas no campo jurídico-formal. Há, ainda, uma falta de sincronia entre o que está previsto legalmente e o que de fato ocorre na sociedade brasileira, de forma que, dentro de uma mesma nação, existem duas noções diversas de direitos humanos: uma é a da lei, outra é a da população. Por isso, crê-se que, devido ao fato de a expressão "direitos humanos" ter minimamente, em qualquer sociedade que esteja comprometida com princípios de igualdade e de liberdade e, sobretudo, com a democracia, chamar atenção sobre essa questão.

LINHARES, Bianca de Freitas. CABRERA, Valéria Cabreira. Proteção de direitos humanos e democracia: uma análise longitudinal da percepção do cidadão brasileiro de 2007 a 2015. Agenda Política. *Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 141-167, 2019. (Adaptado).

Conforme o texto, a falta de sincronia entre uma concepção negativa dos direitos humanos e os princípios da liberdade e da igualdade indicaria Alternativa **a**.

a) a limitação do reconhecimento dos valores da cidadania por uma parcela da população brasileira.

b) a necessidade de se rever os limites que os direitos humanos impõem a punição de atos ilícitos.

c) a falta de correspondência entre as leis brasileiras e os direitos humanos.

d) como os direitos humanos se baseiam em princípios abstratos que não têm efeito no cotidiano.

3. (Enem)

Numa sociedade em transição, a marcha da mudança, em diferentes graus, está impressa em todos os aspectos da ordem social, especialmente no jogo político, que nessas sociedades sempre apresenta padrões característicos de ambivalência, cujas raízes sociais se encontram na coexistência de dois padrões de estrutura social: o padrão tradicional, em declínio, e o novo, emergente, em expansão. Em tais as situações, é possível encontrar, simultaneamente, apoio para uma orientação política ou para outra que seja exatamente o seu oposto. O padrão ambivalente do processo político, nas sociedades em desenvolvimento, é o que explica um dos seus traços mais salientes, e que consiste na tendência ao adiamento das grandes decisões. Resulta daí que a inércia política ou a convulsão política podem se suceder uma à outra em períodos surpreendentemente curtos.

PINTO, L. A. C. *Sociologia e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. (adaptado).

De acordo com a perspectiva apresentada, central no pensamento social brasileiro dos anos 1950 e 1960, o desenvolvimento do país foi marcado por Alternativa **c**.

a) radicalidade nas agendas de reforma das elites dirigentes.

b) anomalias na execução dos planos econômicos ortodoxos.

c) descompassos na construção de quadros institucionais modernos.

d) ilegitimidade na atuação dos movimentos de representação classista.

e) vagarosidade na dinâmica de aperfeiçoamento dos programas partidários.

CAPÍTULO 15

Temas contemporâneos da Ciência Política

Uma nova visão do poder

Esta unidade começou com uma discussão sobre um dos conceitos fundamentais da reflexão sobre política: o poder. Ele foi interpretado de diferentes maneiras ao longo do tempo. Uma delas foi proposta pelo filósofo Michel Foucault.

Foucault usou o conceito de poder para estudar outras áreas que não o Estado ou a política. Ele estudou o poder em hospícios, prisões, na regulação da sexualidade e no relacionamento do poder com a ciência. Para o filósofo, na sociedade moderna o poder não seria exercido apenas por autoridades políticas, mas de forma mais sutil. O poder não estaria ligado apenas à repressão, mas também ao conhecimento técnico e à produção de ideias sobre como devemos cuidar de nós mesmos.

Pedro Américo/Acervo Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora, MG.

Tiradentes Esquartejado, de Pedro Américo, 1893 (óleo sobre tela, 270 cm × 165 cm). O evento representado na pintura é um exemplo de exercício de poder pré-moderno, fundamentado no castigo corporal. Note-se que a monarquia portuguesa também representava uma forma de poder pré-moderna, em que o poder era claramente corporificado no rei.

No detalhe

1. Quais intenções ou objetivos estratégicos a Coroa portuguesa tinha com o esquartejamento e a exposição do corpo de Tiradentes?
2. Tiradentes foi morto em 1792, e a pintura de Pedro Américo sobre esse evento data de 1893. Esse tipo de representação fez parte de um movimento do governo da época para criar uma imagem popular de um herói republicano. Comente a mudança de perspectiva que ocorre entre a punição de Tiradentes no fim do século XVIII e sua figura heroica no fim do século XIX.

Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

Um exemplo de como o poder, sob a ótica de Foucault, se manifesta na sociedade moderna é o tratamento dado aos criminosos. Comparada à tortura e à mutilação praticadas em outros períodos históricos, a prisão moderna parece uma punição menos violenta aos criminosos (ao menos quando os presidiários têm direitos garantidos). Mas a prisão atual também tem outra dimensão: modificar o prisioneiro, torná-lo uma pessoa diferente. E isso não é opcional, mas uma experiência pela qual ele é forçado a passar.

Tal fato nos leva a outra característica da concepção de poder de Foucault: além de nos impedir de fazer o que queremos, ele ajuda a moldar aquilo que somos.

Underwood Archives/Getty Images

Fotografia do Centro Correcional de Stateville, em Illinois, nos Estados Unidos, em 1928. Essa prisão é uma das poucas que foi organizada pelo princípio do panóptico, defendido pelo filósofo Jeremy Bentham. No panóptico, um pequeno número de guardas fica na torre central e observa os prisioneiros nas celas, dispostas ao redor da torre e visíveis o tempo todo. Foucault utilizou o panóptico como exemplo de exercício de poder pela vigilância e pela disciplina.

Michele Bancilhon/AFP

Michel Foucault em 1984.

Michel Foucault (1926-1984)

Filósofo francês cujas obras tiveram profundo impacto sobre a perspectiva de poder em temas como a loucura, a sexualidade e o Direito, analisando como os comportamentos sociais são disciplinados de múltiplas maneiras.

Retome

Não escreva no livro

De acordo com o que estudamos até aqui, reflita:

1. Além do poder direto e visível dos pais, cite quais outras formas de poder agem sobre os adolescentes.
2. Como essas formas de poder exercem sua influência no comportamento deles, segundo Foucault? Leia as respostas no Manual do Professor.

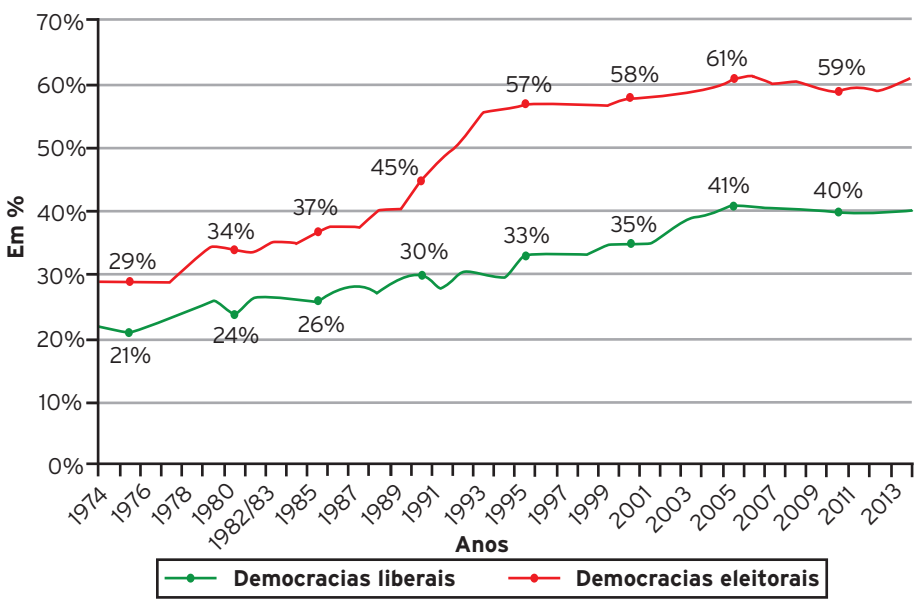
A democracia está em crise?

Infográfico clicável

Na segunda metade do século XX, o número de seres humanos que passaram a ter direito ao voto em seus países cresceu muito. Nos anos 1970, caíram as ditaduras de Portugal, Espanha e Grécia. Na década de 1980, foi a vez da América Latina, inclusive do Brasil, ficar livre de regimes autoritários. Nos anos 1990, findaram as antigas ditaduras socialistas do Leste Europeu, a começar pela União Soviética. Ou seja, parecia que todos os países do mundo, de um jeito ou de outro, se tornariam democráticos.

No entanto, a onda de democratizações se enfraqueceu nas últimas décadas, e o número de novas democracias parou de crescer significativamente. Para descrever esse momento, o cientista político Larry Diamond criou o termo recessão democrática.

Democracias no mundo (em %) – 1974-2013



Banco de imagens/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em DIAMOND, Larry. Facing up to the democratic recession. *Journal of Democracy*, v. 26, n. 1, jan. 2015.

No detalhe

1. Segundo o gráfico, o percentual de democracias no mundo aumentou ou diminuiu desde 1974?
2. Que mudança é possível perceber no período de 2005 a 2012 no gráfico?

Não escreva no livro

1. No período considerado, embora tenham existido momentos de redução do percentual, em alguns anos, o percentual de democracias aumentou desde 1974.

2. Nesse período, o número de democracias deixou de crescer e até sofreu uma pequena queda.

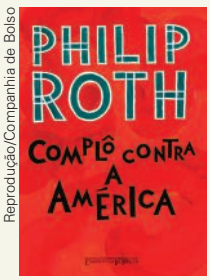
Alex Wong/Meet the Press/Getty Images

Larry Diamond em 2005.

Larry Diamond (1951-)

Sociólogo estadunidense que ganhou notoriedade por seus estudos sobre a democracia. Nos últimos anos, tem defendido a tese de que o progresso da democratização ao redor do mundo está diminuindo. É professor da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos.

Favoritos



Reprodução/Companhia de Bolso

Complô contra a América, de Philip Roth. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

Em plena Segunda Guerra Mundial, Charles Lindbergh, um herói da aviação e simpatizante do nazismo, vence as eleições presidenciais nos Estados Unidos e explora os medos da população para ampliar seus poderes e corroer a unidade do país. A obra mistura história alternativa e drama familiar, mostrando a fragilidade da democracia a partir do ponto de vista de um menino.

Recessão democrática

Retrocessos democráticos já aconteceram em países como a Rússia (que mal chegou a se consolidar como democracia nos anos 1990), a Hungria e a Turquia. Na América Latina, a Venezuela e a Nicarágua deixaram de ser democracias nos últimos anos. Estudos recentes vêm tentando explicar esse fenômeno.

No livro *Como as democracias morrem*, os cientistas políticos Steven Levitsky e Daniel Ziblatt mostram que nas democracias há normas não escritas que devem ser respeitadas. Por exemplo, o resultado das eleições precisa ser aceito pelos derrotados; se a cada pleito o vencedor for declarado ilegítimo pelos adversários, a democracia se enfraquece.

Outro trabalho fundamental sobre a recessão democrática é do filósofo britânico David Runciman, que indicou vários problemas que a democracia ainda não sabe administrar, como a crise ambiental global e a radicalização política nas redes sociais. Essas questões geram novas crises democráticas, diferentes das que levaram a golpes de Estado no passado.

A divulgação de notícias falsas e a descredibilização dos resultados das eleições deram origem a dois acontecimentos muito similares nos Estados Unidos (2021) e no Brasil (2023). Ambos os movimentos fracassaram, mas representaram um choque para os países, que viram suas democracias em xeque.

Aloisio Mauricio/Fotoarena

Steven Levitsky em 2018.

Steven Levitsky (1968-)

Cientista político estadunidense, professor em Harvard. Participou de importantes pesquisas sobre regimes de "autoritarismo competitivo", em que há eleições, mas o governo manipula e distorce as regras de modo a sempre vencê-las.

Mike Theiler/REUTERS/Fotoarena

Em 6 de janeiro de 2021, o Capitólio (o Congresso Nacional dos Estados Unidos) foi invadido para tentar impedir a posse do presidente democraticamente eleito, Joe Biden. Na fotografia, policiais tentam controlar a invasão.

Ton MOLINA/AFP

Em 8 de janeiro de 2023, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF) foram invadidos e vandalizados para tentar impedir a continuidade do governo do presidente democraticamente eleito, Lula. O movimento foi controlado pelas autoridades. Na fotografia, manifestantes destroem a vidraça do STF, Brasília (DF), 2023.

Há várias maneiras de um governo acabar com a democracia sem acabar com as eleições. Uma delas é atacar a imprensa, que denuncia os erros e a corrupção dos governantes. Outra é por meio de ataques a instituições como a Suprema Corte, o órgão de maior importância do Poder Judiciário.

Na Hungria e na Venezuela, o governo conseguiu nomear para a Suprema Corte juízes comprometidos com o autoritarismo. Ora, é a Suprema Corte do país que decide se o que o governo faz está de acordo com a Constituição. Portanto, se esse órgão estiver repleto de juízes que concordam com tudo o que o governo faz, na prática não haverá mais Constituição.

Leonardo Fernandez Viloria/Reuters/Fotoarena

Em meio a protestos e contestações dos resultados das eleições venezuelanas, o presidente Nicolás Maduro apresenta recurso no Conselho Nacional Eleitoral do país, que tem sua parcialidade contestada devido à quantidade de indicações do presidente em sua composição. Caracas (Venezuela), 2024.

Roberto Ricciuti/Getty Images

David Runciman em 2018.

David Runciman (1967-)

Professor de política em Cambridge, no Reino Unido. É autor de importantes estudos sobre democracia, teoria política e história do pensamento político, além de ser apresentador de um célebre *podcast* (em língua inglesa) sobre pensamento político.

Assim falou David Runciman

As soluções para nossos problemas comuns, que dependem cada vez mais da especialização técnica, tendem claramente no sentido da **tecnocracia**. As demandas de reconhecimento, cada vez mais manifestas na linguagem da identidade pessoal, estão indo no sentido oposto, rumo a alguma coisa que lembra o anarquismo. Ao longo do século XX, a experiência coletiva da luta política – tanto para resolver os problemas comuns quanto para enfatizar o reconhecimento democrático – manteve a democracia intacta. No século XXI, a experiência dispersa da fúria política está contribuindo para que se despedace.

RUNCIMAN, David. *Como a democracia chega ao fim*. São Paulo: Todavia, 2018. p. 202.

tecnocracia: sistema em que os indivíduos são escolhidos para o governo com base em sua qualificação técnica.

Retome

1. A filtragem de postagens pode reduzir a diversidade de opiniões e limitar o confronto de ideias, enfraquecendo a qualidade do debate.

Não escreva no livro

1. Como o fato de os algoritmos das redes sociais filtrarem postagens pode afetar a qualidade do debate público?
2. De que maneira a confirmação de opiniões preexistentes pelas redes sociais pode impactar a essência da democracia?

2. A confirmação de opiniões pode favorecer a polarização da sociedade e dificultar o diálogo construtivo, prejudicando o debate democrático e a formação de consenso.

Mundo digital

Fake news: perigo para a democracia

A velocidade viral e o descontrole da disseminação de *deepfakes* (adulteração de áudios e imagens) e *fake news* (notícias falsas) são uma ameaça à democracia. Informações distorcidas podem influenciar o resultado de um processo eleitoral e, se as instituições do país estiverem fragilizadas, estimular a instauração de regimes autoritários.

Democracia em risco: A ameaça invisível da IA nas eleições brasileiras

[...] Há um perigo latente na disseminação de informações distorcidas e *deepfakes* durante o período eleitoral. A IA [Inteligência Artificial] tem esse poder único de fabricar conteúdos falsos tão reais que é assustador. Essa disseminação de falsidades abala a confiança no processo eleitoral, pondo em xeque a integridade e a legitimidade de nossas eleições. [...]

É perturbador ver que, apesar dessas ameaças visíveis, o ritmo legislativo brasileiro tem sido incrivelmente lento na implementação de regulamentações adequadas para essa tecnologia nas eleições. O Projeto de Lei nº 2.338/2023, em tramitação na Comissão Temporária sobre Inteligência Artificial no Brasil (CTIA), embora seja um passo na direção certa, ainda precisa de debates mais abrangentes e específicos sobre o uso da IA nas campanhas. Essa falta de regulamentação é uma falha perigosa em nossa democracia, dada a urgência do momento. [...]

No entanto, não basta agir isoladamente. É crucial formar uma força-tarefa interdisciplinar, reunindo membros dos Ministérios da Justiça, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), do Ministério Público Eleitoral e do Congresso Nacional. Somente por meio de uma abordagem unificada e abrangente, poderemos enfrentar com sucesso esses desafios. A lentidão legislativa e a falta de discussões efetivas sobre a IA nas eleições são sinais gritantes de alerta. [...]

SENISE, Marcelo. Democracia em risco: A ameaça invisível da IA nas eleições brasileiras. *Correio Braziliense*, 5 dez. 2023. Disponível em: https://tedit.net/mtacy4. Acesso em: 14 out. 2024.

1. Essa atividade contribui para os estudantes refletirem e ficarem atentos para as informações que recebem ou leem digitalmente. É importante que deem exemplos e passem a ter um senso crítico sobre as mensagens que recebem.

Atividades

Não escreva no livro

1. Você já recebeu alguma informação por um meio digital que tenha identificado ser *fake news*? Em caso afirmativo, relate sua experiência.
2. Pesquise uma informação sobre algum candidato de alguma eleição que tenha sido vítima de *fake news* e compare as informações falsas com as verdadeiras.
3. Em duplas, entrevistem pelo menos cinco pessoas cujo voto tenha sido influenciado por uma informação recebida por meio digital. Questionem se elas deixaram de votar em alguém devido a essa informação e se procuraram checar a veracidade dela. Complementem o trabalho com a busca em *sites* que checam notícias falsas sobre eleições. Analisem os resultados e produzam um *podcast* sobre a influência das informações divulgadas por meios digitais no processo eleitoral.

2. É importante que os estudantes façam o comparativo entre as informações falsas e as verdadeiras para terem noção de que existem *fake news*.

3. Leia as orientações no Manual do Professor.

Os valores pós-materialistas

Em meados da década de 1970, o cientista político estadunidense Ronald Inglehart percebeu que, nos países desenvolvidos, havia uma diferença enorme entre o que os indivíduos mais velhos e os mais novos consideravam mais importante na vida.

Os mais velhos se preocupavam sobretudo com a sobrevivência: valorizavam a estabilidade econômica, a segurança financeira, o emprego, etc. Os mais jovens, por outro lado, valorizavam mais o que Inglehart chamou de "valores pós-materialistas", isto é, valores ligados à liberdade, como a liberdade sexual e a liberdade para mulheres, e a causas relativas à qualidade de vida, como a defesa do meio ambiente.

Segundo Inglehart, em países pobres, onde o risco de cair na miséria é real, prevaleceriam os valores ligados ao bem-estar econômico. Entretanto, à medida que os países se desenvolvem, o risco de pobreza cai e o desejo por mais liberdade e qualidade de vida torna-se prioritário.

AP Photo/Imageplus

Atendendo à oferta de 2 mil postos para manutenção e reparos em parques públicos da cidade, cerca de 5 mil desempregados aguardam diante da prefeitura de Cleveland, nos Estados Unidos, em outubro de 1930, durante a Grande Depressão. As grandes privações sofridas pelas pessoas que cresceram nessa época ajudam a explicar, segundo Inglehart, por que elas se tornaram especialmente preocupadas com a segurança econômica.

Reprodução/Universidade HSE, Moscou, Rússia

Ronald Inglehart. Fotografia não datada.

Ronald Inglehart (1934-2021)

Cientista político da Universidade de Michigan. Foi membro do Comitê Executivo do World Values Survey, rede global de cientistas sociais que empreenderam pesquisas nacionais representativas em 97 países, abordando temas como participação social, ecologia, identidade nacional e religião. Integrou a Academia Americana de Artes e Ciências.

As ideias de Inglehart tiveram muita influência sobre as pesquisas de Ciência Política e talvez ainda venham a se tornar mais relevantes para nós, brasileiros. Nos países pobres, Inglehart admite que a sobrevivência ainda é a prioridade absoluta. Mas, à medida que esses países se desenvolvem, como vem acontecendo no Brasil e na China, é possível que as gerações atuais e futuras tenham mais e maiores preocupações pós-materialistas. No Brasil, a crescente importância de questões como os direitos de homossexuais e transexuais confirma a pertinência da tese de Inglehart. Mas ainda é cedo para avaliar a abrangência dos valores pós-materialistas, porque uma grande parcela da população do país não alcançou a segurança da estabilidade material.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Desfile de moda sustentável e reciclada no Quilombo da Pedra Bonita, no Rio de Janeiro (RJ), em 2022. A busca por reaproveitamento de recursos têxteis tem sido uma preocupação da moda nos últimos anos, considerando o impacto da produção e descarte de roupas para o meio ambiente.

1. À medida que as sociedades se desenvolvem, os cidadãos tendem a se preocupar mais com a qualidade de vida e a liberdade individual do que com o risco de pobreza e reivindicações materiais de estabilidade.

Retome

Não escreva no livro

1. Como o desenvolvimento das sociedades influencia as preocupações dos cidadãos sobre pobreza, qualidade de vida e liberdade individual?
2. Qual é a relação entre a preservação ambiental e o crescimento econômico no longo prazo?

2. A preservação ambiental é crucial para garantir o crescimento econômico sustentável no longo prazo.

No detalhe

A sustentabilidade na moda perpassa vários debates, desde os excessos de consumo até a demanda ambiental por processos produtivos menos agressivos ao meio ambiente. Como exemplo, segundo o relatório mais recente da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), em 2022 foram descartados 4 milhões de toneladas de resíduos têxteis apenas no país.

- A preocupação com uma moda sustentável pode ser considerada um valor pós-materialista? Explique.

Não escreva no livro

Leia a resposta no Manual do Professor.

Novos rumos na filosofia política

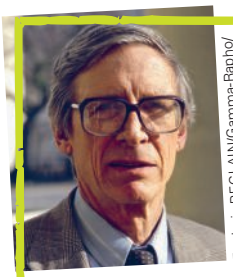
Nas últimas décadas, houve um renascimento da filosofia política.

O filósofo estadunidense John Rawls propôs uma teoria da justiça baseada no raciocínio descrito a seguir.

Suponha que todos nós nos reuníssemos para decidir como a sociedade vai distribuir as coisas e os direitos de que todos nós precisamos para viver. Agora, imagine que, na hora de decidirmos isso, nenhum de nós saiba que lugar vai ter na sociedade. Isto é, não saberíamos se seríamos ricos ou pobres, brancos ou negros, se nossa religião seria a da maioria ou da minoria da população. Sob esse véu da ignorância, diz Rawls, escolheríamos o que fosse justo sem saber se seríamos beneficiados ou prejudicados por essa decisão.

Que princípios seriam adotados por pessoas racionais nessa situação? Para Rawls, seriam os seguintes:

1. Cada pessoa tem direito ao conjunto de direitos que podem ser distribuídos igualmente a todos sem prejudicar ninguém. Por exemplo, se eu exercer meu direito à liberdade religiosa, isso não limita o seu direito de exercer a sua.
2. As desigualdades sociais só seriam justas quando:
   a) as posições privilegiadas da sociedade estivessem abertas a todos que preenchem certas condições de talento e esforço. Isto é, ninguém pode ser excluído das melhores posições na sociedade por raça, gênero ou origem de classe.



Frederic REGLAIN/Gamma-Rapho/Getty Images

John Rawls em 1987.

John Rawls (1921-2002)

Professor de Filosofia Política na Universidade Harvard, autor de *Uma teoria da justiça* (1971) e *Liberalismo político* (1993). Foi o grande responsável pelo renascimento da filosofia política no final do século XX. Retomando a teoria do contrato social, Rawls procurou responder de que modo podemos determinar se as instituições de uma sociedade são justas.

Jacquelyn Martin/AP Photo/Imageplus

Manifestação em Washington, D.C., capital dos Estados Unidos, em nome dos 99%, isto é, da parcela da população que não está entre o 1% mais rico do país. Nos últimos trinta anos, os mais ricos passaram a controlar uma parcela cada vez maior da riqueza nos Estados Unidos. Na opinião dos manifestantes, esse aumento de desigualdade não produziu benefícios para os mais pobres. Se isso for verdade, o aumento de desigualdade não pode ser justificado com base na teoria de John Rawls. Fotografia de 2011.

b) beneficiarem os cidadãos menos privilegiados. Esse princípio, batizado de princípio da diferença, diz o seguinte: imagine que você está sob o véu da ignorância, sem saber se você será rico ou pobre, e vai decidir como será distribuída a riqueza. O racional seria adotar o princípio da diferença: deixar as pessoas mais talentosas prosperarem (afinal, você pode ser uma delas), desde que essa prosperidade também favoreça os mais pobres entre os pobres (afinal, você também pode ser um deles).

Leo Caldas/Pulsar Imagens

Na fotografia, vemos o contraste entre a favela de Paraisópolis e o bairro do Morumbi (ao fundo), em São Paulo, 2021. A desigualdade de renda é um dos principais problemas que inspiram as novas discussões de filosofia política.

Favoritos

Reprodução/ Editora Civilização Brasileira

Justiça: o que é fazer a coisa certa, de Michael Sandel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

O livro reúne os temas do curso introdutório de mesmo nome, ministrado na Universidade Havard por um dos maiores filósofos políticos contemporâneos, Michael Sandel. Também há a possibilidade de assistir ao curso, em versão legendada em português, em diversos *sites* de compartilhamento de vídeos.

O princípio da diferença de Rawls possivelmente esteja sendo comprovado na prática. Nos anos 1980 e 1990, a China se tornou cada vez mais capitalista, e a desigualdade aumentou muito. Porém, o país cresceu tanto que a situação econômica dos mais pobres também melhorou.

Entretanto, hoje já há sinais de que o crescimento chinês vem desacelerando. Se ele parar de favorecer os mais pobres, será possível convencer os ricos chineses a repartirem sua riqueza?

Essa dúvida propõe outra pergunta: Por que as desigualdades deveriam ser justificadas se as regras de mercado tiverem sido obedecidas, se ninguém tiver sido forçado a comprar ou a vender, se não tiver havido fraude ou corrupção? Essa é a questão fundamental do filósofo estadunidense Robert Nozick, que procurou reformular a teoria do filósofo inglês John Locke para justificar o liberalismo econômico radical.

CFOTO/Future Publishing/Getty Images

Bolsa de Xangai (China), reflexo do crescimento econômico chinês nas últimas décadas. Ao se transformar em uma economia de mercado, a China tornou-se muito mais rica, mas também muito mais desigual. Nos próximos anos, veremos como os chineses resolverão os problemas éticos trazidos pela desigualdade. Fotografia de 2024.

O raciocínio de Nozick obedece à seguinte sequência:

- todos somos proprietários de nós mesmos;
- logo, todos somos proprietários de nosso trabalho;
- logo, somos proprietários dos frutos de nosso trabalho;
- logo, quando o governo nos cobra impostos, ele retira parte dos frutos de nosso trabalho; portanto, estamos realizando trabalho forçado, o que é injusto.

Assim, para Nozick, o Estado poderá atuar apenas para garantir os direitos civis e políticos dos cidadãos. Se o Estado quiser cobrar impostos para financiar direitos sociais, estará, na prática, forçando os contribuintes a trabalhar para ele.

Jane Reed/Universidade de Harvard, Cambridge, EUA.

Robert Nozick em 1998.

Robert Nozick (1938-2002)

Filósofo político estadunidense, foi professor na Universidade Harvard e conhecido por seu livro *Anarquia, Estado e utopia* (1974). Nozick foi responsável por adaptar as ideias liberais de John Locke às discussões contemporâneas. Teve profunda influência sobre as gerações posteriores de pensadores liberais e defensores do livre mercado.

Luca Castro/Fotoarena

Para ilustrar o argumento de Nozick, pensemos no caso de esportistas famosos, como a ginasta Rebeca Andrade (fotografia de 2024). A atleta conquistou quatro medalhas nos Jogos Olímpicos de Paris. Imaginemos que, para que ela se esforce e ganhe mais, muitos entre nós concordariam em pagar, digamos, um real cada um. Se muita gente fizesse isso, Rebeca se tornaria muito mais rica do que a média dos brasileiros. Segundo as ideias de Nozick, essa situação de desigualdade não seria injusta, porque cada um agiu livremente.

A ideia central de Nozick é que as transações de mercado, quando são livres, são justas, e não podemos considerar injusta qualquer distribuição de renda que resulte das transações de mercado, por mais desigual que seja.

O pensamento de Nozick foi muito influente nas décadas de 1980 e 1990, em especial durante os governos de Ronald Reagan nos Estados Unidos (1981-1989) e de Margaret Thatcher no Reino Unido (1979-1990).

Entretanto, desde a grande crise financeira de 2008, causada por especulação no mercado financeiro (no qual se concentravam indivíduos de altíssima renda), mais gente voltou a se perguntar se a desigualdade produzida no mercado deve ser sempre considerada justa.

Embora sua teoria se oponha a políticas de combate à desigualdade, Nozick reconhece que o governo pode ter a obrigação moral de compensar grupos cujos direitos foram sistematicamente violados, como os indígenas brasileiros e os africanos que foram trazidos para o Brasil.

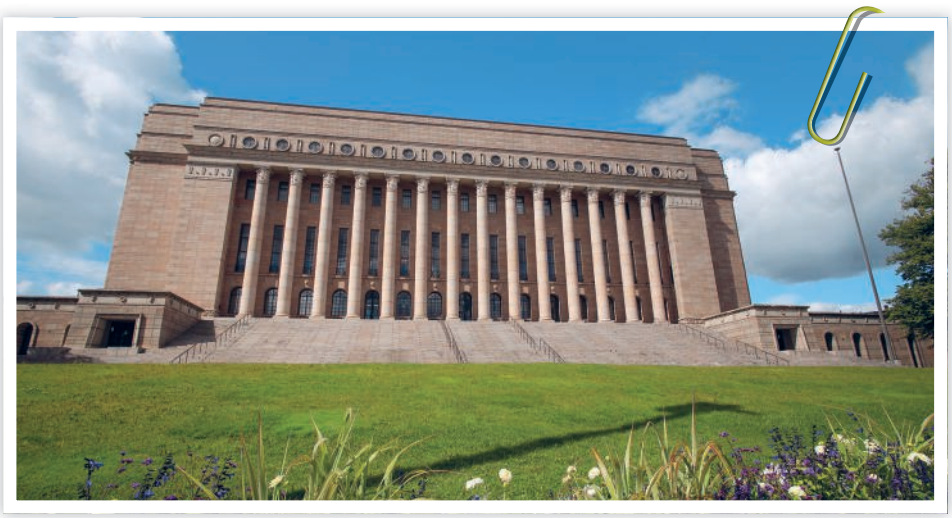
Pedro Ladeira/Folhapress

Manifestantes Quilombolas de várias regiões do Brasil em marcha em defesa de seus direitos, em frente ao Congresso Nacional, em Brasília (DF), em 2022. O impacto da escravidão de africanos e afro-brasileiros ainda reverbera na garantia de direitos dos quilombolas no país.

Instituições políticas e desenvolvimento econômico

Um aspecto importante da Ciência Política nos últimos anos é o diálogo intenso com a Economia. O estudo de questões que ficam na fronteira entre política e economia, aliás, levou a estadunidense Elinor Ostrom a ser a primeira cientista política a ganhar um prêmio Nobel de Economia.

Esse diálogo foi facilitado pelo grande número de economistas interessados em discutir o papel das instituições. Instituições são conjuntos de regras, procedimentos e normas éticas que organizam algum aspecto da vida social. Por exemplo, o Estado, as empresas e as igrejas são instituições. Por causa de trabalhos como os do estadunidense Douglass North, o efeito de diferentes instituições sobre a economia ganhou maior importância entre os estudiosos.



Ina Meer Sommer/Shutterstock

Os países nórdicos exemplificam como instituições fortes e eficazes, como um sistema judicial independente e um governo transparente, impulsionam uma economia robusta e inovadora. Na fotografia, o parlamento da Finlândia, país que apresenta altos índices de qualidade institucional e uma economia bem desenvolvida. Helsinque, Finlândia, 2023.

RAVEENDRAN/AFP

Elinor Ostrom em 2011.

Elinor Ostrom (1933-2012)

Cientista política estadunidense, estudou o problema da gestão de recursos comuns. A importância de seu trabalho fica evidente quando consideramos problemas ambientais. Foi a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel de Economia, em 2009, dividido com o economista Oliver Williamson.

Rolf Haid/picture alliance/Getty Images

Douglass North em 1999.

Douglass North (1920-2015)

Economista estadunidense, lecionou em Washington, nos Estados Unidos, e Cambridge, no Reino Unido. Foi um dos fundadores da chamada nova economia institucional. Por suas contribuições, recebeu o Prêmio Nobel de Economia em 1993.

Os economistas Daron Acemoglu e James Robinson se dedicaram a refletir sobre uma das principais questões das Ciências Sociais: Por que as diferenças de riqueza entre os países são tão grandes?

Segundo Acemoglu e Robinson, os países que mais têm instituições são mais inclusivos. Isso vale tanto para instituições econômicas (mercados, direitos de propriedade, etc.) quanto para instituições políticas (Estado, partidos, sistema eleitoral, etc.).

O que torna um Estado ou um mercado mais inclusivo? A capacidade de incluir mais pessoas em seu funcionamento. Quando as **instituições** são mais **inclusivas**, mais gente pode competir no mercado, fundar empresas, votar, ter seus direitos civis e políticos reconhecidos, participar da discussão sobre como o país deve ser governado.

E de que modo as instituições inclusivas favoreceriam o desenvolvimento? Em primeiro lugar, porque dificilmente a competição econômica será livre se o Estado for controlado por um pequeno grupo ou por um ditador, que em geral preferem utilizar o Estado para extrair os recursos para si ou para seus aliados, sem competição. Dessa forma, um sistema em que mais pessoas podem participar das decisões políticas, como a democracia, também favoreceria, a longo prazo, o desenvolvimento econômico.

Tarcísio Schnaider/Pulsar Imagens

Os conselhos comunitários e as assembleias participativas são um mecanismo que permite, em pequena escala, a participação popular na tomada de decisões, na discussão de propostas e na reflexão coletiva sobre os assuntos que afetam o cotidiano da comunidade. Na fotografia, representantes do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Tapajós, em Jamaraquá (PA), 2024.

Bryce Vickmark/Acervo do fotógrafo

Daron Acemoglu em 2022.

Daron Acemoglu (1967-)

Economista nascido em Istambul (Turquia), doutor pela London School of Economics, é professor no Massachusetts Institute of Technology (MIT) desde 1993. Membro do programa de crescimento econômico do Canadian Institute of Advanced Research, entre outros institutos. Seu foco de interesse é a maneira como as instituições políticas e econômicas influenciam o desenvolvimento econômico. Em 2024, recebeu o Prêmio Nobel de Economia.

Ovidio Gonzalez/Getty Images

James Robinson em 2018.

James Robinson (1960-)

Cientista político e economista britânico, professor na Universidade Harvard. Renomado especialista em América Latina e África, realizou pesquisas na República Democrática do Congo, em Serra Leoa, no Haiti e na Colômbia, onde lecionou durante vários anos em cursos de verão na Universidade dos Andes, em Bogotá. Em 2024, recebeu o Prêmio Nobel de Economia.

O oposto das instituições inclusivas são as instituições extrativas, que visam apenas extrair riqueza da população para beneficiar a elite que, em geral, também controla o Estado.

Um exemplo clássico do efeito das instituições extrativas sobre o desenvolvimento são os índices de pobreza da grande maioria dos países que foram colônias (como o Brasil): nas colônias, as instituições não eram pensadas para garantir o bem-estar da população (que, em grande parte, era escravizada ou pobre), mas para assegurar a extração de riqueza destinada à metrópole. Mesmo depois da independência, muitos desses países (inclusive o Brasil) continuaram tendo por um longo período o mesmo tipo de instituição, apenas com a substituição do controle: saiu a metrópole, entraram as elites locais.

As instituições extrativas até podem produzir crescimento de curto prazo, mas logo esbarram em dificuldades. Por exemplo, na antiga União Soviética, o Estado controlava todos os recursos econômicos e era controlado por uma pequena elite do Partido Comunista.

1. A Coreia do Sul é muito iluminada, o que indica não só maior acesso à energia elétrica, como também, provavelmente, uma vida noturna mais intensa (o que em geral indica maior renda), melhor iluminação urbana, etc.

2. A diferença entre as instituições. Na ditadura norte-coreana, tanto o poder político quanto o controle da economia estão extremamente concentrados nas mãos da elite governante. Na Coreia do Sul, as instituições são mais inclusivas, isto é, há muito mais oportunidades para os cidadãos participarem tanto do mercado quanto da vida política.

JSC/NASA

Esta imagem de sátelite noturna mostra a Coreia do Sul e a Coreia do Norte. Nela, é possível ver a Coreia do Sul muito iluminada. A Coreia do Norte é a área quase completamente escura: o ponto mais claro é a capital do país. Imagem de satélite de 2024.

No detalhe

1. Analisando a imagem de satélite, quais fatores podem explicar tamanha diferença de iluminação entre os dois países?
2. De acordo com o estudado até aqui, o que explica tamanha diferença de desenvolvimento entre países que, afinal, têm a mesma cultura?

Não escreva no livro

Trabalhando com

notícia

Xenofobia e conflito social

Apesar do que estudamos sobre valores pós-materiais, países ricos não são livres de conflitos materiais, nem toda luta cultural é por liberdade ou autonomia individual. Migrantes, por exemplo, que por vários motivos buscam uma vida mais digna em países que já dispõem de muitos direitos e estabilidade econômica, muitas vezes são vistos por alguns grupos desses países como uma ameaça e são tratados com atitudes violentas e xenofóbicas.

Premiê britânico promete 'condenações rápidas' após ataques da extrema direita a mesquitas e abrigos

[...] A onda de violência eclodiu após um ataque [...] que ceifou a vida de três meninas menores de idade há uma semana, durante uma festa temática da cantora Taylor Swift, em Southport. Os distúrbios foram alimentados por falsos rumores e especulações na internet sobre a identidade do suspeito e algumas versões divulgadas por "influenciadores" de extrema direita indicavam que o autor do crime era um solicitante de asilo muçulmano.

A polícia informou que o suspeito é um menino de 17 anos nascido no País de Gales, mas a imprensa britânica informou que seus pais são ruandeses.

[...] em Southport, no noroeste de Inglaterra, os distúrbios e confrontos entre polícia, manifestantes e, por vezes, contra manifestantes antirracistas se multiplicaram em inúmeras cidades britânicas, desde Liverpool, no Noroeste, até Bristol, no Sudoeste, passando por Leeds e Sunderland, na Inglaterra, ou Belfast, na Irlanda do Norte. No domingo, estas manifestações, sob o lema "Já é demais" em referência à chegada ao Reino Unido de migrantes que atravessam o Canal da Mancha em embarcações infláveis, levaram a ataques a dois hotéis que abrigam solicitantes de asilo. [...]

PREMIÊ britânico promete 'condenações rápidas' após ataques da extrema direita a mesquitas e abrigos. *Brasil de Fato*, 5 ago. 2024. Disponível em: https://tedit.net/qtcvx0. Acesso em: 8 ago. 2024

Atividades

Leia as respostas e as orientações no Manual do Professor.

Não escreva no livro

1. Analise este trecho: "Os distúrbios foram alimentados por falsos rumores e especulações na internet sobre a identidade do suspeito e algumas versões divulgadas por 'influenciadores' de extrema direita indicavam que o autor do crime era um solicitante de asilo muçulmano." Como notícias falsas como essa ameaçam a sensação de segurança que deveria ser característica de um país desenvolvido?
2. O que grupos radicais nacionalistas e de extrema direita pretendem com essas ações contra migrantes?
3. Escreva um texto argumentativo sobre quais providências um governo já estabilizado economicamente poderia tomar para evitar a xenofobia e o extremismo de alguns grupos. Depois, compartilhe-o com a turma.

A União Soviética teve crescimento econômico alto durante muitos anos, mas provou-se incapaz de competir com os países capitalistas, não conseguiu reformar sua economia, estagnou e entrou em declínio, deixando de existir em 1991.

Parte da explicação para isso foram as instituições centralizadas soviéticas. A criação de novas tecnologias é mais fácil quando os criadores podem investir seu dinheiro (ou o dinheiro de investidores) em suas ideias. Muitas dessas ideias dão errado, mas as que dão certo têm chance de prosperar. É um processo de tentativa e erro, em que os inovadores arriscam seu capital esperando obter grandes lucros com suas inovações. Esse processo pode se tornar mais difícil quando o único proprietário é o governo e a elite teme que os inovadores se tornem ricos (e, portanto, poderosos), ameaçando seu poder.

Embora seja difícil passar de instituições extrativas para instituições inclusivas, há histórias de sucesso. A Coreia do Sul, por exemplo, era muito pobre; sofreu a exploração colonial japonesa e enfrentou uma guerra civil trágica, mas conseguiu, nas últimas décadas do século XX, se tornar economicamente dinâmica e, depois, democrática e desenvolvida. A Índia, que é democrática desde a Independência, vem abrindo sua economia, enquanto a China faz o caminho inverso: começou abrindo sua economia, mas ainda não sabemos se vai se tornar democrática nos próximos anos. Se isso não ocorrer, segundo a teoria de Acemoglu e Robinson, o país deverá sofrer uma desaceleração econômica.

Jerome Delay/AP Photo/Imageplus

Eleitora deposita seu voto na urna durante as eleições de 2019, em Gaborone, Botsuana. Quando se tornou independente (1966), esse país era extremamente pobre: segundo Acemoglu e Robinson, contava apenas com 12 quilômetros de estradas pavimentadas, 22 pessoas com curso universitário e 100 com curso secundário. Hoje em dia, embora ainda seja pobre, Botsuana é um dos países africanos que cresce mais consistentemente. Para Acemoglu e Robinson, esse crescimento é parcialmente explicado pela sobrevivência da democracia no país desde a independência, algo raro no continente africano.

Assim falaram **Daron Acemoglu e James Robinson**

Instituições econômicas inclusivas, que garantem os direitos de propriedade, oferecem oportunidades iguais e encorajam investimentos em novas tecnologias e habilidades, conduzem mais ao crescimento econômico do que instituições econômicas extrativas, que são estruturadas para extrair recursos da maioria pela minoria e que deixam de proteger direitos de propriedade ou criar incentivos para a atividade econômica. Instituições econômicas inclusivas, por sua vez, apoiam e são apoiadas por instituições políticas inclusivas, isto é, aquelas que distribuem o poder político amplamente, de maneira pluralista, e são capazes de alcançar algum grau de centralização política para estabelecer a lei e a ordem, as bases de direitos de propriedade seguros, e uma economia de mercado inclusiva.

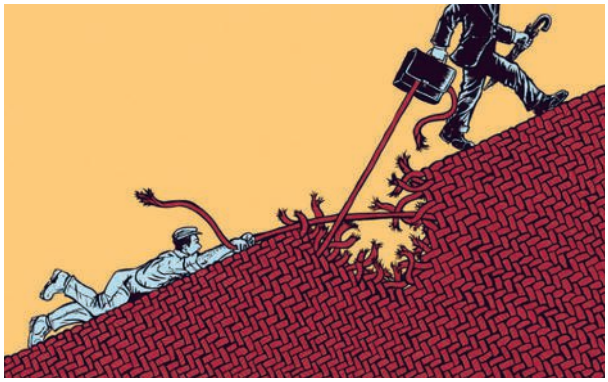
ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James. *Why Nations Fail*. New York: Crown Publishers, 2012. p. 429. Texto traduzido.

Galeria de atividades

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Sob a ótica de Foucault, qual é a diferença entre as formas de punição a criminosos nas sociedades tradicionais e nas sociedades modernas?
2. No que consiste a atual crise da democracia?
3. Por que, para Inglehart, o progresso econômico pode levar as pessoas a prezarem mais os valores pós-materialistas?
4. De acordo com Rawls, que critérios poderiam justificar a desigualdade social?
5. Por que instituições políticas mais inclusivas podem favorecer o desenvolvimento?
6. Considere a charge a seguir.

© Alex Hahn/Acervo do cartunista



Charge de Alex Hahn publicada na revista britânica *The Economist*.

- Essa ilustração, de Alex Hahn, sugere que o aumento da desigualdade contribui para rasgar o tecido social, enfraquecendo o sentimento de que tanto o rico quanto o pobre integram uma mesma sociedade. Você considera essa tese razoável? Você acredita que o crescimento da desigualdade pode levar ao aumento da desconfiança entre as pessoas, que se sentiriam menos unidas a indivíduos de outras classes sociais?

7. Observe a seguinte charge, publicada em 2007.
   - Levando em conta a tese de Inglehart sobre o desenvolvimento econômico e a defesa de valores pós-materiais, de que maneira a desigualdade social brasileira impede a promoção desses valores no país?

© Angeli/Folha de S. Paulo 13.04.2007/Fotoarena

Charge de Angeli publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, 13 abr. 2007.

Leia as respostas no Manual do Professor.

8. Leia o texto de Saskia Sassen.

O que se costuma chamar de desenvolvimento econômico dependeu, por muito tempo, da extração de materiais de uma parte do mundo e de seu transporte até outra. Nas últimas décadas essa geografia da extração se expandiu rapidamente por meio de novas tecnologias complexas e agora se caracteriza por desequilíbrios ainda maiores em sua relação com os recursos naturais e sua utilização. A combinação de inovações que aumenta nossa capacidade de extração agora ameaça componentes essenciais da biosfera, deixando-nos com extensões cada vez maiores de terras e águas mortas.

SASSEN, Saskia. *Expulsões*: brutalidade e complexidade na economia global. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016. p. 21.

- Como podem ser compreendidos os limites do desenvolvimento econômico?

9. Relacione a charge de Quino e o texto da filósofa Marcia Tiburi (1970-).

© Sucesores de Joaquín S. Lavado Tejón (QUINO)/Fotoarena

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

O afeto que anima a democracia é político, no seu sentido mais simples: produz elos, uniões, coletivos, transformações. Fica fácil entender se pensarmos que a democracia é bonita como é bonita uma festa em que as pessoas se alegram com o que têm em termos de lugar, bebida, comida, danças e cerimônias. O principal da festa é a alegria. Com ela qualquer festa é possível. Mas uma festa precisa ser minimamente produzida. Alguém tem que achar o lugar, a música, algo para comer. Penso na beleza das festas mais simples em que tudo se move em nome do simples fato de que confraternizar, de estar juntos alegremente, é possível. Bom lembrar que a festa não está pronta se, de mau humor, não nos propusermos a ela.

TIBURI, Marcia. *Como conversar com um fascista*. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. p. 70.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Pode chamar de *fake news*, notícias falsas de internet, fraude informativa, informações falsas, ou até de *misinformation*, se prefere inglês, que você estará designando corretamente a mesma doença informacional que se disseminou como uma pandemia pela vida pública mundo afora nos últimos anos, e cujos principais sintomas nas pessoas infectadas consistem na perda da capacidade de distinguir a verdade, de lidar adequadamente com fatos e dados e de tomar decisões bem-informadas. Sabe-se que o portador do vírus se torna alérgico a fatos e evita a todo custo a dissonância cognitiva, isto é, entrar em contato com informações que não satisfaçam os seus desejos e com relatos que se choquem com as suas crenças.

DOURADO, T.; GOMES, W. O que são, afinal, *fake news*, enquanto fenômeno de comunicação política? *In*: *Anais do VIII Compolítica, Brasília*, 2019. Disponível em: http://compolitica.org. Acesso em: 7 out. 2021.

Qual é a consequência do fenômeno apresentado no texto para a vida democrática?

Alternativa **b**.

a) Prática de censura.

b) Distorção da realidade.

c) Manifestação de cidadania.

d) Regulamentação das condutas.

e) Fortalecimento das instituições.

2. (Fuvest-SP)

Por mais bem informado que você possa ser, não dá para baixar a guarda. Mas por que as notícias falsas – mesmo aquelas mais improváveis – parecem tão convincentes para tantas pessoas? Van Bavel, professor de psicologia e ciência neural da Universidade de Nova York, se especializou em entender como as crenças políticas e identidades de grupo influenciam a mente, e descobriu que a identificação com posições políticas pode interferir em como o cérebro processa as informações.

Tendemos a rejeitar fatos que ameaçam nosso senso de identidade e sempre buscar informações que confirmem nossas próprias crenças, seja por meio de memórias seletivas, leituras de fontes que estão do nosso lado ou mesmo interpretando os fatos de determinada maneira. Isso tudo está relacionado a não querermos ter nossas ideias, gostos, identidade questionados, e por isso temos dificuldade em aceitar o que contradiz aquilo em que acreditamos.

Ana Prado. "A ciência explica por que caímos em *fake news*". *Superinteressante*. 15/06/2018. Adaptado.

De acordo com o texto,

Alternativa **c**.

a) as pessoas bem informadas estão protegidas de polêmicas, uma vez que o modo como processam os fatos tornam suas opiniões mais convincentes.

b) o posicionamento político garante a disseminação de notícias verdadeiras e resulta de crenças já estabelecidas socialmente.

c) a rejeição a questionamentos impede que se admitam pontos de vista antagônicos, em razão da tendência de se confirmar crenças pessoais.

d) as memórias seletivas auxiliam na rejeição de fatos contrários à realidade, já que conduzem à interpretação das reportagens de modo imparcial.

e) os fatos hostis normalmente são preteridos por grande parte da sociedade, embora sejam utilizados como identificador cultural.

Agir no mundo

Leia as orientações no Manual do Professor.

Como funcionam as eleições no Brasil?

A democracia brasileira tem um sistema eleitoral pluripartidarista caracterizado pela combinação de diferentes métodos de votação para cargos distintos. Para a eleição do presidente, governadores e prefeitos, utiliza-se o sistema majoritário, em que vence o candidato que obtiver a maioria absoluta dos votos, podendo haver segundo turno se nenhum candidato alcançar mais de 50% dos votos válidos no primeiro turno. Já para a eleição de deputados federais, estaduais e vereadores, é adotado o sistema proporcional, que distribui as cadeiras de acordo com a proporção de votos recebidos pelos partidos ou coligações, considerando também o quociente eleitoral.

Essas são algumas informações sobre nosso sistema eleitoral, mas ainda há muitas coisas importantes para aprender sobre ele, sobretudo quando pensamos no processo acontecendo na prática.

Rafael Henrique/Adobe Stock

Urna eletrônica utilizada nas eleições brasileiras em 2020.

Como, na prática, funcionam as eleições brasileiras?

Para descobrir, faça as pesquisas e realize a atividade proposta de acordo com as etapas a seguir.

Materiais necessários

- Computador ou celular com acesso à internet.
- Caderno e lápis para anotações.

Etapa 1

Inicialmente, pesquise no *site* oficial do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e no do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) o que faz cada um desses tribunais.

Etapa 2

Em seguida, faça uma segunda pesquisa no TSE sobre os requisitos para que um cidadão ou cidadã concorra a um cargo político nas eleições. Por exemplo, qual é a idade mínima para concorrer às eleições e se é preciso estar vinculado a um partido.

Etapa 3

Ainda consultando o *site* do TSE, registre as regras que regem um processo eleitoral no Brasil. Por exemplo:

- Quanto tempo antes das eleições as campanhas oficiais de partidos e candidatos são autorizadas?
- As eleições brasileiras usam urnas eletrônicas. Como elas são preparadas e distribuídas?
- No sistema eleitoral, o que é voto proporcional e o que é voto majoritário? A que cargos são destinados?
- O que são federações partidárias?

Resposta: Nas eleições majoritárias, vence o candidato que tiver mais votos. No Brasil, as eleições para prefeito, governador, presidente da república e senador são eleições majoritárias.

Além disso, pesquise e registre as obrigações e os deveres do eleitor:

- A partir de que idade é permitido votar?
- O voto é obrigatório para todos os cidadãos?
- Por que o voto é secreto?
- O que é permitido e o que é proibido no dia das eleições?

Nas eleições proporcionais, o voto é do partido. O sistema é feito para fortalecer os partidos. O número de vagas conquistada por cada partido depende da soma dos votos que seus candidatos tiveram. Isto é, mesmo se seu candidato perder, ele ajuda a eleger outro candidato do mesmo partido, que, em tese, tem ideias parecidas com as dele.

- A partir de que idade é permitido votar? O voto é obrigatório para todos os cidadãos? Por que o voto é secreto? O que é permitido e o que é proibido no dia das eleições?

No Brasil, as eleições para vereador, deputado estadual, deputado distrital (no Distrito Federal) e deputado federal são eleições proporcionais.

Essas informações podem ser encontradas no site da justiça eleitoral: https://tedit.net/zqqna3. (Acesso em: 14 out. 2024)

Etapa 4

No Brasil, há dois tipos de eleição: majoritárias e proporcionais. Pesquise que cargos são eleitos por cada um desses métodos e explique como cada um deles funciona.

Etapa 5

Interdisciplinaridade
Matemática

Elabore um texto informativo com as informações colhidas e divulgue-o em uma plataforma, determinada em conjunto com o professor para ser compartilhada pela turma, facilitando a democratização do acesso às informações. Antes da publicação, lembre-se de revisar e organizar o texto, separando as informações em títulos e em uma sequência coerente. A depender da plataforma selecionada, considere o uso de imagens para ilustrar algum ponto e observe a necessidade de textos mais enxutos.

Transcrição de áudios

Podcast 1

Unidade 1, Capítulo 1, p. 45
***Podcast* "O que reivindicam as populações indígenas no Brasil?"**
Tempo: 5 min 48 s
[VINHETA DE ABERTURA]
TRILHA SONORA: MÚSICA INSTRUMENTAL
Locutor [apresentação do *podcast*]:

Olá, pessoal! Bem-vindos a mais um episódio do nosso *podcast*. Hoje vamos falar sobre um tema muito importante e que merece nossa atenção: as reivindicações das populações indígenas no Brasil. Vamos entender um pouco mais sobre os direitos originários e os desafios que essas comunidades enfrentam para garantir seus direitos e melhores condições de vida. Venham comigo que é hora de aprender!

[VINHETA DE ENTRADA NO EPISÓDIO]
Locutor [introdução ao bloco]:

As populações indígenas brasileiras têm uma relação ancestral com o território que hoje chamamos de Brasil. Esse vínculo é reconhecido pelo conceito de direito originário, que se refere aos direitos derivados da presença ancestral dessas comunidades nas terras que ocupam. Em outras palavras, os direitos dos povos indígenas não são concedidos original e primeiramente pelo Estado, mas reconhecidos como preexistentes à formação do próprio Estado brasileiro.

Mas, ainda que a Constituição de 1988 reconheça esse direito, uma das principais reivindicações das populações indígenas é a demarcação e proteção de suas terras, já que o processo ainda enfrenta muitos obstáculos. A demora na demarcação e a invasão de terras são problemas recorrentes que ameaçam a sobrevivência e a cultura dessas comunidades.

[VÍRGULA SONORA]
Locutor [sobre o tema escolhido]:

As populações indígenas também lutam por melhores condições de vida e acesso a serviços básicos, como saúde, educação e infraestrutura. Muitas comunidades indígenas vivem em áreas remotas e enfrentam dificuldades para acessar serviços essenciais. A falta de políticas públicas adequadas e a ausência do Estado em muitas dessas regiões agravam ainda mais a situação.

Outro ponto importante é a preservação de suas culturas e seus conhecimentos tradicionais. As populações indígenas possuem um vasto conhecimento sobre a biodiversidade e os recursos naturais, além de cosmologias e modos de vida que são transmitidos de geração em geração. No entanto, a falta de reconhecimento desses saberes e os constantes ataques às suas organizações sociais ameaçam a continuidade dessas tradições. As comunidades indígenas reivindicam o respeito e a valorização de suas culturas, bem como o direito de viver de acordo com seus costumes e tradições.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
[Música de fundo instrumental animada]

As organizações indígenas têm desempenhado um papel fundamental na luta por esses direitos. Elas atuam na defesa das terras, na promoção das culturas e na busca por políticas públicas que atendam às necessidades das comunidades. Essas organizações também têm se articulado em nível nacional e internacional para dar visibilidade às suas causas e pressionar por mudanças.

No entanto, o cumprimento da legislação e a garantia dos direitos indígenas ainda são desafios presentes em nosso tempo. A falta de vontade política, os interesses econômicos e a violência contra lideranças indígenas são obstáculos que precisam ser superados. É fundamental que a sociedade como um todo se engaje na defesa dos direitos dos povos indígenas e na construção de um país mais justo e inclusivo.

[VÍRGULA SONORA]
[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
Locutor [considerações finais]:

Em resumo, as populações indígenas no Brasil reivindicam a demarcação e a proteção de suas terras, melhores condições de vida, acesso a serviços básicos e o reconhecimento de suas culturas e conhecimentos tradicionais. Essas reivindicações são pautadas no direito originário, derivado da presença ancestral dessas comunidades no território brasileiro. No entanto, o cumprimento da legislação e a garantia desses direitos ainda são desafios que precisam ser enfrentados.

E vocês, o que pensam sobre essas reivindicações? Acham que o Brasil tem avançado na garantia dos direitos indígenas? Têm alguma sugestão ou dúvida sobre o tema?

[VINHETA DE ENCERRAMENTO DO ASSUNTO]
Locutor [encerramento]:

Espero que tenham gostado do conteúdo. A importância de discutir e entender as reivindicações das populações indígenas vai além de um simples episódio de *podcast*. É um convite para que todos nós possamos nos engajar mais profundamente na luta por justiça e igualdade. Cada um pode fazer a diferença, seja por meio da educação, do ativismo ou simplesmente compartilhando informações corretas e relevantes.

A história e a cultura dos povos indígenas são parte fundamental da identidade do Brasil. Respeitar e valorizar essa herança é um passo essencial para construirmos um país mais inclusivo e justo. Então, que tal levar essa discussão adiante? Converse com amigos e familiares, participe de eventos e debates, e, acima de tudo, esteja sempre aberto a aprender.

Esse papo de hoje me fez refletir bastante, espero que vocês também! Ah! E que tenham ficado curiosos para pesquisar mais e trazer novas questões para nossas discussões. Até a próxima e bons estudos!

[VINHETA FINAL]

Podcast 2

Unidade 3, Capítulo 8, p. 206
***Podcast* "Pandemia da covid-19"**
Tempo: 5 min 50 s
[VINHETA DE ABERTURA]
TRILHA SONORA: MÚSICA INSTRUMENTAL
Locutor [apresentação do *podcast*]:

Olá! Seja bem-vindo a mais um episódio do nosso *podcast*. Hoje, falaremos sobre a pandemia de covid-19. Vamos lá!

[VINHETA DE ENTRADA NO EPISÓDIO]
Locutor [introdução ao bloco]:

Em 2020, o mundo todo foi impactado pela pandemia da covid-19. Milhares de pessoas nunca tinham sequer ouvido falar em pandemia, muito menos conheciam o significado dessa palavra. Mas, de repente, todos nós fomos impactados por uma transformação abrupta em nossas rotinas. Nesse processo, não houve quem conseguisse escapar de uma mudança significativa de hábitos; alguns em menor e outros em maior escala. Aprendemos na prática que uma pandemia ocorre quando uma doença atinge o mundo todo de uma só vez, e olha que vivemos em um planeta bem grande, né?

[VÍRGULA SONORA]
Locutor [sobre o tema escolhido]:

Durante a pandemia, as máscaras começaram a fazer parte da nossa rotina, e ficou mais difícil conversar. Vocês estão ouvindo minha voz um pouco abafada? É que estou de máscara. Mas para falar aqui, no *podcast*, eu posso tirar, **[locutor retirando a máscara]** assim fica mais fácil de vocês me entenderem.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
[Música de fundo instrumental calma]

A pandemia de covid-19 trouxe à tona diversas questões sociais e econômicas. A desigualdade social ficou ainda mais evidente, com muitas pessoas perdendo seus empregos e enfrentando dificuldades financeiras. O acesso à saúde também se mostrou desigual, com parte da população tendo mais dificuldade para conseguir atendimento médico e acesso às vacinas.

Outro ponto importante foi o impacto psicológico que a pandemia causou. O isolamento social, o medo do contágio e a perda de entes queridos afetaram a saúde mental de muitas pessoas. A ansiedade e a depressão aumentaram significativamente durante esse período, e muitas pessoas ainda estão lidando com as consequências emocionais.

Durante o período de reclusão social, muitas pessoas também repensaram as prioridades e a forma como vivem e passaram a valorizar mais o tempo com a família e os amigos, a importância da saúde e a necessidade de cuidar do meio ambiente. A pandemia nos mostrou que estamos todos interconectados e que nossas ações podem ter consequências globais.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
[Música de fundo instrumental animada]

Também é importante destacar as lições que podemos tirar dessa experiência. A pandemia nos ensinou a importância da solidariedade e da cooperação. Vimos muitas iniciativas de ajuda mútua, com pessoas se unindo para apoiar quem estava em situação de vulnerabilidade. Também aprendemos a importância da ciência e da pesquisa, que foram fundamentais para o desenvolvimento das vacinas e para o combate à pandemia.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]

O que nem sempre percebemos é que, além de afetar a vida da população, as pandemias também impactam o meio ambiente. Lembram quando falavam que a covid-19 surgiu por causa de um morcego? A gente ainda não tem certeza de como isso aconteceu e se foi assim mesmo, mas podemos considerar que essa não é uma situação impossível de ocorrer.

E qual é a relação do meio ambiente com o surgimento de doenças? Na realidade, quando o ser humano provoca a degradação ambiental, ele promove o deslocamento de animais silvestres que estavam em equilíbrio com o hábitat deles. Com isso, esses animais podem ficar em contato mais próximo do ser humano e facilitar a transmissão de vírus para nós. Muitos cientistas acreditam que o desequilíbrio ambiental tenha relação direta com a pandemia da covid-19 e ainda dizem que podemos ter muitas outras pandemias, pois, com o derretimento de calotas polares, por exemplo, diversos tipos de vírus e outros micro-organismos que estavam congelados e, digamos assim, adormecidos podem trazer doenças desconhecidas com as quais ainda não estamos preparados para lidar.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]

Agora, mais do que nunca, é essencial que continuemos a investir em ciência e tecnologia, para estarmos preparados para enfrentar futuras pandemias e outros desafios globais. Além disso, é fundamental que adotemos práticas mais sustentáveis e responsáveis, para proteger o meio ambiente e garantir um futuro melhor para as próximas gerações.

[VÍRGULA SONORA]

Locutor [considerações finais]:

Bom, resumindo: na natureza, existem milhões de seres de todos os tamanhos. Tudo está em harmonia, até que algo provoque uma alteração nesse equilíbrio. Com isso, seres que nunca entrariam em contato um com o outro em uma situação normal acabam se encontrando e nem sempre essa interação pode acabar bem. Não queremos novas pandemias e nenhuma nova doença, não é mesmo? Mas será que existe alguma solução para convivermos bem com outros animais sem colocar nenhum ser vivo em risco? O que vocês pensam sobre essa questão? Têm alguma ideia para sugerir?

[VINHETA DE ENCERRAMENTO DO ASSUNTO]

Locutor [encerramento]:

Esse papo de hoje me fez refletir bastante, espero que vocês também! Ah! E que tenham ficado curiosos para pesquisar mais e trazer novas questões para nossas discussões.

Até a próxima e bons estudos!

[VINHETA FINAL]

Podcast 3

Unidade 6, Capítulo 14, p. 334

***Podcast* "O que um presidente pode e não pode fazer?"**

Tempo: 7 min 7 s

[VINHETA DE ABERTURA]

TRILHA SONORA: MÚSICA INSTRUMENTAL

Locutor [apresentação do *podcast*]:

Olá, pessoal! Bem-vindos a mais um episódio do nosso *podcast*. Hoje vamos falar sobre um tema muito importante e que gera muitas dúvidas: o que um presidente pode e não pode fazer? Vamos entender um pouco mais as prerrogativas e limitações do cargo mais alto do poder Executivo. Venham comigo que é hora de aprender!

[VINHETA DE ENTRADA NO EPISÓDIO]

Locutor [introdução ao bloco]:

Para começar, vamos falar sobre algumas das prerrogativas exclusivas do presidente. Uma das mais conhecidas é o poder de veto. Quando o Congresso Nacional aprova uma lei, o presidente tem a prerrogativa de vetar total ou parcialmente o projeto. Isso significa que ele pode impedir que a lei entre em vigor se considerar que ela é inconstitucional ou contrária ao interesse público. No entanto, o veto presidencial não é absoluto; o Congresso pode derrubá-lo com a maioria dos votos dos parlamentares.

Outra prerrogativa importante é o poder de agenda. O presidente tem a capacidade de definir prioridades e pautas para o governo. Ele pode propor projetos de lei, medidas provisórias e reformas que considere essenciais para o país. Além disso, o presidente também tem o poder de nomear ministros e outros cargos de confiança, o que lhe permite formar uma equipe alinhada com suas diretrizes e objetivos.

[VÍRGULA SONORA]

Locutor [sobre o tema escolhido]:

Agora, vamos falar sobre algumas coisas que o presidente não pode fazer por conta própria. Primeiro, o presidente não pode aprovar uma lei sem a participação do Congresso. No Brasil, o processo legislativo envolve a elaboração, a discussão e a aprovação de leis pelo Congresso Nacional, composto da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. O presidente pode sancionar ou vetar leis, mas não pode criá-las sozinho.

Outra limitação importante é que o presidente não pode tomar decisões que infrinjam o regime democrático. Isso inclui, por exemplo, a tentativa de fechar o Congresso, censurar a imprensa ou violar os direitos e as liberdades fundamentais dos cidadãos. Ele deve sempre agir dentro dos limites estabelecidos pela Constituição e respeitar os princípios democráticos.

Além disso, o presidente não pode declarar guerra ou assinar tratados internacionais sem a aprovação do Congresso. Essas ações têm implicações significativas para o país e, portanto, exigem um consenso mais amplo entre os representantes eleitos. A aprovação do Congresso é necessária para garantir que tais decisões sejam tomadas de forma democrática e representem a vontade do povo.

Outro aspecto importante é a responsabilidade fiscal. O presidente não pode gastar recursos públicos sem a devida autorização do Congresso. O orçamento federal deve ser aprovado pelos parlamentares, e qualquer alteração significativa nas despesas ou receitas precisa passar pelo crivo legislativo. Isso garante que o uso dos recursos públicos seja transparente e responsável.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]

Além das limitações legais, o presidente também enfrenta restrições políticas. Embora tenha o poder de nomear ministros e outros cargos de confiança, essas nomeações muitas vezes dependem de negociações políticas e alianças. O apoio do Congresso e de outros atores políticos é crucial para a implementação das políticas e dos projetos do governo. Sem ele, o presidente pode enfrentar dificuldades para governar de forma eficaz.

Outro ponto a ser considerado é a fiscalização e o controle exercidos pelos outros poderes. O Judiciário, por exemplo, tem o papel de garantir que as ações do presidente estejam em conformidade com a Constituição. Caso o presidente tome decisões que violem a lei, ele pode ser responsabilizado e até mesmo sofrer um processo de *impeachment*. Isso demonstra a importância do sistema de freios e contrapesos, que visa evitar abusos de poder e garantir o equilíbrio entre os poderes.

A imprensa e a sociedade civil também desempenham um papel fundamental na fiscalização das ações do presidente. A liberdade de imprensa permite que os meios de comunicação investiguem e divulguem informações sobre o governo, promovendo a transparência e a *accountability*. A participação ativa da sociedade civil, por meio de movimentos sociais, organizações não governamentais e outros grupos, é essencial para garantir que o governo atenda às demandas e às necessidades da população.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]

A importância de entender essas prerrogativas e limitações vai além do conhecimento teórico. Ela nos ajuda a compreender melhor o funcionamento do nosso sistema político e a importância de cada um dos poderes na manutenção da democracia. Saber o que o presidente pode e não pode fazer nos permite avaliar de forma mais crítica e consciente as ações do governo e a atuação dos nossos representantes.

Além disso, essa compreensão é fundamental para que possamos exercer nossa cidadania de forma plena. Participar ativamente do processo democrático, seja por meio do voto, da fiscalização das ações do governo ou da participação em movimentos sociais, é essencial para garantir que nossas vozes sejam ouvidas e que o governo atenda às necessidades e às demandas da população.

[VÍRGULA SONORA]

[Música de fundo instrumental animada]

Locutor [considerações finais]:

Em resumo, o presidente tem um papel fundamental na condução do país, mas suas ações são limitadas por um sistema de freios e contrapesos que visa garantir o equilíbrio entre os poderes e a preservação da democracia. Ele pode vetar leis, definir a agenda do governo e nomear ministros, mas não pode aprovar leis sozinho ou tomar decisões que violem o regime democrático.

Essas limitações são essenciais para evitar abusos de poder e garantir que o governo funcione de maneira justa e equilibrada. E vocês, o que pensam sobre essas prerrogativas e limitações? Acham que o sistema atual é eficiente? Têm alguma sugestão ou dúvida sobre o tema?

[VINHETA DE ENCERRAMENTO DO ASSUNTO]

Locutor [encerramento]:

Esse papo de hoje me fez refletir bastante, espero que vocês também! Ah! E que tenham ficado curiosos para pesquisar mais e trazer novas questões para nossas discussões.

Espero que tenham gostado do conteúdo. Até a próxima e bons estudos!

[VINHETA FINAL]

Referências bibliográficas comentadas

Para a concepção desta coleção, diversos livros, artigos científicos, documentos oficiais do governo, revistas científicas, dissertações e *sites* foram consultados de modo a trazer materiais atualizados e que visam dar suporte às aprendizagens previstas para o Ensino Médio. Conheça as principais referências bibliográficas deste volume.

ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James. *Why Nations Fail*. New York: Crown Publishers, 2012.

A obra propõe que as diferenças de desenvolvimento entre os países podem ser explicadas pela natureza de suas instituições.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo (org.). *Histórias do movimento negro no Brasil*: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

Obra de referência que reúne depoimentos de fundadores do movimento negro no Brasil.

ALONSO, Angela. A teoria dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova*, São Paulo, n. 76, p. 49-86, 2009.

Balanço crítico das diferentes abordagens teóricas utilizadas para estudar movimentos sociais.

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Obra introdutória sobre o conceito de cultura popular em Antropologia.

ÁVILA, Maria Betânia. O tempo do trabalho produtivo e reprodutivo na vida cotidiana. *ABET*, v. 9, n. 2, 2010.

Artigo que estabelece a relação entre o trabalho produtivo e reprodutivo, destacando a importância e os significados da reprodução social.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne (org.). *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1988.

Texto que apresenta uma das definições mais relevantes do conceito de etnicidade.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização:* as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Uma discussão crítica da globalização em suas dimensões culturais, econômicas e políticas.

BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

Clássico da Antropologia estadunidense que apresenta uma etnografia sobre a sociedade japonesa.

BOAS, Franz. *A formação da Antropologia americana (1883-1911)*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. da UFRJ, 2004.

Nessa coletânea, temos acesso aos textos mais relevantes de Franz Boas, percorrendo toda a vasta lista de interesses desse autor fundamental para a Antropologia.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

Nesse livro, o escritor italiano desenvolve uma reflexão sobre a importância de ler e reler obras clássicas e o papel delas na formação geral dos intelectuais.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004.

Cardoso e Faletto se inserem no debate sobre a dependência econômica e política do Brasil e da América Latina. Tema central nos anos 1960.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Estudo historiográfico clássico sobre o desenvolvimento da cidadania no Brasil e sobre os problemas específicos que nossa trajetória histórica nos causa.

CASTRO, Celso (org.). *Evolucionismo cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Nesse livro encontramos reunidos textos dos principais autores do evolucionismo social do século XIX.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

Coletânea de textos do antropólogo brasileiro, com destaque para a noção de "perspectivismo ameríndio".

CORREA, Mariza. *As ilusões da liberdade*: a escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. 2. ed. Bragança Paulista: Ed. da Universidade São Francisco, 2000.

Trabalho fundamental sobre os primórdios da Antropologia brasileira e seus aspectos mais deterministas relacionados às questões raciais.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura/Fapesp, 1992.

A antropóloga luso-brasileira organiza nesse livro uma série de trabalhos de diferentes autores sobre a história indígena no Brasil, desde a colônia até os dias atuais.

DAHL, Robert. *Sobre a democracia*. Brasília, DF: Ed. da UnB, 2001.

Uma análise aprofundada sobre a democracia, suas instituições e seus desafios.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando:* uma introdução à Antropologia cultural. Petrópolis: Vozes, 1981.

Obra clássica da Antropologia brasileira, este livro apresenta ideias fundamentais ao conhecimento antropológico de forma clara, direta e até mesmo poética.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências. *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, 2011, n. especial 1.

O artigo analisa as formas recentes da precarização do trabalho no Brasil e no mundo.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

Texto clássico de Sociologia no qual Émile Durkheim estabelece os elementos centrais de seu método sociológico.

DUVERGER, Maurice. *Os partidos políticos*. Brasília, DF: Ed. da UnB, 1980.

Estudo clássico sobre partidos políticos e sobre a dinâmica da competição partidária.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. da UFBA, 2008.

O intelectual negro caribenho produz uma reflexão crítica sobre o colonialismo e o racismo ocidental.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e sociedade de classes na América Latina*. São Paulo: Global, 1973.

Livro central para entender a dependência social e econômica do Brasil com base em uma perspectiva classista.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e feminismo. *In*: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Perspectivas antropológicas da mulher*. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Trabalho clássico sobre a questão de gênero na Antropologia brasileira.

FURTADO, Celso. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. São Paulo: Global, 2008.

Nesse livro, o autor analisa o subdesenvolvimento com um subproduto do desenvolvimento.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Trabalho apresentado no 4º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1980.

A autora analisa o que chama de "racismo à brasileira" com base em uma abordagem psicanalítica.

GORZ, André. *O imaterial*: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

Livro que inaugura o debate sobre as formas de trabalho informacionais.

GOUNET, Thomas. *Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel*. São Paulo: Boitempo, 1999.

Nesse livro o autor faz um resumo acurado sobre o Fordismo e o toyotismo.

GRECCO, Fabiana S. *Reprodução social*: um estudo da economia feminista. São Paulo: Gota, 2022.

Livro que examina o debate sobre a reprodução social baseado nos estudos sobre a economia feminista.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

O livro apresenta uma perspectiva crítica sobre o conceito de identidade no mundo contemporâneo.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1998.

O autor estabelece com esse livro a crítica às teses que sustentam a pós-modernidade.

HELD, David; McGREW, Anthony. *Prós e contras da globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Um debate entre diferentes perspectivas teóricas sobre a globalização, em seus vários aspectos.

HIRATA, Helena. Novas tecnologias, qualificação e divisão sexual do trabalho. *In*: HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho?* Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 221-232.

Texto que discute o tema da divisão sexual do trabalho e suas relações com as novas tecnologias.

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Uma das obras pioneiras sobre a globalização no Brasil, com uma visão geral do tema.

INGLEHART, Ronald F. Changing Values among Western Publics from 1970 to 2006. *West European Politics*, v. 31, n. 1-2, jan.-mar., 2008.

Estudo que apresenta a ideia de "valores pós-materialistas" e sua relação com o desenvolvimento econômico.

KINZO, Maria D'Alva G. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 4, 2001.

Combinando análise histórica e conceitos de Ciência Política, essa obra mostra a difícil passagem do Brasil do regime ditatorial para o regime democrático.

KUPER, Adam. *Cultura*: a visão dos antropólogos. Bauru: Edusc, 2002.

Esse livro é uma introdução geral ao conceito de cultura na história do pensamento antropológico.

LATOUR, Bruno *et al*. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de Antropologia*, v. 57, n. 1, 2014.

Artigo sobre os efeitos da destruição sistemática do meio ambiente produzida pelo capitalismo.

LOJKINE, Jean. *A revolução informacional*. São Paulo: Cortez, 1992.

Livro que marcou o debate sobre a influência das tecnologias da informação sobre o trabalho.

LUKES, Steven. *O poder:* uma visão radical. Brasília, DF: Ed. da UnB, 1980.

Obra que se propõe a discutir as diferentes concepções de poder, das mais simples às mais complexas.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, 1978. (Os Pensadores).

Considerado um dos livros mais importantes da história da Antropologia, nessa obra acompanhamos o desenvolvimento do método de trabalho de campo.

MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

Estudo clássico sobre a evolução dos direitos que compõem a concepção moderna de cidadania.

MARTINS, C. B. *O que é Sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

No livro, o autor contextualiza o nascimento da Sociologia e descreve seus principais elementos históricos e conceituais.

MELATTI, Julio Cezar. A Antropologia no Brasil: um roteiro. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)*, n. 17, p. 3-52, 1984.

Esse texto apresenta uma proposta para pensarmos o desenvolvimento da Antropologia brasileira.

MILLS, Charles Wright. *A nova classe média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Livro importante sobre a constituição das classes médias, em especial sobre a nova classe média, formada por trabalhadores de "colarinho branco".

MONTERO, Paula. Globalização, identidade e diferença. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 49, p. 33-46, 1997.

O artigo trata das ramificações do conceito de identidade em um mundo globalizado.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

Obra do intelectual brasileiro-congolês sobre as questões raciais no Brasil contemporâneo.

NICOLAU, Jairo. *Eleições no Brasil*: do Império aos dias atuais. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Um estudo histórico sobre a organização das eleições no Brasil desde o século XIX.

OLSON, Mancur. *The Logic of Collective Action*. Cambridge: Harvard University Press, 1965.

Obra que revolucionou os estudos sobre a ação coletiva, seus paradoxos e tensões.

PEREIRA, Thais Fernandes. Estudos multiespécies: uma breve análise da teoria e de suas aplicações. *Ensaios*, v. 13, 2018.

Texto sobre o desenvolvimento de uma perspectiva antropológica a respeito da relação entre os humanos e as demais espécies no planeta.

POPPER, Karl. *Lógica das Ciências Sociais*. Brasília, DF: Ed. da UnB, 1978.

O livro é uma obra clássica sobre o que constitui a ciência e sobre como devemos pensar as práticas científicas.

POULANTZAS, Nicos. *As classes sociais no capitalismo de hoje*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Livro seminal que atualiza a teoria de classes sociais, desenvolvida por Karl Marx no século XIX.

RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Obra clássica em que o autor apresenta sua filosofia política e introduz, entre outros, o conceito de "princípio da diferença".

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes*: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

Clássico sobre os estudos de gênero, analisa a condição das mulheres como uma consequência da sociedade de classes.

SAHLINS, Marshall. *Como pensam os nativos*. São Paulo: Edusp, 2001.

Livro do intelectual estadunidense sobre as críticas pós-modernas à Antropologia contemporânea.

SAID, Edward. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

O intelectual palestino apresenta uma densa crítica à forma como as populações orientais são representadas na ciência do ocidente.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Análise do lado perverso da globalização que busca, entretanto, indicar caminhos para um futuro alternativo.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. As operárias, o sindicato e o discurso sociológico. *In*: SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos*: trabalho, dominação e resistência. 2. ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 123-148.

Texto que relaciona o trabalho de mulheres operárias e sua relação com o sindicato. Faz parte de um livro fundamental para a Sociologia brasileira.

SOUZA, Jessé de. *Os batalhadores brasileiros*: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

Livro que analisa a dinâmica da nova classe média na década de 2010 no Brasil, tendo como base a teoria de Pierre Bourdieu.

TSING, Anna L. O antropoceno mais que humano. *Ilha – Revista de Antropologia*, v. 23, n. 1, 2021.

Etnografia sobre a relação entre humanos e não humanos a partir de um trabalho sobre a exploração de cogumelos em um mercado mundial contemporâneo.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Obra fundamental da Sociologia clássica na qual Weber analisa o nascimento do capitalismo e suas causas sociais, econômicas e religiosas.

WEFFORT, Francisco C. *Os clássicos da política*. São Paulo: Ática, 2000.

Essa é uma coletânea de textos clássicos da ciência política seguidos de textos introdutórios de renomados cientistas políticos brasileiros.

Manual do Professor

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Sociologia

Apresentação

> **Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver plenamente a nossa opção.**
>
> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

Caro professor,

Educar é uma prática em constante transformação, com motivações, caminhos e resultados múltiplos, multifacetados. Neste Manual, as orientações didáticas foram elaboradas com o intuito de serem pontos de partida; um guia flexível, que poderá ser enriquecido, ampliado e adaptado ao contexto de sua região e da sala de aula em que você atua, às suas escolhas e às próprias dinâmicas imprevisíveis da prática pedagógica.

Educar é um fazer. Esperamos instigar essa tessitura, abrir novas frestas, olhares e leituras, compartilhar o que nós vivenciamos na nossa prática como estudiosos e educadores das Ciências Sociais.

Educar é um agir. Esperamos também que as orientações sugeridas contribuam para desenvolver a autonomia dos estudantes, sempre considerando as peculiaridades e respeitando as diferenças. Pensamos em um livro que ajude o desenvolvimento de uma consciência crítica que permita o livre exercício da cidadania.

Educar é criar. Este Manual supõe que o encontro entre o educador e seus estudantes produza uma realidade nova, criada com base na confluência das experiências de ambos. Esperamos que tanto os estudantes quanto o professor estejam abertos às invenções desse processo pedagógico.

Educar é um prazer, mas também um desafio, um exercício de colaboração, persistência, paciência e atuação. Este Manual foi escrito para ajudá-lo a viver plenamente sua opção de educador.

Educar é uma relação social, que só pode se realizar por meio da interação entre todos os membros da comunidade escolar. Esperamos contribuir para a participação ativa dos estudantes, de seus familiares e do corpo gestor na condução de seu trabalho como docente.

Os autores

Sumário

ORIENTAÇÕES GERAIS 372

As culturas juvenis 372

A saúde dos jovens 372
Como trabalhar a inclusão em sala de aula... 372

O estudante autônomo e ético 373
Liberdade, autonomia e ética na modernidade 373

O Ensino Médio no Brasil: desafios e histórico legislativo 373

A etapa do Ensino Médio na BNCC 374

Papel do professor e do estudante nesse novo contexto 375
Possíveis formas de organização das turmas 376

A Base Nacional Comum Curricular ... 377

Competências gerais da Educação Básica 377
Temas Contemporâneos Transversais (TCT)..... 378

O ensino por áreas do conhecimento 378
A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 378
Competências e habilidades na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas..... 379

A interdisciplinaridade 379

Projetos interdisciplinares: como implementar 380

A capacidade de argumentação e inferência 380

A avaliação 381

O planejamento da avaliação..... 381

Avaliação diagnóstica..... 381
Procedimentos..... 381

Avaliação formativa 381
Procedimentos..... 382

Avaliação comparativa..... 382
Procedimentos..... 382

Avaliação ipsativa..... 382
Procedimentos..... 382

Avaliação somativa 382
Procedimentos..... 382

Possibilidades interdisciplinares na avaliação..... 383

Sugestões de instrumentos/ técnicas avaliativas 383

A coleção 385

Estrutura da coleção 385
Seções 385
Boxes 385

A proposta didático-pedagógica e os pressupostos teórico-metodológicos da coleção..... 386
A BNCC nesta coleção 386
A tecnologia nesta coleção 387

Os componentes curriculares nesta coleção 387
Filosofia..... 387
Geografia 387
História..... 387
Sociologia 387

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS ... 388

O ensino de Sociologia no Ensino Médio 388

Estratégias de como se trabalhar as unidades 388
Sequências didáticas aula a aula 388
Protagonismo do estudante 389
Aprendizagem por pares 390

Sugestões de abordagem: metodologias de pesquisa 390
Unidades 1 e 2 390
Unidades 3 e 4 391
Unidades 5 e 6 391

Sugestão de cronograma 392

Orientações sobre introdução, unidades e capítulos da coleção 394

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS 444

Orientações gerais

As culturas juvenis

As juventudes contemporâneas são caracterizadas pela diversidade cultural e influenciadas por novas tecnologias, pela globalização e são afetadas por mudanças sociais rápidas. Reconhecer e valorizar essa diversidade nas escolas é crucial para o desenvolvimento dos estudantes. O conceito de culturas juvenis é complexo e vai além da simples categorização de "jovens", envolvendo uma rede de significados que reflete um processo dinâmico de construção de identidades.

Pesquisas sobre culturas juvenis enfatizam seu caráter performativo, mostrando como os jovens desafiam normas e criam significados em contextos históricos e sociais específicos. A cultura digital tem um papel importante, permitindo novas formas de socialização e expressão, com a ascensão de criadores de conteúdo e *influencers*, demonstrando a diversidade de interesses dos jovens.

As comunidades digitais, pautadas por vínculos afetivos e experiências compartilhadas, oferecem um novo olhar sobre a sociabilidade contemporânea. A construção de identidades ocorre tanto *on-line* quanto *offline*, com grupos criando significados e símbolos que moldam a percepção do mundo.

Esses conceitos são fundamentais para o trabalho pedagógico, que deve se aprofundar em cultura, identidade e diversidade. A promoção do diálogo intercultural, por meio de projetos interdisciplinares e metodologias ativas, facilita a participação e a aprendizagem colaborativa, permitindo que a diversidade se manifeste em sala de aula.

A saúde dos jovens

A promoção da saúde mental dos estudantes e o combate ao *bullying* e ao racismo são fundamentais para criar espaços acolhedores e inclusivos. Situações e comportamentos de risco, que possam agravar a saúde física e mental de nossos estudantes devem ser evitados nos diferentes ambientes – familiar, social e escolar – para que todos possam viver com mais segurança e conforto.

Depressão e ansiedade são transtornos mentais que afetam muitas pessoas e podem resultar de uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais. Embora a convivência saudável e o respeito às diferenças contribuam para o bem-estar, é importante compreender que esses transtornos vão além da falta de atenção aos vínculos sociais. Situações como desigualdades sociais, dificuldades econômicas, pressão acadêmica ou profissional e até predisposições genéticas podem desempenhar um papel relevante. A escola, nesse contexto, pode promover a empatia, o respeito mútuo e o apoio, criando um ambiente que contribua para o acolhimento e a prevenção de sentimentos de desamparo e desesperança, mas sem deixar de reconhecer a complexidade dos fatores envolvidos nesses transtornos.

Pais e professores que notarem qualquer sintoma – como mudanças repentinas de humor, vulnerabilidade, isolamento e outras atitudes incomuns – devem buscar tratamentos adequados para evitar que o quadro se agrave. Cicogna *et al*. (2019) destacam que experiências traumáticas, como conflitos familiares e *bullying* devem ser evitadas e, sempre que possível, previstas para fortalecer a saúde mental. Além disso, é essencial reconhecer que fatores socioeconômicos, como a desigualdade, desempenham um papel significativo na vulnerabilidade psicológica. Assim, um esforço coletivo entre família, escola e comunidade pode contribuir para que os jovens encontrem apoio e desenvolvam recursos internos para lidar com seus desafios, como trazem os estudos de Aberastury e Knobel (2003).

Siegel (2016) aponta que é possível transformar um dos períodos cerebrais mais intensos do desenvolvimento em experiências gratificantes. Desta forma, a seguir, descrevemos algumas práticas e sugestões de ações e atividades que podem ser implementadas para esse período de crescimento, mudanças e experimentações.

1. Criação de um ambiente seguro e acolhedor que promova uma atmosfera de respeito e empatia, incentivando os estudantes a expressarem seus sentimentos e preocupações.
2. Aplicação de dinâmicas em grupo para desenvolver habilidades socioemocionais como a empatia, a cooperação e o trabalho em equipe, promovendo a resolução de conflitos e incentivando a identificação de seus próprios preconceitos e a importância do respeito.
3. Realização de rodas de conversa, organizada com regras e respeito, sobre *bullying*, racismo, sexualidade, entre outros assuntos relevantes, a fim de incentivar os estudantes a aprenderem dialogando e a compartilharem experiências e soluções.
4. Produção de oficinas de arteterapia, com pinturas de mandala, esculturas de argila, areias coloridas, atividades de música e movimento e danças circulares, para levar os estudantes a expressarem seus sentimentos e experiências por meio da arte, estimulando a criatividade e expondo suas emoções, lidando, assim, com estresse e ansiedade.
5. Organização de apresentações de teatro e dramatizações, em que encenações abordem situações conflitantes da vida real, a fim de estimular o olhar, a escuta e a fala relacionados a assuntos delicados que podem levar à compreensão de emoções próprias e alheias, normalizando conversas.
6. Desenvolvimento de campanhas de conscientização dentro da escola ou em outros grupos sociais, em que os próprios estudantes possam elaborar cartazes, palestras, vídeos e outros materiais de conscientização, favorecendo a aprendizagem de toda a comunidade local sobre temas sensíveis.
7. Oferta de sessões de *mindfulness* e meditação guiadas, acompanhadas de exercícios de respiração, a fim de reduzir o estresse e aumentar a concentração e o bem-estar emocional dos estudantes.
8. Realização de encontros educativos que tragam à tona assuntos como conflitos sociais, uso de álcool e drogas, por exemplo, a fim de abrir espaço para o diálogo sobre riscos, estimulando os estudantes a uma vida saudável.
9. Organização de jogos e atividades cooperativas para fortalecer relações e promover um ambiente de apoio, carinho e gratidão.

A implementação dessas práticas e atividades pode contribuir significativamente para a promoção da saúde mental dos estudantes e para a criação de ambientes mais acolhedores, inclusivos e saudáveis.

Como trabalhar a inclusão em sala de aula

Para incluir estudantes com deficiência, o professor deve favorecer a interação e o respeito à diversidade em sala de aula. A seguir, apresentamos algumas orientações que podem contribuir em sua prática pedagógica:

- Conheça os estudantes: para que sejam assistidos de forma adequada, sugerimos uma conversa com os estudantes e suas famílias e/ou responsáveis, a fim de compreender o contexto deles e entender suas potencialidades e desafios.

- Valorize as potencialidades dos estudantes e incentive que todos participem de forma ativa em sala de aula.
- Pergunte a cada estudante com deficiência qual é a melhor forma de auxiliá-lo ao perceber uma dificuldade.
- Caso a família ou responsável faça a entrega de algum documento ou relatório de profissionais de saúde externos, é importante a análise com cautela de quais são as orientações desses profissionais sobre as adaptações necessárias para o estudante na escola e em sala de aula.
- Esteja atento a possíveis preconceitos ou *bullying* em sala de aula e na escola e não permita qualquer ação capacitista ou prática que diminua as potencialidades do estudante com deficiência.
- Aprofunde-se sobre inclusão e educação inclusiva e mantenha-se atualizado sobre novas metodologias e tecnologias assistivas.
- Sempre que possível, planeje suas aulas e atividades com acessibilidade, fazendo uso do Plano de Estudos Individualizado (PEI).

A Lei n. 13146/2015, ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, é uma legislação essencial para garantir os direitos das pessoas com deficiência no Brasil. O Estatuto tem como foco ampliar o acesso à educação, trabalho, saúde e cultura, e reforça o respeito à dignidade e autonomia das pessoas com deficiência, para que, assim, possamos construir uma sociedade mais justa e com equidade de oportunidades. Você pode acessá-lo em: https://tedit.net/nc6l4o (acesso em: 28 set. 2024).

A seguir, algumas referências de documentos relevantes a respeito de educação inclusiva:

- BRASIL. Ministério da Educação. *Informativo*: Altas habilidades ou superdotação. Disponível em: https://tedit.net/ibw3vf. Acesso em: 28 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Disponível em: https://tedit.net/3j6ehr. Acesso: 28 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim temático da Biblioteca do Ministério da Saúde*: Dia Mundial da Conscientização sobre o Autismo. Disponível em: https://tedit.net/n2pa3v. Acesso em: 28 set. 2024.
- SOUZA, J. J. de; MORAES, E. C. Cartilha legal: inclusão do aluno com necessidades específicas. Instituto Federal de Alagoas, 2022. Disponível em: https://tedit.net/va4rpv. Acesso em: 28 set. 2024.

O estudante autônomo e ético

Os jovens do Ensino Médio não constituem um grupo homogêneo de pessoas. Ao contrário, suas vivências são muito diversificadas em decorrência da característica da sociedade brasileira, marcada por desigualdades de todos os tipos (sociais, econômicas, raciais, de acesso à informação, entre outras). O professor – e a escola como um todo – deverão ter sensibilidade e empatia para conhecer e entender seus estudantes e ajudá-los a usufruir do direito à educação, garantindo sua formação integral.

Nesse sentido, o diálogo franco e respeitoso passa a ser a estratégia básica para estabelecer o vínculo com os estudantes. O acolhimento, o dar as boas-vindas, gestos que parecem óbvios, mas que muitas vezes são esquecidos, podem fazer a diferença. Outra estratégia importante é a valorização daquilo que os estudantes já sabem, mesmo que não seja o ideal para o segmento. Além disso, o professor deve estar próximo da comunidade escolar para ter condições de avaliar e talvez até evitar possíveis evasões, geradas por problemas familiares, de empregabilidade ou mesmo de baixa autoestima do estudante, por não se sentir apto a acompanhar o curso ou por sofrer *bullying* dos colegas.

Não é tarefa fácil, ainda mais considerando a fase etária em que os estudantes se encontram, geralmente marcada por inseguranças e possíveis rebeldias. O professor precisa ter claro que cabe a ele motivar esses estudantes para o conhecimento, a cidadania, o trabalho e o futuro, e claro, para sua autonomia diante dos desafios do século XXI. Essa autonomia envolve a busca independente pelo conhecimento, com decisões e responsabilidade pelas próprias experiências.

Para contribuir na construção de valores dos estudantes, é essencial que os educadores reconfigurem suas práticas, não somente para orientar a aprendizagem e estimular a curiosidade, mas também para promover a colaboração, desenvolver a criticidade e a ética.

A autonomia e a ética dos estudantes, no entanto, vão além da escola. Para Le Breton (2002), a escola tem a responsabilidade de ajudar os estudantes a desenvolverem o pensamento crítico, preparando-os para a vida adulta e incentivando-os a questionar o mundo e a criar seu próprio sentido de existência.

Liberdade, autonomia e ética na modernidade

A valorização do indivíduo é uma marca das sociedades ocidentais modernas, como aponta De Singly (2011). Nesse contexto, o indivíduo constrói sua narrativa por meio de desafios e experiências. Contudo, essa liberdade de escolha também gera angústia existencial, como destacado por Camus (2017).

A liberdade individual, celebrada pela modernidade, confere ao indivíduo a capacidade de moldar sua vida e escolhas, mas também traz responsabilidades (Sartre, 2014).

Negar essas responsabilidades subverte a ideia de liberdade, pois transfere para outros o cuidado do indivíduo.

A educação desempenha um papel fundamental na formação do sujeito ético, promovendo autonomia e reflexão. A ética, nesse contexto, é um processo contínuo de autoconhecimento e autotransformação, não apenas um conjunto de regras.

O sujeito ético assume a responsabilidade por sua própria história, construindo sua identidade a partir de experiências e escolhas, mesmo sob influência da sociedade. O processo ético exige autoanálise para superar essas influências e buscar uma identidade de maneira autônoma.

O Ensino Médio no Brasil: desafios e histórico legislativo

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica e enfrenta desafios na universalização do atendimento e na garantia de permanência e aprendizagem dos estudantes. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM/2018) destacam a necessidade de reconhecer a juventude como uma categoria diversa, promovendo uma escola que acolha diversidades e respeite os direitos humanos.

Conforme o art. 35 da Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as finalidades do Ensino Médio incluem o aprofundamento de conhecimentos, preparação para o trabalho e cidadania, formação ética e desenvolvimento crítico, além de compreensão científico-tecnológica. Para atingir esses objetivos de desenvolvimento pedagógico, a escola deve garantir aprendizagens relacionadas aos desafios da realidade do estudante, promovendo protagonismo estudantil no cotidiano, além de atitudes cooperativas e inovadoras em suas próprias vivências.

Nesse cenário, é essencial viabilizar a contextualização dos conhecimentos, articulando trabalho, ciência, tecnologia e cultu-

ra, e desenvolver atitudes e valores que promovam o empreendedorismo. A escola também deve incentivar a construção de projetos baseados em liberdade, justiça social, solidariedade, cooperação e sustentabilidade, garantindo a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos e a fluência em sua utilização.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), o protagonismo do Ensino Fundamental se transforma, no Ensino Médio, em suporte para a construção do projeto de vida dos estudantes, eixo central das práticas escolares. O projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, influenciado por contextos culturais e demandas sociais. A escola, ao focar no projeto de vida, compromete-se com a formação integral dos estudantes, promovendo seu desenvolvimento pessoal e social. O ambiente escolar como um todo deve ajudar os estudantes a se reconhecerem como sujeitos, valorizando a diversidade e promovendo a participação social.

Selecionamos a seguir alguns marcos legislativos que ajudam a acompanhar as transformações ocorridas na educação brasileira e seus impactos no atual cenário do Ensino Médio no Brasil.

A LDB é crucial para o sistema educacional brasileiro, estabelecendo princípios e diretrizes para a educação em todos os níveis. A LDB determina a educação como um direito universal e um dever do Estado, resultado de um longo processo de construção normativa.

As origens da LDB remontam à Constituição de 1934, que apontou a necessidade de uma legislação específica para a educação, anteriormente sob responsabilidade dos estados. A lei passou por alterações em 1948, 1958 e 1961, sendo considerada uma solução intermediária entre diferentes projetos educacionais, conforme observa Saviani (1999). Após a mudança de governo em 1964, o regime civil-militar manteve a lei, apenas reformulando a estrutura do ensino superior em 1968.

Com a redemocratização e a Constituição de 1988, foi elaborado um projeto de diretrizes e bases nacionais para a educação, culminando na aprovação da LDB em 1996, que sistematizou princípios educacionais e garantiu autonomia às instituições de ensino em resposta às novas demandas sociais. Sob a relatoria do educador Darcy Ribeiro, a LDB instituiu um modelo educacional com inovações como a carga horária mínima anual de 200 dias letivos.

A LDB também reconheceu a educação infantil (creches e pré-escolas) como a primeira etapa da Educação Básica, enfatizando a importância da educação na primeira infância. Além disso, reorganizou os níveis de ensino, substituindo os antigos 1º, 2º e 3º graus por Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

A respeito do Ensino Médio, a LDB definiu os objetivos, a organização curricular e a gestão escolar, favorecendo uma formação integral aos estudantes, tendo como finalidades,

> **I** – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
>
> **II** – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
>
> **III** – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
>
> **IV** – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 1996; art. 35)

Como foco no material didático utilizado em sala de aula, o Decreto n. 91542, de 1985, estabeleceu o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), iniciando a regulamentação dos materiais destinados aos antigos 1º e 2º graus da Educação Básica.

Em 1998, foram estabelecidos os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) para orientar a organização curricular e, no mesmo ano, criado o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), cuja função é avaliar o desempenho dos estudantes, o que, posteriormente, em 2001, passou a ser aceito como forma de acesso à educação superior.

Sem a pretensão de esgotar a cronologia referente ao assunto, elencamos mais alguns eventos que foram importantes para a educação brasileira e especificamente para o Ensino Médio:

- Em 2001, a Lei n. 10172 instituiu o Plano Nacional de Educação (PNE), visando à melhoria da qualidade educacional.
- Em 2003, a Lei n. 10639 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Em 2008, a Lei n. 11 645 tornou obrigatório também o ensino de Cultura Indígena.
- Em 2004, a LDB foi regulamentada para a educação profissional, permitindo que os estudantes terminassem a educação básica enquanto aprendiam uma profissão.
- Em 2005, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) passou a avaliar e distribuir livros didáticos também para o Ensino Médio.
- Em 2009, a Emenda Constitucional n. 59 tornou obrigatória a oferta de educação para crianças e adolescentes de 4 a 17 anos.
- Em 2010, foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica (DCNEB).
- Em 2011, foi criado o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) para atender à demanda por mão de obra.
- Em 2012, o Ensino Médio recebeu suas Diretrizes Curriculares, e a Lei de Cotas (n. 12711) democratizou o acesso ao Ensino Superior a estudantes de escolas públicas, de baixa renda e autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas.
- Em 2014, foi lançado o Plano Nacional de Educação 2014-2024 (Lei n. 13005), com foco na erradicação do analfabetismo.
- Em 2015, a primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi apresentada, estabelecendo um piso comum de conhecimentos e competências e enfatizando a formação continuada de professores.
- Em 2016, criou-se o Programa de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI).
- Em 2017, uma nova versão da BNCC, contendo as orientações da Educação Infantil aos Anos Finais do Ensino Fundamental, foi publicada após a contribuição e análise de vários comitês.

A etapa do Ensino Médio na BNCC

A Lei n. 13 415/2017 formalizou o Novo Ensino Médio, flexibilizando o currículo e introduzindo Itinerários Formativos (IF). Os IF são conjuntos de projetos, oficinas e outras atividades oferecidas aos estudantes do Ensino Médio, além dos componentes curriculares obrigatórios, que permitem aprofundar seus conhecimentos em áreas específicas de interesse. Em 2018, a BNCC foi publicada, incluindo orientações específicas para o Ensino Médio.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2021, por exemplo, dirigido ao Ensino Médio, contou com livros didáticos já alinhados à nova lei. A implementação do Novo Ensino Médio se tornou obrigatória a partir de 2022. Nessa experiência com o Novo Ensino Médio, que trazia mudanças consideráveis em relação ao modelo anterior, a comunidade escolar identificou várias dificuldades que punham em risco sua implementação. Em decorrência disso, foram feitas consultas públicas para analisar

a situação. Como resultado, em 2023, houve a revogação parcial da Lei n. 13 415/2017, culminando com a nova Lei n. 14 945, de 2024, que regulamenta a reestruturação do Novo Ensino Médio.

Algumas das principais características da etapa do Ensino Médio após a aprovação da Lei n. 14 945/2024 são:

> A nova lei prevê que, de um total de, no mínimo, 3 mil horas nos três anos do ensino médio, 2.400 horas devem ser destinadas à Formação Geral Básica (FGB), que inclui português, inglês, artes, educação física, matemática, ciências da natureza (biologia, física, química) e ciências humanas (filosofia, geografia, história, sociologia). O conteúdo da FGB é definido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desse modo, com a implementação da nova lei, haverá um aumento da carga horária mínima de formação geral básica ao longo dos três anos do ensino médio, que era de 1.800 horas.
>
> [...]
>
> A nova lei regulamenta os itinerários formativos e prevê a construção de diretrizes para sua oferta. A carga horária mínima dos itinerários será de 600 horas, com exceção da formação técnica e profissional, quando pode chegar a 1.200 horas. Os itinerários formativos deverão servir como um aprofundamento das seguintes áreas do conhecimento ou do ensino técnico:
>
> **I** – Linguagens e suas tecnologias;
>
> **II** – Matemática e suas tecnologias;
>
> **III** – Ciências da natureza e suas tecnologias;
>
> **IV** – Ciências humanas e sociais aplicadas;
>
> **V** – Formação técnica e profissional, organizada a partir das diretrizes curriculares nacionais de educação profissional e tecnológica (EPT).
>
> A lei determina que os sistemas de ensino devem garantir que todas as escolas ofereçam, no mínimo, dois itinerários formativos. A regra não vale para escolas que ofertam EPT.
>
> De acordo com o texto, o Conselho Nacional de Educação (CNE), com a participação dos sistemas estaduais e distrital de ensino, deve elaborar diretrizes de aprofundamento para os itinerários, reconhecidas as especificidades da educação indígena e quilombola.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *O que muda no ensino médio a partir de 2025*. Disponível em: https://tedit.net/rnfxsh. Acesso em: 26 set. 2024.

Ensino Técnico

A reformulação do Ensino Médio no Brasil busca integrar a Formação Geral Básica (FGB) com a formação técnica e profissional. Essa abordagem tem o objetivo de atender às demandas do mercado de trabalho e proporcionar aos estudantes uma educação mais abrangente e contextualizada. Nesse contexto, a carga horária e a estrutura curricular foram planejadas para que os estudantes adquiram tanto conhecimentos gerais quanto habilidades específicas, necessárias para sua inserção no mundo profissional. Sobre essa possibilidade no Ensino Médio, a Lei n. 14 945/2024 prevê:

> No caso da formação técnica e profissional, a carga horária mínima para formação geral básica será de 2.100 horas, admitindo-se 300 horas destinadas ao aprofundamento de conteúdos da BNCC relacionados à formação técnica e profissional. [...]
>
> De acordo com o MEC, as 300 horas que poderão ser destinadas aos conteúdos da formação geral deverão tratar de componentes que tiverem estrita relação com a área do curso técnico ofertado, ou seja, haverá um aproveitamento de disciplinas que forem compatíveis com o curso de formação profissional. [...]
>
> No caso do itinerário com ênfase na formação técnica, a carga horária mínima será de 900 horas, podendo chegar a 1.200 horas — que, somadas às 2.100 horas da FGB, totalizam as 3 mil horas do ensino médio.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *O que muda no ensino médio a partir de 2025*. Disponível em: https://tedit.net/rnfxsh. Acesso em: 26 set. 2024.

Ofertas de tecnologia e período noturno

A legislação educacional brasileira estabelece diretrizes específicas sobre as ofertas do Ensino Médio, visando garantir acessibilidade e qualidade na educação. Dentre elas, destaca-se a modalidade de ensino que determina a presença física dos estudantes nas escolas, mas também admite, em situações excepcionais, o uso de tecnologias para mediar o processo educativo. A oferta do Ensino Médio regular em horário noturno nos municípios também é mencionada e definida pelo texto da lei:

> [...] que o ensino médio será ofertado de forma presencial, mas será admitido, excepcionalmente, o ensino mediado por tecnologia. Para tratar desses casos, a lei determina que será elaborado um regulamento com a participação dos sistemas estaduais e distrital de ensino.
>
> [...]
>
> A norma diz que os estados devem manter, na sede de cada um dos seus municípios, pelo menos uma escola da rede pública com oferta de ensino médio regular no turno noturno, quando houver demanda.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *O que muda no ensino médio a partir de 2025*. Disponível em: https://tedit.net/rnfxsh. Acesso em: 26 set. 2024.

Escola de tempo integral

A nova lei do Ensino Médio indica a possibilidade de os estudantes matriculados em regime de tempo integral utilizarem parte da carga horária em experiências extraescolares, desde que essas atividades estejam alinhadas ao currículo escolar. Além disso, o texto enfatiza a importância de critérios de equidade social no regime integral, assegurando a inclusão de grupos historicamente marginalizados e vulneráveis. Sobre essa modalidade, a Lei n. 14 945/2024 determina que:

> Estudantes matriculados em regime de tempo integral poderão utilizar uma parte da carga horária de experiências extraescolares para cumprir a carga horária escolar, desde que as atividades tenham a ver com o currículo. As formas de comprovação dessas horas serão definidas pelos estados.
>
> [...]
>
> A lei também determina que o MEC considere, em seu planejamento de expansão de matrículas em tempo integral, critérios de equidade social, garantindo a inclusão de estudantes em condição de vulnerabilidade, negros, quilombolas, indígenas, com deficiência e do campo.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *O que muda no ensino médio a partir de 2025*. Disponível em: https://tedit.net/rnfxsh. Acesso em: 26 set. 2024.

Papel do professor e do estudante nesse novo contexto

Para Condé (2017), a escola desempenha um papel crucial na formação de cidadãos, não apenas transmitindo e construindo conhecimentos, mas desenvolvendo ao longo da formação dos estudantes habilidades necessárias para o mercado de trabalho e contribuindo para a formação de suas identidades individuais. Gomes e Dayrell (2002) ressaltam que, no Ensino Médio, a identidade

juvenil se manifesta nas relações pessoais e sociais, enquanto os estudantes lidam com questões sobre o futuro, como escolha de profissão e inserção no mercado de trabalho.

Atualmente, a juventude brasileira enfrenta desafios que podem dificultar sua trajetória escolar. O Novo Ensino Médio propõe mudanças focadas no desenvolvimento de habilidades e na preparação para a vida adulta, requerendo metodologias de ensino que despertem o interesse dos estudantes. Nesse contexto, o papel do professor é fundamental, pois deve desenvolver estratégias didático-pedagógicas que atendam às normativas educacionais e à realidade da sala de aula.

A qualidade da relação professor-estudante é crucial para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem, pois um vínculo de proximidade e respeito cria um ambiente favorável à participação e autonomia dos estudantes (Ribeiro; Jutras, 2006). A escolha mais adequada depende de uma análise cuidadosa das circunstâncias da sala de aula, das vivências dos estudantes, da relação estabelecida entre professor e estudantes e do repertório pedagógico do docente.

Sobre algumas estratégias, podemos citar:

> aula expositiva dialogada, estudo de texto, portfólio, tempestade cerebral, mapa conceitual, estudo dirigido, solução de problemas, grupo de verbalização e observação, dramatização, seminário, estudo de caso, júri simulado, simpósio, painel, fórum, oficina, estudo do meio e ensino com pesquisa. (Anastasiou; Alves, 2004, p. 79-99)

Em sociedades em constante transformação, as escolas devem adaptar suas práticas pedagógicas, valorizando a autonomia dos estudantes como uma alternativa para um ensino mais dinâmico e relevante.

Essa valorização altera o papel tradicional do professor, que passa de uma figura de autoridade centralizadora a um facilitador da aprendizagem. Para promover a autonomia, é essencial que os estudantes adotem um papel ativo na própria aprendizagem, aproveitando o contexto das aulas para desenvolver habilidades de investigação, reflexão crítica e colaboração.

A seguir, apresentaremos algumas estratégias para incentivar o protagonismo dos estudantes na própria jornada de aprendizagem.

1. Experimentos práticos: Realizar experimentos em sala de aula ou atividades práticas, como debates, entrevistas e intervenções na comunidade que contribuam para o ensino e a aprendizagem de conceitos filosóficos, sociológicos, históricos ou geográficos. Isso contribui para a compreensão dos conteúdos.

2. Estudo de casos e problemas: Utilizar estudos de caso e problemas contextualizados na comunidade em que vivem para demonstrar a aplicação prática de determinados conceitos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Isso ajuda os estudantes a compreenderem a aplicação dos conhecimentos adquiridos.

3. Simulados específicos: Aplicar simulados específicos de História, Filosofia, Geografia e Sociologia, com questões estilo Enem, e revisar detalhadamente as respostas para identificar áreas que necessitam de reforço.

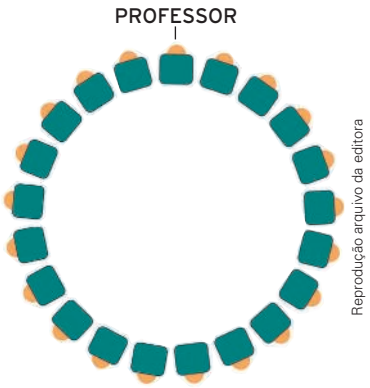
4. Recursos audiovisuais: Utilizar vídeos educacionais, documentários e animações que expliquem fenômenos científicos de maneira visual e envolvente, suplementando o aprendizado teórico.

Possíveis formas de organização das turmas

Se a forma de transmissão do conhecimento precisa ser transformada, dando protagonismo ao estudante, a organização do espaço da sala de aula também pode passar por modificações. Desse modo, a forma como a sala de aula é disposta deve refletir a abordagem pedagógica adotada. Uma disposição tradicional, com carteiras enfileiradas, reforça um modelo de ensino centrado no professor. Já uma disposição mais flexível favorece a participação ativa dos estudantes e a construção colaborativa do conhecimento. A seguir, elencamos alguns modelos de organização da sala de aula que podem auxiliar na dinâmica pretendida para determinados momentos do ano letivo.

Em círculo

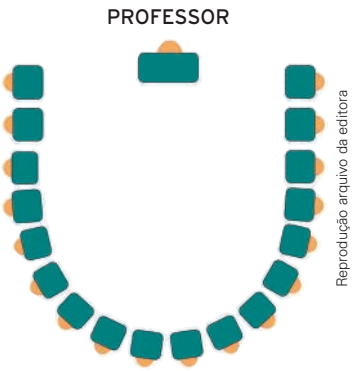
O círculo cria um ambiente mais informal e colaborativo, ideal para atividades que exigem a participação ativa de todos, como debates. O professor pode escolher entre participar ou observar a dinâmica do grupo durante a atividade.



Reprodução arquivo da editora

Em U

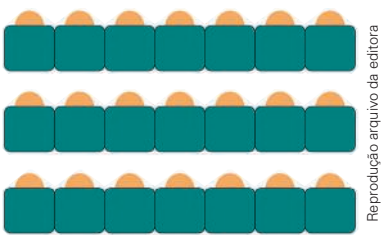
A disposição em U oferece um bom equilíbrio entre a interação individual e em grupo, com o professor atuando como um guia. Essa configuração é adaptável a diferentes tipos de atividades.



Reprodução arquivo da editora

Fileiras juntas e organizadas horizontalmente

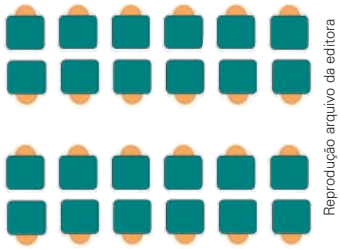
Essa organização da sala de aula combina elementos de uma abordagem mais tradicional, com todos voltados para o professor, e uma perspectiva mais colaborativa, permitindo a interação entre os estudantes.



Reprodução arquivo da editora

Fileiras opostas

Essa organização promove a colaboração entre os estudantes, incentivando a troca de ideias e o trabalho em pares. O professor, nesse formato, atua como facilitador, auxiliando os estudantes quando necessário.



Reprodução arquivo da editora

Em grupos

Essa disposição permite que o professor circule pela sala, observando e orientando cada grupo, adaptando-se às necessidades de cada um. O trabalho em grupo é relevante para o desenvolvimento de habilidades colaborativas.

A organização da sala de aula deve priorizar o propósito pedagógico, visando otimizar o processo de ensino e aprendizagem conforme as necessidades de cada atividade. Ao reorganizar o espaço, cria-se um ambiente dinâmico e colaborativo que estimula a participação ativa e o aprendizado coletivo dos estudantes. No entanto, esse planejamento deve considerar a integração entre o espaço físico e a proposta pedagógica, permitindo que o professor circule livremente e garantindo que todos tenham acesso aos materiais. A segurança, o conforto e a atenção dos estudantes também são fundamentais para o sucesso dessa organização.

A Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes para a organização e desenvolvimento das aprendizagens, servindo como um referencial flexível que permite adaptações às realidades locais e às necessidades dos estudantes.

A Base estabelece competências e habilidades que os estudantes devem desenvolver de acordo com cada segmento da Educação Básica. Seu principal objetivo é formar cidadãos críticos e engajados, o que inclui seu desenvolvimento socioemocional, essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes.

A BNCC reconhece a diversidade do Brasil e promove a autonomia dos professores, permitindo que adaptem o currículo às necessidades da turma e da comunidade, utilizando metodologias diversificadas e promovendo a interdisciplinaridade. Essa autonomia é guiada pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) e pelo currículo estadual, que oferecem direcionamentos claros.

A mobilidade de organização curricular, balizada por conteúdos essenciais mínimos, somada aos currículos regionais, objetiva garantir a qualidade e a equidade de aprendizagem em diferentes contextos educacionais no Brasil.

Competências gerais da Educação Básica

A BNCC delineia um conjunto de competências e habilidades abrangentes para as áreas do saber, exigindo dos professores reflexão contínua e adaptação ao considerar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e o currículo estadual. As competências gerais visam favorecer que os estudantes desenvolvam senso crítico e engajamento, enquanto as específicas se relacionam a conteúdos próprios de uma área do conhecimento.

A autonomia docente é fundamental para adaptar essas competências a realidade escolar. Embora o PPP e o currículo estadual sirvam como subsídios, é o professor, com seus conhecimentos e experiências, que deve construir o planejamento didático, promovendo um desenvolvimento pleno dos estudantes. Para garantir a qualidade do ensino, é essencial que os docentes fundamentem teoricamente suas decisões, utilizando fontes de informação, como livros e artigos acadêmicos.

A construção das competências gerais foi pensada e amparada por uma concepção educativa que pretende formar cidadãos que atuem na sociedade de modo crítico e reflexivo. Esse norteamento tem como base as teorias educacionais contemporâneas, que veem o estudante como artífice do próprio conhecimento, na medida em que ele próprio aplica os saberes apreendidos nas realidades de diferentes contextos.

A BNCC propõe dez competências gerais da Educação Básica que devem ser desenvolvidas progressivamente, ao longo de toda a formação escolar do estudante. Com base nessas competências mais amplas, todas as áreas estabeleceram suas competências específicas. A seguir, apresentamos brevemente cada uma das competências gerais.

1. **Valorizar e utilizar conhecimentos historicamente construídos:** o desenvolvimento dessa competência envolve a construção de um repertório de conhecimento científico sobre o mundo físico, social, cultural e digital para atuar de forma assertiva em suas vivências.
2. **Exercitar o pensamento científico, crítico e criativo:** seu desenvolvimento consiste em exercitar a curiosidade intelectual recorrendo às abordagens próprias das ciências.
3. **Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais:** a partir do desenvolvimento dessa competência, é possível ao estudante apreciar e aprender sobre a produção do patrimônio cultural e artístico em suas mais diversificadas manifestações, além de construir senso estético e repertório cultural.
4. **Utilizar diferentes linguagens:** o desenvolvimento dessa competência desenvolve aspectos da comunicação, a fim de que o estudante se expresse de forma clara, coerente e efetiva e utilize várias modalidades de linguagem (verbal, visual, digital etc.).
5. **Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação:** essa competência pretende desenvolver um estudante capaz de utilizar as tecnologias digitais de forma crítica, reflexiva, ética e responsável.
6. **Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências:** o desenvolvimento dessa competência pretende que o estudante compreenda e valorize não apenas processos técnicos do trabalho, mas o valor dos saberes e características culturais próprios desse universo, tornando o seu olhar sobre o mercado de trabalho mais cidadão, crítico e responsável.
7. **Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis:** ao desenvolver essa competência, espera-se que o estudante articule ideias e defenda argumentos com responsabilidade ética e científica, considerando o cenário socioambiental ao seu redor.
8. **Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional:** espera-se que, a partir do desenvolvi-

mento dessa competência, o estudante reconheça as próprias emoções e as das pessoas que o cercam, o que envolve cuidados com a saúde física e mental, além de autocrítica diante das próprias atitudes.

9. **Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação:** como a própria competência já anuncia, envolve a capacidade de exercer o diálogo, resolver conflitos e cooperar com as pessoas com quem convive, promovendo o respeito e acolhimento e valorizando a diversidade e as identidades postas no mundo, sem preconceitos.
10. **Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação:** por meio do desenvolvimento dessa competência, espera-se que o estudante exerça um papel ativo em vários âmbitos da sociedade, tomando decisões pautadas em princípios democráticos, éticos, inclusivos e sustentáveis.

Desse modo, o desenvolvimento das competências gerais propostas pela BNCC, na perspectiva de mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, garante aos estudantes:

- **Compreender o mundo e transformá-lo**: ao identificar problemas da realidade de maneira analítica e crítica, o estudante consegue propor soluções inovadoras. Desse modo, a escola tem importância na estruturação de um currículo que seja capaz de promover a interação com as áreas de conhecimento, incentivando o caráter investigativo e de experimentação na resolução de problemas.
- **Atuar eticamente na sociedade**: por meio das competências gerais, existe o estímulo ao desenvolvimento de valores como solidariedade, justiça, igualdade e respeito aos direitos humanos. Por isso, o trabalho docente está na promoção de temas e discussões relevantes na sociedade, que valorizem a diversidade e a participação em projetos solidários.
- **Desenvolver potencialidades e construir o projeto de vida**: ao permitir aflorar a criatividade, a autonomia e a confiança, a escola fornece ferramentas para que os estudantes descubram seus talentos e interesses e construam seus projetos de vida.

Para o desenvolvimento dessas competências, o papel docente é indispensável. Cabe ao professor oferecer oportunidades e dinâmicas em que os estudantes assumam o protagonismo no processo de aprendizagem. Para tanto, é possível lançar mão de algumas estratégias, como:

- Criar situações que estimulem a interação e a troca de ideias entre os estudantes, construindo assim o conhecimento coletivo.
- Diversificar atividades, utilizando jogos, projetos, debates, etc., uma vez que a diversidade em sala de aula reflete também diferentes necessidades de aprendizagem.
- Utilizar uma perspectiva de acompanhamento do desenvolvimento ao avaliar os estudantes, fornecendo devolutivas a fim de que superem suas dificuldades.
- Auxiliar os estudantes na construção do conhecimento, indagando seus pensamentos e ideias, apresentando desafios e promovendo a reflexão.
- Buscar atualização constante sobre quais métodos e experiências estão sendo realizados a respeito da didática pedagógica, oferecendo qualidade na formação dos estudantes.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Em termos de contextos para o trabalho pedagógico, os Temas Contemporâneos Transversais podem ser entendidos como favoráveis ao trabalho com os objetos de conhecimento, habilidades, atitudes e valores, intrinsecamente relacionados ao desenvolvimento de competências específicas e gerais. Abordagens voltadas aos TCT são, na atualidade, uma tendência que se consolida na educação brasileira. No caso do Ensino Médio, desde a implantação das matrizes anuais do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e, posteriormente, com a construção da BNCC, essa prática é cada vez mais indispensável. Temas pertinentes à sociedade contemporânea, como meio ambiente, saúde, cultura, trabalho, educação para o consumo, diversidade cultural, direitos humanos, entre outros, são significativos para a formação cidadã dos estudantes.

O ensino por áreas do conhecimento

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a etapa do Ensino Médio organiza o currículo escolar em áreas do conhecimento, favorecendo um aprendizado significativo e integrado para os estudantes. Essa proposta estimula a interdisciplinaridade, conectando diferentes áreas do saber e proporcionando uma visão mais abrangente do mundo.

Para os estudantes, a abordagem por áreas do conhecimento torna o processo de aprendizagem mais efetivo, porque conecta os conteúdos escolares às experiências do mundo real. Para os docentes, essa estrutura confere mais autonomia no planejamento das aulas, personalizando o ensino e adaptando-se à realidade local, além de facilitar a colaboração entre os professores e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares.

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

A BNCC do Ensino Médio prossegue com o desenvolvimento de competências do Ensino Fundamental, orientada pela perspectiva de educação integral. As aprendizagens essenciais são organizadas em áreas do conhecimento (Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e cada área tem competências específicas e habilidades a serem desenvolvidas.

As áreas de Ciências Humanas no Ensino Fundamental e de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio concentram-se no desenvolvimento de competências para identificar, analisar, comparar e interpretar ideias e processos históricos, geográficos, sociais, econômicos, políticos e culturais. No Ensino Médio, Filosofia e Sociologia agregam-se aos componentes curriculares História e Geografia.

Esses componentes permitem que os estudantes reflitam sobre o passado, compreendam o presente e se planejem para o futuro, analisando processos históricos, sociais e culturais e identificando conexões entre eventos aparentemente isolados.

Além de sua relevância individual, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas interagem com outras áreas do saber, favorecendo uma compreensão mais ampla do mundo. Essa interação interdisciplinar é crucial, pois permite que as competências específicas da área sejam construídas de maneira holística.

As competências desenvolvidas para essa área foram elaboradas considerando categorias essenciais para a formação dos estudantes. A integração dessas categorias permite uma formação abrangente e crítica, capacitando-os a analisar e interpretar a complexidade do mundo em que vivem.

Tempo e Espaço são categorias fundamentais nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para identificar contextos e analisar acontecimentos em diferentes circunstâncias. Isso envolve as habilidades de comparar, observar semelhanças e diferenças e compreender processos de continuidade, mudanças e rupturas. Nomear diferenças culturais é simples, mas explicar as razões por trás da formação de uma sociedade é complexo. Analisar e com-

preender diferentes sociedades, suas culturas, instituições, desigualdades e relações de poder são aprendizagens essenciais.

O tempo é um conceito multifacetado, refletido em várias áreas do conhecimento, e, na História, ele não é homogêneo nem linear. Os estudantes devem desenvolver noções de tempo que vão além da cronologia, abrangendo dimensões simbólicas e abstratas. A compreensão do espaço deve considerar suas dimensões histórica e cultural, além das representações cartográficas. O espaço envolve arranjos de objetos, movimentações de grupos, eventos, conflitos e relações de trabalho, com diferentes ritmos e velocidades.

Territórios e Fronteiras são categorias amplamente utilizadas nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Território refere-se a uma porção da superfície terrestre sob domínio de um grupo, associada a poder, jurisdição e soberania, englobando noções de lugar, região e limites políticos. Fronteira é uma categoria histórica que define áreas de organização social e confronto cultural, influenciada por processos como a formação de Estados Nacionais e globalização. As cidades possuem territorialidades marcadas por fronteiras econômicas, sociais e culturais. No Ensino Médio, o estudo dessas categorias deve ajudar os estudantes a compreender processos identitários e transformar seu lugar no mundo.

A discussão sobre **Indivíduo**, **Natureza, Sociedade, Cultura e Ética** é central nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, baseando-se na questão socrática: "O que é o ser humano?". Os primeiros pensadores gregos buscaram uma visão essencialista e metafísica do ser humano, identificando-o como animal político e social, capaz de se organizar coletivamente. Além das necessidades sociais, os humanos têm necessidades de subsistência, transformando a natureza de forma deliberada e consciente. A sociedade, composta de indivíduos, ocupa um território e se organiza com base em tradições e valores culturais. As interações sociais e a transformação da natureza produzem conhecimento e saberes. A organização do espaço físico e as atividades econômicas refletem a relação de uma sociedade com a natureza, influenciada por valores culturais e consciência ambiental.

As transformações geradas por cada indivíduo são mediadas pela cultura, que, etimologicamente, remete à ação de cultivar saberes e costumes. A cultura, antes oposta à natureza, é agora compreendida pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas como um sistema polissêmico de comunicação, comportamento e símbolos. Indivíduos são tanto produtores quanto produtos das transformações culturais e sociais. Na modernidade, a noção de indivíduo se complexificou devido a novas relações sociais e códigos culturais. A sociedade capitalista, por exemplo, propõe igualdade, mas gera desigualdades. Identificar diferenças e semelhanças entre indivíduos e sociedades é essencial para a formação dos estudantes. A ética, envolvendo respeito, convivência e bem comum, deve ser discutida no Ensino Médio, promovendo o respeito universal e o acolhimento das diferenças. Conhecer o Outro e sua cultura é crucial para formar sujeitos protagonistas no conhecimento e na ação ética, em um mundo marcado pela diversidade cultural.

As categorias **Política e Trabalho** são fundamentais nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mediando ações individuais e coletivas na sociedade. A política envolve a inserção do indivíduo na cidadania e na coletividade, abordando temas como bem comum, regimes políticos, lógicas de poder, micropolítica, teorias do Estado e a influência da tecnologia na organização social.

No Ensino Médio, são discutidas formas de organização do Estado, governo e poder, integrando temas econômicos, sociais, políticos, culturais e ambientais. A categoria Trabalho abrange dimensões filosóficas, econômicas, sociológicas e históricas, sendo vista como virtude, produção de riqueza, mercadoria ou alienação. Autores como Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim oferecem diferentes perspectivas sobre o trabalho.

As transformações tecnológicas impactam a participação dos trabalhadores no mercado de trabalho. O empreendedorismo individual cresce, assim como a importância da educação financeira e compreensão do sistema monetário. As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas enfrentam novos desafios para entender os impactos das inovações tecnológicas nas relações de produção, trabalho e consumo.

Na etapa do Ensino Médio, o estudo de Política e Trabalho deve permitir aos estudantes compreenderem a diversidade de papéis dos sujeitos e identificar projetos políticos e econômicos em disputa.

Competências e habilidades na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

As habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas foram organizadas e orientadas por seis competências específicas.

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
   Orienta as habilidades EM13CHS101 a EM13CHS106.
2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
   Orienta as habilidades EM13CHS201 a EM13CHS206.
3. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
   Orienta as habilidades EM13CHS301 a EM13CHS306.
4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
   Orienta as habilidades EM13CHS401 a EM13CHS404.
5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários e respeitando os Direitos Humanos.
   Orienta as habilidades EM13CHS501 a EM13CHS504.
6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
   Orienta as habilidades EM13CHS601 a EM13CHS606.

A organização por competências colabora para o entendimento de como as habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem ser encaminhadas no contexto didático, além de oferecer uma categorização que atende às demandas contemporâneas dessa etapa da Educação Básica.

A interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade no espaço escolar se refere à interação entre conceitos e recursos de diferentes componentes, essencial para a construção de um currículo e aprendizagem

integrados. Destacar temas em que dois ou mais componentes apresentem conexões enriquece a experiência educativa e fortalece a apropriação de conhecimentos de forma mais ampla.

A BNCC, por mais que não estabeleça uma definição estrita do conceito de interdisciplinaridade, compreende sua importância na composição do currículo. Por currículo, ainda de acordo com a BNCC, entende-se um conjunto de decisões que devem se adequar às circunstâncias locais, à autonomia dos sistemas e redes de ensino, associado ao contexto e às características dos estudantes. Variadas ações são determinantes no conjunto das decisões que fazem parte de um currículo, entre as quais a BNCC (2018, p. 16) elenca:

> decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem [...].

A interdisciplinaridade é um conceito bastante discutido na educação, mas sua implementação enfrenta desafios significativos. Essa abordagem requer uma reestruturação do conhecimento no currículo, já que muitos problemas exigem saberes compartilhados. Cada projeto curricular deve considerar o contexto educacional específico, promovendo a integração de conhecimentos de diferentes áreas para resolver questões complexas em equipe. Assim, os educadores precisam refletir sobre suas experiências pedagógicas para adotar uma perspectiva que supere a educação segmentada.

Em modelos mais tradicionais de ensino, os estudantes constroem conhecimento a partir de estruturas preestabelecidas, no exercício de repeti-las para aprender. A inclusão de temas interdisciplinares no currículo propõe uma construção do conhecimento mais dinâmica, incorporando alternativas teórico-metodológicas, como a ideia do currículo em espiral. Como afirmam Hernández e Ventura (2017, p. 38):

> Em sua origem, essa ideia provém da noção de currículo em espiral de Brunner (1969), para quem o importante no planejamento de um currículo é captar a estrutura fundamental das matérias (o ser vivo em biologia seria um exemplo) para depois ir desenvolvendo-a em seus diferentes níveis de complexidade.

Se o trabalho interdisciplinar serve de oportunidade para que os professores dialoguem entre si, pesquisem os conteúdos curriculares independentemente do componente curricular e para que ocorra uma reflexão crítica sobre determinados temas com a contribuição de cada um deles, podemos pressupor que não é necessária a supervalorização ou hierarquização artificial na relação existente entre elas. O objetivo é o desenvolvimento dos estudantes no oferecimento de formas complementares de interação, uma nova atitude diante da questão do conhecimento.

Conforme nos lembra Santomé (1998, p. 45):

> Também é preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, mais flexível, solidária, democrática. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais frequentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade.

Projetos interdisciplinares: como implementar

Para implementar projetos interdisciplinares, é importante o planejamento colaborativo entre componentes curriculares. Do mesmo modo, é importante que os objetivos destaquem as competências a serem desenvolvidas pelos estudantes. Os conhecimentos devem ser potencialmente significativos e relacionados aos conteúdos curriculares para despertar o interesse dos estudantes e promover um processo de aprendizagem adequado. A formação de equipes multidisciplinares enriquece a troca de conhecimentos, enquanto um cronograma detalhado assegura a organização das atividades que compõem o projeto. Vale avaliar de maneira contínua e diversificada, levando em conta tanto os produtos finais quanto o processo de aprendizagem dos estudantes.

A capacidade de argumentação e inferência

Em 2014, o Ministério da Educação destacou que a proporção de estudantes que zeraram a redação do Enem era cerca de duas mil vezes maior do que a dos que obtiveram a nota máxima, evidenciando uma lacuna no ensino da escrita argumentativa. A construção de argumentos está relacionada ao raciocínio crítico, à análise de evidências e à comunicação eficaz. Dessa forma, a argumentação conecta o conhecimento científico ao cotidiano, tornando a aprendizagem mais relevante.

Entretanto, muitos estudantes apresentam dificuldades na elaboração de argumentos sólidos, frequentemente oferecendo justificativas frágeis e demonstrando conhecimento superficial (Tonidandel, 2008). Para Vygotsky (1989), em sua Teoria Sociocultural, o desenvolvimento intelectual é influenciado por interações sociais e contextos culturais, tornando a escola um ambiente fundamental para o desenvolvimento da argumentação.

A reforma do Novo Ensino Médio e a BNCC convergem para a necessidade de estimular a capacidade argumentativa dos estudantes, tanto oral quanto escrita. Os professores têm um papel essencial ao criar ambientes que promovam reflexão, debate e construção colaborativa de conhecimentos. Estratégias como incentivar a leitura de diversos textos e promover debates em sala de aula são eficazes para desenvolver habilidades argumentativas.

A capacidade argumentativa é fomentada pela inferência, que compreende a habilidade de gerar conclusões a partir de informações implícitas ou explícitas em recursos visuais ou textuais. A pesquisa permite que os estudantes coletem e analisem informações para inferir conclusões e construir seus argumentos. Nesse sentido, as tecnologias digitais oferecem plataformas que facilitam a pesquisa, a discussão e o engajamento, como grandes aliadas para desenvolver de modo mais amplo competências argumentativas e de inferência.

Dessa forma, práticas educativas que promovem a argumentação valorizam as interações sociais e os conhecimentos prévios dos estudantes, criando um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades críticas e de resolução de problemas, com a linguagem servindo como mediadora nesse processo.

Na argumentação oral ou escrita, os estudantes devem ter consciência de que argumentar é muito mais do que emitir uma opinião. A argumentação exige a defesa de um ponto de vista, fundamentada em dados científicos, na opinião de um especialista, em exemplos, em uma lei, em fotos, em comparações, em relações de causa e efeito. Aproveitando as discussões envolvidas nessa área, o professor pode criar um conjunto de perguntas que os estudantes podem se fazer para construir uma argumentação, como um passo a passo que será adaptado a cada nova situação.

A avaliação

A avaliação da aprendizagem é um componente essencial do processo educativo, e sua compreensão é crucial para promover um ensino de qualidade e o desenvolvimento integral dos estudantes. Este tópico analisa diferentes perspectivas sobre avaliação, com base nos estudos de Luckesi (2002), Perrenoud (1999), Fernandes (2009), Hoffmann (2003a) e Hoffmann (2003b), ressaltando suas contribuições para uma prática avaliativa que transcende a mera medição de conhecimentos.

Para Luckesi (2002), a avaliação é um processo mediador e formativo, voltado para a melhoria do ensino e a transformação social, promovendo reflexão crítica. Perrenoud (1999) considera a avaliação um processo dinâmico e contínuo, adaptado às necessidades dos estudantes, e enfatiza a importância da avaliação formativa para identificar e superar dificuldades. Fernandes (2009) integra a avaliação ao cotidiano escolar, defendendo uma abordagem de *feedback* constante que promova a autorregulação dos estudantes. Hoffmann (2003a) propõe uma perspectiva humanista, destacando a avaliação dialógica e a participação ativa dos estudantes, visando à autonomia e ao crescimento pessoal.

Além de discutir as funções da avaliação curricular, que consiste em diferentes tipos de avaliação, como diagnóstica, formativa, comparativa, ipsativa e somativa, traremos considerações sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) com sugestões de técnicas avaliativas adequadas para cada tipo de avaliação, visando à melhoria do desempenho dos estudantes.

O planejamento da avaliação

Toda avaliação parte de um planejamento prévio, no qual são definidos os critérios avaliativos. Estes critérios, normalmente, são definidos pelo educador a partir dos objetivos de sua avaliação e do conteúdo ou conjunto de competências e habilidades que se pretende avaliar e que esteja em consonância com o currículo.

Observe que a habilidade passa a ser o critério pelo qual o educador avaliará o estudante; dessa forma, para cada critério/habilidade definida no planejamento, deverá haver questões que comporão o instrumento avaliativo. Nas avaliações em larga escala como Enem e Saeb, por exemplo, são elaboradas matrizes de avaliação em que esses critérios são definidos como habilidades descritoras do objeto a ser avaliado. Assim como na BNCC, essas habilidades estão vinculadas a uma competência específica da área.

Portanto, o planejamento da avaliação deve especificar quais critérios/habilidades pretende-se avaliar, por meio de uma matriz que contenha o conteúdo e suas habilidades, por exemplo:

Componente: Sociologia – 1º bimestre		
Objeto do conhecimento	**Detalhamento**	**Habilidade descritora (critério)**
As Ciências Sociais	Conceito, história e subdivisão do estudo das Ciências Sociais	(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

Este planejamento pode fazer parte do planejamento anual ou de cada etapa letiva.

Avaliação diagnóstica

Luckesi (1999, 43) propõe que: "para não ser autoritária e conservadora, a avaliação tem a tarefa de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos".

Este tipo de avaliação é realizado no início de uma unidade didática, semestre ou ano letivo, com o objetivo de identificar o nível de conhecimento e as necessidades de aprendizagem dos estudantes. Tem como principal função identificar os conhecimentos prévios, habilidades, dificuldades e interesse aos temas propostos aos estudantes. Permite que os professores planejem e adaptem suas estratégias de ensino de acordo com as necessidades específicas de cada turma, e mesmo de cada estudante, promovendo uma aprendizagem mais personalizada e eficaz.

Além disso, a avaliação diagnóstica ajuda a detectar possíveis lacunas na aprendizagem dos estudantes, possibilitando intervenções pedagógicas precoces que visam corrigir essas deficiências antes que se tornem obstáculos maiores. Para que isso ocorra, é necessário haver, por parte da escola e, principalmente, dos educadores, correções de rumo e criações de estratégias pedagógicas eficazes.

Procedimentos

Avaliação formativa

Matui (1995) designa a avaliação em sua concepção formativa como "avaliação dialógica". A avaliação formativa tem como objetivo principal fornecer *feedback* contínuo para os estudantes, possibilitando ajustes imediatos no processo de ensino e aprendizagem. Envolve também monitorar o progresso dos estudantes ao longo do processo educativo, identificar dificuldades, esclarecer dúvidas e reforçar a compreensão dos conteúdos antes que as dificuldades de aprendizagem se tornem maiores. Promove

a autorregulação dos estudantes, incentivando-os a refletir sobre seu próprio aprendizado e a desenvolver habilidades críticas de autoavaliação. É uma avaliação que busca a regulação pedagógica, a gestão dos erros e a consolidação dos êxitos. De acordo com Jorba e Sanmartí (2003, p. 123):

> A avaliação formativa tem como finalidade fundamental a função ajustadora do processo de ensino e aprendizagem para possibilitar que os meios de formação respondam as características dos estudantes. Pretende-se detectar os pontos fracos da aprendizagem, mais do que determinar quais os resultados obtidos com essa aprendizagem.

Procedimentos

Avaliação comparativa

A avaliação comparativa envolve a comparação do desempenho de um estudante com o de outros estudantes a partir de critérios preestabelecidos. Tem por objetivo situar o desempenho individual dentro de um contexto mais amplo, identificando tanto os estudantes que se destacam quanto aqueles que precisam de apoio adicional. Para Fernandes (2009), essa forma de avaliação ajuda a identificar padrões de desempenho e diferenças significativas entre grupos de estudantes, fornecendo dados importantes para a tomada de decisões pedagógicas e políticas educacionais. Essa forma de avaliação é comum no Ensino Médio, especialmente em contextos como vestibulares e avaliações nacionais padronizadas, como Enem.

Procedimentos

Avaliação ipsativa

A avaliação ipsativa, no contexto educacional, foca no progresso pessoal do estudante ao longo do tempo. Ela permite aos estudantes perceberem suas melhorias, identificarem áreas de crescimento e estabelecerem metas pessoais. Essa abordagem contrasta com as demais avaliações citadas. A avaliação ipsativa é particularmente motivadora, pois destaca as conquistas individuais e incentiva a autoeficácia e a autoestima, assim como detecta lacunas para melhorias. Esse método é particularmente valioso no Ensino Médio, pois enfatiza o progresso individual e o crescimento contínuo, promovendo a autocomparação e a autoaperfeiçoamento, e pode ser associado também ao Projeto de Vida.

Procedimentos

Avaliação somativa

A avaliação somativa é uma abordagem que visa avaliar a aprendizagem dos estudantes ao final de um período letivo, como um semestre, unidade didática ou ano letivo. Seu principal objetivo é determinar se os estudantes alcançaram os objetivos de aprendizagem estabelecidos e qual o nível de competência que demonstram em relação aos conteúdos curriculares. Essa avaliação é frequentemente utilizada para atribuir notas, promover ou reter estudantes e fornecer informações sobre a eficácia do ensino. Tem função regulatória, subsidiando decisões de conselhos de classe. Geralmente, são utilizados testes tradicionais, cujo foco deve ser nos objetivos da aprendizagem. É um instrumento, normalmente, coletivo, em que toda a turma é avaliada de acordo com os mesmos critérios.

Procedimentos

Possibilidades interdisciplinares na avaliação

A avaliação, quando integrada ao processo de aprendizagem, pode ser significativamente enriquecida pela interdisciplinaridade, que vai além da simples junção de disciplinas.

A interdisciplinaridade requer a organização das disciplinas em um programa de estudos que permita a integração de conteúdos, métodos e teorias. Esse processo visa relacionar conhecimentos parciais e específicos em busca de uma compreensão mais totalizante do conhecimento. Segundo Fazenda (2002), a interdisciplinaridade não busca criar uma "superciência", mas sim promover uma mudança na forma de abordar o conhecimento, substituindo uma visão fragmentada por uma unitária do ser humano.

Quando aplicada à avaliação, essa integração permite que os instrumentos avaliativos considerem múltiplas perspectivas e abordagens. Por exemplo, um projeto interdisciplinar pode avaliar simultaneamente competências em Matemática, Sociologia e habilidades linguísticas, proporcionando uma visão mais completa do desenvolvimento do estudante.

Fazenda (2003) propõe uma tríade que sustenta a interdisciplinaridade: o sentido de ser, de pertencer e de fazer. Essa tríade facilita um olhar mais atento para o cotidiano escolar e promove parcerias entre estudantes, entre a teoria e as formas de conhecimento. Na avaliação, essa tríade pode ser utilizada para desenvolver métodos que não apenas medem o conhecimento, mas também incentivam a colaboração e a aplicação prática do aprendizado.

Na prática avaliativa, isso pode significar a criação de critérios de avaliação que considerem múltiplas perspectivas e incentivem a colaboração entre disciplinas. Geralmente, os projetos e avaliações interdisciplinares são mais fáceis de se realizar dentro da mesma área do conhecimento: por exemplo, um projeto que envolva História e Geografia pode ser avaliado tanto pelo conhecimento factual quanto pela capacidade de relacionar eventos históricos com contextos geográficos. No entanto, é possível e desejável que avaliações interdisciplinares aliem componentes curriculares de áreas distintas.

Tomemos como exemplo o componente curricular História, de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: sua junção com Matemática e Geografia torna possível o trabalho com escalas de tempo e de espaço. A interlocução entre Arte, da área de Linguagens e suas Tecnologias, e História pode ocorrer pela relação de obras de arte a seus contextos históricos. Ainda dentro da área de Linguagens e suas Tecnologias, História e Educação Física podem se relacionar pela análise e comparação dos períodos históricos em que ocorreram os Jogos Olímpicos antigos e modernos. Também é possível tecer um diálogo interdisciplinar de História com Ciências da Natureza e suas Tecnologias ao considerarmos os contextos históricos de teorias e leis dos componentes Física e Química, por exemplo.

Sugestões de instrumentos/técnicas avaliativas

A definição do uso de um instrumento deve sempre partir do objetivo do educador em relação ao que se pretende avaliar e sobretudo ao uso que dará dos seus resultados, pois eles podem servir a mais de um tipo de avaliação; por essa razão, a tabela é apenas sugestiva. A seguir, sugestões de instrumentos avaliativos comumente utilizados no Ensino Médio.

LEGENDA

D = DIAGNÓSTICA	F = FORMATIVA	C = COMPARATIVA	I = IPSATIVA	S = SOMATIVA

Instrumentos avaliativos	D	F	C	I	S
Testes diagnósticos: testes que avaliam conhecimentos específicos e habilidades dos estudantes em uma variedade de formatos, como perguntas objetivas, questões abertas e problemas de resolução.					
Entrevistas individuais: conversas diretas com os estudantes para explorar suas percepções, dificuldades e interesses em relação aos conteúdos estudados.					
Observações em sala de aula: a observação sistemática das interações e comportamentos dos estudantes durante as atividades de ensino pode fornecer informações valiosas sobre suas habilidades sociais, motivação e compreensão dos conteúdos. Ela se dá por meio de *feedback* contínuo, detalhado e construtivo fornecido pelos professores em trabalhos e atividades, focando no progresso individual e nas áreas a serem aprimoradas.					
Questionários de autoavaliação: instrumentos nos quais os estudantes refletem sobre suas próprias habilidades e conhecimentos. Esses questionários podem incluir perguntas sobre suas percepções de pontos fortes e áreas de dificuldade em diversos componentes.					
Mapas conceituais: atividades em que os estudantes constroem representações visuais de conceitos e suas inter-relações. Essa técnica é especialmente útil em componentes curriculares de Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, pois ajuda a revelar a organização do conhecimento dos estudantes.					
Portfólios: coleta de trabalhos anteriores dos estudantes que possam evidenciar suas habilidades e conhecimentos prévios. Esse método permite uma análise mais detalhada do desenvolvimento individual dos estudantes ao longo do tempo. Podem incluir redações, projetos, reflexões e outros artefatos de aprendizagem.					
Testes, questionários e *quizzes*: aplicados regularmente, ajudam a verificar a compreensão dos estudantes de tópicos específicos. Estes podem ser de múltipla escolha, verdadeiro ou falso, ou perguntas abertas, fornecendo *feedback* imediato.					

Instrumentos avaliativos	D	F	C	I	S
Diários de aprendizagem: ferramentas nas quais os estudantes registram suas experiências de aprendizagem, reflexões, dúvidas e progressos diários ou semanais. A revisão desses diários pelos professores fornece *insights* valiosos sobre o pensamento dos estudantes.					
Autoavaliações e avaliações por pares: questionários ou reflexões escritos pelos próprios estudantes, avaliando seu progresso em relação a metas estabelecidas. Isso incentiva a metacognição e a responsabilidade pelo próprio aprendizado.					
Projetos colaborativos: atividades em grupo que exigem a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Projetos permitem avaliar habilidades de colaboração, resolução de problemas e aplicação de conceitos em contextos reais.					
Checklists de desempenho: listas de verificação que permitem aos estudantes e professores monitorarem o cumprimento de etapas específicas ou habilidades durante atividades ou projetos.					
Gráficos de progresso: representações visuais do desenvolvimento dos estudantes ao longo do tempo, destacando áreas de melhoria e sucesso. Podem ser utilizados tanto por professores quanto por estudantes para monitorar o progresso.					
Testes padronizados: exames que seguem um formato e conteúdo uniformes para todos os estudantes, permitindo uma comparação direta entre diferentes indivíduos ou grupos. Por exemplo, simulados do Enem.					
Rankings de desempenho: listagens que ordenam os estudantes com base em seus resultados em avaliações específicas. Esta técnica é comum em concursos e vestibulares que utilizam, por exemplo, escalas de avaliação: utilização de escalas numéricas ou descritivas que classificam o desempenho dos estudantes em níveis como "excelente", "bom", "regular" e "insuficiente". Também usada em percentis: comparação do desempenho dos estudantes em relação a uma distribuição de resultados, indicando a posição relativa de cada estudante em um grupo maior.					
Simulados de provas de vestibular: avaliações extensivas e padronizadas que medem o conhecimento e habilidades dos estudantes em diversas áreas.					
Simulados do Enem: testes como o Enem, que avaliam os estudantes em uma variedade de componentes curriculares, fornecendo um panorama do desempenho educacional em nível nacional. Podem ser organizados pelos professores a partir de provas aplicadas em anos anteriores.					
Avaliações internas padronizadas: testes desenvolvidos pelas escolas ou redes de ensino que seguem um formato padronizado e são aplicados a todos os estudantes de determinado ano ou etapa.					
Avaliações *on-line*: plataformas digitais que administram testes, coletam dados e fornecem análises comparativas detalhadas. Esses testes ajudam a identificar rapidamente as áreas de força e fraqueza dos estudantes.					
Diários de reflexão ou de aprendizagem: ferramentas nas quais os estudantes registram suas reflexões sobre o processo de aprendizagem, metas alcançadas e desafios enfrentados. Esses diários promovem a autoavaliação e a autorregulação.					
Provas escritas: são uma forma tradicional de avaliação, nas quais os estudantes respondem a perguntas ou realizam tarefas em um período determinado. Elas podem incluir questões de múltipla escolha, questões dissertativas, problemas matemáticos, ensaios, entre outros.					
Trabalhos escritos: podem incluir ensaios, relatórios de laboratório, resenhas de livros, pesquisas, entre outros. Eles permitem que os estudantes demonstrem sua compreensão do material de forma mais elaborada do que em uma prova escrita, mas também exigem mais tempo e esforço.					
Apresentações orais: permitem que os estudantes demonstrem seu conhecimento e habilidades de comunicação ao falar sobre um tema específico para a turma. Elas também podem incluir elementos visuais.					
Avaliação por pares: neste método, os estudantes avaliam o trabalho uns dos outros com base em critérios predefinidos. Isso pode ser feito de forma anônima ou não, e pode fornecer aos estudantes uma perspectiva diferente sobre seu próprio trabalho, além de promover a aprendizagem colaborativa.					
Contrato de estudo: plano de estudo em que o docente explicita o conjunto de conteúdos, competências ou habilidades que irá trabalhar durante um período, e o estudante se compromete a aprender, e na medida em que domina o objeto de estudo, sinaliza ao educador. Exige acompanhamento constante de ambos e promove a autonomia do estudante.					

A coleção

O estudo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas oferece uma perspectiva interessante para compreender diversos fenômenos, além das ações humanas ao longo do tempo e em diferentes contextos. A coleção foi desenvolvida para facilitar essa compreensão, permitindo que os estudantes explorem as relações entre passado e presente e projetem o futuro, reconhecendo o impacto das ações cotidianas na realidade social.

A coleção dedica um volume para cada componente curricular da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Esses volumes se estruturam em unidades e capítulos que incluem seções e boxes para explorar os conteúdos de forma organizada e acessível. Com uma linguagem direta, a obra utiliza recursos visuais como gráficos, mapas e infográficos, além de atividades práticas que estimulam o pensamento crítico e a resolução de problemas.

A interdisciplinaridade é uma das principais características, promovendo conexões entre as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e outras áreas do conhecimento, como Linguagens, Matemática e Ciências da Natureza, utilizando exemplos do cotidiano dos estudantes para fomentar debates e a construção de conhecimento. Alinhada à BNCC, a coleção busca desenvolver competências e habilidades inerentes à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o século XXI e facilitar o planejamento de aulas, além de incorporar a utilização de recursos digitais que enriquecem a aprendizagem e promovem um uso saudável da tecnologia.

Estrutura da coleção

A estrutura interna de cada volume é similar: um capítulo introdutório apresenta o componente curricular em questão; em seguida, unidades temáticas, subdivididas em capítulos, exploram diferentes aspectos do conteúdo, com o auxílio de seções e boxes que enriquecem a experiência de aprendizagem dos estudantes. Os temas centrais de cada unidade são apresentados na abertura, em uma dupla de páginas, com questionamentos que estimulam a participação dos estudantes e servem para seus conhecimentos prévios. Já a abertura de capítulo marca visualmente o início de um novo tema, convidando o estudante a se aprofundar no conteúdo. A seguir, uma breve apresentação das seções e boxes que compõem a coleção.

Seções

Trabalhando com...: Aprofunda assuntos específicos de cada componente, com o apoio da análise de documentos históricos, mapas e gráficos, estimulando a reflexão sobre esses recursos.

Mundo do trabalho: Trabalha temas relacionados ao mundo do trabalho, promovendo a interdisciplinaridade quando oportuno.

Mundo digital: Promove a reflexão sobre o uso e o impacto das tecnologias no cotidiano e a leitura crítica de informações *on-line*, promovendo a interdisciplinaridade quando oportuno.

Infográfico: Apresenta informações de forma visual e integrada, estimulando a análise e a interpretação de dados.

Mapas conceituais: Recurso específico do componente Geografia. Conclui a unidade retomando e correlacionando os principais conceitos.

Galeria de atividades: Oferece variedade de atividades para aprofundar os conteúdos e trabalhar habilidades como análise, comparação e resolução de problemas, além de questões do Enem e dos principais vestibulares do país.

Debate plural: Promove a interdisciplinaridade especialmente com Linguagens; é a seção que fecha algumas das unidades e propõe o desenvolvimento da argumentação e a reflexão sobre temas relevantes da atualidade.

Agir no mundo: Incentiva o protagonismo juvenil e a resolução de problemas por meio de projetos que concluem algumas das unidades.

Boxes

Explicando o conceito: Apresenta definições de conceitos importantes para a compreensão do conteúdo.

Favoritos: Indica livros, filmes e outros materiais que complementam o conteúdo do capítulo.

Biografia: Apresenta a vida e a obra de personalidades históricas ou pensadores relevantes para o tema.

No detalhe: Chama a atenção para detalhes importantes em recursos visuais, incentivando a observação e a análise.

Glossário: Apresenta o significado de termos e expressões pouco conhecidos pelos estudantes e utilizados no texto.

Retome: Retoma conteúdos importantes por meio de atividades para avaliar a aprendizagem.

Trabalhando com Lógica: Recurso exclusivo do componente Filosofia. Trabalha conceitos de Lógica de forma progressiva com os estudantes.

Assim falou: Recurso exclusivo dos componentes Filosofia e Sociologia. Apresenta trechos fundamentais das obras de autores e pesquisadores relevantes.

Linha do tempo: Recurso exclusivo do componente História. Apresenta fatos e períodos históricos estudados.

A proposta didático-pedagógica e os pressupostos teórico-metodológicos da coleção

Vivemos em uma sociedade caracterizada por rápidas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. Essas mudanças exigem dos jovens conhecimentos e habilidades que os preparem para enfrentar um futuro em constante movimento.

Nesse cenário, a educação desempenha um papel ainda mais importante, promovendo o desenvolvimento de cidadãos críticos, engajados e capazes de atuar de maneira significativa na sociedade. A coleção foi desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma experiência de aprendizagem alinhada aos desafios atuais.

Segundo Morán (2015), a educação, seja presencial, seja a distância, frequentemente utiliza materiais e comunicações escritos, orais e audiovisuais. No entanto, a melhor forma de aprender é combinando atividades, tarefas e informações contextualizadas.

As metodologias de ensino alinham-se aos objetivos educacionais, promovendo a proatividade dos estudantes e o seu envolvimento em atividades complexas, que exigem decisões e avaliações. Para estimular a criatividade, é essencial que eles experimentem novas possibilidades, por exemplo, com tarefas bem planejadas, que mobilizem competências intelectuais, emocionais, pessoais e comunicacionais, exigindo pesquisa, avaliação de diferentes pontos de vista e aprendizado pela descoberta.

Estratégias como explorar os conhecimentos prévios, propor atividades de pesquisa e apresentar questões que incentivem a problematização são fundamentais para avançar em processos de reflexão, integração cognitiva e reelaboração de práticas. Essas propostas são pontos de partida para que os estudantes possam desenvolver habilidades mais avançadas, como a capacidade de refletir sobre suas ações, integrar novos conhecimentos de forma significativa e aplicar esses conhecimentos em novas situações. Essas abordagens incentivam o aprendizado próximo da vida real, promovendo uma educação mais prática e envolvente.

Alinhada a essa perspectiva, a proposta da coleção valoriza as aprendizagens ativa e colaborativa, incentivando a participação dos estudantes em atividades diversificadas, que propiciem a comunicação, o raciocínio crítico e o trabalho em equipe. Nesse sentido, as atividades propostas buscam promover a reflexão, a análise de situações-problema, a argumentação e a elaboração de soluções, de modo que o estudante protagonize a aprendizagem.

Além disso, a coleção foca no desenvolvimento de competências, como empatia e pensamento crítico, fundamentais para a construção de relações respeitosas dentro e fora do ambiente escolar. Temas atuais, como direitos humanos, justiça social e sustentabilidade, são abordados de maneira acessível e visualmente atraente, para preparar jovens conscientes e engajados.

Nesse sentido, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas são apresentadas na coleção como uma base para a reflexão crítica e o debate. A construção do conhecimento é incentivada por meio de atividades que buscam aproximar os temas estudados da realidade dos estudantes, favorecendo a aprendizagem significativa e o desenvolvimento de indivíduos autônomos.

A teoria da aprendizagem significativa, desenvolvida pelo psicólogo cognitivo David Ausubel, revolucionou a educação ao introduzir uma abordagem que valoriza a conexão entre conhecimentos prévios e novos conteúdos. De acordo com Costa Júnior *et al*. (2023, p. 52),

> Essa metodologia de aprendizagem se concentra em como os professores podem ajudar seus alunos a aprender de forma mais eficaz, conectando o que eles já sabem a novos conhecimentos [...].
>
> À medida que os educadores adotam essa poderosa metodologia de ensino, eles podem descobrir maiores oportunidades para trocas mais profundas e significativas entre professor e aluno, bem como uma melhor retenção de conhecimento pelos alunos.

Oportunidades para estabelecer essas trocas podem ocorrer ao conectar os conhecimentos prévios dos estudantes com novos conteúdos, aproximando temas históricos, geográficos e sociológicos da realidade cotidiana. Ao incentivar a reflexão sobre questões sociais locais, como as desigualdades, ou globais, como as mudanças climáticas, o aprendizado torna-se mais significativo. Propostas interdisciplinares e o incentivo a debates, integrando, sempre que oportuno, pesquisa e análise crítica, também ajudam os estudantes no processo de construção do conhecimento, permitindo-lhes assimilar e aplicar novos conceitos de maneira mais profunda, ressignificando-os. Essas práticas promovem a autonomia intelectual dos estudantes e criam oportunidades para trocas significativas, resultando em maior retenção e compreensão crítica dos conteúdos.

A BNCC nesta coleção

A coleção está alinhada às competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio, contribuindo para o aprendizado de forma integrada e interdisciplinar. Entre as competências mobilizadas, destaca-se a análise de processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, desenvolvida nas seções *Debate Plural* e *Agir no Mundo*. Nessas seções, os estudantes têm a oportunidade de explorar temas contemporâneos e tomar decisões fundamentadas em evidências, exercitando o pensamento crítico e a cidadania. Destaque também para as seções *Mundo do trabalho* e *Debate plural*, nas quais a integração e o diálogo entre saberes distintos são valorizados. Quando oportuno, essas seções, e também a seção *Galeria de atividades*, abrangem temas que valorizam os desafios impostos à sociedade, especialmente aos jovens, pelas mídias digitais e pelo mercado de trabalho.

A coleção incentiva a análise crítica das desigualdades sociais e das transformações no mundo do trabalho por meio de textos, gráficos e dados estatísticos. Questões como o racismo e as relações de gênero, assim como o meio ambiente, são abordadas em um contexto que estimula a reflexão e o debate, preparando os estudantes para reconhecerem seu papel na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ao participarem dessas discussões, os jovens são incentivados a compreender e atuar nos debates públicos, reconhecendo seu papel como agentes transformadores.

Voltada para os desafios contemporâneos, a coleção promove o desenvolvimento de competências e habilidades a fim de preparar os estudantes para interagir com um mundo cada vez mais complexo e interconectado. As atividades variadas, as situações-problema e a mobilização de conhecimentos prévios buscam articular a realidade dos estudantes com diferentes contextos e em distintas escalas. Alinhada aos princípios da educação para o século XXI, a coleção pretende promover uma aprendizagem reflexiva e significativa, preparando os estudantes para atuarem de forma crítica, ética e transformadora.

A tecnologia nesta coleção

A contemporaneidade é marcada pelo desenvolvimento tecnológico, com a computação e as tecnologias digitais presentes em diversos aspectos da vida. Essas transformações impactam a comunicação e o funcionamento da sociedade, exigindo que os jovens sejam preparados para profissões futuras, muitas das quais envolverão tecnologias ainda não inventadas.

No Ensino Médio, a ênfase é na ampliação das aprendizagens digitais, reconhecendo as potencialidades das tecnologias para atividades acadêmicas e profissionais.

Para promover um uso crítico e criativo da tecnologia, a coleção fomenta o contato com diversos recursos tecnológicos, como museus virtuais, além de indicar séries e filmes que abordam temas tecnológicos. A Inteligência Artificial (IA) é objeto de algumas discussões contextualizadas sobre seu uso e impactos na sociedade. Os estudantes são convidados a realizar produções para o ambiente digital em algumas atividades da seção *Mundo digital*.

Ao integrar esses recursos, a coleção não só enriquece o aprendizado, mas também prepara os estudantes para um mundo cada vez mais digital e interconectado.

Os componentes curriculares nesta coleção

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas investigam a condição humana em suas relações com o mundo, abordando aspectos históricos, sociais, culturais e políticos. A coleção foi organizada para aprofundar o conhecimento dos estudantes em conceitos essenciais desses componentes curriculares, promovendo uma visão integrada e crítica da realidade por meio da articulação entre História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

Com uma abordagem que procura valorizar a interdisciplinaridade, a coleção utiliza temas geradores, como a urbanização, permitindo explorar a formação das cidades, desigualdades sociais, meio ambiente e implicações filosóficas. Essa articulação não é apenas a soma de conteúdos, mas também uma integração de conceitos e metodologias de cada área, enriquecida por recursos didáticos variados, como documentos, filmes e obras de arte.

A seguir, uma breve apresentação de cada componente curricular que compõe a coleção.

Filosofia

O volume de Filosofia envolve o estudante na construção do pensamento filosófico, desde suas origens até questões contemporâneas. As unidades abordam temas como natureza humana, sociedade e conhecimento, apresentando conceitos básicos e aplicando-os à análise de desafios contemporâneos. A obra favorece o desenvolvimento de habilidades como análise, interpretação e argumentação, promovendo uma formação crítica e consciente, de acordo com as competências da BNCC.

Geografia

O livro de Geografia prepara os estudantes para os desafios do futuro, abordando conceitos geográficos, elementos centrais da Cartografia, a globalização e seus impactos, além de debates sobre as várias desigualdades presentes em nosso mundo. Com capítulos que conectam o conteúdo ao cotidiano do estudante, a obra utiliza mapas e dados para desenvolver habilidades como análise espacial e a competências como a cidadania, promovendo uma visão crítica sobre as transformações do espaço geográfico e sobre o papel do próprio indivíduo no espaço.

História

O material de História é organizado de forma cronológica e temática, facilitando a compreensão das relações entre os eventos históricos, desde o surgimento da humanidade até o mundo contemporâneo. Ao longo dos estudos, os estudantes desenvolvem habilidades como: compreender processos históricos de longa, média e curta duração; avaliar o impacto dos sujeitos históricos e como esses sujeitos se apresentam ao longo do tempo nas narrativas históricas, interpretar fontes de diferentes categorias, além de identificar discursos hegemônicos, contribuindo para dar voz e protagonismo às populações historicamente marginalizadas. A ideia é que os estudantes aprendam a operar historicamente informações do passado para se posicionarem no presente e projetarem o futuro.

Sociologia

A obra de Sociologia propõe a ampliação das percepções dos estudantes sobre o mundo em que vivem, abordando os fatos e relações sociais, além de instituições e processos que moldam a sociedade. Com exemplos do cotidiano, a obra aborda temas como cultura, classes sociais, poder e política. As ideias de pensadores que formaram as bases sociológicas, como Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, além de autores contemporâneos, são apresentadas e aplicadas a desafios atuais, incentivando os estudantes a refletirem sobre a organização da sociedade e as origens das desigualdades sociais.

Orientações específicas

O ensino de Sociologia no Ensino Médio

O componente curricular Sociologia é relevante para o entendimento das relações sociais, para uma educação emancipatória, para o desenvolvimento do pensamento crítico nos estudantes e para instigá-los ao exercício da cidadania. Nesse sentido, é preciso oferecer aos estudantes interessados em interpretar a realidade social não apenas informações deste campo científico, que inclui a Sociologia e as principais linhagens das Ciências Sociais (Antropologia e Ciência Política), mas também os resultados das pesquisas recentes da área que contribuam para rever concepções de mundo, modelos de desenvolvimento econômico, transformações no mercado de trabalho e nas formas de interagir social e coletivamente.

Ao longo das unidades e capítulos do volume de Sociologia da presente coleção, o estudante tem a possibilidade de vivenciar o saber e o fazer do cientista social a partir do esclarecimento de seus objetos de estudo, suas metodologias, conceitos, teorias e autores, seja como uma área profissional, evidenciando a contribuição de seus estudos e pesquisas, seja como fonte de conhecimento para sua formação integral, seja como cidadão atuante e protagonista na vida coletiva, incentivando o estudante a agir de modo assertivo para o bem comum.

Para que isso possa acontecer, o volume organiza o saber sociológico com base nos campos específicos da Antropologia, da Sociologia e da Ciência Política, além de apresentar o olhar de autores e temas da realidade brasileira. A linguagem adotada e as situações-problemas buscam proximidade com a vida e a faixa etária do estudante, com descrições e indagações que os estimulem a exercitar sua "imaginação sociológica", isto é, desnaturalizar os fenômenos sociais buscando superar o senso comum para consolidar um saber crítico e científico sobre a sociedade. São objetivos desta obra, propiciar aos estudantes:

- Entender a sociedade como objeto de estudo e oferecer as principais questões e formas de lidar com elas de modo científico.
- Desenvolver o pensamento crítico por meio da desnaturalização do mundo social, permitindo explicações para as diferentes necessidades, valores e aspirações dos membros sociais.
- Reconhecer e avaliar regras, normas e conflitos sociais com imparcialidade para que os estudantes possam encontrar meios de dialogar com base em argumentos e fatos a partir de conceitos, teorias e métodos das ciências sociais.
- Compreender a diversidade humana na organização da vida coletiva, respeitando e valorizando as expressões culturais em suas diversas manifestações, incentivando a interpretação e o possível engajamento nas lutas por reconhecimento para eliminar ou corrigir injustiças sociais.
- Explicar historicamente o funcionamento das sociedades em relação às suas estruturas, grupos sociais e formas de gerir a economia e o mundo do trabalho, com ênfase nos problemas relativos às desigualdades sociais, incentivando os estudantes a compreender a realidade brasileira.
- Aprender a cidadania enquanto condição de reconhecimento de direitos e deveres e como forma de participação política adquirindo competências para avaliar ou conceber propostas de transformação social.

Estratégias de como se trabalhar as unidades

As unidades e capítulos deste volume obedecem a dois critérios de organização: **a)** subdivisão dos conteúdos das três áreas das Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia e Ciência Política) em unidades e **b)** abordagem de conteúdos específicos de cada uma delas, conceitos e autores em três unidades, reservando outras três para um panorama nacional e contemporâneo.

As abordagens dos capítulos de cada grupo de unidades podem ser variadas, dependendo dos assuntos, mas guiadas por uma proposta pedagógica única que considere o desenvolvimento de sequências didáticas aula a aula, utilizando criatividade para incentivar tanto o protagonismo do estudante quanto a aprendizagem por pares. Nesse sentido, recomenda-se evitar uma lógica didática mais rígida, fundamentada na apresentação de conteúdos seguida pela solicitação de atividades para entrega e posterior correção. Nesse sentido, são necessárias algumas considerações:

Sequências didáticas aula a aula

Elas podem ser construídas pelo professor, a fim de que cada momento possa ser percebido como parte de um conjunto de atividades planejadas e articuladas entre si, formando um todo, com a intenção de atingir determinado objetivo didático. Isso significa que a problematização do tema principal, o seu desenvolvimento e o desfecho geram possibilidades distintas de utilização de metodologias. Observe o esquema a seguir.

A **problematização** acontece antes mesmo de iniciar o conteúdo da aula e pode ser realizada usando técnicas para levantamento de conhecimentos prévios. Esse é o momento para questionar, observar as dúvidas que surgem, conhecer o pensamento do estudante (avaliação diagnóstica), por fim, de saber de qual ponto partir e esboçar antecipações sobre aonde se deve chegar. Em grande parte dos casos, basta um trecho de filme, uma pergunta ou ainda uma música (até, simplesmente, um trecho de uma música) que motive uma opinião ou um questionamento.

É importante, contudo, que esses recursos guardem relações com a realidade em que esse estudante está inserido, para aproximar seu mundo daquele que será estudado, não sendo apenas um momento motivacional. Nas aberturas de unidade, isso já é apresentado, por uma imagem e por questões norteadoras. No entanto, para os capítulos vale repetir o procedimento. Para isso, seria oportuno realizar previamente a leitura de cada um dos capítulos, selecionando, dos conteúdos a serem trabalhados, aquele que é mais adequado para motivar esse levantamento inicial. Isso dependerá de sua avaliação sobre quais conteúdos caberão em determinada aula.

O **desenvolvimento** é mais longo e talvez realizado em mais de uma aula. Assim, é importante não deixar que se perca o foco no momento da problematização e a cada aula. Se os estudantes não entenderem os motivos pelos quais estão aprendendo um conceito que se relaciona com o filme a que assistiram antes, por exemplo, ou se esquecerem das questões motivadoras do início, há grandes possibilidades de o processo se perder. Apesar de incluir momentos expositivos, no desenvolvimento é preciso retomar constantemente um objetivo a atingir, um trabalho a produzir, uma reflexão específica a fazer e que geralmente tenha vínculo com o mundo sociocultural do qual o estudante participa. O uso das metodologias participativas visuais (como mapa participativo, linha do tempo, árvore de problemas) combinadas com exposição dialogada e leitura silenciosa pode colaborar para significação dos conteúdos.

Sugestão

- FERREIRA, V. H. *et al*. Um Objeto de Aprendizagem para a Disciplina de Sociologia no Ensino Médio. *In*: CINTED-UFRGS: Novas Tecnologias na Educação. 2015. *RENOTE* 13 (1):1-10. Disponível em: https://tedit.net/pn1omf. Acesso em: 19 out. 2024.

O artigo apresenta um recurso didático que tem por objetivo auxiliar os estudantes a organizar o pensamento em relação aos pensadores clássicos da Sociologia.

O **desfecho** é composto de três elementos em diálogo: a síntese, a reflexão e a transposição. Você poderá considerar que cada aula merece ter um desfecho, ainda que não seja um desfecho de todo o conteúdo; por isso, subdividir essa etapa em síntese, reflexão e transposição pode ser útil.

- **Síntese:** Ao final de toda aula, é importante que os educandos sintetizem aquilo que aprenderam. Esse momento antecipa o que vem a seguir e sistematiza os conhecimentos construídos. Se há um trabalho envolvido, como uma exposição ou a produção de um texto, este é o momento de analisar o trabalho à luz da síntese realizada, procurando melhoras que ainda possam ser feitas no processo. Anote as sínteses na lousa para fixar conteúdos.
- **Reflexão:** O momento de síntese não permite muita criatividade: trata-se de resumir o que aconteceu e está mais relacionado aos conteúdos em si. O momento de reflexão, por sua vez, permite que se façam as mais variadas relações, que vão da opinião pessoal sobre o processo até sugestões para as atividades seguintes. Realize uma roda de conversa para este momento, inserindo algumas perguntas, tais como:
  - O que você aprendeu tão bem nesta atividade que consegue explicar sem dificuldades a um colega?
  - Que assuntos não ficaram claros? Que temas você gostaria que voltassem a ser estudados por não terem sido devidamente compreendidos?
  - Como você pode melhorar a sua participação no grupo?
- **Transposição:** O aprendizado construído deve agora ser aplicado a uma situação diferente daquelas que serviram de problematização e/ou de foco até aqui. Essa nova situação, contudo, deve manter elementos comuns suficientes para que os estudantes, de acordo com seu grau de maturidade, possam estabelecer as relações adequadas. As transposições são momentos importantes para conectar conteúdos subsequentes, e principalmente para desenvolver projetos interdisciplinares. Por isso, você poderá se valer de propostas que estão presentes no material, tais como as seções *Mundo do Trabalho* ou *Mundo Digital*.

Protagonismo do estudante

O protagonismo do estudante deve ser desenvolvido em dois sentidos: tanto para sua autonomia na organização dos estudos e na construção do conhecimento quanto na formação de autoconsciência sobre sua trajetória de vida e seus projetos pessoais. Caberá ao professor incentivar a participação do estudante em atividades e ações que sejam fruto das pesquisas e atividades práticas desenvolvidas ao longo do percurso, motivando seu engajamento na vida coletiva e social. Deste modo, a seção *Agir no mundo* torna-se relevante para instrumentalizar os estudantes a conceber projetos, realizá-los e monitorá-los, sendo capazes de não apenas vivenciar o desenvolvimento de uma ação com olhar próprio das Ciências Sociais, mas também

atuar em suas comunidades para mitigar ou resolver problemas sociais. Aspectos das ferramentas metodológicas serão abordados mais adiante.

Aprendizagem por pares

A aprendizagem por pares, que é a base para quase todas as metodologias ativas (sala de aula invertida, rotação por estações, *steam,* etc.), envolve os estudantes em atividades cooperativas, motivando-os a discutir os conteúdos e assim melhor aprender. Esse método requer que o estudante se aproprie de materiais que são fornecidos pelo professor (e que vão além do próprio livro didático, podendo ser recomendações de outras leituras, artigos científicos, filmes, reportagens de jornal, etc.) para apresentação de questões conceituais em sala de aula. Tais materiais devem ser lidos previamente e usados para promover discussão entre os estudantes, os quais deverão produzir conhecimento sobre determinado assunto ou conceito e apresentar sua visão a todos. Tendo como principal objetivo promover a aprendizagem dos conceitos básicos dos conteúdos a serem estudados através da colaboração entre estudantes, é um método que permite momentos de reflexão coletiva; compartilhamento de experiências; relações dialógicas; escuta respeitosa, colaborando para o desenvolvimento de competências socioemocionais. Além disso, pode-se adotar a gamificação e o *design thinking* como formas de apoio que estimulam o engajamento criativo e a resolução de problemas de maneira dinâmica e colaborativa, utilizando *quizzes* interativos e desafios em grupo, e valorizando a elaboração de soluções para problemas sociais, desenvolvendo tanto o conhecimento teórico quanto as habilidades socioemocionais.

Sugestão

- SILVA, Elisangela *et al*. Instrução entre pares. *Revista Tópicos*, v. 2, n. 11, 2024. ISSN: 2965-6672. Disponível em: https://tedit.net/wjd6d7. Acesso em: 19 out. 2024.

Para detalhar as etapas da aprendizagem por pares, o artigo traz uma abordagem sobre como promover a participação dos estudantes, incentivar a colaboração e fornecer *feedbacks*, bem como adaptá-la para atender às necessidades específicas de diferentes contextos educacionais, contribuindo para o desenvolvimento global dos estudantes.

Sugestões de abordagem: metodologias de pesquisa

Outro aspecto relevante é que cada área das Ciências Sociais possui metodologias de pesquisa que são mais afins aos seus objetos de estudo, ainda que, como qualquer conhecimento científico, exista certa padronização na coleta, análise e entrega de resultados. Será relevante chamar a atenção dos estudantes para esse conhecimento, o que também poderá se traduzir em estratégias pedagógicas que facilitem essa compreensão. A seguir, destacamos por grupos de unidades alguns exemplos.

Unidades 1 e 2

Nas unidades 1 e 2, referentes aos conteúdos de Antropologia, será possível destacar que a **etnografia**, por exemplo, metodologia central da Antropologia, se vale de procedimentos como **observação participante** e **entrevistas com informantes**. O exemplo dado na seção *Mundo digital: Um roteiro para a vida* (p. 59) propõe a confecção de um *podcast* de entrevistas feitas com estudantes a respeito da imposição de padrões sociais no roteiro de vida dos mais jovens.

As entrevistas são um procedimento fundamental para a **coleta de dados primários em Ciências Sociais** e podem ser utilizadas diversas vezes ao longo do volume para incentivar os estudantes nesse aprendizado. Para isso, recomendam-se alguns cuidados para que haja validade da informação.

Vale reforçar, preliminarmente, aos estudantes a importância de estarem autorizados por seus responsáveis a colher os depoimentos. Da mesma forma, é importante orientá-los a explicar claramente aos entrevistados os termos da conversa e como os dados coletados serão utilizados, garantindo que os entrevistados estejam cientes e possam autorizar a veiculação de suas informações.

Em primeiro lugar, as entrevistas são uma metodologia de pesquisa qualitativa, baseada em depoimentos – sobretudo orais – e que devem ser interpretados posteriormente. Essa interpretação pressupõe uma **análise de conteúdo** e de **discurso**, a qual deverá ser obtida a partir da transcrição das falas que foram previamente gravadas.

Outro tipo de procedimento que é bastante comum são as **análises de mídias**, tanto das tradicionais quanto das mídias sociais. Entre as mídias tradicionais, tem-se a análise de capas de revistas, programas televisivos, cinema, rádio, etc. Se for possível, analise obras de arte como grafites, pinturas e textos literários. No caso das unidades de Antropologia, temos na seção *Trabalhando com capa de revista: Desnaturalizando o mundo social* (p. 14) uma proposta de análise para discutir a diversidade cultural. Será relevante nessa análise e em outras que você pode sugerir ao longo da unidade explicar que o tema das representações sociais é uma abordagem teórica que pode ser pertinente para a pesquisa antropológica. As representações sociais são um conjunto de conhecimentos, imagens e opiniões que permitem evocar determinado objeto, pessoa ou acontecimento, ou seja, estão presentes tanto nas relações sociais como no conjunto de opiniões e comportamentos dos indivíduos, refletindo em sua conduta e valores. Por isso, quando se analisam as representações nas mídias tradicionais, é preciso levar em conta o contexto de produção dessas representações, isto é, os discursos ideológicos que sustentam as mídias podem determinar ou influenciar nossa opinião sobre uma realidade à qual não temos acesso.

Também é muito comum utilizar a **análise documental** como procedimento de pesquisa em Antropologia. No boxe *No detalhe* (p. 65), os estudantes são incentivados a pesquisar informações e fotografias de povos indígenas no *site* do Instituto Socioambiental (ISA). As pesquisas a partir de fotografias, mapas, pinturas, entre outros documentos visuais são muito relevantes para construir conhecimento a respeito de diferentes povos. É relevante mencionar que nesse tipo de pesquisa não há interação direta com os pesquisados, portanto seu objetivo não é compreender a realidade a partir de uma consciência de visão de mundo dos pesquisados, mas construir evidências a partir de determinado registro ou ainda verificar a autenticidade, a integridade e a veracidade de um documento. Pode-se propor, por exemplo, pesquisas sobre registros de determinadas manifestações culturais, como festas, ritos ou, ainda, pesquisas sobre leis, cadernos de receitas, manuais de instrução visando conhecer a identidade de um povo, de uma comunidade, etc.

Unidades 3 e 4

Nas unidades 3 e 4, referentes aos conteúdos de Sociologia, destacam-se procedimentos da pesquisa científica que envolvem coleta de dados de muitos indivíduos, bem como comparativos em termos de séries históricas. Pesquisas a respeito de vulnerabilidade social, desigualdade social, renda, classe social, mercado de trabalho, entre outras, podem ser observadas como fontes de dados para promover a discussão ao longo dos capítulos.

Na área de Sociologia são muito comuns as **pesquisas quantitativas e qualitativas, baseadas na aplicação de questionários**. Um exemplo, presente no material do estudante, são os ***surveys*** e a **composição de gráficos** a partir de seus resultados (p. 21). Quanto ao uso desse procedimento de pesquisa, será necessário explicar que ele é útil quando se quer realizar uma pesquisa de diagnóstico, de opinião ou até mesmo um censo com um número grande de informantes para que o conjunto de respostas possa ter um significado de perfil, tendência ou representatividade a respeito de um tema. Por isso, será relevante tanto a definição de uma amostra quanto oferecer informação sobre como elaborar questionários estruturados, com perguntas fechadas. O roteiro de questões pode incluir perguntas com uso de "como", "o quê", "quem", "por quê" e "quando", e as possíveis alternativas de respostas. Explique que as questões a serem elaboradas servirão para o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas pelos informantes. Para que o tratamento das respostas, isto é, as análises feitas a partir dos dados obtidos, tenha validade, é necessário interpretá-las à luz de outros dados, seja de pesquisas similares passadas, seja de estudos sobre o mesmo tema.

Também é possível observar outro tipo de pesquisa comumente usada em Sociologia, que é o **estudo de caso**. Nesse tipo de pesquisa, um fenômeno atual é analisado em seu contexto real investigando-se as variáveis que o influenciam. Trata-se de um estudo intensivo e sistemático sobre uma instituição, comunidade ou indivíduo que permite examinar fenômenos complexos. Um exemplo desse tipo de pesquisa é apresentado no infográfico *Impactos da pandemia de covid-19 na estrutura social do Brasil* (p. 206). Nesse exemplo, são reunidas diversas informações mostrando de que modo a migração da classe média para a classe baixa aconteceu no contexto da pandemia, e a partir de outros resultados é possível compreender as razões. O objetivo de um estudo de caso é produzir conhecimento a respeito de um fenômeno. Esse conhecimento pode ser usado como referência teórica para a compreensão de situações similares. No caso em questão, um fenômeno como uma epidemia em países com grande desigualdade social, como o Brasil, pode servir como exemplo para explicar de que modo fenômenos como esse podem levar ao empobrecimento da população de modo mais duradouro.

Outra importante vertente de pesquisa em Ciências Sociais são os **estudos de recepção**. A recepção é, antes de tudo, uma perspectiva de investigação que nasceu a partir dos Estudos Culturais, sendo posteriormente muito forte na área de comunicação. Em Sociologia, são estudos que promovem compreensão sobre consumo, gostos e preferências. Portanto, ela não se restringe apenas a uma pesquisa sobre público. Por isso, para compreender o tema "indústria cultural", trabalhado na seção *Debate plural*, seria oportuno promover um estudo de recepção sobre filmes, séries ou músicas, sendo necessário pensar a recepção como um processo que se articula a partir de mediações, isto é, de práticas de interações sociais no cotidiano das pessoas, as quais dão significado a essa experiência concreta. Isso significa que os locais de consumo desses produtos ou o modo como eles são apropriados e representados nas formas de sociabilidade das pessoas podem produzir significados bastante diferentes. O sentido, por exemplo, de uma telenovela em distintos contextos revelará apropriações muito diferentes a depender das classes sociais envolvidas. Há muitos estudos que confirmam que as narrativas melodramáticas foram para muitos uma verdadeira educação moral e, ao mesmo tempo, a única forma de conhecimento sobre a identidade nacional. Por outro lado, para uma minoria letrada as telenovelas eram um passatempo grosseiro para reafirmar preconceitos.

Unidades 5 e 6

Nas unidades 5 e 6, referentes aos conteúdos de Ciência Política, também são destacados alguns procedimentos importantes da pesquisa científica em Ciências Sociais. Para tratar da influência da economia

global na política brasileira (p. 295), é utilizado um gráfico que foi obtido de uma pesquisa acadêmica. Em muitos casos, as pesquisas em ciência política confrontam informações que mesclam dados da economia, do direito e das próprias instituições de governo, como os ministérios e secretarias. Por isso, é comum a **pesquisa em fontes documentais** a partir de consulta a informações produzidas, a partir de fontes primárias, por órgãos governamentais, instituições internacionais, universidades e entidades do terceiro setor **publicadas no formato de relatórios, estudos, bases de dados, tabelas, gráficos estatísticos que são disponibilizados em *sites* de consulta pública**. Essas informações também poderão aparecer como citação (fontes secundárias) em artigos acadêmicos, teses e livros, bem como em artigos jornalísticos que também poderão ser consultados na internet.

Outro exemplo encontra-se na seção *Mundo do trabalho*: *Fuga de cérebros* (p. 297), em que se aborda o tema da migração em contexto de globalização, relatando a saída de profissionais qualificados de países menos desenvolvidos em busca de melhores condições de emprego e renda em países mais desenvolvidos. A atividade proposta espera do estudante um estudo a respeito disso a partir de fontes documentais em instituições de pesquisa.

Cada vez mais, a **análise de mídias sociais** também tem proporcionado pesquisas sobre consumo e participação social. Na seção *Mundo digital: Participação política digital* (p. 312), discute-se a relação entre as inovações tecnológicas e o aumento da participação política introduzindo o conceito de democracia digital. A atividade, que demanda uma pesquisa sobre as formas de promover ou aprimorar a participação política em *sites*, plataformas, aplicativos e redes sociais, requer do estudante conhecimento sobre o funcionamento das TICs, bem como esclarecimento a respeito de como identificar *fake news* e formas de manipulação da opinião pública. Para utilizar as mídias sociais como campo de análise e fonte de informação a respeito de comportamentos sociais, você deve recomendar aos estudantes que primeiro descrevam quais categorias de informações serão pesquisadas: comentários, favoritos, etiquetas, curtidas, avaliações, atualizações, comunidades, etc. Logo, é importante que expressem quais são as novas ferramentas para coletar, analisar e comunicar percepções e opiniões para que se tenha fidedignidade científica dos dados. Não se pode diagnosticar mudanças culturais, sociais ou políticas através da internet sem considerar alguns pontos. O primeiro é que, a depender do tema da pesquisa, no Brasil há grande desigualdade no acesso à internet, portanto o público que está nela não reflete toda a realidade a ser pesquisada.

Sugestões

- FRAGOSO, Suely *et al*. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. *Análise de redes sociais para a mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

As obras podem ser consultadas para aprofundar como realizar pesquisas utilizando mídias sociais e quais os métodos mais adequados para analisá-las.

Finalmente, muitas das atividades sugeridas poderão ser apresentadas no formato de relatórios. A **construção de relatórios** é o resultado de pesquisas, cujos dados devem seguir uma padronização que deverá ser ensinada aos estudantes. Além de seguir o modelo de introdução, justificativas, objetivos, metodologia e resultados, será relevante apresentar exemplos de como as informações obtidas aparecem, exemplificando conceitos abordados por autores que já trabalharam o tema. A inserção de citação de entrevistas (transcrição das falas dos entrevistados) em textos requer uma boa compreensão dos assuntos tratados, uma vez que pode tanto corroborar ideias anteriormente defendidas quanto ser usada para contrapor argumentos.

Nesse sentido, a fidelidade do que foi dito é essencial, bem como realizar a correta referenciação. É importante deixar claro que o objetivo de qualquer citação é permitir sua comprovação ou aprofundamento no tema pelo leitor, sendo necessário citar a fonte e assim possibilitar que qualquer pessoa possa percorrer o mesmo caminho. Para a composição do relatório de pesquisa, vale dedicar tempo para explicar as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT (ABNT NBR 6023:2018), seja para inserção de textos de terceiros, mapas, gráficos ou tabelas (dados secundários), seja para inserção das entrevistas ou do tratamento dos dados de fontes primárias (gráficos e tabelas construídos a partir dos questionários aplicados). É preciso explicitar a natureza dos textos acadêmicos e o modo de composição do texto, o qual requer não apenas um compilado de trechos de entrevistas ou gráficos, mas interpretação.

Sugestão de cronograma

Planejar o modo como serão trabalhados os conteúdos requer do professor a habilidade de não fragmentar o conhecimento, mas de instigar a todo momento que o estudante perceba as relações entre identidade/alteridade e cultura, indivíduo/sociedade, trabalho e capitalismo, poder/Estado, dominação e participação social, entendidas como as bases da articulação entre as três áreas de domínio das Ciências Sociais. Apenas desse modo será possível desenvolver a integração dos principais temas e questões-problemas que são objeto da área.

O trabalho com uma ou duas unidades por bimestre no primeiro semestre de cada ano permitirá o desenvolvimen-

to dos conteúdos essenciais de cada uma das áreas das Ciências Sociais e ainda será complementado por atividades que podem servir de avaliação somativa com questões para checagem da aprendizagem presentes nas seções *Retome, Galeria de atividades* e *Enem e vestibulares*.

Há também, em todos os capítulos, propostas que desenvolvem de modo mais aprofundado possibilidades para avaliações somativas de fechamento de conteúdos e de avaliações formativas, desenvolvendo habilidades e competências dos estudantes para:

- Formação de pensamento crítico (por meio dos seguintes boxes ou seções: *No detalhe*, *Explicando o conceito*, *Infográfico*, *Mundo digital*).
- Vivenciar as metodologias usadas pelas Ciências Sociais na realização de projetos, pesquisas ou elaboração de documentos escritos (por meio das seguintes seções: *Debate plural*, *Agir no mundo* e *Mundo do trabalho*).

Grande parte das propostas de atividades objetiva a interdisciplinaridade e, ao mesmo tempo, propicia o desenvolvimento das competências socioemocionais, motivando trabalhos individuais e em grupo.

Conforme descrito, o presente volume possui 15 capítulos e uma introdução, organizados em seis unidades.

Acreditamos que, de modo geral, chegamos a uma forma bastante equânime e produtiva. As unidades devem ser pensadas em duplas (unidades 1 e 2 – Antropologia; unidades 3 e 4 – Sociologia; e unidades 5 e 6 – Ciência Política). Tivemos o cuidado de manter uma estrutura bastante simétrica, tanto para deixar o entendimento do livro mais claro aos estudantes quanto para facilitar o uso pelo professor, que pode optar por uma entre diferentes ordens de exploração do conteúdo.

As unidades duplas seguem mais ou menos a mesma estrutura: os três capítulos das unidades 1, 3 e 5 tratam de temas que poderíamos chamar de clássicos, já nas unidades 2, 3 e 6, o primeiro capítulo trata de temas brasileiros relacionados a cada uma das disciplinas, e os segundos capítulos lidam com aspectos contemporâneos das três Ciências Sociais.

Como possibilidade de apresentação do conteúdo, sugerimos uma opção linear, como no cronograma a seguir.

Proposta de organização	**1º ano - Antropologia**					
	1º semestre			**2º semestre**		
	1º trimestre		**2º trimestre**		**3º trimestre**	
	1º bimestre		**2º bimestre**		**3º bimestre**	**4º bimestre**
Conteúdos	Introdução	Unidade 1			Unidade 2	
		Capítulo 1	Capítulo 2	Capítulo 3	Capítulo 4	Capítulo 5

Proposta de organização	**2º ano - Sociologia**				
	1º semestre			**2º semestre**	
	1º trimestre		**2º trimestre**		**3º trimestre**
	1º bimestre		**2º bimestre**	**3º bimestre**	**4º bimestre**
Conteúdos	Unidade 3			Unidade 4	
	Capítulo 6	Capítulo 7	Capítulo 8	Capítulo 9	Capítulo 10

Proposta de organização	**3º ano – Ciência Política**				
	1º semestre			**2º semestre**	
	1º trimestre		**2º trimestre**		**3º trimestre**
	1º bimestre		**2º bimestre**	**3º bimestre**	**4º bimestre**
Conteúdos	Unidade 5			Unidade 6	
	Capítulo 11	Capítulo 12	Capítulo 13	Capítulo 14	Capítulo 15

A estrutura básica, como vimos, é dividida em unidades e em temas. Essa organização em duas ordens possibilita a você, professor, uma grande liberdade para estruturar seu curso. De forma geral, os três capítulos "clássicos" tratam da virada do século XIX para o século XX, possibilitando ao professor, caso seja de seu interesse, uma organização que pressuponha uma continuidade entre os três capítulos das unidades 1, 3 e 5. Pode-se distribuir esses três capítulos de maneira bastante flexível (mas é importante considerar que é recomendável seguir certa ordem de complexidade). Após os clássicos, passaríamos às teorias contemporâneas (capítulos 5, 10 e 15) ou à história das Ciências Sociais no Brasil (capítulos 4, 9 e 14), conforme seu interesse ou objetivo.

Assim, quando pensamos a organização e a estruturação do livro, pretendemos ampliar as possibilidades de sua intervenção, que pode seguir o arco disciplinar proposto para cada unidade; um arco temático (dedicando-se aos clássicos, aos contemporâneos e às Ciências Sociais no Brasil) ou, ainda, uma mistura das duas opções, seguindo cada arco temático em uma sequência disciplinar.

Usamos aqui os números dos capítulos: unidades 1 e 2 (capítulos 1, 2, 3, 4 e 5); unidades 3 e 4 (capítulos 6, 7, 8, 9 e 10); e unidades 5 e 6 (capítulos 11, 12, 13, 14 e 15).

Veja o esquema proposto a seguir.

	Sequências dos capítulos de acordo com a opção metodológica do professor		
Arco	**disciplinar**	**temático**	**misto**
Sequência	Introdução, capítulos 1 ao 15	Introdução, capítulos 1, 6, 11, 2, 7, 3, 8, 12, 4, 9, 14, 5, 10 e 15	Introdução, capítulos 1, 2, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 4, 5, 9, 10, 14 e 15

Essas três sugestões são apenas possibilidades: o professor, conforme seus interesses, a experiência de vida dos estudantes e sua formação, pode optar por alterar, dentro desses arcos, tanto a ordem disciplinar quanto a temática. É possível iniciar cada arco temático com sua disciplina de preferência; é possível inverter a ordem temática nacional com a contemporânea; etc.

Seguir a ordem descrita não é, entretanto, a única maneira de usar o livro. É plenamente possível um uso mais livre, sempre considerando a estrutura de complexificação no nível dos capítulos. O professor pode, por exemplo, utilizar primeiro todos os capítulos das unidades "clássicas" (capítulos 1, 6 e 11), que têm estruturas similares, pois lidam com conceitos fundamentais das três áreas das Ciências Sociais. O mesmo pode ser feito com os demais capítulos: estudar, por exemplo, os capítulos 2, 7 e 12; e assim por diante. Essa opção não desestrutura nossa concepção pedagógica e mantém um caminho de aprendizado bastante profícuo.

Cabe ao professor decidir como usar o livro com base em sua experiência e de acordo com as particularidades de cada turma, mas sempre atento aos dois níveis propostos. Desse modo, o livro oferece aos estudantes um caminho pedagógico profícuo e, ao professor, liberdade de escolha na maneira de apresentar o conteúdo sem perder esse caminho.

Orientações sobre introdução, unidades e capítulos da coleção

Introdução (p. 10)

Objetivos da introdução

- Compreender o conceito de sociedade para as Ciências Sociais.
- Distinguir a opinião individual do conhecimento científico produzido pelo cientista social.
- Compreender que existem diferentes linhagens em Ciências Sociais.
- Conhecer os instrumentos de análise das Ciências Sociais.
- Analisar os objetivos da atuação do cientista social.

Justificativas da introdução

A introdução deste volume oferece aos estudantes um panorama da área das Ciências Sociais, definindo o objeto de estudo da disciplina – a sociedade – e apresentando suas principais subáreas: a Antropologia, a Sociologia e a Ciência Política. O conteúdo do volume foi organizado em torno delas, e ter uma dimensão inicial do que as constitui contribui para que os estudantes identifiquem a intencionalidade dessa distribuição.

As funções da produção das Ciências Sociais, tanto em termos individuais, quanto em coletivos, também são debatidas, para despertar o interesse dos estudantes para o estudo da área. Além disso, a introdução define os métodos nos quais as Ciências Sociais se fundamentam, diferenciando sua produção do senso comum e reforçando a legitimidade do conhecimento científico elaborado por cientistas sociais.

Competências gerais: 1, 2, 7 e 9

Competência específica: 1

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS103 e EM13CHS106

Temas contemporâneos transversais: Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social; Multiculturalismo: Diversidade Cultural

O que é a sociedade? (p. 10)

Leia o conteúdo com os estudantes e analise as imagens com eles. Destaque algumas das questões que podem ser levantadas sobre a vida em sociedade, a multiplicidade de respostas possíveis e a complexidade do mundo social.

Resposta (p. 11)

A intenção é levar os estudantes a construir perguntas sobre a vida social, de modo que os incentive a observá-la por uma perspectiva de estranhamento em relação ao mundo que os cerca. Exemplos de perguntas que podem ser elaboradas pelos estudantes: "Por que homens não usam saia?"; "Há uma forma correta de viver?"; "Por que muitas pessoas gostam de futebol?"; "Por que há pessoas em situação de rua?". Qualquer pergunta sobre a natureza da vida em sociedade é válida e ajuda a pensar o mundo.

A vida em sociedade (p. 12)

Ao ler o conteúdo com os estudantes, destaque que as Ciências Sociais buscam desenvolver o pensamento crítico, que nos leva a desvendar os mecanismos que operam como se fossem naturais, mas não o são (desnaturalização do mundo), e analisar os fenômenos sociais de maneira imparcial.

As Ciências Sociais (p. 15)

Leia o conteúdo com os estudantes, chamando a atenção para as Ciências Sociais como ciência, o que as difere do senso comum. Destaque os objetos de estudo de cada uma das Ciências Sociais (a Antropologia, a Ciência Política e a própria Sociologia) e use as imagens como apoio para explicá-los.

Retome (p. 17)

Uma opinião é um exercício livre de pensamento sobre qualquer tema e não é fundamentada no método científico. Já uma teoria, nas Ciências Sociais, é produzida com base em métodos de pesquisa e de análise dos resultados e da formulação de hipóteses.

Como funcionam as Ciências Sociais? (p. 18)

Leia o conteúdo com os estudantes, explicando as noções abordadas (conceito e método). Apoie-se nas imagens para exemplificá-los e destaque Frida Kahlo (1907-1954) como personalidade que questionou o conceito admitido para definição de mulher em sua época, tornando-se, assim, um ícone da luta feminista.

Ciências Sociais: informações e pensamento crítico (p. 22)

Chame a atenção dos estudantes para o sentido do trabalho do cientista social, destacando a utilidade da informação que ele produz, a utilidade de pensar criticamente e a importância de identificar ideologias. Leia o conteúdo com os estudantes, para que essas linhas de pensamento se esclareçam, com a ajuda das tirinhas e das fotografias.

Galeria de atividades (p. 26)

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que o estudo das sociedades contribui para a compreensão de fenômenos importantes e produz informações que têm impacto social ao embasar a formulação de políticas públicas e orientar a mobilização de movimentos sociais. Eles também podem comentar o papel das Ciências Sociais no desenvolvimento do pensamento crítico individual. Em relação à importância das Ciências Sociais hoje, espera-se que identifiquem a utilidade delas para investigar os desafios impostos às sociedades contemporâneas (as questões climáticas e as desigualdades, por exemplo), especialmente considerando a rapidez com que eles se transformam e a gravidade que seus efeitos podem ter.

2. Conceitos são ideias ou categorias que usamos para entender e explicar a realidade. São construções teóricas que devem ser precisas e controladas para delimitar o que será observado e evitar ambiguidades. Já método é o conjunto de técnicas ou procedimentos usados para coletar e analisar dados de forma sistemática, permitindo ao cientista chegar a conclusões. O método pode ser quantitativo (lida com dados numéricos e utiliza ferramentas como questionários para testar hipóteses, permitindo generalizações, entretanto com certa distância da realidade cotidiana) ou qualitativo (mais exploratório, busca capturar aspectos subjetivos, oferecendo uma visão mais próxima da experiência humana, porém sem ter a capacidade de generalizar os resultados). Os dois métodos são complementares e devem ser escolhidos de acordo com os objetivos da pesquisa.

3. Oriente os estudantes a debater não apenas o que constitui o senso comum e o pensamento crítico, mas também os possíveis impactos de cada um deles. O senso comum, ao se basear em crenças e ideias amplamente aceitas pelas sociedades, sem questionamentos aprofundados ou exigência de evidências, tende a ser simplista e superficial e pode contribuir para a formulação ou a reprodução de preconceitos e generalizações equivocadas. Já o pensamento crítico oferece visão mais complexa e abrangente da realidade e pode contribuir para evitar julgamentos apressados e preconceituosos, uma vez que é fundamentado no método científico e não se satisfaz com suposições.

4. O diálogo entre Calvin e seu pai desnaturaliza uma relação tida como corriqueira até os dias atuais. A resposta do pai sugere que é mais razoável que a mãe pare de trabalhar fora para cuidar dos filhos, enquanto ele continua a ir para o trabalho. Nem todas as famílias escolhem esse arranjo, mas, por algum motivo, é mais comum que ele seja adotado, o que leva muitas pessoas a dizer que esse é o procedimento "natural". Esse "por algum motivo" é objeto de interesse das Ciências Sociais, pois, por trás dele, há realidades nem sempre aparentes. Aqui, vemos que esse arranjo de cuidado dos filhos é amparado por uma desigualdade histórica entre o trabalho feminino e o masculino, em favor do último, fruto de uma sociedade ainda muito machista. Nesse sentido, o decreto argentino que admite o cuidado materno como trabalho para a aposentadoria visa, ainda que timidamente, reparar essa desigualdade histórica.

5. O diálogo entre Calvin e seu pai, assim como a tirinha de Dahmer, ilustra as desigualdades de gênero na sociedade. A primeira se refere à responsabilização compulsória das mulheres pelos afazeres e cuidados domésticos. A segunda retrata o modo como o corpo das mulheres é sexualizado e utilizado como forma de entretenimento. A tirinha de Dahmer demonstra ainda como o entretenimento dá a falsa impressão de que não estamos pensando ou fazendo nada, como se fôssemos meros espectadores. Mas, ao contrário, trata-se de uma maneira pela qual as normas sociais, mesmo as mais injustas, são introduzidas em nosso modo de pensar, sentir e agir. Os meios de comunicação, como a televisão e a internet, são exemplos disso.

6. Ferreira Gullar é uma referência da poesia crítica contemporânea. O poema "Agosto 1964" refere-se ao contexto da ditadura civil-militar no Brasil. Baseado em uma ideologia alternativa, de crítica ao regime, Gullar demonstra sua insatisfação com o modo como os setores mais abastados da sociedade ignoravam as perseguições, torturas, punições e humilhações que os grupos perseguidos sofriam, bem como a desigualdade econômica do período, que desfavorecia os setores mais pobres da sociedade.

Unidade 1 – Antropologia (p. 28)

Para incentivar os estudantes na reflexão sobre o painel de Eduardo Kobra, comente que ele foi produzido em ocasião dos Jogos Olímpicos de 2016, no Brasil. Essa informação é importante para considerar que a intenção de Kobra era comunicar algo para a comunidade internacional. Peça aos estudantes que identifiquem características presentes nas pessoas representadas no painel, como adornos e vestimentas.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes reconheçam que o artista tinha como objetivo retratar a diversidade, por meio da representação de diversas etnias. Estão representadas as seguintes etnias: os huli (Oceania), os Mursi (África), os Kayin (Ásia), os Supi (Europa) e os Tapajó (América). Explique aos estudantes que grupo étnico, povo ou etnia é uma categoria de pessoas que se identificam mutuamente, com base em uma genealogia ou ancestralidade comum presumida ou em semelhanças de língua, história, sociedade, cultura, etc.

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que há pessoas de origens diferentes que convivem no mesmo local ou na mesma região, que podem ser africanos, asiáticos, indígenas, europeus e seus descendentes. Aproveite esse momento para questioná-los a respeito de aspectos que tenham identificado em pessoas de culturas diferentes das deles em relação a alimentação, vestimenta, costumes, rituais, etc. Converse com a turma sobre a diversidade cultural entre grupos, explicando, de modo inicial, os conceitos de etnicidade e identidade.

Capítulo 1 – O pensamento antropológico (p. 30)

Objetivos do capítulo

- Entender a constituição do pensamento evolucionista.
- Compreender a ideia de etnocentrismo.
- Refletir sobre as populações indígenas brasileiras.
- Relacionar teoria evolucionista e colonialismo.
- Identificar os efeitos dessa relação entre os povos indígenas brasileiros.

Justificativas do capítulo

O capítulo oferece uma introdução às origens do pensamento antropológico moderno, no século XIX, destacando a importância das ideias de evolução e progresso. Buscamos relacionar essa teoria com a constituição social do neocolonialismo, oferecendo um quadro crítico do pensamento social. Com esse conhecimento, exploramos as realidades das populações indígenas brasileiras com o intuito de discutir tanto o etnocentrismo quanto as histórias de opressão dessas populações.

Competências gerais: 1, 2, 7 e 9

Competências específicas: 1, 2, 5 e 6

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS204, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504 e EM13CHS601

Temas contemporâneos transversais: Multiculturalismo: Diversidade Cultural e Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras

A construção do pensamento antropológico (p. 30)

O evolucionismo social defendia a existência de apenas uma humanidade. Entretanto, a teoria dividia os povos entre mais e menos evoluídos. Essa perspectiva serviu, entre outras coisas, para legitimar o colonialismo. Influenciado pelo evolucionismo, o darwinismo social adicionou a noção de seleção natural da teoria da evolução de Darwin e aplicou-a às populações, atribuindo uma conotação biológica às diferenças entre elas e defendendo a existência de "raças" distintas. O darwinismo social é uma teoria racista que teve influência no pensamento social brasileiro em seus primeiros tempos.

Retome (p. 33)

O conhecimento dos povos nativos permitiu aos colonizadores compreenderem melhor as características

locais, identificando os recursos naturais disponíveis, como minérios e plantas valiosas. Além disso, esse conhecimento influenciou na realização das práticas de exploração do trabalho indígena, seja diretamente, por meio do trabalho forçado, seja indiretamente, com a organização de sistemas de trocas que favoreciam os colonizadores. Portanto, a compreensão dos povos e de seus territórios contribuiu para a exploração de povos e recursos, favorecendo a acumulação de riqueza nas colônias.

Trabalhando com quadrinhos (p. 35)

Antes de iniciar a análise do quadro, contextualize a história em quadrinhos (HQ) *Tintim*, criada em 1929 pelo cartunista belga Hergé. O personagem Tintim era um repórter que, acompanhado de seu cachorro Milu, vivia aventuras em diferentes países. A HQ refletia muito do pensamento político da época – além da mentalidade colonialista, as narrativas expressavam o sentimento anticomunista do mundo ocidental, especialmente nos primeiros volumes. Ao propor a interpretação do quadro, incentive os estudantes a identificar como a presença do discurso racista em HQs para crianças apontava para a normalização desses discursos na época.

Na questão 2, caso julgue oportuno, reforce com os estudantes, visando ao aprimoramento do olhar crítico, que a fala da personagem, além de ser limitada e simplista (pois não basta ao indivíduo esforçar-se para conquistar algo, como se a ideia excluísse as estruturas sociais e lhe desse total controle sobre sua vida), contribuiu para o estabelecimento de diversas formas de dominação sobre sociedades não europeias.

Parentesco e propriedade: modos de organização social (p. 36)

Incentive os estudantes a definir o termo "imaginário", presente no texto, ao falar sobre a perspectiva colonialista em relação às sociedades indígenas. O imaginário refere-se a símbolos, representações e ideias de um grupo social específico. Ele é construído necessariamente de forma coletiva e pode ser analisado na Antropologia para compreender o pensamento de determinada sociedade.

Populações indígenas no Brasil (p. 43)

Os irmãos paulistas Orlando (1914-2002), Cláudio (1916-1998) e Leonardo Villas-Bôas (1918-1961) defenderam os direitos dos povos indígenas no Brasil, sobretudo na Amazônia. Durante suas expedições entre 1940 e 1950, alistaram-se no Projeto Roncador-Xingu, que promoveu o contato pacífico com diversas etnias indígenas. A principal conquista dos Villas-Bôas foi a criação do Parque Indígena do Xingu em 1961, primeira reserva indígena reconhecida pelo governo brasileiro. Por causa de suas contribuições à política indigenista brasileira, eles foram indicados ao prêmio Nobel da Paz duas vezes.

Esse tópico pretende estabelecer uma estratégia para que os estudantes construam um olhar menos preconceituoso sobre as populações originárias. É importante destacar a variedade das populações indígenas, rejeitando a imagem estereotipada de um indígena brasileiro genérico. Destacar a variedade de línguas, culturas e ambientes ocupados por essas múltiplas populações é uma forma de combater preconceitos e reconhecer a luta pelos direitos dos povos originários.

Infográfico – Terras indígenas no Brasil (p. 46)

Estimule os estudantes a fazer a leitura atenta do mapa, que localiza geograficamente as terras indígenas e contribui para a compreensão da distribuição delas no território brasileiro – apesar da concentração na Amazônia, há terras indígenas em todas as regiões do Brasil.

Respostas

1. Uma parte das terras indígenas no Brasil é homologada ou reservada, o que indica que, ao menos juridicamente, nessas terras, as populações indígenas têm seus direitos sobre elas garantidos.

2. Espera-se que os estudantes reconheçam que a exploração e a degradação do meio ambiente por interesses econômicos não respeitam nem consideram a forma de viver dos povos indígenas, até mesmo invadindo, poluindo rios e fazendo campanhas para a desocupação de áreas já demarcadas para a exploração de minérios, por exemplo. Realce, ainda, que o desmatamento ocorrido até 2020 em terras indígenas na Amazônia equivale a 1,58% de sua área total, ou seja, é de pouco mais de 1,15 milhão de quilômetros quadrados (km²). O índice é muito menor do que em unidades de conservação do tipo Área de Proteção Ambiental, onde o problema corresponde a 22,93% de uma extensão de 186,8 mil km², segundo o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon).

Sugestão

- POVOS indígenas. *Memórias da Ditadura*, 2023. Disponível em: https://tedit.net/u6fs7x. Acesso em: 24 set. 2024.

O material apresenta um panorama sobre as violências a que as populações indígenas foram submetidas no Brasil desde a invasão europeia, passando pela ditadura civil-militar e chegando aos dias atuais. Esses dados podem auxiliar os estudantes a suplementar sua resposta para a atividade proposta nesta seção, destacando que a violência contra esses povos não ficou restrita ao passado colonial.

Destaque a aprovação do Marco Temporal pelo Senado, em maio de 2023, que só dá aos indígenas o direito de demarcação de terras ocupadas por eles até a data da Constituição de 1988; em setembro de 2023, o projeto foi enviado para sanção presidencial. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva vetou o trecho do marco temporal por considerar que essa norma usurparia direitos originários dos povos indígenas. Em dezembro de 2023, o Congresso Nacional derrubou o veto presidencial e, em abril de 2024, o Superior Tribunal Federal (STF) determinou que qualquer processo sobre o marco temporal seja suspenso até que os juízes do STF retomem a discussão. Sugerimos o acompanhamento dos desdobramentos desse embate no *site* oficial da Câmara dos Deputados: https://tedit.net/9uqag6 (acesso em: 24 set. 2024).

Galeria de atividades (p. 48)

1. A produção de uma reflexão evolucionista sobre as diferentes sociedades não europeias forneceu dois auxílios ao esforço colonialista: informações valiosas para aprimorar a dominação dos povos não europeus pelos europeus e uma ideologia que justificaria a dominação como uma forma de "civilizar".

2. Porque o uso do progresso tecnológico como parâmetro de avaliação possibilitava pôr a sociedade ocidental no ápice, como se fosse o que de melhor ela tinha a oferecer ao mundo. Os evidentes avanços tecnológicos da Revolução Industrial foram utilizados como justificativa para a própria dominação promovida pelos países ocidentais.

3. De certa forma, podemos dizer que o evolucionismo social é uma teoria abrangente sobre a humanidade, baseada no acúmulo de conhecimento sobre sociedades não ocidentais. Entretanto, seu resultado provou-se reducionista, equivocado e até mesmo trágico, já que, mais do que levar os europeus e estadunidenses brancos a conhecerem o restante da humanidade, produziu preconceitos em relação a sociedades não europeias.

4. Seguindo a ideologia capitalista que se tornava dominante no mundo ocidental no século XIX, para o evolucionismo social a propriedade privada é um dos fatores que permitem determinar se uma sociedade é mais ou menos evoluída. A existência da propriedade significa que a sociedade se tornou complexa a ponto de contar com um Estado centralizador do poder, que garante sua existência.

5. Espera-se que os estudantes reconheçam que admitir a complexidade cultural das sociedades indígenas desestabiliza o quadro explicativo do evolucionismo, que tendia a classificá-las como primitivas. Como pode uma sociedade considerada primitiva produzir um pensamento sofisticado, como demonstram seus mitos e sua produção artística e cultural? Tal contraste indica que o modelo evolucionista é etnocêntrico e funciona com base em classificações arbitrárias. Dessa forma, podemos concluir que a corrente de pensamento evolucionista está equivocada, uma vez que distorce a história dos povos não eurocêntricos, incentivando desinformação, preconceitos, injustiças e até mesmo ações violentas contra eles. A resposta à atividade 5 pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie o entendimento dos estudantes sobre o evolucionismo social, bem como sobre as críticas feitas a ele.

6. O adesivo representa famílias em determinada configuração e ilustra um aspecto que vimos neste capítulo: o parentesco, dimensão muito importante da vida social. Mesmo na sociedade urbanizada ocidental, na qual o Estado preenche muitas funções que o parentesco deveria desempenhar em sociedades indígenas, as relações familiares continuam a ser cruciais. Esses adesivos prestam-se a inúmeras análises. Muitos deles representam animais na família. Os animais de estimação fazem parte da família? Se fazem, qual é a fronteira entre a noção de humanidade e de animalidade? Por que não vemos tantos adesivos que representam famílias homoafetivas ou de mães que criam seus filhos sozinhas? Isso aponta para o efeito do preconceito contra agrupamentos familiares diferentes do tradicional heteronormativo (pai-mãe-filhos). Ao mesmo tempo que destacam a importância da família (e do parentesco), os adesivos parecem indicar um modelo desejável de família, segundo os parâmetros de determinada ideologia (pai, mãe, filhos e animais de estimação).

7. O evolucionismo social e o darwinismo social pressupõem uma hierarquização das populações humanas (o segundo, por meio da aplicação do conceito de raças). A exclusão e a discriminação da população afrodescendente brasileira, relacionada historicamente à herança da escravidão, são acompanhadas por essas teorias racistas. Quando foi decretada a abolição da escravidão no Brasil, por exemplo, as classes dominantes mantiveram a exclusão e a falta de oportunidades para a população negra, preferindo até, em alguns casos, incentivar políticas migratórias que trouxessem europeus brancos para trabalhar no país. Hoje em dia, vemos as consequências disso na exclusão social, no preconceito e na discriminação da população negra, assim como no índice de assassinatos de jovens negros, como indica o cartum de Laerte.

8. **a)** O estudo da arte de um povo indígena (expressão poética, plástica e estética) é uma maneira de compreender sua cultura. No poema, afirma-se a relação entre a temporalidade da presença dos animais e dos espíritos e o povo indígena Marubo. Ao tratar do universo cosmológico ao qual os Marubo estão integrados, pondo-se como um transmissor da história dos gaviões, o xamã explicita o vínculo tradicional entre os Marubo e outros seres e espíritos que habitam seu meio. No texto da Constituição federal de 1988, o termo tradições refere-se às práticas culturais materiais e imateriais dos povos indígenas: danças, culinária, cultos, mitos, entre outras. Ao enfatizar o direito à terra e às condições para a reprodução social desses povos, a Constituição destaca também a necessidade de garantir condições para a reprodução cultural. Assim sendo, evidencia-se a ligação indissociável da produção das expressões artístico-literárias à terra e ao meio em que os indígenas vivem tradicionalmente.

b) Para a realização dessa atividade, é interessante consultar o texto original do artigo 231 da Constituição federal de 1988 e ampliar a investigação sobre os

termos jurídicos no texto jornalístico, como "inalienável" (que não se pode alienar, intransferível). A interpretação dos termos jurídicos auxilia os estudantes a superar ideias presentes no senso comum da sociedade brasileira não indígena sobre o direito à posse e ao uso da terra e embasa o debate crítico sobre a demarcação das terras indígenas, mostrando sua importância para além da garantia de subsistência material aos indígenas.

Capítulo 2 – O conceito de cultura (p. 51)

Objetivos do capítulo

- Distinguir a noção de "civilização" do conceito de "culturas" proposto por Franz Boas, bem como o evolucionismo do relativismo cultural.
- Investigar os limites do relativismo.
- Compreender o conceito de padrão cultural e como os padrões culturais atuam na produção dos modos de ser.
- Compreender e aplicar o conceito de desnaturalização nas esferas coletiva e individual.
- Entender as transformações do conceito de cultura, com destaque para a perspectiva da Antropologia simbólica.
- Avaliar as críticas pós-modernistas ao conceito de cultura.

Justificativas do capítulo

O conceito de cultura sofreu diversas transformações e foi alvo de muitas críticas ao longo dos anos, e essas mudanças ainda estão em curso. O capítulo aborda tais variações do conceito dando destaque às abordagens relativista e simbólica e problematizando seus limites e suas aplicações. Por fim, a crítica pós-modernista é discutida, e o conceito de identidade é apresentado como uma das respostas oferecidas pela Antropologia contemporânea. O debate suscitado no capítulo busca valorizar a perspectiva das populações a respeito das narrativas antropológicas que são produzidas, convidando os estudantes a uma investigação das possíveis contradições e arbitrariedades a que eles tanto podem estar sujeitos como também podem reproduzir.

Competências gerais: 1, 2, 7, 9 e 10

Competências específicas: 1, 2 e 5

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS202, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504 e EM13CHS601

Temas contemporâneos transversais: Multiculturalismo: Diversidade Cultural

Civilização × cultura (p. 51)

Apresente aos estudantes as ideias centrais do antropólogo alemão Franz Boas (1858-1942), o primeiro teórico a empregar o termo "cultura" em seu sentido moderno do ponto de vista da Antropologia e que construiu uma crítica às ideias que pensavam a humanidade em uma escala evolutiva.

Retome (p. 52)

1. Espera-se que os estudantes destaquem que as ideias evolucionistas tendem a hierarquizar a cultura em escala, ao passo que na interpretação de Franz Boas existem culturas distintas, com valores próprios.

2. A perspectiva evolucionista, ao escalonar a cultura de um povo em relação à cultura de outro, considera que há superioridade das sociedades europeias sobre as demais.

Cultura, etnocentrismo e relativismo (p. 53)

Destaque a ideia desenvolvida por Franz Boas, que mais tarde ficaria conhecida como relativismo cultural, e como essa ideia, sendo uma inversão do evolucionismo e do etnocentrismo, foi uma revolução no enfrentamento do racismo e de outros tipos de preconceito. Aproveite para ler a citação de Franz Boas e analisar as imagens com os estudantes.

No detalhe (p. 53)

Sim, é uma perspectiva relativista. Espera-se que os estudantes identifiquem que a tirinha indica que a noção de progresso da sociedade capitalista – que envolve a exploração e a destruição de recursos naturais – não é a mesma para as populações indígenas. Ressalte que cada cultura tem maneiras próprias de vida e formas de sobreviver. Assim, o antropólogo, quando analisa determinada cultura, deve considerar suas especificidades. Seguindo esse mesmo princípio, é preciso que as culturas se respeitem mutuamente: o modo de viver de uma cultura não pode pôr em risco o modo de viver de outra, como expressa a mensagem da tirinha. Aproveite esse momento para refletir com os estudantes sobre o fato de que o predomínio do dito desenvolvimento a qualquer custo imposto pelo sistema capitalista e industrial desde o século XIX desencadeou um processo de exploração contínua dos recursos naturais, provocando a degradação do meio ambiente e pondo em risco não somente culturas diversas, mas todas as espécies do planeta Terra.

Retome (p. 55)

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes apresentem exemplos do próprio cotidiano, que podem estar relacionados aos familiares, à comunidade à qual pertencem, à região onde moram ou mesmo ao país em que vivem em relação a outros países. Os exemplos podem incluir questões de diversos tipos de discriminação, como preconceito étnico, de gênero, de religião, de idade (etarismo), de modo de se vestir, de costumes, de alimentação, de linguagem, entre outros, que, em sua maioria, geram *bullying* e violência.

Padrões culturais (p. 56)

Leia o conteúdo que discorre sobre o trabalho das antropólogas Margaret Mead e Ruth Benedict a respeito dos padrões culturais e sua relação com as personalidades individuais, fazendo pausas para esclarecer as dúvidas dos estudantes. Destaque a grande influência de ambas no pensamento feminista, questionando o papel das mulheres nas sociedades ocidentais de sua época.

Retome (p. 58)

1. Espera-se que os estudantes compreendam que os padrões culturais são identificados quando comportamentos e práticas se repetem no tempo e no espaço, em um grupo social ou uma sociedade. Caso seja necessário, oriente-os a pensar em qualquer grupo social a que imediatamente associamos determinados padrões. Se, por exemplo, você pensar em um grupo de skatistas de uma grande cidade brasileira, provavelmente virá à sua mente alguma imagem sobre o comportamento deles, suas vestimentas, comunicação por gestos e falas.

2. Espera-se que os estudantes descrevam como o conceito de desnaturalização implica questionar pressupostos relativos a costumes, lugares sociais, diferenças sociais, etc. Nada do que existe no mundo dos humanos é "natural": tudo é resultado de processos históricos, políticos e culturais. Alguns exemplos podem abordar aspectos que vão desde as formas de vestimenta ("Por que homens não usam saia na sociedade urbana ocidental?") até a participação das pessoas negras no mercado de trabalho ("Por que parece natural que pessoas negras exerçam profissões mais manuais no Brasil?").

Sugestão

- FELIPPE, M. B.; OLIVEIRA-MACEDO, S de. Sexo e temperamento em três sociedades primitivas. *In*: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2018. Disponível em: https://tedit.net/47obom. Acesso em: 24 set. 2024.

O artigo oferece um resumo do trabalho de campo registrado na obra homônima de Margaret Mead (1935), além de comentar a recepção da publicação à época. A leitura desse recurso com a turma pode suplementar a atividade do boxe *Retome*.

Mundo digital (p. 59)

Retome com os estudantes o conceito de desnaturalização antes de iniciar a leitura do texto e a análise da tirinha.

Resposta

3. Para a produção do *podcast*, peça aos estudantes que formem grupos de três integrantes e elaborem um roteiro de perguntas antes de abordar cinco colegas ou pessoas da escola para tratar do assunto da tirinha, ou seja, a preexistência de um roteiro de vida a se seguir. Oriente os estudantes a perguntar às pessoas abordadas se a conversa pode ser gravada.

Depois, peça que ouçam os áudios e anotem os pontos que mais chamaram a atenção deles, analisem-nos considerando o conceito de padrão cultural e pensem como eles podem ser explicados com base nesse conceito.

Oriente que editem os áudios mantendo a fidedignidade das falas, para que possam ser usados no *podcast*, façam uma reflexão final sobre as pressões sociais e proponham alternativas a elas.

Peça que gravem o *podcast*, compartilhem-no em uma plataforma digital e divulguem-no para a comunidade escolar.

É possível que os estudantes pensem ou já tenham pensado em seguir uma vida como a descrita por Susanita, já que esse é um padrão cultural fortemente enraizado em nossa sociedade. O objetivo da atividade é fazer com que os estudantes desnaturalizem esse "roteiro de vida", ou seja, que entendam que ele é moldado pela cultura, que exerce influência sobre nossas personalidades e desejos. Assim, alguns desejos particulares são expressões da acomodação aos padrões culturais coletivos, transmitidos de geração em geração. É importante ressaltar que essa constatação não pretende julgar nem diminuir os desejos de ninguém, mas sim compreendê-los sob uma perspectiva antropológica.

Além disso, ao realizarem essa atividade, espera-se que os estudantes exercitem a linguagem digital por meio de autoria, produção, publicação e compartilhamento de um *podcast* com o uso das tecnologias digitais. Para que o conteúdo do *podcast* seja acessível, é recomendado que os estudantes façam uma transcrição de áudio, tendo em vista pessoas com deficiência auditiva.

Interdisciplinaridade

EM13LP15

A interdisciplinaridade com Língua Portuguesa se dá pela solicitação de elaboração de roteiros e a produção de um *podcast*. Espera-se que essa atividade incentive os estudantes a refletir e se engajar em práticas autorais e coletivas.

O conceito de cultura no século XX (p. 60)

Para trabalhar a perspectiva da Antropologia simbólica de Geertz, Sahlins e Schneider, é possível apresentar os objetos de estudo dos antropólogos. Geertz, por exemplo, investigou as lutas de galo em Bali, na Indonésia, em busca do simbolismo que as brigas tinham para a população local. Segundo o antropólogo, a briga de galos não se resumia a um espetáculo: tratava-se da representação simbólica de uma guerra entre os homens em que se refletiam questões como masculinidade, orgulho e *status* social.

O conceito de cultura hoje em dia (p. 63)

Leia o conteúdo com os estudantes, esclarecendo que, embora o conceito de cultura tenha desaparecido e ressurgido na Antropologia desde o início do século XX, ele remete à diferenciação entre as sociedades e entre os grupos existentes dentro de uma mesma sociedade.

Trabalhando com texto literário (p. 64)

Questione os estudantes se algum deles já leu a obra *Iracema* de José de Alencar. Em seguida, leia atentamente o trecho com a turma.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes mencionem Iracema, o pajé Araquém e o estrangeiro. Nesse trecho do romance, publicado pela primeira vez em 1865, o autor cearense faz uma descrição da população indígena na qual tanto a jovem Iracema como o pajé Araquém são representados como solícitos e servis em relação ao estrangeiro. O escritor desenha uma imagem de submissão incondicional, sem contestação ou mecanismos de resistência.

2. Espera-se que os estudantes identifiquem que o texto é predominantemente ficcional, embora apresente elementos inspirados em aspectos da realidade histórica brasileira. Caso julgue necessário, destaque para a turma figuras de linguagem, como o fato de Iracema ser descrita como a "virgem dos lábios de mel", para ilustrar o caráter ficcional da obra. Contextualize essa análise no período do Romantismo, quando o autor buscou idealizar a figura do indígena.

3. Uma crítica pós-moderna atentaria justamente para o caráter autoritário da descrição dos indígenas nessa passagem: eles não são agentes, são apenas serviçais de um agente. Caso julgue necessário, reforce que o Pós-Modernismo é uma corrente teórica da Antropologia que procura questionar e criticar as narrativas dominantes, com foco nas experiências vividas e na subjetividade. Essa forma de descrever os indígenas gera uma imagem sobre essa população, a qual favorecia a elite branca do século XIX, pois representava os indígenas como serviçais.

Interdisciplinaridade

EM13LP52

Espera-se que os estudantes analisem essa obra significativa da literatura brasileira, considerando o contexto de produção e o modo como dialogam com o presente.

Retome (p. 66)

Espera-se que os estudantes reconheçam que muitas vezes pessoas referem-se a outras sem ao menos ter a noção da realidade à qual pertencem; elas apenas generalizam, discriminam e criam estereótipos. Quando se trata de pessoas em situação de rua, por exemplo, elas normalmente são consideradas como indivíduos que não têm vontade de trabalhar, não se esforçam e por isso estão nessa condição. Essas narrativas estereotipadas devem ser questionadas para que possam ser analisadas pelos estudantes sob outro ponto de vista.

Atividade complementar

Apresente aos estudantes dicionários da área de Ciências Sociais, como o *Dicionário de política* (1992), de Norberto Bobbio, e o *Dicionário de Sociologia* (1997), de Allan G. Johnson. Se possível, mostre um exemplar de um dos dicionários a eles. A *Enciclopédia de Antropologia* elaborada pela Universidade de São Paulo (USP), disponível em: https://tedit.net/t3rtke (acesso em: 17 set. 2024), também pode ser utilizada pela turma. Comente que, diferentemente de um dicionário da língua portuguesa, esses dicionários discorrem de modo aprofundado sobre conceitos utilizados na área, explicando as definições possíveis, o contexto histórico de formulação deles e até as correntes que os utilizam.

Solicite aos estudantes que, inspirados nesses dicionários e com base no conteúdo estudado no capítulo, elaborem um verbete para o conceito de "cultura". O verbete pode ser organizado em subtítulos. A elaboração dos estudantes pode acontecer em uma plataforma digital; neste caso, é possível compor uma enciclopédia que aborde o conceito de cultura, aglutinando a produção da turma.

Galeria de atividades (p. 67)

1. A ideia de civilização impõe uma única medida para avaliar todas as sociedades, e essa medida é a das sociedades dominantes, que correspondem à estadunidense e às europeias. Tal noção de civilização admite uma escala de valores e pressupostos políticos e econômicos que favorecem seus criadores. A ideia de cultura de Franz Boas foi formulada como contraponto a essa concepção, ao pensar as culturas nos próprios termos e sempre no plural.

2. Ao fazer a avaliação das diferenças, o etnocentrismo utiliza como parâmetro os valores culturais específicos de determinada cultura, isto é, baseia-se nas noções positivas ou negativas da própria cultura para compreender as demais. Todos os que se afastam desses valores serão considerados estranhos, atrasados ou até mesmo equivocados. O relativismo, em contrapartida, defende que valores específicos sejam usados para avaliar sociedades diferentes e argumenta que cada cultura deve ser entendida apenas nos próprios termos.

3. Autoras como Ruth Benedict e Margaret Mead acreditavam que as culturas levariam os integrantes das populações correspondentes a terem comportamentos padronizados. Assim, determinada cultura moldaria, em linhas gerais, um tipo específico de pessoa. Ao estudar os comportamentos, seria possível chegar a essas personalidades padronizadas, que refletiriam a cultura da qual fazem parte.

4. A grande mudança na percepção da cultura foi a passagem do "comportamento" ao "pensamento": para os autores do fim do século XX, a cultura não era mais observável nos comportamentos, contudo estaria evidente em padrões e regras que organizam o pensamento de quem partilha de uma cultura. A mudança estabeleceu um conceito que se preocupa com a dinâmica cultural e compreende as transformações pelas quais uma cultura passa sem que deixe de ser ela mesma.

5. Porque algumas descrições acabam por inventar uma realidade a respeito da população estudada com base em palavras de outros, sem considerar a visão das pessoas que a integram. Muitas vezes, tais narrativas geram preconceitos em relação às pessoas descritas. Desse modo, o conceito de cultura pode se transformar em um instrumento de desconhecimento e reafirmação de hierarquias, e não em seu contrário, como desejam muitos antropólogos.

6. Nos primeiros versos do poema reproduzidos, há a representação de ideias estereotipadas sobre as mulheres negras brasileiras, construídas do ponto de vista do outro. Já nos últimos versos o poema expressa a luta contra a opressão estrutural e interseccional do machismo e do racismo. O poema pode ser relacionado com a última parte do capítulo, na qual se discute o modo como o conceito de cultura pode ser usado para combater estereótipos. A poesia, como forma de expressão, pode ser utilizada com o objetivo de desenvolver um olhar crítico sobre a sociedade. A narrativa da poesia produzida pelas mulheres negras pode promover transformações ao desafiar os preconceitos construídos de uma perspectiva que não seja a dessas mulheres.

7. A ideia dessa atividade é convidar o estudante a refletir sobre as representações a que está sujeito. Filmes, jogos, músicas, fotografias e desenhos muitas vezes representam um Brasil em que as pessoas vivem cercadas pela floresta ou em praias; em que as mulheres brasileiras são, com frequência, vistas como hipersexualizadas. Porém, há também discriminações variadas, produzidas por agentes como a mídia, as religiões, os partidos políticos. Qualquer reflexão dessa ordem é útil para pensar as críticas ao conceito de cultura. A resposta à atividade 7 pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie a capacidade dos estudantes de investigar a própria realidade aplicando os conceitos trabalhados.

8. A tirinha de Laerte identifica, no discurso do senso comum, a vontade de mudança das pessoas como "vazia", em oposição à manutenção do mundo como está (que seria, para o senso comum, o "cheio", "correto"). A ideia é demonstrar como a vontade de mudança enfrenta resistências, a ponto de ser vista como um problema. Se relacionarmos essa metáfora ao desenvolvimento do conceito de cultura, veremos que o conceito pensado como um conjunto estático de comportamentos favorece uma perspectiva conservadora da realidade (isto é, a vontade de deixar tudo como está), ao passo que o conceito dinâmico pode levar ao questionamento dessa perspectiva conservadora, possibilitando transformações conforme as aspirações e os desejos das pessoas que se veem insatisfeitas. Um conceito estático pode facilmente dar suporte a visões preconceituosas, como vimos ao longo do capítulo.

9. Embora seja possível compreender que a popularização do *rap* tenha relação com o fato de ele ter se tornado um nicho relevante no mercado da música e de ter ampliado tanto a temática das letras quanto as influências e os intercâmbios musicais, o artigo em questão aponta para o aumento do acesso da população negra ao ensino universitário e o desenvolvimento e a popularização da tecnologia da informação como possíveis responsáveis pela transformação no modo como a sociedade encara o *rap*, uma vez que ocorreu a inserção desse gênero musical em esferas sociais de mais prestígio. Esse é o contexto das duas primeiras décadas do século XXI. Especialmente a primeira década foi marcada pela ampliação do acesso ao ensino superior e pela criação de diversas políticas afirmativas, ou seja, um conjunto de medidas criadas pelo Estado para promover a inclusão social.

Capítulo 3 – Da estrutura à identidade (p. 70)

Objetivos do capítulo

- Entender a construção de distintos conceitos de diferença.
- Compreender como as transformações sociais produzem a necessidade de novos conceitos.
- Relacionar os conceitos de estrutura social, função social, etnicidade e identidade.
- Analisar como esses conceitos ajudam a pensar a realidade imediata.

Justificativas do capítulo

A Antropologia produz vários conceitos para pensar a diferença além do conceito de cultura. Neste capítulo, serão explorados alguns desses conceitos, que foram desenvolvidos para dar conta de problemas relacionados aos processos de descolonização, bem como do avanço do capitalismo sobre áreas de populações tradicionais.

A produção de intensas diferenças no interior dos Estados-nação é uma questão largamente analisada pela Antropologia que também será discutida ao longo do capítulo.

Competências gerais: 1, 2, 9 e 10

Competências específicas: 1 e 5

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS502, EM13CHS503 e EM13CHS504

Temas contemporâneos transversais: Multiculturalismo: Diversidade Cultural

A perspectiva inglesa (p. 70)

A técnica da observação participante proposta por Malinowski no método etnográfico representou um marco para o desenvolvimento da Antropologia social e é, até hoje, o método por excelência da pesquisa antropológica.

O olhar dos franceses (p. 73)

Comente com os estudantes sobre a visita de Lévi-Strauss ao Brasil, motivada pelo convite feito ao antropólogo para que desse aulas na Universidade de São Paulo (USP). Entre 1935 e 1939, o antropólogo lecionou na universidade brasileira e fez expedições etnográficas no interior do país com povos indígenas, como os Kadiwéu, os Bororo e os Nhambiquara. Tais excursões resultaram na obra *Tristes trópicos* (1955), que combina diários de viagem com reflexões antropológicas e filosóficas de Lévi-Strauss.

Sociedades simples e sociedades complexas (p. 77)

É interessante retomar com os estudantes que, assim como as sociedades não são estáticas, os conceitos formulados para analisá-las podem ser ressignificados e reformulados. Isso aconteceu com os conceitos de "sociedade simples" e "sociedade complexa", que hoje são compreendidos como próprios de uma perspectiva similar à evolucionista, que reservava a sociedades de maior escala o "direito" de terem complexidade.

Trabalhando com discurso (p. 82)

Leia com os estudantes o trecho do discurso mais famoso de Martin Luther King Jr. (1929-1968). Ainda durante a leitura, faça pausas e questione-os se já testemunharam ou foram vítimas de situação de racismo. Avalie se eles se sentem confortáveis para falar sobre o tema e ofereça acolhimento.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes compreendam que a questão das minorias étnicas tem relação direta com as marcas deixadas pelo processo histórico da colonização nos Estados Unidos e, consequentemente, da escravidão. Os povos africanos escravizados foram forçados a trabalhar sob ameaças e práticas violentas de castigos corporais. Mesmo após a abolição ocorrida em 1808, a discriminação da população negra perpetuou-se por meio de atitudes racistas e preconceituosas, negando a essa população seus direitos básicos e respeito. O processo histórico e social brasileiro é muito similar ao estadunidense, em razão da herança colonial e escravocrata. No Brasil, a abolição ocorreu oitenta anos depois dos Estados Unidos, e a população liberta não foi ajustada de modo digno na sociedade, tendo passado por um processo discriminatório e sido deixada à margem da sociedade, excluída do mercado de trabalho e de renda. Isso provocou um abismo social que resultou em uma desigualdade social extremamente difícil de ser reparada. Os indicadores sociais da população negra apontam para índices baixos em relação a renda, trabalho, condições de moradia e educação, entre outros inúmeros fatores.

2. O processo de violência policial contra a população negra é consequência do racismo estrutural que se instaurou nas sociedades que tiveram intervenções coloniais e escravistas, fato que se reflete no discurso de Martin Luther King Jr. É possível verificar que tal violência ainda ocorre na atualidade por meio de notícias da violência policial contra pessoas negras, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos.

3. Espera-se que os estudantes identifiquem a relevância dos movimentos contra a discriminação racial no Brasil, reconhecendo que grandes conquistas de direitos se deram em razão da luta empreendida por esses movimentos. É importante ressaltar que o racismo é crime inafiançável e imprescritível, segundo a Constituição do Brasil. Quem comete um ato racista pode ser condenado mesmo anos após o crime. Dessa forma, o direito das minorias tem sido reforçado periodicamente com medidas que chamam a atenção da sociedade e criam formas de proibir ações de discriminação, racistas e segregadoras.

Galeria de atividades (p. 89)

1. Para Radcliffe-Brown e Malinowski, a imaginação da sociedade (ou da diferença) dependia do pressuposto de que a sociedade estava sempre em equilíbrio ou tendia sempre ao equilíbrio. Os conceitos de estrutura social e função, portanto, são instrumentos para pensar a sociedade em equilíbrio e consideram que as partes têm uma utilidade para manter o funcionamento esperado.

2. Sim, há diferenças. Para os autores ingleses, estrutura é algo que se pode apreender por meio da observação de determinada sociedade para então ser descrita. É uma organização específica de cada sociedade. Já para Lévi-Strauss a estrutura não é visível pela simples observação cotidiana: chega-se a ela por meio de uma série de deduções com base em comparações entre diferentes sociedades. A estrutura estaria, assim, no pensamento das pessoas. O antropólogo observa as variadas práticas sociais de diferentes sociedades e procura deduzir uma estrutura comum, quiçá universal, por trás delas. Essa é uma diferença fundamental: para os ingleses, cada sociedade tem uma estrutura composta de um amplo conjunto de características diferentes, enquanto para Lévi-Strauss a estrutura é universal e diz respeito a aspectos mais gerais do pensamento humano.

3. A partir do pós-guerra, os antropólogos também voltaram sua atenção para as sociedades ditas "complexas" – ou seja, aquelas em que eles mesmos viviam –, pois os processos de transformação ocorridos no mundo, envolvendo fluxos de pessoas e intensificação de contatos entre grupos diversos, produziram novas realidades sociais. A Antropologia precisou elaborar novos conceitos para pensar a diferença, já que os conceitos empregados até então estavam relacionados ao estudo de sociedades pequenas e relativamente isoladas.

4. Etnicidade é um conceito utilizado para pensar a diferença em contextos de grandes variações culturais, quando há grupos distintos, em especial em relação à origem, que se relacionam entre si. Ela pressupõe uma ancestralidade comum (costumes, religião, hábitos, etc.) entre os integrantes de um grupo, em contraste com o restante da população ou a população majoritária de um lugar, e tem caráter político acentuado. Importam mais aos autores os processos de manutenção das diferenças do que os conteúdos culturais específicos de cada etnicidade.

5. Identidade é um conceito mais flexível do que o de cultura para pensar a diferença, pois pressupõe que interesses e formas de vida compartilhadas são suficientes para produzir identidades. O conceito de identidade é especialmente importante em um cenário de grande fragmentação social, como o atual, pois possibilita compreender diferentes interações entre grupos sociais. Vale lembrar que identidade não é um conceito exclusivista: é possível ter mais de uma identidade, misturar identidades, etc.

6. Com esta atividade, pretende-se relacionar a teoria (etnicidade) à história do Brasil e à realidade cotidiana dos estudantes. É interessante descrever a diferença rotulada de "etnicidade", relacionando-a com a noção de desigualdade, evidente no contexto social brasileiro. No caso, trata-se de uma fotografia que documenta a presença das babás ao longo da história do país. É interessante observar que os trabalhos domésticos e de cuidado são um dos menos valorizados em nossa sociedade, com baixa remuneração, proteção e prestígio social. Nos períodos colonial e imperial, a trabalhadora hoje conhecida como babá era denominada ama-seca ou, caso amamentasse a criança, ama de leite. Naquele tempo, esse trabalho era desempenhado, em geral, por mulheres negras escravizadas. Hoje, embora seja remunerado, a predominância de mulheres negras é notável, e ele permanece como um trabalho desvalorizado social e economicamente, tendo por muito tempo ficado à margem da regulamentação trabalhista.

7. Poderíamos ver nesses *haicais* uma das formas de expressão da etnicidade japonesa no Brasil, sempre contrastando o vigor do ambiente brasileiro com a memória do imigrante, que "não se acostuma" ao verde da garapa, que se surpreende com o maracujá verde, que custa a se adaptar ao calor da "terra infernal", etc. Ao mesmo tempo, os poemas fazem uma reflexão sobre o processo da imigração, com menções a "avós em japonês, netos em português", à gratidão simultânea pelo futuro promissor para os descendentes no país e às lembranças trazidas pela festa do imigrante. É possível dizer que esses *haicais* condensam uma reflexão étnica sobre a experiência do imigrante japonês no Brasil. Em relação ao conceito de etnicidade, o texto remete ao caráter de permanência da cultura de um povo ao longo do tempo, mesmo com a mudança de contexto geográfico e temporal. Além disso, ele ajuda a diferenciar os contextos. A resposta à atividade 7 pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie a capacidade dos estudantes de mobilizar o conceito de etnicidade ao interpretar os *haicais*.

Debate plural (p. 92)

As atividades desta seção têm como objetivo promover o desenvolvimento da argumentação e a reflexão sobre temas contemporâneos. Elas são baseadas na análise de textos, com o intuito explícito de desenvolver no estudante a capacidade de identificar e superar fragilidades argumentativas. Oriente os estudantes a identificar, nesses textos, problemas como incoerências internas, digressões, carências de dados, uso de informações não confiáveis, generalizações indevidas, entre outros possíveis. Caso os estudantes encontrem dificuldades nas primeiras ocorrências, ofereça ajuda: destaque os trechos do texto que apresentam problemas e explique os motivos que os tornam inconsistentes do ponto de vista argumentativo e científico.

Leia o parágrafo introdutório da seção com os estudantes identificando o tema das cotas raciais e destacando a pergunta mobilizadora.

Respostas

1. A metáfora é a figura de linguagem utilizada, já que a palavra "cara" está sendo usada de forma figurada para se referir tanto à aparência como a características gerais das universidades públicas. A frase sugere que essas instituições foram transformadas para refletir melhor a diversidade e a identidade dos brasileiros. Espera-se que os estudantes levem em conta que a sociedade brasileira é composta em sua maioria de pessoas negras e pardas e que, apesar da ação afirmativa, pessoas brancas ainda compõem a maioria do corpo docente nas universidades, tendo sua principal transformação concentrada no corpo discente. Logo a seguir, o autor comenta: "Segundo dados do IBGE de 2020, 50,3% dos estudantes brasileiros se declararam pretos ou pardos. E as mulheres negras se tornaram o maior grupo nas universidades públicas.".

Interdisciplinaridade

EM13LP06

A interdisciplinaridade com Língua Portuguesa se dá pelo uso de uma figura de linguagem – metáfora – no texto de apoio 1. Espera-se que o estudante identifique a função desse recurso, que busca se referir à diversidade promovida nas universidades públicas a partir da Lei de Cotas.

2. Dados da PNAD mostram que entre os anos 2000 e 2019 houve um aumento de 19% para 27% (oito pontos percentuais) no número de mulheres negras no Ensino Superior; e de 13% para 23% (dez pontos percentuais) no número de homens negros no Ensino Superior público. O Ifer, por sua vez, aponta que no mesmo período houve uma redução de 36% no desequilíbrio entre brancos e negros com Ensino Superior completo no Brasil. É possível concluir, com base nessa análise, que, ainda que as pessoas negras continuem sendo minoria nas universidades públicas, a implantação das cotas étnico-raciais tem sido eficaz para a redução da desigualdade entre brancos e negros.

Interdisciplinaridade

EM13MAT104

A interdisciplinaridade com Matemática se dá pela correta interpretação de dados estatísticos sobre o impacto das cotas nas universidades públicas por meios dos dados de uma pesquisa, apresentados de forma comparativa e em porcentagem. Espera-se que os estudantes se valham de seus conhecimentos matemáticos para avaliar esses dados em suas respostas.

Unidade 2 – Antropologia no espaço e no tempo (p. 94)

A discussão proposta na abertura da unidade busca aproximar os objetos de estudo da Antropologia à realidade dos estudantes. Nesse sentido, é importante incentivar a turma a reconhecer o contato que já tem com os estudos da área, ainda que de modo inicial ou informal.

Quando discutimos a relevância do Carnaval e de festas juninas para a manutenção da expressão cultural brasileira, por exemplo, estamos falando de Antropologia. O mesmo acontece ao debatermos a relação de populações ou comunidades tradicionais com o meio ambiente, em especial se comparado à relação que a sociedade urbana ocidental estabelece com o meio ambiente. Assim, uma dinâmica produtiva envolve identificar os interesses da turma e incentivar os estudantes a perceber em que medida esses temas têm intersecções com a Antropologia.

Respostas

1. O objetivo desta pergunta é fazer com que os estudantes pensem sobre os grupos tradicionalmente mais estudados pela Antropologia como é o caso das populações historicamente marginalizadas no país. Alguns exemplos são a população negra, as populações indígenas, as pessoas LGBTQIAPN+, entre outras.

2. Espera-se que os estudantes comentem que a preservação e a valorização de manifestações culturais como o Tambor de Crioula contribuem para a construção da identidade cultural brasileira ao representar as tradições de grupos historicamente marginalizados, como a população negra. Essas manifestações são um exemplo de resistência cultural e continuidade de saberes ancestrais, o que enriquece o debate antropológico contemporâneo a respeito da diversidade cultural, das relações raciais e de gênero, além de refletir as dinâmicas de poder, a identidade e a resistência na sociedade brasileira atual.

3. Espera-se que os estudantes percebam que, em geral, a relação entre os seres humanos e os outros animais do planeta é de predação, como se nós e eles não dividíssemos o espaço de maneira interdependente. Além disso, os estudantes devem apontar impactos gerados dessa relação, como problemas ambientais, contaminação de *habitat*, extinção de espécies e degradação das condições de vida de vários animais.

Capítulo 4 – Antropologia no Brasil (p. 96)

Objetivos do capítulo

- Conhecer a história da Antropologia no Brasil.
- Relacionar as questões raciais aos debates de formação da nação.
- Entender a transformação dos objetos da Antropologia brasileira.
- Investigar os temas relacionados às diversidades sexuais e de gênero no Brasil.

Justificativas do capítulo

Este capítulo pretende relacionar a história da Antropologia no Brasil com seus principais temas de pesquisa, com destaque para as questões raciais e as relacionadas aos papéis sexuais e de gênero na sociedade brasileira.

A centralidade das questões urbanas e a mudança no tipo de Antropologia produzida no país são relacionadas às transformações no tecido social brasileiro e ao processo de urbanização. Essas características e transformações representam temas centrais para o entendimento do pensamento antropológico contemporâneo no Brasil.

Competências gerais: 1, 2, 3, 7, 8 e 9

Competências específicas: 1, 2, 5 e 6

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS201, EM13CHS204, EM13CHS205, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504 e EM13CHS601

Temas contemporâneos transversais: Multiculturalismo: Diversidade Cultural e Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras; Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos

Os quatro períodos da Antropologia no Brasil (p. 96)

A produção inicial da Antropologia brasileira, especialmente a obra de Nina Rodrigues, exemplifica um dos perigos da instrumentalização da ciência. A eugenia e

o racismo defendidos pelos autores da época foram incorporados ao discurso científico, dando legitimidade a políticas de embranquecimento do Estado. A fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo exemplifica a institucionalização do movimento – um dos patrocinadores do grupo era o escritor Monteiro Lobato. O episódio pode ser apresentado aos estudantes para promover o debate sobre a conexão entre as dinâmicas de poder por trás da produção intelectual e a validação científica.

Cabe comentar com os estudantes que, ainda que essas ideias hoje sejam majoritariamente rejeitadas, muitos intelectuais do período continuam a ser homenageados em nomes de ruas e municípios pelo país.

Antropologia e cultura popular (p. 99)

Os estudos de comunidade marcaram uma fase importante na Antropologia brasileira, com foco em comunidades específicas e suas dinâmicas e interações culturais. Nesse período, a ideia de aculturação também se tornou central na compreensão da cultura popular brasileira como fusão de influências indígenas, africanas e europeias.

Retome (p. 101)

1. A questão da raça é central para a Antropologia do século XIX no Brasil, já que a elite brasileira não via a possibilidade de integrar as populações negras e mestiças à imagem que tinham da nação. No começo do século XX, as discussões sobre raça e formação da nação continuam sendo relevantes.

2. Por se tratar de uma perspectiva que se preocupava com os processos de transformação social associados às diferenças culturais, o objetivo geral dos estudiosos da comunidade era entender a dinâmica da mudança social da população brasileira em um contexto em que o país passava por processos crescentes de urbanização e modernização.

3. A partir da década de 1960, as culturas populares deixaram de ser consideradas vestígios do passado, representantes do atraso, e passaram a ser encaradas como manifestações legítimas da cultura de camadas populares em processo de mudança devido à urbanização e modernização do país.

A consolidação da Antropologia brasileira (p. 102)

A internacionalização recente da Antropologia do Brasil está diretamente relacionada ao crescente reconhecimento global que as pesquisas brasileiras têm recebido em diversas áreas do conhecimento. Nos últimos anos, o mundo acadêmico tem buscado valorizar perspectivas e contribuições teóricas periféricas, ou seja, de fora dos países centrais do capitalismo.

Sugestão

- SANTOS, J. T. dos. A Antropologia afro-brasileira no diálogo Sul-Sul: História do Centro de Estudos Afro-Orientais. *In*: *Bérose: Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie*. Paris, 2021. Disponível em: https://tedit.net/rod984. Acesso em: 17 set. 2024.

O artigo comenta a origem e o alcance do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), ligado à Universidade Federal da Bahia (UFBA). O órgão é voltado para o estudo, a pesquisa e a ação comunitária relacionados ao intercâmbio entre Brasil, países africanos e países asiáticos.

Antropologia e relações raciais (p. 106)

Convide os estudantes a ler a citação e a biografia de Lélia Gonzales. Chame a atenção para o ano da primeira publicação do texto (1985) e pergunte a eles em que medida o diagnóstico de Gonzales foi resolvido ou amenizado pela sociedade brasileira nos últimos anos: Houve aumento da conscientização da discriminação racial no país? O Brasil é, enfim, uma democracia racial? A cultura negra foi adequadamente apropriada à nacionalidade brasileira? O debate ensejado pela leitura da citação pode ser feito com os estudantes dispostos em roda, promovendo o ambiente de troca de ideias.

No detalhe (p. 108)

1. Os estudantes podem apontar diferenças relacionadas às vestimentas, aos instrumentos musicais e à oferta de comidas.

2. A intolerância religiosa às religiões afro-brasileiras é exemplo de racismo e preconceito religioso. A intenção é provocar um debate sobre a importância da tolerância e do respeito às diferentes crenças e, ao mesmo tempo, incentivar os estudantes a identificar as relações entre raça e religião.

Mundo digital (p. 113)

Pergunte aos estudantes se eles já ouviram o termo afrofuturismo e se conhecem seu significado. É possível que eles apontem produções audiovisuais e literárias como referências. Em seguida, leia o texto atenta e pausadamente com a turma.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes compreendam que a arte é um complemento ao desenvolvimento do ser humano, e possibilita reflexão e fruição importantes para pensar sobre várias temáticas do cotidiano. Sua importância pode estar relacionada à sensibilização para questões sociais como o racismo e as desigualdades sociais, mas também à promoção da valorização das culturas, das tradições, das crenças e dos simbolismos de outras culturas.

2. Espera-se que os estudantes reconheçam o coletivo Afrobapho como um grupo de expressão e diálogo que denuncia e busca, por meio da ênfase em elementos da cultura afro-brasileira, superar o racismo no Brasil. Oriente os estudantes a pesquisar, com as referências do artigo reproduzido, personagens da cultura afro no Brasil para incluí-las no texto a ser elaborado. Recuperar saberes, conhecimentos e referências ancestrais fortalece a cultura afro na atualidade e mantém o foco na busca de alternativas para o futuro.

3. Para a escrita do livro digital, é possível utilizar um editor de texto *on-line*. Oriente os estudantes sobre os elementos que o *e-book* deverá ter:

- capa com título, nome dos autores, nome da escola e turma;
- dados da publicação (nome dos autores, data da publicação, município e estado dos autores);
- apresentação com explicação da proposta;
- introdução do texto elaborado;
- texto elaborado;
- conclusão do texto elaborado;
- referências utilizadas na elaboração do texto.

Quando o livro estiver pronto, peça aos estudantes que salvem o arquivo e façam o *download* no formato *e-PUB* (.epub). Em conjunto com a comunidade escolar, decidam o melhor momento para que o livro seja compartilhado com o público. Para que o conteúdo do *e-book* seja acessível, é recomendado que os estudantes façam um áudio do seu conteúdo, tendo em vista pessoas com deficiência visual.

Interdisciplinaridade

EM13LGG604

A atividade proposta nessa seção, a reflexão sobre o caráter artístico do afrofuturismo e o caráter emancipatório e transformador da arte, dialoga com a competência específica 6 da área de Linguagens e suas Tecnologias.

Galeria de atividades (p. 114)

1. Porque os intelectuais se baseavam em teorias ligadas às ideias do darwinismo social, que atribuíam às raças diferentes níveis de evolução de acordo com suas características. Esses pensadores acreditavam que o Brasil não contava com uma população capaz de construir uma nação avançada, segundo seus termos, em razão da presença de negros e indígenas e do alto índice de miscigenação. Influenciados por essas ideias eugenistas e racistas, comuns ao pensamento antropológico da época, pensadores como Nina Rodrigues e Oliveira Vianna adotaram uma visão pessimista do Brasil.

2. Tanto os estudos de comunidade quanto os estudos que adotam o referencial teórico da aculturação buscam investigar os processos de transformação sofridos por diferentes setores da sociedade, como os povos tradicionais ou os imigrantes, no decurso das transformações da sociedade nacional – no caso específico deste capítulo, da sociedade brasileira no início da urbanização.

3. Nessa época surgiu e ganhou força a abordagem funcionalista, que buscava uma compreensão maior sobre a relação entre as partes do "todo" que formaria a sociedade. A ideia dessa abordagem era compreender como cada sociedade funciona para refletir sobre a mudança social, contribuindo para o debate corrente na época. A cultura popular deixou de ser considerada mero vestígio do passado e passou a ser vista como manifestação cultural legítima e dinâmica das camadas populares, articulada ao conjunto de transformações urbanas e sociais.

4. Gilberto Freyre inverteu o entendimento da mestiçagem: se antes essa característica era vista como negativa, agora ela era considerada algo essencialmente positivo. Para ele, a mestiçagem definia uma nova civilização, mais justa racialmente (democrática) e, por isso, capaz de ensinar algo ao mundo. Arthur Ramos desenvolveu pesquisas empíricas para testar essa ideia e verificou que ela não era um fato, mas apenas um discurso ideológico.

5. O processo de urbanização no Brasil foi impulsionado pela industrialização e deu-se de maneira rápida e pouco ordenada, com grandes deslocamentos populacionais e concentração das desigualdades nos contextos urbanos. Tradicionalmente voltada para o estudo de populações indígenas e comunidades rurais, ao longo do século XX a Antropologia incorporou os temas urbanos à sua investigação, motivada pelas transformações pelas quais o país passava. Ao mesmo tempo, novas frentes de expansão econômica afetaram as populações indígenas, colocadas compulsoriamente em contato com a sociedade industrial. Nessas circunstâncias, a Antropologia passou a estudar também o contato interétnico. A resposta à atividade 5 pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie a capacidade dos estudantes de caracterizar o contexto histórico e social da década de 1960 e relacioná-lo à produção antropológica do período.

6. A tira de Laerte aborda a discriminação baseada em identidades de gênero e orientações sexuais. A personagem Muriel é uma mulher transgênero, termo que indica uma pessoa cuja identidade não corresponde ao gênero designado para ela no nascimento. Laerte, autora da tira, expressa como a maiorias das pessoas lida com os comportamentos de gênero não cisnormativos e reproduz preconceitos e estereótipos. A Antropologia brasileira tem estudado as distintas práticas de gênero e sexualidade, além de combater o preconceito contra essa diversidade.

7. O racismo é considerado estrutural por ser um conjunto de práticas discriminatórias que reproduz a subalternidade de determinados grupos identificados racialmente. Essa reprodução perpassa todas as instituições e relações sociais: Estado, educação, família, economia, etc. O reconhecimento do caráter estrutural do racismo foi importante para que o racismo não fosse apontado apenas como um caso isolado, um ato individual que não exigiria mudanças estruturais na sociedade. Por ser estrutural, o racismo deve ser combatido com transformações na sociedade. O problema

apontado pelo jurista Samuel Vida está no fato de que relacionar todo ato de racismo a um caráter estrutural cria o risco de que nada seja feito para combatê-lo (seja ele individual, seja ele institucional), por ser considerado algo inevitável em função da história do Brasil desde o período colonial.

Capítulo 5 – Antropologia contemporânea (p. 116)

Objetivos do capítulo

- Compreender os fundamentos da Antropologia Pós-Moderna e Pós-Colonial e sua crítica à postura autoritária da Antropologia clássica.
- Analisar a categoria "mulher" de acordo com os estudos de gênero.
- Refletir sobre a distinção, característica das sociedades ocidentais, entre natureza e cultura.
- Compreender a noção de produção de diferença da Antropologia simétrica.
- Explicar as relações interespecíficas como objeto de estudo antropológico.
- Avaliar o conceito de Antropoceno e investigar possíveis ações para amenizar os efeitos anunciados por ele.
- Relacionar as perspectivas indígenas ao conceito de excepcionalismo humano.

Justificativas do capítulo

O capítulo apresenta diferentes correntes e objetos próprios da Antropologia contemporânea, a começar pelos movimentos Pós-Moderno e Pós-Colonial, que elaboraram a crítica ao que chamaram de autoridade etnográfica: a descrição antropológica dos objetos pautada nas dinâmicas de poder colonialistas. No mesmo sentido, os estudos de gênero investigam o sistema de dominação patriarcal e a Antropologia multiespécies propõe uma reflexão sobre a relação com outras espécies animais. As perspectivas indígenas, por sua vez, criticam as noções antropológicas fundamentadas na divisão entre natureza e cultura. Por fim, as noções de Antropoceno e Capitaloceno são apresentadas como sínteses dos desequilíbrios no meio ambiente provocados pelo ser humano.

O propósito transformador da Antropologia é reforçado ao longo do capítulo, uma vez que as correntes contemporâneas, mais do que criticar os conceitos e os procedimentos clássicos, buscam superá-los e substitui-los por novas perspectivas. Assim, espera-se que os estudantes se sintam incentivados a produzir novas reflexões, bem como a elaborar ações que amenizem os efeitos das mudanças climáticas.

Competências gerais: 1, 2, 7 e 9

Competências específicas: 1, 2, 3, 5 e 6

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS202, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS303, EM13CHS306, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504 e EM13CHS601

Temas contemporâneos transversais: Meio Ambiente: Educação Ambiental; Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos

Questões contemporâneas (p. 116)

A Antropologia contemporânea é muito diversa e abarca uma grande variedade de temas e perspectivas. Daremos destaque a algumas dessas variações recentes na produção do conhecimento antropológico. Essas perspectivas se concentram em interpretar os problemas estruturais do mundo em que vivemos, desde as críticas pós-modernas à autoridade até o desenvolvimento de uma Antropologia simétrica que valorize o pensamento indígena.

Retome (p. 118)

1. A cultura como conceito teve novas roupagens na Antropologia contemporânea, que levaram a movimentos intelectuais como o Pós-Moderno e o Pós-Colonial. Esses movimentos elaboraram uma nova leitura do conceito, agora muito influenciada pelo ponto de vista da Antropologia baseada em perspectivas desenvolvidas por intelectuais de países do sul global, especialmente a Índia.

2. Oriente os estudantes a considerar o poder das descrições e como elas podem colaborar para a elaboração de estereótipos e discriminações. Os estudantes devem procurar alguma situação que evidencie esse processo, como uma reportagem em que pessoas são discriminadas, programas televisivos que retratam certos lugares como violentos, filmes e séries que reproduzem situações discriminatórias, programas de humor que disseminam estereótipos de certos grupos sociais, entre outras possibilidades.

Estudos de gênero (p. 119)

Esse campo de pesquisa analisa as maneiras como as expectativas e as normas de gênero impactam não apenas a vida individual, mas também as estruturas sociais, culturais e políticas. Ao introduzir esse tema em sala de aula, fomente discussões críticas sobre igualdade, diversidade e direitos humanos.

Retome (p. 120)

Espera-se que os estudantes reconheçam que a perspectiva que considera o gênero um fato natural entende que só há duas categorias (homem e mulher) e considera que há papéis tipicamente femininos e masculinos. Quando considerado um fato cultural, o gênero é visto como um resultado histórico dos valores sociais; portanto, passível de ser transformado. Essa perspectiva também evidencia

a possibilidade de questionar as hierarquias. Além disso, o gênero como fato cultural possibilita o estudo dos gêneros elaborados por outras sociedades e de seus papéis.

Trabalhando com discurso (p. 125)

Leia com os estudantes o parágrafo introdutório sobre Ailton Krenak. Em seguida, leia atenta e pausadamente o texto com a turma.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes reconheçam, considerando a reflexão de Ailton Krenak, que as sociedades indígenas têm uma relação intrínseca, de forma sincrônica e diacrônica, com a natureza e sua cultura (isto é, com costumes, crenças, narrativas). Essa relação é muito diferente da estabelecida pelas sociedades ocidentais, que veem a natureza como local de extração de recursos.

2. O conceito de capitaloceno faz referência ao conceito de Antropoceno. Este refere-se à destruição ambiental promovida em escala geológica pelas atividades humanas. A partir desse conceito, surgiu a conclusão de que todo o processo e o poder destrutivos não provêm das atividades humanas em abstrato, e sim de sua organização capitalista. Daí a ideia de adaptar o nome do conceito para capitaloceno.

A Antropologia multiespécies (p. 126)

A Antropologia multiespécies é um campo emergente que explora as interações entre humanos e outras espécies, reconhecendo que a vida social e cultural depende de todas as formas de vida. Esse enfoque desafia a visão antropocêntrica, propondo uma compreensão mais ampla das relações ecológicas, em que humanos, animais e plantas coexistem e se influenciam mutuamente. Ao introduzir esse tema em sala de aula, estimule reflexões sobre essa interdependência, a ética nas relações com o meio ambiente e a importância da biodiversidade.

Retome (p. 130)

Proponha aos estudantes discussões que os levem a desconstruir a relação que estabelecemos com as espécies animais. Embora para a maioria das pessoas pareça natural amar os cachorros, a ideia de consumir carne canina parece chocante; já o consumo de carne bovina não costuma gerar a mesma reação. Essa assimetria deve-se à forma como nos relacionamos com as outras espécies, garantindo aos humanos o direito de vida e morte sobre elas. Nas relações com os humanos, algumas espécies ganharam mais direitos que outras, como os cães e os gatos, ao passo que outras espécies são submetidas a violências e maus-tratos, como porcos em confinamento e ratos de laboratório.

A Antropologia e o Antropoceno (p. 131)

O conceito de Antropoceno tem sido estudado por diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Geografia, a Biologia e a Filosofia. Em 2009, um grupo de trabalho foi constituído para investigar se o Antropoceno deveria ser considerado oficialmente uma nova era geológica. Uma vez que sua conclusão foi positiva, a proposta foi enviada à União Internacional de Ciências Geológicas, o que deu início a um processo de debates na comunidade científica. Em março de 2024, a proposta foi oficialmente rejeitada pela organização, que defendeu que ainda é cedo para considerarmos a entrada em uma nova era geológica. A decisão foi vista com descontentamento por muitos especialistas, que receiam os possíveis efeitos políticos de negar a dimensão do impacto humano na história da Terra.

Sugestão

- MENDES, J. Tradução do artigo "Geology of Mankind", de Paul Crutzen e Eugene Stoermer. *Anthropocenica: Revista de estudos do Antropoceno e Ecocrítica 1*. p. 117-119. Disponível em: https://tedit.net/rlup9g. Acesso em: 17 set. 2024.

A publicação apresenta a tradução feita por um acadêmico da Universidade do Minho, em Portugal, de um artigo de 2002 em que Paul Crutzen e Eugene Stoermer apresentam o conceito de Antropoceno. Os dois pesquisadores foram responsáveis pela popularização do termo – em 1995, Crutzen recebeu o Prêmio Nobel de Química por seus estudos na área de química atmosférica.

Infográfico – Os deslocados climáticos (p. 132)

O estudo deste infográfico mobiliza o tema dos deslocados climáticos no mundo. Para desenvolver essa proposta, inicie resgatando conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema das mudanças climáticas e dos eventos climáticos que provocam desastres, obrigando pessoas a se deslocar. Para tanto, explore as fotografias e os gráficos e também questione os estudantes sobre notícias ou reportagens que eles tenham visto sobre o assunto. Depois, converse com a turma sobre a crescente preocupação global com os impactos das mudanças climáticas, resgatando o que aprenderam sobre o tema. Essa proposta auxilia no desenvolvimento da atividade 1.

Chame a atenção dos estudantes para os contrastes entre países e regiões do mundo afetados por esse fato, problematizando como a infraestrutura e as condições econômicas da população influenciam o cenário dos deslocados ambientais nas regiões mais afetadas. Essa proposta auxilia no desenvolvimento da atividade 2.

Para finalizar a observação, problematize as ações do Poder Público no Brasil e em outros países para

lidar com as mudanças climáticas e para prevenir danos e combater as consequências de eventos climáticos extremos. Para tanto, incentive-os a formular hipóteses sobre como combater esses problemas, tanto considerando a prevenção (em cidades, por exemplo) como também o combate ao aquecimento global dentro de uma perspectiva mais ampla, envolvendo ações globais no combate às mudanças do clima. Essa proposta auxilia no desenvolvimento da atividade 3.

Oriente a realização das atividades oralmente e conduza uma discussão com a turma a partir de cada problematização.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes identifiquem que os eventos climáticos extremos, como tempestades e inundações, representam um dos principais fatores que levam pessoas a se deslocar internamente no mundo. Espera-se que identifiquem que esse problema vem aumentando devido às mudanças climáticas, que têm provocado eventos climáticos extremos cada vez mais frequentes e intensos.

2. Espera-se que reconheçam que não, pois algumas regiões, como África e Leste e Sul da Ásia (além da Oceania), são regiões mais afetadas em função tanto de razões naturais como socioeconômicas, pois essas regiões concentram países com menor nível de desenvolvimento, onde a infraestrutura é muitas vezes precária e a população é mais vulnerável aos desastres naturais e às mudanças climáticas.

3. Eventos climáticos extremos, sobretudo tempestades e inundações. Espera-se que citem que as autoridades de países, regiões e/ou cidades devem se preparar para enfrentar esse problema, além de combater as mudanças climáticas e o aquecimento global, reduzindo as emissões de gases do efeito estufa e priorizando fontes de energia renováveis, carros elétricos, etc.

Galeria de atividades (p. 137)

1. Para os pós-modernos, a produção do texto antropológico envolve sempre uma descrição e uma narração sobre o "outro" que, em geral, não dão voz a ele. É o antropólogo que fala pelo outro. Esse processo é visto por alguns como autoritário, pois não permitiria contestação e seria feito nos termos do antropólogo. Isso resulta no que os pós-modernos chamam de "autoridade etnográfica".

2. Para as antropólogas feministas, o gênero é definido de formas variadas, conforme a sociedade. Entretanto, se os papéis sociais de homens e mulheres variam, bem como sua inter-relação, eles não podem ser considerados categorias naturais. São, portanto, categorias culturais.

3. A crítica a esse dualismo, elaborada por Latour e Strathern, implica pensar que nem todas as sociedades dividem o mundo em uma parte humana (cultura) e uma parte exterior aos humanos (natureza), cada qual com características próprias.

4. Segundo a Antropologia multiespécies, o "humanocentrismo" é inerente ao pensamento científico e é justificado pela separação entre natureza e cultura. Trata-se da posição que considera o *Homo sapiens* dominante em relação às outras espécies.

5. No debate sobre o Antropoceno, a Antropologia estuda as consequências das ações humanas no planeta, como desmatamento, poluição de rios, deslizamentos de terra e alagamentos, e a forma como as populações têm reagido a elas, em particular às ações promovidas pelo sistema capitalista industrial.

6. Os cartazes publicitários abordam a exploração animal para o entretenimento humano, como ocorre em circos, parques de diversão, rodeios e alguns zoológicos. Ao assumir uma posição de superioridade, os humanos usam ferramentas como chicotes, esporas, choques elétricos e até mesmo substâncias químicas para domar, controlar e submeter esses animais, obrigando-os a agir conforme lhes aprouver.

7. No cartum de Scott Hilburn, um urso se senta diante do balcão e, tal como um humano, usa um gorro feito da parte traseira de um animal. O cartum sugere uma ruptura com a divisão entre natureza e cultura, produzindo estranhamento ao atribuir a um ser "da natureza" um hábito "cultural". Nesse caso, o cartum é especialmente relacionável ao pensamento de Eduardo Viveiros de Castro sobre o perspectivismo ameríndio, dos povos amazônicos, pois evidencia uma característica "cultural" de diferentes perspectivas "naturais". O cartum também pode ser interpretado pela lógica do "humanocentrismo", já que sugere uma crítica ao fato de os seres humanos considerarem que os outros animais estão à sua disposição para a feitura de vestimentas, por exemplo, sem esperar que esses outros animais pudessem manipular recursos humanos da mesma forma exploratória.

8. Os trechos tematizam a questão do que é ser "natural". Na obra, Knut é um urso-polar de zoológico que, rejeitado pela mãe, é amamentado por um cuidador humano, que faz companhia a ele, mesmo tendo uma família humana à qual dedica atenção fora do período de trabalho. Nesse primeiro trecho o urso-polar realiza uma ação em geral tida como humana – a reflexão sobre si –, aproximando-se do perspectivismo; no segundo, ele de fato troca reflexões com um humano. Esse diálogo se desenrola como uma verdadeira contestação do que seria "natural" e da adequação ou não daquilo que não é natural – o debate sobre o que é ou não ser urso se estende ao ser ou não pobre. Ao sugerir ao urso que "viva como bem entender", o visitante humano (Michael) explicita que, independentemente do que é natural, a vida do urso-polar se emaranha com a dos humanos, nos termos pensados pela Antropologia multiespécies. A resposta à atividade 8 pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo, já que exige a mobilização de diversos conceitos apresentados. Avalie a capacidade dos estudantes de interpretar o texto e relacioná-lo às reflexões propostas no capítulo.

Debate plural (p. 140)

Para esta seção, espera-se que os estudantes analisem processos políticos, econômicos, sociais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional. Exercitem a empatia e o diálogo e promovam o respeito às diversas culturas e a valorização dos indivíduos e grupos sociais, sem preconceitos de origem, etnia ou gênero, reconhecendo-os como parte da coletividade.

Interdisciplinaridade

EM13LGG101, EM13LGG102 e EM13LGG103

É esperado que os estudantes mobilizem conhecimentos de Língua Portuguesa, como as habilidades de escrita e argumentação com base em fatos, dados e informações confiáveis, de modo a defenderem seus pontos de vista e promoverem a consciência social e os direitos humanos.

Respostas

1. A palavra "machosfera" foi criada por meio da junção das palavras "macho" e "esfera" e denota um ambiente ou espaço destinado exclusivamente aos homens contrários ao feminismo.
2. Espera-se que os estudantes reconheçam que o padrão de masculinidade assumido pelos homens da "machosfera" é machista e violento, com posturas que instigam a aversão e o ódio às mulheres.
3. Espera-se que os estudantes reconheçam que os textos apresentam padrões de masculinidade bastante diferentes. Enquanto o texto 1 mostra uma masculinidade avessa aos direitos das mulheres, o texto 2 apresenta um padrão de masculinidade que questiona os próprios privilégios e reconhece a luta das mulheres, entendendo que a equidade entre os gêneros traz benefícios incluindo para os homens.

Unidade 3 – Sociologia (p. 142)

A abertura da unidade tem como objetivo incentivar os estudantes a debater sobre a influência que o indivíduo e a sociedade operam mutuamente. Essa interdependência também pode ser observada entre as classes sociais e a desigualdade; e entre os modos de ser individuais e os acontecimentos do mundo. A dicotomia entre "parte" e "todo" acompanha as Ciências Sociais desde o princípio. Se a sociedade é composta de indivíduos, e os indivíduos dependem da sociedade para ser quem são, quem devemos analisar prioritariamente? Ofereça exemplos aos estudantes que favoreçam a reflexão: assim como a religiosidade pode moldar comportamentos individuais, por exemplo, indivíduos em posição de liderança em uma tradição religiosa específica podem influenciar a manutenção ou a adaptação de normas religiosas que, por sua vez, influenciarão as pessoas de sua comunidade.

A fotografia de abertura mostra um cenário de construção urbana, ilustrando a importância da Sociologia na análise das condições de trabalho e suas implicações sociais. A imagem de um trabalhador em um ambiente de construção com sinalização e medidas de segurança exemplifica como a organização do trabalho pode ser estudada sociologicamente. A presença do trabalhador reflete temas sobre as relações entre indivíduo e sociedade e o impacto do trabalho nessas relações, representando as discussões teóricas que ocorrerão ao longo da unidade.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes respondam que sim e reflitam que suas ações individuais surtem efeitos no cotidiano. Por exemplo, a maneira de se vestir, se alimentar, interagir com colegas de escola não é natural, é adquirida ao longo do tempo. Os gostos e as preferências também dizem respeito ao que cada um tem de disponível em seus círculos sociais. Essa dinâmica influencia e é influenciada por um padrão social historicamente determinado.
2. Espera-se que os estudantes percebam que da mesma forma que os acontecimentos do cotidiano impactam a vida do indivíduo, os acontecimentos sociais também influenciam a dinâmica das sociedades, e que isso acontece de maneira constante. Assim, espera-se que os estudantes concluam que as relações humanas e as organizações sociais (como o trabalho, a escola, a família, o lugar onde se vive, as instituições políticas, a relação entre países, etc.) estão em permanente transformação.

Capítulo 6 – Pensar a sociedade capitalista (p. 144)

Objetivos do capítulo

- Relacionar o surgimento da Sociologia à expansão do capitalismo.
- Compreender as bases teóricas de Durkheim, Weber e Marx.
- Apropriar-se dos conceitos de fato social e ação social.
- Assimilar criticamente o conceito de classes sociais.
- Analisar a exploração capitalista das classes trabalhadoras.
- Compreender a centralidade do trabalho e de suas transformações para a Sociologia.
- Entender a existência de estruturas sociais e relacioná-las a seus contextos históricos.

Justificativas do capítulo

O capítulo apresenta a origem da Sociologia como ciência em relação a seu contexto histórico, bem como as bases teóricas de seus três principais pensadores: Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx.

Ao longo do capítulo, apresenta-se como Durkheim aborda os conceitos de coesão social e fato social. A coesão social refere-se à força que mantém os membros de uma sociedade unidos, enquanto o fato social diz respeito aos fenômenos sociais que exercem uma influência coercitiva sobre os indivíduos. Abordam-se também as ideias de Weber sobre o conceito de ação social. O conceito de ação social se refere às ações dos indivíduos que levam em conta o comportamento de outros e são orientadas por esse comportamento. Além disso, desenvolvem-se os conceitos de trabalho e classes sociais sob o olhar de Marx. O trabalho é a atividade humana que transforma a natureza e cria valor, e as classes sociais são grupos de indivíduos que compartilham uma relação comum com os meios de produção.

A aplicação dos conceitos sociológicos é incentivada tanto no contexto individual dos estudantes como na sociedade. Isso visa desenvolver uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e da interdependência entre estrutura e conjuntura sociais. O capítulo conclui com a introdução da noção sobre a importância do trabalho nas análises sociológicas, preparando o terreno para um aprofundamento desse tema no capítulo seguinte.

Competências gerais: 1, 2, 6 e 7

Competências específicas: 1, 4 e 5

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS401, EM13CHS404 e EM13CHS504

Temas contemporâneos transversais: Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social; Economia: Trabalho

O capitalismo e a formação do pensamento sociológico clássico (p. 144)

Para introduzir o assunto do capítulo, solicite aos estudantes a observação da gravura *Alegoria dedicada ao Terceiro Estado*, na página 144. Proponha um breve debate sobre as semelhanças entre a estrutura social europeia do século XVI e a atual.

No detalhe (p. 144)

A gravura expressa a percepção de que os responsáveis pelo trabalho braçal (o Terceiro Estado, representado pelo camponês no centro da gravura) sustentavam a França sozinhos, enquanto clérigos e nobres desfrutavam de privilégios. Considere junto aos estudantes também a percepção negativa do trabalho, relegado às classes sociais consideradas socialmente subalternas.

No detalhe (p. 145)

Espera-se que os estudantes façam o exercício de correlação entre a vida das pessoas antes e depois do modo de produção capitalista, refletindo, por exemplo, se o trabalho em uma linha de produção industrial mudou a vida do trabalhador que até então trabalhava sobretudo no campo. Os estudantes podem mencionar também como mudanças significativas: acidentes de trabalho decorrentes do contato com as máquinas, alienação do processo produtivo, salários sucateados e jornadas muito maiores do que na produção agrícola.

Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx (p. 146)

Leia com os estudantes o texto da página e as biografias dos três pensadores, cujas ideias são consideradas as bases da Sociologia como ciência. Solicite que observem as datas de nascimento deles e como todos vivenciaram o final do século XIX e foram impactados pelas várias transformações ocorridas nesse período.

Retome (p. 146)

Com o desenvolvimento industrial, cultural e político do século XIX, a sociedade se transformou. A Sociologia nasceu como resposta à necessidade de explicar tais transformações sociais.

Karl Marx: trabalho e classes sociais (p. 154)

Leia o conteúdo com os estudantes, realizando pausas e explicando os conceitos envolvidos sempre que considerar necessário e convidando-os a refletir sobre eles à luz dos temas discutidos.

No detalhe (p. 156)

Segundo a teoria de Marx, o desenvolvimento do capitalismo baseia-se na exploração e na dominação da classe trabalhadora pela classe capitalista. Na ilustração, o representante da classe trabalhadora está pescando enquanto o representante da classe capitalista se apropria dos peixes pescados, fazendo alusão à ideia marxista de que os trabalhadores geram as riquezas que são apropriadas pelos capitalistas, em um regime de exploração do trabalho.

Trabalhando com pintura e fotografia (p. 157)

Discuta com os estudantes sobre as mudanças na produção de mercadorias com o desenvolvimento do capitalismo. Proponha uma reflexão em conjunto sobre as características e as consequências sociais das transformações no modo de produção desde o artesanato, passando pela manufatura e mais tarde pela indústria.

Respostas

1. É importante que os estudantes identifiquem que na produção artesanal, representada na pintura, quase sempre todas as tarefas são desenvolvidas pela mesma pessoa, ou seja, o artesão participa de todo o processo produtivo. Por sua vez, a fotografia mostra uma linha de produção de sapatos, em que cada trabalhador é responsável por uma etapa do processo produtivo.

2. Espera-se que os estudantes reconheçam que o processo de modernização da produção provocou profundas mudanças, com a introdução de novas tecnologias. Entre as consequências da modernização estão a submissão dos trabalhadores a tarefas repetitivas e exaustivas; a perda de postos de trabalho; a redução de salários; e o enfraquecimento político-organizativo dos trabalhadores.

Sociologia: passado, presente e futuro (p. 158)

Estruturas sociais são a maneira como as sociedades se organizam, são as relações sociais relativamente permanentes que estruturam o comportamento dos indivíduos. É importante que os estudantes tenham compreendido ao fim deste capítulo que o trabalho é um elemento central da estrutura social, que não apenas sustenta a economia, mas também molda as interações entre as pessoas e as identidades individuais.

No detalhe (p. 159)

1. Incentive o debate de ideias entre os estudantes. Espera-se que eles comentem que a automação substitui trabalhadores por novas tecnologias, influenciando na redução da demanda por força de trabalho em diversos setores, como o industrial e o de serviços, e afetando especialmente trabalhadores menos especializados. Se necessário, ressalte que essa situação pressiona o desemprego, pois, para esses trabalhadores, o processo de requalificação é mais complexo.

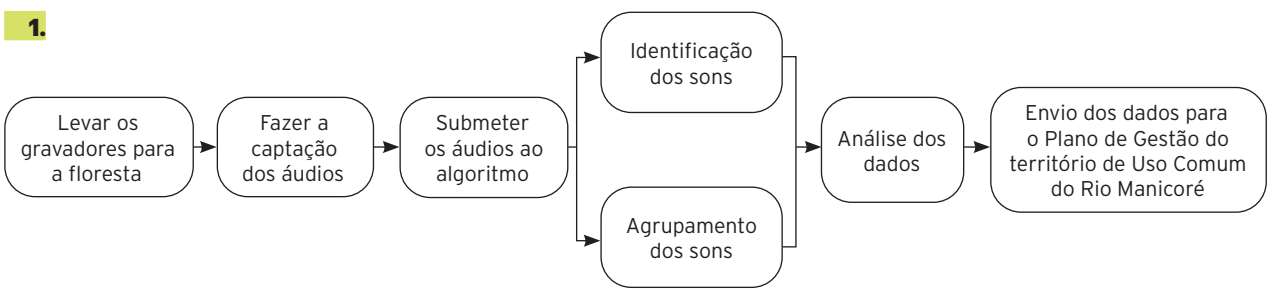
2. Comente que um dos grandes desafios do país é a falta de acesso dos indivíduos a uma educação de qualidade e a programas de capacitação profissional adequados, o que dificulta a transição de trabalhadores para setores que exigem novas habilidades, como a programação de máquinas ou a análise de dados. Sem essas especializações, muitos trabalhadores ficam à margem do mercado de trabalho formal, recorrendo ao trabalho informal e/ou precarizado.

Mundo digital (p. 160)

Caso julgue oportuno, comente que o uso de algoritmos em plataformas de redes sociais teve grande impacto na sociedade brasileira, especialmente durante eleições, com a disseminação de notícias, muitas delas falsas, o que gerou debates sobre a manipulação da opinião pública por meio do uso indevido de dados pessoais. Comente que esses algoritmos coletam dados como curtidas, comentários e hábitos de navegação, criando perfis dos usuários para direcionar conteúdos específicos, influenciando opiniões e, por vezes, manipulando visões políticas.

Respostas

1.



Interdisciplinaridade

EM13MAT315

Ao propor a elaboração de um fluxograma que sintetiza as informações apresentadas no texto, a atividade desenvolve a habilidade de resolução de problemas com base na execução de passos que podem ser descritos por um algoritmo, estimulando a interdisciplinaridade com Matemática.

2. A "lógica de caixa-preta" representa a opacidade do funcionamento dos algoritmos de plataforma, já que não sabemos como eles funcionam nem como estão sendo utilizados. Essa lógica implica o fato de que os algoritmos são usados como sustentação de um modelo de negócio que capta os dados dos usuários dessas plataformas e os vendem para anunciantes.

3. Para essa atividade, oriente os estudantes a utilizar informações do texto 1 para explicar o que são os algoritmos. Em seguida, peça a eles que elaborem uma lista de ao menos três usos positivos dos algoritmos. Conversem sobre quais algoritmos podem ser usados em rotinas de estudos e pesquisas de carreira, por exemplo. Lembre-os de que algoritmos são "conjuntos de etapas a serem executadas, um passo a passo computacional", que podem ser produzidos também sem uso da tecnologia: sendo assim, fluxogramas e mapas conceituais são algoritmos possíveis de serem usados. Para a produção da *newsletter*, sugira a utilização de ferramentas digitais gratuitas. Para a divulgação da produção, oriente os estudantes a listar o *e-mail* dos colegas da turma e da escola para enviar o material. Também é possível fazer a divulgação por meio de listas de transmissão em aplicativos de mensagem. Para que o conteúdo da *newsletter* seja acessível, é recomendado que os estudantes façam um áudio do seu conteúdo, contemplando as pessoas com deficiência visual.

Galeria de atividades (p. 162)

1. A Sociologia surgiu como resposta intelectual a certas demandas e indagações diante das novas relações sociais decorrentes do desenvolvimento da indústria e da intensificação da urbanização na Europa do século XIX.

2. Para Durkheim, o processo de desenvolvimento da sociedade está relacionado à divisão do trabalho. A intensificação da especialização do trabalho cria laços sociais de interdependência cada vez mais fortes. Em razão dessa interdependência, sociedades com funções profissionais altamente diferenciadas e especializadas apresentam maior coesão social se comparadas às sociedades de mesmo tipo com menor divisão do trabalho.

3. Fato social é uma maneira de pensar, sentir e agir externa aos indivíduos e que exerce sobre eles uma força coercitiva.

4. Para Weber, a ação social define-se pela relação com outras ações sociais e ocorre quando uma pessoa age orientando-se pela ação e percepção de outras sobre esta ação.

5. Para Weber, os tipos ideais são ferramentas conceituais que permitem ao sociólogo compreender os objetos analisados de maneira objetiva. Segundo o autor, esse recurso é necessário porque a realidade não pode ser descrita em sua totalidade. Os tipos ideais são construções conceituais, ou seja, são formulações abstratas do sociólogo que ressaltam características mais distintivas e quase nunca se apresentam na realidade integralmente. Assim, a definição das características de um tipo ideal de empresa, de ética religiosa ou de forma de dominação ajuda na compreensão das realidades observáveis, pois tem em si o máximo de características possíveis de um objeto sociológico.

6. Para Marx, as sociedades se transformam historicamente com base no embate entre as classes sociais. O autor considera que há exploradores e explorados, e que a classe explorada na sociedade capitalista vende sua força de trabalho em troca de um salário. A reprodução dessa situação ocorre com base na ampliação do lucro dos capitalistas por meio da exploração do trabalho, que visa ao aumento da produtividade. Para tal, é necessário que novas formas de controle e exploração do trabalho sejam incorporadas à produção de mercadorias.

7. Em todas as sociedades há elementos relativamente permanentes ou estruturais. Esses componentes estruturais são repostos continuamente por elementos conjunturais, assumindo a forma de novidades. Assim, podemos dizer que as sociedades se reproduzem com base na repetição de antigos padrões, que são repostos de diferentes formas. Como exemplos disso podemos citar o trabalho, a educação, a política, os conflitos sociais e a violência.

8. Marx discorre sobre como a história é construída a partir de elementos permanentes e de elementos ocasionais, isto é, de aspectos estruturais e contextuais. Ao analisar o golpe de Estado que Luís Bonaparte aplicou na França em 1851, o autor identifica uma repetição histórica no modo como a burguesia assume o aparato estatal e o aperfeiçoa para aprofundar a exploração das classes subalternas, reproduzindo elementos estruturais de antigas formas de opressão.

9. A crise no fornecimento de algodão estadunidense para a indústria têxtil inglesa foi um fator conjuntural, decorrente de uma guerra civil, que teve como consequência a queda brusca na produção das fábricas do setor. Aliada à superprodução ocorrida nos anos anteriores, levou ao desemprego de milhares de trabalhadores no noroeste inglês, que se viram obrigados a buscar alternativas de sobrevivência. A fragilidade dos vínculos empregatícios e sua suscetibilidade a condições externas evidenciam o caráter estruturalmente subordinado da classe trabalhadora, que se vê desamparada quando não pode vender sua força de trabalho. A resposta à atividade 9 pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie como os estudantes interpretam a conjuntura social apresentada e a relacionam à manutenção da estrutura social.

Capítulo 7 – Mundos do trabalho (p. 165)

Objetivos do capítulo

- Compreender as perspectivas de Durkheim, Weber e Marx em relação a trabalho.
- Explorar aspectos da desigualdade econômica estrutural do capitalismo.
- Analisar as principais transformações das reestruturações produtivas.
- Conhecer a categoria de trabalho imaterial.
- Compreender a divisão sexual do trabalho e avaliar seus efeitos.

Justificativas do capítulo

Este capítulo apresenta os conceitos elaborados por diferentes teóricos e teóricas para explicar as dinâmicas de trabalho próprias do capitalismo em diferentes momentos sócio-históricos. Para Durkheim, a divisão do trabalho é uma divisão funcional; para Weber, a ética do trabalho está diretamente relacionada à formação do capitalismo; para Marx, a exploração do trabalho no capitalismo é fruto de uma desigualdade histórica. Munidos desses conceitos, os estudantes podem analisar as transformações produtivas do capitalismo para além de suas características formais, isto é, considerando a situação da classe trabalhadora em meio à busca pelo aumento de produtividade por parte da classe capitalista.

O capítulo também apresenta novas modalidades de trabalho, inevitavelmente próximas à realidade dos estudantes – o trabalho plataformizado e o trabalho imaterial –, incentivando os estudantes a investigá-los com base em dados e entrevistas. Por fim, a divisão sexual do trabalho é apresentada, ensejando a discussão sobre a produção de conhecimento científico por parte de pesquisadoras mulheres.

Competências gerais: 1, 2, 3, 6 e 7

Competências específicas: 1, 4, e 5

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS504

Temas contemporâneos transversais: Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos e Vida Familiar e Social; Saúde: Saúde; Economia: Trabalho.

O trabalho em Durkheim, Weber e Marx (p. 165)

As relações de trabalho, conforme analisadas por Durkheim, Weber e Marx, apresentam enfoques distintos, capazes de aprofundar a compreensão sobre o tema. Nesse capítulo, analisaremos esses pontos de vista fazendo conexões com as relações de trabalho na atualidade.

No detalhe (p. 167)

A charge apresenta um grupo de pessoas procurando emprego, mas não há vagas disponíveis para todos. Essa temática vai em direção da centralidade do trabalho e da crise do mercado de trabalho nas sociedades contemporâneas. Apesar de o trabalho ser central nas sociedades contemporâneas, há uma contradição social que fundamenta sua centralidade. Não é possível produzir lucro sem explorar o trabalho assalariado. No entanto, para que as taxas de lucro sejam cada vez mais altas, é preciso desvalorizar o trabalho e sobrecarregar o trabalhador, o que gera altas taxas de desemprego.

Trabalhando com entrevista (p. 168)

O trabalho prescrito refere-se às atividades e procedimentos oficialmente definidos enquanto o trabalho real diz respeito ao que é efetivamente realizado no cotidiano. Inicie uma discussão sobre o assunto perguntando à turma sobre essa diferença no trabalho das pessoas de sua família: Seus pais trabalham aos finais de semana? Respondem demandas de trabalho em seu tempo livre? Sacrificam seu tempo de lazer para cumprir metas de trabalho impostas por seus empregadores?

1. A ideia da leitura do texto é realizar uma reflexão sobre um aspecto mais próximo da realidade do cotidiano de trabalhadores que enfrentam o trabalho individual e em microcosmos, em escritórios, onde parte da população trabalha quase individualmente. É importante que os estudantes abstraiam o sentimento dessas pessoas dentro desse contexto e identifiquem a individualização e a atomização do trabalho que têm como consequência desorganizar os laços sociais coletivos. Enfrenta-se todo tipo de problemas e, como salienta a socióloga, de forma solitária. Procure destacar a maneira como as empresas estão lidando com os formatos de *home office* e *coworking* na atualidade, além de comentar as baias em centrais de teleatendimento, que impedem parcialmente a relação direta entre os teleoperadores.

2. Resposta pessoal. É importante que os estudantes exercitem a identificação com as pessoas de seu entorno para reconhecer como se dá a relação de trabalho quando se tem pouca experiência, sobretudo em um novo emprego ou ao iniciar a vida profissional. Desenvolver a capacidade de interpretar a realidade do trabalho é importante para esse momento do Ensino Médio, em que o estudante começa a pensar em seu projeto de vida e a entender as múltiplas possibilidades com que se deparará no futuro.

Força de trabalho, mais-valia e alienação (p. 169)

A relação entre força de trabalho, mais-valia e alienação é central na análise marxista do capitalismo. Inicie as discussões deste tópico explicando que a ideia de força de trabalho se refere à capacidade que o trabalhador tem de trabalhar, que é explorada pelo capitalista, o que gera a mais-valia. Para que essa relação exista, é necessária a alienação, ou seja, a desconexão do trabalhador em relação ao produto do seu trabalho e da própria atividade laboral.

No detalhe (p. 170)

A charge mostra como a dinâmica de trabalho no capitalismo posiciona os trabalhadores em tarefas repetitivas e desconectadas do resultado, de modo a aliená-los do produto do próprio trabalho. Essa especialização faz com que os trabalhadores não conheçam todas as etapas do processo de produção.

Mundo do trabalho (p. 171)

Inicie essa seção falando sobre a uberização do trabalho, que tem transformado as relações laborais, impulsionada pelas plataformas digitais, que promovem a flexibilização e a precarização dos empregos tradicionais. Esse fenômeno, além da desvalorização causada pela falta de garantias trabalhistas e insegurança financeira, aprofunda desigualdades sociais e reconfigura as formas de organização do trabalho na contemporaneidade.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes indiquem que as transformações tecnológicas podem contribuir para a exploração do trabalhador e que, ao contrário do que se acredita, não necessariamente promove uma boa vida para todos. Os estudantes podem mencionar que o texto expressa a desigualdade entre as condições de trabalho dos trabalhadores uberizados e a mais-valia gerada para as empresas.

2. Oriente os estudantes a entrevistar os trabalhadores seguindo as perguntas estabelecidas na atividade. Ao final, peça à turma que compartilhe os resultados com os colegas. Destaque que muitos dos trabalhadores desenvolvem problemas de saúde por causa da intensidade e precariedade das condições de trabalho. Em alguns casos, os trabalhadores plataformizados deixam de se hidratar, ir ao banheiro e se alimentar ou optam por se alimentar na rua, de produtos com baixo valor nutricional, para poder trabalhar mais e ter uma renda maior.

Interdisciplinaridade

EM13CNT207

Espera-se que os estudantes identifiquem, analisem e discutam as vulnerabilidades vinculadas à uberização do trabalho e considerando os aspectos da saúde física, psicoemocional e social dessa precarização.

Modos de organização da produção (p. 172)

Os modos de organização da produção são diferentes abordagens de organização do trabalho. Cada modelo traz consigo implicações distintas para as relações de trabalho, organização da produção e experiência do trabalhador.

Retome (p. 177)

1. O desenvolvimento da produção industrial é necessário para aumentar a produtividade, o controle sob os trabalhadores e, consequentemente, os lucros sobre a produção.

2. O taylorismo é um método de administração e gerenciamento do trabalho que consiste na classificação, na sistematização e na parcialização das atividades laborais, com o objetivo de aumentar a produtividade do trabalho e diminuir ou retirar o controle dos trabalhadores sobre seu trabalho. O fordismo, por sua vez, incrementou os métodos gerenciais tayloristas, adicionando ao processo produtivo elementos como a esteira mecânica para a aceleração da produtividade, a política de elevação dos salários em caso de superação de metas e regras de comportamento coerentes ao *American way of life*. Por fim, o toyotismo implementou elementos como: a produção por demanda com estoques mínimos, garantindo que os produtos fossem fabricados conforme a necessidade; a flexibilização da produção, permitindo que ela fosse variada e adaptável às exigências do mercado; a automação das máquinas, reduzindo a intervenção humana e aumentando a eficiência; o uso do sistema *just-in-time*, evitando a existência de grandes estoques; o sistema *kanban*, que gerencia a reposição de estoque por meio de etiquetas; e os Círculos de Controle de Qualidade (CCQs), que estabelecem equipes para supervisionar a qualidade das mercadorias.

Novas modalidades de trabalho (p. 178)

As novas modalidades de trabalho refletem as recentes inovações na organização da produção laboral. Com a ascensão da economia do conhecimento, o trabalho remoto e as plataformas digitais promovem flexibilidade ao mesmo tempo que exigem uma reavaliação das práticas de gestão e dos direitos dos trabalhadores.

Retome (p. 179)

1. Como exemplos de trabalhos materiais os estudantes podem citar o trabalho de pedreiros, confeiteiros, artesãos, etc.; e, como exemplo de trabalhos imateriais, podem ser citados músicos, pesquisadores, psicólogos, etc.

2. Do ponto de vista capitalista, as duas formas de trabalho obedecem ao princípio da produção de lucro. Assim sendo, mesmo que produza elementos intangíveis, o trabalho imaterial é tão passível de exploração capitalista quanto o trabalho material, ainda que, na maioria das vezes, exija maior qualificação dos trabalhadores.

Sugestão

- GORZ, A. *O imaterial*. São Paulo: Annablume, 2005.

O livro apresenta as principais teses que fundamentam a discussão sobre o caráter imaterial do trabalho.

Trabalho e relações de gênero (p. 180)

Historicamente, as mulheres enfrentam desigualdades significativas no mercado de trabalho, como a discriminação salarial e a limitação de acesso a posições de liderança. Além disso, normas sociais frequentemente impõem uma divisão de tarefas que relega às mulheres a maior parte do trabalho doméstico e do cuidado familiar. Converse com os estudantes sobre como se dá a divisão de tarefas em suas casas.

No detalhe (p. 183)

1. A mulher da ilustração está desenvolvendo trabalhos domésticos. Nas sociedades patriarcais, até hoje é comum associar a imagem da mulher que faz os trabalhos domésticos à ideia de esposa esforçada que ama seu marido e sua família, sem considerar que os esforços e o tempo despendidos nas tarefas domésticas são aspectos que caracterizariam uma função de trabalho como qualquer outra e exigiriam compensação financeira. Essa é uma das diversas formas de manter as mulheres reclusas ao ambiente privado, já que não exercer as tarefas domésticas demonstraria falta de amor pela família.

2. Espera-se que os estudantes indiquem que há muitos trabalhos semelhantes a ser realizados em suas casas e que, salvo exceções, as mulheres são as maiores, ou mesmo as únicas, responsáveis pelo trabalho não remunerado realizado nos lares. Para aprofundar a atividade, peça aos estudantes que atribuam uma jornada de trabalho a esses afazeres e observem quantas horas diárias são necessárias para realizá-los. Instigue-os a avaliar se todos esses trabalhos podem ser contabilizados pelo tempo do relógio e se, caso ocorressem fora do ambiente doméstico, seguiriam sendo feitos sem remuneração.

Retome (p. 183)

1. O conceito de gênero refere-se ao modo como são construídas as noções que definem papéis, comportamentos e identidades associadas ao que é feminino, masculino e outras identidades no ambiente social. É uma categoria social que varia entre culturas e ao longo do tempo. Essas noções são acrescidas em relações sociais e não são fixas e incontornáveis.

2. A divisão sexual do trabalho é um aspecto da divisão social do trabalho estruturado por dois princípios: o da separação, que divide e classifica as atividades laborais como masculinas e femininas, e o da hierarquia, que estabelece retornos financeiros mais altos e maior prestígio social às atividades consideradas masculinas.

Atividade complementar

Solicite aos estudantes que realizem pesquisas, em um buscador de imagens, de áreas profissionais de alto prestígio e remuneração, como engenharia, medicina e advocacia. Os resultados das pesquisas mostram predominantemente qual tipo de profissional em relação ao gênero? Peça aos estudantes que comentem o resultado das pesquisas à luz da teoria da divisão sexual do trabalho. Também é possível expandir a discussão para a questão de raça, comentando que em geral a maior parte dos resultados mostra pessoas brancas.

Comente com os estudantes que a informação disponível na internet, bem como a seleção da informação oferecida pelos algoritmos ao realizarmos pesquisas, não são independentes das desigualdades que estruturam as sociedades que as produzem – pelo contrário, tendem a ser representativas de tais desigualdades.

Galeria de atividades (p. 184)

1. Para Durkheim, a divisão do trabalho é um fato social característico de todas as sociedades e, ao se desenvolver, promoveria a integração ou coesão social por levar à criação de um número maior de laços de dependência. Já Weber procura entender a especificidade do trabalho na sociedade capitalista. Para ele, o encontro histórico específico entre a ética protestante e o espírito empreendedor possibilitou o desenvolvimento do capitalismo, ao depositar no trabalho e no sucesso nos negócios a confirmação da escolha divina. Já para Marx, o trabalho é um fator fundamental da história humana e assume formas particulares no capitalismo, contribuindo para a reprodução social desse modo de produção, mas também introduzindo nele tensões e conflitos que o obrigam a se renovar constantemente. Com base na exploração do trabalho assalariado, a estrutura social do modo de produção capitalista se reproduz e, com ela, a divisão da sociedade em classes.

2. A diferenciação entre trabalho e força de trabalho é um ponto central da sociedade capitalista. Para responder a essa questão, é preciso compreender a forma pela qual se determina o salário. Para assegurar o lucro do capitalista, o salário não pode ter um valor igual ao de todo o trabalho realizado pelo trabalhador. O capitalista contrata a capacidade de produzir do trabalhador, sua força de trabalho, ou seja, tudo o que ele pode fazer em determinada jornada. No entanto, paga ao trabalhador apenas uma parte do trabalho realizado durante essa jornada; o restante, a mais-valia, é apropriado pelo capitalista e convertido em lucro. Essa relação de aparente igualdade na compra e venda da força de trabalho é um dos elementos que compõem a alienação do trabalhador em relação ao que produz. Ele vende sua força de trabalho e tem a impressão de que recebe por ele, mas seu salário é apenas uma parte de todo o trabalho realizado, o qual é apropriado pelo capitalista.

3. A produção taylor-fordista caracteriza-se por ser uma produção em série, rotinizada e com grandes estoques produtivos. A produção e o consumo são, portanto, em massa. A produção no toyotismo está baseada na demanda e se caracteriza por baixos estoques. Além disso, em razão do processo de automação, o trabalhador passa a operar máquinas e robôs que executam operações mais complexas e em maior número, demandando qualificações profissionais mais sofisticadas, por um lado, e menor número de operários, por outro. No taylor-fordismo, pelo contrário, a qualificação exigida é baixa e o número de operários, maior, pois as tarefas são muito simplificadas e distribuídas entre diferentes trabalhadores.

4. Para que a produção gere maior lucratividade ao capitalista, é necessário introduzir sempre novas formas de exploração e dominação do trabalho. O taylor-fordismo, como uma reestruturação da produção, tem como objetivo geral aumentar as taxas de lucro. Para isso, introduziram-se novas formas de controle do trabalhador, que impõem a ele um tempo de produção. Trabalhos complexos foram reduzidos a tarefas simplificadas e rotinizadas distribuídas entre trabalhadores. Além disso, foi implementada a linha de produção, que

tinha como objetivo levar as peças aos trabalhadores, economizando o tempo de deslocamento deles entre as máquinas. No entanto, é importante salientar que, como essa nova produção em massa incentivou um consumo também em massa, trata-se não apenas de uma forma de organização da produção dentro da fábrica. Ela se caracteriza como um novo modo de vida que ficou consagrado como *American way of life*.

5. Segundo algumas autoras, em sociedades como a capitalista, o trabalho é dividido e hierarquizado entre mulheres e homens. Nessa divisão, os trabalhos com maior prestígio e mais bem remunerados costumam estar associados aos homens – na mesma área, as mulheres recebem salários menores. Soma-se a isso o fato de que as mulheres são direcionadas compulsoriamente à realização majoritária ou integral dos trabalhos domésticos e de cuidados, os quais, embora em geral não sejam remunerados, são condição essencial para a reprodução das sociedades capitalistas.

6. O personagem que fala nesse trecho do romance explica, em termos informais, o funcionamento da mais-valia na sociedade capitalista. Enquanto seu colega tem uma concepção que naturaliza a divisão entre empregadores e empregados e a disparidade de rendimentos, o personagem mostra que o tempo de trabalho efetivamente realizado não corresponde a uma remuneração proporcional, pois o proprietário dos meios de produção se apropria do trabalho dos trabalhadores por meio do lucro.

7. A tirinha aborda dois temas centrais da vida em sociedade: a educação e o trabalho. A maneira como a nossa sociedade está organizada impõe uma forma específica de viver. Temos de adquirir um conhecimento específico, na maioria das vezes profissionalizante, para depois ingressar no mercado de trabalho. Assim, a escola tem como função nos munir de informações e conhecimentos na infância, na adolescência e até na maturidade, para aqueles que não tiveram a chance de estudar. Foi a própria sociedade que em seu curso histórico se organizou dessa maneira, tendo como premissas certos tipos de educação e de trabalho. Como na sociedade urbana industrial predominam formas de organização que têm por objetivo aumentar a produtividade do trabalho, o lucro, as vendas, etc., ir ao trabalho todos os dias se apresenta como algo sem saída. As pessoas têm de estudar e trabalhar, quando podem fazer isso, se quiserem sobreviver. Precisam de conhecimentos específicos para se inserir da melhor maneira no mercado de trabalho. Não obstante, essa forma de organizar a vida carrega consigo interesses específicos que favorecem um grupo de indivíduos em detrimento dos demais.

8. **a)** A charge apresenta dois contextos históricos distintos. No primeiro quadro, mostra o contexto da Revolução Industrial, em que os trabalhadores eram submetidos a trabalhos intensos e repetitivos. O segundo quadro, por sua vez, mostra o contexto de mecanização das linhas de produção, em que as máquinas e a tecnologia passaram a integrar a linha de produção e, em alguns casos, a substituir a força de trabalho humano.

b) A Sociologia surgiu na Europa da segunda metade do século XIX, no contexto do processo de desenvolvimento da indústria. As relações de trabalho são centrais para os três autores clássicos da Sociologia, cada qual a sua maneira. O quadrinho remete às transformações e às permanências na organização do trabalho ao longo do tempo na sociedade capitalista. O foco está na automação do controle do processo de trabalho, que impõe o ritmo de produção exigido pela gerência e leva à diminuição do quadro de trabalhadores.

Interdisciplinaridade

EM13CHS201

A interdisciplinaridade com História se dá na comparação de dois contextos históricos diferentes. Espera-se que os estudantes façam uso de seu conhecimento de História para analisar as diferenças contextuais e conjunturais entre as duas cenas e como se deram as transformações no mundo do trabalho de um momento para o outro.

A resposta à atividade 8 pode ser utilizada para verificar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie como os estudantes compreendem a formação da estrutura social no âmbito do trabalho e identificam as exigências das dinâmicas produtivas em relação às classes trabalhadoras.

9. A charge faz uma referência irônica à obtenção de lucro com base na criação de necessidades. Ela remete à análise de Weber sobre o "espírito" do capitalismo, em que a busca pelo lucro gera motivação para a atividade de trabalho que possibilitará esse ganho. Embora a criação e a disseminação dos medicamentos antidepressivos devam-se em grande parte ao desenvolvimento científico e industrial, a charge mostra, de forma irônica, que o próprio capitalismo industrial seria responsável, também, pela queda na qualidade de vida, que acaba levando à necessidade de uso desses medicamentos. O produto do capitalismo industrial, assim, atende a uma necessidade que ele mesmo criou.

Capítulo 8 – Classe e estratificação social (p. 188)

Objetivos do capítulo

- Compreender e distinguir as perspectivas de estratificação social para Durkheim, Weber e Marx.
- Relacionar o desenvolvimento científico e tecnológico à organização das classes sociais.
- Problematizar os objetivos e as aplicações das tecnologias nas dinâmicas produtivas.
- Analisar as concepções de classe média para Mills e Poulantzas.
- Examinar os impactos da pandemia de covid-19 no Brasil.

Justificativas do capítulo

No capítulo anterior, caracterizamos a importância do trabalho nas sociedades capitalistas. Agora, este capítulo discorre sobre como as dinâmicas produtivas determinam a organização social. A estratificação social é apresentada sob a ótica de Durkheim, Weber e Marx, e os estudantes são convidados a estabelecer comparações entre tais perspectivas, contribuindo para a apreensão dos fundamentos teóricos das clivagens sociais. As novas tecnologias e a influência que elas exercem na determinação das classes sociais são discutidas, incentivando a reflexão e a investigação de potenciais problemas dessa nova conjuntura social. Por fim, o conceito de "nova classe média" é debatido à luz das elaborações de Mills e Poulantzas.

Competências gerais: 1, 2, 6 e 7

Competências específicas: 1, 4, 5 e 6

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS403, EM13CHS404, EM13CHS504 e EM13CHS606

Tema contemporâneo transversal: Economia: Trabalho

A divisão da sociedade em Durkheim (p. 189)

A análise durkheimiana da estrutura social foca nos conceitos de solidariedade mecânica – característica das sociedades tradicionais – e orgânica – relacionada às sociedades modernas. A transição de um tipo de sociedade para o outro reflete transformações não apenas nas relações sociais, mas também influencia a moralidade e a integração social entre indivíduos.

Retome (p. 190)

1. A solidariedade mecânica é característica de sociedades com baixa divisão do trabalho e forte consciência coletiva, além de valores e crenças rígidos e pouca diferenciação social. Na solidariedade orgânica, por sua vez, as partes sociais dependem cada vez mais umas das outras, o que causa um alto grau de interdependência. Nessa forma de solidariedade, o tecido social é mais denso, uma vez que uns dependem dos outros funcionalmente. Atualmente é possível identificar várias profissões e atividades distintas e interdependentes que fazem com que haja o vínculo social caracterizado por Durkheim como solidariedade orgânica.

2. Durkheim considera as funções ou papéis sociais como parâmetros da divisão social.

A estratificação social em Weber (p. 191)

Para Weber, a estratificação social é analisada com base nos conceitos de classe, estamentos e partidos. O autor enfatiza que essas dimensões não são isoladas, mas interagem entre si, moldando a experiência social de indivíduos e grupos, o que é fundamental para analisar as desigualdades sociais e relações de poder nas sociedades contemporâneas.

Retome (p. 193)

a) As categorias de estratificação social são as classes, os estamentos (ou grupos de *status*) e os partidos.

b) Segundo Weber, a posse de propriedade e a renda são os critérios centrais para determinar uma situação de classe. Já os estamentos têm como critérios o prestígio, a posição social, o estilo de vida e a instrução formal. Por fim, os critérios de estratificação em partidos referem-se à capacidade de controle de uma organização ou instituição, isto é, o poder político.

As classes sociais em Marx (p. 194)

Marx argumenta que a estratificação não é apenas econômica. Enquanto a burguesia detém os meios de produção e exerce poder econômico sobre todas as esferas sociais, o proletariado vende sua força de trabalho e depende da burguesia para sobreviver. Essa relação evidencia uma estratificação social e política, levando a conflitos e tensões que são, para o autor, o motor das transformações sociais.

Retome (p. 196)

1. Em sentido geral, seria a luta, a relação que estabelece as classes e as conforma em determinada sociedade.

2. Enquanto Weber tem um critério sociológico limitador, a renda, Marx pensa as classes sociais em um sentido mais complexo, inseridas em um contexto social com diversas determinações sociais além das econômicas.

As classes e os estratos sociais hoje (p. 197)

As classes sociais, historicamente organizadas por critérios econômicos, agora incorporam fatores como educação, acesso à tecnologia, identidade e capital social. As desigualdades, por sua vez, manifestam-se de maneiras complexas, refletindo não apenas a diferença de renda, mas também a exclusão social e as barreiras de mobilidade social.

Retome (p. 199)

1. Novas tecnologias são inseridas na produção de mercadorias para aumentar a produtividade. As empresas capitalistas adotam essas tecnologias para substituir parte dos trabalhadores por máquinas, que realizam o trabalho de forma mais eficiente.

2. As reestruturações produtivas têm como objetivo central aumentar a produtividade com base na substituição de trabalho vivo (trabalhador e trabalhadora) por trabalho morto (máquinas, tecnologias de vários tipos e formas de gerência). Com a Revolução Industrial iniciada no século XVIII, o saber-fazer (conhecimento) foi incorporado às máquinas e desvalorizou a força de trabalho, fato que se aprofundou com o taylorismo, o fordismo e o toyotismo no século XX. Desde então, com o incremento constante de novas tecnologias na produção, duas coisas ocorrem: 1) a formação de trabalhadores polivalentes qualificados para o novo tipo de produção; 2) a dispensa de trabalhadores que tiveram seus postos ocupados por robôs e pela microeletrônica.

Trabalhando com charge (p. 200)

Leia o texto inicial com os estudantes, questionando-os sobre profissões que eles consideram estar intimamente ligadas às tecnologias e se eles acreditam que alguma delas corre o risco de ser extinta em alguns anos. Relativize também a ideia de que as tecnologias teriam tornado a jornada de trabalho menos desgastante.

Respostas

1. A charge expressa uma visão pessimista ao representar a inversão de valores provocada pela introdução de tecnologias nas indústrias: a máquina está em uma posição superior à do trabalhador, em analogia ao que ocorreu quando a introdução tecnológica nas indústrias eliminou muitas das funções antes operadas por trabalhadores. Como consequência, houve perda de postos de trabalho, o que fica implícito na charge pela placa anunciando "Não há vagas".

2. Espera-se que os estudantes associem a charge ao processo tecnológico presente na totalidade da história da produção capitalista, mas que se expandiu nos séculos XX e XXI. Como parte dos trabalhadores não conseguiu se especializar, eles foram obrigados a executar trabalhos menos qualificados, como o engraxate retratado pela charge.

3. Os estudantes podem apontar como favoráveis os seguintes pontos:
   - Redução do esforço físico: Máquinas e equipamentos modernos podem assumir tarefas pesadas e repetitivas, reduzindo o desgaste físico dos trabalhadores.
   - Ambientes mais seguros: Tecnologias de segurança, como sensores e sistemas de monitoramento, podem prevenir acidentes.
   - Trabalho remoto: Ferramentas de comunicação e colaboração permitem que muitos trabalhadores realizem suas tarefas de forma remota, proporcionando maior flexibilidade e melhor equilíbrio entre vida pessoal e profissional.
   - Acessibilidade: Tecnologias assistivas podem ajudar a incluir pessoas com deficiência no mercado de trabalho, promovendo a diversidade e a inclusão.

A dinâmica das classes médias: ocupação profissional e renda (p. 201)

Historicamente, as classes médias são vistas como símbolo de estabilidade e progresso econômico. No entanto, sua definição varia muito, englobando profissionais liberais e empreendedores, por exemplo. Enquanto enfrenta a precarização do trabalho, o aumento do custo de vida e as incertezas econômicas, a classe média desempenha um papel importante nas dinâmicas de mobilidade social e nas lutas por direitos e representatividade política e social. Compreender as nuances da classe média é fundamental para analisar as desigualdades sociais e os conflitos que permeiam a sociedade contemporânea.

No detalhe (p. 204)

1. Trata-se de um critério sociológico de renda que tem influência da teoria da estratificação social weberiana.

2. Diversos critérios podem ser usados para delimitar a inclusão em uma classe social. Por meio de ironia, a charge sugere que o critério de renda, muitas vezes fundamentado no consumo, não é suficiente para explicar as condições de vida das pessoas.

Retome (p. 205)

1. Charles Wright Mills observou o aumento dos trabalhadores de "colarinho-branco" e considerou a classe média um sintoma e símbolo das sociedades contemporâneas, ligada ao prestígio e *status*. Nicos Poulantzas definiu classes sociais pela posição na divisão social do trabalho, considerando aspectos políticos e ideológicos, e analisou a nova pequena burguesia como fruto de práticas de direção e supervisão.

2. Alguns autores consideram que políticas de assistência social criaram uma classe média (classe C) com maior poder de consumo. Críticos argumentam que essa classe é um grupo flutuante sem garantias de permanência, necessitando de políticas educacionais. Outra perspectiva vê essa nova classe como parte da classe trabalhadora, ainda sujeita ao desemprego e subemprego, ignorando desigualdades históricas.

Impactos da pandemia de covid-19 na estrutura social do Brasil (p. 206)

O impacto da pandemia de covid-19 foi desproporcional, atingindo os grupos mais vulneráveis com maior severidade. A perda de postos de trabalho e o fechamento de negócios exacerbam as desigualdades sociais e afetam as mais diversas camadas da sociedade, alterando as dinâmicas econômicas, sociais e culturais.

Respostas

1. As classes com menor renda sofreram mais os impactos econômicos da pandemia. Para justificar a resposta, é possível referenciar os dados do gráfico "Brasil: variação na renda individual do trabalho – 1º e 2º trimestres de 2020", que mostra que os 50% mais pobres tiveram uma queda maior na renda individual do trabalho, ou a informação sobre a migração de um número significativo de pessoas da classe média para a classe baixa, que indica empobrecimento da população.

2. Espera-se que os estudantes reconheçam a migração para as classes mais baixas como indicativo de empobrecimento da população. Para justificar essa afirmação, podem mencionar os dados sobre trabalho expressos nos dois gráficos, mostrando que o desemprego foi um fator importante de empobrecimento, ou os dados sobre a queda da renda média e o alto número de pessoas que recorreram ao Auxílio Emergencial, indícios de uma situação financeira de insegurança.

Galeria de atividades (p. 208)

1. Para Durkheim, a divisão social do trabalho tem como princípio a função profissional dos indivíduos. Já a teoria da estratificação social de Weber tem como fundamento a classe (e dentro dela a situação de classe), o *status* (estamento) e o partido, que estabelecem diferentes relações de desigualdade e distribuição de poder. Marx, por fim, caracteriza classes sociais com base na relação entre proprietários e não proprietários dos meios de produção e nas lutas travadas por esses grupos em torno da distribuição da riqueza criada pelo trabalho.

2. O predomínio de uma ou outra forma de solidariedade é um índice de como a sociedade está dividida. Nas sociedades em que predomina a solidariedade mecânica, há pouca diferenciação entre os indivíduos. Quando a solidariedade orgânica predomina, como na sociedade urbana industrial, há um variado conjunto de grupos funcionais ou profissionais que, em razão da interdependência, formam laços de integração social muito fortes. Não obstante, é importante lembrar que os dois tipos de solidariedade coexistem em quase todas as sociedades. Por isso, Durkheim enfatiza a importância de investigar qual deles é predominante. Isso quer dizer que, mesmo em sociedades com especialização do trabalho muito desenvolvida, ou seja, com laços sociais característicos da solidariedade orgânica, a solidariedade mecânica também tem papel importante nos processos de diferenciação social – por exemplo, em grupos que se integram com base em crenças sociais (como religião ou identificação com a pátria).

3. Para Weber, as relações de desigualdade são sempre relações de poder. A estratificação social se dá em três ordens distintas, mas não independentes: a classe (e dentro dela a situação de classe), o *status* e o partido. A estratificação social em classes está relacionada à condição econômica, renda ou padrão material de existência dos indivíduos, isto é, tem base fundamentalmente econômica. A estratificação por *status* tem relação com o prestígio, a posição social, o estilo de vida, a instrução formal. O partido é uma forma de estratificação na qual a distribuição de poder se dá pela capacidade de controle de uma organização política.

4. Para Marx, a classe social é um conceito dinâmico que se fundamenta por relações sociais de vários tipos (econômicas, políticas, ideológicas, simbólicas, culturais, etc.). Portanto, no processo de formação das classes interferem diversos fatores, entre os quais fatores culturais, simbólicos, econômicos, políticos e ideológicos. Diferentemente da teoria weberiana, porém, para Marx as classes não são abstrações criadas como ferramenta para a compreensão da sociedade, e sim grupos que se formam em meio a conflitos e lutas relativos aos seus interesses sociais. Trata-se, portanto, de um processo dialético, marcado por contradições e antagonismos. Dado que as classes, para Marx, só existem porque existe a luta entre as classes, há uma imbricação de aspectos e interesses políticos e sociais, entre outros, na constituição de cada classe.

5. Em princípio, a charge remete às formas de estratificação social que consideram a renda critério definidor de classe ao distribuir indivíduos em diferentes faixas de rendimento e veículos em conformidade com o poder aquisitivo dessas faixas. Chama a atenção a diferença entre o número de veículos e de pessoas em cada faixa, o que, por sua vez, remete às diferenças estruturais entre as classes sociais no capitalismo segundo os autores marxistas. Desse modo, apesar da diferença econômica entre classes sociais, ela não se limita a esse aspecto, refletindo-se no acesso ou não a determinados bens e serviços e configurando privilégios.

6. Nas sociedades contemporâneas, as diferenças sociais podem manifestar diferenças de classe e de estratos sociais. Segundo Marx, as classes sociais expressam um modo de vida específico, isto é, uma maneira de produzir e se reproduzir socialmente. É possível dizer que a manifestação de diferenças sociais, como as de acesso a escolas de qualidade, a livros e incrementos culturais, ao lazer e ao tempo livre e à moradia de qualidade está relacionada à divisão entre classes sociais. As trabalhadoras domésticas, que vendem sua força de trabalho aos empregadores em troca de remuneração, liberam tempo destes últimos, que podem se dedicar a outras atividades de lazer ou ócio. O fato de algumas trabalhadoras domésticas dormirem no local de trabalho, como mostra a reportagem, permite aos empregadores controlar o tempo de trabalho delas e ajustá-lo conforme seus interesses. Por sua vez, as trabalhadoras, além de correrem o risco de se deparar com péssimas condições de acomodação, veem reduzido seu tempo de descanso, que poderia ser usado para outras atividades, como estudos e lazer. Do ponto de vista da teoria da estratificação social, é possível perceber que os empregadores estão em uma situação de classe que lhes possibilita a reprodução de suas condições sociais, bem como lhes garante *status*.

Agir no mundo (p. 210)

Auxilie os estudantes na divisão dos grupos e nas etapas da atividade, orientando-os para sua organização. Estabeleça um cronograma e os ajustes no decorrer das tarefas realizadas. Procure salientar que é preciso pesquisar informações em *sites* e fontes seguras. Em relação às temáticas, mencione aos estudantes que, como elas

são atuais, há entrevistas e palestras recentes de especialistas que discorrem sobre o assunto, que poderão ser encontrados tanto em artigos escritos como em canais de vídeos. Lembre-os de consultar dados estatísticos de pesquisas em fontes primárias, como IBGE, Ipea, Ministério do Trabalho e Dieese.

Unidade 4 – Sociologia no espaço e no tempo (p. 212)

A abertura da unidade busca suscitar questionamentos sobre a posição relativa do Brasil no cenário internacional, permitindo o levantamento de conhecimento prévio dos estudantes e introduzindo-os às temáticas investigadas nos capítulos. Desde o período da colonização portuguesa no Brasil até a globalização, a dominação e a influência de países hegemônicos pautaram a formação da identidade nacional, bem como a condição de desenvolvimento do país. Assim, o chamado subdesenvolvimento brasileiro nunca esteve isolado no contexto mundial. Ao mesmo tempo, o racismo que fundamentou as práticas de colonização ainda está presente na estrutura da sociedade brasileira. Tal histórico interfere diretamente nas questões sobre as quais a Sociologia se debruçou no passado e discute atualmente.

Respostas

1. O texto produzido deve considerar alguns elementos permanentes que estruturam a sociedade brasileira e outras sociedades, como as questões raciais, de gênero e classe por exemplo. É importante que os estudantes destaquem de que maneiras esses elementos estão presentes nas diferentes sociedades, ainda que ganhem feições particulares em cada uma delas.

2. O debate é central para a comparação e eventual relação entre os problemas destacados pelos estudantes. Oriente-os a problematizar quais seriam os limites e as alternativas a esses elementos permanentes.

Capítulo 9 – Sociologia brasileira (p. 214)

Objetivos do capítulo

- Apresentar as principais abordagens sociológicas brasileiras.
- Discutir criticamente a formação social do Brasil.
- Analisar a temática da escravidão e da raça para a Sociologia brasileira.
- Compreender os fundamentos da discussão sobre dependência e subdesenvolvimento.
- Apresentar criticamente o debate sobre as intersecções entre classe, raça e gênero na contemporaneidade.

Justificativas do capítulo

A análise sociológica sobre a realidade brasileira é central para os estudantes de Ensino Médio, na medida em que apreender os temas e as questões sociais da história brasileira nos situa criticamente em relação aos problemas sociais do país. As questões pretensamente formadoras da identidade brasileira são aspectos que a Sociologia discutiu e que merecem ser apreendidos, sobretudo porque uma série de preconceitos de raça, etnia, classe e gênero foram e são reproduzidos até hoje como se fossem marcas intransponíveis da identidade brasileira. A condição do Brasil como país colonizado, econômica e politicamente dependente também é central para a compressão das relações do Brasil com outros países.

A imagem de abertura retrata um mural em São Paulo, pintado por Aline Bispo em 2021, que pode ser visto como uma manifestação visual dessas discussões sociológicas. O mural celebra a diversidade cultural e histórica local através de figuras e elementos que simbolizam a rica teia social brasileira. A obra de arte reflete as complexidades e especificidades da sociedade brasileira, representando visualmente as intersecções de questões raciais, de gênero, e as influências globais que moldam a identidade local. Nesse sentido, o mural funciona como um espelho das discussões acadêmicas apresentadas, trazendo para o espaço público um debate fundamentado na Sociologia brasileira e sua relação com temas internacionais.

Competências gerais: 1, 2, 6, 7, 9 e 10

Competências específicas: 1, 2, 4, 5 e 6

Habilidades: EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS204, EM13CHS206, EM13CHS401, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504, EM13CHS602, EM13CHS603 e EM13CHS606

Temas contemporâneos transversais: Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos

Interpretações sobre a formação do Brasil (p. 214)

Na tentativa de compreender a identidade brasileira, Oliveira Vianna prevê um país branco; Gilberto Freyre destaca a mestiçagem e a convivência cultural como pilares da identidade brasileira; Caio Prado Júnior foca as estruturas econômicas e sociais que moldaram o país, com uma análise crítica do colonialismo. Sérgio Buarque de Holanda, por sua vez, introduz a noção do "homem cordial", direcionando seu olhar para as relações interpessoais e a influência da cultura portuguesa. Promova um debate com a turma sobre as implicações dessas três perspectivas na compreensão da identidade nacional.

No detalhe (p. 214)

1. Espera-se que os estudantes reconheçam a ausência de pessoas indígenas, negras e mestiças na obra.

2. A imagem do bandeirante como homem branco foi uma visão idealizada, particularmente do início do século XX em São Paulo, que buscava retratar uma sociedade brasileira predominantemente branca.

3. Essa imagem tem sido revista porque grupos da sociedade civil têm questionado a memória social acerca dos heróis nacionais que têm passados escravistas. Tal revisão tem acontecido à luz de estudos focados em questões raciais e sociais, além da ação de movimentos de resistência negros e indígenas.

Trabalhando com ilustração (p. 217)

Leia o texto introdutório com os estudantes e retome a discussão inicial do capítulo sobre as interpretações da formação do Brasil, em especial, as ideias de Gilberto Freyre.

Respostas

1. A ilustração pode ser compreendida a partir de alguns elementos, como: o indígena originário em sua terra, intitulada Brasil após o domínio dos colonizadores; o indígena atrás de uma montanha, que observa a chegada de uma caravela (os portugueses); a figura de um negro africano escravizado em posição indefesa. Pode-se dizer também que a figura central da caravela revela uma dominação em relação às outras duas figuras: uma que parece representar o Sol nascente e que se revela observando o desconhecido a se aproximar e outra em situação de suplício, dor e tolhida da liberdade.

2. A ilustração remete a um momento histórico em que havia três culturas distintas: a indígena (já estabelecida na terra, que foi dizimada e violada), a portuguesa (responsável pela exploração e colonização) e a africana (trazida compulsoriamente e escravizada). Ao fazer a correlação com a formação do país é possível dizer que houve um longo processo político, econômico e social de colonização no qual esses três conjuntos de grupos sociais originaram a sociedade brasileira.

3. Oliveira Vianna destaca diferenças entre o povo brasileiro e os demais. Sua tese seria de que o Brasil teria sido formado por brancos apesar da presença de indígenas, mestiços e negros. Para Gilberto Freyre, o povo brasileiro é considerado não a simples soma de três "raças", mas o resultado de um encontro mais complexo, que remete à formação da cultura brasileira. Freyre argumenta que a miscigenação seria o traço cultural central da sociedade brasileira, sem considerá-la de forma negativa e enfatizando a necessidade de substituir o conceito de "raça". Para Caio Prado Junior, a sociedade brasileira difere da portuguesa desde o período colonial. Segundo o autor, já nesse período a sociedade brasileira teria adquirido forma própria, diferente das formas das sociedades indígenas, africanas e da portuguesa.

Mundo do trabalho (p. 223)

Leia o texto com os estudantes, destacando que ele abarca dois grupos considerados minorias em termos de representatividade e direitos: as mulheres e as pessoas negras. Histórica e estruturalmente, as mulheres e as pessoas pretas e pardas são marginalizadas, enfrentando barreiras no acesso à educação, mercado de trabalho e oportunidades de liderança. A ascensão de minorias aos mais altos níveis da pirâmide social é difícil, mesmo que munidas de qualificação superior à de homens brancos, por exemplo. Essa realidade requer uma análise crítica que permita compreender de que maneira as questões de raça e gênero se interconectam.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes apresentem dados estatísticos para demonstrar a relação desigual de gênero e raça no que se refere ao acesso a educação, bens materiais e imateriais, mercado de trabalho (postos e renda), posições sociais e políticas. Na Pnad de 2022 foram produzidos dados a respeito, disponíveis em: https://tedit.net/znbgs5. Também o estudo do Dieese apresenta dados consolidados na publicação disponível em: https://tedit.net/pzv9hw. Acesso em: 24 set. 2024.

2. É importante que os estudantes não criem estereótipos sobre a população negra. Incentive a pesquisa sobre a representação de mulheres negras na sociedade brasileira em várias áreas: política, economia, cultura e meio ambiente, entre outras. Alguns exemplos de personalidades são: Antonieta de Barros, Theodosina Rosário Ribeiro, Benedita Sousa da Silva Sampaio, Marina da Silva, Janete Rocha Pietá, Jurema Batista, Lélia Gonzalez, Marielle Franco, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Enedina Alves, Sonia Guimarães e Neusa Santos de Souza.

Atividade complementar

Em setembro de 2024, o Senado aprovou o projeto de lei 557/2020, que prevê a obrigatoriedade de abordagens femininas nos currículos escolares e cria a *Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História*. O projeto propõe a alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Apresente-o aos estudantes – para tal, indique a matéria disponível em: https://tedit.net/pqg0hj (acesso em: 24 set. 2024) – considerando possíveis atualizações no processo de sanção presidencial. Em seguida, promova um debate sobre as motivações da elaboração do projeto, bem como sobre possíveis consequências da efetivação na alteração.

Subdesenvolvimento e dependência econômica (p. 224)

Historicamente, a relação do Brasil com as potências econômicas se caracteriza pela dependência, o que influencia o desenvolvimento social. O conteúdo busca analisar de que maneiras essa dependência afeta a economia e fundamenta desigualdades sociais e políticas públicas. Leia o texto pausadamente com os estudantes, explicando os conceitos e as imagens apresentados.

No detalhe (p. 228)

a) Considerando a presença do capital estrangeiro no Brasil, a questão central a ser observada nas respostas se refere a como a política brasileira é influenciada, relativamente, por interesses alheios/externos à própria sociedade.

b) Se, por um lado, essas empresas oferecem serviços, por outro, elas vêm para o Brasil em busca de novos mercados e de força de trabalho mais barata.

Retome (p. 228)

1. É possível destacar várias causas, sobretudo históricas, relativas ao maior desenvolvimento econômico dos Estados Unidos e da Europa ocidental em relação ao Brasil. No entanto, a principal delas se refere à produção. Enquanto a economia brasileira se baseou predominantemente na produção de matérias-primas e na agropecuária, com baixo valor agregado, nos países considerados desenvolvidos a produção se concentrou em manufaturados e no desenvolvimento tecnológico.

2. São vários os momentos em que o capital estrangeiro foi apresentado como salvador da economia brasileira. Como exemplo, podemos citar o processo de industrialização da Era Vargas, nos anos 1930, em que os investimentos estrangeiros foram aplicados na infraestrutura e na indústria; e o processo de industrialização dos anos 1950, no qual a tecnologia necessária para a modernização da indústria (em especial a automobilística) foi importada.

Intersecções de classe, raça e gênero (p. 229)

As intersecções de classe, raça e gênero são aspectos cruciais para a compreensão das desigualdades no Brasil. Essas categorias se entrelaçam, criando experiências únicas de opressão e privilégio, e discuti-las é essencial para a melhor compreensão das dinâmicas sociais. Incentive os estudantes a refletir sobre as próprias experiências para analisar como essas intersecções moldam a sociedade contemporânea.

Retome (p. 232)

1. Questões de raça, gênero e classe marcaram profundamente a formação da sociedade brasileira, com o passado escravista e a cultura patriarcal afetando diretamente a vida da população, sobretudo a das mulheres negras.

2. Oriente os estudantes a buscar informações que mostrem como as dimensões de gênero, classe e raça afetam de forma específica a população negra no Brasil, com ênfase nas mulheres negras. A pesquisa deve ser feita em fontes confiáveis, como livros acadêmicos, artigos científicos ou bases de dados de instituições de pesquisa. Aspectos que podem ser investigados são desigualdade salarial, acesso à educação, qualidade de vida e violência de gênero. Eles devem observar como essas questões se manifestam de maneira diferente para mulheres negras em comparação a outros grupos sociais. Incentive os estudantes a sempre verificar a credibilidade das fontes e a utilizar dados recentes para fundamentar suas conclusões.

Galeria de atividades (p. 233)

1. Antes da estruturação da Sociologia como ciência acadêmica no Brasil, autores como Oliveira Vianna buscaram desvendar e analisar as características que conferiam ao país uma unidade. A formação do povo e da nação, a miscigenação e a questão racial foram temas comuns entre o final do século XIX e início do século XX.

2. A Sociologia brasileira se consolidou nos anos 1930. Nesse período, destacaram-se pensadores que procuraram entender a formação do Brasil, suas características centrais e a influência do passado colonial na sociedade da época em que viviam. Os representantes clássicos desse período são Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Para Freyre, a miscigenação seria o traço cultural central da sociedade brasileira e, por isso, os estudos sociais deveriam priorizar o conceito de cultura em vez do conceito de raça. Já Prado Júnior defendeu a ideia de que o Brasil teria se formado um fornecedor de produtos tropicais para o mercado internacional, o que resultaria em uma estrutura social fundamentada por interesses externos. Por fim, Buarque de Holanda buscou explorar as oposições como elementos estruturantes da sociedade brasileira, como aquelas entre o mundo rural e o urbano e entre a esfera privada e a esfera pública.

3. Depois do fim da escravidão em 1888, a inclusão da população negra na sociedade reproduziu preconceitos e discriminações sofridos ao longo dos séculos anteriores, ainda que de forma difusa. Segundo Florestan Fernandes, as estruturas de dominação social do período colonial foram preservadas no processo de modernização capitalista do Brasil. Para o autor, a incorporação das pessoas negras na sociedade de classes foi pautada em desigualdades sociais diretamente relacionadas às diferenças de raça. Tais desigualdades podem ser observadas até hoje nos níveis de salários, nas condições de vida, moradia, índices de vitimização pela violência, etc.

4. Desde que o Brasil começou a se formar como unidade territorial e administrativa, com a chegada dos portugueses à América no século XVI, o país foi inserido em uma relação de dependência com outras regiões do mundo. Essa situação se deu, primeiramente, em relação à metrópole portuguesa, nos termos do "pacto colonial", e, mais tarde, após a independência, em 1822, em relação a outros países europeus (em especial a Inglaterra) e aos Estados Unidos. Essa relação ganhou novas feições entre 1950 e 1970. Celso Furtado, por exemplo, entende o subdesenvolvimento do Brasil não como uma fase ou etapa que antecederia a do desenvolvimento, mas como uma posição na estrutura do capitalismo mundial, marcada pelo crescimento indireto, isto é, que ocorre com base nas demandas de países mais industrializados. Para Fernando Henrique Cardoso, a industrialização no Brasil entre os anos 1950 e 1970 não é típica apenas da sociedade brasileira, podendo ser observada também em outros países da América Latina. Segundo ele, essa nova fase é marcada pela transferência de capitais estrangeiros para o Brasil, o que trouxe ao país empresas multinacionais produtoras de bens de consumo e reproduziu formas de dependência industrial, financeira e tecnológica. Já para Vânia Bambirra, no período pós-Segunda Guerra Mundial a expansão do capital se orientou pelo domínio

das fontes de matérias-primas e pelos investimentos nos setores manufatureiros dos países dependentes, como o Brasil. Houve a substituição de importações e o abandono do projeto de desenvolvimento autônomo. Por meio de alianças entre a burguesia industrial e os setores agrário-exportadores, o país foi submetido ao capital externo. A resposta à atividade 4 pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie como os estudantes aplicam as reflexões e os conceitos apresentados para analisar o processo de formação e manutenção da dependência do Brasil em relação aos países hegemônicos.

5. As teóricas brasileiras Vânia Bambirra, Heleieth Saffioti e Lélia Gonzalez, cada qual a seu modo, desenvolveram pontos de vista que podem ser considerados interseccionais, isto é, que levam em conta uma imbricação das opressões ao analisar relações sociais. Bambirra teve influência relevante na elaboração da teoria da dependência e no estudo do socialismo na América Latina e se dedicou a entender o papel das mulheres no período. Saffioti teve uma trajetória ampla de estudos sobre as mulheres na sociedade de classes e estudou o emprego doméstico e as violências de gênero. Já Lélia Gonzalez desenvolveu uma reflexão relevante sobre questões raciais.

6. Em *Negros na piscina*, Nazareth faz um apelo pela presença de pessoas negras em espaços de lazer e ócio, em geral restritos a pessoas brancas e de classe alta, em razão da forte correlação entre etnia e classe no Brasil. A obra *What is the color of my skin?/Qual é a cor da minha pele?*, ao lado do também artista Moisés Patrício, põe em evidência as tensões em relação à questão racial no Brasil: embora seja frequente ouvir falar em "democracia racial", o que os teóricos trabalhados no capítulo consideram um "mito"; muitas pessoas evitam fazer referências diretas às palavras "preto" e "negro", preferindo termos como "moreno", entre muitos outros.

Interdisciplinaridade

EM13LGG103

Espera-se que os estudantes mobilizem seus conhecimentos em Linguagens e suas tecnologias para analisar e interpretar criticamente discursos em textos visuais, como é o caso das obras de arte apresentadas na atividade 6.

7. O trecho permite discutir a ideia de que é possível articular distintas opressões, como as de gênero e de etnia, mesmo mais de um século depois da criação do termo interseccionalidade, por Kimberlé Crenshaw, a partir de debates nos anos 1970 e 1980. A interseccionalidade está presente no discurso de Sojourner Truth quando a ativista descreve o tratamento diferente que recebe em relação ao dado a uma mulher branca. Truth questiona a existência de um ideário machista de que as mulheres são indivíduos frágeis, que requerem tutela e atenção especial, ao indicar que esse ideário diz respeito apenas às mulheres brancas. As mulheres negras, pelo contrário, são frequentemente tratadas com brutalidade. A expressão "entrada das mulheres no mercado de trabalho", por exemplo, é bastante comum para se referir à emancipação feminina, mas em geral considera apenas mulheres brancas e de classes mais altas. O feminismo negro problematiza essa noção, defendendo que as mulheres negras sempre estiveram presentes no mercado de trabalho e no trabalho escravo.

8. O trecho de Maria da Conceição Tavares situa historicamente o Brasil e suas relações com o capital externo, desde o fim do Império em 1889. O texto descreve como desde o início da República o Brasil realizou ajustes recessivos e renegociações da dívida orientadas por credores do exterior. Essa contextualização fundamenta o que se tornou, nos anos 1950 e 1970, a teoria da dependência, discutida por autores como Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Theotonio dos Santos e André Gunder Frank. O argumento principal dessa teoria é o de que, entre 1950 e 1970, desenvolveu-se no país uma nova forma de dependência – diferente da velha dependência que prevaleceu do século XIX até aproximadamente os anos 1930. A nova dependência teria como eixo a transferência de capital estrangeiro para o processo de industrialização de novos segmentos industriais e para a instalação de filiais de multinacionais no país.

Interdisciplinaridade

EM13CHS606

Ao analisar as características sociais e debater o conceito de raça, a atividade 2 da seção *Enem e vestibulares* permite que os estudantes correlacionem os conteúdos de Geografia e Sociologia.

Capítulo 10 – Temas contemporâneos da Sociologia (p. 236)

Objetivos do capítulo

- Entender como a indústria cultural atinge as expressões culturais e artísticas por meio dos signos da produção e do consumo em massa.
- Avaliar os impactos da revolução informacional na exploração e na subordinação do(a) trabalhador(a).
- Compreender o processo de financeirização da economia.
- Discutir o conceito de pós-modernidade com base nas perspectivas de Giddens e Harvey.
- Distinguir a noção de empreendedorismo clássica de Schumpeter da ideia neoliberal de empreendedorismo.
- Discutir o papel da inovação tecnológica e da inteligência artificial na criação de empregos.

Justificativas do capítulo

O capítulo aborda questões centrais da economia e da cultura contemporâneas, a começar pela análise de como o avanço da produção mercantil em larga escala impactou a produção cultural e artística. Em seguida, examina os impactos da revolução informacional na condição do trabalhador, discutindo como as novas tecnologias podem ser utilizadas para intensificar a exploração laboral. O capítulo também apresenta o processo de financeirização da economia e como ele transforma a produção e a distribuição de riquezas. Ao abordar o conceito de pós-modernidade e as críticas à sua utilização, são levantadas reflexões sobre a fragmentação social e as incertezas do capitalismo tardio.

O capítulo convida o estudante a questionar como o discurso que promove as noções de sucesso individual e autonomia no empreendedorismo impacta a realidade do trabalhador na sociedade contemporânea. Por fim, é discutido o papel da inovação tecnológica e da inteligência artificial na criação e na destruição de empregos.

Competências gerais: 1, 2, 5, 6, 7, 9 e 10

Competências específicas: 1, 2, 3, 4 e 5

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS202, EM13CHS303, EM13CHS401 e EM13CHS403

Temas contemporâneos transversais: Ciência e Tecnologia: Ciência e Tecnologia; Economia: Trabalho; Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos; Multiculturalismo: Diversidade Cultural

A indústria cultural (p. 236)

Ao abordar o tema da indústria cultural, incentive a reflexão crítica sobre conteúdos consumidos, promovendo uma análise das influências da mídia e do entretenimento nas dinâmicas sociais e culturais da atualidade.

No detalhe (p. 237)

Espera-se que os estudantes respondam com base nos conteúdos trabalhados até aqui. Eles podem apontar questões como seleção de alimentos pela estética, desperdícios na logística e armazenamento inadequado, além de questões financeiras, como o foco no lucro. Caso julgue necessário, comente com eles a crítica à lógica capitalista evidenciada na tirinha, pois, assim como Adorno e Horkheimer criticaram a mercantilização da arte, o sistema mercantiliza até mesmo as necessidades básicas, como a alimentação.

O capitalismo transforma tanto a cultura quanto a comida em mercadorias descartáveis, focadas apenas no consumo e no lucro, sem considerar o bem-estar coletivo. Isso demonstra que, embora haja uma abundância de alimentos, eles não são acessíveis às pessoas que mais precisam, evidenciando que o problema não é a falta de recursos, mas a incapacidade de distribuí-los adequadamente dentro da lógica do sistema econômico. Assim, o desperdício de alimentos ilustra a contradição do capitalismo, que prioriza o lucro em detrimento da justiça social e do combate à fome. Caso julgue oportuno, aproveite para analisar com os estudantes a ilustração da página 238.

Retome (p. 237)

1. Uma relação possível de ser citada é a produção em massa e o objetivo de gerar lucro.

2. Espera-se que os estudantes apontem, por exemplo, manifestações culturais realizadas em escala e alcance reduzidos, ou seja, em contextos locais ou comunitários. Essas manifestações muitas vezes resistem à lógica de mercantilização da indústria cultural e mantêm seu valor simbólico, espiritual e social, especialmente em comunidades indígenas, negras e outras consideradas minorias. Em muitos casos, essas culturas são preservadas e transmitidas de geração em geração como formas de resistência cultural e de afirmação da identidade, não subordinadas aos interesses do mercado global.

3. Expressões culturais tradicionais de determinadas regiões, como o jongo no Sudeste e o coco ou o cavalo-marinho no Nordeste, não nasceram atreladas ao mercado: elas eram realizadas coletivamente em encontros sociais cotidianos e celebrações das suas comunidades de origem e faziam sentido para essas pessoas. Diante disso, a indústria cultural se apropriou e reinterpretou essas manifestações, para que elas fossem transformadas em produtos vendáveis em grandes espetáculos que garantam lucro para aqueles que os produzem.

4. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a refletir sobre exemplos do seu cotidiano e a compartilhar suas impressões com a turma.

Mundo digital (p. 242)

1. A Quarta Revolução Industrial traz tanto oportunidades quanto desafios. Por um lado, a tecnologia pode gerar novos empregos e impulsionar o progresso. Por outro, há o risco de desemprego tecnológico, quando máquinas substituem trabalhadores humanos, agravando a desigualdade social. O resultado provável está entre esses dois extremos, exigindo capacitação e inclusão digital para que mais pessoas possam se beneficiar dessas mudanças.

2. Espera-se que o estudante comente que os indivíduos que não dominam recursos digitais enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho, que está cada vez mais dependente de habilidades tecnológicas. Essas pessoas podem ser marginalizadas e excluídas de oportunidades de emprego, educação e até de serviços básicos que agora são acessados majoritariamente por meio digital. Isso agrava a exclusão social e econômica.

3. Como público-alvo, os estudantes poderão escolher pessoas idosas ou pessoas com dificuldade de acesso a recursos digitais. Nesse sentido, podem elaborar distintas estratégias para promover a inclusão digital, em forma de tutorial ou de dicas de como utilizar ferramentas digitais de modo seguro.

Modernidade e pós-modernidade (p. 245)

É importante que os estudantes pesquisem e comparem movimentos sociais, como o movimento negro, feminista, LGBTQIAPN+ ou indígena, ressaltando como suas reivindicações estão ligadas a questões estruturais mais amplas, como a luta contra desigualdades econômicas e sociais. Na discussão sobre modernidade e pós-modernidade, incentive os estudantes a refletir sobre como essas transformações impactam de forma desigual diferentes grupos sociais. Destaque a importância de considerar a diversidade de gênero, raça, etnia e religião, e como as grandes narrativas da modernidade, bem como as fragmentações da pós-modernidade, podem reforçar ou combater estereótipos e discriminações.

No detalhe (p. 246)

Espera-se que os estudantes considerem o aspecto da fluidez presente na obra de Néle Azevedo, que pode ser interpretada como uma representação da analogia criada por Zygmunt Bauman sobre os efeitos da pós-modernidade nos indivíduos.

Sugestão

- MONUMENTO MÍNIMO. Néle Azevedo. Disponível em: https://tedit.net/2bzhv5. Acesso em: 19 set. 2024.

A página no *site* da artista apresenta informações sobre a concepção da obra *Monumento Mínimo*.

A fotografia da página 247 mostra uma manifestação em oposição aos movimentos da extrema direita contrários à imigração. Desde o Brexit – processo de saída do Reino Unido da União Europeia por meio de referendo em 2016 –, debates sobre a imigração, identidade nacional e economia foram à tona. Enquanto defensores do Brexit defendiam a necessidade de mais controle sobre fronteiras e políticas migratórias, movimentos contrários ao Brexit frequentemente denunciavam o crescimento do nacionalismo e da xenofobia.

O processo do Brexit pode ser compreendido como um exemplo da crise da modernidade em relação à confiança nas instituições supranacionais e nos discursos de progresso econômico e social. Além disso, ele representa as incertezas, as fragmentações e as descontinuidades próprias da pós-modernidade.

Retome (p. 247)

1. Espera-se que os estudantes indiquem que movimentos identitários são diferentes grupos formados por pessoas com características comuns, como etnia, gênero, classe, orientação sexual, nacionalidade, etc., organizadas para lutar por seus direitos. A partir daí, eles devem estabelecer relações entre as pautas de alguns desses grupos, apresentando exemplos que demonstrem sua especificidade. Peça aos estudantes que pesquisem movimentos sociais, como os movimentos negro, feminista, LGBTQIAPN+ ou indígena, ressaltando a relação entre suas reivindicações e questões estruturais amplas, como a luta contra desigualdades econômicas e sociais.

2. A modernidade se refere a um período marcado pela ideia de universalidade, que privilegia as formas de conhecimento científico totalizantes e produz interpretações teóricas abrangentes e homogeneizantes. O pós-modernismo, por sua vez, privilegia a diferença, a diversidade, a fragmentação e a indeterminação.

Empreendedorismo e tecnologias no trabalho (p. 248)

O empreendedorismo e as tecnologias do trabalho, embora frequentemente celebrados como motores de inovação e eficiência, também merecem uma análise crítica, já que perpetuam uma lógica de competitividade que ignora a colaboração e o bem-estar coletivo.

No detalhe (p. 248)

1. A charge critica as condições extremas de trabalho, mostrando que os desafios enfrentados por trabalhadores, como a entrega em locais inacessíveis ou a intensa carga horária, são muito significativos e por vezes ignorados na narrativa do "empreendedorismo". Ela expõe a precarização do trabalho ao expor o trabalhador a situações quase impossíveis.

2. A crença de que o sucesso depende apenas do esforço individual não explica a realidade de muitos trabalhadores, que enfrentam barreiras sistêmicas e condições de trabalho adversas, como as representadas na charge. Essas condições muitas vezes não são superadas apenas pelo esforço, mas dependem de fatores externos e sociais. Incentive a discussão sobre possíveis soluções, como a regulamentação dessas plataformas digitais e o papel das organizações sindicais na luta por melhores condições de trabalho, de vida e com direitos para esses trabalhadores.

Retome (p. 250)

1. Oriente os estudantes a realizar pesquisas em *sites* e fontes confiáveis, como o portal do governo federal (disponível em: https://tedit.net/mw14f4; acesso em: 30 out. 2024) e o do Sebrae (disponível em: https://tedit.net/ukzmfg; acesso em: 27 set. 2024). Eles também podem buscar por reportagens e relatos de pessoas que sejam MEI para refletir sobre os prós e contras dessa forma de trabalho. Como desvantagens desse modelo de trabalho é possível citar a ausência de garantias trabalhistas, a limitação da contribuição previdenciária, a responsabilidade integral pelo negócio e, muitas vezes, as más condições de trabalho e a falta de proteção contra acidentes de trabalho. Entre as vantagens, podem ser citados a autonomia para gerir horários e atividades, os custos reduzidos de tributos e o acesso facilitado à aposentadoria mínima. Considerando os prós e contras, no entanto, espera-se que os estudantes reconheçam que a autonomia propagandeada pelo discurso empreendedor não é suficiente para caracterizar uma relação de trabalho benéfica para o trabalhador.

2. Incentive os estudantes a levantar material em *sites* e fontes confiáveis, bem como a conversar com pessoas que trabalham como motoristas e entregadores de aplicativos. Também é possível buscar por dados oficiais de institutos de pesquisa, como o IBGE, em páginas disponíveis em: https://tedit.net/grzyxq e https://tedit.net/sf5ad8; acesso em: 27 set. 2024. Espera-se que a conclusão dos estudantes seja direcionada ao privilégio dos interesses das empresas proprietárias das plataformas digitais de transporte e entrega em detrimento das condições do trabalhador.

Orientar os estudantes a pesquisar e confrontar textos que expliquem como as plataformas digitais evitam a contratação formal para reduzir custos, geralmente não oferecendo direitos trabalhistas, como férias, 13º salário e seguro-desemprego, pedindo que reflitam sobre como a flexibilidade do trabalho nessas plataformas muitas vezes resulta em precarização, disfarçada como "autonomia", deixando os trabalhadores em condições vulneráveis. Vale incentivar a discussão sobre possíveis soluções, como a regulamentação dessas plataformas digitais e o papel das organizações sindicais na luta por melhores condições e direitos para esses trabalhadores.

A inteligência artificial (p. 253)

Incentive os estudantes na leitura dessa página. Oriente-os a refletir sobre as implicações éticas e sociais relativas à inteligência artificial (IA), considerando questões como direitos autorais, privacidade e o impacto no mercado de trabalho, especialmente em empregos que podem ser automatizados. Vale comentar que a IA pode ampliar a produtividade, mas também introduzir desafios, como a intencionalidade sobre os algoritmos e a necessidade de regulamentações sociais e jurídicas para garantir seu uso adequado, ético e justo. Do mesmo modo, discuta com a turma sobre o papel do ser humano no controle ético da IA.

Trabalhando com charge (p. 254)

Leia o texto introdutório com os estudantes e analise com eles a charge, à luz do tema das falhas do sistema capitalista.

Respostas

1. A charge de Adão Iturrusgarai faz uma crítica ao comparar a falha de um sistema de computador com a vulnerabilidade de uma pessoa em situação de rua. A frase "Ocorreu um problema do sistema" sugere que, apesar dos avanços tecnológicos, os problemas sociais persistem. Assim, a charge utiliza humor e crítica para refletir sobre a incapacidade da tecnologia de resolver questões humanas, como a pobreza.

2. Espera-se que os estudantes reflitam que as inovações tecnológicas não são concebidas com o objetivo de resolver os problemas mais primordiais da humanidade, como a fome e a desigualdade, e sim para gerar lucro e alimentar a economia e o mercado financeiro.

3. Para essa atividade é importante que os estudantes usem a criatividade ao identificar problemas que circundam sua comunidade ou a sociedade em geral. As mudanças climáticas são um exemplo de questão que está gerando muitos problemas sociais; nesse caso, as tecnologias digitais, principalmente as mídias sociais, poderiam ser utilizadas para divulgar campanhas de conscientização e para chamar a atenção de autoridades.

Galeria de atividades (p. 255)

1. O que se convencionou chamar de Revolução Informacional não alterou estruturalmente as relações sociais nas sociedades capitalistas. Por isso, o termo "revolução" deve ser relativizado. Alguns autores entendem que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) seriam distintas das tecnologias e maquinários anteriores por demandarem uma participação ativa, criativa e inventiva dos trabalhadores. Por serem sistemas operacionais, requisitariam maior uso de trabalho intelectual para funcionar adequadamente, o que não permitiria a organização padronizada das atividades produtivas, como a do taylorismo; em vez disso, estabeleceria a efetiva participação dos trabalhadores na organização de suas atividades. Essa expectativa, no entanto, foi em grande medida frustrada.

2. A financeirização da economia capitalista pode ser pensada como uma fase histórica da organização desse modo de produção. Isso não quer dizer que os princípios centrais das finanças não existissem desde o início do capitalismo. Como Marx observou, já no século XIX o crédito (capital portador de juros) era uma forma de potencializar a valorização do capital. Essa forma de organização da economia política capitalista, porém, tornou-se predominante a partir dos anos 1970, com a tentativa por parte do capital de recompor suas taxas de lucro. Tal recomposição tornou-se possível, entre outros fatores, pela mundialização do capital, isto é, pela liberalização dos fluxos de capital pelo mundo, que se fundamenta no capital fictício, ou seja, em um crédito que não é investido na produção, operando sob a forma de rendimento nas bolsas de valores. A ampliação desse tipo de capital fez com que se afirmasse o predomínio do capital financeiro em relação ao capital industrial nas últimas décadas, mas continua se tratando do aprofundamento da valorização do capital.

3. Diversos autores discutem as diferenças entre a modernidade e a pós-modernidade. Com base neles, pode-se afirmar que a modernidade teria como eixo a crença no desenvolvimento racional e na possibilidade de resolver os problemas da humanidade com base no conhecimento científico e no desenvolvimento econômico. Já a pós-modernidade buscaria negar esse discurso universal e totalizante, afirmando que na atualidade as relações sociais seriam fragmentadas, efêmeras, diversas e heterogêneas. As teorias da pós-modernidade se fundamentam, assim, na premissa de que a realidade é multiforme, sendo necessário pensar cada contexto ou grupo social a partir de suas singularidades, daquilo que os diferencia. No entanto, muitos autores, como Anthony Giddens, contestam a existência da pós-modernidade, afirmando haver, em vez disso, uma radicalização das consequências da modernidade, ou uma

ilusão de mudança, de efemeridade e de valorização da diversidade, que esconde a persistência de estruturas de poder globais, como afirma David Harvey.

4. Os estudantes podem recorrer a diferentes linhas contemporâneas para interpretar a tirinha. Uma delas se relaciona com as teorias da pós-modernidade ou da modernidade líquida, segundo as quais as relações sociais teriam se tornado fragmentadas e efêmeras, rompendo-se em uma velocidade nunca vista.

5. Uma das características centrais do modo de produção capitalista é a permanente tentativa de recompor suas taxas de lucro. Nos anos 1970, em um desses processos, a financeirização se tornou predominante. A financeirização fundamenta-se no capital fictício, que opera sob a forma de rendimento. Em vez dos resultados (lucros ou prejuízos) de uma empresa, o que passa a contar na avaliação dos valores das ações de uma empresa são perspectivas futuras, baseadas nas análises realizadas nas Bolsas de Valores e agências de análise de riscos. Informações privilegiadas, por exemplo, podem levar a grandes movimentações de valores que enriquecem especuladores e arruínam pequenos investidores e empresas, provocando falências, demissões e outras consequências na esfera produtiva. Ao mesmo tempo, criar burburinhos favoráveis sobre as perspectivas de uma empresa pode levar à valorização de suas ações mesmo que não haja efetivo lastro de que ela vá ampliar sua produção e entregar os lucros esperados. Nesse sentido, há uma aproximação entre a dinâmica da financeirização e a das redes sociais, que se baseiam na demanda expressa na forma de curtidas, comentários e compartilhamentos, como representado no cartum.

6. Nos últimos tempos, as tecnologias de informação e comunicação abriram canais de sociabilidade desconhecidos até então. As trocas de *e-mails* e a participação em redes sociais e *blogs*, jornais, revistas e livros eletrônicos aos quais podemos ter acesso permitem novas formas de organização coletiva e de divulgação de ideias. A utilização dessas novas tecnologias, contudo, não é emancipadora ou libertária, pois não eliminou nem mesmo diminuiu as desigualdades sociais. Na verdade, o desenvolvimento dessas tecnologias não é algo neutro e que serviria ao interesse público, afinal, as TICs têm como objetivo aumentar a produtividade do trabalho. Um exemplo disso é a intensificação do trabalho remoto e/ou autônomo mediado pelas tecnologias informacionais. A conjunção da robotização e da informatização da produção com a cobrança por maior produtividade do trabalho levou à redução do número de trabalhadores empregados, aumentando, por um lado, a lucratividade das empresas e, por outro, o desemprego e a sobrecarga daqueles que permanecem empregados. A ergonomia tornou-se uma preocupação essencial no contexto do trabalho remoto, pois o aumento das horas em frente a dispositivos eletrônicos, como computadores e *tablets*, sem as condições físicas adequadas, elevou o risco de problemas de saúde. Problemas como dores nas costas e lesões por esforço repetitivo (LER) tornaram-se mais frequentes, especialmente em cenários de trabalho improvisado. A falta de cadeiras adequadas, apoio para o computador e outros fatores ergonômicos dificultou a adaptação ao *home office*, prejudicando o bem-estar dos trabalhadores.

Esta atividade pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie como os estudantes aplicam as reflexões e os conceitos apresentados para analisar a utilização de novas tecnologias.

7. As transformações econômicas, políticas e sociais trazidas pela "reestruturação do capital" entre meados do século XX e início do século XXI trouxeram à tona demandas relacionadas à luta de classes que, embora pareçam novas, referem-se a antigas formas de opressão. Os chamados "novos movimentos sociais", como os movimentos feministas, são exemplos de organização em torno dessas demandas. A fotografia mostra a manifestação de um movimento social feminista pelo enfrentamento de diferentes desigualdades sociais, que incluem desigualdades de classe, étnico-raciais, de acesso à renda e à terra, entre outras.

Debate plural (p. 258)

Retome com os estudantes que, embora busque alcançar o maior público possível, a indústria cultural tem como principal objetivo o retorno financeiro. Assim, o produto que não tem retorno comercial é logo tirado de circulação e substituído. A indústria cultural também influencia o gosto do público ao, por exemplo, investir massivamente em determinada música, divulgando-a de forma incessante. Além disso, a indústria cultural reproduz bens culturais distintos para públicos com poder aquisitivo diferente. Os bens culturais, portanto, estão cada vez mais sujeitos às imposições do mercado, transformados em mercadorias e submetidos a um processo de produção cuja finalidade é gerar lucros, tornando-os consumíveis e descartáveis.

Respostas

1. A personagem Mafalda reflete o incômodo ao ser bombardeada pelas transmissões dos aparelhos televisivos, quando oferecem produtos para serem consumidos, induzindo as pessoas a atitudes, comportamentos e decisões baseadas nas transmissões que recebem.

2. Os textos da seção estão em sintonia com a interpretação de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural. O texto de Gabriel Cohn, por sua vez, introduz uma nuance ao reconhecer a tensão entre a mercantilização da cultura e a tentativa de preservar sua individualidade e especificidade. Adorno e Horkheimer também reconhecem essa tensão, mas enfatizam que, na prática, a lógica da produção em massa e da equivalência mercantil tende a predominar, sufocando a verdadeira autonomia e a singularidade cultural. Assim, ainda que haja uma aparente resistência à mercantilização integral, o processo inevitavelmente transforma a cultura em mais um bem padronizado e manipulável no capitalismo.

3. Espera-se que os estudantes exercitem a criatividade e a imaginação ao refletir sobre a ideia de cultura sem a necessidade de ligá-la ao consumo comercial atrelado ao lucro. É bem possível que haja a discussão sobre como os artistas sobreviveriam sem o apelo comercial. É interessante incentivá-los a pensar que vivemos em uma sociedade democrática em que a cultura está

expressa na Constituição, portanto é um direito e um dever do Estado, regulamentado nos Direitos Humanos e na Constituição federal, apoiar a cultura e seus produtores (art. 215).

A atividade do *slam* pode envolver competição, desde que respeitosa, e abranger *performance*, interatividade e comunidade. Combine com os estudantes o formato mais adequado para o ritmo das aulas. A ideia é que exercitem a criatividade, o protagonismo e a socialização para pensar criticamente a indústria cultural. Caso seja viável, peça a eles que gravem suas produções em um *podcast* e compartilhem em uma plataforma digital.

Unidade 5 – Ciência Política (p. 260)

A abertura da unidade pretende incentivar os estudantes a valorizar a importância da política, bem como a reconhecer sua presença no cotidiano. Discuta com a turma sobre como as decisões políticas afetam diretamente os direitos, as liberdades e a qualidade de vida de todos, chamando a atenção para o impacto, tanto positivo quanto negativo das políticas públicas. Ressalte o papel da participação cidadã e a necessidade de desenvolver o pensamento crítico para combater o abuso de poder. Com isso, espera-se que os estudantes reconheçam que a política não é um conceito abstrato, mas parte fundamental da vida em sociedade.

Respostas

1. É possível que os estudantes, a princípio, considerem o fazer político atrelado apenas a ambientes institucionais, como as casas legislativas e os partidos políticos. Nesse caso, incentive-os a pensar na definição de política apresentada no texto e analisar momentos distintos do cotidiano em que estabelecemos e discutimos regras de convivência e conciliação de interesses.

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que participar de uma reunião de condomínio é uma ação política, assim como decidir reciclar o lixo, optar por uma maneira de se vestir, de se alimentar, são escolhas com potencial político à medida que refletem decisões a respeito do mundo que desejamos. Assim, espera-se que eles comecem a expandir essa compreensão e entendam que suas ações também são políticas.

Capítulo 11 – Política, poder e Estado (p. 262)

Objetivos do capítulo

- Compreender os tipos de dominação legítima conceituados por Weber.
- Analisar a formação dos Estados modernos e o exercício de seu poder.
- Conhecer as ideias dos principais teóricos contratualistas.
- Examinar as características da democracia.
- Analisar o papel e a função dos partidos políticos na democracia.

Justificativas do capítulo

O capítulo pretende aprofundar a compreensão dos estudantes sobre o poder político, a formação dos Estados e o funcionamento das democracias. Para tal, os estudantes são convidados a refletir a respeito das bases teóricas de análise do Estado e do poder, bem como das estruturas que governam as sociedades modernas. Compreender esses conceitos é essencial para a formação de indivíduos críticos e conscientes, capazes de analisar o papel das instituições e a dinâmica do poder em diferentes contextos e contribuir para o fortalecimento do regime democrático.

Competências gerais: 1, 6, 7 e 9

Competências específicas: 1, 5 e 6

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS503, EM13CHS602 e EM13CHS603

Temas contemporâneos transversais: Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social

Política e poder (p. 262)

Leia o texto inicial com os estudantes, faça pausas para explicar os conceitos envolvidos e analisem a fotografia juntos, antes de responder ao boxe *No detalhe*.

No detalhe (p. 262)

1. A fotografia retrata membros de organizações sociais em confronto com a polícia durante uma manifestação em Buenos Aires, Argentina, em 2024. Os manifestantes simbolizam a resistência popular contra medidas econômicas governamentais, enquanto a polícia representa a autoridade estatal e a imposição da ordem pública.

2. Os manifestantes estão exercendo um direito reservado a eles de protestar contra as medidas econômicas introduzidas pelo governo federal; a investida policial, nesse caso, pode representar uma afronta do Estado a esse direito. Sendo assim, e considerando que para que se consolide a dominação legítima os dominados estejam convencidos de que é certo obedecer, situações como a representada na fotografia podem enfraquecer esse convencimento e colocar em xeque a legitimidade do Estado.

Infográfico – Leviatã – uma alegoria do Estado (p. 268)

Leviatã (1651) é um dos livros políticos relevantes do Ocidente. Sua influência extrapola as diferentes realidades políticas do mundo, mantendo-se como um referen-

cial para o estudo do poder e da política. O tema central da obra é a organização social e a maneira como a política é pensada, aplicada e interfere nesse contexto.

Respostas

1. Antes que os estudantes respondam a esta questão, peça-lhes que releiam com atenção, no capítulo, as ideias de Thomas Hobbes no *Leviatã*. Na gravura, pode-se inferir que a coroa representa o sistema político defendido por Hobbes, a monarquia, cuja liderança política seria personificada pelo rei. A espada, na mão direita, justificaria a segurança, o Exército nacional, já que na obra de Hobbes o povo teria de renunciar a tudo em troca da segurança. O cetro episcopal (símbolo maior da Igreja) na mão esquerda significaria que a Igreja também se submeteria aos poderes políticos do rei. O corpo do rei é formado por inúmeras pessoas, simbolizando a origem do poder real, o povo. Finalmente, o tamanho do rei mostraria o alcance que ele teria sobre todo o território nacional, controlado integralmente por um governo central.

2. Espera-se que os estudantes considerem que a monarquia é uma forma de governo em que o rei (monarca) exerce papel político, podendo ser mais ativo, governando o Estado, ou mais passivo, cerimonial, em que cumpre meras funções de representação. Existem dois tipos de monarquia vigentes atualmente: a monarquia constitucional e a monarquia absoluta. Dê como exemplos a monarquia inglesa (constitucional), que tem governo parlamentarista, e o reinado absolutista da Arábia Saudita, onde o rei é o chefe de Estado e de governo.

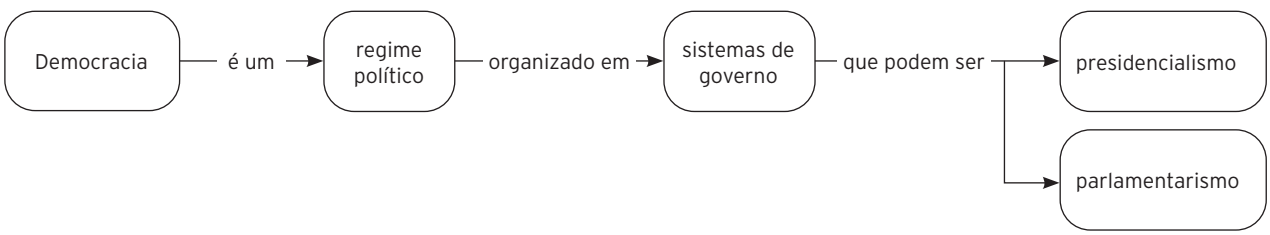
3. O sistema político brasileiro difere da monarquia porque é presidencialista, ou seja, é uma república federativa. República porque o chefe de Estado é eletivo e temporário; federativa porque cada Estado que compõe o país é dotado de alguma autonomia política; presidencialista porque ambas as funções de chefe de governo e chefe de Estado são exercidas pelo presidente.

Regimes políticos: a democracia (p. 271)

Indique aos estudantes que uma das características principais da democracia é a concessão das decisões políticas a representantes dos interesses dos cidadãos. Muitos países republicanos ocidentais são, em algum grau, democráticos e mesmo em monarquias, como na Inglaterra, o exercício do poder se dá democraticamente. Incentive um debate sobre poder político e representação com a turma. Para isso, instigue-os com as seguintes provocações: "Se a tomada de decisões por parte do Estado é do interesse dos cidadãos, qual é a importância da representação política?"; "Seria possível alinhar as necessidades dos diferentes grupos sociais sem a nomeação de mandatários?".

No detalhe (p. 273)

1. As possibilidades de configuração da cédula são: Monarquia parlamentarista; Monarquia presidencialista; República parlamentarista e República presidencialista.



2. Os estudantes podem citar as seguintes características:

- Monarquia parlamentarista: o chefe de Estado é o monarca e o poder Executivo é exercido pelo primeiro-ministro, que é escolhido pelo Parlamento.
- Monarquia presidencialista: o chefe de Estado é o monarca, mas também exerce controle significativo sobre o Poder Executivo, às vezes compartilhando-o com um presidente eleito ou indicado, dependendo da estrutura específica do governo.
- República parlamentarista: o chefe de Estado é o primeiro-ministro eleito pelo Parlamento.
- República presidencialista: o chefe de Estado é o presidente eleito pelo povo.

Retome (p. 273)

Oriente os estudantes na elaboração do mapa conceitual, explicando que ele deve ser formado por conceitos-chave conectados por linhas ou setas. A intenção do mapa conceitual é facilitar a visualização e o entendimento das ideias. Se julgar necessário, apresente exemplos de mapas conceituais, ainda que eles tenham outros temas. A seguir, sugerimos um exemplo de mapa conceitual conforme solicitado na atividade.

Trabalhando com lei (p. 276)

Apresente o texto da Lei n. 9096 aos estudantes e, se possível, busque a íntegra para ler com a turma outros artigos que considerar pertinentes.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes elenquem os seguintes tópicos: a) os partidos devem respeitar a soberania nacional, o regime democrático, o pluripartidarismo e os direitos fundamentais da pessoa humana; b) os partidos funcionam nas casas legislativas por intermédio de uma bancada; c) terão funcionamento parlamentar os partidos que obtiverem o apoio de, no mínimo, cinco por cento dos votos apurados, não computados os brancos e os nulos, distribuídos em, pelo menos, um terço dos Estados, com um mínimo de dois por cento do total de cada um deles.

2. Os pressupostos de "respeito à soberania nacional, ao pluripartidarismo e aos direitos fundamentais da pessoa humana" exigidos nos programas dos partidos políticos no Brasil se baseiam nos princípios da Constituição federal. Eles garantem a defesa da independência do país, a diversidade de partidos e a proteção das liberdades e direitos individuais, essenciais para a democracia.

Galeria de atividades (p. 277)

1. Para manter a dominação, o detentor do poder precisa conquistar a legitimidade, isto é, o consentimento dos cidadãos de que o correto é obedecer a ele.

2. Para Weber, o Estado é um conjunto de instituições que exercem o monopólio da violência (ou força) legítima no interior de determinado território. O Estado, portanto, busca fazer com que a população do território o aceite como único detentor do direito de usar a violência em algumas circunstâncias, em prol do bem-estar dos cidadãos.

3. Segundo Hobbes, no estado de natureza havia a guerra de todos contra todos e não existia nenhuma garantia de direito à vida ou à propriedade. Para sair dessa situação, as pessoas teriam concordado em abdicar de sua liberdade e obedecer ao Estado, que deveria, então, garantir a segurança delas. Locke, por sua vez, entende que as pessoas, no estado de natureza, já tinham direito à liberdade e à propriedade. Entretanto, não havia juiz para resolver discordâncias sobre quem teria direito a quê. Assim, o Estado teria sido criado para garantir o exercício dos direitos à liberdade e à propriedade, considerados naturais pelo autor.

4. No parlamentarismo, os eleitores votam nos candidatos que vão compor o Poder Legislativo (o Parlamento). Uma vez eleitos, os parlamentares escolhem o chefe de governo (primeiro-ministro), que pode ser destituído por eles caso haja discordâncias graves em relação à política de governo aplicada. Já no presidencialismo o chefe do Executivo (presidente da República) é eleito diretamente pelos cidadãos ou por um colégio eleitoral mais amplo do que o Poder Legislativo, escolhido pelos eleitores (caso dos Estados Unidos).

5. **a)** Para Hobbes, a fundação do Estado aconteceria para regular a "guerra de todos contra todos": para evitar morrer violentamente, as pessoas aceitam se submeter a um governante capaz de manter a ordem. Portanto, a incapacidade de punir o ex-marido com agilidade e rigor mostra que o Estado brasileiro não foi capaz, nesse caso, de cumprir sua função adequadamente, não se mostrando capaz de moderar o estado de natureza, no qual impera a guerra de todos contra todos.

b) Para Locke, os indivíduos já tinham direito de liberdade e propriedade no estado de natureza. Estes seriam, portanto, direitos naturais, comuns a todos os seres humanos. A ideia de que todos temos determinados direitos apenas por sermos seres humanos está na raiz da Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948.

Esta atividade pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie como os estudantes empregam os conceitos clássicos à discussão contemporânea proposta.

6. **a)** Espera-se que os estudantes indiquem que a charge de Angeli sugere que o Estado brasileiro é corrupto, e que essa corrupção é resultado de milhões de atos de corrupção em toda a sociedade.

b) Há duas interpretações possíveis sobre as pessoas que compõem o gigante: elas podem representar os políticos corruptos que, somados, formam um grande sistema de corrupção; ou demonstrar os cidadãos corrompidos, que se esqueceram de seus deveres cívicos e que geram um Estado igualmente corrompido.

7. Oriente os estudantes a refletir que uma das características da política é a tentativa de conciliação de interesses, o que pressupõe disputas entre pontos de vista diferentes. Nos anos recentes, a polarização política passou a fazer parte do cotidiano das pessoas. Espera-se que no debate os estudantes concluam que isso não é necessariamente negativo, pois expressa disputas que podem culminar na definição de algo que represente a sociedade de maneira mais ampla. Entretanto, a polarização política encaminhada com ofensas e ataques agressivos afasta as pessoas do diálogo responsável e construtivo.

Interdisciplinaridade

EM13CHS101

A atividade 3 da seção *Enem e vestibulares* permite que os estudantes tenham contato com o pensamento filosófico de Thomas Hobbes e John Locke acerca da natureza humana e do Estado.

Capítulo 12 – Globalização e política (p. 280)

Objetivos do capítulo

- Entender o que é a globalização e os desafios impostos pelos problemas globais.
- Distinguir analiticamente os sistemas de Westfália e das Nações Unidas.
- Discutir como a globalização limita a ação dos Estados nacionais;

- Relacionar a pandemia de covid-19 a questões próprias da globalização.
- Debater os desafios que a globalização traz para o Brasil.

Justificativas do capítulo

O capítulo convida os estudantes a refletir sobre as limitações impostas pela globalização aos governos nacionais e os desafios específicos que países como o Brasil enfrentam nesse cenário. Ao apresentar aspectos históricos, como os sistemas de Westfália e das Nações Unidas, espera-se que os estudantes desenvolvam a visão crítica sobre a ação dos Estados nacionais. Além disso, a discussão sobre a pandemia da covid-19 permite a análise das relações entre crises sanitárias e os processos globais.

Competências gerais: 1, 2, 7 e 9

Competências específicas: 1, 2, 3 e 6

Habilidades: EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS304, EM13CHS601 e EM13CHS604

Temas contemporâneos transversais: Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social; Meio Ambiente: Educação Ambiental

O conceito de globalização (p. 280)

Leia o texto do tópico *O conceito de globalização* com os estudantes, refletindo sobre o conceito de globalização e como sua manifestação na realidade pode ser observada diariamente. Aproveite a fotografia da página para discutir esse tema.

Explicando o conceito (p. 281)

1. Como impacto positivo, os estudantes podem indicar produtos culturais, esportivos ou tecnológicos, bem como iniciativas globais para combater problemas ambientais ou pandemias, além de outros fenômenos similares. Como impacto negativo, eles podem indicar crises econômicas produzidas globalmente, pandemias, perda de capacidade de ação dos Estados nacionais, crime organizado internacional e fenômenos similares.

2. A ideia nesta atividade é mostrar como a produção do produto escolhido exemplifica a globalização, com diferentes etapas ocorrendo em diversos países. Durante o debate, incentive os estudantes a refletir sobre os impactos positivos e negativos da globalização, retomando aspectos observados anteriormente. Pontos positivos incluem o acesso a uma grande variedade de produtos e o intercâmbio cultural e econômico; enquanto os pontos negativos podem destacar a exploração de trabalhadores em países com baixos salários, violações de direitos humanos e o aumento da desigualdade entre países ricos e pobres.

A globalização e o Estado (p. 286)

Ao promover a análise das fotografias da página 287, incentive os estudantes a estabelecer relações entre as travessias retratadas e a globalização. Espera-se que eles reconheçam que a passagem de refugiados pelo mar Mediterrâneo, acompanhada de riscos à vida, e o muro da fronteira entre os Estados Unidos e o México expressam as contradições do processo de globalização: ao mesmo tempo que promove e facilita a conexão entre economias e culturas, a globalização intensifica a marginalização de certos grupos por meio do aprofundamento de desigualdades. Além disso, a globalização é insuficiente para derrubar as barreiras legais à mobilidade geográfica: diversos países, ainda que introduzidos no contexto globalizado, recusam a entrada de pessoas que buscam refúgio.

Globalização e pandemia (p. 290)

No atual período histórico da globalização, as interconexões facilitadas entre as regiões do mundo intensificam a propagação de doenças, em especial as infectocontagiosas. Em um curto período, a covid-19 disseminou-se pelo mundo inteiro tornando-se a mais devastadora crise de saúde pública global do último século. As desigualdades sociais e suas consequências na saúde pública ampliaram-se no contexto da pandemia, tornando seu enfrentamento ainda mais desafiador.

Atividade complementar

Promova um debate com os estudantes sobre as diferenças entre a pandemia de covid-19 e a peste bubônica, que atingiu a Europa medieval, considerando o momento histórico do processo de globalização no século XIV. Perguntas como: "Como ocorreu a disseminação da doença?"; "Qual foi a escala dos impactos daquela pandemia?" e "Qual foi a resposta das sociedades à peste?" podem mobilizar a discussão. Caso julgue adequado e viável, solicite aos estudantes que realizem pesquisas na internet, em *sites* confiáveis, para embasar a comparação.

Espera-se que os estudantes identifiquem que a peste bubônica propagou-se especialmente pela movimentação de mercadorias nas rotas marítimas comerciais. Como as conexões entre diferentes regiões eram mais limitadas do que as contemporâneas, a disseminação da doença foi mais lenta e restrita, apesar dos impactos devastadores. O conhecimento sobre a doença e as informações sobre os tratamentos eram extremamente limitados e fragmentados, e seu desenvolvimento foi muito lento, já que não havia comunicação e cooperação internacionais.

No detalhe (p. 292)

A partir dos dados apresentados no gráfico, é possível concluir que a vacinação teve um impacto direto e significativo na redução do número de óbitos por covid-19 no Brasil. Quando cerca de 10% da população foi vacinada, principalmente os grupos prioritários, como os mais velhos, o número de mortes caiu expressivamente. Isso demonstra que a vacinação foi crucial para controlar a pandemia e reduzir a mortalidade, encerrando a chamada "segunda onda", que foi mais mortal do que a primeira. O aumento na imunização da população mostrou que a vacinação é uma estratégia eficaz para conter o avanço de doenças graves e salvar vidas.

Economia internacional e política brasileira (p. 295)

Leia o texto da página e analise os dados do gráfico com os estudantes, avaliando a relação entre eles a história recente do Brasil.

No detalhe (p. 295)

1. O gráfico mostra que a economia global influenciou a vida política brasileira nas últimas décadas. Isso fica claro quando notamos que os períodos em que a economia global piora para a América Latina, temos crises políticas no Brasil.

2. Espera-se que os estudantes respondam que não seria incorreto atribuir exclusivamente à economia internacional a explicação para esses eventos políticos. Caso julgue oportuno, destaque que, embora a economia global tenha influenciado a política brasileira, outros fatores internos também desempenharam papéis importantes. A instabilidade política dos anos 1960, por exemplo, foi influenciada por questões ideológicas e disputas internas sobre o modelo de desenvolvimento. Nos anos 2010, além da crise econômica global, o Brasil enfrentou questões internas, como a crise política, a corrupção e o descontentamento popular com os serviços públicos. Portanto, as variações na economia internacional devem ser vistas como uma das causas, mas não como a única explicação para os eventos políticos no Brasil.

Trabalhando com notícia (p. 296)

Leia a notícia sobre o desmatamento no Brasil, de modo pausado, questionando-os sobre as principais informações apresentadas em cada parágrafo. Aponte também as fontes dos dados apresentados no texto, destacando que se trata de instituições consideradas confiáveis.

Respostas

1. O Brasil pode sofrer grandes impactos ou oferecer grandes soluções para o clima em função da geografia, da disponibilidade de água e da Amazônia.

2. É importante que os estudantes percebam a dificuldade de conciliar os interesses econômicos com a sustentabilidade ambiental, sobretudo se o lucro e a produtividade são considerados mais importantes que a preservação do meio ambiente. Os principais entraves ainda são o desmatamento, a poluição das águas e as emissões de gases de efeito estufa, que, para ser combatidas, dependem de mudanças estruturais importantes na matriz energética brasileira.

Mundo do trabalho (p. 297)

Leia o texto com os estudantes e, durante a leitura, promova alguns questionamentos, como: "Seus pais trabalharam muito tempo na mesma profissão ou empresa?"; "Acontece a mesma coisa com pessoas mais jovens que vocês conhecem?". É interessante que eles façam a reflexão sobre o processo tratado na seção numa esfera mais próxima e cotidiana.

Interdisciplinaridade

EM13CNT309

A seção permite que os estudantes compreendam a relação entre interesses econômicos e questões socioambientais, de forma a desenvolver a interdisciplinaridade entre Sociologia e Ciências da Natureza.

Respostas

1. Uma das causas são as condições de emprego e renda. Portanto, é importante que existam políticas que valorizem os profissionais locais e que a pesquisa seja fomentada, com mais laboratórios bem equipados e empregabilidade no país. Também se tornam necessários a criação de programas de acesso e a melhoria de renda, além de medidas de oferta de empregos e sobretudo o incentivo e a promoção à produção científica e tecnológica no país. Ainda que a saída de profissionais qualificados do Brasil, em razão da instabilidade política e econômica, seja prejudicial para o país, há potenciais benefícios. Quando esses profissionais trabalham em instituições de pesquisa no exterior, eles podem adquirir novas competências e, ao retornar ao Brasil, contribuir com o desenvolvimento científico e tecnológico do país. No entanto, é importante que políticas públicas sejam implementadas para incentivar o retorno desses talentos.

2. Organize os estudantes em grupos de até cinco integrantes. Em seguida, peça a eles que pesquisem as principais iniciativas dos países que desenvolvem projetos para a redução de CO_2, a recuperação de florestas, a limpeza dos oceanos, a utilização de energia limpa e a reciclagem de resíduos. Incentive-os a relacionar essas iniciativas a empresas e institutos que trabalhem nesse sentido no Brasil. É importante que analisem as alternativas e façam comparações com iniciativas brasileiras para conhecerem o tipo de trabalho e os campos de pesquisas existentes na área de desenvolvimento sustentável e meio ambiente.

3. Comente com os estudantes que diversos países, como Índia, China e Israel, combateram a "fuga de cérebros" oferecendo incentivos financeiros, investimentos em pesquisa e parcerias internacionais. No Brasil, soluções poderiam incluir programas de incentivo a cientistas e pesquisadores, melhorias na infraestrutura de pesquisa, parcerias internacionais e políticas que incentivassem o retorno de talentos. Além disso, é fundamental valorizar a educação e criar oportunidades competitivas que mantenham os profissionais qualificados no país. Essas medidas podem ajudar a reter e atrair talentos, tornando o Brasil mais competitivo globalmente.

Galeria de atividades (p. 298)

1. Para Giddens, a globalização é a intensificação das interações sociais e econômicas ao redor do mundo: eventos que ocorrem em uma parte do planeta afetam diretamente outras partes, independentemente da distância. A globalização não é apenas um fenômeno econômico, mas também cultural, político e tecnológico, uma vez que altera profundamente as relações humanas e as estruturas sociais.

2. Após a Segunda Guerra Mundial, o sistema de Westfália, que enfatizava a soberania dos Estados e a não interferência nos assuntos internos, foi criticado por sua incapacidade de prevenir conflitos globais e genocídios. Grupos da sociedade passaram a questionar a ideia de soberania absoluta e a defender um sistema de governança internacional que promovesse a paz e os direitos humanos, o que levou à criação de organizações como a Organização das Nações Unidas (ONU).

3. Essas pessoas acreditam que o poder de regular a economia e a política nacional se diluirá diante das instituições internacionais e das corporações transnacionais. Para elas, a globalização reduziria a capacidade dos Estados de controlar suas fronteiras econômicas, políticas e culturais e transferiria parte de sua autonomia a atores globais. Cabe comentar com os estudantes que tais argumentos têm contradições, já que muitos Estados continuam sendo fundamentais na formulação de políticas e na proteção dos cidadãos.

4. Os problemas ambientais, como as mudanças climáticas e a destruição de florestas, são discutidos como problemas globais porque seus efeitos ultrapassam fronteiras nacionais. O desmatamento da Amazônia, por exemplo, influencia o clima, a biodiversidade e o ciclo de carbono e, assim, tem repercussões mundiais. A natureza interconectada desses problemas exige uma resposta global, com cooperação entre países para criar soluções que mitiguem os danos ambientais e seus efeitos.

5. A rapidez com que o vírus da covid-19 espalhou-se pelo mundo é um reflexo direto da globalização. Viagens internacionais e cadeias de suprimentos globais facilitaram a disseminação do vírus, enquanto a resposta internacional exigiu cooperação entre países para desenvolver vacinas e compartilhar informações. Além disso, a pandemia expôs as vulnerabilidades das economias globais interdependentes.

6. O impacto da globalização se dá em várias áreas para além da tecnologia e da economia, como a cultura e o esporte. O futebol é um bom exemplo do fenômeno, uma vez que é acompanhado por milhões de pessoas em todo o mundo, os jogadores transitam entre times de países diversos, normalmente controlados por (poucas) empresas globais. Assim, o caráter de negócio globalizado tomou conta do mundo futebolístico.

7. Espera-se que os estudantes concluam que para Milton Santos a globalização, ocorrida "de cima para baixo", não é um processo que se dá com a mesma velocidade e intensidade em todas as regiões do mundo. Há um reforço das desigualdades socioeconômicas e o aprofundamento de problemas como a concentração de renda, a pobreza e o desemprego, por exemplo. Além disso, culturas hegemônicas acabam por conduzir a um processo de homogeneização cultural e menor protagonismo de costumes e tradições locais. É importante que os estudantes compreendam a proposta do autor de que uma outra globalização se daria na propagação do conhecimento e de seus usos. Assim se daria uma redefinição dos lugares em uma rede de relações humanas a fim de valorizar a singularidade em meio à totalidade, resultando em um mundo mais solidário.

Capítulo 13 – A sociedade diante do Estado (p. 300)

Objetivos do capítulo

- Identificar os direitos que compõem a cidadania.
- Analisar as motivações para a formação de movimentos sociais, bem como suas reivindicações e conquistas.
- Investigar os entraves à organização coletiva.
- Avaliar os benefícios sociais e individuais da participação política por meio da construção de capital social.
- Compreender diferentes perspectivas teóricas de sociedade civil.

Justificativas do capítulo

O capítulo discute como a sociedade civil se organiza e interage com o Estado. As reflexões e os conceitos relacionados à cidadania, participação política e à mobilização social contribuem para o desenvolvimento da compreensão crítica dos estudantes a respeito do funcionamento da sociedade e as dinâmicas de poder que a permeiam. O conteúdo busca incentivar os estudantes ao reconhecimento não apenas de seus direitos e responsabilidades como cidadãos, mas também da importância da participação ativa na vida política e social. Tal reconhecimento enseja a formação de cidadãos informados e engajados, preparados para contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Competências gerais: 1, 7 e 9

Competências específicas: 1, 5 e 6

Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504, EM13CHS601, EM13CHS602 e EM13CHS605

Temas contemporâneos transversais: Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social

A luta pela cidadania (p. 300)

Em tese, todos somos cidadãos, mas há pessoas que não dispõem de condições sociais, estruturais e materiais para exercer o "direito a ter direitos" como definiu Hannah Arendt. Com as desigualdades geradas pela sociedade moderna, os direitos civis, políticos e socias tornam-se privilégios relegados aos consumidores. Converse com a turma sobre esse fato e, juntos, discutam sobre quais são os direitos negados a grandes parcelas da população mundial.

Retome (p. 301)

1. Oriente os estudantes a considerar direitos relacionados a temas contemporâneos, como a crescente consciência sobre questões ambientais, direitos digitais ou igualdade de gênero, e como essas questões podem evoluir ao longo do tempo. Com base nesses temas, eles podem refletir sobre direitos como o acesso à tecnologia, a proteção de dados pessoais ou o direito a um ambiente saudável. Incentive-os a argumentar por qual motivo esses direitos poderão se tornar naturais, fundamentando suas ideias com exemplos.

2. Para identificar direitos que consideram ausentes ou não respeitados, os estudantes podem começar listando os direitos fundamentais, como educação, saúde, liberdade de expressão e igualdade. Em seguida, eles devem analisar em que medida esses direitos são respeitados; para isso, podem pesquisar casos de violação de direitos em diferentes contextos, como discriminação ou falta de acesso a serviços básicos.

Trabalhando com panfleto (p. 302)

Leia o texto da seção com os estudantes em conjunto com uma análise do panfleto sobre a luta pelo voto feminino no início do século XX. Se possível, durante a análise, destaque o ano em que as mulheres brasileiras começaram a votar; historicamente, é um direito recente, com menos de 100 anos. Reforce ainda que, apesar da conquista do voto, o número de mulheres candidatas e eleitas no Brasil ainda passa longe de ser representativo da população feminina. Como exemplo, cite que, segundo o IBGE, em 2024, durante as eleições municipais, as mulheres representaram apenas 15% dos candidatos a prefeituras do país; além disso, foram apenas 13% do total de eleitos em 1º turno.

Respostas

1. É importante que os estudantes reconheçam que as mulheres, como cidadãs, têm o direito de exercer sua liberdade individual relacionada aos direitos civis, que parecem naturais na atualidade, mas precisaram ser conquistados por meio de lutas sociais como o sufragismo.

2. O sufragismo foi um movimento de mulheres que buscava estender o direito de voto a elas, para que pudessem participar da discussão política. Para Marshall, a cidadania é uma condição que permite às pessoas participarem como iguais da discussão política e uma reivindicação de que todos participem do que Marshall chamou de "herança comum" da sociedade, da riqueza que ela produz e da discussão sobre os valores que a sustentam.

3. A luta pelo direito ao voto das mulheres no Brasil iniciou-se no final do século XIX, com a Lei Saraiva, que permitia que todo brasileiro com título científico pudesse votar. Com base nisso a cientista Isabel de Souza Mattos exigiu na Justiça o direito ao voto. A partir daí muitos movimentos se iniciaram. Espera-se que nas pesquisas dos estudantes seja mencionado o destaque ao estado do Rio Grande do Norte no contexto da luta pelo sufrágio feminino no Brasil. Em 1928, Celina Guimarães Viana, uma professora de Mossoró, tornou-se a primeira mulher a votar no país, após se alistar em uma eleição complementar para o Senado. A autorização para o registro de mulheres foi concedida pelo Poder Judiciário local, o que permitiu a Celina e a outras 20 mulheres participarem do processo eleitoral. Apesar de o Senado ter invalidado os votos devido à rejeição do voto feminino, esse ato pioneiro marcou a história do Brasil. Celina chegou a enviar um telegrama ao Senado, defendendo que todas as mulheres tivessem o mesmo direito. Seu ato impulsionou o debate que resultaria, em 1932, na oficialização do voto feminino no Brasil, representando um avanço fundamental para a igualdade de direitos na política.

Os movimentos sociais (p. 303)

O direito de manifestação é assegurado pela Constituição federal de 1988, conhecida como Constituição Cidadã. Em democracias, é comum que grupos minoritários saiam às ruas em luta por seus direitos, colocando o conceito de movimento social em pauta. Os movimentos sociais são grupos organizados que cumprem papéis sociais específicos, como os sindicatos, o movimento feminista ou o movimento LGBTQIAPN+, que luta pelos direitos da comunidade lésbica, *gay*, bissexual, transsexual, *queer*, intersexuais, assexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais.

No detalhe (p. 305)

A ação de Parks não apenas desencadeou protestos, como também se tornou um marco na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos. Espera-se que os estudantes reflitam sobre como atos individuais podem catalisar mudanças sociais e inspirar movimentos coletivos, bem como que reconheçam a importância da participação ativa na defesa e na promoção desses direitos. Compreender as consequências das lutas passadas também permite que os estudantes identifiquem a continuidade dessas questões na atualidade. Há várias possibilidades de resposta, desde aplicação de conceitos discutidos neste capítulo (como "reconhecimento") até aspectos da realidade dos estudantes que lhes parecem injustos.

Sugestão

- *Eu não sou seu negro*. Estados Unidos, 2016. 94 min.

O documentário, baseado em uma obra inacabada do poeta e dramaturgo James Baldwin, explora a vida e o legado de ativistas do movimento negro, como Martin Luther King Jr. e Malcolm X.

Problemas da ação coletiva (p. 306)

Ao discutir o problema da carona, ofereça exemplos que aproximem o tema da realidade dos estudantes, como a situação hipotética em que um estudante se beneficia de um grupo de estudo, mas não participa ativamente ou não se prepara para as discussões.

No detalhe (p. 307)

Ao trabalhar a imagem em sala de aula, incentive os estudantes a refletir sobre a metáfora dos pássaros como uma representação do poder da organização coletiva. Destaque o papel da ação coletiva para superar desafios e desigualdades, como ilustrado pela transformação dos pássaros pequenos, que juntos conseguem vencer o pássaro maior. Com base nessa análise, conduza uma discussão sobre a importância de se unir em prol de um objetivo comum, seja em contextos sociais, seja em contextos políticos, seja em atividades cotidianas.

Caso julgue oportuno, solicite aos estudantes que relacionem essa ideia com suas próprias experiências, questionando-os se já participaram de ações coletivas e quais resultados obtiveram. O intuito dessa abordagem é possibilitar que eles compreendam a relevância da cooperação, ao mesmo tempo em que exercitam o pensamento crítico sobre os desafios da organização coletiva e como tais desafios podem ser superados.

1. A resposta é pessoal, mas espera-se que os estudantes reconheçam a importância da organização coletiva, já que ela permite que a reivindicação comum a diversos indivíduos tenha mais alcance.

2. Resposta pessoal. Caso os estudantes não tenham experimentado a necessidade de organização coletiva, incentive-os a investigar possíveis demandas que sejam comuns à turma e, em seguida, conjecturar sobre como se organizariam em torno dessa demanda.

Mundo digital (p. 312)

Ao discutir as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e a participação política digital, é importante que os estudantes compreendam os benefícios e os riscos éticos envolvidos, especialmente quanto ao uso de algoritmos e Inteligência Artificial. Embora as diversas plataformas promovam maior transparência e engajamento político, elas também levantam preocupações éticas relacionadas ao controle da informação. Os algoritmos utilizados podem influenciar o acesso à informação e a maneira como a participação política é mediada, por vezes, favorecendo certos conteúdos e limitando a pluralidade de vozes.

Caso julgue necessário, incentive os estudantes a refletir criticamente sobre como as tecnologias podem reforçar ou desafiar estruturas de poder. Discuta os riscos de manipulação de dados, o controle excessivo sobre o que é visto ou compartilhado e as consequências da vigilância digital.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes reconheçam que os usos das TICs não são neutros pois essas tecnologias podem ser mobilizadas para gerar efeitos tanto negativos quanto positivos à dinâmica democrática: enquanto a difusão de *fake news* e o uso de *bots* atrapalham essa dinâmica, a criação de conexões entre pessoas e o facilitamento de acesso à informação a aprimoram, aumentando a participação política da população.

2. Espera-se que os estudantes respondam afirmativamente à pergunta proposta no título e que mobilizem como justificativa o fato de as TICs serem facilitadoras da comunicação entre as pessoas, da redução de custos das organizações, etc.

3. Oriente os estudantes a colocar no guia uma breve explicação sobre o que é a *e-democracia* e o que são as TICs. Diga a eles que levantem exemplos desse tipo de tecnologia para que o público leitor do guia possa entender o tema com mais clareza (alguns exemplos de TICs são: internet, aplicativos de mensagens instantâneas, redes sociais, *e-mail*, videoconferência, etc.). Como exemplos de *sites* e aplicativos você pode apresentar referências como o aplicativo "Poder do voto" e as páginas das redes sociais tanto dos políticos quanto das casas legislativas do seu estado.

Interdisciplinaridade

EM13LP15

A interdisciplinaridade se dá pelo pedido de que os estudantes planejem, produzam, revisem, editem, reescrevam e avaliem o texto para o guia considerando adequação ao contexto social, ao público leitor, à mídia, ao gênero textual, à variedade linguística e aos aspectos notacionais, conforme necessário.

Galeria de atividades (p. 316)

1. Segundo Marshall, os três tipos de direito são:

- Direitos civis: permitem ao cidadão exercer sua liberdade individual, como o direito à vida e à liberdade de expressão.
- Direitos políticos: permitem ao cidadão participar da vida política, como o direito de voto e a liberdade de associação.

- Direitos sociais: garantem ao cidadão o mínimo de bem-estar econômico e uma vida digna, de acordo com o padrão do país e da época, como o direito à educação e à saúde.

2. A luta por redistribuição é a busca por uma distribuição mais justa de recursos e bens materiais na sociedade, como a luta por melhores salários ou políticas de bem-estar social. Já a luta por reconhecimento é a busca por respeito e valorização de identidades e culturas, como a luta por direitos indígenas ou direitos LGBTQIAPN+.

3. O capital social é o conjunto de regras, rede de contatos pessoais e relações de confiança que facilitam a cooperação entre indivíduos e grupos. É a capacidade de formar laços sociais que permitem o acesso a informações, apoio e recursos. Assim, uma comunidade com alto capital social tende a se unir para resolver problemas locais e promover o bem-estar comum.

4. Espera-se que os estudantes identifiquem que a luta de Maria seria tanto por distribuição como por reconhecimento: no primeiro caso, por reivindicar um transporte público mais acessível e menos desigualdade econômica (expressa no fato de a patroa ter condições de fazer uma festa e a Maria caberem os restos); no segundo, por reivindicar a valorização do trabalho doméstico. Esta atividade pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie como os estudantes mobilizam os conceitos de luta por distribuição e luta por conhecimento ao interpretar o excerto literário.

5. Espera-se que os estudantes reconheçam que não, já que a política envolve interesses e compromissos com o bem-estar coletivo, enquanto o consumo é uma atividade individual voltada para a satisfação pessoal. Para Streeck, o exercício da cidadania exige aceitar decisões que podem não atender aos interesses pessoais, mas são resultado de um processo democrático legítimo.

Debate plural (p. 318)

O objetivo da seção é fazer com que os estudantes compreendam as manifestações populares como as das Jornadas de Junho como reflexo da insatisfação da população diante de uma ou mais situações que impõem limites ou dificuldades ao cotidiano. Espera-se que eles percebam que os protestos de ruas ou outros tipos de manifestação são meios pelos quais a população, em coletividade, pode reivindicar seus direitos como cidadãos. Leia os textos com os estudantes, sempre reforçando o valor do debate na democracia e determinando respeito e escuta a todas as opiniões que venham a ser emitidas durante a realização das atividades propostas.

Respostas

1. Os estudantes devem responder que as Jornadas de Junho de 2013 surgiram a partir dos protestos contra o aumento do valor da tarifa de ônibus em São Paulo e, em seguida, se estendeu para outras cidades do Brasil, acolhendo outras insatisfações e demandas. A população foi às ruas – ao menos a princípio – pois estava insatisfeita com a mobilidade urbana da cidade.

2. Como exemplos de manifestações populares e protestos os estudantes podem citar, entre outros, as manifestações, em 2013, que começaram por causa do aumento de R$ 0,20 nas tarifas de ônibus na cidade de São Paulo, e que resultaram em manifestações por todo o Brasil. A população passou a demonstrar insatisfação com saúde, educação e, em 2014, em relação aos gastos com a Copa do Mundo, realizada no país naquele ano. Os estudantes também podem mencionar as ocupações das escolas pelos estudantes secundaristas em 2015 e a greve dos caminhoneiros em 2018.

Unidade 6 – Ciência Política no espaço e no tempo (p. 320)

A abertura da unidade pretende despertar o interesse dos estudantes sobre as possibilidades de aplicação dos conceitos analisados nos capítulos anteriores, no cenário contemporâneo da política no Brasil. É importante reforçar o caráter científico da Ciência Política, incentivando os estudantes a valorizar a produção de conhecimento da área e distinguirem-na das noções e das discussões características do senso comum.

Respostas

1. Resposta pessoal. Espera-se que o estudante articule suas ideias de maneira coerente. Entretanto, é importante que ele mencione pelo menos um tema relacionado às discussões anteriores, por exemplo: o papel da sociedade civil na influência das políticas públicas e da democracia, buscando entender como os movimentos sociais brasileiros, como os relacionados aos direitos dos trabalhadores, aos movimentos indígenas ou ao movimento negro, influenciam a formulação de políticas públicas e a proteção dos direitos humanos.

2. Resposta pessoal. Espera-se que o estudante, já no início, articule palavras direcionadas à discussão, para que seja mais fácil refletir sobre elas com as novas ideias que lhe serão apresentadas nos dois próximos capítulos.

Capítulo 14 – A política no Brasil (p. 322)

Objetivos do capítulo

- Examinar as consequências da colonização na construção da cidadania brasileira.
- Avaliar os reveses e as conquistas democráticas ao longo da trajetória política do país.
- Conhecer os primeiros partidos políticos brasileiros modernos e o quadro partidário atual.
- Analisar o problema da corrupção no país.

Justificativas do capítulo

O capítulo busca promover a compreensão crítica e contextualizada dos estudantes sobre a cidadania e a democracia no Brasil. Ao apresentar os principais eventos da história política do país, bem como os progressos e retrocessos das dinâmicas de poder e representação, o capítulo contribui para a análise dos obstáculos à plena realização da cidadania no Brasil atualmente.

As ideias de José Murilo de Carvalho apresentam as conquistas e fragilidades da cidadania no país em perspectiva histórica. Sua análise consiste em demonstrar como eventos passados influenciam a atual situação democrática no Brasil.

Considerando o período de ditadura civil-militar, Maria D'Alva Kinzo aborda uma cronologia de transição para a democracia. Seus argumentos fornecem uma visão detalhada das etapas e desafios enfrentados durante esse processo.

Ao longo do texto, são discutidas características da construção do Estado brasileiro e da política contemporânea, como a formação de partidos políticos. Argelina Figueiredo e Sérgio Abranches explicam as especificidades do nosso regime presidencialista, oferecendo uma compreensão aprofundada sobre como o sistema político funciona.

Outro ponto importante discutido é a corrupção e seus impactos sociais e políticos. Leonardo Avritzer, através de seus estudos, oferece uma perspectiva detalhada sobre como a corrupção afeta a sociedade e a política no Brasil.

Competências gerais: 1 e 2

Competências específicas: 1, 5 e 6

Habilidades: EM13CHS106, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS602 e EM13CHS603

Temas contemporâneos transversais: Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social

A busca pela cidadania no Brasil (p. 323)

Leia o texto com os estudantes e destaque os marcos cronológicos de luta pela cidadania, expressos inclusive nas imagens da página. Caso julgue oportuno, retome com os estudantes o debate realizado na seção *Trabalhando com panfleto* do capítulo anterior, sobre a influência do movimento sufragista e a luta pelo voto feminino no Brasil.

No detalhe (p. 323)

Espera-se que os estudantes percebam que o processo de abolição da escravidão no Brasil, embora tenha representado o primeiro movimento social de grande proporção, foi tardio, já que o movimento abolicionista em escala mundial, como evidenciado na gravura, data de mais de um século antes.

Retome (p. 324)

Esses fatores históricos geraram consequências, como a perpetuação de uma cultura de favorecimento pessoal, nepotismo e desconfiança da população em relação às instituições governamentais. Proponha a seguinte reflexão aos estudantes: Como você observa esses impactos na sociedade atual, especialmente no que diz respeito à distribuição de empregos públicos e à relação da população com o Estado? Quais mudanças seriam necessárias para superar esses desafios?

Trabalhando com fotografia (p. 327)

Leia o texto com os estudantes e pergunte a eles se identificam a qual período da história brasileira a foto pertence. Indague-os também se eles consideram que o movimento representado na foto tem alguma relação com o presente formato eleitoral no Brasil.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes comentem o contexto político da época, no qual, apesar de haver pressão popular pela redemocratização, os militares que comandavam o país exerciam influência sobre o Congresso Nacional, com um número expressivo de deputados que apoiavam a ditadura civil-militar. É importante perceber também que a derrota se deu em grande parte pela ausência de 113 deputados.

2. O objetivo da atividade é dar ênfase ao sistema representativo da política brasileira, que permite que a população reivindique seus direitos por meio de mobilização popular, como ocorreu durante os comícios das Diretas Já. Destaque a importância da pressão da população para a elaboração e a aplicação de políticas públicas sensíveis que beneficiem a sociedade, bem como para reforçar aos ocupantes de cargos legislativos e executivos que eles são representantes do povo.

Formação de partidos políticos desde 1945 (p. 332)

Analise o infográfico com os estudantes. Se possível, realize uma leitura coletiva, em que cada um poderá se voluntariar a ler sobre determinado período histórico.

Respostas

1. Ao analisar o primeiro período, espera-se que os estudantes reconheçam que, com três partidos constituídos, de ideologias distintas (direita, centro e esquerda), o Brasil vivia em uma democracia, mesmo que ela ainda fosse frágil e tenha durado apenas 19 anos. Já no segundo período, marcado pela ditadura civil-militar, observa-se a movimentação

dos parlamentares contrários e favoráveis ao governo. O fato de haver apenas dois partidos, criados por conveniência dos militares, demonstra que não houve espaço para partidos de esquerda durante os 21 anos dos militares no poder. Finalmente, no terceiro período, com o restabelecimento da democracia, voltou a vigorar o pluripartidarismo, com equilíbrio de forças ideológicas de direita, centro e esquerda.

2. Nos dois períodos democráticos informados pelo infográfico, a importância dos partidos políticos é expressa pela ordenação de cada um deles em ideologias distintas, plurais e típicas das democracias, nas quais as ideias políticas contrárias são debatidas com o objetivo de produzir um consenso sobre os rumos do país. As informações do infográfico mostram que tal debate de ideias não existia no período da ditadura civil-militar.

3. No sistema político brasileiro de presidencialismo de coalização, raramente o partido que elege o presidente da República tem maioria no Congresso Nacional (Câmara dos Deputados e Senado Federal). Portanto, é preciso fazer alianças, buscando apoio para realizar os projetos de interesse do governo; esse apoio, no entanto, enfrenta obstáculos por parte de membros do Congresso Nacional, que também têm interesses políticos nem sempre em sintonia com o governo. Para tentar destravar esse impasse há negociações políticas, às vezes complicadas, que permitem que as pautas sejam apresentadas, debatidas e aprovadas por maioria do Congresso.

O problema da corrupção (p. 336)

Incentive os estudantes a discutir suas visões sobre o problema da corrupção no Brasil. É provável que tenham aceitado posições de senso comum sobre como a política brasileira seria irremediavelmente corrupta. Sem jamais negar que a corrupção é um dos problemas brasileiros, busque incentivá-los a ir além, mostrando como a corrupção tem causas históricas, como a democracia tem ajudado a revelar e combater a corrupção, e como ainda há muito a ser feito sobre isso.

Atividade complementar

Apresente aos estudantes os resultados do relatório sobre liberdade de imprensa no país elaborado pela organização não governamental Repórteres Sem Fronteiras (RSF). Nos últimos anos, a posição do Brasil tem subido vertiginosamente no *ranking* internacional. Uma análise dos resultados está disponível em: https://tedit.net/ja0xa3 (acesso em: 8 out. 2024). Em seguida, promova um debate com os estudantes incentivando-os a analisar as possíveis relações entre o Índice de Percepção de Corrupção (IPC) e os dados obtidos pela RSF. Espera-se que a turma identifique que o conhecimento da corrupção por parte da população é facilitado com um regime democrático fortalecido, no qual não haja controle da imprensa. Assim, quanto maior for a liberdade de imprensa em um país, maior será a chance de a população tomar conhecimento de possíveis desvios de dinheiro público.

Incentive os estudantes a expor livremente suas opiniões, valorizando o respeito e incentivando a participação cidadã no controle social e na fiscalização dos governantes a fim de valorizar a transparência nas instituições e as atitudes responsáveis em todos os âmbitos sociais.

Retome (p. 339)

Incentive o debate de ideias entre os estudantes, mediando as trocas, valorizando o respeito, a fim de que reflitam sobre o modo como a maneira com a qual as pessoas lidam com regras e normas no cotidiano pode influenciar a percepção sobre a corrupção. Se, no dia a dia, pequenas transgressões são aceitas ou normalizadas (como furar fila, por exemplo), isso pode gerar maior tolerância em relação a atos corruptos em escalas maiores, incluindo o comportamento de políticos.

Em relação ao trabalho coletivo, incentive os estudantes a expor livremente suas opiniões, valorizando o respeito e incentivando a participação cidadã no controle social e na fiscalização dos governantes a fim de valorizar a transparência nas instituições e as atitudes responsáveis em todos os âmbitos sociais.

Galeria de atividades (p. 340)

1. O abolicionismo.

2. Na primeira fase, entre 1974 e 1982, a transição estava sob controle integral dos militares. Houve anistia para os presos políticos e o surgimento de novos partidos. Na segunda fase, entre 1982 e 1985, apesar de os militares ainda estarem no poder, a oposição, vitoriosa nas eleições para governador de 1982, passou a também influenciar o processo. Na terceira fase, entre 1985 e 1990, os militares deixaram o poder e um civil, José Sarney, governou até a primeira eleição direta para presidente em 1989. A partir de 1988, uma nova Constituição passou a vigorar.

3. A escravidão, que privou grande parte dos brasileiros dos mais elementares direitos civis, e o Estado patrimonialista, que favoreceu relações promíscuas entre o público e o privado.

4. Porque quando a população passou a ter a possibilidade de reivindicar seus direitos o governo não tinha dinheiro para atendê-los.

5. O desenvolvimento econômico brasileiro teve forte presença do Estado, mas pouca democracia. Como resultado, o Estado acumulou cada vez mais recursos sem que houvesse imprensa livre, sociedade civil ou Judiciário independente que pudessem acompanhar ou controlar como esse dinheiro era gasto.

6. **a)** Além de envolver uma grande quantidade de recursos, a obra foi realizada sob um regime autoritário, quando não havia possibilidade de investigação por um Poder Judiciário independente ou por uma imprensa livre.

b) Porque durante a ditadura a imprensa brasileira estava sob censura. A resposta à atividade 6 pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie como os estudantes identificam as características do contexto histórico que o texto retrata.

7. Na democracia, a imprensa é livre para investigar casos de corrupção. Os partidos políticos fiscalizam uns aos outros, uma vez que eles têm seus próprios interesses. A liberdade de investigação e divulgação de informações sobre corrupção é uma vitória para a sociedade que vive em uma democracia, pois traz transparência sobre se os direitos civis estão sendo respeitados. Por outro lado, nas ditaduras, se o ditador se envolver em corrupção, não há garantias que ele será denunciado e investigado. A imprensa e os tribunais não têm autonomia para denunciá-lo.

Capítulo 15 - Temas contemporâneos da Ciência Política (p. 342)

Objetivos do capítulo

- Compreender a concepção de poder de Foucault.
- Analisar o enfraquecimento e as crises das democracias nas últimas décadas.
- Relacionar o desenvolvimento econômico dos países aos valores prezados pelos indivíduos.
- Compreender os critérios de justiça propostos por Rawls.
- Conhecer o pensamento de Nozick sobre a atuação do Estado.
- Refletir sobre o diálogo entre a Ciência Política e a Economia, com destaque para o estudo das instituições.

Justificativas do capítulo

Ao abordar temas contemporâneos da Ciência Política, o capítulo convida os estudantes a analisar as dinâmicas de poder, os valores e os desafios relacionados aos sistemas políticos. Com isso, espera-se que eles reflitam sobre a atuação do Estado e as desigualdades, contribuindo com o desenvolvimento de habilidades necessárias para a manutenção e o aprofundamento da democracia.

Ao longo dos tópicos, são apresentados os conceitos de poder sob a perspectiva de Michel Foucault, que analisa como o poder se manifesta nas relações sociais e nas instituições. O capítulo também contempla os argumentos de Larry Diamond, Steven Levitsky, Daniel Ziblatt e David Runciman sobre a recessão democrática, discutindo como as democracias contemporâneas enfrentam desafios e retrocessos.

Além disso, são explorados os valores pós-materialistas sob o olhar de Ronald Inglehart, que investiga a mudança de prioridades nas sociedades avançadas, onde as preocupações com a segurança econômica dão lugar a questões de autoexpressão e qualidade de vida.

Outro ponto importante do capítulo é dedicado aos novos rumos da filosofia política, a partir das teorias de John Rawls, com seu enfoque na justiça como equidade, e Robert Nozick, com sua defesa do libertarianismo.

Também são apresentadas as ligações entre Ciência Política e Economia, destacando as contribuições de Elinor Ostrom, Douglass North, Daron Acemoglu e James Robinson para a compreensão das instituições econômicas e políticas.

Competências gerais: 1, 2, 7 e 9

Competências específicas: 1, 5 e 6

Habilidades: EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS503, EM13CHS504 e EM13CHS602

Tema contemporâneo transversal: Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social

Uma nova visão do poder (p. 342)

É importante que os estudantes compreendam que a mudança política inerente a essa passagem de tempo transformou a morte de Tiradentes de castigo exemplar, no fim do século XVIII, para um martírio quase cristão no século XIX. É interessante também avaliar essa transformação à luz da perspectiva de Foucault sobre como a ideia de castigo foi transformada a partir dos poderes vigentes.

No detalhe (p. 342)

1. A Coroa tinha como objetivo a intimidação pelo exemplo, o desencorajamento de novas rebeliões e a demonstração de poder e controle sobre todos.

2. Em 1792, Tiradentes foi executado pela Coroa portuguesa por ser considerado traidor, e sua punição serviu de exemplo para desincentivar qualquer insurgência contra o regime. No entanto, com a Proclamação da República em 1889, sua imagem foi ressignificada: de traidor, ele passou a ser um ícone da identidade nacional e mártir republicano. Essa mudança de perspectiva reflete a transformação profunda nas narrativas políticas para legitimar o regime republicano e criar um herói nacional.

Retome (p. 343)

1. Pensando nos termos de Foucault, padrões de vestuário e comportamento sexual são formas sutis de poder que moldam o comportamento dos adolescentes. Esses padrões são estabelecidos por normas sociais e culturais e influenciam as escolhas dos jovens de maneira menos visível, mas igualmente controladora, do que a autoridade direta dos pais.

2. Para Foucault, essas formas de poder regulam e moldam o comportamento dos adolescentes, determinando o que é aceitável ou desviante. Os discursos de controle produzem a internalização das regras e expectativas sociais.

Sugestão

- *Atualidade e usos de Foucault no Brasil* – 40 anos depois. Núcleo de Estudos da Violência, 8 maio 2024. Disponível em: https://tedit.net/w3bm8i. Acesso em: 8 out. 2024.

O vídeo mostra a transmissão do debate promovido pelo Núcleo de Estudos da Violência, ligado à Universidade de São Paulo (USP), sobre a aplicação dos conceitos de Foucault na contemporaneidade. Assistir a esse recurso pode auxiliar os estudantes a suplementar suas respostas ao boxe *Retome*.

Mundo digital (p. 347)

Leia o texto com os estudantes e questione-os se eles já receberam ou transmitiram uma notícia falsa, mesmo sem ter conhecimento da inveracidade do conteúdo. Questione-os também se e como eles costumam checar informações veiculadas na mídia ou em redes sociais.

Respostas

3. Oriente os estudantes a, ao entrevistar as pessoas, investigarem não só o impacto imediato da informação em suas escolhas eleitorais, mas também o contexto em que essas mensagens foram recebidas e a origem delas. Eles podem perguntar se as pessoas já seguiam ou confiavam naquela fonte previamente e o que os motivou ou impediu a buscar pela verificação da veracidade da informação, analisando fatores como pressa, confiança e até desconhecimento de mecanismos de checagem de fatos.

Dois portais que podem ser consultados pelos estudantes para checar informações são *Lupa* (disponível em: https://tedit.net/ojkuo2/) e *Aos Fatos* (disponível em: https://tedit.net/3cgfr5/; acesso em: 3 out. 2024).

Os valores pós-materialistas (p. 348)

Leia o texto com os estudantes pausadamente, explicando os conceitos apresentados e analisando as imagens que trazem exemplos desses conceitos manifestos em sociedade.

No detalhe (p. 349)

Sim, a preocupação com uma moda sustentável pode ser considerada um valor pós-materialista. O conceito de pós-materialismo argumenta que, conforme as sociedades alcançam níveis mais altos de desenvolvimento econômico e segurança material, as prioridades dos indivíduos mudam. Em vez de focarem em necessidades básicas e materiais, como segurança econômica e física, as pessoas começam a valorizar questões relacionadas à qualidade de vida, autorrealização e bem-estar coletivo. A sustentabilidade na moda se encaixa perfeitamente nesse paradigma pós-materialista por várias razões. Primeiramente, a sustentabilidade na moda envolve a adoção de práticas que minimizam o impacto ambiental, como o uso de materiais recicláveis, processos de produção menos poluentes e a redução de resíduos. Esses aspectos refletem uma preocupação com o meio ambiente, que é uma característica típica dos valores pós-materialistas. Além disso, a moda sustentável promove um consumo mais consciente, incentivando as pessoas a comprar menos, mas com mais qualidade e durabilidade. Esse comportamento contrasta com o consumismo desenfreado, que é mais associado a valores materialistas.

Trabalhando com notícia (p. 357)

Leia o texto com os estudantes e questione-os se já presenciaram situações de xenofobia. Comente que esse tipo de intolerância configura crime e diga que ele ainda é muito presente em nossa sociedade. Acolha os estudantes que se sentirem afetados pelo tema, tratando o assunto com delicadeza.

Respostas

1. O incentivo de ódio racial ou religioso por meio de notícias falsas cria nos cidadãos a sensação de que seu bem-estar material está ameaçado por "invasores estrangeiros" ou outra fantasia racista.

2. Esses grupos buscam defender uma noção particular de identidade nacional fundamentada em elementos étnicos e culturais. Com isso, eles pretendem fortalecer o sentimento de medo e insegurança na sociedade, polarizar o debate público e divulgar a ideia de que migrantes são uma ameaça ao modo de vida, à estabilidade econômica e à segurança nacionais. Tal discurso contribui para a promoção de políticas anti-imigração e o reforço à retórica da superioridade nacional e cultural.

3. Espera-se que os estudantes indiquem em seus textos que um governo já estabilizado economicamente poderia investir em campanhas que promovessem o respeito às diferenças e chamassem a atenção para os benefícios sociais e econômicos da imigração; reforçar leis e políticas que combatessem discursos de ódio, monitorando e punindo rigorosamente a disseminação de desinformação e o incitamento à violência nas redes sociais; incentivar a integração dos migrantes por meio de programas que ofereçam acesso ao trabalho, à educação e aos direitos básicos.

Galeria de atividades (p. 359)

1. Segundo Foucault, nas sociedades tradicionais as punições envolviam métodos violentos, como torturas e execuções, para demonstrar o poder soberano e intimidar a população. Já nas sociedades modernas a punição se desloca para o regime disciplinar, em que o foco é o controle e a normalização dos corpos. Assim, o poder e o controle são exercidos de modo mais sutil, por meio da vigilância e da disciplina, sem necessidade de violência explícita.

2. A crise da democracia atual se dá pela crescente desconfiança nas instituições democráticas e seus representantes, associada ao aumento do populismo, do extremismo político e da desinformação. Essa crise também envolve a sensação de que a democracia está se tornando menos eficaz em atender às demandas sociais e em garantir igualdade, o que fragiliza a legitimidade do sistema. Além disso, o poder crescente de grandes corporações e a influência das redes sociais contribuem para a polarização e a fragmentação do debate público.

3. Para Inglehart, à medida que as necessidades básicas (como segurança econômica e física) são satisfeitas, as pessoas tendem a se preocupar com questões relacionadas à liberdade, à qualidade de vida e à defesa do meio ambiente.

4. A desigualdade social, para Rawls, só seria justa se também beneficiasse os menos favorecidos da sociedade (princípio da diferença) e se o acesso a posições vantajosas fosse aberto a todos independente de raça, gênero, etc.

5. Instituições políticas mais inclusivas favorecem o desenvolvimento porque promovem a participação ampla e equilibrada de diversos grupos sociais no processo de tomada de decisões, o que resulta em políticas públicas mais representativas e justas. Elas também tendem a garantir mais estabilidade e transparência, fundamentais para atrair investimentos e fomentar a inovação. Por fim, instituições inclusivas reduzem a concentração de poder, evitando monopólios e corrupção, o que fortalece a confiança nas instituições e gera um ambiente propício ao crescimento econômico e ao desenvolvimento social. A resposta à atividade 5 pode ser utilizada para avaliar a apreensão dos conteúdos do capítulo. Avalie como os estudantes relacionam a existência de instituições políticas ao desenvolvimento econômico.

6. Espera-se que os estudantes argumentem que o aumento da desigualdade pode enfraquecer o tecido social ao criar divisões mais evidentes entre ricos e pobres. Isso tende a aumentar a desconfiança e a percepção de que as pessoas de diferentes classes sociais não fazem parte da mesma comunidade, o que pode diminuir a coesão e a solidariedade social.

7. Considerando a tese de Inglehart, uma vez que grande parte da população do Brasil está focada em garantir suas necessidades materiais de sobrevivência, como acesso à educação, à saúde e à segurança econômica, o espaço para a valorização de questões mais abstratas, como direitos humanos e sustentabilidade, torna-se secundário.

8. O desenvolvimento econômico é limitado pelas possibilidades de extração de recursos naturais do planeta e pela degradação do meio ambiente.

9. A charge e o texto abordam a disposição da população em participar do regime democrático, uma vez que a oferta de participação esteja minimamente organizada.

Agir no mundo (p. 362)

O documento pode ser elaborado em formato de *post* escrito em mídia social, *podcast*, vídeo, cartaz ou mapa conceitual. Auxilie os estudantes nos cálculos e na organização das tarefas dos grupos, garantindo que todos os integrantes participem igualmente da pesquisa e da elaboração do documento.

O objetivo da seção é promover uma reflexão sobre o que é um sistema eleitoral representativo, ou seja, um sistema no qual se elege, por meio do voto direto, quem vai representá-lo no debate político público, onde são discutidos os interesses de todos os cidadãos e dos rumos políticos do país.

Durante as Etapas 1, 2 e 3, oriente os estudantes a acessar os *sites* oficiais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que explica o processo eleitoral no Brasil e do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), que apresenta seu funcionamento e competências. Lá eles encontrarão todas a diretrizes sobre o funcionamento desses órgãos e como é organizado o sistema eleitoral brasileiro. Não é necessário que se detalhem todas as regras de uma eleição com linguagem jurídica. O exercício proposto é mais simples e simula o sistema de votação proporcional para deputado federal, de modo que os estudantes tenham uma noção do caminho dos votos apurados.

Interdisciplinaridade

EM13MAT406

Construir e interpretar tabelas e gráficos de frequências com base em dados obtidos em pesquisas por amostras estatísticas, incluindo ou não o uso de *softwares* que inter-relacionem estatística, geometria e álgebra.

A interdisciplinaridade com Matemática se dá pela correta interpretação dos dados estatísticos a respeito do processo eleitoral brasileiro por meio dos dados da pesquisa. Espera-se que os estudantes se utilizem de seus conhecimentos matemáticos para a correta interpretação dos dados levantados.

Referências bibliográficas comentadas

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal:* enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 2003.

A obra explora a adolescência sob uma perspectiva psicanalítica, abordando as transformações emocionais e psicológicas típicas dessa fase.

ALVAREZ, M. Kitoko Maxakali: a criança indígena e os processos de formação, aprendizagem e escolarização. Revista *AntHropológicas*, Recife, n. 15, v. 1, p. 49-78, 2004.

Este artigo explora os processos de formação, aprendizagem e escolarização das crianças indígenas Maxakali. A autora discute as práticas educativas tradicionais e como elas se integram ou contrastam com o sistema escolar formal, oferecendo uma visão crítica sobre a educação indígena no Brasil.

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. *In*: ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (org.). *Processos de ensinagem na universidade*: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004, cap. 3, p. 67-100.

Anastasiou e Alves propõem uma série de estratégias de ensino para o Ensino Superior, que visam envolver os estudantes no processo de aprendizagem.

ARENDT, H. *A vida do espírito*. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

Hannah Arendt investiga a vida do espírito humano, dividindo sua análise em três partes: pensar, querer e julgar. A obra é uma profunda reflexão filosófica sobre a natureza do pensamento e da ação humana, destacando a importância do julgamento moral e da liberdade individual.

BRAGANÇA, S. D. *Sociologia no Ensino Médio*: mais de cem anos de luta. Disponível em: https://tedit.net/h0yl91. Acesso em: 21 out. 2024.

Este trabalho aborda a trajetória histórica da Sociologia no Ensino Médio no Brasil, destacando os desafios e avanços ao longo de mais de um século. O autor analisa as políticas educacionais, os currículos e as práticas pedagógicas que moldaram o ensino da disciplina.

BRASIL. Lei n. 9 394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: https://tedit.net/2nq4wh. Acesso em: 29 ago. 2024.

Legislação fundamental (LDB) que traz a organização do sistema educacional do país, abrangendo desde a educação infantil até a educação superior.

BRASIL. Lei n. 13146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 2, 7 jul. 2015 Disponível em: https://tedit.net/3tbi69. Acesso em: 15 out. 2024.

Legislação brasileira a respeito das pessoas com deficiência. Esta legislação visa garantir os direitos das pessoas com deficiência, promovendo sua inclusão social e cidadania, em conformidade com a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

BRASIL. Lei n. 14 945, de 31 de julho de 2024. Altera a Lei n. 9 394, a fim de definir diretrizes para o Ensino Médio. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 147, p. 5, 1º ago. 2024. Disponível em: https://tedit.net/2vxubs. Acesso em: 23 out. 2024

Esta lei define as diretrizes para o Ensino Médio e estabelece a Política Nacional de Ensino Médio.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://tedit.net/yz4ae4. Acesso em: 15 out. 2024.

Documento elaborado pelo Ministério da Educação que cria uma Base Nacional Comum Curricular e indica competências esperadas para cada nível de desenvolvimento dos estudantes.

BRASIL. Ministério da Educação. *Matriz de referência Enem*. Disponível em: https://tedit.net/hpzfbx. Acesso em: 15 out. 2024.

Referência para as avaliações do Exame Nacional do Ensino Médio, que indica as habilidades e competências esperadas na formação do estudante.

BRASIL. Ministério da Educação. *Novo Ensino Médio*: perguntas e respostas. Disponível em: https://tedit.net/7lq3yn. Acesso em: 15 out. 2024.

Documento que fornece informações essenciais sobre as mudanças implementadas no Ensino Médio, visando esclarecer dúvidas comuns sobre a nova estrutura curricular e suas diretrizes.

BRASIL. Ministério da Educação. *O que muda no ensino médio a partir de 2025*. Disponível em: https://tedit.net/rnfxsh. Acesso em: 26 set. 2024.

Documento elaborado pelo Ministério da Educação que apresenta as mudanças no Ensino Médio, previstas para o ano de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em: https://tedit.net/3j6ehr. Acesso: 28 set. 2024.

A Política Nacional de Educação Especial enfatiza a inclusão de estudantes com necessidades especiais no sistema educacional regular. A política visa garantir o acesso, a participação e a aprendizagem de todos os estudantes, promovendo uma educação inclusiva e de qualidade.

BRITO, S. H. A. de. Produção de manuais didáticos e o ensino de Sociologia na escola média em dois momentos históricos (1935-1989). Revista *HISTEDBR* On-line, Campinas, número especial, p. 58-75, maio 2010.

Silvia Brito examina a produção de manuais didáticos de Sociologia e seu impacto no Ensino Médio em dois períodos distintos. A autora analisa como os materiais didáticos refletem e influenciam as práticas pedagógicas e as concepções de Sociologia.

BRUNNER, J. S. *Uma nova teoria da aprendizagem*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

A obra explora conceitos inovadores sobre a aprendizagem, enfatizando a importância da descoberta e da construção do conhecimento pelo estudante.

CAMUS, A. *O Homem Revoltado*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

Camus explora a ideia de revolta e a condição humana, analisando a natureza da rebelião e sua relação com a justiça e a moralidade.

CANDIDO, A. Sociologia: ensino e estudo. *Sociologia, Revista Didática e Científica*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 275-289, 1949.

Antonio Candido discute a importância do ensino e estudo da Sociologia, destacando sua relevância para a compreensão crítica da sociedade. O autor argumenta que a disciplina deve ser acessível a todos, promovendo uma educação que forme cidadãos conscientes e engajados.

CARVALHO, L. M. G. de. *Sociologia e Ensino em debate*: experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio. Ijuí: Ed. Ijuí, 2004.

Lejeune Carvalho reúne experiências e discussões sobre o ensino de Sociologia no Ensino Médio, abordando desafios e propostas pedagógicas. A obra oferece uma visão abrangente das práticas educativas e das políticas que influenciam a disciplina.

CASÃO, C. D. C.; QUINTEIRO, C. T. Pensando a Sociologia no Ensino Médio através dos PCNEM e das OCNEM. *Mediações*, Londrina, v. 12, n. 1. p. 225-238, jan./jun. 2007. Disponível em: https://tedit.net/c4dssb. Acesso em: 21 out. 2024.

As autoras analisam como os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) e as Orientações Curriculares Nacionais (OCNEM) influenciam o ensino de Sociologia. A obra discute a implementação dessas diretrizes e suas implicações pedagógicas.

CICOGNA, J. I. R. *et al*. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, n. 68, v. 1, p. 1-7, 2019. Disponível em: https://tedit.net/sc85ak. Acesso em: 8 abr. 2024.

O estudo analisa a preocupante tendência de aumento na mortalidade por suicídio entre adolescentes no Brasil nas últimas décadas.

COHN, C. *A criança indígena*: a concepção Xikrin de infância e aprendizado. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/USP, São Paulo, 2000.

Clarice Cohn explora a concepção Xikrin de infância e aprendizado, destacando as práticas educativas tradicionais dessa comunidade indígena. A dissertação oferece uma análise detalhada das interações sociais e dos processos de formação das crianças Xikrin.

CONDÉ, A. A. S. *Juventude e educação:* os sentidos do ensino médio na periferia do Distrito Federal. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: https://tedit.net/33ontq. Acesso em: 16 out. 2024.

Este estudo apresenta informações que contribuem para uma compreensão mais aprofundada das realidades e perspectivas dos jovens de periferia em relação ao Ensino Médio, evidenciando a necessidade de políticas educacionais que considerem as especificidades desses contextos e promovam uma educação de qualidade.

COSTA JÚNIOR, J. F. *et al*. Um olhar pedagógico sobre a Aprendizagem Significativa de David Ausubel. *Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, Rio Largo, v. 5, p. 51-68, 2023. Disponível em: https://tedit.net/arvrai. Acesso em: 15 out. 2024.

O artigo oferece uma análise pedagógica da Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel. O estudo destaca como essa teoria pode ser aplicada para melhorar a compreensão e retenção de conhecimento pelos estudantes.

DE SINGLY, F. *L'individualisme est un humanisme*. Paris: Editions de l'Aube, 2011.

François de Singly defende que o individualismo, muitas vezes mal compreendido, não se resume à competição desenfreada e ao egoísmo. Para ele, o individualismo ocidental representa o direito de cada pessoa de amar, de participar da vida política e de tomar decisões sobre a própria vida.

DUBET, F. Quando um sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5, set./out./nov./dez. 1997. Disponível em: https://tedit.net/iswtz8. Acesso em: 9 ago. 2022.

Nesta entrevista, François Dubet discute sua pesquisa sobre a profissão docente, abordando os desafios e as motivações dos professores. A conversa oferece *insights* valiosos sobre a prática educativa e a relação entre teoria sociológica e ensino.

FAZENDA, I. C. A. *et al*. Avaliação e interdisciplinaridade. *Revista interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 0, p. 23-37, out. 2010. Disponível em: https://tedit.net/scfcnd. Acesso em: 15 out. 2024.

O artigo discute a importância da avaliação e da interdisciplinaridade no contexto educacional. Os autores argumentam que a integração de diferentes disciplinas e uma abordagem avaliativa holística são essenciais para uma educação mais completa e significativa.

FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade*: História, teoria e pesquisa. São Paulo: Papirus, 1994.

Fazenda apresenta uma análise histórica rigorosa da realidade e da evolução do discurso e do percurso interdisciplinar.

FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade*: qual o sentido?. São Paulo: Paulus, 2003.

A autora investiga o conceito de interdisciplinaridade, defendendo sua importância para uma educação mais integrada e contextualizada, promovendo uma visão holística do conhecimento.

FAZENDA, I. C. A. (org.). *Dicionário em Construção*: Interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2002.

Este dicionário é uma referência importante para compreender os termos e conceitos relacionados à interdisciplinaridade, oferecendo definições claras e exemplos práticos.

FERNANDES, D. *Avaliar para aprender*: fundamentos, práticas e políticas. São Paulo: UNESP, 2009.

No livro o autor critica o sistema atual de avaliação e propõe uma nova abordagem, centrada no aprendizado do estudante.

FERNANDES, F. *A Sociologia no Brasil*: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1976.

Florestan Fernandes traça a trajetória da Sociologia no Brasil, analisando sua formação e desenvolvimento. A obra é uma referência fundamental para entender o contexto histórico e as influências que moldaram a disciplina no país.

FREITAS, M. C. de. *Deficiências e diversidades*: educação inclusiva e o chão da escola. São Paulo: Cortez, 2022.

O livro aborda temas cruciais em torno da educação inclusiva e da integração de diversas necessidades dos estudantes no ambiente escolar.

FREITAS, M. C. de. Educação inclusiva: diferenças entre acesso, acessibilidade e inclusão. *Cadernos de pesquisa,* São Paulo, v. 53, ed. 10084, p. 1-16, 2023. Disponível em: https://tedit.net/r0pkcv. Acesso em: 15 out. 2024.

O artigo aponta que é importante distinguir os conceitos de acesso, acessibilidade e inclusão, no contexto da educação inclusiva.

GOMES, N. L.; DAYRELL, J. T. Juventude, práticas culturais e identidade negra. *Palmares Em Ação*, Brasília, n. 2, 2002.

O artigo discute como as práticas culturais, especialmente aquelas ligadas às tradições afro-brasileiras, contribuem para a afirmação da identidade negra entre os jovens.

GUIMARÃES, M. C. A. *et al*. Trajetórias de Estudantes com Deficiência e as Políticas de Educação Inclusiva: da Educação Básica ao Ensino Superior. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 27, ed. 59, p. 935-952, 2001. Disponível em: https://tedit.net/4a5jvf. Acesso em: 15 out. 2024.

O artigo discute as trajetórias educacionais de estudantes com deficiência no Brasil, desde a Educação Básica até o Ensino Superior, e analisa as políticas públicas de educação inclusiva nesse contexto.

HANDFAS, A. A trajetória de institucionalização da Sociologia na Educação Básica no Rio de Janeiro. Disponível em: https://tedit.net/6ss62a. Acesso em: 21 out. 2024.

Anita Handfas investiga o processo de institucionalização da Sociologia na Educação Básica no Rio de Janeiro. A autora analisa as políticas educacionais, os currículos e as práticas pedagógicas que contribuíram para a consolidação da disciplina.

HANDFAS, A.; TEIXEIRA, R. da C. A prática de ensino como rito de passagem e o ensino de Sociologia nas escolas de nível médio. *Mediações*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 131-142, jan./jun. 2007.

As autoras discutem a prática de ensino de Sociologia como um rito de passagem para os professores, abordando os desafios e as estratégias pedagógicas. A obra oferece uma análise das experiências docentes e suas implicações para o Ensino Médio.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalho*: o conhecimento é um caleidoscópio. Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Penso, 2017.

Os autores neste livro propõem a organização do currículo por projetos de trabalho como uma alternativa à estrutura disciplinar tradicional.

HOFFMAN, J. *Avaliação*: mito & desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2003a.

A autora aborda os mitos que cercam as práticas de avaliação e apresenta os desafios enfrentados em ambientes educacionais, defendendo uma compreensão mais matizada da avaliação além das métricas tradicionais.

HOFFMAN, J. *Avaliação Mediadora*: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2003b.

Na obra a autora foca no desenvolvimento de práticas de avaliação mediadoras que abrangem desde a pré-escola até os níveis universitários.

IANNI, O. *Sociologia da Sociologia*. São Paulo: Ática, 1989.

Octávio Ianni explora a metassociologia, ou seja, a Sociologia da própria Sociologia. A obra discute as bases teóricas e metodológicas da disciplina, oferecendo uma reflexão crítica sobre seu desenvolvimento e suas práticas acadêmicas.

JORBA, J.; SANMARTÍ, N. A função pedagógica da avaliação. *In*: BALLESTER, M. *et al*. *Avaliação como apoio à aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Os autores discutem a importância da avaliação como um elemento essencial para apoiar e melhorar a aprendizagem dos estudantes.

KRASILCHIK, M. As relações pessoais na escola e a avaliação. *In*: CASTRO, A. D. de; CARVALHO, A. M. P. de (org.). *Ensinar a ensinar*: didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001. p. 165-176.

A autora aborda as dinâmicas das relações pessoais na escola e seu impacto na avaliação dos estudantes e discute como as interações entre eles e professores influenciam o processo educativo e os resultados acadêmicos.

LE BRETON, D. *Conduites à risques*. Paris: PUF, 2002.

A obra explora comportamentos de risco, particularmente sobre os fatores psicológicos e sociais que influenciam comportamentos de risco entre os jovens.

LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A. (org.). *Crianças indígenas, ensaios antropológicos*. São Paulo: Mari/Fapesp/Global, 2002.

Esta coletânea reúne ensaios antropológicos sobre as crianças indígenas, explorando suas práticas culturais, educativas e sociais. Os autores oferecem uma visão abrangente das diversas concepções de infância entre os povos indígenas no Brasil.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1999.

O livro discute a avaliação escolar como um processo contínuo e formativo, desafiando práticas tradicionais e propondo uma abordagem mais humanista e inclusiva na educação.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*: passado, presente e futuro. São Paulo: Cortez, 2002.

No livro o autor aborda diversos aspectos relacionados à avaliação da aprendizagem no contexto escolar.

MACHADO, C. de S. O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira: levantamento preliminar. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 115-142, 1987.

Celso Machado realiza um levantamento preliminar sobre o ensino de Sociologia na escola secundária brasileira, analisando currículos, práticas pedagógicas e desafios enfrentados pelos professores. A obra oferece uma visão crítica e detalhada do cenário educacional.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar*: o que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo, Moderna, 2003.

Essa obra é uma referência para educadores, gestores e formuladores de políticas públicas, pois fornece uma base teórica sólida e orientações práticas para a promoção da inclusão escolar.

MATUI, J. *Construtivismo*. São Paulo: Moderna, 1995.

No livro, o autor defende que o conhecimento não é simplesmente transmitido, mas construído ativamente pelos estudantes durante o processo de aprendizagem.

MEUCCI, S. Sobre a rotinização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais didáticos, seus autores, suas expectativas. *Mediações*, Londrina, v. 12, p. 31-66, 2008.

Simone Meucci investiga a rotinização da Sociologia no Brasil, focando nos primeiros manuais didáticos e seus autores. A obra analisa as expectativas e influências desses materiais na formação e consolidação da disciplina no país.

MORAES, A. C.; GUIMARÃES, E. F.; TOMAZI, N. D. *Orientações Curriculares Nacionais (OCN)*: conhecimentos de Sociologia. Brasília: MEC, 2006.

Os autores apresentam as Orientações Curriculares Nacionais para o ensino de Sociologia, oferecendo diretrizes e sugestões pedagógicas. A obra é um guia para professores, auxiliando na implementação de um currículo crítico e reflexivo.

MORAES, A. C. Licenciatura em Ciências Sociais e ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. *Tempo Social*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 5-20, abr. 2003.

Amaury César Moraes discute a formação de professores de Sociologia e os desafios enfrentados na licenciatura em Ciências Sociais. A obra oferece um balanço crítico e relatos de experiências docentes, destacando a importância da formação contínua.

MORAES, A. C. (org.). *Sociologia*: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEB, 2010. (Explorando o ensino; v. 15).

Os autores apresentam as Orientações Curriculares Nacionais para o ensino de Sociologia, oferecendo diretrizes e sugestões pedagógicas. A obra é um guia para professores, auxiliando na implementação de um currículo crítico e reflexivo.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, C. A. de; MORALES, O. E. T. (org.). *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania*: aproximações jovens. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. (Coleção Mídias Contemporâneas, III). Disponível em: https://tedit.net/rban1n/. Acesso em: 23 set. 2023.

O texto discute a importância de inovar o ensino através de abordagens que envolvem ativamente os estudantes no processo de aprendizagem.

MOTA, K. C. C. da S. Os lugares da Sociologia na formação de estudantes do Ensino Médio: as perspectivas dos professores. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 29, maio/jun./jul. 2000. Disponível em: https://tedit.net/99prxc. Acesso em: 21 out. 2024.

Kelly Mota investiga as perspectivas dos professores sobre o papel da Sociologia na formação dos estudantes do Ensino Médio. A obra discute os desafios e as oportunidades da disciplina, destacando sua relevância para a educação crítica.

OLIVEIRA, L. F. de; HANDFAS, A. (org.). *A Sociologia vai à escola*: história, ensino e docência. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2009.

Esta coletânea, organizada por Luiz Fernandes de Oliveira e Anita Handfas, reúne textos sobre a história, o ensino e a docência da Sociologia. A obra oferece uma visão abrangente das práticas educativas e das políticas que influenciam a disciplina.

PERRENOUD, P. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Este trabalho do autor está incluído em sua discussão mais ampla sobre avaliação em educação, particularmente no contexto de avaliações de aprendizagem.

RIBEIRO, M. L.; JUTRAS, F. Representações sociais de professores sobre afetividade. Revista *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 1, n. 23, p. 39-45, jan./mar. 2006. Disponível em: https://tedit.net/z109iy. Acesso em: 15 out. 2024.

Artigo que aborda as representações sociais de professores sobre a afetividade, destacando sua relevância para a prática docente e para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

SACRISTÁN, J. G. *La educación obligatoria*: su sentido educativo y social. Madrid: Morata, 1999.

Livro que traz uma discussão acerca da importância da educação obrigatória no contexto social e educativo, abordando diversos aspectos que justificam a relevância da educação formal e sua função na sociedade.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e Interdisciplinaridade*: o currículo integrado. Tradução: Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

Neste trabalho, Santomé explora a integração de várias disciplinas dentro dos currículos educacionais, enfatizando a importância de uma abordagem interdisciplinar no contexto da globalização.

SARANDY, F. Reflexões acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio. *Espaço Acadêmico*, Maringá, ano I, n. 5, out. 2001. Disponível em: https://tedit.net/7jq4ce. Acesso em: 21 out. 2024.

Flávio Sarandy reflete sobre o sentido e a importância da Sociologia no Ensino Médio, discutindo os desafios e as potencialidades da disciplina. A obra oferece uma análise crítica das práticas pedagógicas e das políticas educacionais.

SARTRE, J. P. *Existencialismo é um humanismo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Nesta obra da filosofia existencialista, o autor argumenta que a existência precede a essência, o que significa que os indivíduos não são definidos por nenhuma natureza predeterminada, mas sim por suas ações e escolhas.

SAVIANI, D. *A nova lei da educação*: trajetória, limites e perspectivas. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 1999. (Coleção Educação Contemporânea).

O livro apresenta uma análise crítica e detalhada da LDB, oferecendo parâmetros de auxílio aos educadores em relação à legislação.

SIEGEL, D. J. *Cérebro adolescente*: o grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. São Paulo: nVersos, 2016.

O livro explora o desenvolvimento do cérebro adolescente, destacando o potencial, a coragem e a criatividade inerentes a essa fase da vida. A obra oferece uma visão otimista e informativa sobre como os adolescentes podem ser guiados para alcançar seu pleno potencial, sendo uma leitura valiosa para pais e educadores.

SILVA, I. F. A Sociologia no Ensino Médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. *Cronos*, Natal, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007. Disponível em: https://tedit.net/c6oiw8. Acesso em: 21 out. 2024.

Ileizi Fiorelli Silva aborda os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da Sociologia no Ensino Médio. A obra discute as políticas educacionais, os currículos e as práticas pedagógicas que influenciam a disciplina.

SOUZA, J. J. de; MORAES, E. C. *Cartilha legal*: inclusão do aluno com necessidades específicas. Maceió: Instituto Federal de Alagoas, 2022. Disponível em: https://tedit.net/va4rpv. Acesso em: 28 set. 2024.

A inclusão é tratada de maneira objetiva nesta cartilha, com dicas de como organizar e adaptar o espaço e de como orientar a comunicação e a convivência entre todos na escola.

TASSINARI, A. Concepções indígenas de infância no Brasil. *Tellus*, Campo Grande, ano 7, n. 13, p. 11-25, out. 2007.

Antonella Tassinari explora as concepções indígenas de infância no Brasil, destacando as práticas culturais e educativas dos povos indígenas. A obra oferece uma análise detalhada das diversas formas de entender e vivenciar a infância entre esses grupos.

TONIDANDEL, S. M. Escrita argumentativa de alunos do ensino médio. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

A dissertação explora questões relativas à escrita argumentativa de estudantes do Ensino Médio, abordando pontos como problemas na argumentação e justificativas.

VELHO, G.; DUARTE, L. F. D. (org.). *Juventude contemporânea*: Culturas, Gostos e Carreiras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

Neste livro, os autores examinam as complexidades e diversidades das experiências da juventude na sociedade moderna.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

O livro explora a intrincada relação entre linguagem e pensamento, enfatizando como as interações sociais e os contextos culturais moldam o desenvolvimento cognitivo.

WAGNER, R. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Roy Wagner desafia as noções tradicionais de cultura, argumentando que ela é constantemente reinventada pelas pessoas. A obra é uma reflexão profunda sobre a natureza da cultura e a criatividade humana, oferecendo novas perspectivas para a Antropologia.

ISBN: 978-65-2670-281-9